

MARY STEWART

AS COLINAS VAZIAS

Tradução de ISABEL PAQUET DE ARARIPE

DISTRIBUIDORA RECORD

Título do original norte-americano: THE HOLLOW HILLS
Copyright (C) 1973 by Mary Stewart

Da mesma Autora, já publicados nesta Editora:

FOGUEIRAS À MEIA-NOITE
O VALE DAS TORMENTAS
TERROR EM CORFU
TERROR EM AVIGNON
SOB O OLHAR DE APOLO
A GRUTA DE CRISTAL
TERROR NO LIBANO

À memória de meu pai

ÍNDICE

Primeira Parte — A Espera Segunda Parte — A
Procura Terceira Parte — A Espada
Quarta Parte — O Rei A Lenda
Comentário da Autora





*Um menino nasceu,
Um rei do inverno.
Antes do negro mês
Ele nasceu,
E fugiu no mês sombrio
Para se abrigar
Com os pobres.*

*Ele virá,
Com a primavera,
No verde mês
E no mês dourado.
E brilhante Será a chama
Da sua estrela.*

M.S.

PRIMEIRA PARTE - A ESPERA

1

Uma cotovia cantava lá no alto. A luz brilhava de encontro às minhas pálpebras fechadas e, com ela, o canto, como um longínquo dançar de águas. Abri os olhos. Sobre mim o céu, com o seu cantor invisível perdido na luz e no azul de um dia de primavera. Por toda parte havia um cheiro doce de nozes, que me lembrava ouro, e luz de velas e jovens amantes. Algo que não cheirava tão bem mexeu-se ao meu lado e uma voz jovem e áspera falou:

— Senhor?

Virei a cabeça. Estava deitado na relva, num buraco entre as moitas de tojo. As moitas estavam em flor, eram chamuscas douradas e cheirosas ao sol da primavera. Ao meu lado, ajoelhava-se um menino. Teria uns doze anos, estava sujo, com o cabelo emaranhado, e vestia

uma roupa grosseira e marrom; sua capa, feita de peles mal costuradas, apresentava uma dúzia de rasgões. Tinha um bastão numa das mãos. Mesmo sem o cheiro que dele emanava, eu saberia a sua ocupação, pois à nossa volta as suas cabras pastavam entre as moitas de tojo, podando os brotinhos verdes.

Quando me movi, ele se ergueu depressa e se afastou um pouco, espiando, meio desconfiado e meio esperançoso, por entre a cabeleira imunda. Quer dizer que ainda não me roubara. Olhei o bastão pesado que segurava, imaginando, vagamente, por entre as névoas de dor, se conseguiria me defender, mesmo desse jovem. Mas, aparentemente, ele apenas esperava uma recompensa. Apontava para algo além das moitas.

— Peguei o cavalo para o senhor. Está amarrado ali. Pensei que estivesse morto.

Ergui-me sobre um cotovelo. À minha volta, o dia rodava e me atordoava. As flores de tojo fumegavam como incenso ao sol. A dor se espalhava, vagorosamente, e, com ela, na mesma onda, a lembrança.

— O senhor está muito machucado?

— Nada de importante, a não ser minha mão. Daqui a pouco estarei bem. Diz que pegou o meu cavalo. Você me viu cair?

— Vi. Eu estava logo ali. — Apontou de novo. Para além das moitas de flores amarelas, a terra se erguia, lisa e nua, até uma elevação cortada de rochas cinzentas cobertas de plantinhas. Por trás da elevação, o céu tinha aquele ar de distância vazia e sem limite que indica a presença do mar. — Vi o senhor vir cavalgando devagar pelo vale, vindo da praia. Dava para ver que estava doente ou, talvez, dormindo em cima do cavalo. Aí ele falseou o pé, decerto numa toca de coelho, e o senhor caiu. Não faz muito tempo. Acabei de chegar.

Parou de falar, de boca aberta. Vi o choque no seu rosto. Enquanto estivera falando, eu estava me levantando, apoiado no braço esquerdo, até poder me sentar e, cuidadosamente, colocar a mão direita ferida no colo. Ela estava uma massa inchada coberta de sangue coagulado, através do qual o sangue fresco ainda escorria. Creio que caí sobre ela quando o cavalo tropeçou. Foi uma bênção eu ter desmaiado. A dor crescia agora, onda sobre onda, como a maré sobre o cascalho, mas a fraqueza tinha passado e a minha cabeça, embora ainda doesse, estava desanuviada.

— Santa Mãe! — O menino parecia nauseado. — Não ficou assim só de cair do cavalo, ficou?

— Não. Foi uma luta.

— Mas não tem espada.

— Eu a perdi. Não faz mal. Tenho o meu punhal e uma mão para usá-lo. Não, não tenho medo. A luta já acabou. Ninguém vai machucá-lo. Ajude-me a montar no cavalo e já vou-me embora.

Ele me deu o braço e fiquei de pé. Estávamos na orla de uma elevação alta e verde, incrustada de tojo, com árvores esparsas aqui e ali, rijas e solitárias, e que tomavam formas estranhas ao sabor do vento constante e salgado. Para além das moitas onde eu estivera caído, o terreno tomava uma inclinação íngreme, sulcada com os rastros de ovelhas e cabras. Formava um dos lados de um vale estreito e serpenteante, ao pé do qual um regato deslizava no seu leito rochoso. Não conseguia ver o que havia ao pé do vale, mas, a cerca de uma milha, para além do horizonte de grama de inverno, ficava o mar. Pela altura do local onde me encontrava, podia-se imaginar os grandes penhascos que desciam até a praia, e para além da orla do terreno, pequenos na distância, os contornos de torres se destacavam.

O castelo de Tintagel, a cidadela dos Duques de Cornwall. A inexpugnável fortaleza, que só era vencida por trapaça, ou por traição vinda de dentro. Na noite passada eu usara ambas.

Senti um arrepio. Na noite passada, na escuridão da tormenta, este fora um lugar de deuses e destino, de poder visando um fim que eu entrevia, de tempos em tempos. E eu, Merlin, filho de Ambrósio, a quem os homens temiam como profeta e visionário, não fora mais que um instrumento dos deuses no labor daquela noite.

Era para isto que me fora dado o dom da Visão e o poder que os homens achavam mágico. Desta fortaleza remota e isolada, surgiria o Rei que livraria a Inglaterra dos seus inimigos e lhe daria tempo de encontrar-se a si mesma; só ele, na esteira de Ambrósio, o último dos romanos, deteria as ondas do Terror Saxão e, ao menos por algum tempo, conservaria unida a Inglaterra. Isto eu vira nas estrelas, ouvira no vento; os meus deuses me disseram que eu faria isto acontecer, para isto tinha nascido. Pois bem, se é que podia confiar nos meus deuses, a criança prometida já estava gerada; mas por sua causa, por minha causa, quatro homens tinham morrido. Na noite fustigada pela tormenta e dominada pela estrela-dragão, a morte parecia lugar-comum, e os deuses esperavam, visíveis, em cada esquina. Mas agora, na manhã tranqüila após a tormenta, o que havia para se ver? Um jovem com a mão ferida, um Rei com a sua luxúria apaziguada e uma mulher cuja penitência apenas começava. E, para todos nós, a hora de recordar os mortos.

O menino trouxe o cavalo. Ele me olhava curiosamente, a desconfiança de volta ao seu rosto.

— Há quanto tempo está aqui com as cabras? — perguntei.

— Um alvorecer e um alvorecer.

— Viu ou ouviu algo ontem à noite?

A desconfiança transformou-se em medo. Suas pálpebras desceram e ele olhou fixamente para o chão. A sua fisionomia ficou fechada e inexpressiva.

— Já esqueci, meu senhor.

Apoiei-me no cavalo, encarando-o. Vezes sem conta deparara com este ar estúpido, este resmungo seco e inexpressivo; é a única armadura ao alcance dos pobres. Falei suavemente:

— O que quer que tenha acontecido ontem à noite, é algo que eu quero que você se lembre, não que se esqueça. Ninguém lhe fará mal. Diga-me o que viu.

Ele me olhou por talvez mais uns dez segundos de silêncio. Eu não podia adivinhar o que estava pensando. O que via certamente não era alentador: um moço alto com uma das mãos esmagada e ensangüentada, sem capa, as roupas manchadas e rasgadas, o rosto (eu não tinha dúvidas) cinzento de cansaço e de dor e da borra amarga do triunfo da véspera. Mesmo assim o rapaz anuiu, de repente, e começou a falar:

— Ontem à noite, na escuridão, ouvi cavalos passando por mim. Quatro, acho eu. Mas não vi ninguém. Depois, de madrugada, mais dois a segui-los, a galope. Pensei que iam todos para o castelo, mas de onde estava, lá em cima nas rochas, não vi tochas na casa da guarda do topo do penhasco, nem na ponte que dá para o portão principal. Eles devem é ter descido para o vale. Depois que clareou o dia, vi dois cavaleiros vindo de lá, da praia abaixo do castelo na rocha. — Ele hesitou. — E depois o senhor.

Falei lentamente, prendendo-o com o olhar:

— Ouça e lhe direi quem eram os dois cavaleiros. Ontem à noite, na escuridão, o Rei Uther Pendragon veio por este caminho, comigo e com mais dois outros. Ele dirigiu-se a Tintagel, mas não pelo caminho da casa da guarda e da ponte. Desceu ao vale, à praia, e depois subiu pelo atalho secreto na rocha e entrou no castelo pelo portão traseiro. Por que balança a cabeça? Não acredita?

— Senhor, todo mundo sabe que o Rei brigou com o Duque. Ninguém poderia entrar, muito menos o Rei. Mesmo que encontrasse a porta traseira, ninguém ousaria abri-la para ele.

— Eles a abriram ontem à noite. Foi a própria Duquesa Ygraine quem recebeu o Rei em Tintagel.

— Mas. . .

— Espere — falei. — Vou contar-lhe como tudo aconteceu. O Rei foi transformado por artes mágicas num sócio do Duque, e os seus companheiros em sócios dos amigos do Duque. Quem os deixou entrar no castelo, pensou estar introduzindo o próprio Duque Gorlois com Brithael e Jordan.

Sob a sujeira do seu rosto, o menino empalideceu. Eu sabia que para ele, como para a maioria dos habitantes deste país selvagem e perseguido, as histórias de mágicas e encantamento seriam tão bem aceitas quanto as de amores reais e violência nas altas camadas. Ele gaguejou:

— O Rei... o Rei esteve no castelo ontem à noite com a Duquesa?

— Esteve. E a criança que nascerá será filha do Rei. Uma pausa longa. Ele umedeceu os lábios.

— Mas... mas quando o Duque descobrir...

— Não descobrirá — disse eu. — Está morto.

Ele levou a mão imunda à boca, o punho cerrado contra os dentes. Seu olhar correu da minha mão ferida às manchas de sangue na minha roupa, destas à bacia sem espada. Parecia querer fugir, mas não ousou sequer. Falou, sem fôlego:

— O senhor o matou? Matou o nosso Duque?

— É claro que não. Nem eu nem o Rei desejávamos a sua morte. Ele foi morto em batalha. Ontem à noite, sem saber que o Rei já viajava secretamente para Tintagel, o Duque saiu da fortaleza de Dimilioc para atacar o exército do Rei e foi morto.

Ele mal parecia ouvir. Gaguejava:

— Mas os dois que eu vi hoje de manhã... Era o Duque, voltando de Tintagel. Eu o vi. O senhor acha que não o conheço? Era mesmo o Duque com seu criado Jordan.

— Não. Era o Rei com seu criado Ulfin. Eu lhe contei que o Rei ficara igual ao Duque. A mágica enganou você também.

Ele começou a se afastar de mim.

— Como é que sabe estas coisas? O senhor. . . o senhor disse que estava com eles? Esta mágica... quem é o senhor?

— Eu sou Merlin, o sobrinho do Rei. Chamam-me Merlin, o feiticeiro.

Ainda recuando, ele parará contra uma parede de tojo. Olhou para um e outro lado, tentando decidir para onde ir. Estendi-lhe a mão.

— Não tenha medo. Não lhe farei mal. Tome, pegue isto. Pegue, nenhum homem sensato tem medo de outro. Digamos que é uma recompensa por pegar o meu cavalo. Agora, me ajude a montá-lo e eu vou-me embora.

Ele fez um semi-movimento na minha direção, pronto para pegar e fugir, mas conteve-se e virou a cabeça, rápido como um animal selvagem. Notei que as cabras já não pastavam, e olhavam para o leste, orelhas em pé. Então, ouvi o barulho de cavalos.

Tomei as rédeas do meu animal com a mão sadia, e procurei o garoto para me ajudar. Mas ele já corria, batendo nas moitas para espantar as cabras à sua frente. Chamei por ele e, quando olhou por sobre o ombro, atirei-lhe o ouro. Ele o apanhou e correu declive acima, as cabras fugindo à sua volta.

A dor me atingiu de novo, triturando-me os ossos da mão. As costelas quebradas me espetavam e queimavam os flancos. Senti o suor porejar no corpo e, à minha volta, o dia de primavera tremulou e desfez-se em névoa de novo. O barulho dos cascos que se acercavam parecia martelar junto com a dor nos meus ossos. Encostei-me à sela do meu cavalo e esperei.

Era o Rei cavalgando novamente para Tintagel, desta vez em direção ao portão principal, à luz do dia e com uma companhia de homens seus. Vinham a meio galope pela estrada gramada de Dimilioc, em grupos de quatro, cavalgando descontraídos. Por sobre a cabeça de Uther, o estandarte do Dragão tremulava vermelho e dourado à luz do sol. O Rei era o Rei novamente, já não tinha o cabelo e a barba grisalhos, como no disfarce, e a argola real brilhava no seu elmo. Sua capa escarlate caía por sobre as ancas lustrosas do baio. Sua fisionomia era calma, fixa; um ar sombrio, cansado, mas, apesar de tudo, satisfeito. Pois ia para Tintagel, e Tintagel, com tudo que nele havia, agora lhe pertencia. Para ele, isto era um final.

Encostado ao meu cavalo, eu os via chegar.

Era impossível para Uther não me ver, mas nem olhou na minha direção. Notei os olhares curiosos da tropa, que me reconhecia. Não havia um que não suspeitasse do que acontecera na véspera em Tintagel, e do papel que eu desempenhara na realização dos desejos do Rei. Talvez as almas mais simplórias do séqüito do Rei esperassem

que ele fosse grato; que me recompensasse; ou, ao menos, que me reconhecesse e cumprimentasse. Mas eu, que lidara com reis a vida toda, sabia que, quando há culpa e gratidão juntas, a culpa deve ser distribuída em primeiro lugar, para que nem um pouco dela possa aderir ao próprio Rei. O Rei Uther somente entendia que, graças às falhas da minha previsão, o Duque de Cornwall morreria na hora em que ele, Rei, estava na cama com a Duquesa. Ele não via a morte do Duque como a ironia amarga por trás da máscara sorridente que os deuses usam quando querem dominar os homens. Uther, que não entendia de deuses, via apenas que, se tivesse esperado mais um dia, teria obtido o que queria, com honra e às claras. A sua ira contra mim era bem genuína, mas, mesmo que não o fosse, ele precisava ter alguém para culpar; não importa o que realmente sentisse a respeito da morte do Duque (e, para ele, ela fora uma porta aberta milagrosamente para o seu casamento com Ygraine), em público precisava demonstrar remorso. E eu era o sacrifício público a este remorso.

Um dos oficiais, Caio Valério, que ia ombro a ombro com o Rei, inclinou-se e disse algo, mas Uther fingiu não ouvir. Valéria olhou-me com ar de dúvida, depois, com um dar de ombros e um meio aceno para mim, seguiu seu caminho. Eu os vi seguir, sem nenhuma surpresa.

O ruído dos cascos foi diminuindo estrada abaixo, em direção ao mar- Sobre a minha cabeça, entre uma e outra batida de asas, o canto da cotovia cessou, e ela desceu do silêncio brilhante para descansar na grama.

Não muito longe uma pedra sobressaía na relva. Levei o cavalo até lá e, de cima da pedra, consegui alcançar a sela. Guiei o animal para noroeste, para Dimilioc, onde se encontrava o exército do Rei.

2

Os lapsos de memória podem ser uma bênção. Não me lembro de ter chegado ao acampamento, mas, quando aflorei das névoas da fadiga e da dor, horas mais tarde, estava dentro de casa e na cama.

Quando acordei, estava escuro e havia uma luz suave e bruxuleante que podia ser luz de fogo ou de velas; era uma luz incerta,

com cores e sombras, entremeada do cheiro de fumaça e, lá de longe, do som do pingar de água. Mas, até o estado de consciência assim suave e aconchegante foi demais para os meus sentidos e logo fechei os olhos e me deixei submergir de novo. Creio que, durante algum tempo, acreditei estar novamente no limiar do outro mundo, onde as visões se agitam e as vozes falam da escuridão, e a verdade se revela com a luz e o fogo. Mas, logo meus músculos pisados e doloridos e a minha mão que doía terrivelmente me fizeram ver que ainda estava neste mundo e que as vozes que murmuravam sobre mim, na escuridão, eram tão humanas quanto eu.

— Bem, por agora é só. As costelas são o pior, depois da mão, mas logo vão sarar. Estão só rachadas.

Tive a vaga impressão de que conhecia aquela voz. Pelo menos o que ele era eu sabia: manuseava os meus curativos de maneira hábil e firme, como um profissional. Tentei novamente abrir os olhos, mas as pálpebras pesavam e se grudavam, pegajosas de suor e sangue seco. O calor me subia em ondas, me pesavam os membros. Sentia um cheiro doce e pesado; devem ter-me dado ópio, pensei, ou me entontecido com fumaça, antes de cuidarem da minha mão. Desisti e me deixei flutuar de novo; por sobre as águas escuras as vozes ecoavam, suaves.

— Pare de ficar olhando para ele e traga a bacia mais para perto. Não tenha medo, ele não é perigoso do jeito que está. — Era o doutor, de novo.

— Sei lá, a gente ouve tanta coisa! — Falavam em latim, mas com sotaques diferentes. A segunda voz era estrangeira; não germânica, nem de lugar algum do Mar do Meio. Sempre fui bom em línguas, e, mesmo em criança, falava vários dialetos celtas, juntamente com o saxão e com um grego razoável. Mas este sotaque eu não conseguia identificar. Ásia menor? Arábia?

Os dedos hábeis viraram a minha cabeça no travesseiro, suavemente, e repartiram meu cabelo para limpar os ferimentos.

— Você nunca o tinha visto antes?

— Nunca. Não o imaginava tão jovem.

— Não é tão jovem. Deve ter uns vinte e dois anos.

— E já ter feito tanto! Dizem que seu pai, o Grande Rei Ambrósio, não deu um passo nestes últimos dois anos sem consultá-lo. Dizem que vê o futuro na chama de uma vela e que pode ganhar uma batalha de uma colina a uma milha de distância.

— Diriam qualquer coisa dele. — A voz do doutor era calma e prosaica. Na Bretanha, pensei, devo tê-lo conhecido na Bretanha. O latim macio tinha um reflexo do qual eu me recordava, sem saber como. — Mas, na verdade, Ambrósio dava muito valor aos seus conselhos.

— É verdade que ele reconstruiu a Dança dos Gigantes, a que dão o nome de Pedras Suspensas, próximo a Amesbury?

— É, é verdade. Quando era rapaz e servia com o exército do pai na Bretanha, ele estudou engenharia. Lembro-me dele conversando com Tremorinus, que era o engenheiro-chefe do exército, sobre o levantamento das Pedras Suspensas. Mas não foi só isto que estudou. Mesmo quando bem jovem, entendia mais de medicina do que a maioria dos homens que vivem dela. Não conheço outro melhor para ter como ajudante num hospital de campanha. Só Deus sabe por que prefere ficar naquele fim de mundo em Gales. Talvez porque ele e o Rei Uther nunca se tenham dado bem. Dizem que Uther tinha ciúmes da atenção que o Rei, seu irmão, dispensava a Merlin. De qualquer modo, depois que Ambrósio morreu, ninguém mais soube de Merlin, até esta história do Uther com a Duquesa de Gorlois, que pelo que vejo, já lhe deu bastante aborrecimento. . . Traga a bacia mais para perto enquanto eu limpo o rosto dele. Não, aqui. Está bom.

— Está me parecendo corte de espada.

— Diria que foi um raspão com a ponta. Com todo esse sangue, parece pior do que na realidade é. Ele até que teve sorte. Mais uns centímetros e teria pegado na vista. Pronto. Já está bem limpo.

Nem ficará cicatriz.

— Ele está bem ruim, Gandar. Será que ficará bom?

— É claro. E como não? — Mesmo sob o efeito do sedativo, eu senti ser genuína a sua resposta, rápida e profissional. — Além das costelas e da mão, só tem cortes e pisaduras, e também uma boa reação ao que o tem atormentado nestes últimos dias. Agora ele precisa dormir. Passe-me aquela pomada ali, por favor. O vidro verde.

A pomada refrescou a minha face cortada. Ela tinha cheiro de valeriana. Nardo, no vidro verde... Eu fazia em casa. Valeriana, erva-cidreira, óleo de espicanardo... O cheiro me levou de volta ao musgo da beira do rio, onde a água corria brilhante e eu colhia o fresco agrião, a balsâmina, e o musgo dourado...

Não, era o barulho da água do outro lado do aposento. Ele tinha terminado e fora lavar as mãos. As vozes vinham agora de mais longe.

— O bastardo de Ambrósio, hem? — O estrangeiro ainda estava curioso. — E quem foi a sua mãe?

— Ela era a filha de um rei, do sul de Gales, de Maridunum em Dyfed. Dizem que ele herdou dela a Visão. Mas não a aparência. Ele é a cara do falecido Rei, mais ainda que Uther. O mesmo colorido, os olhos negros e aquele cabelo escuro. Eu me lembro da primeira vez que o vi na Bretanha, quando ainda era um menino; parecia-se com algo das colinas ocas. E falava assim, também, às vezes; isto é, quando falava. Não se deixe enganar pelo seu jeito quieto; nele há mais do que apenas estudo, e sorte, e noção de oportunidade; há poder, e bem real.

— Então as histórias são verdadeiras?

— As histórias são verdadeiras — disse Gandar secamente. — Pronto. Já terminei. Não há necessidade de ficar com ele. Vá dormir. Eu vou olhar os outros pacientes e depois virei vê-lo mais uma vez antes de ir dormir. Boa noite.

As vozes esmaeceram. Outras iam e vinham na escuridão, mas eram vozes sem sangue, pertenciam ao ar. Talvez eu devesse esperar e acordar para ouvir, mas me faltou coragem. Enrolei-me no sono como num cobertor, abafando a dor e o pensamento juntos numa escuridão misericordiosa.

Quando abri novamente os olhos, a escuridão estava iluminada por uma suave luz de velas. Estava num quarto pequeno, com um telhado de pedra e com paredes cuja pintura, outrora viva, fora escurecida e descascada pela umidade e falta de cuidado. Mas o quarto era limpo. O chão de ardósia estava bem esfregado e as cobertas que me esquentavam eram grossas e cheiravam bem, e tinham um bonito padrão.

A porta se abriu e um homem entrou. A princípio, como ele estava contra a luz, apenas vi uma figura de estatura média, encorpada e de ombros largos, vestindo uma túnica longa e simples e com um gorro na cabeça. Depois ele entrou na luz e eu reconheci Gandar, o médico-chefe que viajava com os exércitos do Rei. Ficou ao pé de mim, e sorriu.

— E já não era sem tempo!

— Gandar! Que bom vê-lo! Quanto tempo eu dormi?

— Desde o anoitecer de ontem, e já passa de meia-noite. Era do que estava precisando. Você estava bem ruim quando o trouxeram. Mas o fato de estar inconsciente facilitou muito o meu trabalho.

Olhei para a minha mão, envolta em ataduras, sobre a coberta. Meu corpo enfaixado estava rígido e dolorido, mas a dor aguda era agora um latejar surdo. Minha boca inchada ainda sentia o gosto do sangue misturado à droga, mas eu já não tinha dor de cabeça e o corte no rosto parará de doer.

— Felizmente você estava aqui para me tratar — falei. Movi a mão para ter um pouco de alívio, mas não deu resultado. — Vai consertar?

— Com a ajuda da juventude e de carne sadia, vai sim. Havia três ossos quebrados, mas acho que está tudo limpo. — Olhou-me com curiosidade. — Como foi que aconteceu? Parecia que um cavalo tinha pisado em você, e, depois, lhe chutara as costelas. Mas o corte no rosto foi feito por espada, certo?

— Certo. Estive numa luta. Ele ergueu as sobancelhas.

— Se foi numa luta, ela teve regras que desconheço. Conte-me... espere, ainda não. Estou louco para saber o que houve, todos estamos, mas você precisa se alimentar primeiro. — Ele foi até a porta e chamou, e logo um criado trouxe uma tigela de caldo e um pouco de pão. A princípio não pude comer o pão, mas depois, molhando-o no caldo, consegui. Gandar puxou um banquinho para perto da cama, e esperou em silêncio até que eu tivesse terminado. Quando afastei a tigela, ele tirou-a de mim e colocou-a no chão.

— Sente-se agora com disposição para falar? Os rumores voam como dardos. Sabia que Gorlois está morto?

— Sabia. — Olhei à minha volta. — Estou mesmo em Dimilioc? O forte se rendeu, depois da morte do Duque?

— Eles abriram os portões tão logo o Rei voltou de Tintagel. Ele já tinha tido notícias da escaramuça e da morte do Duque. Parece que Brithael e Jordan, servos do Duque, foram para Tintagel tão logo o Duque caiu, para levar a notícia à Duquesa. Mas isso você sabe; você estava presente. — Parou, ao perceber as implicações. — Então foi isso! Você e Uther encontraram-se com Brithael e Jordan.

— Uther, não. Ele ainda estava com a Duquesa, eles nem o viram. Eu estava de guarda às portas com meu criado Cadal. Lembra-se dele? Cadal matou Jordan e eu matei Brithael. — Dei um sorriso amargo com os meus lábios rígidos. — É, pode me olhar assim. Ele

era bem maior do que eu, como você pode ver, e por isso não lutei limpo.

— E Cadal?

— Morto. De que outro modo Brithael chegaria até mim?

— Sei. — Seu olhar fez novamente o inventário dos meus ferimentos. Quando falou, fê-lo secamente: — Quatro homens. Com você, cinco. Esperemos que o Rei ache que valeu o preço.

— Ele acha — eu disse. — Ou logo achará.

— Ah, sim, todos sabem disso. Dêem-lhe somente tempo de dizer ao mundo que ele é inocente da morte de Gorlois, e de enterrá-lo com honras, para que se possa casar com a Duquesa. Ele já voltou para Tintagel, sabia? Deve ter passado por você na estrada.

— Passou — falei secamente. — A alguns metros.

— E não o viu? Ora, ele devia saber que você estava ferido. — Afinal ele entendeu o meu tom de voz. — Você quer dizer que ele o viu deste jeito e o deixou vir até aqui sozinho?

Vi que ele estava chocado, e não surpreso. Gandar e eu éramos velhos conhecidos, e ele sabia qual era o meu relacionamento com Uther, embora ele fosse irmão do meu pai. Desde o começo, Uther se ressentira com o amor do irmão pelo filho bastardo e meio temera, meio desprezara os meus poderes de visão e profecia. Ele falou, inflamado: — Mas foi tudo feito a serviço dele...

— Não, dele não. O que fiz, fiz cumprindo uma promessa feita a Ambrósio. Foi um legado que ele me deixou, para o seu reino.

Parei por aí. Não se falava com Gandar de deuses e visões. Ele, como Uther, lidava com as coisas da matéria.

— Diga-me, — pedi — esses rumores que você mencionou. Quais são? O que é que se pensa que aconteceu em Tintagel?

Ele deu uma olhadela por sobre o ombro. A porta estava fechada, mas baixou a voz.

— Fala-se que Uther já estivera em Tintagel com a Duquesa Ygraine, e que foi você quem o levou lá e deu um jeito para que ele entrasse. Dizem que você fez uma mágica que transformou o Rei num sósia do Duque para que ele pudesse passar pelos guardas e entrar no quarto de dormir da Duquesa. Ainda mais: a pobre senhora recebeu-o na cama pensando estar recebendo o marido. E que, quando Brithael e Jordan foram levar-lhe a notícia da morte de Gorlois, lá estava "Gorlois" tomando o café da manhã com ela. Pela Serpente, Merlin, do que você está rindo?

— Dois dias e duas noites — respondi — e a história já aumentou. Bem, acho que é nisso que os homens vão acreditar e continuarão acreditando. O que talvez seja melhor que a verdade.

— E qual é a verdade, então?

— Não houve mágica na nossa entrada em Tintagel, apenas disfarce e perfídia humana.

Contei-lhe tudo, então, exatamente como tinha acontecido, juntamente com o que eu tinha inventado para o pastor.

— Como vê, Gandar, fui eu mesmo que plantei esta semente. Os nobres e os conselheiros do Rei precisam conhecer a verdade, mas o povo achará melhor (e mais fácil) acreditar em mágicas e numa Duquesa sem culpa.

Ele ficou em silêncio durante algum tempo.

— Então a Duquesa sabia.

— Senão nós não teríamos entrado. Que não se diga, Gandar, que houve estupro. Não, a Duquesa sabia.

Ele silenciou de novo, por mais tempo. Depois disse, pesadamente:

— Perfídia é uma palavra dura.

— É a verdadeira. O Duque foi amigo de meu pai, e confiava em mim. Nunca lhe ocorreria que eu ajudasse Uther contra ele. Sabia que eu pouco ligava para os desejos sexuais de Uther. Não podia adivinhar que os meus deuses exigiam que eu ajudasse Uther a satisfazer este. Embora tivesse que fazê-lo, ainda assim foi perfídia, e nós sofreremos por isto, todos nós.

— Não o Rei. — Ele falou com segurança. — Eu o conheço. Talvez sinta apenas uma culpa passageira. Você, sim, é quem está sofrendo, Merlin, e é você quem dá à coisa o seu devido nome.

— Para você — falei. — Para os outros homens, está será uma história de magia, como os dragões que lutaram sob o meu comando com Dinas Emrys, e a Dança dos Gigantes, que flutuou no ar sobre a água até Amesbury. Mas você viu como Merlin, o mago do Rei, se saiu naquela noite. — Fiz uma pausa e movi a mão sobre a coberta, mas fiz que não com a cabeça à pergunta estampada em seu rosto. — Não, não, pode deixar. Já está melhor. Gandar, é preciso que se saiba outra verdade sobre aquela noite. Vai haver uma criança. Encare como esperança ou como profecia, mas você verá que, pelo Natal, nascerá um menino. Ele já disse quando vai casar com ela?

— Tão logo seja decente. Decente! — Repetiu a palavra com uma risada curta, depois limpou a garganta. — O corpo do Duque está

aqui, mas dentro de um ou dois dias, vão levá-lo para Tintagel para o enterro. Então, depois de oito dias de luto, Uther se casará com a Duquesa.

Pensei durante um momento.

— Gorlois tem um filho da primeira mulher chamado Cador. Deve ter uns quinze anos. Já se sabe o que vai ser dele?

— Ele está aqui. Lutou ao lado do pai. Ninguém sabe o que se passou entre ele e o Rei, mas o Rei anistiou todas as tropas que lutaram contra ele no combate de Dimilioc, além de confirmar Cador como Duque de Cornwall.

— É — falei. — E o filho de Ygraine e Uther será Rei.

— Com Cornwall como inimigo ferrenho?

— E se for — retruquei, cansado — quem poderá culpá-lo? O pagamento talvez seja longo demais, e pesado demais, .até mesmo' para a perfídia.

— Bem, — disse Gandar vivamente, ajeitando a túnica — o tempo dirá. E agora, meu jovem, você vai descansar mais um pouco. Quer uma bebida?

— Não, obrigado.

— Como está a mão?

— Melhor. Não há veneno nela; eu conheço quando há. Não lhe darei mais trabalho, Gandar; pare de me tratar como doente. Já estou bem, agora que dormi. Vá você para a cama e me esqueça. Boa noite.

Quando ele se foi, eu fiquei deitado escutando o barulho do mar e tentando conseguir, com os deuses na escuridão, a coragem necessária para a minha visita aos mortos.

Com ou sem coragem, outro dia se passou até que eu tivesse forças para deixar o quarto. Então, ao anoitecer, fui ao grande átrio onde estava o corpo do Duque. No dia seguinte, ele seria levado para Tintagel para ser enterrado com os seus ancestrais. Agora estava só, à exceção dos guardas, no mesmo lugar onde festejava os seus pares e onde dera as ordens para a sua última batalha.

O lugar era frio e só se ouvia os ruídos do vento e do mar. O vento tinha mudado e soprava do noroeste, trazendo a friagem e a promessa de chuva. As janelas não tinham vidros e a corrente de ar agitava as tochas nas suas armações de ferro, fazendo com que a fumaça enegrecesse as paredes. Era um lugar árido e sem conforto,

sem pintura, azulejos ou madeira trabalhada; dava para se ver que Dimilioc era apenas a fortaleza de um guerreiro; acredito que Ygraine nunca tenha estado lá. As cinzas da lareira eram antigas, as achas semi-queimadas orvalhadas de umidade.

O corpo do Duque jazia num ataúde no centro do átrio, coberto pela sua capa de guerra. Era escarlate, com uma barra dupla de prata e com o emblema do Javali, como eu já vira em batalha, ao lado do meu pai. Eu a vira também com Uther quando eu o levava, disfarçado, para a casa e a cama de Gorlois. Agora as dobras pesadas caíam até o chão, e debaixo delas o corpo encolhera e achatara, uma simples casca daquele homem alto que eu conhecera. Tinham deixado o rosto descoberto. A carne afundara, cinzenta como sebo muito usado, deixando o rosto como um esqueleto moldado, parecendo apenas de longe com o Gorlois de que eu me recordava. As moedas sobre os seus olhos já tinham afundado na carne. O capacete de guerra lhe escondia o cabelo, mas a velha barba grisalha se destacava sobre o emblema do Javali no seu peito.

Enquanto me aproximava, pisando de leve sobre o chão de pedra, fiquei a me perguntar a qual deus Gorlois servira em vida e para qual teria ele ido na morte. Nada havia aqui que me indicasse. Os cristãos, como outros homens, colocavam moedas sobre os olhos. Recordei-me de outros leitos de morte e dos espíritos à espera à sua volta; aqui nada havia. Mas ele estava morto há três dias e talvez o seu espírito já tivesse escapado por aquele buraco na parede, por onde ventava tanto. Talvez já estivesse longe demais para que eu o pudesse alcançar e me reconciliar com ele.

Cheguei ao pé do seu ataúde, do homem a quem eu atraíçara, do amigo do meu pai, Ambrósio, o Grande Rei. Lembrei-me da noite em que ele tinha vindo me pedir que ajudasse sua jovem esposa, e de como ele me dissera:

— Não há muitos homens em quem eu confiaria nesta situação, mas confio em você. Você é bem o filho do seu pai. — E de como eu nada dissera, apenas olhara a luz do fogo tornar seu rosto vermelho como sangue, e esperara a oportunidade de conduzir o Rei para o leito da sua mulher.

É um dom poder ver os espíritos e ouvir os deuses à nossa volta; mas é um dom tanto de trevas quanto de luz. Os contornos da morte são tão nítidos quanto os da vida. Não se pode ser visitado pelo futuro, sem ser assombrado pelo passado; não se pode provar o conforto e a glória sem sentir o amargor e a fúria dos nossos feitos

passados. O que quer que eu tenha pensado encontrar próximo ao cadáver do Duque de Cornwall, não me traria conforto nem paz. Um homem como Uther Pendragon, que matava abertamente em batalha e ao ar livre, pensaria nele apenas como um homem morto.

Mas eu, que ao obedecer os deuses confiara neles como o Duque confiara em mim, sabia que teria que pagar, e integralmente. E então eu viera, mas sem esperança.

Ali havia luz das tochas, luz e fogo. Eu era Merlin; eu deveria poder entrar em contato com ele; já falara com os mortos antes. Fiquei imóvel, olhando as tochas fulgurantes, e esperei.

Aos poucos, por todo o forte, os ruídos foram diminuindo e silenciando, enquanto os homens, finalmente, iam-se recolhendo. O mar sussurrava e batia sob a janela, o vento procurava arrancar as samambaias que cresciam nas reentrâncias do muro. Num canto qualquer um rato guinchou e correu. A resina borbulhava nas tochas. Através da fumaça, eu sentia o cheiro doce e fétido da morte. A luz das tochas refletia-se pálida nas moedas sobre os olhos mortos.

O tempo se arrastava. Meus olhos doíam com a chama, e a dor, que me mordida a mão, me conservava prisioneiro do meu corpo. Meu espírito estava reduzido a nada, cego como os mortos. Eu ouvia sussurros, fragmentos de pensamentos dos guardas imóveis e sonolentos, tão sem sentido quanto o som da sua respiração, e o ranger de couro e o tinir do metal quando eles se mexiam, involuntariamente, de tempos em tempos. Mas, além disto, nada. O poder que eu possuía aquela noite em Tintagel tinha-se escoado de mim juntamente com a força com que eu matara Brithael. Ele me abandonara e agora trabalhava num corpo de mulher; em Ygraine, que neste momento se deitava ao lado do Rei na sombria e castigada península de Tintagel, dez milhas ao sul. Eu nada podia fazer aqui. O ar, sólido como pedra, não me deixava passar.

Um dos guardas, o mais próximo de mim, mexeu-se, inquieto, e a extremidade da sua lança raspou o chão de pedra. O som quebrou o silêncio. Olhei para ele, involuntariamente, e vi que me fitava.

Era jovem, rígido como a sua lança, as mãos crispadas nela. Os olhos azuis e ferozes me olhavam sem pestanejar sob espessas sobranceiras. Com um choque que me percorreu como uma lança acertando, eu os reconheci. Os olhos de Gorlois. Era o filho de Gorlois, Cador de Cornwall, que estava entre mim e o morto, olhando-me fixamente, com ódio.

Pela manhã levaram o corpo de Gorlois para o sul. Logo que o enterrassem, Gandar me contou, Uther planejava voltar para Dimilioc para reunir-se às suas tropas até a hora em que pudesse casar com a Duquesa. Eu não tinha intenção de esperar pela sua volta.

Pedi provisões e o meu cavalo, e, apesar dos protestos de Gandar de que eu não estava ainda em condições de viajar, parti sozinho para o meu vale acima de Maridunum e para a minha gruta na colina, que o Rei prometera que, apesar de tudo, continuaria minha.

3

Ninguém estivera dentro da caverna na minha ausência. O que não era difícil de entender, pois o povo me temia como feiticeiro e, além do mais, todos sabiam que o próprio Rei tinha doado a colina Bryn Myrddin para mim. Desde que deixei a estrada principal junto ao moinho d'água e cavalguei vale acima para a caverna que era o meu lar, não vi ninguém, nem mesmo o pastor que costumava guardar o seu rebanho a pastar nos morros pedregosos.

Na região inferior do vale, os bosques eram densos; as folhas murchas dos carvalhos sussurravam, castanheiros e sicômoros disputavam a luz, e, entre as faias, viam-se azevinhos pretos e brilhantes. Depois, as árvores rareavam e o atalho subia pelo lado do vale, com o riacho correndo lá embaixo, pela esquerda, e com elevações cobertas de grama cortada por cascalho pela direita, até atingir os penhascos que coroavam a colina. A grama ainda estava descolorida pelo inverno, mas, entre as samambaias desbotadas do ano passado, viam-se as folhas verdes das campainhas e os brotos do abrunheiro. Num canto qualquer, ovelhas baliavam. Isto, e o grito de um bútio por sobre os penhascos, e o barulho das folhas mortas por cima das quais o meu cavalo exausto pisava eram os únicos sons do vale. Eu estava em casa, para o consolo da simplicidade e da quietude.

O povo não me tinha esquecido e deve ter-se espalhado a notícia de que eu era esperado. Quando desmontei no bosque de espinhos sob o penhasco, e fui guardar o meu cavalo no alpendre, encontrei ali samambaias frescas para ele se deitar e forragem num gancho próximo à porta; e quando subi ao pequeno gramado que havia em frente à minha gruta, encontrei queijo e pão fresco embrulhados

num pano limpo e um odre do vinho da região, fraco e ácido, que tinham sido deixados para mim perto da fonte.

Era uma fonte pequena, um fiozinho de água pura que saía de um buraco na rocha de um dos lados da gruta. A água descia, às vezes num fluir constante, às vezes em gotas deslizantes sobre o musgo, até uma bacia na pedra. Por cima da fonte, a estatuazinha do deus Myrddin, dos espaços alados do ar, ficava entre as samambaias. Sob os seus pés rachados de madeira, a água borbulhava e pingava na bacia de pedra, e derramava-se na grama logo abaixo. No fundo da água clara, o brilho de metal; eu sabia que o vinho e o pão, tanto quanto as moedas arremessadas, tinham sido deixadas em oferenda tanto para o deus quanto para mim; nas mentes simples do povo, eu já fazia parte da lenda da colina, o seu deus feito carne que ia e vinha mansamente como o ar e que trazia consigo o dom de curar.

Peguei a caneca de chifre que ficava sobre a fonte, enchi-a com o vinho do odre, derramei um pouco para o deus, e bebi o resto. O deus saberia se havia mais no meu gesto do que a homenagem ritual. Eu estava cansado demais para pensar, ou para rezar; a bebida era para coragem, nada mais.

Do outro lado da entrada da gruta, oposto à fonte, havia um amontoado de pedras musgosas, onde rebentos de carvalho e tramazeira germinaram e cresciam emaranhados contra a superfície rochosa. No verão, os seus ramos davam uma boa sombra, mas agora, embora caindo por sobre a entrada da caverna, não a escondiam. Era um arco pequeno, regular e arredondado, como que feito a mão. Afastei os ramos pendentes, e entrei.

Bem perto da entrada, os restos de um fogo ainda estavam no fogão, com gravetos e folhas úmidas por sobre as cinzas. O lugar cheirava a falta de uso. Parecia mentira que fazia pouco mais de um mês que eu tinha ido atender ao apelo urgente do Rei para ajudá-lo no caso de Ygraine de Cornwall. Ao lado da lareira fria, estavam os pratos sujos da minha última refeição, feita às pressas pelo meu criado antes de partirmos.

Bem, agora eu teria de ser o meu próprio criado. Coloquei o odre de vinho e o embrulho de pão e queijo em cima da mesa, e virei-me para reacender o fogo. Isca e pederneira estavam à mão, onde sempre estiveram, mas eu me ajoelhei junto à lenha e estendi as mãos para a mágica. Essa foi a primeira mágica que me ensinaram, e a mais simples, fazer o fogo do nada. Ela me foi ensinada aqui nesta caverna, onde, em menino, aprendi tudo o que sei de sabedoria natural com

Galapas, o velho ermitão da colina. Aqui, também, na caverna de cristal no mais recôndito da colina, tive as minhas primeiras visões, e me descobri vidente.

— Algum dia — Galapas dissera — você irá aonde nem eu com a Visão poderei acompanhá-lo.

E fora verdade. Eu o deixara e fora para onde o meu deus me impulsionara; para onde somente eu, Merlin, poderia ter ido. Mas agora a vontade do deus estava feita, e ele tinha me desertado. Lá em Dimilioc, ao lado do ataúde de Gorlois, eu me senti como uma casca vazia; cego e surdo como os homens são cegos e surdos; o grande poder se fora. Agora, embora exausto, sabia que não conseguiria descansar sem ver se, aqui no lugar do nascimento da minha mágica, o primeiro e menor dos meus poderes ainda me pertencia. Logo tive a resposta, mas foi uma resposta que eu não queria aceitar. O sol se punha para além dos galhos da entrada da caverna, e a lenha ainda estava apagada quando finalmente desisti, suando em bicas sob a túnica e com as mãos, estendidas para a mágica, trêmulas como as de um velho. Sentei ao pé da lareira fria e comi o meu pão e queijo e bebi o meu vinho aguado, no frio crepúsculo de primavera, antes de poder ter forças para pegar a isca e a pederneira e tentar com elas.

Até isso, uma tarefa que qualquer mulher faz diariamente e sem pensar, me custou uma eternidade e me pôs a mão ferida a sangrar. Mas, afinal, o fogo pegou. Uma fagulha surgiu na isca e veio a chama, vagarosamente. Acendi a tocha nela, e, carregando bem alto a luz, fui para os fundos da gruta. Ainda havia algo que precisava fazer.

A caverna principal, de teto alto, se estendia até longe. Ergui a chama bem alto e olhei para cima. Nos fundos da caverna havia uma rocha que subia até uma saliência larga, que, por sua vez, entrava nas sombras altas e escuras. Invisível entre estas sombras, estava a abertura escondida que dava para a gruta interna, a cavidade em forma de globo, forrada de cristais, onde, com luz e fogo, eu tivera as minhas primeiras visões. Se o poder perdido estava em algum lugar, só podia ser ali. Vagarosamente, duro de cansaço, subi a saliência e me ajoelhei para espiar pela entrada baixa para a caverna interna. Os cristais refletiram as chamas da minha tocha e a luz correu pelo globo. A minha harpa ainda estava onde eu a deixara, no centro do chão incrustado de cristal. A sua sombra se agigantava nas paredes reluzentes, e a chama refulgia no cobre do instrumento, mas nenhuma aragem a fez sussurrar e as suas próprias sombras abafaram a luz. Fiquei ali ajoelhado por muito tempo, olhos fixos e arregalados,

enquanto à minha volta luz e sombra tremiam e batiam. Mas os meus olhos doíam, vazios de visões, e a harpa permaneceu silenciosa.

Afinal me retirei, e desci para a caverna principal. Lembro-me que fui descendo devagar e com cuidado, como um homem que não conhecesse o caminho. Enfiei a tocha sob a madeira seca que eu empilhara para o fogo, até as achas começarem a crepitar; saí para buscar a minha bagagem, arrastei-a para o conforto da luz do fogo e comecei a desfazer as malas.

Minha mão levou muito tempo para sarar. Nos primeiros dias doía constantemente, latejando tanto que tive medo que estivesse infeccionada. Durante o dia eu não me preocupava tanto, pois havia tarefas a serem feitas; meu criado as havia feito para mim por tanto tempo que eu mal sabia por onde começar: limpar, preparar a comida, cuidar do cavalo. A primavera chegou devagar ao sul de Gales, naquele ano, e ainda não havia pastagem na colina, por isso eu tinha de cortar e levar forragem para ele, além de ir longe demais para o meu gosto em busca das plantas medicinais de que precisava. Felizmente, comida para mim não faltava; quase que diariamente havia presentes ao pé do pequeno penhasco abaixo do gramado. Talvez o povo da região ainda não soubesse que eu já não gozava das boas graças do Rei, ou, talvez, todas as curas que eu tivesse feito pesassem mais na balança que o desagrado de Uther. Eu era Merlin, filho de Ambrósio; ou, como dizem os galeses, Myrddin Emrys, o feiticeiro da colina de Myrddin; e de outro modo, suponho, o sacerdote do próprio Myrddin, o velho deus da colina vazia. Os presentes que trariam para ele, agora traziam para mim, e em seu nome eu os aceitava.

Mas, se os dias eram cheios, as noites eram ruins. Dormia mal, menos talvez pela dor na minha mão do que pela dor das minhas lembranças: enquanto a câmara mortuária de Gorlois estivera vazia, a minha gruta estava cheia de fantasmas. Não dos espíritos dos mortos queridos, a quem eu teria dado as boas-vindas; mas os espíritos daqueles que eu matara passavam por mim na escuridão, guinchando como morcegos. Pelo menos, isto era o que eu me dizia. Acredito agora que estava febril; os morcegos que eu e Galapas estudávamos ainda viviam na caverna, e devem ter sido eles que eu ouvia

movimentando-se na noite. Mas, nas minhas lembranças desta época, eles são as vozes dos mortos, inquietos na escuridão.

Abril passou, úmido e frio, com ventos que chegavam até os ossos. Foi a época ruim, vazia, salvo pela dor, e ociosa, salvo pelos mais ínfimos esforços para viver. Acho que comia muito pouco; água, frutas e pão preto eram a minha dieta básica. As minhas roupas, que nunca foram suntuosas, puíram sem ninguém para cuidar delas e, depois, rasgaram-se. Um estranho que me visse pelos atalhos da colina me tomaria por um mendigo. Havia dias que eu passava agachado junto ao fogo. Minha arca de livros permanecia fechada, minha harpa deixada em seu lugar. Mesmo que a minha mão estivesse boa, não poderia tocar. Quanto à mágica, eu não ousava me testar de novo.

Mas, aos poucos, com Ygraine à espera no seu frio castelo mais ao sul, caí numa aceitação calma. Com o passar das semanas, minha mão sarou bastante bem. Fiquei com dois dedos duros e uma cicatriz do lado de fora da palma, mas o endurecimento foi melhorando e a cicatriz nunca me incomodou. Com o passar do tempo, as outras feridas sararam também. Acostumei-me à solidão como me acostumara ao isolamento, e os pesadelos cessaram. Coro a chegada de maio os ventos mudaram, esquentaram, e a grama e as flores brotaram. As nuvens cinzentas se foram e o vale se encheu da luz do sol. Eu ficava horas sentado ao sol, à boca da gruta, lendo ou preparando as ervas que colherei, ou, ocasionalmente e sem grande interesse, espiando o caminho que poderia trazer algum mensageiro. (Assim, eu pensava, deve ter ficado muitas vezes o meu mestre Galapas, sentado ao sol, espiando o caminho que, um dia, traria do vale um meninozinho.) Renovei o meu estoque de plantas e ervas, afastando-me mais e mais da caverna, à medida que as minhas forças voltavam. Eu nunca ia à cidade, mas os pobres que vinham em busca de remédios ou de cura traziam as novidades. O Rei se casara com Ygraine com o máximo de pompa e cerimônia que a situação permitia, e parecia bem alegre desde as bodas, embora se zangasse mais facilmente que antes, e tivesse crises de depressão em que o melhor era deixá-lo a sós. Quanto à Rainha, estava tranqüila, fazendo em tudo a vontade do Rei, mas dizia-se que tinha um ar sombrio e que chorava em segredo...

A esta altura o meu informante me olhava de esguelha e eu via os seus dedos fazerem o sinal contra a magia. Eu o deixava ir, sem perguntar mais nada. As notícias chegariam a mim, na hora apropriada.

Quase três meses tinham se passado desde a minha volta à Bryn Myrddin.

Certo dia em junho, quando o sol quente da manhã acabava de espantar a névoa de cima da grama, fui em busca do meu cavalo, que eu levava para pastar no gramado acima da caverna. O ar estava parado, e o céu cheio de cotovias a cantar. Por sobre o túmulo de Galapas, as folhas verdes dos abrunheiros brotavam por entre as flores desbotadas, e as campainhas vicejavam entre as samambaias.

Acredito que nem havia necessidade de prender o meu cavalo. Geralmente trazia comigo os restos do pão que os meus benfeitores me davam, e o cavalo, quando me via, vinha até a ponta da corda e ficava à minha espera.

Mas não nesse dia. Com a corda esticada ao máximo, ele estava na beira da colina, com a cabeça erguida e as orelhas em pé, olhando para algo lá embaixo no vale. Caminhei até ele e, enquanto procurava o pão na minha mão, olhei para onde estivera olhando.

Desta altura, podia ver a cidade de Maridunum, pequena na distância, apegada à margem norte do plácido Tywy, que serpenteava pelo largo vale verde até o mar. A cidade, com a ponte de pedra em arco, e o porto, fica bem no lugar onde o rio se alarga em direção ao estuário. Havia o costumeiro amontoado de mastros para além da ponte, e, mais perto, no caminho que acompanhava as curvas prateadas do rio, um cavalo cinzento vagorosamente puxava uma barça cheia de cereais até o moinho. Este ficava escondido nos bosques, na confluência do riacho do meu vale com o rio; desses bosques saía a velha estrada militar que o meu pai tinha consertado, e que seguia em linha reta por cinco milhas até o quartel que ficava próximo ao portão leste de Maridunum.

Nesta estrada, a talvez milha e meia para além do moinho d'água, via-se uma nuvem de poeira onde cavaleiros lutavam. Vi o brilho de metal. Por entre a poeira, distingi o grupo. Eram quatro homens a cavalo, lutando três contra um. Este parecia querer fugir, os outros procuravam cercá-lo e abatê-lo. Afinal, em desespero, ele conseguiu livrar-se para escapar. Seu cavalo, na reviravolta, atingiu um dos outros, cujo cavaleiro caiu. Então, o homem sozinho esporeou o cavalo violentamente em direção à proteção oferecida pelo bosque. Mas não a alcançou. Os outros dois foram atrás dele; depois de um

galope curto eles o alcançaram, um de cada lado, e eu os vi arrancarem-no do cavalo e jogarem-no de joelhos. Ele tentou fugir arrastando-se, mas não teve chance. Os dois cavaleiros o cercaram, com as armas faiscando, e o terceiro, aparentemente ileso, já cavalgava para se reunir a eles, quando parou abruptamente, empinando o cavalo. Levantou um braço. Deve ter dado um aviso, pois os outros dois abandonaram a vítima e os três juntos, com o outro animal atrás, partiram a todo galope até se perderem de vista atrás das árvores, para o leste.

Eu logo vi o que os assustara. Outro grupo de cavaleiros vinha vindo da cidade. Devem ter visto o trio que se afastava, mas não levem ter visto o ataque, pois vinham a meio galope e não se apressaram. Chegaram ao local onde se encontrava o homem caído (ferido ou morto) e não diminuíram o passo. E logo também se perderam de vista atrás do bosque.

O meu cavalo, não encontrando mais pão, me mordiscou, depois afastou bruscamente a cabeça, com as orelhas para trás. Puxei-o pelo cabresto, arranquei a amarra do chão e desci com ele.

— Eu estava neste lugar certo dia, — falei com ele — quando um mensageiro do Rei veio ver-me e ordenar-me que atendesse o Rei nos seus desejos. Então eu tinha poder; achava que tinha o mundo nas mãos, brilhante e pequeno. Bem, pode ser que hoje nada tenha senão esta colina, mas aquele homem lá pode ser um mensageiro da Rainha, com a sua mensagem ainda na sacola. Com ou sem mensagem, ele precisará de ajuda se ainda estiver vivo. E eu e você, meu amigo, já estivemos ociosos por muito tempo. É hora de recomeçar a fazer.

Selei meu cavalo, em menos do dobro de tempo em que meu criado o faria, e desci para o vale. Ao chegar à estrada do moinho, virei a cabeça do animal para a direita e esporeei.

O lugar onde eu vira o cavaleiro cair era próximo à orla do bosque, onde havia muitas moitas, samambaias e arbustos e árvores esparsas. Ainda havia cheiro de cavalos no ar, junto com o odor da samambaia e da rosa-amarela pisadas, e com o fedor de vômito. Desmontei, preendi o cavalo e me meti vegetação adentro.

Ele estava deitado sobre o rosto, encolhido no lugar para onde se arrastara e desabara, com a mão presa sob o corpo, a outra estirada, agarrando um punhado de samambaia. Um jovem, pouco encorpado mas bem desenvolvido, com uns quinze anos, talvez, um pouco mais. Suas roupas, embora rasgadas e sujas e manchadas de sangue pela luta e pelos arranhões nos espinhos, eram de boa qualidade e eu vi um

brilho de prata no seu pulso e um broche de prata perto do seu ombro. Portanto, não o tinham roubado, se é que o roubo fora o motivo do ataque. A sacola, fechada, ainda estava presa ao cinto.

Não se mexeu quando me aproximei, por isso eu o imaginei sem sentidos ou morto. Mas, quando me ajoelhei ao seu lado, vi o leve movimento da sua mão apertando mais firmemente as samambaias, e compreendi que estava exausto demais ou ferido demais para se importar. Se eu fosse um dos assassinos voltando para liquidá-lo, ele ficaria ali, deitado, e não resistiria.

Falei suavemente:

— Calma, não vou machucá-lo. Fique quieto, não se mexa.

Não houve resposta. Examinei-o com cuidado, à procura de ferimentos e ossos quebrados. Ele se encolhia ao meu toque, mas não deixou escapar um som. Logo me certifiquei de que não havia ossos quebrados. Próximo à nuca havia uma inchação sanguinolenta e um dos ombros já estava ficando roxo, mas o pior me pareceu uma porção de carne amassada e sangrenta no quadril, que achei que fosse (como na realidade era) coice de cavalo.

— Vamos, — disse eu finalmente — vire-se e beba isto. Então, ele se mexeu, retraindo-se ao toque do meu braço ao

redor do seu ombro, virando-se vagarosamente. Limpei a sujeira e o vômito da sua boca e dei-lhe de beber do meu frasco; ele engoliu gulosamente, tossiu, e depois, perdendo as forças de novo, deixou-se cair contra mim, a cabeça pendendo sobre o meu peito. Quando tornei a dar-lhe de beber, afastou a cabeça. Vi que fazia força para não gritar de dor. Arrolhei o frasco e guardei-o.

— Tenho um cavalo aqui. Você vai tentar montá-lo e vou levá-lo para casa e tratar de você. — Como não respondesse, continuei: — Venha. Vamos tirá-lo daqui antes que eles voltem para terminar o que começaram.

Ele se moveu, subitamente, como se essas fossem as primeiras palavras que tivesse entendido. Vi sua mão buscar a sacola no cinto e, ao descobri-la, cair molemente. Seu corpo desabou contra o meu peito. Tinha desmaiado.

Foi melhor assim, pensei, ao deitá-lo suavemente e sair para trazer o cavalo. Não sofreria com os sacolejos da viagem e, com a ajuda dos deuses, estaria na cama e medicado antes de acordar. Ao me abaixar para erguê-lo, me detive. O seu rosto estava cheio de sujeira e do sangue dos arranhões e de um corte acima da orelha. Sob a máscara da sujeira e do sangue, a pele estava exangue e acinzentada. Cabelos

castanhos, olhos cerrados, boca flácida. Mas eu o reconheci. Era Ralf, o pajem de Ygraine, que nos deixara entrar em Tintagel naquela noite e que, juntamente com Ulfin e comigo, guardara o quarto da Duquesa até que o Rei se satisfizesse.

Abaixei-me, ergui o mensageiro da Rainha e coloquei o seu corpo, que por misericórdia estava inconsciente, sobre o meu cavalo que esperava.

4

Ralf não recuperou os sentidos durante a viagem até a gruta,^e somente depois de estar na cama, com as feridas lavadas e medicadas, é que abriu os olhos. Olhou-me por alguns momentos, sem demonstrar reconhecimento.

— Não me conhece? — perguntei. — Merlinus Ambrosius. Veja, você trouxe direitinho a sua mensagem. — Levantei o alforje, ainda lacrado. Mas os seus olhos, enevoados e fora de foco, não o viram, e ele virou a cabeça no travesseiro fazendo uma careta de dor ao sentir o ferimento na nuca. — Está bem, durma agora. Você está seguro.

Fiquei ao seu lado até que adormeceu, depois levei o alforje e o seu conteúdo até o meu assento ao sol. O lacre, como eu esperava, era o da Rainha e era eu o destinatário. Quebrei o lacre e li a carta.

Quem escrevia não era a Rainha, e sim Márcia, a avó de Ralf e confidente da Rainha. A carta era curta, mas me dizia o que eu queria saber. A Rainha estava mesmo grávida e a criança nasceria em dezembro. A Rainha, escrevia Márcia, estava feliz por estar esperando o filho do Rei, mas me culpava pela morte de seu marido Gorlois e, quando se referia a mim, fazia-o com amargura.

— Ela fala pouco, mas acredito que se lamenta em segredo, e que o seu grande amor pelo Rei seja sempre toldado pela culpa. Queira Deus que este sentimento não se estenda à criança. Quanto ao Rei, me parece zangado, embora atencioso e amoroso, com a senhora, e muitos duvidam que a criança seja dele. Ah, senhor, se eu não soubesse que ele jamais magoaria a Rainha, temeria pela criança às suas mãos. Também, Príncipe Merlin, eu lhe imploro por esta carta para pôr a seu serviço o meu neto Ralf. Temo também por ele às mãos do Rei; creio que, para ele, se o senhor o aceitar, servir a um verdadeiro príncipe é melhor do que ficar aqui com um Rei que o

considera um traidor. Ele não está seguro em Cornwall. Eu lhe imploro, senhor, deixe Ralf servi-lo agora e, depois, à criança. Pois acho que entendo do que o senhor falava quando disse à minha senhora "eu vi o fogo a queimar, e nele uma coroa, e uma espada em um altar, como uma cruz".

Ralf dormiu até a noitinha. Eu tinha acendido o fogo e feito um caldo e, quando o levei para o fundo da caverna onde ele estava, vi que estava de olhos abertos, me observando. Havia reconhecimento neles, agora, e também uma desconfiança que eu não entendia direito.

— Como se sente agora?

— Bastante bem, meu senhor. Eu... esta é a sua caverna? Como cheguei até aqui? Como o senhor me encontrou?

— Eu tinha subido a colina e de lá vi quando foi atacado. Algo assustou os homens, que fugiram, deixando você. Fui buscá-lo e o trouxe para cá no meu cavalo. Agora está me reconhecendo, não é?

— O senhor deixou crescer a barba, mas eu o teria reconhecido mesmo assim. Será que já lhe falei? Não me lembro de nada. Acho que me bateram na cabeça.

— Foi isso mesmo. Como está ela?

— Uma dor de cabeça. Mas não forte. Aqui do lado — fez uma careta — é que dói mais.

— Um dos cavalos o atingiu. Mas não foi nada sério; você logo estará bem. Sabe quem eram eles?

— Não. — Ele franziu a testa, pensando, mas reparei que o esforço o cansava, e o interrompi.

— Bem, depois nós conversaremos. Agora, coma.

— Meu senhor, a mensagem.. .

— Já está comigo. Mais tarde.

Quando voltei, ele já tinha terminado o pão e o caldo e estava com melhor aparência. Não quis mais comida, mas aceitou um pouco de vinho e a cor lhe voltou às faces. Puxei uma cadeira e sentei-me ao lado da cama.

— Está melhor?

— Estou. — Ele falava sem olhar para mim. Olhava para as mãos que, nervosas, repuxavam as cobertas à sua frente. Engoliu em seco. — Ainda não lhe agradei, meu senhor.

— Por quê? Por ter apanhado você e trazido até aqui? Era o único modo de saber as novidades que você trazia.

Ele me fitou e vi que acreditara. Compreendi então o que havia naquele olhar que me dera; tinha medo de mim. Lembrei-me daquela

noite em Tintagel, do jovem que fora tão corajoso para o Rei e tão leal para mim. Mas deixei passar... Falei:

— Você me trouxe as notícias que eu queria. Já li a carta da sua avó. Sabe o que ela escreveu sobre a Rainha?

— E sobre você?

— Sei.

Ele falou secamente e olhou para o lado, taciturno, como alguém preso injustamente e submetido a interrogatório, e que estivesse decidido a não responder. Pareceu-me que, fossem quais fossem os motivos de Márcia para mandá-lo para mim, ele próprio não tinha nenhuma vontade de ficar ao meu serviço. Do que eu deduzi que ela nada lhe contara das suas esperanças para o futuro.

— Bom, deixa estar, por enquanto. Mas me parece que alguém, seja lá quem for, quer mal a você. Se aqueles homens de hoje não eram simples assaltantes de estrada, era bom saber quem eram, e os pagou. Você não tem idéia de quem eram?

— Não — resmungou.

— É que também me interessa — disse eu mansamente. — É possível que eles queiram matar a mim também.

Isto o surpreendeu.

— Por quê?

— Se você foi atacado por vingança pelo seu papel em Tintagel, presume-se que me atacam também. Se foi atacado por causa da mensagem que trazia, quero saber o motivo. E se eram simples ladrões, o que me parece mais provável, pode ser que ainda estejam nas redondezas, e preciso avisar os soldados no quartel.

— Ah! É, eu compreendo. — Parecia desconcertado e levemente envergonhado. — Mas é verdade, senhor; não sei quem eles eram. Eu... é importante para mim também. Estive pensando, todo este tempo, mas não tenho idéia. Não me lembro de nenhuma pista. Eles não usavam emblemas; pelo menos, acho que não.. . — Franziu a testa, com esforço. — Eu teria reparado nos emblemas se eles os tivessem, não é?

— Como estavam vestidos?

— Eu... mal reparei. Túnica de couro, creio, e gorros de cota. Sem escudos, mas com espadas e punhais.

— E estavam todos a cavalo. Isto eu vi. Você os ouviu falar?

— Não que me lembre. Mal falaram, deram um ou dois gritos. Em língua inglesa, mas não sei dizer de que lugar. Não sou muito bom para sotaques.

— Nada havia que pudesse identificá-los como homens do Rei? Isto foi demais para ele. Ficou escarlate, mas respondeu francamente:

— Nada. Mas, seria provável?

— Creio que não — respondi. — Mas os reis são uma raça estranha, principalmente quando têm a consciência pesada. Seriam de Cornwall?

O rubor cedera, deixando-o ainda mais branco do que antes. Seus olhos estavam tristes e sombrios. Era isto que lhe doía; era este pensamento que o perseguia.

— Homens do Duque, o senhor quer dizer?

— Contaram-me, antes que eu deixasse Dimilioc, que o Rei iria ratificar o jovem Cador como Duque de Cornwall. Este homem, Ralf, nunca morrerá de amores por você. Não levará em consideração que você era o servo da Duquesa, obrigado a obedecê-la. Ele está cheio de ódio, que pode levá-lo à vingança. E nem poderemos culpá-lo.

Ele pareceu um pouco surpreso, mas logo ficou à vontade devido à minha franqueza. Tentou falar do mesmo modo:

— Poderiam ter sido homens de Cador, suponho. Mas nada havia que o indicasse. Talvez eu me lembre de alguma coisa. —

Fez uma pausa. — Mas, se Cador pretendia matar-me, poderia tê-lo feito em Cornwall. Por que vir até aqui? Para seguir-me até o senhor? Deve odiá-lo tanto quanto a mim.

— Muito mais — falei. — Mas, se ele pretendesse me matar; saberia onde me encontrar; o mundo inteiro sabe. E já teria vindo antes.

Olhou-me com ar de dúvida. Depois achou uma explicação para a minha aparente falta de medo.

— Suponho que ninguém viria até aqui, com medo da sua mágica.

— É bom pensar que sim — concordei. Não havia necessidade de contar-lhe que as minhas defesas estavam bem baixas. — Bem, por ora, chega. Descanse de novo e você se sentirá melhor amanhã. Será que consegue dormir? Está sentindo dor?

— Não — respondeu mentirosamente. Não admitiria esta fraqueza para mim. Senti-lhe o pulso. Estava firme e forte. Deixei cair o pulso e disse:

— Você vai viver. Pode me chamar durante a noite, se precisar. Boa noite.

Ralf não se lembrou de mais nada, no dia seguinte, que pudesse dar uma pista da identidade dos seus atacantes, e eu me abstive, por alguns dias, de interrogá-lo mais sobre o conteúdo da carta de Márcia. Certa noite, quando achei que estava melhor, eu o chamei. Tinha sido um dia úmido, e a noite estava fria, por isso eu tinha acendido o fogo e estava sentado ao pé dele com o meu jantar.

— Ralf, traga a sua tigela e venha comer aqui perto de mim, onde está quente. Quero falar-lhe.

Ele veio, obediente. Tinha remendado e limpo suas roupas, e, agora, com boa cor e com os cortes e pisaduras desaparecendo, estava bem disposto, embora ainda mancasse por causa do ferimento no quadril e permanecesse silencioso e desconfiado. Veio mancando e sentou-se onde eu mandara.

— Você disse que sabia o que mais havia na carta da sua avó, além das notícias da Rainha? — perguntei. — Disse.

— Então sabe que ela o mandou para o meu serviço por temer a ira do Rei. O Rei já lhe deu algum motivo para temê-lo?

Fez que não com a cabeça. Não me olhava nos olhos.

— Para temê-lo, não. Mas quando veio o aviso de um desembarque saxão na costa sul, e pedi para ir com os seus homens, ele negou. — Sua voz estava sombria e furiosa. — Levou todos os outros que lutaram contra ele em Dimilioc. Mas eu, que o ajudei, ele despachou.

Olhei pensativo para a cabeça abaixada, para o rosto virado. "Então era esta a razão da sua atitude para comigo, do ressentimento de raiva. Ele apenas enxergava que, por ter ajudado a mim e ao Rei, perdera a sua posição junto à Duquesa; pior, incorrera na ira do Duque, estava em desgraça como súdito, fora banido do seu lar para realizar serviços que desprezava.

— Sua avó pouco me diz, a não ser que ela acha melhor para você seguir carreira fora de Cornwall. Deixemos isso de lado por um momento; você não vai fazer nada até a sua perna sarar. Mas, diga-me: o Rei alguma vez lhe falou diretamente sobre a noite da morte de Gorlois?

Fez uma pausa tão longa que pensei que não fosse responder.

Então, disse:

— Falou. Ele me disse que eu o servira bem e . . . me agradeceu. Ofereceu-me uma recompensa. Eu disse que não, que o serviço já era recompensa suficiente. Ele não gostou. Queria me dar dinheiro, ficar

quite e esquecer tudo. Aí falou que eu não poderia mais servir nem a ele nem à Rainha. Que, ao servi-lo, eu atraíçara o meu amo, o Duque, e que um homem que atraíçoa um amo pode muito bem atraíçar o outro.

— E daí? — perguntei. — Isso é tudo?

— Tudo? — Levantou violentamente a cabeça. Olhou-me com surpresa e desprezo. — Tudo? Um insulto como esse? E o senhor sabe que era mentira! Eu era servo da minha senhora, não do Duque de Gorlois. Não atraíçoei o Duque!

— Claro que foi um insulto. Você não pode esperar que o Rei seja justo, quando ele próprio está se sentindo um Judas. Ele tem que pôr a culpa nas costas de outros, que somos eu e você. Mas não creio que seja realmente perigoso para você. Até mesmo uma avó devotada não pode considerar isto uma ameaça.

— Quem estava falando em ameaças? — perguntou Ralf com veemência. — Não vim por estar com medo! Alguém tinha de trazer a mensagem, e o senhor mesmo viu que não era seguro!

Não era o tom de voz de um criado. Dissimulei o meu divertimento e falei com suavidade: — Não banque o galinho bravo comigo. Ninguém duvida da sua coragem. Nem o Rei. Agora, fale sobre este desembarque saxão. Onde foi? O que aconteceu? Há mais de um mês que não tenho notícias do sul.

Logo ele me respondeu, educadamente:

— Foi em maio. Desembarcaram ao sul de Vindocladia. Ali há uma baía profunda a que dão o nome de Baía do Oleiro. Não me lembro do seu nome verdadeiro. Bem, fica fora do território federado, em Dumnonia, o que é contra todos os acordos que os Federados fizeram. O senhor deve saber.

Concordei. É difícil lembrar agora, escrevendo sobre o passado, sobre a época de Uther, que hoje os homens mal recordam o nome de Federado. Os primeiros Federados Saxões foram os seguidores de Hengist e Horsa, mercenários chamados pelo Rei Vortigern para ajudá-lo a se estabelecer no seu trono usurpado. Quando a luta terminou e os príncipes de direito, Ambrósio e Uther, tiveram que fugir para a Bretanha, o usurpador Vortigern quis despachar os seus mercenários Saxões; mas eles se recusaram a partir, exigindo território para colonizar e prometendo que, como colonizadores federados, lutariam como aliados ao lado de Vortigern. Então, em parte porque não ousava negar, em parte porque previa que ainda precisaria deles, Vortigern deu-lhes as terras da costa, ao sul, de Rutupiae e Vindocla-

dia, o pedaço chamado a Praia Saxã. Na época dos romanos tinha este nome por ser o local da maioria dos desembarques saxões; já à época de Uther, o nome adquirira um significado mais verdadeiro e lamentável. Num dia claro, dava para se ver a fumaça saxã do muro de Londres.

Desta base, e de bases semelhantes a noroeste, tinham partido os novos ataques quando meu pai era Rei. Ele matara Hengist e o irmão, e expulsara os invasores, alguns para o norte, para as terras selvagens para além do Muro de Adriano, e outros para detrás das suas antigas fronteiras, e os forçara a assinar um tratado. Mas um tratado com um saxão é como escrita na água. Ambrósio, sem confiar nas fronteiras demarcadas, levantou um muro para proteger as terras ricas que corriam paralelas à Praia Saxã. Até a sua morte, o tratado (ou o muro) os segurara; tampouco eles participaram abertamente dos ataques que vinham do norte, nos primeiros dias do reinado de Uther; mas era inquietante tê-los como vizinhos: davam uma cabeça de praia para qualquer navio errante, e a Praia Saxã estava cada vez mais apinhada, fazendo o muro de Ambrósio parecer uma frágil proteção. E ao longo de toda a costa leste, chegavam invasores do Mar Alemão, uns para pilhar, violentar e voltar ao mar, outros para pilhar, violentar e ficar, comprando ou extorquindo novos territórios dos reis locais.

Era um ataque destes que Ralf estava me descrevendo.

— Bem, é claro que os Federados violaram o acordo. Uma esquadra nova, com trinta navios, desembarcou na Baía do Oleiro, bem a oeste da fronteira, e os Federados os receberam e ainda os ajudaram. Estabeleceram uma cabeça de praia próxima à foz do rio começaram a avançar em direção a Vindocladia. Acho que se chegassem à Colina Badon... o que foi?

Ele se interrompeu, olhando para mim. Mudara de cor. Havia assombro no seu rosto, e uma ponta de medo.

— Nada — retruquei. — Pensei ter ouvido algo lá fora, mas foi só o vento.

Ele falou, devagar:

— Por um momento o senhor ficou como aquela noite em Tintagel, quando disse que o ar estava cheio de mágica. Seus olhos ficaram esquisitos, escuros e velados, como se o senhor estivesse vendo alguma coisa para além do fogo. — Hesitou: — Foi uma profecia?

— Não. Eu nada vi. Ouvi um barulho como o de cavalos galopando. Devem ter sido os gansos selvagens voando. Se foi profecia, aparecerá de novo. Continue. Você falava da Colina Badon.

— Bem, os saxões não deviam saber que o Rei Uther estava em Cornwall com todo o efetivo que trouxe para lutar contra o Duque Gorlois. Ele reuniu o exército, pediu a ajuda dos dumnonianos e foi rechaçar os saxões. — Fez uma pausa, comprimindo os lábios, «depois completou: — Cador foi com ele.

— Ah, foi? — Fiquei pensativo. — Você não soube do que houve entre eles?

— Só soube que ouviram Cador dizer que, já que ele não poderia defender a sua parte da Dumnonia sozinho, ele lutaria ao lado do próprio Demônio, contanto que os saxões fossem expulsos da costa.

— Parece-me um rapaz sensato.

Ralf, ainda ofendido, não estava escutando. — Ele, na verdade, não se reconciliou com Uther...

— É o que parece.

— ..mas marchou com ele! E eu não pude! Fui a ele e à minha •senhora, implorei para ir, mas ele não me levou!

— Ora, — falei — ele não podia.

Isto o fez parar. Ficou me olhando, pronto para se zangar de novo. — O que quer dizer? Se o senhor me considera um traidor. . .

— Você tem a mesma idade que Cador, não é? Então procure demonstrar o mesmo senso comum. Pense. Se Cador foi lutar ao lado do Rei, este, para seu próprio bem, não podia levar você. A consciência de Uther o incomoda quando ele olha para você, mas Cador considera você uma das causas da morte do pai. Acredita que ele toleraria a sua presença, por mais que precisasse do Rei e das suas legiões? Compreende agora por que não o levaram e, depois, o mandaram para mim?

Ele ficou calado. Falei com gentileza:

— O que passou, passou, Ralf. Só as crianças esperam que a vida seja justa; os homens têm de agüentar as conseqüências dos seus atos. Como nós dois teremos, você verá. Considere isto tudo águas passadas e aceite o que os deuses mandarem. A sua vida não acabou porque você teve que deixar a corte, ou mesmo porque você teve que deixar Cornwall.

Fez-se um silêncio maior. Então, ele apanhou as nossas duas tigelas vazias e ficou de pé.

— É, eu compreendo. Bem, já que por ora não posso fazer quase nada, ficarei aqui e o servirei. Mas não porque tenha medo do Rei, ou porque a minha avó quer me tirar do caminho do Duque Cador. É porque eu quero. E porque — engoliu em seco — acho que devo isto ao senhor. — O seu tom de voz não era nem agradecido nem conciliatório. Estava ali, ereto como um soldado, segurando as tigelas de encontro às costelas.

— Então comece a pagar a sua dívida e vá lavar a louça do jantar — falei afavelmente, e apanhei um livro.

Ele hesitou um pouco, mas não ergui os olhos e nem falei mais nada. Sem mais uma palavra, ele foi apanhar água na fonte lá fora.

Os ferimentos dos jovens saram depressa, e Ralf logo estava ativo de novo, insistindo que já não precisava de médico. A ferida no quadril, contudo, deu algum trabalho e deixou-o mancando por uma ou duas semanas.

Ao "querer" ficar comigo, ele tirara proveito de uma situação adversa, já que, de qualquer modo, ele estava preso à gruta pelo seu ferimento e pela falta do cavalo; mas me servia bem, dominando o ressentimento que porventura sentisse em relação a mim ou à sua nova situação. Ainda ficava silencioso, mas isto me agradava, e eu cuidava calmamente da minha vida enquanto Ralf se adaptava à minha maneira de ser, e nós dois nos dávamos razoavelmente bem. Não importa o que ele pensasse dos meus alojamentos na gruta, ou das tarefas domésticas que fazíamos os dois, ainda assim deixava bem claro que era um pajem servindo a um príncipe. Nos dias que se seguiram eu me vi aliviado, pouco a pouco, das tarefas a que me acostumara; sobrava-me tempo para estudar, para estocar os meus remédios, até para compor. No começo era estranho, depois reconfortante, estar desperto à noite e ouvir a respiração tranqüila do rapaz, do outro lado da caverna; logo percebi que estava dormindo melhor; os pesadelos desapareciam, a força e a tranqüilidade voltavam; e, se o poder ainda me fugia, eu já não desesperava da sua volta. Cada noite eu dormia do crepúsculo até o alvorecer, um sono profundo, e acordava tranqüilo para outro dia de espera.

Quanto a Ralf, embora ainda angustiado com o seu exílio, para o qual não via fim, foi sempre cortês, e, com o passar do tempo,

aceitou o seu banimento com elegância, e ou perdeu ou dissimulou sua tristeza numa espécie de satisfação.

E assim passaram-se as semanas, e os campos do vale ficaram prontos para a colheita, e a mensagem chegou afinal de Tintagel. Certa noite de agosto, pelo crepúsculo, um mensageiro veio esporeando vale acima. Ralf não estava comigo. Eu o tinha mandado, à tarde, para a cabana do outro lado da colina, onde o pastor Abba morava durante o verão; eu estava tratando do filho de Abba, Ban, que era meio retardado, de um pé infeccionado; ele já estava quase bom, mas ainda necessitava de unguentos.

Fui ao encontro do mensageiro. Ele desmontara já embaixo, e agora escalava o penhasco até a gruta. Era um homem moço, garboso e vivaz, e seu cavalo estava descansado. Deduzi, então, que a mensagem não era urgente; ele viera com calma e a passo. Eu o vi avaliar num rápido olhar a minha túnica rasgada e o meu manto gasto, mas tirou o gorro e dobrou um joelho. A saudação seria para o feiticeiro ou para o filho do Rei?

— Meu senhor Merlin.

— Seja bem-vindo. De Tintagel?

— Sim, senhor. Da parte da Rainha. — Lançou-me um olhar rápido. — Vim sem o conhecimento do Rei.

— Foi o que imaginei, já que não está usando a insígnia da Rainha. Levante-se, homem. A grama está úmida. Já jantou?

Ficou surpreso. Imagino que não era desse modo que a maioria dos príncipes recebia os seus mensageiros.

— Não, senhor, mas já reservei jantar na estalagem.

— Então, aproveite-o porque será bem melhor do que o que comeria aqui. Pois bem, o que o traz aqui? Trouxe carta da Rainha?

— Carta? Não, senhor, só o recado que a Rainha deseja vê-lo.

— Agora? — indaguei vivamente. — Há algo errado com ela ou com a criança que espera?

— Nada. Os médicos e as mulheres dizem que vai tudo bem. Mas, — baixou os olhos — parece que ela tem uma preocupação que quer discutir com o senhor. O mais cedo possível.

— Compreendo. — Com a voz tão neutra quanto a dele, perguntei: — Onde está o Rei?

— O Rei planeja deixar Tintagel na segunda semana de setembro.

— Então, depois disto, qualquer época será "possível" para a minha visita à Rainha.

Foi franqueza demais para ele. Lançou-me um olhar, depois voltou a olhar para o chão.

— A Rainha terá prazer em recebê-lo, então. Ela me ordenou que tomasse todas as providências. O senhor deve compreender que não pode ser recebido às claras no castelo de Tintagel. — Falou com sinceridade: — O senhor sabe que muitas mãos em Cornwall podem erguer-se contra o senhor. Talvez fosse melhor ir disfarçado.

Coei o queixo.

— Já estou um tanto disfarçado. Não se preocupe, eu entendi; serei discreto. Mas precisa contar-me mais. Que razões ela deu para me chamar?

— Nenhuma, meu senhor.

— E você não ouviu nada... mexericos das mulheres, ou coisas assim?

Fez que não com a cabeça e, vendo a minha expressão, acrescentou :

— Senhor, ela tinha urgência. Ela não disse, mas deve ser sobre a criança; que outro motivo haveria?

— Se é assim, irei. — Ele estava chocado. Abaixou novamente os olhos, enquanto eu dizia vivamente: — Bem, o que esperava? Eu não sirvo à Rainha. Tampouco ao Rei. Não precisa ficar com medo.

— A quem serve, então?

— A mim mesmo e a Deus. Mas, pode voltar e dizer à Rainha que irei. Que preparativos fez para mim?

Ficou aliviado por estar pisando em terreno conhecido.

— Há uma pequena estalagem junto ao Rio Camelo, no vale, a cerca de cinco milhas de Tintagel. O dono chama-se Caw. Ele é cornualês, mas sua mulher Maeve foi serva da Rainha, e ele nada dirá. Pode ficar lá sem medo. Eles o estão esperando. O senhor pode mandar recados para Tintagel, se quiser, por um dos filhos de Maeve... não será prudente acercar-se do castelo antes que a Rainha o chame. Quanto à viagem, em meados de setembro o tempo é bom e o mar, geralmente, está calmo.. .

— Se está aconselhando-me a ir por mar, perde seu tempo — falei. — Nunca ninguém lhe disse que os feiticeiros não podem cruzar as águas? Pelo menos, não com conforto. Fico enjoado só de cruzar o Rio Severa por balsa. Não, vou por terra.

— Mas a estrada principal passa pelo quartel de Caerleon. O senhor pode ser reconhecido. E a ponte em Glevum é guarnecida pelos homens do Rei.

— Está certo, vou pelo rio, mas que seja uma travessia curta. — Sabia que ele tinha razão. Ir pela estrada principal, passando por Caerleon e pela Ponte de Glevum, mesmo que não fosse descoberto, acrescentaria vários dias à minha viagem. — Evitarei a estrada militar. Há um bom caminho pela costa que atravessa Nidum; irei por aí, se você puder me arranjar um barco na foz do Rio Ely.

— Pois não, meu senhor. — E assim ficou decidido. Eu iria do Ely para a foz do Uxella, na terra dos Dumnonii, e, daí, para sudoeste, pelas trilhas, evitando as estradas onde pudesse encontrar as tropas de Uther ou os homens de Cador.

— O senhor conhece o caminho? — perguntou-me. — No trecho final, é claro, Ralf o guiará.

— Ralf não estará comigo. Mas darei um jeito. Já estive naquela região, e tenho boca para perguntar.

— Providenciarei cavalos...

— É melhor não — retruquei. — Nós não concordamos que eu deveria estar disfarçado? Usarei um disfarce que já me serviu antes. Serei um médico de olhos ambulante, e um sujeito humilde como este não terá muda de cavalos. Não tenha medo, estarei seguro, e quando a Rainha precisar de mim, lá estarei.

E'e se satisfez, e por um longo tempo ficou respondendo às minhas perguntas e contando-me todas as novidades. A expedição punitiva do Rei contra os invasores da costa tinha sido coroada de sucesso, e os recém-chegados foram rechaçados para dentro dos limites estabelecidos dos saxões federados do Oeste. Ao sul, tudo estava calmo. Do norte chegavam rumores de luta mais intensa onde os invasores anglicanos, da Alemanha, haviam cruzado a costa próximo ao Rio Alaunus, na terra do Votadini. Esta é a região que nós, de Dyfed, chamamos de Manau Guotodin, e foi daí que veio o grande Rei Cunedda, convidado há um século pelo Imperador Máximo para expulsar os irlandeses de Gates do Norte, e para estabelecer-se ali como aliado das Águias Imperiais. Suponho que estes tenham sido os primeiros federados; expulsaram os irlandeses e permaneceram em Gales do Norte, a que chamaram de Gwynedd. Ainda estava em poder de um descendente de Cunedda; Maelgon, um rei forte e um bom guerreiro, como era necessário ser para seguir as pegadas do grande Magnus Maximus.

Outro descendente de Cunedda dominava a região Votadini; um rei moço, Lot, tão feroz e bom guerreiro quanto Maelgon; a sua fortaleza ficava próxima à costa sul de Caer Eiddyn, no centro do seu

reino de Lothian. Ele enfrentara e vencera o último ataque dos anglos. Ambrósio dera-lhe o comando na esperança de que, com ele, os reis do norte (Gwalawg de Elmet, Urien de Gore, os chefes de Strathclyde, o Rei Coei de Rheged) formassem uma muralha forte ao norte e a leste. Mas dizia-se que Lot era ambicioso e rixento; e Strathclyde já tivera nove filhos (que lutavam como tigres pelas partes do território) e alegremente continuava a ter mais; Urien de Gore casara-se com a irmã de Lot e ficaria firme, mas, talvez, demais à sombra de Lot. O mais forte de todos era, desde o tempo de meu pai, Coei de Rheged, que dominava, com mão leve, os chefes e condes do seu reino e que os reunia, fielmente, ante a menor ameaça à soberania do Alto Reino.

Agora, contava-me o mensageiro da Rainha, o Rei de Rheged, com Ector de Galava e Ban de Benoic, juntara-se a Lot e Urien para defender o norte e, pelo menos por enquanto, tinham-no conseguido. No todo, as notícias eram alvissareiras. A colheita tinha sido boa em toda parte, portanto a fome não traria mais saxões até que o inverno fechasse os caminhos marítimos. Teríamos paz por algum tempo; tempo suficiente para Uther contornar as insatisfações causadas pela sua rixa com Cornwall e pelo seu casamento, para ratificar as alianças que Ambrósio fizera e para fortalecer e aumentar o seu sistema de defesas.

Afinal, o mensageiro se foi. Não escrevi cartas, mas mandei notícias de Ralf para sua avó, mandei avisar à Rainha de que iria, e agradei-lhe pelo dinheiro que ela me enviara para a jornada. O moço desceu alegremente para o vale, para o bom jantar e a boa companhia que o aguardavam na estalagem. Agora, cabia-me contar a Ralf.

Foi mais difícil do que eu esperava. O seu rosto iluminou-se quando lhe falei do mensageiro, e pôs-se a procurá-lo avidamente, ficando muito desapontado quando soube que já se fora. Recebeu impacientemente os recados da avó, mas encheu-me de perguntas sobre a luta ao sul de Vindocladia, ouvindo com tanta avidez as minhas respostas, que era óbvio que a sua inatividade forçada em Maridunum aborrecia-o muito mais do que demonstrara. Quando lhe contei sobre a convocação da Rainha, ele ficou animado como eu nunca o vira desde que viera ficar comigo.

— Quanto tempo até partirmos?

— Eu não disse que "nós" partiríamos. Irei sozinho.

— Sozinho? — Era como se lhe tivesse batido. O sangue subiu-lhe às faces e ficou a me olhar de boca aberta. Afinal, disse com voz abafada: — O senhor não pode estar falando sério. Não pode.

— Não estou sendo arbitrário, creia-me. Gostaria de levá-lo, mas você está vendo que não é possível.

— Por que não? O senhor sabe que aqui tudo ficará bem; o senhor já viajou antes. E não pode viajar sozinho. Como se arranjará?

— Meu caro Ralf, não seria a primeira vez.

— Está certo, mas não pode negar que eu o servi bem desde que cheguei, então por que não me levar? O senhor não pode voltar para Tintagel.. . para onde as coisas estão acontecendo... e me deixar aqui! Eu lhe estou avisando... — respirou fundo, os olhos brilhando, toda sua cortesia desmoronando — ..eu lhe estou avisando, meu lorde, se for sem mim, quando voltar não me encontrará aqui!

Esprei um pouco, depois disse suavemente:

— Tenha juízo, rapaz. Então não está vendo por que não posso levá-lo? A situação quase não mudou desde que você deixou Cornwall. Sabe o que aconteceria se algum dos homens de Cador o visse, e todos o conhecem lá por Tintagel. Você seria visto, e a notícia se espalharia.

— Eu sei. Mas o senhor ainda pensa que eu tenho medo de Cador? Ou do Rei?

— Não. Mas é tolice procurar o perigo desnecessariamente. E o mensageiro acreditava que ainda há perigo.

— E o senhor? Não vai estar em perigo também?

— É provável. Terei que ir disfarçado. Por que acha que deixei a barba crescer?

— Não sabia. Nem pensei. Então o senhor estava esperando que a Rainha o chamasse?

— Não esperava esta convocação — admiti. — Mas sabia que, pelo Natal, quando a criança nascer, eu terei que estar lá.

Fitou-me.

— Por quê?

Olhei-o por um momento. Estava de pé perto da entrada da gruta, contra o pôr-do-sol, como quando voltara da sua viagem à cabana do pastor do outro lado da colina. Ainda agarrava a cesta em que levava ungüentos, e que agora continha um pacote pequeno embrulhado num pano limpo. A mulher do pastor, que morava no vale ao lado, mandava pão toda semana para o marido; 3 Abba sempre mandava um pouco para mim. As mãos do rapaz estavam brancas nas alças da cesta. Estava tenso, zangado e inquieto como um cachorro preso pelas correias. Ali eu pressentia algo mais do que simples saudades de casa ou desapontamento por perder uma aventura.

— Pelo amor de Deus, — falei — ponha esta cesta no chão e entre. Isso. Agora, sente-se. Já é tempo de nós dois termos uma conversa. Quando aceitei os seus serviços, não foi porque quisesse alguém para lavar as panelas ou para trazer os presentes da mulher *de* Abba. Embora eu esteja satisfeito com a minha vida aqui em Bryn Myrddin, não sou tão tolo a ponto de pensar que ela satisfizesse você. . . nem por pouco tempo. Nós estamos esperando, Ralf, só isto. Ambos escapamos do perigo e curamos as nossas feridas, e agora só nos resta esperar.

— Pelo parto da Rainha? Por quê?

— Porque, tão logo nasça, o filho da Rainha será entregue aos meus cuidados.

Ficou calado por um minuto inteiro antes de perguntar, intrigado:

— E minha avó sabe disso?

— Acho que ela suspeita que o futuro da criança está nas minhas mãos. Quando falei pela última vez com o Rei, naquela noite em Tintagel, ele me disse que não reconheceria a criança que nascesse. Acho que é por este motivo que a Rainha mandou chamar-me.

— Mas. . . não reconhecer o seu filho mais velho? Quer dizer que vai mandá-lo embora? E a Rainha concordará? Um bebê... mas não o mandariam para o senhor! Como iria tomar conta dele? E como pode saber que será menino?

— Porque tive uma visão, Ralf, lá em Tintagel. Depois que você nos deixou entrar pelo portão traseiro, enquanto o Rei estava com Ygraine, e Ulfin guardava a porta do quarto, você jogava dados com o porteiro, próximo ao portão. Lembra-se?

— Como poderia esquecer? Pensei que aquela noite nunca terminasse!

Não lhe contei que ela ainda não terminara. Sorri.

— Acho que senti o mesmo enquanto esperava, sozinho, no quarto da guarda. Foi então que eu vi — mostraram-me — por que Deus me ordenara que fizesse o que eu fiz. Mostraram-me que as minhas profecias eram, realmente, verdadeiras. Ouvi um ruído nas escadas e saí até o patamar. E vi Márcia, sua avó, descendo as escadas, vindo do quarto da Rainha, carregando uma criança. E embora fosse em março, senti o frio do inverno, e vi as escadas e as sombras através do seu corpo, e soube que era uma visão. Ela colocou a criança nos meus braços e falou: "Tome conta dele". Ela chorava. Então, ela, a criança e o frio do inverno desapareceram, foi uma imagem

verdadeira, Ralf. Em dezembro eu estarei lá, esperando, e Márcia entregará o filho da Rainha aos meus cuidados.

Ficou calado por longo tempo. Estava assombrado pela visão. Mas, depois, muito prático, perguntou:

— E eu? Como é que entro nisso? Foi por isso que minha avó mandou-me ficar com o senhor e servi-lo?

— Foi. Ela não vê futuro para você ao lado do Rei. Quer que fique bem perto de seu filho.

— Um bebê? — Ele estava horrorizado, e nem um pouco lisonjeado. — Quer dizer que, se o Rei não reconhecer a criança, o senhor terá que tomar conta dela? Não entendo... ora, compreendo por que minha avó se preocupa, e o senhor também; mas por que me meter nisso? Que futuro ela vê para mim em tomar conta de um bastardo de rei, que nem será reconhecido?

— Um bastardo de rei, não — respondi. — Um rei. Ouvia-se apenas o barulho do fogo. Eu não falara com veemência, mas com certeza absoluta. Ele estava de boca aberta, abalado.

— Ralf, você veio para mim com raiva, ficou por dever, mas, serviu-me bem, e fielmente. Você não apareceu na visão, e não sei se a sua vinda, ou os ferimentos que o fizeram ficar, fazem parte do plano de Deus; desde a morte de Gorlois que não recebo mensagens dos deuses. Só sei que, após estas últimas semanas, não escolheria nenhum outro para me ajudar. Não com a espécie de serviço que você tem-me prestado; com a chegada do inverno, não precisarei de um criado, mas de um guerreiro que seja leal, não a mim ou à Rainha, mas ao próximo Grande Rei.

Ele gaguejava, pálido:

— Eu não tinha idéia. Eu pensei... eu pensei...

— Que estava numa espécie de exílio? De certa forma, eu estava também. Eu lhe disse que era tempo de espera. — Olhei para as minhas mãos. Já estava escuro lá fora; o sol se pusera e anoitecia. — Nem eu sei exatamente o que teremos pela frente, exceto perigo e perda e traição, e no final, alguma glória.

Ralf não se mexeu até que eu deixasse os meus pensamentos e sorrisse para ele.

— Agora entende que não duvido da sua coragem?

— Sim. Desculpe-me pelo que falei. — Esperou um pouco, observando-me, depois perguntou: — Mas o senhor não sabe, com certeza, por que a Rainha mandou chamá-lo agora?

— Não.

Inclinou-se para a frente, as mãos sobre os joelhos.

— Mas, como sabe que a sua visão do nascimento é verdadeira, sabe também que irá a Cornwall e voltará em segurança, não é?

— Pode-se dizer que sim.

— Então, se a sua mágica é sempre verdadeira, não será porque eu vou junto para protegê-lo que o senhor fará a viagem em segurança?

Achei graça.

— Suponho que seja virtude, num guerreiro, nunca admitir a derrota. Mas, entenda, levar você seria correr dois riscos, em vez de um. Por sentir que estarei seguro, isto não quer dizer que você também esteja.

— Se o senhor pode disfarçar-se, eu também posso. Mesmo se for de mendigo, dormindo nas fossas... não importa o perigo.. . — Engoliu em seco, parecendo, de repente, muito jovem. — E que lhe importa se for arriscado para mim? O senhor estará seguro, como já me disse. Então a minha presença não lhe trará perigo, e é isto que importa. Deixe-me enfrentar os meus próprios riscos, por favor!

Sua voz sumiu. Novamente, apenas o barulho do fogo. Houve um tempo, pensei, não sem amargura, em que bastaria que eu olhasse para as chamas para encontrar ali a resposta. Estaria ele seguro? Ou teria eu de carregar o peso de mais uma morte? Mas a luz do fogo mostrava-me apenas um rapaz que queria tornar-se adulto. Uther já o impedira; minha consciência não me deixava fazer o mesmo.

Afinal, falei pesadamente:

— Já lhe disse, uma vez, que os homens têm que sustentar os seus próprios atos. Suponho, portanto, que não tenho o direito de impedi-lo. Está bem, você pode ir... Não, não me agradeça. Você estará detestando-me quando tivermos terminado. Será uma viagem um bocado desconfortável, e, antes de partirmos, você terá serviço, que não lhe agrada.

— Já estou acostumado. — Ele riu. Estava radiante, excitado a alegria de que me recordava de volta ao seu rosto. — Mas, não. está querendo dizer que vai ensinar-me mágica!

— Não. Mas terei que ensinar-lhe um pouco de medicina, quer você goste ou não. Serei um médico de olhos viajante; vale por um bom passaporte e dá para pagar a viagem, facilmente, sem usar o ouro da Rainha, que levantaria suspeitas. Você será o meu assistente, e terá que aprender a lidar com os ungüentos.

Deu um sorriso largo.

— Bem, já que é preciso. . . Mas, coitados dos pacientes! O senhor sabe que não distingo uma erva da outra.

— Não tema, você não as pegará; eu selecionarei as plantas. Você apenas as preparará.

— E, se os homens de Cador demonstrarem reconhecer-nos, experimente os meus ungüentos neles — disse animadamente. — Vai ser fácil como mágica! O eficiente assistente do doutor os deixará cegos...

6

Chegamos à estalagem em Camelford dois dias antes do meio de setembro.

O Vale Camel é serpenteante, com margens íngremes cobertas de árvores. A última parte da viagem foi feita pela trilha que acompanhava o rio. As árvores eram muito juntas, e o atalho que seguíamos era como que acolchoado de musgo e de pequenas samambaias verde-escuras, tanto que os cascos dos nossos cavalos não faziam ruído. Ao nosso lado, o rio descia por entre grandes pedras de granito que brilhavam ao sol. À nossa volta e por cima de nós, os carvalhos e as faias estavam ficando amarelos, e os cavalos amassavam com as patas as bolotas entre as folhas mortas. Nozes amadureciam nas moitas; os salgueiros largavam folhas cor de âmbar nos baixios; e, por onde o sol furasse os ramos, ele luzia nas teias de aranha pesadas de orvalho.

A nossa viagem fora tranqüila. Uma vez passado Severn, e o perigo constante de sermos reconhecidos, cavalgáramos a passo e em belos cenários. O tempo, como é costume em setembro, estava quente e claro, mas com o ar revigorante, o que tornava o cavalgar um prazer. Ralf estivera sempre de ótima disposição, apesar das roupas inferiores, do cavalo de segunda (comprado com parte do ouro da Rainha) e do trabalho que fazia preparando os líquidos e pomadas que nos ajudavam a pagar as despesas da viagem. Só nos interrogaram uma vez, quando encontramos uma tropa dos homens do Rei próximo à Ponta de Hércules. Uther ainda conservava guarnecido o velho acampamento romano que havia ali, e, por puro azar, demos de cara com um grupo de reconhecimento que retornava ao acampamento pela mesma trilha que nós. Levaram-nos para o acampamento e interrogaram-nos, mas era simples rotina, pois, após um olhar superficial à nossa bagagem, a minha história foi aceita. Mandaram-

nos embora com os nossos frascos cheios do vinho do "rancho", e, ainda, com uma moeda de cobre da venda de uma pomada a um soldado que estava de folga.

Achei interessante a vigilância dos soldados e gostaria de ter podido saber mais a respeito do estado de coisas no norte. Mas, se tivesse feito perguntas, teria atraído para mim uma atenção que não desejava. Logo eu saberia tudo que queria, da boca da própria Rainha.

— Viu alguém que conhecia? — perguntei a Ralf, enquanto nos afastávamos da entrada do acampamento, cavalgando a meio galope pelas charnecas.

— Não. E o senhor?

— Conheci o oficial, há alguns anos. Chama-se Priscus. Mas ele não deu mostras de ter-me reconhecido.

— Eu próprio não o teria reconhecido — comentou Ralf. — E não é só a barba. É o jeito de andar, de falar, tudo. É como aquela vez em Tintagel, quando o senhor se disfarçou em capitão do Duque. Eu o conhecera a vida toda, e juraria que o senhor era ele. É por isso que o povo fala em magia. Eu também pensei que fosse.

— Isto é mais fácil — expliquei. — Se você está com os instrumentos de uma profissão, os homens atêm-se a ela, e não prestam muita atenção a você.

Eu realmente não dera muita importância ao disfarce. Comprara um manto novo, marrom, com um capuz que me escondia o rosto, e falava celta com sotaque da Bretanha. É um idioma parecido com o de Cornwall e seria compreendido aonde quer que fôssemos. Isto, juntamente com a barba e a minha atitude humilde de comerciante, faria com que somente os muito íntimos me reconhecessem. Nada faria com que me separasse do broche que meu pai me dera, com o criptograma real do Dragão Vermelho em ouro, mas eu o preendi por dentro da túnica, e ameaçara Ralf com os piores destinos existentes nos Nove Livros de Mágica se ele me tratasse por "meu senhor", mesmo em particular.

Chegamos a Camelford ao anoitecer. A estalagem era uma construção achatada, de pedra revestida, que ficava na junção da estrada da costa com o vau do rio. Ela se situava no cimo da margem, acima do nível de inundação. Ralf e eu, aproximando-nos pela trilha que acompanhava o rio, demos com ela pelos fundos. Parecia um lugar agradável e limpo. Alguém pintara as pedras de vermelho-ocre, da mesma cor da terra rica do local, e aves gordas ciscavam nos montes no limiar de um quintal varrido. Um cachorro acorrentado

dormitava à sombra de uma amoreira carregada. Uma pilha de lenha estava empilhada junto ao estábulo e o estêreo estava a alguns metros de distância da porta dos fundos.

Calhamos de encontrar a estalajadeira, que estava nos fundos, recolhendo, junto com uma criada, a roupa de cama que arejava ao sol. À nossa chegada o cachorro correu até onde lhe permitia a corrente, latindo. A mulher olhou para nós, com a mão por sobre os olhos, por causa da luz.

Ela era moça, corpulenta e de aparência vigorosa, com boa cor e olhos azuis, claros e proeminentes. Os dentes estragados e o corpo cheio denotavam paixão por doces, e os vivos olhos azuis falavam bem claramente de outros prazeres. Eles agora percorriam Ralf, que cavalgava à minha frente, avaliando-o, e considerando-o provável, mas muito jovem; depois, esperançosamente, vieram a mim, para, desanimados, considerarem-me pouco provável e pobre demais para pagar. Então, quando o seu olhar retornou a Ralf, eu a vi reconhecê-lo. Ela enrijeceu, voltando rapidamente a olhar para mim. Ficou de boca aberta e, por um momento cheio de ansiedade, pensei que fosse fazer uma medida, mas logo controlou-se. Mandou a criada entrar com os braços cheios de roupa de cama, fez calar o cão, que voltou rosnando para a sombra da amoreira, e veio cumprimentar-nos, sorridente, curiosa e excitada.

— O senhor é o médico de olhos? Paramos os cavalos na poeira do quintal.

— Sim, senhora. Chamo-me Emrys, e este é o meu criado Ban.

— Nós os estávamos esperando. Suas camas estão reservadas.

— E, bem baixinho, ao se acercar do meu cavalo: — Seja bem-vindo, meu senhor, e Ralf, também. Ele cresceu um palmo desde a última vez que o vi. Tenham a bondade de entrar.

Desmontei e entreguei as rédeas a Ralf.

— Obrigado. É bom ter chegado, estamos ambos cansados. Ralf tomará conta dos cavalos. Agora, Maeve, antes de entrarmos, dê-me notícias de Tintagel. Vai tudo bem com a Rainha?

— Sim, senhor, graças a todos os santos e fadas. Não é preciso preocupar-se.

— E o Rei? Ainda em Tintagel?

— Sim, meu senhor, mas fala-se que partirá em breve. O senhor não terá que esperar muito. Estará mais seguro aqui do que em qualquer outro lugar em Cornwall. Seremos avisados do movimento das tropas, daqui a gente pode ouvi-las a uma milha, na estrada. E não

se preocupem com Caw, o meu marido; ele é gente do Duque, mas nada fará que possa prejudicar a senhora, e, além disso, faz tudo que eu mando. Não, nem sempre. Algumas coisas e'e não faz tanto quanto eu gostaria! — Deu de novo uma gargalhada alegre. Vi que Ralf sorria ao conduzir os cavalos, e Maeve, falando em voz alta sobre camas e horário de jantar, e os olhos do seu filho mais novo que precisavam ser examinados, fez-me entrar pela porta dos fundos da estalagem.

Mais tarde, ao conhecer o seu marido, vi que não precisava temer pela sua discrição. Era um homem seco, fechado como uma ostra. Entrou quando estávamos jantando, olhou para Ralf, cumprimentou-me com a cabeça, e foi servir o vinho sem dizer uma palavra. Sua mulher tratava-o, e a todos os fregueses, com a mesma benevolência rude e franca, e providenciou para que todos estivéssemos bem servidos e confortavelmente instalados. No seu padrão, era um bom estabelecimento, e a comida, excelente.

Como era de se esperar, a estalagem estava sempre cheia, mas quase não havia perigo de sermos reconhecidos. Meu disfarce de curandeiro ambulante não apenas me assegurava uma aceitação sem despertar curiosidade como me proporcionava, e a Ralf, a justificativa para os passeios pela região. Toda manhã, bem cedo, levando comida e vinho, seguíamos por um dos vazeinhos estreitos e arborizados que proliferavam no Vale Camel, até os morros ventosos que ficavam entre Camelford e o mar. Ralf conhecia todos os caminhos. Geralmente nos separávamos, e cada um escolhia um esconderijo de onde pudesse observar os dois caminhos pelos quais Uther e seus homens podiam sair de Tintagel. Ele podia virar para nordeste, acompanhando a costa para Dimilioc e para o acampamento da Ponta de Hércules, ou (se estivesse indo diretamente para Winchester ou para os focos de agitação ao longo da Praia Saxã) podia seguir as trilhas do vale através de Camelford e, daí, subir para sudeste para a estrada militar que passava pela espinha da Dumnonia. Aqui, nas alturas varridas pelo vento, os bosques escasseiam e há grandes extensões de terra pantanosa dominadas por estranhas colinas pedregosas. A velha estrada romana, desmoronando-se rapidamente naquela região inóspita, mas ainda em uso, passa direto por Isca, para a região mais agradável que fica por trás da Muralha de Ambrósio. Era o meu palpite que Uther seguiria este último caminho, e queria ver quem o acompanhava. Ralf e eu fizemos saber que eu estava à procura de plantas para os meus remédios, e, na verdade, eu ia para o meu ponto de encontro com ele, toda noite, com a sacola cheia de raízes e frutas

que não cresciam na minha terra, e que eu estava feliz por conseguir. Felizmente, o tempo continuava bom e ninguém estranhava de nos ver sair. Estavam todos felizes por ter um médico por perto, que os tratava todas as noites, sem cobrar mais do que podiam pagar.

E assim passavam-se os dias, serenos e calmos, enquanto esperávamos pela partida do Rei e pelo chamado da Rainha.

Passou-se uma semana até que partisse. Ele seguiu o caminho que eu imaginara, e eu estava lá, observando.

Há um lugar onde a trilha de Tintagel a Camelford segue por cerca de um quarto de milha ao longo do sopé de uma ribanceira íngreme e densamente arborizada. Quase sempre íngreme e densa demais para penetrar-se, havia, contudo, lugares ao sol na orla do bosque, ribanceiras pedregosas cobertas de samambaias e cardos, onde sarças e grandes fetos crescem em moitas sobre as rochas. As moitas de ameixa-brava eram altas e luziam suas frutas. Algumas das ameixinhas ainda estavam verdes, mas a maioria estava pronta, com o preto sobre o azul-pálido denotando o amadurecimento. Com o extrato da fruta faz-se um remédio sem par para os intestinos: um dos filhos de Maeve sofria dos intestinos, e eu lhe prometera uma poção para tomar à noite. Apenas um punhado seria suficiente, mas as frutas estavam tão maduras e tentadoras que continuei colhendo. Se as amoras forem amassadas e adicionadas de um modo especial ao vinho de junípero, fazem uma boa bebida, rica, adstringente e poderosa. Eu mencionara isto a Maeve, e ela queria experimentar.

Minha sacola estava quase cheia quando escutei, como leve trovoadas a distância, cavalos descendo a trilha abaixo de mim. Entrei rapidamente para dentro do bosque e fiquei olhando do esconderijo. A frente da coluna logo apareceu; em seguida o longo trem de poeira, cheio do bater dos cascos, do tinir das armaduras, do brilho colorido das flâmulas, veio vindo ao longo do sopé do declive. Uns mil, talvez mais. Fiquei imóvel na sombra das árvores e vi-os passar. O Rei ia a um corpo de cavalo na frente, e atrás dele, à sua esquerda, seguia o porta-estandarte com o Dragão Vermelho. Outras cores apareciam por entre a poeira, mas não havia vento para fazer tremular as bandeiras e, por mais que eu forçasse a vista, não pude distinguir todas. Também não vi aquela que esperava ver, embora não pudesse jurar que não estava lá. Esperei até que o último cavaleiro dobrasse a curva da estrada e fui para o meu ponto de encontro com Ralf.

Ele encontrou-me a meio caminho, arquejante.

— O senhor os viu?

— Vi. Onde estava você? Mandeí que olhasse o outro caminho.

— E estava olhando. Mas não havia movimento algum por lá. Já estava voltando para cá quando os ouvi, então corri. Quase que os perco, só vi o finalzinho. Era o Rei, não era?

— Era. Ralf, deu para você distinguir as divisas? Viu alguma conhecida?

— Vi Brychan e Cynfelin, mas não havia outras de Dyfnaint que eu reconhecesse. Os homens de Garlot estavam lá, de Cernyw, também, acho, e outros que pareceram-me conhecidos, mas com toda aquela poeira não dava para ter certeza. Já tinham dobrado a curva antes que eu pudesse ver direito.

— Cador estava lá?

— Sinto muito, meu Senhor, não vi;

— Não faz mal. Se os outros de Cornwall estavam lá, ele com certeza também estava. Na estalagem saberão. E você, já se esqueceu que não pode me tratar por "meu senhor", nem quando estamos a sós?

— Desculpe-me... Emrys. — Dava a medida do nosso novo relacionamento o fato de ter acrescentado, com uma humildade suspeita: — E o senhor, esqueceu-se que o meu nome é Ban? — E rindo, ao desviar-se do cascudo: — Tinha que dar-me o mesmo nome do débil mental?

— Foi o primeiro nome que me veio à cabeça. É também nome de rei, do Rei de Benoic, portanto você pode escolher quem foi o seu padrinho.

— Benoic? Onde fica?

— No norte. Venha, vamos voltar para a estalagem. Não creio que a Rainha mande chamar-me antes de amanhã, mas tenho uma poção para preparar, e isto leva tempo. Tome, leve isto.

Eu tinha razão; o mensageiro veio na manhã seguinte. Ralf descera a estrada para aguardá-lo, e os dois voltaram juntos, cem a ordem de que eu deveria ir imediatamente a Tintagel para a minha audiência com a Rainha.

Não o confessara a Ralf, nem o admitira a mim mesmo, mas estava apreensivo com a minha entrevista com Ygraine. Na noite em que a criança foi concebida, em Tintagel, eu tinha certeza, a certeza de um vidente, que o menino que nasceria ser-me-ia entregue para criar, e que eu seria o guardião de um grande Rei. O próprio Uther, na sua amargura e na sua raiva pela morte de Gorlois, jurara rejeitar o "bastardo" que gerara, e, pela carta de Márcia, eu sabia que não mudara de idéia. Mas, nos seis longos meses desde a noite de março,

eu não tivera notícias diretas de Ygraine, não sabia se ela pretendia obedecer ao marido, se conseguiria separar-se da criança. Repassara uma centena de vezes os argumentos que eu usaria, lembrando-me, com certa incredulidade, da certeza com que anteriormente falara com ela e com o Rei. Mas, então, o meu deus estava comigo. Mas, agora, amargamente, ele já não estava comigo. Às vezes, acordado durante a noite, encarava as minhas visões do passado como meras chances, ilusões, sonhos alimentados pelo desejo. Recordei as palavras amargas que o Rei me dirigira:

— *Agora eu vejo bem o que é a sua mágica, este "poder" de que fala. É apenas impostura humana, uma tentativa de fazer a política que o meu irmão ensinou-lhe a gostar e a manejar, e a acreditar que era o seu mistério. Você usa até Deus para atingir os seus fins. "É Deus que me ordena que jaca essas coisas, é Deus que marca o preço, é Deus que determina que outro deve pagar..." Por que,*

Merlin? Pela sua ambição? E quem vai pagar a Deus a dívida por seguir os seus planos? Não você. Os homens que jogam o seu jogo para você, e que pagam o preço. Mas você nada paga.

Quando eu escutava estas palavras, ouvidas bem claramente nas noites em que mais nada falava comigo, eu me perguntava se compreendia direito a minha visão do futuro, ou se tudo que eu fizera e com que sonhara não fora apenas escárnio. Então, lembrando-me dos que pagaram com a morte pelo meu sonho, achava que a morte fora mais misericordiosa do que este deserto de dúvida em que me encontrava, esperando em vão por uma palavra do menor dos meus deuses. Sim, eu paguei. Cada noite daqueles nove longos meses, eu paguei.

Mas, agora era dia, e eu logo saberia o que a Rainha queria comigo. Lembro-me de como eu me mexia irrequieto enquanto Ralf selava o meu cavalo e se aprontava. Maeve estava na cozinha, com as criadas, lavando as ameixas para a feitura do vinho. Uma panela delas estava no fogo, começando a ferver. Parecia-me uma estranha lembrança para levar comigo na visita à Rainha, o cheiro de vinho de ameixa-brava. De repente eu não consegui suportar o cheiro pungente e adocicado e, engasgado, corri para fora. Mas logo uma das moças veio correndo perguntar algo sobre a mistura, e, ao respondê-la, esqueci-me do enjôo, e já Ralf estava ao meu lado para chamar-me, e nós três (Ralf, o mensageiro e eu) nos pusemos a galopar para Tintagel na tarde fresca e macia de setembro.

Fazia poucos meses que não via Ygraine, mas ela mudara muito. A princípio, pensei que fosse apenas a gravidez; seu corpo, outrora esbelto, estava muito aumentado, e, embora aparentasse boa saúde, o seu rosto apresentava olheiras e vincos ao redor da boca. Mas, a mudança era mais profunda; notava-se na expressão dos olhos, nos gestos, na maneira de sentar. Antes, ela era jovem e vibrante, um pássaro selvagem debatendo-se numa gaiola; agora, estava tristonha, asas cortadas, grávida, uma criatura terrena.

Recebeu-me no quarto, um aposento longo por cima da muralha, com um grande nicho circular no lugar da torre, no canto noroeste. Havia janelas na parede virada para o sudoeste, através das quais o sol entrava livremente, mas a Rainha sentava-se junto a uma das janelinhas estreitas da torre, por onde entravam a brisa fresca da tarde de setembro e o ruído eterno do mar nas rochas lá embaixo. Nisto, ainda era a Ygraine de que me recordava. Era típico dela preferir o vento e os sons do mar, ao invés da luz do sol. Mas o quarto, apesar da luz e do ar, dava a impressão de uma gaiola: aqui a jovem esposa do velho Duque Gorlois passara os anos perdidos até a fatídica viagem a Londres, quando conhecera o Rei. Agora, após um breve voo, estava presa novamente, pelo seu amor pelo Rei, e pelo peso da criança. Nunca amei mulher alguma, com uma única exceção, mas sempre tive pena delas. Agora, orando para a Rainha, jovem, bela e com o coração satisfeito, tive pena dela, como tive também medo do que ela fosse dizer-me.

Estava só. Um camareiro conduziu-me pela antecâmara onde as mulheres fiavam, teciam e mexericavam. Olhos vivos fitaram-me com curiosidade momentânea e o falatório cessou, para recomeçar após a minha passagem. Os seus rostos não demonstraram reconhecimento, apenas, em alguns, vi um leve desapontamento pelo aparecimento de um sujeito tão humilde e comum. Nenhuma digressão, aqui. Para elas eu era um simples mensageiro, que a Rainha recebia na falta do Rei; nada mais.

O camareiro bateu à porta do quarto principal e retirou-se. Márcia, a avó de Ralf, abriu a porta. Era uma mulher grisalha, com os olhos de Ralf num rosto vincado e ansioso, mas, apesar da idade, tinha a postura de uma moça. Embora me estivesse esperando, vi seus olhos pousarem em mim sem sinal de reconhecimento, depois com um

lampejo de surpresa. Até Ygraine surpreendeu-se por um momento, depois sorriu e estendeu a mão.

— Príncipe Merlin! Bem-vindo. — Márcia fez uma mesura que abrangia a mim e a Rainha, e retirou-se. Aproximei-me para ajoelhar e beijar a mão da Rainha.

— Senhora.

Ela ergueu-me com delicadeza.

— Foi gentil da sua parte ter atendido tão depressa a um chamado tão estranho. Fez boa viagem?

— Muito boa. Estamos hospedados com Maeve e Caw, e até agora nem eu nem Ralf fomos reconhecidos. O seu segredo está a salvo.

— Eu lhe agradeço por ser tão cuidadoso com ele. Nem eu o reconheci até que falou.

Cocei o queixo, sorrindo.

— Como vê, há já algum tempo que me estou preparando.

— Nenhuma mágica, desta vez?

— Exatamente como da outra — respondi.

Ela encarou-me, os lindos olhos azul-escuros encontrando os meus do jeito que eu me lembrava, e vi que esta ainda era a mesma Ygraine de antes, franca como um homem, e com o mesmo tipo de orgulho. A calma pesada era apenas uma capa, a tranquilidade leitosa que parece cobrir as mulheres durante a gravidez. Por baixo da calma, da placidez, estava o antigo fogo. Abriu os dedos.

— Vendo-me agora, ainda me diz que, quando falou comigo em Londres e prometeu-me o amor do Rei, não havia mágica alguma?

— Não na artimanha que trouxe o Rei até a senhora. No que aconteceu depois, talvez.

— Talvez? — Ela ergueu a voz, e isso avisou-me. Ygraine podia ser Rainha, com um ânimo quase masculino, mas era uma mulher com quase sete meses de gravidez. Os meus temores eram meus, e deviam permanecer comigo. Hesitei, procurando as palavras, mas ela continuou, com veemência, como que procurando convencer-se a si mesma. — Quando me falou e disse que poderia trazer o Rei até mim, havia mágica, sei que havia. Eu a senti, eu a vi no seu rosto. Você me disse que o seu poder vinha de Deus, e que, ao obedecê-lo, eu era uma criatura de Deus, assim como você. Disse que, por causa da mágica que traria Uther até mim, o reino teria paz. Falou de coroas e altares... E agora eu sou Rainha, com as bênçãos de Deus, e espero o filho do Rei. Ousa dizer-me, agora, que me enganou?

— Não a enganei, senhora. Aquela foi uma época de visões, e uma paixão de sonhos e desejos. Já estamos livres deles, agora estamos sóbrios e é dia claro. Mas a mágica está aqui, crescendo dentro da senhora, e, desta vez é realidade, não visão. Ele nascerá pelo Natal, não é?

— Ele? Você parece muito certo.

— Estou certo.

Vi que ela apertou os lábios, como se estivesse sentindo dor, depois olhou para as mãos, juntas sobre a barriga. Quando falou, fê-lo calmamente, diretamente para as mãos, ou para aquilo que elas cobriam.

— Márcia me disse que mandou-lhe recados no verão. Mas já devia saber, mesmo sem que ela lhe dissesse, o que o Rei, meu senhor, pensa a esse respeito.

Esperei que continuasse, mas ela queria uma resposta.

— Ele próprio me disse — retruquei. — Se ainda pensa da mesma maneira, não reconhecerá a criança como seu herdeiro.

— Ainda pensa da mesma maneira. — Ergueu os olhos depressa para mim. — Entenda-me, ele não tem, nem nunca teve, a menor dúvida a meu respeito. Ele sabe que eu fui sua desde o primeiro momento em que o vi, e que, deste momento em diante, com esta ou aquela desculpa, nunca mais pertenci ao Duque. Não, ele não duvida de mim; sabe que o filho é seu. E apesar de tudo que diz — houve a sombra de um sorriso e de repente sua voz tornou-se indulgente, a voz de uma mulher falando de um filho ou de um marido bem-amado — e do muito que nega, ele conhece e teme o seu poder, Merlin. Você lhe disse que aquela noite geraria uma criança, e ele acredita na sua palavra, mesmo que não acreditasse na minha. Mas nada disso altera os seus sentimentos. Ele se culpa, e a você, e até à criança, pela morte do Duque.

— Eu sei.

— Ele diz que se tivesse esperado Gorlois teria mesmo morrido naquela noite, e eu seria Rainha e a criança teria sido concebida dentro do matrimônio, e ninguém poderia duvidar da sua paternidade ou chamá-lo bastardo.

— E você, Ygraine?

Ela ficou calada durante muito tempo. Virou a bela cabeça e ficou a olhar pela janela, para as gaivotas que voavam e gritavam ao vento. Eu percebi, não sei como, que a sua calma era a de um soldado que, tendo vencido uma batalha, descansa antes da seguinte. Senti

meus nervos endurecerem. Eu não menosprezava Ygraine, se a batalha fosse comigo.

Disse, mansamente:

— Talvez o que o Rei diz seja verdade. Não sei. Mas, o que passou, passou, e o que me interessa agora é a criança. Por isso mandei chamá-lo. — Uma pausa. Esperei. Encarou-me novamente. — Príncipe Merlin, temo pela criança.

— Às mãos do Rei?

Isto foi demais, até para Ygraine. Seus olhos ficaram frios, e a sua voz.

— Isto é insolência, e loucura também. O senhor abusa, meu senhor.

— Eu? — Retruquei, também friamente. — A senhora parece esquecer-se. Se minha mãe fosse casada com Ambrósio quando ele me gerou, Uther não seria Rei agora, nem eu tê-lo-ia levado até a sua cama para gerar a criança que espera. A senhora não pode falar-me em insolência, ou loucura. Ninguém melhor que eu para saber o que se reserva na Inglaterra para um príncipe concebido fora do matrimônio e não reconhecido por seu genitor.

Ela estava tão rubra agora quanto estivera pálida antes. Seus olhos deixaram os meus, com a raiva a abandoná-los. Falou simplesmente, como uma menina:

— Tem razão,- eu me esquecera. Peço o seu perdão. Esquecera-me também do que é poder falar livremente. Aqui não há ninguém, salvo Márcia e o meu senhor, e não posso falar com Uther sobre a criança.

Eu ficara de pé todo este tempo; agora, virei-me para apanhar uma cadeira e colocá-la perto dela, no vão da torre. Sentei-me. As coisas tinham mudado entre nós, como quando um vento muda subitamente. Eu agora sabia que a batalha não era comigo, mas com ela mesma, com a sua fraqueza feminina. Ela me observava como uma mulher com dores observa o seu médico. Falei, suavemente:

— Bem, aqui estou. E escutando. Mandou chamar-me para me dizer o quê?

Respirou fundo. Quando respondeu, a voz estava calma, mas era um simples sussurro.

— Que, se nascer um menino, o Rei não deixará que eu o crie. Se for menina, posso ficar com ela, mas um menino gerado nestas condições não pode ser reconhecido como príncipe e herdeiro legítimo, portanto não pode ficar aqui, nem como bastardo. — Pro-

curou controlar-se. — Eu lhe disse que Uther não duvida de mim. Mas, pelo que aconteceu aquela noite, a morte de meu marido, e toda aquela história de mágica, ele jura que os homens podem acreditar que o filho é do Duque e não dele. Diz que haverá outros filhos, dos quais ninguém duvidará da paternidade, e, entre eles, ele encontrará o herdeiro para o Grande Reino.

Eu disse, com cuidado:

— Ygraine, sei quão doloroso para uma mulher é perder o seu filho, seja de que modo for. Talvez não exista maior dor. Mas acho que o Rei tem razão. Nesta época de violência e incerteza, ele não deve ficar aqui para ser criado como bastardo. Se houver outros herdeiros, deparados e reconhecidos pelo Rei, poderão considerar o menino perigoso para eles, e certamente serão perigosos para o menino. Sei do que estou falando; isto aconteceu na minha infância. E eu, como bastardo real, tive uma sorte que este príncipe talvez não tenha; eu tinha a proteção do meu pai.

Uma pausa. Ela anuiu, sem falar, olhando novamente para as mãos no seu colo.

— E se a criança precisa ir embora, — continuei — é melhor que se vá do quarto do parto, antes que você a tenha segurado. Creia-me, — prossegui rapidamente, embora e'a não se tivesse mexido — é verdade. Estou falando como médico.

Ela umedeceu os lábios.

— Márcia diz a mesma coisa.

Esperei um momento, mas ela não disse mais nada. Comecei a falar, vi que estava rouco, e pigarreei. Minhas mãos apertaram, sem que eu sentisse, os braços da cadeira. Mas minha voz estava calma e firme quando cheguei ao âmago da entrevista.

— O Rei já lhe disse onde a criança será criada?

— Não. Já expliquei que não é fácil falar com ele sobre isto. Da última vez que o fizemos, ele disse que deliberaria; e mencionou a Bretanha.

— Bretanha? — Apesar do meu cuidado, a palavra saiu ríspida. Procurei recobrar a calma. Minhas mãos tinham-se crispado na cadeira; procurei relaxá-las e conservá-las imóveis. Então, minhas dúvidas tinham fundamento. Saber disso deu-me novas forças. Se era preciso lutar contra o Rei, contra Ygraine e também contra os meus deuses ambíguos, pois bem, eu lutaria. Enquanto pudesse ver o chão da luta... — Então, Uther quer mandá-lo para o Rei Budec?

— É o que parece. — Ela não parecia notar nada de estranho no meu comportamento. — Ele enviou um mensageiro há um mês. Um pouco antes que eu pedisse a você para vir. Budec é a escolha óbvia, afinal de contas.

Isto era verdade. O Rei Budec da Inglaterra Pequena era primo do Rei. Foi ele que, há uns trinta anos, tomou sob a sua proteção meu pai e o jovem Uther, quando o usurpador Vortigern assassinou o Rei Constans, seu irmão mais velho, e foi na sua capital, Kerrec, que se reuniu e treinou o exército que retomou o Grande Reino de Vortigern. Meneei a cabeça.

— Óbvia demais. Se alguém quiser fazer mal ao menino, saberá onde procurar. Budec não poderá protegê-lo o tempo todo. Além disso...

— Budec não saberá dar ao meu filho o cuidado de que ele precisa! — As palavras interromperam-me, mas a interrupção não foi feita por indelicadeza. Foi como um grito. Era evidente que não escutara uma palavra do que eu dissera. Ela lutava consigo mesma, escolhendo as palavras. — Ele está velho e, além disso, a Bretanha fica muito longe e é menos segura do que esta terra infestada de saxões. Príncipe Merlin, eu... Márcia e eu... nós achamos que o senhor. . . — Ela começou a torcer as mãos no colo. Sua voz mudou. — Não há mais ninguém em quem confiar. E Uther... não importa o que diga, Uther sabe que o seu reino, ou qualquer parte dele, está em segurança nas suas mãos. Você é filho de Ambrósio, e o parente mais chegado da criança. Todos conhecem o seu poder, e temem-no... a criança estaria segura sob a sua proteção. É você quem tem de levá-lo, Merlin! — Ela agora implorava: — Leve-o para longe desta costa cruel, e crie-o para mim. Ensine-o, como você foi ensinado, crie-o como um filho de rei deve ser criado, e quando ele estiver crescido, traga-o de volta e deixe que ele assuma o seu lugar, como você assumiu, ao lado do próximo Rei.

Hesitou. Eu devia estar fitando-a como um idiota. Calou-se, torcendo as mãos. Houve um longo silêncio, preenchido pelo cheiro do vento salgado e pelos gritos das gaivotas. Eu nem me apercebera, mas tinha me levantado e estava de pé à janela, de costas para a Rainha, olhando para o céu. Abaixo das paredes da torre, as gaivotas volteavam e gritavam ao vento, e, bem lá embaixo, ao pé do negro penhasco, o mar arremetia-se e esbranquiçava-se. Mas eu nada via e ouvia. Minhas mãos firmavam-se contra o parapeito de pedra, e quando finalmente as levantei, havia um lugar pisado nelas, onde a

pedra as machucara. Comecei a esfregá-las, só então sentindo a dor, e virei-me para encontrar os olhos da Rainha. Ela também já se controlara, mas havia tensão no seu rosto e, com uma das mãos, repuxava o vestido.

Falei, francamente:

— Acha que pode persuadir o Rei a dá-lo para mim?

— Não, acho que não. Não sei. — Engoliu em seco. — É claro que posso falar com ele, mas...

— Mas, se você não tem o poder de convencer o Rei, por que mandou chamar-me para pedir-me isso?

Ela ficou branca, movendo os lábios, mas não deixou de encarar-me.

— Pensei que, se concordasse, meu senhor, poderia... faria. . .

— Eu nada posso fazer com Uther, agora. Você deve saber. — Mas, com súbita e amarga compreensão: — Ou mandou chamar-me, como da última vez, esperando uma mágica de encomenda, como se eu fosse uma velha curandeira ou um druida da roça? Ora, senhora ... — Parei. Vi a vacilação nos seus olhos, a palidez ao redor da sua boca contraída, e lembrei-me do que carregava dentro de si. Minha raiva morreu. Levantei a mão, dizendo suavemente: — Pois bem. Se puder ser feito, Ygraine, eu o farei, mesmo se tiver que falar com Uther para lembrá-lo da sua promessa.

— Promessa? O que prometeu-lhe ele, e quando?

— Quando mandou chamar-me da primeira vez, falando-me do seu amor por você, jurou obedecer-me em qualquer coisa, contanto que obtivesse o que queria. — Sorri. — Foi mais um suborno do que uma promessa, mas vou cobrá-la agora como jura real.

Começou a agradecer-me, mas eu a interrompi.

— Não, não, guarde os seus agradecimentos. Eu talvez não tenha sucesso com o Rei; sabe que ele gosta muito pouco de mim. Foi esperta ao mandar chamar-me secretamente, e será mais esperta ainda se não deixar que ele saiba que discutimos o caso juntos.

— Por mim não saberá-Inclinei a cabeça.

— Agora, pelo seu bem e pelo da criança, deixe os temores de lado. Deixe comigo. Mesmo se não conseguirmos demover o Rei, eu lhe prometo que vigiarei a criança, não importa onde seja criada. Ele estará em segurança, e será criado como convém a um filho do Rei. Isto a contentará?

— Se for preciso, sim.

Respirou fundo e moveu-se, afinal, levantando-se da cadeira e, ainda graciosa, apesar do seu volume, encaminhando-se para uma das janelas mais afastadas. Não a seguiu. Ficou lá um pouco, em silêncio, de costas para mim. Quando, finalmente, virou-se, estava sorrindo. Chamou-me com a mão e eu fui até ela.

— Diga-me uma coisa, Merlin.

— Se puder.

— Na noite em que nos falamos, em Londres, antes de você trazer o Rei até aqui. Você falou de uma coroa, e de uma espada em um altar, como uma cruz. Tenho pensado tanto nisto... Diga-me a verdade. Foi a minha coroa que viu? Ou quis dizer que esta criança, este menino que já custou tanto, será Rei?

Devia ter-lhe dito: "Ygraine, não sei. Se a minha visão foi verdadeira, se fui realmente um profeta, então ele será Rei. Mas a Visão abandonou-me, nada fala comigo na noite ou no fogo, e eu estou estéril. Só posso fazer como você, e confiar. Mas, não há retorno. Deus não desperdiçará todas as mortes."

Mas ela me observava com os olhos de uma mulher em sofrimento, e eu lhe respondi:

— Ele será Rei.

Ela abaixou a cabeça, e ficou em silêncio por alguns minutos, olhando a luz do sol sobre o chão, não como se pensasse, mas como se escutasse o que se mexia dentro dela. Depois, encarou-me novamente.

— E a espada no altar? Balancei a cabeça.

— Senhora, não sei. Ainda não apareceu. Se eu tiver de saber, ser-me-á mostrado.

Estendeu a mão.

— Só mais uma coisa... — Pelo seu tom de voz, percebi que era o que lhe importava mais. Sem saber o que seria, preparei-me para mentir. Perguntou: — Se eu perder este filho... Terei outros, Merlin?

— Já me perguntou três coisas, Ygraine.

— Não quer responder?

Eu falara apenas para ganhar tempo, mas, ao ver o lampejo de medo e dúvida em seus olhos, fiquei feliz em poder dizer-lhe a verdade.

— Eu lhe responderia, senhora, mas não sei.

— E por que não? — indagou vivamente. Dei de ombros.

— Novamente, não lhe posso responder. Além desse menino que a senhora espera, eu nada vi. Mas é provável, já que ele será Rei, que não terá outros filhos. Meninas, talvez, para consolá-la.

— Rezarei para isto — disse com simplicidade, conduzindo-me para o vão. Fez-me sentar. — Aceita uma taça de vinho comigo, antes de partir? Não fui muito hospitaleira, eu sei, depois de fazê-lo viajar tanto, mas era enorme a minha angústia de conversar. Vamos sentar-nos, agora, e me contará o que há de novo com você.

Fiquei mais um pouco, e, depois de contar-lhe as minhas escasas novidades, perguntei-lhe para onde fora Uther com as tropas. Contou-me que ele se dirigia não para a sua capital em Winchester, como eu supusera, mas para o norte, para Viroconium, onde convocara um conselho de dirigentes e reis menores do norte e do nordeste. Viroconium é a velha cidade romana que fica na fronteira de Gales, com as montanhas de Gwynedd entre ela e a ameaça da Praia Irlandesa. Ainda era um centro de mercado e as estradas estavam bem conservadas. Uma vez que saísse da Península de Dumnonia, Uther poderia ir bem rápido para o norte pela Ponte de Glevum. Poderia até, se o tempo continuasse bom e o país calmo, estar de volta para o parto da Rainha. No momento, Ygraine contou-me, a Praia Saxã estava calma; após a vitória de Uther em Vindocladia, os invasores estavam gozando da hospitalidade das tribos federadas. Não havia notícias c'aras do norte, mas o Rei (disse-me ela) temia alguma ação conjunta ali na primavera, entre os pictos de Strathclyde e os anglos invasores: o encontro dos Reis em Viroconium tinha sido arranjado como tentativa de desbaratar qualquer espécie de plano de defesa unida.

— E o Duque Cador? — perguntei. — Fica aqui em Cornwall ou segue para Vindocladia para vigiar a Praia Saxã?

Fiquei surpreso com a sua resposta.

— Ele vai para o norte com o Rei, para o conselho.

— Vai mesmo? Então é melhor eu tomar cuidado. — Ao seu rápido olhar, acrescentei: — Sim, vou direto falar com o Rei. O tempo urge, e tive sorte dele estar viajando para o norte. Deve conduzir suas tropas pela Ponte de Glevum, e assim, Ralf e eu podemos ir de balsa e chegar lá antes dele. Se o interceptar antes de Severn, ele nunca saberá que eu deixei Gales.

Em seguida, eu me retirei. Quando a deixei, ela estava novamente de pé à janela. A cabeça erguida, e o vento a desmanchar-lhe os cabelos escuros. Eu sabia que, chegada a hora, a criança não seria tirada de uma mulher chorosa e arrependida, mas de uma Rainha, satisfeita de vê-lo seguir o seu destino.

Com Márcia não se dava o mesmo. Esperava por mim na antecâmara, cheia de perguntas, pesares, e raiva contra o Rei, que ela mal sufocava com discrição. Reconfortei-a como pude, jurei várias vezes por todos os deuses em cada santuário e colina oca da Inglaterra que faria o máximo para ficar com a criança e protegê-la, mas, quando começou a pedir-me encantamentos para a hora do parto, e falar em amas-de-leite, deixei-a falando e dirigi-me para a porta.

Esquecendo o seu lugar na agitação em que se encontrava, seguiu-me e agarrou-me a manga.

— Já lhe contei? O Rei diz que ela deve ser atendida pelo médico dele, um homem em quem confia para contar as coisas como foram, e para não revelar para onde o pobrezinho foi ser criado. Como se não fosse mais importante que a minha senhora fosse bem atendida! Todo mundo sabe que basta dar bastante ouro a um médico para ele entregar a própria mãe!

— É verdade — retruquei, bem sério. — Mas conheço bem Gandar e não há outro melhor. A Rainha estará em boas mãos.

— Mas, um médico militar! O que pode entender de partos? Dei uma risada.

— Ele serviu por muito tempo com o exército do meu pai na Bretanha. Onde há guerreiros, há também mulheres. Meu pai tinha um exército de quinze mil homens, aquartelados. Pode crer, Gandar tem muita experiência.

Ela teve que se contentar com isto. Estava de novo falando sobre amas-de-leite quando a deixei.

Veio à estalagem à noite, de capa e capuz, cavalgando firme como um homem. Maeve levou-a ao quarto que sua família ocupava, pôs todo mundo para fora, inclusive Caw, depois levou Ralf para ver a avó. Eu já estava deitado quando ela partiu.

Na manhã seguinte, Ralf e eu partimos para Bryn Myrddin, com alguns frascos de vinho de ameixa para alegrar nossa viagem. Para minha surpresa, Ralf estava tão animado quanto na vinda: talvez, depois da breve visita ao lugar da sua infância, estar ao meu serviço lhe cheirasse a liberdade. Soubera de todas as novidades pela avó; contou-mas pelo caminho; a maioria eu já soubera pela Rainha, ele acrescentara alguns mexericos da corte, que eram divertidos, mas pouco informativos, com exceção dos comentários sobre a rejeição da criança por Uther.

Ralf, para meu divertimento, que dissimulei, estava agora tão ansioso quanto Márcia para que eu ficasse com a custódia da criança.

— Se o Rei recusar, que fará o senhor?

— Irei à Bretanha conversar com o Rei Budec.

— Acha que ele deixará que fique com o príncipe?

— Budec também é meu parente, não se esqueça.

— Mas será que ele se arriscaria a ofender o Rei Uther? Guardaria segredo?

— Não sei dizer-lhe — respondi. — Se fosse Hoel, filho de Budec, as coisas seriam diferentes. Eles sempre brigaram como cães disputando a mesma cadela.

Não acrescentei que a comparação era realmente bastante precisa. Ralf meneou a cabeça, mastigando (tínhamos parado para comer ao sol), e pegou uma garrafa.

— Quer um pouco? — Oferecia-me o vinho de ameixa.

— Pelos deuses das uvas verdes, rapaz, não! Ainda levará um ano até que esteja no ponto para beber. Espere até a época da próxima colheita para abrir.

Mas ele insistiu e desenvolveu a garrafa. Tinha um cheiro estranho e um gosto pior. Quando sugeri, sem maldade, que Maeve decerto cometera um erro e dera-lhe o remédio para os intestinos, ele cuspiu tudo na grama, depois indagou-me, bem sério, do que é que eu estava rindo.

— Não de você. Vamos, deixe-me provar.. . Não há nada aqui que não devesse estar; mas eu devia estar com o pensamento longe quando me perguntaram sobre como misturar. Não, estava rindo de mim mesmo. Todos esses meses.. . esses anos, batendo à porta do céu para conseguir o quê? Um bebê e uma ama-de-leite. Se insistir em ficar comigo, Ralf, os próximos anos certamente trarão novas experiências para nós dois.

Ele anuiu; estava ocupado com as ansiedades do presente.

— Se tivermos que ir para a Bretanha, vamos ter de continuar disfarçados deste jeito? Durante anos? — Deu um piparote na fazenda grosseira da capa.

— Depende. Não exatamente assim, creio. Espere até chegar às pontes, Ralf.

Sua fisionomia expressava desapontamento pela minha maneira de falar. Os feiticeiros construía as suas próprias pontes, ou cruzavam para o outro lado sem elas.

— Depende do Rei, o senhor quer dizer? Precisa mesmo procurá-lo? Minha avó diz que, se espalharem que o bebê nasceu morto, o senhor pode pegá-lo em segredo, sem que o Rei saiba.

— Você está esquecendo que os homens precisam saber que o príncipe nasceu. Senão, não irão aceitá-lo quando Uther morrer.

— Então, o que vai fazer, meu senhor?

Balancei a cabeça, sem responder. Ele tomou o meu silêncio por recusa em contar-lhe, e aceitou-a, sem mais perguntas. Quanto a mim, estava seguindo o meu próprio conselho sobre as pontes; estava esperando para ver como cruzá-las. Já convencera a Rainha, e a pior parte do jogo estava terminada; era preciso, agora, ver a melhor maneira de lidar com o Rei. Deveria pedir o seu consentimento, diretamente, ou dirigir-me primeiro a Budec? Enquanto terminávamos a nossa refeição, parei de pensar na Bretanha, no Rei, e, até, na criança; fiquei quieto ao sol e deixei o tempo passar. O que acontecera agora em Tintagel, acontecera sem que eu planejasse. Algo mexia-se; havia uma respiração brilhante no ar, a brisa de Deus a passar, invisível à luz do sol. Até para homens que não podem vê-los ou ouvi-los, os deuses existem e eu não passava de um homem. Não tinha a arrogância (ou a coragem) de testar o meu poder novamente, mas vesti a esperança, como um homem despido, para quem até andrajos são bem-vindos em um temporal de inverno.

8

O tempo não mudou e viajamos bem, tomando cuidado para não seguir muito de perto as pegadas de Uther; se fôssemos encontrados a oeste dos pântanos de Uxella (ou em qualquer lugar ao sul de Severn) seria muito óbvio de onde vínhamos. Uther geralmente ia depressa, e nada havia para detê-lo aqui na região povoada, por isso íamos com cautela, esperando até que o seu exército ultrapassasse o extremo sul da travessia do Severn. Se tivéssemos sorte com a balsa e, depois de atravessarmos o Severn, fôssemos depressa para o norte, poderíamos alcançar as tropas no seu caminho para a fronteira de Gales (tendo, aparentemente, vindo de Maridunum com esse intuito) e tentar conversar com o Rei.

Quando fomos para o sul, evitamos a estrada principal e usamos os atalhos que acompanham a costa por dentro dos vales. Agora, para não nos distanciarmos demais de Uther, procurávamos seguir o mais

possível em linha reta pelas serras, mas evitando a estrada pavimentada onde estações para o correio pudessem ter sido deixadas guarnecidas, na esteira do exército.

Tomamos mais cuidado que anteriormente. Após deixarmos o abrigo da hospedaria de Maeve, não procuramos outras estalagens. Aliás, os caminhos que trilhávamos não tinham hospedarias, mesmo que as quiséssemos; alojávamo-nos onde fosse possível: em cabanas de lenhadores, em abrigos para ovelhas, até em pilhas de samambaias cortadas para forragem.. . e dávamos graças pelo tempo bom. Passamos por regiões selvagens. Cadeias altas de terra pantanosa, onde a urze cresce entre outeiros de granito, e a terra só presta para alimentar ovelhas e veados selvagens; mas, logo abaixo da espinha rochosa do terreno, começa a floresta. Nas terras altas as árvores crescem esparsamente, fustigadas pelo vento, e já quase nuas no começo do outono. Mais para baixo, porém, em toda depressão ou vale, a floresta é densa, as árvores enormes e bem juntas, impenetráveis, com as plantas rasteiras formando como que uma rede de pescador. Aqui e ali, discretos até que se tropeça neles, acham-se penhascos e rochas cobertos de espinhos e trepadeiras, invisíveis e mortíferos como armadilhas de lobos. Ainda mais perigosos são os trechos de atoleiro, alguns pretos e lodosos, outros inocentes e verdes como um campo, onde um homem e seu cavalo podem afundar tão fácil e rapidamente quanto uma colher num prato de sopa. Há caminhos secretos por esses lugares, que os animais e os habitantes da floresta conhecem, mas que a maioria dos homens evita. À noite, o chão reluz com estranhas chamas dançantes e com fogo-fátuo, que os homens afirmam ser as almas dos mortos errantes.

Ralf conhecia bem a sua própria região, mas, uma vez chegados às florestas pantanosas por onde o Uxella e seus tributários correm para o Severn, tivemos que ir com mais cautela, aceitando informações do povo da floresta, carvoeiros e lenhadores, e, uma ou duas vezes, um ermitão solitário ou um santo homem ofereceu-nos abrigo em sua gruta ou santuário do bosque. Ralf tinha prazer na viagem dura e nos maus alojamentos, e no perigo que nos rondava na floresta e na trilha, e na ameaça do exército tão próximo. A cada dia ficávamos mais desarrumados e mais de acordo com os nossos papéis. Os disfarces eram mais necessários aqui do que mesmo em Tintagel: pobre do mensageiro do Rei ou do mercador que se afasta da estrada principal nestas paragens, mas os pobres são bem recebidos, andarilhos ou homens santos com nada para ser roubado, e Ralf e eu,

como pobres curandeiros ambulantes, fomos bem acolhidos sempre. Em todo canto podíamos comprar comida e abrigo com um níquel de cobre e um pote de remédio. O povo dos pantanais sempre precisa de remédio, vivendo como vive, à beira de atoleiros fétidos, com malária e juntas inchadas e medo da febre. Eles erguem as suas cabanas bem no limiar das poças escumosas, ao lado da lama negra das margens, ou colocam-nas sobre estacas por cima da água estagnada. As cabanas racham e apodrecem e desabam todo ano, e têm que ser remendadas toda primavera, mas, na primavera e no outono, bandos de aves migratórias descem para beber, no verão as águas ficam cheias de peixes e a floresta de caça, e no inverno o pessoal quebra o gelo e fica à espera dos veados que vêm beber. Além disso, o lugar tem uma boa quantidade de rãs; já comi rã várias vezes na Bretanha e, realmente, são uma boa refeição. Assim, o povo dos pantanais se apega às suas cabanas fedorentas, e comem bem, e bebem água parada, e morrem de febre e de disenteria; tampouco temem o fogo-fátuo que infesta os pântanos à noite, pois são almas de seus conhecidos.

Estávamos ainda a umas doze milhas do lugar da travessia, e já escurecia, quando tivemos o primeiro indício de transtorno. As florestas de carvalho tinham dado lugar a bosques de bétulas e alamos, as árvores tão rentes à trilha que tínhamos que nos abaixar sobre o pescoço dos cavalos para não ser fustigados pelos galhos. Embora não tivesse chovido, o chão estava bem macio, e, de vez em quando, os cascos dos cavalos afundavam na lama negra. Logo, bem próximo, senti o cheiro do pântano, e breve avistamos, por entre as árvores que escasseavam, o brilho opaco dos atoleiros refletindo as últimas luzes do céu. Meu cavalo tropeçou, patinou, e Ralf, que seguia à frente, segurou a minha rédea. Depois, apontou para a frente.

À nossa frente, uma luz diferente furava o crepúsculo; a luz opaca e firme de velas. A cabana de um morador dos pântanos. Fomos em sua direção.

A casa não ficava sobre a água, mas o chão estava bem molhado, e na certa inundava com mau tempo, pois a casa era colocada sobre paus e chegava-se a ela por uma passarela de toras serradas e enfileiradas por cima de um fosso de lama.

Um cão latiu. Dava para ver-se um homem, uma sombra dentro do interior da cabana fracamente iluminada, espiando para nós. Eu o chamei. Os moradores dos pântanos falam a sua própria língua, mas entendem o celta dos Dumnonii.

— Chamo-me Emrys. Sou médico ambulante e este é o meu servo. Estamos indo para a balsa em Uxella. Viemos pela floresta porque o exército do Rei está na estrada. Queremos abrigo, e podemos pagar.

Os pobres daquela zona compreendiam bem a necessidade de manterem-se afastados das tropas em marcha. Logo fizemos um acordo, o cão foi levado para dentro da cabana e preso, e fui com cuidado pelas toras escorregadias, deixando Ralf para cuidar dos cavalos e prendê-los no pedaço de chão mais seco que pudesse achar. O nome do nosso anfitrião era Nidd; ele era um sujeito baixo e de aparência ágil, com cabelos negros e um tufo de barba negra. Os ombros e os braços eram muito fortes, mas mancava bastante de uma perna que fora quebrada, encanada ao acaso e deixada para fundir-se torta. Sua mulher, que não teria mais de trinta anos, tinha a cabeça branca e era curvada pelo reumatismo; parecia-se e movia-se como uma mulher velha, a face cheia de rugas ao redor de uma boca desdentada. A cabana era apertada e fétida, e eu teria preferido dormir ao ar livre, mas a noite estava fria, e nem eu nem Ralf desejávamos passar a noite na floresta encharcada. Quando terminamos a refeição de pão preto e caldo, aceitamos o espaço no chão que nos ofereceram e preparamo-nos para enrolar-nos nas nossas capas e descansarmos o quanto pudéssemos. Eu preparava uma poção para a mulher, e ela já adormecera, encolhida sob uma pilha de peles contra a parede oposta, mas Nidd não se juntara a ela. Ao invés disso, foi até a porta, espiando para dentro da noite, como se à espera de alguém. Ralf e eu nos entreolhamos; ele ergueu as sobrancelhas e buscou o punhal. Fiz que não com a cabeça; já escutara os passos leves e rápidos na passarela. O cão não latiu, mas abanou a cauda de encontro ao chão. A cortina de couro de veado curtido foi afastada da porta e um menino entrou correndo, com um sorriso largo no rosto imundo. Estacou quando nos viu, mas o pai falou algo em patoá, e o garoto, ainda olhando-nos com curiosidade, largou a pilha de lenha que carregava em cima da mesa e desfez o barbante com que estava amarrada. Depois, com um olhar de desconfiança para mim, tirou de dentro da pilha uma ave morta, umas tiras de porco salgado, um embrulho que continha um par de calças de couro e uma faca afiada, do tipo que usam os soldados do Rei.

Acerquei-me da mesa e estendi a mão. O homem ficou atento, mas não se mexeu, e, após um momento, o menino deixou cair a faca na minha mão. Sopesei-a, pensativo. Depois, dei uma risada e larguei-a em cima da mesa, com a ponta para baixo. Ela ficou

balançando ao lado da ave.

— Fez uma boa caçada, hoje, não foi? Melhor do que ficar à espreita dos patos selvagens ao alvorecer. Quer dizer que o exército do Rei está perto? Muito perto?

O menino apenas me fitava, com vergonha de responder, mas, com a ajuda do pai, consegui, pouco a pouco, a informação.

Não era confortadora. O exército acampara a umas cinco milhas dali. O menino ficara escondido perto da orla da floresta, esperando uma chance para roubar comida, e escutara fragmentos da conversa dos homens que foram fazer as suas necessidades no mato. Se o menino escutara direito, o corpo principal do exército prosseguiria pela manhã, mas um destacamento partiria imediatamente para Caerleon, com uma mensagem para o seu comandante. Era óbvio que iriam pelo caminho mais curto, a travessia pelo rio. E requisitariam todos os barcos disponíveis.

Olhei para Ralf, que já vestia a capa. Virei-me para Nidd.

— Infelizmente, temos de partir. Precisamos pegar a balsa antes das tropas do Rei, que certamente partirão para lá de madrugada. Temos que ir agora. Será que o menino podia guiar-nos?

O menino faria qualquer coisa pelo níquel de cobre que eu lhe dei, e conhecia todos os caminhos pelo pântano. Agradecemos ao nosso anfitrião, deixamos o pagamento e os remédios que prometêramos e partimos, com o menino (que se chamava Ger), à frente do meu cavalo.

Havia estrelas e lua, mas encobertas por nuvens. Eu mal enxergava o caminho, mas o menino nem hesitava. Ele enxergava até nas sombras sob as árvores. Os animais pisam macio no chão da floresta, mas o garoto não fazia barulho algum.

Era difícil dizer, com a escuridão e o caminho ruim e tortuoso, a distância que estávamos percorrendo. Pareceu-nos um longo tempo até que as árvores comessem a rarear, e o caminho a ficar mais claro à nossa frente. À medida que a lua se tornava mais forte, as nuvens difundindo a sua luz pálida, eu enxergava melhor. Ainda estávamos no pantanal; a água brilhava dos dois lados, ilhada na escuridão. A lama do chão puxava e sugava os cascos dos cavalos. Juncos sibilavam e sussurravam à altura dos nossos ombros. O coaxar dos sapos estava por toda parte, e, de vez em quando, ouvíamos o ruído de algo que caía na água. De repente, com um grito e um lampejo de branco, um pássaro passou voando a um metro dos cascos do meu cavalo, e, se o menino não estivesse segurando as rédeas, eu teria sido derrubado da

sala e jogado na água. Depois disso, o cavalo caminhou com cuidado, nervosamente, sobressaltando-se até com os leves sons das poças, onde o fogo-fátuo tremulava, e bolhas surgiam sob os bocados do vapor que flutuava sobre a, água. Aqui e ali, sobressaindo do atoleiro, via-se o esqueleto negro de uma árvore.

Era uma paisagem estranha, com jeito e cheiro de morte. Pelo silêncio de Ralf, percebi que estava com medo. Mas nosso guia, à frente do meu cavalo, seguia por entre as névoas e os fogos-fátuos que eram as almas de seus antepassados. O único sinal que deu foi quando, num cruzamento, deparemos com uma árvore oca, de tronco grosso, com duas vezes a altura de um homem, com um buraco escancarado na casca que tinha um tom esverdeado; com a ajuda do luar, tomava vagamente a forma de olhos, boca e toscos seios. A velha deusa das encruzilhadas, "A Que Não Tem Nome", que fica a fitar de dentro da sua árvore como a coruja, que é sua criatura; à sua frente, decompondo-se com o brilho esverdeado que o povo chama de luz de feiticeiro, uma oferenda de peixe, dentro de uma casca de ostra. Ouvi Ralf inspirar, e sua mão tremeu num gesto defensivo. O jovem Ger, sem sequer olhar para o lado, resmungou baixo a palavra, e continuou firme.

Meia hora mais tarde, do alto de um morro de terra firme, vimos o estuário largo, iluminado pelo luar, e sentimos o cheiro do sal na brisa fresca.

Perto da margem onde a balsa navegava, via-se um brilho de luz vermelha, chamas num recipiente no cais. O caminho para lá, bem claro à luz da lua, cruzava o morro próximo e descia direto para a margem. Estacamos, mas, quando me virei para agradecer ao menino, vi que já desaparecera dissolvendo-se na escuridão silenciosamente como um dos fogos-fátuos empalidecendo. Dirigimos os nossos cavalos exaustos na direção do brilho distante.

Ao alcançarmos a balsa, vimos que a nossa sorte nos tinha abandonado tão rápida e decisivamente quanto o nosso guia. O fogo queimava num recipiente num poste sobre o cascalho onde a balsa aportava, mas ela não se encontrava lá. Forçando os ouvidos, pensei ter escutado, acima do murmúrio das águas, o ruído de remos estuário adentro. Chamei, mas sem resposta.

— Parece que ele não pretende demorar — disse Ralf, que estivera explorando. — Há fogo na cabana e deixou a porta aberta.

— Então, vamos esperar lá dentro — falei. — Não creio que as tropas do Rei partam antes do cantar do galo. Se a mensagem para

Caerleon fosse tão urgente, ele a teria enviado por um correio ontem à noite. Cuide dos cavalos, depois entre e venha descansar.

A cabana do barqueiro estava vazia, mas havia restos de fogo nas pedras que serviam de lareira. Havia uma pilha de gravetos secos por perto, e logo uma língua de fogo confortadora lambeu a madeira e iluminou a turfa. Ralf pôs-se a cochilar no calorzinho, enquanto eu ficava a olhar para as chamas e a esperar a volta do barco.

Mas o que ouvi não foi o barulho da quilha sobre o cascalho; foi o som macio e distante de cascos de cavalos que vinham a meio galope.

Antes que a minha mão tocasse o ombro de Ralf para acordá-lo, ele já estava de pé.

— Depressa, meu senhor, se formos rápidos pelo cascalho.. . a maré ainda não está cheia. . .

— Não. Eles nos escutariam e, de qualquer forma, os cavalos estão cansados. Você acha que estão muito longe?

Em duas passadas chegou à porta e inclinou a cabeça para escutar.

— Meia milha. Menos. Estarão aqui em alguns minutos. Que vai fazer? Não podemos esconder-nos. Eles verão os cavalos e o terreno é descampado como um mapa na areia.

Era verdade. A estrada por onde vinham os cavaleiros ia direto da margem para o topo do morro. Dos dois lados dela, os pantanais, brilhando com água e brancos de névoa. Atrás de nós estendia-se o estuário, refletindo o luar.

— É preciso enfrentar aquilo de que não se pode fugir — disse eu. — Não, assim não — o rapaz já puxava a espada — não contra homens do Rei, e além disso não teríamos mesmo chance. Há uma maneira melhor. Pegue as sacolas, sim?

Já estava despindo a minha túnica manchada e rasgada. Ele deu-me um olhar de dúvida, mas obedeceu.

— O senhor não vai conseguir enganá-los com esse disfarce. . .

— Nem pretendo tentar. Quando o destino forçar a sua mão, Ralf, não lute. Talvez eu veja o Rei mais cedo do que esperava.

— Aqui? Mas, o senhor... ele... a Rainha...

— O segredo da Rainha estará a salvo. Já fiz planos para esta situação. Deixaremos que eles pensem que viemos do sul, de Maridunum, esperando ver o Rei.

— Mas, e o barqueiro? E se perguntarem a ele?

— Vamos arriscar. E por que perguntariam? Mesmo que perguntem, darei um jeito. Os homens acreditam em qualquer coisa do feiticeiro do Rei, Ralf, até que ele possa atravessar o estuário numa nuvem, ou passá-lo a vau na maré baixa.

Enquanto falávamos, ele abriu um dos alforjes e tirara a túnica escura e as botas de couro de corça que eu usara na minha entrevista com a Rainha, enquanto eu me utilizava do balde de água perto da porta para lavar o cansaço da viagem e o fedor da cabana do pântano das mãos e do rosto. "Quando o destino força você", dissera eu a Ralf. Senti que meu sangue corria rápido e leve com a esperança de que este golpe, que imagináramos de azar, fosse o primeiro toque frio e perigoso da mão do deus.

Quando a tropa chegou, estacando no cascalho à frente da cabana do barqueiro, eu já os esperava no portal, com a luz do fogo às minhas costas e a luz da lua refletindo o dragão real junto ao meu ombro.

Nas sombras às minhas costas, escutei Ralf dar graças:

— Não são homens de Cornwall. Não me conhecerão.

— Mas conhecerão a mim — retruquei. — Aquele é o distintivo de Ynyr. São galeses de Guent.

O oficial era alto, com um rosto magro de gavião e uma cicatriz branca repuxando-lhe a boca. Não me recordava dele, mas olhou para mim e saudou-me.

— Pelo Corvo! Como chegou aqui, senhor?

— Preciso falar com o Rei. A que distância fica o seu acampamento?

Enquanto eu falava, um murmúrio agitado percorreu a tropa, cavalos inquietos, e um deles empinou como se detido nervosamente. O oficial falou ríspido por sobre o ombro, depois virou-se para mim. Eu o escutei engolir em seco antes de responder.

— A umas oito milhas, senhor.

Aqui havia algo mais que a surpresa de encontrar-me neste lugar deserto, e o temor que eu inspirava ao homem comum. Senti Ralf acercar-se de mim. Um olhar rápido revelou-me o brilho nos seus olhos; Ralf vibrava à menor menção de perigo.

O oficial falou, abruptamente:

— Bem, meu senhor, isto nos economizou tempo. Tínhamos ordens do Rei de procurá-lo e levá-lo a ele.

Ouvi Ralf inspirar. Pensei depressa, embora o coração disparasse. Isto explicava a reação dos soldados; eles pensaram que o fei-

ticeiro tivesse previsto, magicamente, os planos do Rei. Isto também resolvia o problema do barqueiro; se esta tropa era para escoltar-me, não precisariam cruzar o rio. Quando eu partisse com eles, Ralf compraria o silêncio do homem. Não me arriscaria a levar o rapaz para perto do Rei, ao alcance da sua ira.

Não havia mal em impressioná-los mais. Comentei, de maneira agradável:

— Que bom que lhes poupei uma viagem até Bryn Myrddin.. . Onde o Rei planejava receber-me? Em Viroconium? Não creio que ele pretenda ficar em Caerleon.

— E não pretende — respondeu o homem. Vi que tentava controlar-se, mas sua voz estava rouca, e limpou a garganta. — O senhor... o senhor sabia que o Rei estava indo para o norte, para Viroconium?

— Como não? — indaguei-lhe. Com o canto dos olhos vi que os homens assentiam e viravam as cabeças, como que a ecoar "Como não?". — Mas eu pretendia falar-lhe antes disso. Não lhe entregou uma carta para mim?

— Não, senhor. Tenho apenas instruções para levá-lo até ele.

— Inclinou-se na sela. — Creio que foi por causa do recado que recebeu ontem à noite de Cornwall. Más notícias, acho, embora não as tenha contado a ninguém. Parecia zangado. Depois, mandou buscá-lo.

Esperou, olhando para mim, como se eu soubesse o que continha o recado.

Eu receava que soubesse. Alguém nos reconhecera, ou tivera um palpite, e mandara avisar ao Rei. O mensageiro devia ter-nos ultrapassado na estrada. Independente do que fosse acontecer comigo, era preciso livrar Ralf do perigo. E embora eu não temesse pela Rainha nas mãos de Uther, havia outros: Maeve, Caw, Márcia, a própria criança. . . Os pêlos da minha nuca eriçaram-se, como os de um cão que fareja o perigo. Respirei fundo e perguntei, calmamente:

— Tem um cavalo extra? Meu animal está cansado e precisa ser conduzido. Meu criado descansará aqui, e voltará com o barco de madrugada, para aprontar a casa para mim. Na certa o Rei dar-me-á uma escolta até em casa, quando tivermos terminado os nossos assuntos.

A voz do oficial, apologética mas definitiva, sobrepôs-se ao furioso sussurro de divergência de Ralf.

— Por favor, senhor, os dois devem vir. São as minhas ordens. Temos cavalos. Vamos indo?

Ergueu a mão e os homens vieram cercar-nos. Nada podia ser feito. Ele tinha as suas ordens e eu me arriscaria mais discutindo que obedecendo. Além disso, cada minuto de atraso trazia a balsa mais perto. Eu nada escutara, mas o barqueiro já devia ter visto as tochas dos soldados, e devia estar voltando.

Um soldado trouxe os cavalos, e foi levando pela mão os nossos animais. Montamos. O oficial gritou uma ordem, a tropa deu meia volta e seguiu atrás de nós.

Não estávamos a nem duzentos passos da margem quando ouvi, distintamente, às minhas costas, o ruído do fundo de um bote raspando o cascalho. Ninguém mais prestou atenção. O oficial estava contando-me sobre o conselho que haveria no norte, e, atrás de mim, a voz de Ralf, alegre e divertida, prometia aos soldados:

— ... odre de vinho de ameixa-brava, o melhor que vocês já provaram. Receita do meu amo. Faz parte das rações em Caerleon e vão ver o que estão perdendo. Isto é no que dá mandar mensagens para um mago, que sabe tudo que acontece, mesmo antes de acontecer...

O Rei já estava recolhido quando chegamos ao acampamento e fomos alojados (e vigiados) numa tenda próxima à sua. Não dissemos nada que não pudesse ser ouvido. E, com ou sem perigo, foi o alojamento mais confortável que tivemos desde que deixamos a estalagem em Camelford. Ralf logo pegou no sono, mas eu permaneci desperto, olhando para a escuridão vazia, escutando o vento que começara e jogava punhados de chuva contra as paredes da tenda, e dizendo a mim mesmo:

— Tem que acontecer. Tem que acontecer. O deus mandou-me a visão. A criança me foi entregue. — Mas a escuridão continuou vazia, e o vento varreu as paredes da tenda e depois calou-se, e nada veio.

Virei no travesseiro a minha cabeça inquieta e vi, indistintamente, o brilho dos olhos de Ralf, que me observava. Mas virou-se sem falar, e logo a sua respiração relaxou-se no sono, novamente.

9

O Rei recebeu-me logo após o alvorecer, a sós. Estava armado e pronto para viajar, mas de cabeça descoberta. Seu elmo com a argola de ouro estava sobre um banquinho ao lado da cadeira, e a espada e o

escudo estavam encostados à caixa que continha o altar ambulante de Mitras que sempre levava consigo. Na tenda havia muitas peles e cortinas, mas fazia frio, e por toda parte sentia-se correntes de ar. Lá fora, ouviam-se os ruídos do exército levantando acampamento, e o drapejar do estandarte do Dragão à entrada.

Cumprimentou-me secamente. Ainda estava com a expressão fria de que me recordava, sem sinal de amizade, mas também sem raiva ou inimizade. Seu olhar era frio e avaliador, sua voz esperta.

— Você e a sua visão pouparam-me trabalho, Merlin. Inclinei a cabeça. Se ele nada perguntasse, eu nada responderia.

Fui direto ao assunto:

— Que deseja de mim?

— Da última vez em que nos falamos, fui severo com você. Acho que isto foi indigno de um rei a quem tinha acabado de prestar um serviço.

— O senhor estava aborrecido com a morte do Duque.

— Quanto a isso, ele lutou contra o seu Rei. Quaisquer que fossem as circunstâncias, tentou sublevar-se, e morreu. Está acabado, é coisa do passado. Nós, eu e você, temos que olhar para o futuro. É o que, agora, me preocupa.

— A criança — concordei. Ele estreitou os olhos azuis.

— Quem lhe contou? Ou ainda é a Visão?

— Ralf contou-me. Quando deixou a corte, veio servir-me. Pensou um pouco, franzindo a testa, que logo relaxou quando achou que nada havia de mal nisso. Eu o observava. Era alto, de cabelo e barba avermelhados, e com uma pele clara que fazia com que parecesse mais moço. Fazia pouco mais de um ano que meu pai morrera e Uther levantara o estandarte Pendragon. Ser Rei tinha-o amadurecido: notava-se a disciplina no seu rosto, juntamente com as marcas deixadas pela paixão e pela índole. O título de rei, juntamente com as suas vitórias, vestia-o como uma capa.

Fez um gesto displicente com a mão e vi que Ralf não mais necessitava temê-lo. Falou:

— O passado é o passado, mas há uma coisa que preciso perguntar-lhe. Na noite em que esta criança foi gerada, em Tintagel, ordenei-lhe que se afastasse de mim e não mais me incomodasse. Lembra-se?

— Lembro-me.

— E replicou que não mais me incomodaria, que eu não precisaria mais dos seus serviços. Foi previsão ou apenas raiva?

Respondi, mansamente:

— Quando falei, falei as palavras que foram saindo. Achava que eram previsão. Tudo que disse e fiz aquela noite, imaginei que era orientado pelos deuses. Por que pergunta? Mandou chamar-me para dar uma ordem?

— Para pedir um favor.

— Como profeta?

— Não. Como parente.

— Então, como parente, eu lhe direi que não era profecia, aquela noite, nem raiva, senhor, era dor. Dor pela morte de meu servo, e pelas mortes de Gorlois e seus companheiros. Mas, como diz, o passado é passado. Se puder servi-lo, basta que ordene.

Mas, pensei, enquanto esperava que ele falasse, se não era profecia, então aquela noite não foi de Deus, e Ele nunca falou comigo.

Não, eu falara a verdade quando dissera que Uther não precisaria dos meus serviços; eu não servira a Uther, então, não o serviria, agora. Lembrei-me das palavras do outro Rei, meu pai: "Você e eu juntos, Merlin, faremos um Rei como nunca o mundo conheceu." Eram o Rei morto e o que estava para nascer que me davam as ordens.

Se houvera hesitação no meu comportamento, Uther não o notara. Assentiu com a cabeça, colocou o cotovelo no joelho e o queixo no punho, e meditou, de testa franzida.

— Eu lhe disse outra coisa, naquela noite. Disse que não reconheceria a criança gerada então. Falava com raiva, mas agora falo friamente, depois de pensar e me aconselhar, e ainda digo o mesmo,

Merlin.

Esperou uma resposta, que não dei. Continuou, um pouco irritado.

— Não me entenda mal, não duvido da Rainha. Acredito nela quando diz que nunca mais pertenceu a Gorlois desde que ele a levou a Londres. Sei que a criança é minha, mas não pode ser meu herdeiro, nem ser criada na minha casa. Se for menina, não faz mal, mas se for menino, seria loucura criá-lo como herdeiro do Grande Reino, quando bastará que os homens contem nos dedos para dizer que o filho foi feito por Gorlois, meio mês antes do Rei casar-se com Ygraine. — Olhou para mim. — Sabe disso tanto quanto eu, Merlin. Você viveu em casas de reis. Sempre haverá os que duvidarão da sua origem, então sempre haverá os que tentarão arrancá-lo do trono em favor de outros com "melhor pretensão", e Deus sabe que haverá pretendentes

aos montes. E os melhores pretendentes serão os meus outros filhos. Assim, mesmo criado como bastardo na corte, o menino é perigoso. Ele pode vir a tentar ser rei pela morte dos meus outros filhos. Não seria a primeira vez que isto acontece. Não quero que a minha casa seja um campo de batalha. Preciso ter outro filho, um herdeiro que não seja posto em dúvida, concebido no casamento para a satisfação de todos e criado ao meu lado quando o reino estiver calmo e as guerras saxãs terminadas.

Que acha disso?

— O senhor é o Rei e o pai da criança.

Não foi exatamente uma resposta, mas ele assentiu como se eu tivesse concordado.

— E ainda há mais. O menino não só é perigoso, como será vítima de perigo. Se puder ser dito que ele não é meu, que é filho de Gorlois com Ygraine, então é óbvio que é filho do Duque de Cornwall, com direito à parte das terras que agora são de Cador, depois que eu o confirmei como Duque de Cornwall. Entende? Como filho do Rei ou como filho do Duque, Cador será seu inimigo, e muitos o seguiriam imediatamente.

— Cador é leal ao senhor?

— Eu confio nele. — Deu uma risada curta. — Até agora. É moço e de cabeça dura. Quer Cornwall e nada fará que fizesse correr o risco de perdê-la... por enquanto. Mais tarde, quem sabe? E quando eu me for... — deixou em suspenso. — Não, Cador não é meu inimigo, mas há outros que são.

— Quem?

— Sabe lá Deus, mas qual o rei que não os tem? Até Ambrósio... ainda dizem que ele morreu envenenado. Você me disse que não é verdade, mas assim mesmo faço com que Ulfin prove a minha comida. Enquanto Octa e Eosa forem prisioneiros em Londres, eles serão um foco para todo líder descontente que deseja alcançar uma coroa como a de Vortigern. . . auxiliado por forças saxãs e ao preço de vidas e terras inglesas. Mas, que mais posso fazer? Soltá-los, para incitarem os federados contra mim? Ou matá-los, dando a seus filhos na Alemanha motivo para vingá-los com sangue? Não, Octa e seu primo são meus reféns. Sem eles, Colgrim e Badulf já teriam vindo para cá há muito, e a Praia Saxã já teria ultrapassado os seus limites e estaria lambendo a Muralha de Ambrósio. Estou deixando estar para ver o que acontece. Não pode dizer-me nada, Merlin? Viu ou ouviu algo?

Não estava pedindo profecias. Uther olhava de banda para as coisas do outro mundo, como um cão que vê o vento. Respondi:

— Nada, a não ser que, quando Ralf deixou sua corte para vir servir-me, foi atacado e quase morto. Os homens não usavam distintivo. — Narrei-lhe o fato. — Talvez pensassem que ele era o seu mensageiro, ou da Rainha. Soldados do quartel procuraram nos bosques, mas não encontraram sinal deles. Além disso, de nada soube. Mas, se souber, pode ficar certo de que o avisarei.

Aquiesceu, depois continuou, com vagar, escolhendo as palavras. Tinha um modo abrupto, quase relutante. Quanto a mim, minha mente era um turbilhão, e eu me esforçava para ficar firme e calmo. Estávamos chegando ao campo de batalha, mas a batalha seria diferente do que eu tinha planejado. "Eu e você", dissera ele. Não teria mandado chamar-me se eu não fosse ter alguma participação no futuro da criança.

Cobria o mesmo terreno que eu e Ygraine já cobríamos.

— ... portanto, se for menino, não poderá ficar comigo, mas, se mandá-lo embora, não poderei protegê-lo. Mas ele precisa de proteção. Bastardo ou não, é meu filho e da Rainha, e, se não tivermos outros filhos, um dia será declarado meu herdeiro ao Grande Remo. — Ergueu uma das mãos. — Assim, veja como eu fico. Preciso entregá-lo a um guardião que o conserve em segurança nos ^{seus} primeiros anos de vida... pelo menos até que este reino dividido esteja calmo e seguro, e nas mãos de aliados fortes e leais, e haja herdeiros meus declarados.

Esperou que eu concordasse. Assenti com a cabeça, e indaguei, de maneira neutra:

— Já escolheu o guardião?

— Já. Budec.

Então a Rainha estava certa, e a decisão fora tomada. Mas, ainda assim, mandara chamar-me. Fiquei imóvel, e comentei, de modo tão seco que parecia indiferente:

— Era a escolha óbvia.

Ele mexeu-se na cadeira, e pigarreou. Notei, com surpresa, que parecia pouco à vontade, ou, mesmo, nervoso. Parecia, até, satisfeito que me tivesse agradado a sua escolha. Isto acalmou-me. Percebi que estivera tão obcecado com o meu destino e o da criança, que vira Uther como inimigo, o que era falso. Na realidade Uther era um guerreiro lutando contra os conflitos perpétuos dentro e em volta de suas fronteiras, tentando consertar aqui uma represa, ali uma muralha,

para impedir as águas da inundação; para ele, o problema da criança, embora algum dia pudesse ter importância vital, era, no momento, um empecilho a que tratasse de assuntos de maior realce, e ele queria liquidá-lo e passá-lo adiante. Falara sem emoção, e esclarecera bem a coisa. Talvez me tivesse chamado apenas para pedir a minha opinião, como seu irmão sempre fizera. Nesse caso... Umedeci os lábios secos e forcei-me a escutar calmamente, um conselheiro a ouvir um homem preocupado.

Ele falava novamente, algo sobre uma carta. A mensagem que chegara na véspera. Apontou para o banquinho ao seu lado, onde o pergaminho estava, amassado, como se tivesse sido jogado com raiva.

— Você sabia disso?

Peguei a carta e desamassei-a. Era curta, uma mensagem da Bretanha que fora enviada para o Rei em Tintagel e, depois, encaminhada para cá. O Rei Budec, dizia ela, contraíra uma febre durante o verão. Parecia estar melhorando, quando, pelo fim de agosto, morreu subitamente. A carta terminava com protestos formais de amizade do novo rei, Hoel, "devotado primo e aliado" de Uther.

Ergui o olhar. Uther relaxara na cadeira, ajeitando uma dobra do manto escarlate sobre o braço. Tudo parecia quieto. Lá fora, o vento amainara. Os ruídos do acampamento vinham de longe, indistintos. O queixo de Uther repousava no peito e ele me observava com um misto de preocupação e impaciência. Fui reservado:

— São más notícias. Budec era um homem bom e um bom amigo.

— Seriam mas mesmo que não tivessem destruído os meus planos. Eu já estava preparando as mensagens para enviar quando esta carta chegou. Agora, estou confuso. Já lhe contaram que estou indo para um conselho de reis em Viroconium?

— Audagus contou-me. — Audagus era o oficial que nos escoltara desde o cais.

Estendeu uma das mãos.

— Então, pode imaginar como está atrapalhando-me cuidar deste assunto agora. Mas é preciso. Por isso mandei chamá-lo.

Dei um piparote no lacre com o indicador.

— Não vai mandar a criança para Hoel? Ele se assina seu primo e aliado devotado.

— Pode ser meu primo e aliado devotado, mas é também um bom... — Uther usou uma expressão mais própria de um soldado do que de um rei em conselho. — Nunca o apreciei, nem ele a mim. Oh,

Mitras sabe que ele não faria mal a um filho meu, mas ele não é um homem como o pai, e talvez não consiga proteger o menino dos deuses inimigos. Não, não o mandarei para Hoel. Mas, para que outra corte posso mandá-lo? Veja por você mesmo. — Enumerou alguns nomes, todos homens poderosos, reis cujas terras ficavam a sudoeste, atrás da Muralha de Ambrósio. — Está vendo o meu problema? Se ele ficar com um dos nobres ou reis pequenos em território seguro, ainda estaria em perigo da parte de algum homem ambicioso; ou, pior ainda, poderia tornar-se instrumento de traição ou rebelião.

— E daí?

— Daí, dirijo-me a você. É o único que pode conduzir-me por entre essas rochas perigosas. Por um lado, o menino precisa ser reconhecido como meu, para o caso de não haver outro herdeiro. Pelo outro, precisa ser afastado, pelo próprio bem e o do reino, e criado na ignorância da sua origem, até chegar a hora em que eu mande buscá-lo. — Virou uma das mãos sobre o joelho e indagou, com a mesma simplicidade da outra vez: — Pode ajudar-me?

Respondi-lhe com a mesma simplicidade. A confusão, o turbilhão de pensamento formaram um desenho, como folhas coloridas que o vento, ao cessar de soprar, deixasse cair sobre a grama, formando uma tapeçaria.

— É claro. Não precisa despedaçar nenhuma parte do seu reino nestas rochas. Ouça, e lhe direi como. Disse-me que "aconselhou-se". Quer dizer que outros homens sabem do seu plano de enviar o menino para Budec?

— Sim.

— Já falou a alguém sobre esta carta, e das suas dúvidas sobre Hoel?

— Não.

— Ótimo. Informará, então, que os seus planos continuam os mesmos, e que o menino irá para a corte de Hoel em Kerrec. Escreverá a Hoel fazendo o pedido. Tome todas as providências para mandar o menino para lá com a ama e acompanhantes logo que o tempo permita. Deixe que saibam que eu mesmo acompanharei a criança até o seu destino.

Seu rosto estava fechado, atento, e havia nele um protesto que ele calou. Apenas indagou:

— E...?

— Além disso — continuei — preciso estar em Tintagel na hora do nascimento. Quem é o seu médico?

— Gandar. — Parecia querer dizer algo mais, mas mudou de idéia e esperou.

— Ótimo. Não estou sugerindo que eu deva assisti-la. — Sorri. — Em vista do que vou sugerir, daria margem a boatos perigosos. O senhor estará presente ao parto?

— Tentarei, mas acho difícil.

— Então, estarei presente para atestar o nascimento da criança, assim como Gandar, e as damas da Rainha, e quem mais o senhor quiser indicar. Se for menino, a notícia ser-lhe-á enviada por meio de faróis, e o senhor o declarará seu filho com a Rainha, e, na falta de um filho legítimo, seu herdeiro até o nascimento de outro príncipe.

Ele meditou sobre o assunto, relutante em comprometer-se. Mas isto era apenas a conclusão do que ele mesmo me dissera. Finalmente, aquiesceu, pesadamente:

— Muito bem. É a verdade. Bastardo ou não, é meu herdeiro até que arranje outro. Continue.

— Enquanto isso, a Rainha permanecerá em seu quarto. Depois que ele for visto e reconhecido, o menino será levado de volta aos aposentos da Rainha e lá ficará, sob as vistas somente de Gandar e das mulheres. Gandar cuidará disto. Eu, então, sairei ostensivamente pelo portão principal e pela ponte. À noite, irei em segredo para o portão traseiro no penhasco e pegarei o menino.

— Para levá-lo para... ?

— A Bretanha. Não para Hoel, nem pelo navio que todos conhecerão. Deixe esta parte para mim. Eu o levarei para alguém que conheço na Bretanha, nos extremos do reino de Hoel. Ele estará seguro, e será bem cuidado. Tem a minha palavra, Uther.

Ele ignorou este comentário, como se fosse desnecessário que o tivesse feito. Já estava com ar mais desanuviado, feliz por ver-se livre de uma preocupação que, comparada às demais do seu reino, parecia-lhe trivial e (com a criança ainda um simples peso no ventre da mãe) irreal.

— Preciso saber para onde vai levá-lo.

— Para a ama que me criou, e a outras crianças reais, bastardas ou legítimas, nos berçários de Maridunum. Seu nome é Moravik e ela é bretã. Depois do saque de Vortigern, ela voltou para o seu povo. Casou-se. Enquanto o bebê estiver sendo aleitado, é o melhor lugar. Ninguém o procurará num lar tão humilde. Estará protegido, mas, o que é melhor, estará escondido e ignorado.

— E Hoel?

— Ele saberá. É preciso. Deixe Hoel comigo.

Lá fora soou uma trombeta. O sol estava esquentando, e a tenda também. Ele mexeu-se, vergou os ombros como um homem que retira a sua armadura.

— E quando for descoberto que a criança não está no navio real e que desapareceu? O que diremos?

— Que, por temer os saxões no Mar Estreito, o príncipe foi enviado para a Bretanha com Merlin, e não pelo navio real.

— E quando descobrirem que ele não está na corte de Hoel?

— Gandar e Márcia jurarão que eu parti com a criança. Não sei quais serão os comentários, mas ninguém duvidará de mim, ou da segurança da criança sob a minha proteção. E sabe o que significa a minha proteção. Suponho que falarão de mágicas e desaparecimentos, e esperarão que a criança reapareça quando cessarem os meus encantamentos.

Ele disse, prosaicamente:

— É mais provável que digam que o navio afundou e que a criança morreu.

— Eu negarei.

— Então, não ficará com o menino?

— No começo, não. Sou conhecido.

— Mas, quem ficará com ele? Você disse que ele seria guardado.

Pela primeira vez, tive um segundo de hesitação. Fitei-o nos olhos.

— Ralf.

Pareceu surpreso, depois zangado, depois reconsiderou a raiva. Falou, vagorosamente:

- É. Aí também eu estava errado. Ele será leal.

— Não há outro mais leal.

— Pois bem, estou satisfeito. Tome as providências que quiser. Está nas suas mãos. De todos os homens da Inglaterra, é quem melhor o protegerá. — Bateu nos braços da cadeira. — Pronto, está tudo decidido. Antes de partirmos hoje, mandarei uma mensagem para a Rainha, informando-a da minha decisão.

Achei interessante' perguntar:

— Será que ela a aceitará? Não é uma coisa fácil para uma mulher suportar, mesmo sendo Rainha.

— Ela sabe a minha decisão, e fará o que eu mandar. Apenas numa coisa, contudo, farei a sua vontade; ela quer que a criança seja batizada como cristã.

Dei uma olhada para o altar de Mitras contra a parede da tenda.

— E o senhor? Deu de ombros.

— E que importância tem? Ele nunca será Rei. E, se for, prestará devoção onde for preciso, às vistas do povo. — Um olhar duro, direto. — Como fez meu irmão.

Se foi um desafio, declinei dele, indagando apenas: j

— E o nome?

— Arthur.

O nome era estranho, mas veio como o eco de algo que eu ouvira há muito tempo. Talvez houvesse sangue romano na família de Ygraine... Os Artori; devia ser. Mas, fora em outro lugar que ouvira o nome.. .

— Providenciarei — disse eu. — E agora, com a sua permissão, também escreverei para a Rainha. Ela ficará mais descansada se eu assegurar-lhe a minha lealdade.

Ele assentiu, depois levantou-se e pegou o elmo. Sorria, um fantasma frio do velho sorriso malicioso que me lançava em criança.

— Não é estranho, bastardo Merlin, que eu confie tão completamente o corpo do meu filho mal concebido ao único homem do reino cuja pretensão ao trono é mais legítima do que a dele? Não está lisonjeado?

— Nem um pouco. O senhor seria um tolo se já não tivesse descoberto que não tenho a menor ambição pela sua coroa.

— Então, não desperte nenhuma no meu bastardo, ouviu? - Virou a cabeça, gritando por um criado, depois voltou-a para mim. — E não lhe ensine nenhuma mágica, também.

— Se é seu filho — falei secamente — não aceitará bem a mágica. Nada lhe ensinarei a não ser o que ele tem o direito e a necessidade de saber. Dou-lhe a minha palavra.

Com isto nos separamos. Uther não gostaria nunca de mim, nem eu dele, mas havia um tipo de frio respeito mútuo entre nós dois, nascido do nosso mesmo sangue e do amor e da dedicação que, embora de espécies diferentes, ambos déramos a Ambrósio. Eu deveria ter sabido que ele e eu estaríamos juntos nisto, como os dois lados de uma mesma moeda, e que nos moveríamos juntos quer quiséssemos, quer não. Os deuses presidem o jogo, mas são os homens que se movem sob as suas mãos para os lances e as jogadas.

Deveria ter sabido; mas estava tão acostumado à voz de Deus no fogo e nas estréias, que me esqueci de procurá-la nos conselhos dos homens.

Ralf esperava, sozinho, na tenda vigiada. Quando lhe contei o resultado da minha conversa com o Rei, ficou calado por muito tempo. Depois, falou:

— Então, tudo vai acontecer exatamente como o senhor disse. Esperava que fosse assim? Quando nos trouxeram, ontem à noite, pensei que estivesse com medo.

— E estava, mas não do modo que você imagina.

Pensei que fosse perguntar como, mas pareceu compreender. Enrubescceu e ocupou-se com as malas.

— Meu senhor, preciso dizer-lhe... — sua voz estava abafada. — Eu estava muito errado a seu respeito. A princípio, porque não era um guerreiro... eu pensei...

— Que fosse um covarde? Eu sei. Olhou-me, vivamente.

— O senhor sabia? E não se importou? — Isto, obviamente, era quase tão ruim quanto covardia.

Sorri.

— Quando era criança entre guerreiros, fiquei acostumado. Além disso, eu mesmo nunca tive certeza de possuir coragem.

Fitou-me, depois explodiu:

Mas, o senhor não tem medo de nada! Tudo que nos aconteceu nesta viagem... parecia que o senhor estava fazendo um passeio numa manhã de verão, ao invés de estar percorrendo atalhos perigosos cheios de animais selvagens e bandidos. E, quando os homens do Rei nos alcançaram... mesmo sendo seu tio, não quer dizer que não fosse perigoso para o senhor. Todos sabem que não se pode contrariar o Rei. Mas, o senhor ficou absolutamente calmo, como se esperasse que ele fosse fazer a sua vontade, como todo mundo faz! O senhor, com medo? O senhor não tem medo de nada real!

— É isso que quero dizer — respondi. — Não sei quanta coragem é necessária para enfrentar inimigos humanos (que você chama de "reais") sabendo que não vão matá-lo. Mas, saber prever é bem aterrorizante, Ralf. A morte pode não estar na esquina seguinte, mas quando se sabe exatamente quando ela virá, e como. . . Não é um pensamento agradável.

— Então, o senhor sabe?

— Sei. Pelo menos, acho que é a minha morte que eu vejo.

Escuridão e um túmulo fechado. Ele ficou arrepiado.

— É, compreendo. É preferível lutar à luz do dia, mesmo pensando que se pode morrer amanhã. Pelo menos, é sempre "talvez amanhã", nunca "agora". Vai montar com as botas de couro de corça, meu senhor, ou vai trocá-las?

— Vou trocá-las, obrigado. — Sentei-me num banquinho e estendi-lhe um dos pés. Ajoelhou-se para retirar minhas botas. — Ralf, preciso contar-lhe mais uma coisa. Disse ao Rei que você estava aqui comigo e que iria à Bretanha para vigiar a criança.

Olhou-me petrificado.

— O senhor disse-lhe isto? E o que ele respondeu?

— Que você era leal. Ele concordou e aprovou.

Ficou de cócoras, segurando as minhas botas, sem conseguir falar.

— Ele teve tempo para pensar, Ralf, como um rei deve pensar. Também teve tempo, como os reis têm, para acalmar a sua consciência. Ele agora considera Gorlois um rebelde, e o passado liquidado. Se quiser voltar ao seu serviço, ele o receberá bem, e lhe dará um lugar entre os guerreiros.

Não respondeu, limitando-se a ocupar-se das minhas botas. Depois, ergueu-se, e foi chamar alguém para trazer os nossos cavalos.

— E ande depressa. Meu senhor e eu vamos agora para a balsa.

— Viu só? — comentei. — Agora foi você mesmo que tomou a sua decisão. E, no entanto, quem pode afirmar que não faz parte do "desenho" assim como a morte providencial de Budec? — Fiquei de pé, estirei-me e dei uma risada. — Por todos os deuses, ainda

bem que as coisas estão começando a tomar jeito. E ainda bem que uma coisa é possível, mais que todas as outras.

— Que o senhor vai ficar com a criança com tanta facilidade?

— Oh, isto também, é claro. Mas, no momento, é que vai ser possível eu raspar essa barba desgraçada!

10

Quando Ralf e eu chegamos a Maridunum, os meus planos estavam, o máximo possível, feitos. Mandeí-o para a Bretanha pelo primeiro navio, com cartas de pêsames para Hoel e com mensagens

que complementassem as do Rei. Uma das cartas, que Ralf levava ostensivamente, repetia o pedido do Rei para que Hoel abrigasse a criança durante a infância; a outra, que Ralf entregaria em segredo, avisava a Hoel que ele não seria sobrecarregado com a criança, e que nós não chegaríamos pelo navio real na data marcada. Implorava a sua ajuda para que Ralf pudesse tomar todas as providências para a viagem secreta que eu planejava para o Natal. Hoel, tranquilo e preguiçoso por natureza, e pouco afeiçoado ao primo Uther, ficaria tão aliviado, eu sabia, que iria ajudar a Ralf e a mim de todas as maneiras possíveis.

Quando Ralf partiu, eu mesmo me dirigi para o norte. Era óbvio que não poderia deixar o bebê por muito tempo na Bretanha; o refúgio com Moravik serviria por algum tempo, até que o interesse dos homens tivesse arrefecido, mas, depois, podia ficar perigoso. A Bretanha, como eu comentara com a Rainha, era o lugar onde os inimigos de Uther procurariam a criança; o fato de que ela não estava, nem nunca estivera, no anunciado refúgio da corte de Hoel, poderia fazer com que acreditassem que toda essa história de Bretanha fora pista falsa. Eu tomaria todas as medidas para que nenhuma pista os levasse à obscura aldeia de Moravik. Mas isto só valeria enquanto o menino fosse bem pequeno. Quando crescesse e começasse a circular, perguntas e boatos surgiriam bem facilmente; uma criança de lar pobre, tão bem cuidada e vigiada como esta seria, daria margem a perguntas, estas a rumores e estes a adivinhações da verdade.

Além disso, depois de superada a fase de amas e berçários, ele precisaria ser treinado, senão como príncipe, ao menos como um jovem nobre e um guerreiro. Bryn Myrddin, em hipótese alguma, poderia ser o seu lar; ele teria que ter o conforto e a segurança de um lar nobre. Finalmente, lembrei-me de um amigo de meu pai a quem eu conhecera bem. Chamava-se Ector, Conde de Galava, um dos nobres que lutaram sob o comando do Rei Coei de Rheged, o mais forte dos aliados de Uther no norte.

Rheged é um reino grande, estendendo-se desde a espinha montanhosa da Inglaterra até a costa oeste, e desde a Muralha de Adriano, ao norte, até a planície de Deva. Galava, que Ector dominava, fica a umas trinta milhas do mar, no canto noroeste do reino. Ali há extensões de terra selvagem e montanhosa, cheia de colinas e água e florestas agrestes; aliás, um dos nomes que possui é Floresta Agreste. O castelo de Ector situa-se em um terreno plano no extremo de um dos extensos lagos de que esses vales estão cheios. No passado, havia

aí uma fortaleza romana, uma entre as muitas na estrada militar que vai de Glannaventa, na costa, para se unir à estrada principal, que liga Luguwallum a York. Entre Galava e o porto de Glannaventa, existem colinas íngremes e gargantas agrestes, fáceis de defender, e, para o interior, fica a bem guardada terra de Rheged.

Quando Uther pensara em criar a criança em algum castelo seguro, pensara apenas nas terras ricas e estáveis de dentro da Muralha de Ambrósio, mas, mesmo se ele não temesse pela lealdade dos nobres, eu desaconselharia essas regiões, por serem exatamente as que os saxões mais cobiçavam. Por essas terras, eu presumia, eles lutariam em primeiro lugar e com mais denodo. No norte, no coração de Rheged, onde ninguém procuraria por ele, e onde a própria Floresta Agreste o protegeria, o menino cresceria com o máximo de segurança, e livre como um passarinho.

Ector casara-se há alguns anos. Sua mulher chamava-se Drusilla, de família romano-inglesa de York. Seu pai, Faustus, fora um dos magistrados da cidade que a defendera contra Octa, filho de Hengist, e que fora um dos que aconselhara o chefe saxão a se entregar a Ambrósio. Na época, Ector lutava no exército de meu pai. Em York, ele conhecera Drusilla, e casara-se com ela. Ambos eram cristãos, e, talvez por isso, seus caminhos e os de Uther raramente se cruzavam. Mas eu, juntamente com meu pai, já estivera na casa de Faustus em York, e Ambrósio tomara parte em longas discussões sobre a colonização das províncias do norte.

O castelo de Galava era bem protegido, fora construído no lugar do velho forte romano, com o lago à sua frente, um rio profundo de um dos lados, e as montanhas selvagens bem próximas. Era possível acercar-se dele apenas por água, ou por uma das gargantas do vale, bem vigiadas e facilmente defensáveis. Contudo, não tinha jeito de fortaleza. Havia árvores por perto, pesadas de outono, e botes com pescadores onde o rio corria, profundo e calmo, por entre as planícies verdejantes. As pastagens à volta da água estavam cheias de gado, e uma aldeia ficava sob as muralhas do castelo, como no tempo da Paz Romana. Duas milhas além das muralhas do castelo, encontrava-se um monastério, e os vales eram tão retirados que, dos lugares altos, acima da linha das árvores, onde só havia grama e pedras, dava para ver-se as ovelhas de pêlo azul que nasciam em Rheged, vigiadas por um jovem pastor que enfrentava os lobos e as raposas ferozes protegido apenas por um bastão e um único cão.

Eu viajava sozinho, e discretamente. Sem a barba detestada e o pesado disfarce, ainda assim não fui notado nem reconhecido, e cheguei à tardinha, num dia de outubro claro e revigorante.

Os portões estavam abertos, dando para um quintal pavimentado onde homens e rapazes estavam descarregando uma carroça de palha. Os bois esperavam pacientemente, ruminando; perto deles um rapaz dava de beber a um par de cavalos suados. Cães latiam e brigavam e galinhas ciscavam no feno caído. Havia árvores no quintal e, dos dois lados da escada da porta principal, havia canteiros de malmequer, com as suas cores laranja e amarelo refulgindo ao sol da tarde. Parecia mais uma próspera fazenda que uma fortaleza, mas, pela porta aberta, entrevi fileiras de armas reluzentes e, de trás de um muro alto, vinham ordens e o ruído de homens treinando.

Parei entre os postes da entrada e o porteiro barrou o meu caminho, perguntando o que eu desejava. Entreguei-lhe um pequeno embrulho com o meu broche do Dragão e mandei que o levasse ao seu amo. Dentro de minutos, estava de volta, com o camareiro correndo atrás dele, para levar-me diretamente ao Conde Ector.

Ector quase não mudara. Era um homem de estatura média, chegando à meia-idade; se meu pai fosse vivo, seriam da mesma idade, o que lhe dava pouco mais de quarenta anos. Sua barba castanha estava ficando grisalha, e era moreno, e sangüíneo. Sua esposa era mais de dez anos mais moça que ele; era alta e estatuésca, na casa dos vinte, reservada e um pouco tímida, mas com olhos azul-fumaça que desmentiam o seu modo formal e distante. Ector parecia um homem satisfeito.

Recebeu-me sozinho, num quarto pequeno com lanças e arcos encostados às paredes, e a lareira cercada de cães — veadeiros. O fogo estava alto nas achas de pinho, porque as janelas estreitas e sem vidros deixavam entrar o ar esperto de outubro, e o vento gania como um cão nas cordas dos arcos empilhados.

Apertou-me os braços num abraço de urso, exclamando:

— Merlinus Ambrosius! Mas, que prazer! Há quanto tempo, nem? Dois anos? Três? Quanta água por baixo da ponte, e quanta estrela cadente, desde a última vez, não? Mas você é muito, muito bem-vindo! Não há outro que eu receba melhor sob o meu teto. Você fez o seu nome, hein? O que tenho ouvido contar. . . Bom, agora pode contar-me a verdade. Santo Deus, rapaz, você está cada dia mais parecido com ele! Porém, mais magro, mais magro. Você parece que

não vê carne fresca há um ano. Venha, sente-se ao pé do fogo que vou pedir comida antes que comecemos a conversar.

O jantar foi enorme e excelente, e valia por dez refeições das minhas. Ector comeu por três, e insistiu que eu comesse o resto. Trocávamos as novidades enquanto comíamos. Ele já soubera da gravidez da Rainha, mas eu não me detive no assunto, perguntando-lhe o que se passara em Viroconium. Ector participara do conselho, e recentemente voltara para casa.

— Sucesso? — perguntou, replicando à minha pergunta. — É difícil dizer. Muita gente compareceu. Coei de Rheged, é claro, e os demais dessas terras, — enumerou uma meia dúzia de vizinhos — menos Riocatus de Verterae que mandou avisar que estava doente.

— Você não acreditou?

— Quando acreditar no que aquele chacal disser — respondeu Ector energicamente — também serei um lambedor de cuspe. Mas, todos os lobos estavam lá, portanto os comedores de carne não fizeram falta.

— Strathclyde?

— Sim, Caw estava lá. Os pictos na metade ocidental do seu território estão dando trabalho.. . aliás, quando é que não deram? Embora Caw também seja meio picto, ele cooperará com qualquer plano que o ajude a controlar o seu território, portanto foi favorável à idéia do conselho. Ele ajudará, tenho certeza. O que não consegue é controlar aquele monte de filhos que fez. Sabia que um deles, Heuil, um canalhinha que mal tem idade para levantar uma lança (assim pensavam todos), violentou uma das filhas de Morien na primavera passada, quando ia a caminho do monastério para onde seu pai resolvera que ela iria, quando do seu nascimento? Para ela, ele bem que levantou a sua lança; quando o pai soube, eles já tinham ultrapassado a fronteira e ela não estava mais em condições para nenhum monastério, mesmo um de idéias avançadas. — Abafou um risinho. — Morien reclamou, é claro, mas todos estavam debochando, então ele tirou o melhor partido que pôde da situação. Strathclyde teve que pagar, e ele e Morien sentaram-se em lugares opostos em Viroconium, e Heuil nem sequer compareceu. Pois é, mas eles resolveram esquecer as suas diferenças. O Rei Uther soube trabalhar bem, e, assim, juntando Rheged e Strathclyde, metade da fronteira norte está totalmente com o Rei.

— E a outra metade? — perguntei. — E quanto a Lot?

— Lot? — Ector bufou. — Aquele fanfarrão! Ele juraria aliança ao Diabo e a Hecate combinados, se com isso arranjasse mais alguns acres de terra! Liga menos para a Inglaterra do que aquele cão ao pé da lareira. Ele e o seu bando de irmãos selvagens sentados naquela rocha fria. Só lutarão se tirarem vantagem. — Calou-se, olhando para o fogo de cenho fechado, cutucando o cachorro mais próximo com o pé; o cão bocejou de prazer e repuxou as orelhas. — Mas, ele fala bem, e talvez eu o esteja caluniando. Os tempos mudam, e até bárbaros como Lot devem compreender que, a não ser que nos unamos, e permaneçamos unidos, será como o Ano da Inundação de novo.

Não se referia a uma inundação de verdade, mas ao ano da grande invasão do século passado, quando pictos e saxões, reunidos aos escoceses da Irlanda, derramaram-se por sobre a Muralha de Adriano com machado e fogo. Máximo era o chefe, na época, em Segontium. Ele os rechaçou e os venceu, conquistando para a Inglaterra uma temporada de paz; e, para si mesmo, um império e uma lenda.

Falei:

— Lot é a chave da defesa que Uther está planejando, mais ainda que Rheged ou Strathclyde. Ouvi dizer (será verdade?) que há anglos plantados no Alaunus, e que a força dos federados anglicanos, ao sul de York ao longo do Abus, já duplicou desde a morte de meu pai.

— É verdade — falou pesadamente. — Para o sul de Lothian há apenas Urien na costa, e este é um outro corvo, beliscando os restos de Lot. Não, talvez eu também esteja sendo injusto com ele. Afinal, ele é casado com a irmã de Lot, é de se supor que rezem pela mesma cartilha. Por falar nisso...

— Nisso o quê? — perguntei quando ele se interrompeu.

— Casamento. — Fechou a cara, depois riu. — Se não fosse tão perigoso, até que seria engraçado. Você sabia que Uther tem uma filha bastarda, esqueci o nome, que deve ter uns sete ou oito anos?

— Morgause. Sim, lembro-me dela. Nasceu na Bretanha.

Morgause foi um escorregão de Uther com uma garota na Bretanha, que o seguiu até a Inglaterra na esperança de se casar, pois era de boa família, e a única mulher que se sabia com certeza que lhe dera filhos. (Sempre fora motivo de espanto e conjecturas, quer públicas quer particulares, entre as tropas de Uther, como ele conseguia evitar uma fila de bastardos na sua esteira, como sementes caindo no sulco

deixado pelo arado. Mas esta menina era a única de conhecimento público. E do conhecimento de Uther também, creio. Pois era um homem justo e generoso, e nenhuma moça sofrerá às suas mãos dano maior que a perda da virgindade.) Ele reconheceu a criança, conservara a mãe e a menina numa das suas casas, e após o casamento da mãe com um nobre da sua corte, levava a menina para a sua própria casa. Eu a vi uma ou duas vezes na Bretanha, uma menina magra, de cabelos claros, com olhos grandes e boca apertada.

— Que há com Morgause? — indaguei.

— Uther estava dando indiretas sobre casá-la com Lot, quando ela estiver na idade.

Ergui uma sobrancelha.

— E o que Lot acha disso?

— Estava engraçada a sua reação. De cara feia com a sugestão que a bastarda de Uther servia para ele, mas falando macio, para o caso de não nascer outra filha na cama legítima do Rei. Bastardos, e seus cônjuges, já herdaram reinos anteriormente. Desculpe falar na sua presença.

— Não é nada. Então, Lot está olhando para tão alto assim?

Assentiu.

— O mais alto possível, para o Grande Reino, escute o que lhe digo.

Fiquei pensando. Eu nunca conhecera Lot; era pouco mais velho do que eu, no começo da casa dos vinte, e, embora tivesse lutado sob as ordens de meu pai, os nossos caminhos não se tinham cruzado.

— Então, Uther quer amarrar Lothian, e Lot quer ser amarrado? Sendo ou não por ambição, isto significa que Lot lutará pelo Grande Rei quando chegar a hora. E ele é o nosso principal baluarte contra os anglos e os outros invasores do norte.

— É, ele lutará. A não ser que os anglos ofereçam-lhe um suborno melhor que o de Uther.

— Fala sério? — Fiquei alarmado. Ector, apesar do seu jeito, era um observador sagaz e poucos homens conheciam melhor as tendências das mudanças de poder ao longo das nossas costas.

— Talvez eu estivesse exagerando. Mas, no meu modo de ver, Lot é inescrupuloso e ambicioso, uma combinação que significa perigo para o chefe que não souber aplacá-lo.

— Como ele se dá com Rheged? — Estava pensando na criança que ficaria aqui em Galava, com Lot a nordeste, depois dos Penninos.

— São amigos, são amigos. Tão amigos quanto dois cães enormes, cada um com o seu prato de comida bem cheio. Ainda não é motivo de preocupação, e talvez nunca o seja. Esqueça, e vamos

k_r, — Ele próprio bebeu, depois largou o copo e limpou a boca. Então, fitou-me de modo astuto e curioso. — E agora, vamos ao que interessa. Você não veio até aqui só para jantar e bater papo com um velho fazendeiro. Diga-me, como posso servir ao filho de Ambrósio?

— É ao sobrinho de Ambrósio que você estará servindo — respondi, contando-lhe o resto. Ele me escutou em silêncio. Apesar do seu jeitão caloroso e esfuziante, nada havia de impulsivo ou precipitado em Ector. Ele fora um oficial calculista e de cabeça fria; um homem valioso em qualquer circunstância, desde uma luta feroz até um cerco longo e cuidadoso. Após um rápido olhar de surpresa e um erguer de sobrancelhas quando falei da decisão do Rei, e que eu seria o tutor da criança, ele escutou sem mover-se e sem tirar os olhos de cima de mim.

Quando terminei, mexeu-se.

— Bem... Para começar, Merlin, deixe-me dizer uma coisa: estou feliz e orgulhoso que tenha vindo a mim. Sabe o que eu sentia por seu pai. E, para dizer a verdade, meu rapaz, — pigarreou, hesitou, e falou, com os olhos postos no fogo — sempre me doeu o coração que fosse um bastardo. Falo isso entre essas quatro paredes, é lógico. Não que Uther tenha sido um mau Grande Rei. . .

— Bem melhor do que eu teria sido — comentei sorrindo. — Meu pai sempre dizia que Uther e eu, juntos, possuíamos as qualidades de um bom rei. Era o sonho dele que, juntos, formássemos um. E este é ele. — Levantou depressa a cabeça. — Ah, eu sei, um bebê que ainda nem nasceu. Mas, a primeira parte aconteceu como eu sabia que aconteceria: um filho de Uther, criado por mim. Este é ele. Será um rei como nunca esse pobre país viu, e nem verá...

— Suas estrelas lhe contaram?

— Está escrito nelas, e quem escreve nas estrelas, senão Deus?

— Queira Deus seja verdade. Vai chegar uma época, Merlin, talvez não daqui a um, nem cinco, nem dez anos, mas vai chegar... em que o Ano da Inundação voltará, e queira Deus que tenhamos um rei para erguer a espada de Máximo contra ele. — Virou bruscamente a cabeça. — Que foi isso? Este som?

— O vento nas cordas dos arcos.

— Parecia uma harpa tocando. Estranho... Que foi, rapaz? Por que essa cara?

— Nada.

Olhou-me com ar de dúvida por mais um momento, depois resmungou e calou-se; atrás de nós o som cresceu, uma música fria, vinda do próprio ar. Recordei-me de como, em criança, ficava a olhar para as estrelas para escutar a música que, segundo me contaram, elas faziam ao moverem-se. Deve ser este, pensei, o som dela.

Entrou um criado trazendo mais achas para o fogo. e o som morreu. Quando se retirou, fechando a porta, Ector tornou a falar, num tom bem diferente.

— É claro que o farei, e com muito orgulho. Você tem razão; nos próximos anos Uther não terá muito tempo para a criança, e terá dificuldades em conservá-la em segurança. Talvez em Tintagel, mas, com Cador por lá... O Rei sabe que veio procurar-me?

— Não. Nem lhe direi, no momento.

— Verdade? — Meditou por um tempo, de cenho franzido.

— Acha que ele ficará satisfeito com isso?

— É possível. Não sei. Não insisti muito comigo sobre a Bretanha. Creio que quer envolver-se o mínimo possível. Além disso

— sorri com amargura — o Rei e eu estamos em trégua, mas não sei por quanto tempo; e longe dos olhos, longe do coração... e do pensamento. Se eu for dedicar-me a ensinar a criança, que seja a uma boa distância do Grande Rei.

— É, já soube disso, também. Não é uma atitude sábia ajudar os reis a realizarem os seus desejos. O menino será cristão?

— Assim deseja a Rainha, por isso ele será batizado na Bretanha, se eu puder dar um jeito. Vai chamar-se Artur.

— Você será o padrinho? Dei uma risada.

— Acho que o fato de nunca ter sido batizado tira-me do páreo.

Ele mostrou os dentes.

— Esqueci-me que é pagão. Ainda bem que o menino não o será, ou teríamos um bocado de aborrecimentos.

— Com a sua mulher? É assim tão religiosa?

— Pobre moça — comentou — só tem isso desde a morte do nosso segundo filho. E não haverá outros. Na realidade, será uma bênção de Deus acolhermos esse menino; meu filho Cei, apesar de ter apenas três anos, já é um bandidinho teimoso, mimado pelas mulheres. Será bom haver uma segunda criança. Como é mesmo que irá chamar-se? Artur? Posso discutir isto com Drusilla? Embora não haja dúvidas de que ficará tão feliz quanto eu em acolhê-lo. E ficará

de boca fechada, acredite, mesmo sendo mulher. Ele estará em segurança conosco.

— Eu tinha certeza. E sem precisar que as estrelas me dissessem. — Ele interrompeu os meus agradecimentos.

— Bem, então está tudo resolvido. Discutiremos os detalhes depois. Falarei com Drusilla hoje à noite. Ficará conosco durante algum tempo?

— Obrigado. Só o tempo de descansar, e ao meu cavalo. Quero estar em Tintagel em dezembro, e, antes, preciso estar em casa quando Ralf voltar da Bretanha. Há muitas providências a tomar.

— Que pena! Mas voltará. Estarei esperando. — Sorriu, cutucando os cães novamente. — Posso nomear você tutor aqui de casa, ou algo assim, que lhe permita lidar com o menino. E aproveitaria para consertar Cei. Talvez ele tenha modos com você, se tiver medo de ser transformado em sapo por desobedecê-lo.

— Os morcegos são a minha especialidade — repliquei sorrindo. — Você é muito bom e nunca poderei saldar esta dívida. Mas, arranjaré um canto para mim.

— Escute, rapaz, o filho de Ambrósio não vai sair por aí procurando casa enquanto eu tiver quatro paredes e uma lareira para oferecer. Por que não aqui?

— Porque posso ser reconhecido e onde Merlin estiver, nos próximos anos, os homens procurarão Artur por perto. Não, preciso ficar escondido. Uma casa grande como esta é muito arriscada, e, com o devido respeito, quatro paredes não são sempre o melhor abrigo para gente como eu.

— Ah, entendo. Uma gruta, não é? Bem, aqui por perto há algumas, se conseguir expulsar os Jobos primeiro. Bem, você sabe da sua vida. Mas, diga-me, e a Rainha? Que acha disso tudo? Que mulher deixaria que lhe arrancassem o primogênito do leito onde deu à luz, e nunca mais tentar vê-lo ou dar-se a conhecer?

— A própria Rainha chamou-me em segredo e pediu-me que o levasse. Ela sofre, mas é a vontade do Rei, e ela sabe que não é apenas um capricho nascido da raiva; percebe o perigo tanto quanto ele. E é rainha antes de ser mulher. — Acrescentei, com cuidado: — Penso que o Rei e a Rainha não são do tipo de ter família. São homem e mulher feitos um para o outro e, fora da cama, são Rei e Rainha. Talvez, no futuro, Ygraine queira saber, e faça perguntas; mas, isso é com o futuro. No momento, ela se satisfaz em deixá-lo partir.

Depois disso, conversamos noite adentro, acertando os detalhes futuro. Artur ficaria na Bretanha até uns três ou quatro anos - idade, quando Ralf o levaria, numa época do ano em que fosse seguro, da Bretanha para a casa de Ector.

— E você? — perguntou Ector. — Onde estará?

— Não na Bretanha, pelo mesmo motivo que não posso ficar. Vou desaparecer, Ector. É um talento que os mágicos possuem. E quando reaparecer, será num lugar que afaste os olhos dos homens da Bretanha e de Galava. — Quando fez mais perguntas, ri e recusei-me a explicar.

— Na realidade, os meus planos ainda não estão definidos. Bem, já o tirei da cama por muito tempo. Sua mulher deve estar imaginando quem é o homem misterioso com quem esteve trancado este tempo todo. Apresentarei as minhas desculpas pela manhã.

— E eu apresentarei as minhas agora — disse, ficando de pé. — Mas estas desculpas eu gosto de pedir. Está perdendo um bocado, sabe, Merlin... mas, você não deve saber...

— Eu sei — falei.

— Sabe? E acha que vale a pena esta vida sem mulheres?

— Para mim, vale.

— Venha por aqui, então, para a sua cama fria — disse ele, abrindo a porta para mim.

11

O menino nasceu na véspera do Natal, uma hora antes da meia-noite.

Um pouco antes do nascimento, eu e os dois nobres indicados como testemunhas fomos chamados ao quarto da Rainha, onde Gandar a assistia, juntamente com Márcia e outras mulheres da casa. Entre estas estava Branwen, que dera à luz há pouco um natimorto; ela seria a ama-de-leite do menino. Quando tudo terminou, e o menino estava lavado e enfaixado, e a Rainha adormecida, despedi-me e saí do castelo pelo caminho para Dimilioc. Logo que as luzes da portaria sumiram de vista, virei o meu cavalo para o atalho íngreme para o vale que se estende desde os campos altos acima do promontório, até a praia.

O castelo de Tintagel foi construído num promontório rochoso, numa península, um rochedo saindo do mar tenebroso, unido aos

penhascos do continente por uma passarela estreita. De cada lado da passarela, os penhascos caem até pequenas angras de rocha e cascalho que os rochedos escondem. De uma dessas sai um atalho, estreito e precário, e que só dá passagem na maré baixa, conduzindo, penhasco acima, até um pequeno portão nas raízes das muralhas do castelo. Este é o postigo, a entrada secreta para o castelo. Lá dentro, uma escadaria estreita de pedra leva à porta particular dos apartamentos reais.

A meio caminho da escadaria, ficava um patamar largo, e um quarto da guarda. Aí eu ficaria esperando até que a criança 'estivesse em condições de enfrentar o frio do inverno. Não havia guardas; há meses o Rei lacrara o postigo; a porta do quarto da guarda que dava para a parte principal do castelo fora emparedada. Esta noite, a porta traseira fora aberta, mas não havia porteiro; apenas Ulfin, o criado do Rei, e Valério, seu amigo e oficial de confiança, estavam à minha espera para deixar-me entrar. Valério conduziu-me ao quarto da guarda, enquanto Ulfin descia o atalho para o mar para levar o meu cavalo. Ralf não estava comigo. Fora verificar se o navio bretão estava esperando, como prometera, e fora encarregado, também, de trazer cavalos e ficar de guarda toda noite na baía abaixo do atalho secreto.

Esperei dois dias e duas noites. No quarto da guarda havia um catre, e Ulfin acendera um fogo para espantar o frio, e, de tempos em tempos, trazia comida, combustível e as novidades lá de cima. Teria ficado para servir-me, se eu tivesse deixado; ainda era grato por favores do passado, e o desprazer do Rei muito o mortificara. Mas eu o despachei para o seu lugar à porta do quarto da Rainha, e fiquei esperando sozinho.

Do outro lado do patamar, na parede externa do castelo, do lado oposto do quarto da guarda, havia outra porta, dando para uma plataforma estreita, cercada por um parapeito. Nenhuma das janelas do castelo dava para este local, e, abaixo dele, entre o muro do castelo e o mar, ficava um gramado que descia até a beirada dos precipícios. No verão o lugar ficava coalhado de ninhos de aves marinhas, mas, agora, em pleno inverno, estava vazio e coberto de geada. Lá de baixo, chegavam os ruídos incessantes do mar de inverno.

Todo dia, ao alvorecer e ao anoitecer, eu ia até esta plataforma para ver se o tempo mudara. Mas não houve mudança durante três dias. O ar estava frio, e, lá embaixo, mal se distinguia a grama, branca de geada, na névoa espessa que envolvia todo o lugar, desde o mar invisível, abaixo dos penhascos invisíveis, até a mancha pálida que o sol deixava ao tentar iluminar o céu. Por baixo da coberta de névoa, o

mar estava quieto, o mais quieto que conseguia ficar naquela costa raivosa. Toda meia-noite, antes de ir dormir, eu saía Para a escuridão gelada para procurar as estrelas. Mas via apenas a cobertura de névoa.

Até que, na terceira noite, o vento chegou. Um ventinho do leste, que subiu os parapeitos e entrou por baixo das portas, fazendo esvoaçar as chamas nas achas de bétula. Fiquei de pé, a escutar. Estava com a mão no trinco da porta, quando ouvi um ruído no silêncio do topo da escadaria. A porta dos aposentos da Rainha abriu-se e fechou-se, suavemente. Abri a minha porta e olhei para cima.

Alguém vinha descendo a escada, mansamente; uma mulher, enrolada num manto, carregando algo. Saí para o patamar, e a luz do quarto acompanhou-me, luz de fogo e sombras.

Era Márcia. Vi as lágrimas que brilhavam em seu rosto, inclinado sobre aquilo que segurava. Uma criança, bem agasalhada contra o frio do inverno. Ela me viu e entregou-me o bebê, dizendo:

— Tome conta dele. Tome conta dele, pelo amor de Deus! Tomei a criança. Por dentro dos agasalhos de lã, via-se o brilho de fazenda dourada.

— E o objeto de prova? — perguntei. Ela entregou-me um anel. Era de ouro, com uma pedra de jaspe vermelha em que o timbre do dragão estava entalhado, e eu o vira com frequência no dedo de Uther. Coloquei-o no meu dedo, e ela fez um gesto instintivo de protesto, que logo abafou ao recordar quem eu era.

Sorri.

— É só para que não se perca. Vou guardá-lo para ele.

— Meu príncipe... — Inclinou a cabeça. Depois olhou por sobre o ombro para a escada, por onde Branwen, de capa e capuz, vinha descendo acompanhada de Ulfin, que trazia um pacote com os seus pertences. Márcia virou-se depressa para mim, e colocou uma das mãos no meu braço. — O senhor me dirá para onde o leva? — Era uma súplica, sussurrada.

Meneei a cabeça.

— Sinto muito. É melhor que ninguém saiba. Embora calada, os lábios se moviam. Empertigou-se.

— Está certo. Mas promete que ele estará em segurança? Não lhe peço como homem, nem como príncipe. Peço ao seu poder. Ele estará em segurança?

Com que, então, Ygraine nada dissera, nem a Márcia! Márcia apenas adivinhava o futuro. Mas nos dias futuros, as duas mulheres teriam uma necessidade amarga de trocar confidências. Seria cruel

deixar a Rainha só com o seu conhecimento e as suas esperanças. Não é verdade que as mulheres não saibam guardar segredo. Quando amam, pode-se confiar nelas até a morte, e além, contra todo Q bom-senso e a razão. É a sua fraqueza, e a sua grande força.

Olhei Márcia bem dentro dos olhos por um momento.

— Ele será Rei. A Rainha já sabe. Mas para o bem da criança, você não dirá isso a mais ninguém.

Ela inclinou a cabeça, novamente, sem replicar. Ulfin e Branwen já estavam ao nosso lado. Márcia aproximou-se e, meigamente, afastou um pouco o xale que cobria o rosto do bebê. Ele estava dormindo. As pálpebras, rechonchudas, cobriam os olhos fechados como conchas pálidas. Havia uma penugem grossa sobre a cabeça. Márcia abaixou-se e beijou-o levemente na cabeça. Ele continuou a dormir, indiferente. Ela tornou a cobri-lo, depois, com mãos hábeis e suaves, ajeitou bem a trouxa nos meus braços.

— Assim. Segure a cabeça dele assim. Desça o atalho com cuidado, sim?

— Descerei.

Ela quis falar de novo, mas controlou-se, e vi uma lágrima deslizar pela sua face e cair no xale da criança. Então, virou-se abruptamente, e começou a subir as escadas.

Eu mesmo carreguei o bebê atalho abaixo. Valério foi na frente, com a espada desembainhada e pronta, e Branwen, apoiada no braço de Ulfin, veio atrás. Quando chegamos embaixo, nas pedrinhas ásperas, a sombra de Ralf destacou-se da escuridão imensa dos rochedos, e ouvimos o seu cumprimento breve e aliviado, e os cascos dos cavalos no cascalho.

Ele trouxe uma mula, rija e segura, para a moça. Ajeitou-a na sela, e eu entreguei-lhe o bebê, que ela agasalhou na sua própria capa. Ralf, então, montou e segurou as rédeas da mula. Eu levaria a mula de carga. Desta vez eu seria um cantor itinerante, pois um tocador de harpa é requisitado para as cortes dos reis, enquanto um curandeiro não é. A minha harpa estava amarrada à sela da mula. Ulfin entregou-me as rédeas, depois trouxe o meu cavalo; ele estava descansado e ansioso para pôr-se em movimento e aquecer-se. Fiz minhas despedidas e agradecimentos, e ele e Valério retomaram o caminho do penhasco. Depois de entrarem no castelo, lacrariam novamente o postigo.

Virei a cabeça do meu animal para o vento. Ralf e a moça já estavam com os cavalos na rampa. Vi as figuras escuras paradas acima

de mim, à espera, e o oval desmaiado do rosto de Ralf, que me fitava. De repente, e'e ergueu o braço, apontando.

— Olhe!

Virei-me.

A névoa se dissipava, descobrindo um céu reluzente. Suave-lente, bem por cima do promontório do castelo, vinha a luz difusa da lua. Afinal a última nuvem se foi, soprada pelo vento como uma fumaça em direção à Bretanha, e, no seu rastro, destacando-se entre as estrelas de menor brilho, surgiu a grande estrela que iluminara a noite da morte de Ambrósio, e que agora reluzia firmemente no leste pelo nascimento do Rei de Natal.

Esporeamos os nossos cavalos, e cavalgamos para o navio.

12

O vento soprou bem para a Bretanha, e avistamos a Costa Selvagem na madrugada do quinto dia. Aqui, o mar nunca é calmo; os penhascos, altos e perigosos, erguiam-se negros, com a luz da manhã às suas costas e os dentes do mar roendo as suas bases; mas, depois de passarmos o Cabo Vindanis, o mar ficou mais liso e tranqüilo, e eu até consegui deixar a minha cabina para assistir a nossa chegada ao cais ao sul de Kerrec, que meu pai e o Rei Budec tinham construído há anos, quando a força invasora estava reunida aqui.

A manhã estava sossegada, com um pouco de geada e uma névoa fina cobrindo os campos. O terreno desta região é plano, com campos e pantanais estendendo-se para o interior, onde o vento flagela a grama com sal, e nada cresce, durante milhas, a não ser pinho e espinhos. Regatos pequenos serpenteiam entre o lodo até as baías e angras que abundam na costa, e na maré baixa, as planícies enchem-se de mariscos e dos gritos de pássaros a vadear. Apesar da sua aparência árida, era terra rica, e fora um refúgio para Uther e Ambrósio quando Vortigern assassinara-lhes o irmão, assim como o fora para centenas de outros exilados que fugiam de Vortigern e da ameaça do Terror Saxão. Já naquela época, encontraram partes da região habitadas pelos celtas da Bretanha. Quando o Imperador Máximo, um século atrás, marchara sobre Roma, as tropas britânicas que sobreviveram à sua derrota tinham arrastado-se até o refúgio desta terra amiga. Alguns voltaram para casa; outros ficaram para casar e colonizar; meu parente, o Rei Hoel, descendia de uma dessas famílias. Os ingleses

que se instalaram aqui foram em tão grande número, que deram o nome à península de Inglaterra, chamando-a de Pequena Inglaterra, já que a sua terra natal era a Grande Inglaterra. A língua falada era como a de casa, e os homens adoravam os mesmos deuses, mas a lembrança dos deuses antigos ainda persistia, e a terra era estranha. Vi que Branwen espiava pela amurada do navio com olhos arregalados e fisionomia estranha, e até Ralf, que já estivera aqui como meu mensageiro, olhava com temor quando, ao nos aproximarmos do cais, vimos, por trás das cabanas e pilhas de tonéis e fardos, a primeira fila das pedras erguidas.

Elas situam-se nos campos da Pequena Inglaterra, fila por fila, como velhos guerreiros cinzentos esperando, ou como exércitos dos mortos. Dizem os homens que estão aí desde o começo dos tempos, ninguém sabe por que, ou como, elas vieram. Mas eu sabia que elas foram erguidas, não por gigantes, ou deuses, ou feiticeiros, mas por engenheiros humanos, cuja habilidade as canções perpetuam. Essas habilidades eu aprendi quando vivi na Bretanha, em menino, e os homens chamavam-nas de mágica. Talvez estejam certos. Uma coisa é certa: embora os homens que ergueram as pedras já sejam pó debaixo delas, os deuses que eles serviam ainda rondam por aqui. À noite, ao passar por entre as pedras, senti os seus olhos pousados nas minhas costas.

Mas agora o sói ia alto, dourando as superfícies de granito, e lançando sombras azuis sobre a geada. O cais fervilhava; carroças esperavam para carregar, e homens e rapazes atarefavam-se em descarregar o navio. Nós éramos os únicos passageiros, mas ninguém deu muita atenção aos viajantes nas suas roupas decentes e sóbrias; o músico com a sua harpa, sua mulher e o filho ao lado, e o criado que os servia. Ralf tirara o bebê do colo de Branwen e ajudava-a a atravessar a prancha de desembarque. Ela estava pálida e calada e se amparava nele. Notei como (tão de repente, pareceu-me) deixara de ser um rapaz para transformar-se num homem. Devia estar com dezesseis anos e, embora Branwen fosse um ano mais velha, poderia perfeitamente ser tomado como seu marido, ao invés de mim. Ele estava alegre e animado, todo elegante nas suas roupas novas. Foi o único do nosso grupo que passou bem na viagem, pensei, enquanto sentia o cais mover-se sob os meus pés como se ainda estivesse a bordo.

A escolta que ele tratara esperava por nós. Não a escolta de tropas que o Rei Hoel quisera oferecer, mas apenas uma liteira de

mula para Branwen e o bebê, com o muleteiro, e um outro homem, que trouxera cavalos para Ralf e para mim. Este outro homem aproximou-se para cumprimentar-me. Pelo seu porte, vi que era um oficial, mas não estava fardado e nada indicava que a nossa escolta vinha da parte do Rei. Aparentemente, o oficial nada sabia a nosso respeito; sabia apenas que teria de levar-nos para a cidade e alojar-nos até que o Rei mandasse chamar-nos.

Cumprimentou-me cortesmente, mas sem deferência.

— Seja bem-vindo, senhor. O Rei envia os seus cumprimentos, estou aqui para escoltá-los à cidade. Fizeram boa viagem?

— Assim dizem, mas eu e a senhora não estamos acreditando muito.

Deu um sorriso largo.

— Bem que achei que ela estava um pouco verde. Sei como se sente. Eu também não me dou muito bem com o mar. E o senhor? Acha que pode cavalgar até a cidade? É pouco mais de uma milha.

— Posso tentar. — Trocamos amenidades enquanto Ralf ajeitava Branwen na liteira e fechava as cortinas contra o friozinho da manhã. Mal ela se acomodou, Artur acordou e começou a chorar. Que bons pulmões ele tinha! Acho que estremei. Vi o brilho de divertimento no olhar do oficial e perguntei, secamente: — O senhor é casado?

— Certamente que sim.

— Antigamente eu imaginava o que estava perdendo. Agora sei.

Ele riu-se.

— Sempre se pode escapar. É o melhor motivo que conheço para ser somado. Queira montar, senhor.

Ele e eu cavalgamos lado a lado para a cidade. Kerrec era um povoado de bom tamanho, metade civil e metade militar, cercado de muros e fossos, amontoado ao redor da colina central onde ficava a fortaleza do Rei. Próximo à rampa que conduzia ao portão do castelo, ficava a casa onde meu pai passara os anos de exílio, enquanto ele e o Rei Budec reuniam e treinavam o exército que invadiria a Inglaterra para retomá-la para ele, o rei legítimo.

E agora, talvez o seu próximo e maior rei estava aqui ao meu lado, ainda aos berros, agasalhado na liteira que o levava pela ponte de madeira que cruzava o fosso, para dentro dos portões da cidade. Meu companheiro estava calado ao meu lado. Às nossas costas, os outros iam descontraídos, conversando, o som das suas vozes, e a batida dos

cascos nas pedras, e o tinir dos freios ressoando na manhãzinha parada e nevoenta. A cidade despertava. Galos cantavam nos quintais e montes; aqui e ali portas abriam-se, e mulheres davam início ao trabalho do dia. Usavam xales contra o frio, carregavam baldes ou braçadas de lenha.

Gostei que o meu companheiro estivesse calado. Olhei à minha volta e vi que o lugar mudara completamente nos cinco anos em que estivera ausente. Suponho que não se pode arrancar um exército da cidade onde ele se formou e treinou durante anos, sem deixar apenas uma concha acústica. O exército aquartelara-se, principalmente, fora das muralhas, e há muito os acampamentos foram desfeitos e o terreno transformado em gramados. Mas na cidade, embora as tropas de Budec ainda permanecessem, a confusão ordeira e o ar de expectativa que caracterizavam o lugar na época do meu pai, já não existiam. Na rua dos engenheiros, onde fizera o meu aprendizado com Tremorinus, havia algumas oficinas abertas e em funcionamento, já bem cedinho, mas o ar de altos propósitos fora-se com a multidão e com o clamor, e algo como a desolação tomara o seu lugar. Ainda bem que o caminho para o nosso alojamento não passava pela casa de meu pai.

Ficamos hospedados com um casal decente, que nos deu as boas-vindas; as mulheres logo tomaram conta de Branwen e do bebê, e eu fui levado a um quarto quentinho com o desjejum servido ao lado do fogo. Um criado trouxe a bagagem e quis ficar para servir-me, mas Ralf dispensou-o, e serviu ele próprio a refeição. Convidei-o para comer comigo, e ele aceitou, alegre e animado, como se os últimos dias tivessem sido de férias; quando terminamos, convidou-me para sair e explorar a cidade. Recusei, mas dei-lhe permissão para ir. Sou um homem forte, não me canso facilmente, mas é preciso mais do que uma milha em terra firme e um bom desjejum para recuperar-me do enjôo e exaustão de uma viagem marítima no inverno. Ordenei que Ralf fosse ver se Branwen e o menino estavam bem atendidos, antes de sair; quando ele se foi, fui descansar e esperar pelo chamado do Rei.

Ele veio ao entardecer. Ralf chegou, admirado, trazendo uma túnica de lã macia, tingida de azul-escuro, com as bordas trabalhadas em fios de ouro e prata.

— O Rei mandou-lhe isso. O senhor vai usá-la?

— Caro. Se não o fizesse, seria um insulto.

— Mas é roupa de príncipe. O povo vai querer saber quem o senhor é. . .

— De príncipe, não. É a túnica de honra de um cantor. Este é um país civilizado, Ralf, como o meu. Não apenas príncipes e soldados são considerados. Quando o Rei Hoel me receberá?

— Dentro de uma hora. Ele o receberá, a sós, antes que o senhor cante no átrio. Do que está rindo?

— A necessidade faz o Rei Hoel astuto. Na corte de Hoel não há muito lugar para um cantor; ele não distingue uma nota da outra. Mas até um rei com este defeito terá prazer em ouvir as novidades trazidas pelo cantor. Sendo assim, ele me receberá a sós. Depois, se os barões da sua corte quiserem ouvir-me, não terá que estar presente.

— Ele mandou esta harpa. — Ralf indicou o instrumento que estava embrulhado, perto da lamparina.

— Ele a enviou, mas não é dele; é minha. — Olhou-me, surpreso. Eu falara mais bruscamente do que pretendia. O dia inteiro a harpa silenciosa ficara ali, intocada, mas evocando todas as minhas lembranças de felicidade. Em menino, aqui em Kerrec, eu tocara quase todas as noites na casa de meu pai. Continuei: — É a que eu tocava aqui, há muitos anos. O pai de Hoel deve tê-la guardado para mim. Acho que não foi tocada desde a última vez que a usei. É melhor que a experimente antes de partir. Quer descobri-la?

Uma batida na porta anunciou um servo que trazia água quente. Enquanto eu me lavava, penteava e vestia o suntuoso traje azul, Ralf descobriu a harpa.

Era maior do que a que trouxera comigo, que era de colocar sobre o joelho. Esta era uma harpa de pé, com maior alcance e um tom que chegaria a todos os cantos do átrio real. Eu a afinei com cuidado, depois corri os dedos sobre as cordas.

Recordar o amor, após um longo sono; voltar à poesia, depois de um ano no mercado, ou à juventude depois de estar resignado a envelhecer; recordar-se do que você pensava que a vida podia oferecer, após ter tocado a realidade com dedos enlameados e calculadores. Isto é a música, tocada depois de longo silêncio. A alma flexiona as asas, desajeitada como uma avezinha nova, e tenta voar. Tateei, dedilhando as cordas, explorando, experimentando, como um homem experimenta o terreno escuro que conheceu à luz do dia. Sussurros, sons, bandos de notas arrastadas. As cordas refletiram a luz do fogo, e transformaram-se em canção.

*Um caçador na noite escura
Tentou lançar uma rede de ouro nos pantanais.*

*Uma rede de ouro, pesada como ouro.
E a maré chegou e afogou a rede,
Submergiu-a, invisível, e o caçador esperou
Agachado à beira d'água na noite escura.*

*Eles vieram, os pássaros voando na escuridão,
Às centenas, um exército real.
Pousaram n'água, uma esquadra de navios.
De navios reais, de orgulhosos mastros de prata,
Navios rápidos, ferozes em batalha,
Amontoados sobre a água, na noite escura.*

*A rede pesava sob eles, escondida, esperando para pegá-los.
Mas ele ficou quieto, o jovem caçador, com as mãos paradas
Caçador, puxe a rede. Seus filhos comerão, hoje,
E sua mulher o elogiará, caçador astuto.*

*Ele puxou a rede, o jovem caçador, puxou-a bem depressa.
Estava pesada, e ele levou-a para a margem, por entre
[os juncos.
Pesava como ouro, mas só continha água.
Continha só água, pesada como ouro,
]E uma pena cinzenta,
Da asa de um ganso selvagem.*

*Partiram, os navios, os exércitos, para dentro da noite escura.
E os filhos do caçador ficaram com fome, e sua mulher
[lamentou-se.
Mas ele, dormiu sonhando, segurando a pena do ganso
[selvagem.*

** * **

O Rei Hoel era grande, corpulento e tinha trinta e poucos anos. Durante o tempo que eu passara em Kerrec (dos doze aos dezessete anos), mal o vira. Ele era um lutador vigoroso e dedicado, e eu era apenas um rapazola, ocupado com os meus estudos no hospital e na oficina. Mais tarde, ele lutara com as tropas de meu pai na Grande Inglaterra, e, ali, conhecemo-nos melhor e ficamos amigos. Era um homem de grandes apetites, bem-humorado e tendendo para a preguiça. Desde que o vira pela última vez, ele engordara e tinha um

ar de boa-vida, mas eu não duvidava que continuava valente em batalha.

Comecei falando em seu pai, Rei Budec, e nas mudanças havidas, e conversamos um pouco sobre o passado.

— Ah, foram anos bons! — De mão no queixo, fitava o fogo. Recebera-me em seus aposentos particulares, e, depois que nos serviram o vinho, dispensou os criados. Os cães-veadeiros deitavam-se sobre as peles aos seus pés, sonhando com a caçada do dia. Suas lanças de caça, limpas, encostadas à parede atrás da cadeira, refletiam a luz do fogo. O Rei distendeu os ombros maciços e comentou: — Será que esses anos voltarão?

— Os anos de lutas?

— Os anos de Ambrósio, Merlin.

— Voltarão, com a sua ajuda. — Ficou intrigado, depois surpreso, depois inquieto. Eu falara prosaicamente, mas ele compreendera a insinuação. Como Uther, gostava de tudo normal, às claras e comum. . .

— Quer dizer, a criança? O bastardo? Apesar de tudo, será ele o sucessor de Uther?

— Sim. Juro-lhe.

Brincou com a sua taça, desviando os olhos dos meus.

— Bem, cuidaremos que fique em segurança. Mas, por que tanto segredo? Recebi carta de Uther pedindo, às claras, que cuidasse do menino. Ralf não acrescentou mais nada ao que havia nas cartas que trouxe. Ajudarei, é claro, no que puder, mas não quero indispor-me com Uther. Na sua carta deixou bem claro que o menino só será seu herdeiro na falta de melhor pretendente.

— É verdade. Não tema, eu também não quero que você e Uther se indisponham. Não se joga um bocado precioso entre dois cães de briga e se espera que sobreviva. Até que exista outro que Uther considere melhor pretendente, está tão ansioso quanto eu para proteger este. Ele sabe o que estou fazendo, até certo ponto.

— Ah! — Fitou-me, intrigado. Eu estava certo a seu respeito. Ele tinha boas intenções quanto à Inglaterra, mas não se furtaria de tapear um pouco o seu Rei. — Até que ponto?

— Ao ponto em que o bebê estiver desmamado, e crescido o bastante para precisar da companhia dos homens e para aprender habilidades masculinas. Quatro anos, talvez menos. Depois disso, eu o tirarei de você e o levarei de volta para a Inglaterra. Se Uther perguntar onde está, teremos que contar, mas até que o faça... Se o fizer.

Eu acho que esqueceria esta criança, se pudesse. De qualquer modo, se houver culpa, será minha. Ele entregou-me o menino para que eu o criasse como entendesse.

— Mas, será seguro levá-lo de volta? Se o enviam para cá por causa dos inimigos, não haverá perigo mais tarde?

— É um risco que teremos de correr. Quero estar perto da criança enquanto estiver crescendo. Precisa ser na Inglaterra, e em segredo. Vêm aí tempos ruins, Hoel, para todos nós. Nada mais posso prever ainda, além disso: este menino, este bastardo, como você diz, terá inimigos, mais ainda que Uther. Você chama-o de bastardo; assim o chamarão outros homens ambiciosos. Os seus inimigos secretos serão mais perigosos que os próprios saxões. Então, é preciso que ele fique escondido até a hora de assumir a coroa, e e!e precisa assumi-la sem sombra de dúvida, e ser elevado a Rei às vistas de toda a Inglaterra.

— Ele precisa? Quer dizer que já viu coisas? — Antes que eu pudesse responder, afastou-se do terreno perigoso, e pigarreou. Bem, vou guardá-lo em segurança para você, o quanto eu possa. Diga-me o que quer, você sabe da sua vida, sempre soube. Só não quero ficar mal com Uther. — Deu a sua gargalhada. — Lembro-me de como Ambrósio dizia que o seu julgamento em assuntos de diplomacia, mesmo quando rapazola, era dez vezes o desses imperadores de quarto de dormir. — Meu pai, naturalmente, nunca dissera isto; nem nunca o diria a Hoel, que também tinha reputação de ser um grande amoroso; mas, valeu a intenção, e eu agradeci. Ele continuou: — Bem, diga-me o que quer. Confesso-me intrigado... Os inimigos de que fala; não adivinharão que ele está na Bretanha? Diz que Uther não fez segredo dos seus planos. Assim, quando chegar a hora de o navio real zarpar, e virem que você e a criança não estão a bordo, presumirão que ele foi mandado para cá e virão procurá-lo na Bretanha.

— Provavelmente. Mas, a essa hora, já estará no lugar que arranjei para e'e, e onde os nobres de Uther não pensarão em procurar. E já terei partido.

— E que lugar é esse? Posso saber?

— Naturalmente. É um vilarejo perto da sua fronteira norte, na direção de Lanascot.

— O quê? — Estava assombrado, e demonstrava-o. Um dos cães moveu-se e abriu um olho. — Ao norte? Perto da terra de Gorlan? Gorlan não é amigo do Dragão.

— Nem meu. É um homem orgulhoso e há uma velha rixa entre a sua família e a de minha mãe. Mas com você ele não tem rixa, não é?

— Não, nenhuma — respondeu Hoel fervorosamente, com o respeito de um guerreiro por outro.

— É o que eu pensava. Portanto, Gorlan não deverá fazer incursões em seu território. Além disso, quem imaginaria que eu fosse esconder a criança tão perto dele? Com toda a Bretanha para escolher, não iria deixá-lo ao alcance do inimigo de Uther. Não, ele estará bem. Quando o deixar, estarei com a consciência tranqüila. Mas isto não quer dizer que eu não tenha profunda dívida para com você. — Deixei um sorriso. — Até as estrelas precisam de ajuda, às vezes.

— Ainda bem — replicou Hoel, com aspereza. — Nós, meros reis, gostamos de pensar que também temos papéis a desempenhar. Mas você e as suas estrelas podem facilitar um pouco as coisas para nós, talvez? Com certeza, em toda a vastidão ao norte daqui, deve haver um lugar mais seguro que os limites das minhas terras.

— É possível, mas acontece que, aí, eu tenho uma casa de confiança. A única pessoa nas duas Inglaterras que sabe exatamente o que fazer com a criança nos próximos quatro anos, e que cuidará dela como se fosse sua.

— Quem?

Moravik, que foi minha ama. Ela é bretã, e depois que foi saqueada na guerra de Camlach, ela deixou Gales do Sul e voltou para casa. Seu pai possuía uma taverna ao norte daqui, num lugar chamado Coll. Como já estava muito velho para trabalhar, um tal de Brand tomava conta dela para ele. A mulher de Brand morrera, e logo após a volta de Moravik os dois casaram-se, para que tudo ficasse certo aos olhos de Deus. . . e não falo só dos títulos de propriedade da taverna. . . Ainda têm o lugar. Talvez você já tenha passado por lá, mas não creio que tenha entrado... fica na junção de dois riachos, com uma ponte por cima. Brand é um dos seus soldados reformados, e um bom homem... e fará o que Moravik mandar. — Sorri. — Nunca conheci um homem que não o fizesse, com exceção, talvez, do meu avô.

— Sei... — ele ainda parecia em dúvida. — Conheço a aldeia, um punhado de cabanas perto da ponte, e só... Como bem diz, um lugar muito pouco provável para procurar-se um herdeiro do Grande Rei. Mas, uma estalagem? Não é arriscado? Com homens (incluindo os de Gorlan, pois estamos em trégua) indo e vindo pela estrada?

— Desse jeito, ninguém estranhará os seus mensageiros, ou os meus. Meu criado Ralf ficará para guardar o menino, e precisará estar a par das novidades e mandar mensagens esporádicas para você, e para mim.

— É, entendo. E quando você levar a criança para lá, qual será a sua explicação?

— Ninguém estranhará um harpista ambulante. E Moravik já espalhou a história da moça e do bebê. A moça, Branwen, é sobrinha de Moravik, e teve um filho do seu amo, na Inglaterra. A patroa expulsou-a de casa, mas o amo pagou-lhe a passagem para a casa da tia, na Bretanha, e deu dinheiro ao cantor ambulante e ao seu criado para que a escoltassem. Nesse meio tempo, o criado resolve deixar o patrão e ficar com a moça.

— E o cantor? Quanto tempo ficará por lá?

— O tempo que costuma ficar um cantor viajante, depois seguirei o meu caminho e serei esquecido. Quando resolverem procurar o filho de Uther, como o encontrarão? Ninguém conhece a moça, e um bebê é só um bebê. Qualquer casa do país tem um ou mais.. .

Ele assentiu, matutando, depois fez mais algumas perguntas. Finalmente, admitiu:

— É, acho que serve. Que quer que eu faça?

— Tem observadores nos reinos próximos? Deu uma risada breve.

— Espiões? Quem não os tem?

— Então saberá imediatamente se houver sinal de problemas, com Gorlan ou outro qualquer. E se puder entrar em contato com Ralf, em seguida e em segredo, caso seja necessário...?

— Facilmente. Pode confiar em mim. Qualquer coisa que eu puder fazer, menos guerra com Gorlan. . . — Deu a sua risada profunda, de novo. — Eta, Merlin, mas como é bom ver você! Quanto tempo pode ficar?

— Levarei o menino para o norte amanhã, e, com a sua permissão, irei sem escolta. Voltarei tão logo deixe tudo bem, mas não para aqui. Pode-se aceitar que você receba um cantor viajante uma vez, mas não que o encoraje!

— Por Deus, que não! Sorri para ele.

— Se o tempo não mudar, Hoel, o navio poderia esperar por mim, por alguns dias?

— Pelo tempo que quiser. Para onde está pretendendo ir?

— Primeiro para Massilia, depois, por terra, para Roma. A seguir, para o leste.

Pareceu surpreso.

— Você? Ora, quem diria? Sempre o imaginei radicado num lugar, como as suas colinas nevoentas. Que idéia foi essa?

— Não sei. De onde surgem as idéias? Preciso sumir por alguns anos, até que o menino precise de mim, e achei que o jeito será esse. Além disso, escutei algo. — Não lhe contei que fora apenas o vento nas cordas dos arcos. — Ultimamente, tenho desejado conhecer algumas das terras de que tanto ouvi falar em criança.

Ainda conversamos por algum tempo. Prometi mandar-lhe cartas com novidades das capitais orientais, e, na medida do possível, dei-lhe pontos de referência para que ele pudesse enviar notícias, suas e de Ralf, sobre Artur.

O fogo apagou, e ele gritou pelo servo. Depois que o homem veio e se foi...

— Você logo terá de ir cantar no átrio — disse Hoel. — Portanto, já que esclarecemos tudo, vamos deixar de lado o assunto. — Reclinou-se na cadeira. Um dos cães levantou-se e veio esfregar-se no seu joelho, pedindo um afago. Por sobre a cabeça lustrosa, os olhos do Rei brilhavam, divertidos. — Bem, ainda falta contar-me as novidades da Inglaterra. E comece pela história real do que aconteceu há nove meses.

— E você, por sua vez, me contará a versão pública. Ele riu.

— Ora, as histórias de sempre sobre você. Encantamentos, dragões voadores, homens levados pelo ar e através de paredes, invisíveis. Admira-me, Merlin, que se dê ao trabalho de vir por navio, quando passa tão mal do estômago. Vamos lá, a história.

Já era bem tarde quando voltei ao nosso alojamento. Ralf esperava-me, meio adormecido na cadeira do meu quarto, ao pé do fogo. Ergueu-se de um pulo ao ver-me, e tomou-me a harpa.

— Tudo bem?

— Sim. Vamos para o norte pela manhã. Não, obrigado, não quero vinho. Bebi com o Rei, e bebi novamente, no átrio.

— Dê-me a sua capa. O senhor parece cansado. Teve de cantar para eles?

— É claro. — Mostrei-lhe um punhado de moedas de prata, e uma moeda de ouro. — É bom saber que se pode ganhar bem a vida, não? A moeda de ouro foi do Rei, um suborno para que eu parasse de cantar, pois, por eles, ainda estaria lá. Eu lhe disse que este era um

país culto. Cubra a harpa grande. Levarei a outra comigo amanhã. — E enquanto ele obedecia: — E Branwen e o bebê?

— Foram para a cama há umas três horas. Ela está deitada com as mulheres. Ficaram todas muito contentes de ter um bebê para tomar conta. — Fez o comentário final num tom de surpresa que me fez rir.

— Ele parou de chorar?

— Só há uma ou duas horas. E elas nem se importaram.

— E decerto vai recomeçar quando o acordarmos, de madrugada. Agora, vá para a cama e durma o quanto puder. Partiremos ao alvorecer.

13

Há uma estrada que parte de Kerrec para o norte, a velha estrada romana que segue em linha reta pelos pastos nus e salgados. A uma milha dos limites da cidade, para além da estação de correio abandonada, avista-se a floresta à frente, como uma enorme onda que se acerca para engolir as planícies salgadas. É uma floresta vasta, profunda e agreste. A estrada corta-a, em direção ao grande rio que cruza a região do leste para o oeste. Quando os romanos dominavam a Gália, havia um forte e um povoado além do rio, e a estrada foi construída para servir-lhes; mas, agora, o rio marca a fronteira do reino de Hoel, e o forte é um dos baluartes de Gorlan. A floresta não pertence a nenhum dos reis; ela se estende por inúmeros quilômetros montanhosos, cobrindo o centro da península bretã. O tráfico é feito pela estrada; a terra selvagem é usada apenas por carvoeiros, lenhadores e foras-da-lei. Na época sobre a qual estou escrevendo, o lugar chamava-se Floresta Perigosa e tinha a reputação de ser encantado e assombrado. Uma vez deixada a estrada, e tomando-se um dos muitos atalhos que cortam o amontoado de árvores, pode-se viajar por dias sem ver o sol.

Quando meu pai tinha um comando na Bretanha do Rei Budec, suas tropas mantinham a ordem na floresta, e até o rio onde terminava o reino de Budec e começava o de Gorlan. Árvores foram abatidas, limpando bem as duas margens da estrada, e atalhos subsidiários foram abertos, mas tudo isso foi negligenciado, e os arbustos e rebentos tomaram conta. A superfície de cascalho do caminho fora destruída pelo inverno, e, aqui e ali, havia pedaços de lama endurecida que no bom tempo viravam charcos.

Partimos num dia frio e cinzento, com o vento sabendo a sal. Mas, embora o vento trouxesse a umidade do mar, não trouxe chuva, e a viagem foi regular. As árvores imensas, de cada lado, pareciam pilastras de metal a segurar o céu baixo e cinzento. Íamos em silêncio, e após algumas milhas, a vegetação rasteira crescente forçou-nos a andar em fila indiana. Eu ia na frente, com Branwen às minhas costas, e Ralf atrás, puxando a mula de carga. Eu notara como Ralf estava tenso, como virava a cabeça para um e outro lado para observar e escutar; mas, nada víamos ou ouvíamos, senão a vida da floresta no inverno: uma raposa, um par de veados, e uma sombra que talvez fosse um lobo a se esgueirar entre as árvores. Nada mais; nem barulho de cavalos, nem sinal de homens.

Branwen não demonstrava medo. Quando olhava para trás, eu a via sempre serena, montada firmemente na mu¹ a, com uma calma que não continha nem sinal de inquietude. Pouco tenho falado sobre Branwen, porque confesso que pouco me lembro dela. Recordando através dos anos, vejo apenas uma cabeça castanha debruçada sobre ³bebê, um rostinho redondo, olhos baixos e voz tímida. Ela era uma moça quieta e, embora falasse naturalmente com Ralf, raramente me dirigia a palavra, profundamente consciente da minha pessoa, tanto como príncipe quanto como feiticeiro. Não parecia ter noção de que houvesse risco ou perigo em nossa viagem, nem estava excitada (como estaria a maioria das moças) por viajar para um novo país. A sua calma imperturbável não se devia à confiança em mim ou em Ralf; cheguei à conclusão de que era humilde e submissa por estupidez, e que a sua devoção pelo bebê cegava-a a tudo o mais. Era do tipo de mulher feita para ter e criar filhos, e, sem Artur, teria sofrido amargamente a perda do seu próprio bebê. Ela parecia ter esquecido isto, e passava as horas num contentamento sonhador que tornava os desconfortos da viagem toleráveis para Artur.

Lá para o meio-dia, estávamos bem dentro da floresta. Os galhos se entrecruzavam acima de nós, e, no verão, teriam obstruído o céu como um escudo, mas, entre os ramos nus do inverno, divisávamos uma réstia de luz pálida, que era o sol tentando penetrar. Procurei um lugar abrigado onde pudéssemos sair da estrada sem deixar muitos rastros, e de repente, quando o bebê acordou e começou a reclamar, vi uma falha na vegetação e virei o cavalo.

Havia um atalho, estreito e sinuoso, que dava passagem no inverno. Entrava pela floresta por uns cem passos até dividir-se: um atalho aprofundando-se mais entre as árvores, o outro, não mais que

uma trilha de veados, subindo sinuoso até a base de um espigão rochoso. Subimos a trilha, que seguia por entre pedras caídas, cobertas de samambaias mortas e secas, depois subia, passando por pinheiros, até terminar na grama desbotada de uma pequena clareira acima da rocha. Aqui, numa cavidade, o sol chegava com um leve calor. Desmontamos e estendi um pano no chão para a moça no local mais abrigado, enquanto Ralf amarrava os cavalos aos pinheiros e jogava-lhes alimento. Depois, sentamo-nos para comer. Eu fiquei na beirada da cavidade, encostado a uma árvore, de onde podia enxergar bem a estrada principal abaixo da rocha. Ralf ficou com Branwen. Fazia muito tempo desde o jejum, e estávamos todos com fome. O bebê já estava aos berros desde quando a mula começou a subir a trilha íngreme. Agora, cessara os gritos contra o seio da moça, e sugava avidamente.

A floresta estava muito silenciosa. A maioria dos animais selvagens aquietava-se ao meio-dia. A única coisa que se movia era um corvo, que pousou pesadamente num pinheiro próximo e começou a grasnar. Os cavalos acabaram a sua ração e cochilavam, de cabeça baixa. O bebê ainda mamava, mas, devagar, pegando no sono. Encostei-me ao tronco da árvore. Branwen murmurou algo para Ralf. Ele respondeu, e ela riu, depois, por entre o murmúrio das duas vozes jovens, distingui outro som, longínquo. O trote de cavalos.

Ao meu sinal o rapaz e a moça silenciaram, abruptamente. Ralf levantou-se num piscar de olhos e veio ajoelhar-se ao meu lado para vigiar a trilha. Fiz sinal a Branwen para ficar onde estava. Nem precisava ter-me dado ao trabalho; ela lançou-nos um olhar inquiridor, mas, então, o bebê deu um soluço, e ela o pôs contra o ombro, dando-lhe batidinhas, toda a sua atenção concentrada nele de novo. Ralf e eu ajoelhamo-nos na beira da clareira, observando a trilha lá embaixo.

Os cavalos (pelo barulho, eram dois) não podiam ser de lenhadores nem dos vagarosos carvoeiros. Cavalos a trote, na Floresta Perigosa, só podia significar uma coisa: barulho. E viajantes que, como nós, carregavam ouro (para o sustento do bebê) eram presa fácil para os fora-da-lei e homens desleais. Tolhidos por Branwen e Artur, não podíamos lutar nem fugir. Nem era fácil, por causa do bebê, ficar em silêncio e deixar o perigo passar tão perto. Eu tinha deixado bem claro a Ralf que, houvesse o que houvesse, ele teria que ficar com a moça e que, ao menor sinal de perigo, caberia a mim tentar afastá-lo. Ralf protestara, amotinara-se, mas, finalmente, compreendera e jurara obedecer.

Portanto, quando dei as ordens, ele obedeceu. Sussurrei:

— Só dois, acho. Se não vierem por aqui, não nos verão. Pegue os cavalos. E, pelo amor de Deus, diga à garota para fazer o bebê ficar quieto. — Ralf assentiu e deslizou até Branwen, sussurrando-lhe algo. Ela anuiu, placidamente, trocando o bebê de seio. Ralf foi como uma sombra para os pinheiros onde estavam os cavalos. Eu esperei, de olho na trilha.

Os cavaleiros acercavam-se. Não havia outro som senão o do corvo, ainda grasnando no alto do pinheiro. Então, eu os vi. Dois cavalos, trotando em fila indiana: de má raça e mal alimentados, pisando sem cuidado e tendo que levar puxões dos cavaleiros, que os xingavam, a cada buraco ou raiz que encontravam no caminho. Os homens tinham jeito de bandidos. Estavam tão mal cuidados quanto os animais, pareciam meio selvagens, e perigosos. Vestiam uniformes velhos, e no braço de um deles havia um pedaço de emblema, que parecia de Gorlan. O sujeito de trás cavalgava descuidado, balançando-se na sela como bêbado, mas o da frente estava bem alerta, com a cabeça movendo-se para um e outro lado, como a de um cão farejando. Tinha um arco preparado. Através da bainha de couro Podre presa à sua coxa, vi a faca longa afiada ao máximo.

Estavam quase abaixo de mim. Iam passando. Não houvera ruído do bebê, nem dos nossos cavalos, escondidos entre os pinheiros. Só o corvo, balançando-se à luz do sol, ralhava, barulhento.

Vi o sujeito com o arco erguer a cabeça. Falou algo por sobre o ombro, num sotaque cerrado que não identifiquei. Ele sorriu, mostrando uma fileira de dentes estragados, ergueu o arco, apontou e mandou uma flecha certa. O corvo saiu do ramo com um grito, depois caiu, trespassado. Caiu a dois passos de Branwen e da criança, bateu as asas por uns dois segundos e ficou imóvel.

Enquanto eu me agachava e corria para os pinheiros, ouvi as risadas dos dois homens. Agora, o arqueiro viria recuperar a sua flecha. Já podia escutá-lo a forçar o cavalo pelo mato. Peguei a flecha, com corvo e tudo, e lancei-a por sobre a beira da cavidade. Caiu entre as pedras. Do atalho, o homem não podia ter visto onde a ave caíra; havia uma chance de que ele acreditasse que ela tivesse voado até ali, e não passasse dali. Vi os olhos de Branwen, assustados e inquiridores, quando passei por ela. Mas não se moveu, e o bebê continuou a dormir no seu seio. Fiz-lhe um sinal de estímulo, aprovação e aviso, ao mesmo tempo, e corri para o meu cavalo.

Ralf aquietava os animais, juntando-lhes as cabeças e abafando-lhes olhos e narinas com a sua capa. Parei ao seu lado, à escuta. Os bandidos continuavam vindo. Não devem ter visto o corvo; prosseguiram para os pinheiros, sem parar.

Tirei o freio do meu alazão das mãos de Ralf, e preparei-me para montar. O cavalo girou, pisando nos galhos secos e gravetos quebradiços. Ouvi o barulho dos animais dos bandidos, sendo freados bruscamente. Um deles falou: "Escute!", em bretão, e houve o raspar do metal quando as armas foram desembainhadas. Eu estava na sela, a minha arma já na mão. Virará a cabeça do alazão e estava com a boca aberta para gritar, quando ouvi novo grito vindo do atalho, e a mesma voz berrou: "Olhe, olhe lá!" Meu cavalo empinou quando algo saiu de dentro das moitas ao meu lado, passando tão perto que quase roçou-me a perna.

Era uma corça, branca contra a floresta invernal. Correu por entre os pinheiros como um fantasma, subiu até a cavidade onde estiváramos, ficou bem à vista por um momento, parada na beirada, depois desapareceu morro abaixo, bem no caminho dos dois bandidos. Ouvi gritos de triunfo vindos lá de baixo, o estalar de um chicote, e o ruído dos cascos dos cavalos, arrastados de volta ao atalho e chicoteados para galoparem. Os homens davam gritos de caça. Pulei da sela, joguei as rédeas do alazão para Ralf, e voltei para o meu lugar na rocha. Cheguei lá bem na hora de ver os dois voltando, a todo pano, na mesma direção em que tinham vindo. À sua frente, como um vulto de névoa por entre as árvores nuas, fugia a corça branca. Depois, as gargalhadas, os gritos de caça, o ruído dos animais fustigados ecoaram pela floresta, e desapareceram.

14

O rio que limita o reino de Hoel corre pelo coração da floresta. Em alguns lugares, forma gargantas entre rampas cobertas de árvores, e por toda a parte central da floresta, o terreno é cortado por vales pequenos, onde riachos tributários serpenteiam ou jogam-se no principal. Mas há um lugar quase no centro da floresta em que o rio é mais largo e manso, formando uma bacia verde onde os homens araram os campos e desbastaram as florestas para fazer pastos ao redor da aldeia de Coll, que, em bretão, quer dizer Lugar Escondido. Aqui, no passado, houve um acampamento romano na estrada de Kerrec para

Lanascol. Tudo que restava dele, agora, era o contorno quadrado onde a vala original fora cavada, ao lado do tributário. Aí situava-se a aldeia. Em dois lados dela, o rio formava uma defesa natural, ou fosso; no resto, a vala romana fora limpa e alargada, e enchida com água. Aí dentro, havia profundos mecanismos de defesa, coroados por paliçadas. A ponte fora de pedra nos tempos romanos; as bases ainda permaneciam, agora ligadas por tábuas. Embora ficasse perto da fronteira de Gorlan, a aldeia só era acessível a ela pela garganta estreita formada pelo rio, onde o caminho se desfizera, restando apenas um atalho pedregoso semelhante ao usado por lobos e selvagens, antes da chegada dos romanos. O nome de Coll era muito apropriado.

A taverna de Brand ficava logo à entrada dos portões. A rua principal da aldeia era apenas uma ruela suja, mal pavimentada com seixos. A taverna ficava um pouco afastada da rua, à direita. Era um prédio baixo, de pedras unidas ao acaso com argamassa. As dependências, no quintal, eram simples casinholas cobertas de lama. O teto era novo, um bom trabalho de bambus entrelaçados cobertos por uma rede de cordas com pesos de pedras. A porta estava aberta, como convém a uma estalagem, com uma cortina de peles na abertura para afastar o frio. Pelo buraco da chaminé, em uma das extremidades, saía uma coluna de fumaça.

Chegamos à noitinha, quando os portões estavam sendo fechados. Por todo canto, misturado à fumaça de turfa, sentia-se o cheiro de comida cozinhando. Via-se pouca gente; as crianças já tinham entrado há muito, e os homens tinham ido jantar. Aqui e ali, espreitava um cachorro faminto; uma velha passou apressada, um xale tapando o rosto e uma galinha cacarejando debaixo do braço; um homem conduzia uma junta de bois cansados pela rua. Escutei o bater de um malho de ferreiro, e senti o cheiro de cascos ferrados.

Ralf olhou para a estalagem com ar incerto.

— Parecia bem melhor em outubro, num dia de sol. Não é lá grande coisa.

— Tanto melhor — retruquei. — Ninguém virá procurar o filho do Rei da Inglaterra num lugar desses. Agora, vá desempenhar o seu papel enquanto eu seguro os cavalos.

Ele afastou a cortina e entrou. Ajudei Branwen a desmontar e ajeitei-a num dos bancos perto da porta. O bebê acordou e começou a choramingar, mas Ralf já voltava, acompanhado por um homem grandalhão e por um garoto. O homem devia ser Brand; fora um

soldado e ainda tinha o porte militar, e vi a cicatriz de uma velha ferida nas costas de uma das mãos.

Ele hesitou, sem saber como dirigir-se a mim. Falei rapidamente:

— É o estalajadeiro? Sou Emrys, o cantor que devia trazer a sobrinha de sua mulher com o bebê. Não nos estavam esperando?

E!e limpou a garganta.

— Claro, claro! Seja bem-vindo. Minha mulher tem estado à sua espera esta semana. — Viu o garoto parado, olhando, e falou bruscamente: — Que está esperando? Leve os cavalos lá para trás.

O garoto correu a obedecer. Brand, movendo a cabeça na minha direção e indicando a porta da estalagem num gesto que era meio convite, meio saudação, disse:

— Entrem, entrem. Estamos fazendo o jantar. — Depois, com ar de dúvida: — A gente aqui é meio durona, mas talvez...

— Estou acostumado com gente durona — respondi, tranquilamente, e entrei na sua frente.

Não era época de muitas idas e vindas nas estradas, por isso o lugar não estava cheio. Havia uma meia dúzia de homens na obscuridade da sala iluminada por uma vela de sebo e pelo fogo de turfa. A conversa cessou à nossa chegada, e eu vi os olhares que se dirigiram à minha harpa e o murmúrio que correu. Nem ligaram para a moça carregando o bebê. Brand disse, um pouco depressa demais:

— Por ali. Aquela porta, por trás do fogo.

A porta fechou-se às nossas costas e lá estava Moravik, no quarto dos fundos, com as mãos nos quadris, à nossa espera.

Como todas as pessoas que a gente não vê desde a infância, ela encolhera. Quando a vira pela última vez, eu era um menino de doze anos, alto para a idade. Ela me parecia muito maior do que eu, urna criatura volumosa e de voz imponente, rodeada pela aura de autoridade e decisões infalíveis que trazia desde o berçário. Agora, mal chegava à minha clavícula, mas ainda tinha o volume, a voz e (como logo descobriria) a autoridade. Embora me tivesse transformado no filho favorito do Grande Rei de toda a Inglaterra, para ela ainda era, obviamente, o menininho de quem tomara conta.

As suas primeiras palavras foram características.

— E que bela hora de chegar, com os portões já fechando! Você podia ter ficado na floresta a noite toda, e muito pouco ia sobrar no dia seguinte, com os lobos e coisas piores que andam por lá! E úmido, também, não duvido... Com todos os santos, olhe para a sua capa!

Tire-a já, já, e venha para junto do fogo. Preparei um jantar especial para você. Lembro-me de tudo que gosta, e nunca pensei em vê-lo de novo à minha mesa, jovem Merlin, não depois daquela noite quando o lugar pegou fogo, e só se achou de você uns poucos ossos queimados no seu quarto, na manhã seguinte. — De repente, correu para mim e me abraçou. — Ah, Merlin, Merlinzinho, que bom ver você de novo!

— E ver você, Moravik. — Abracei-a. — Parece cada vez mais moça desde que deixou Maridunum. E vou ficar devendo a você de novo, e ao seu bom marido. Nunca me esquecerei, e nem o Rei. Este é Ralf, meu companheiro, e esta — puxei a moça para a frente, — é Branwen, com a criança.

— Ah, o bebê! Que a boa Deusa nos ajude! Fiquei tão contente em vê-lo, Merlin, que até me esqueci dele! Venha para junto do fogo, menina, não fique aí na corrente de ar. Venha para junto do fogo e deixe-me vê-lo. . . Ah, o carneirinho, o carneirinho lindo...

Brand tocou meu braço, com um sorriso largo.

— E agora que ela o viu, vai esquecer do resto. Ainda bem que aprontou o jantar antes de pôr os olhos no bebê. Sente-se aqui, meu senhor. Eu mesmo vou servi-lo.

Moravik tinha feito ensopado de carneiro, gostoso e quente. O carneiro das planícies salgadas da Bretanha é tão bom quanto o que temos em Gales. Serviu bolinhos com o ensopado, e pão quente fresquinho do forno. Brand trouxe uma garrafa de vinho tinto, muito melhor do que o feito na Inglaterra. Ele nos serviu enquanto Moravik se ocupava de Branwen e do bebê, cujo choro só se acalmou quando Branwen deu-lhe o seio. O fogo luzia e crepitava, o quarto estava quente e cheirava a boa comida e bom vinho, a luz do fogo desenhava o formato do rosto da moça e da cabeça do bebê. Senti que alguém me observava, virei a cabeça e dei com os olhos de Ralf no meu rosto. Abriu a boca para falar, mas, neste momento, um clamor vindo da sala fez Brand largar a jarra de vinho em cima da mesa, pedir licença e sair apressado. Deixou a porta entreaberta.

Escutei vozes que se elevavam, em persuasão ou discussão. Brand respondia, calmamente, mas o clamor continuava.

Voltou, com ar preocupado, e fechou a porta atrás de si.

— Meu senhor, o pessoal lá de fora viu-o entrar, e notou que trazia uma harpa. Bem, agora, é natural, meu senhor, querem uma canção. Tentei desconversar, disse que o senhor estava cansado, que tinha feito uma viagem longa, mas eles insistem. Dizem que lhe pagarão o jantar, se a canção for boa.

— Bem, — respondi — e por que não? Ficou de queixo caído.

— Mas. . . cantar para eles? O senhor?

— Vocês não sabem de nada na Bretanha? — perguntei. — Sou realmente um cantor. E não seria a primeira vez que cantaria por dinheiro.

Do seu lugar ao lado de Branwen, Moravik ergueu os olhos depressa.

— Essa não! Das poções eu sabia, que o ermitão do moinho lhe ensinou, e até da mágica... — persignou-se. — Mas, música? Quem lhe ensinou?

— A Rainha Olwen ensinou-me as notas. — Acrescentei para Brand: — Era a mulher do meu avô, uma moça galesa que cantava como um passarinho. Depois, quando estive aqui na Bretanha com Ambrósio, estudei com um velho professor. Sabem quem é? Um velho cantor cego que viajou e tocou em todos os países do mundo.

Brand assentiu, como se soubesse de quem eu estava falando, mas Moravik olhou-me com ar de dúvida, balançando a cabeça. Suponho que quem criou um menino desde bebê, e nunca mais o viu desde que fez doze anos, não consegue acreditar que ele seja mestre em coisa alguma. Ri para eles.

— Ora, já toquei até para o Rei Hoel, em Kerrec. Não que ele seja capaz de julgar, mas Ralf também já me ouviu. Perguntem a ele, se não me acham capaz de ganhar o meu jantar.

Brand perguntou, duvidando:

— Mas, o senhor não vai querer cantar para aquela gente, não é, meu senhor?

— Por que não? Um menestrel ambulante canta onde é contratado para cantar. E é isso que sou enquanto estiver na Pequena Inglaterra. — Fiquei de pé. — Ralf, traga-me a harpa. Termine o vinho, e vá para a cama. Não espere por mim.

Saí para a sala pública da taverna. Estava cheia, agora; havia uns vinte homens no calor enfumaçado. Quando entrei, gritaram:

— O cantor, o cantor! — e: — Um conto, um conto!

— ' Abram espaço para mim, boa gente. — Vagaram um banquinho para mim ao pé do fogo, e serviram-me uma taça de vinho. Sentei-me e comecei a afinar a harpa. Calaram-se, observando-me.

Eram gente simples, e esta gente gosta de contos maravilhosos. Quando perguntei o que queriam, pediram este e aquele conto de deuses e batalhas e encantamentos, e afinal (creio que pensando na criança no quarto ao lado) contei-lhes a história do Sonho de Macsen.

Esta é uma história de mágica, como as outras, embora o seu herói seja o comandante romano Magno Máximo, que foi bem real. Os celtas chamam-no de Macsen Wledig, e a lenda do Sonho de Macsen nasceu nos vales cantantes de Dyfed e Powys, onde cada homem diz que o Príncipe Macsen é seu, e as histórias passaram de boca em boca, de tal jeito que, se o próprio Máximo aparecesse para contar a verdade, ninguém lhe daria crédito. É uma história longa, o sonho, e cada cantor tem a sua versão. Esta foi a que eu cantei aquela noite:

Macsen, Imperador de Roma, foi caçar, e tendo ficado cansado, deitou-se em pleno dia para dormir às margens do grande rio que corre para Roma, e sonhou um sonho.

Sonhou que seguiu o rio em direção à nascente, e chegou à mais alta montanha do mundo; e quando seguiu um rio que corria entre ricos campos e grandes bosques chegou à foz do rio, e lá encontrou uma cidade de torres e castelos ao redor de um belo porto. E, no porto, havia um navio de ouro e prata, sem ninguém a bordo, mas com as velas prontas e trêmulas ao vento leste. Atravessou uma passarela feita de osso de baleia, e o navio partiu.

E, logo, após um crepúsculo e um crepúsculo, chegou à mais bela ilha do mundo, e deixando o navio, cruzou a ilha de mar a mar. E, na costa ocidental, viu uma ilha próxima, do outro lado de um desfiladeiro estreito. E na praia onde estava havia um belo castelo, com o portão aberto. Macsen entrou no castelo e achou-se num grande átrio com pilastras douradas, e as paredes o ofuscavam com ouro e prata e pedras preciosas. No átrio, dois jovens jogavam xadrez num tabuleiro de prata, e, perto deles, um velho numa cadeira de marfim esculpia as peças em cristal. Mas, Macsen não enxergava esses esplendores. Mais linda que o ouro e a prata e as pedras preciosas, era uma donzela, imóvel como uma rainha numa cadeira dourada. No momento que a viu, o Imperador apaixonou-se, e erguendo-a da cadeira, abraçou-a e pediu-lhe que fosse sua esposa. Mas no momento do abraço ele acordou, e achou-se no vale perto de Roma, com os companheiros observando-o.

Macsen pôs-se de pé e contou o sonho; e mensageiros foram enviados para os quatro cantos do mundo, para encontrar o país que e visitara, e o castelo com a linda donzela. E, depois de muitos meses e muitas viagens perdidas, um homem encontrou-os e veio contar³ seu amo. A ilha, a mais linda do mundo, era a Inglaterra, e o castelo à beira do mar ocidental era Caer Seint, em Segontium, e a ilha do outro lado do estreito era Mona, ilha dos druidas. Assim, Macsen viajou até

a Inglaterra, e encontrou tudo exatamente como tinha sonhado, e pediu a mão da donzela ao pai e aos irmãos, e fê-la Imperatriz. Seu nome era Elen, e ela deu a Macsen dois filhos e uma filha, e em sua honra ele construiu três castelos, em Segontium, Caerleon e Maridunum, que se chamou Caer Myrddin em honra do deus das alturas.

Depois, por ter Macsen ficado na Inglaterra e esquecido Roma, fizeram outro imperador em Roma, que colocou seu estandarte nas muralhas e desafiou Macsen. Então, Macsen reuniu um exército de ingleses, e com Elen e os irmãos ao lado, dirigiu-se para Roma; e conquistou Roma. A partir de então, permaneceu em Roma, e nunca mais voltou à Inglaterra, mas os dois irmãos de Elen trouxeram as forças inglesas de volta ao lar, e, até hoje, os descendentes de Macsen Wledig reinam na Inglaterra.

Quando terminei, e a última nota se desfez no silêncio enfumado, houve um rugido de aplausos, copos batendo nas mesas e vozes ásperas pedindo mais música, e mais vinho. Deram-me outra taça, e enquanto eu bebia e descansava para recomeçar, os homens voltaram a conversar entre si, mas baixinho, para não perturbar os pensamentos do cantor.

Ainda bem que não podiam adivinhá-los; imaginei o que fariam se soubessem que o último e mais recente descendente de Máximo estava dormindo do outro lado da parede. Esta parte da lenda, ao menos, era verdadeira; a família do meu pai descendia diretamente do casamento de Máximo com a princesa galesa Elen. O resto da lenda, como sempre acontece, era uma distorção sonhadora da verdade, como se um artista, refazendo um mosaico destruído, tivesse utilizado novas e brilhantes cores, deixando apenas aparecer, aqui e ali, pedaços da pintura original.

Os fatos eram estes: Máximo, espanhol de nascimento, comandara os exércitos na Inglaterra sob o General Teodósio, na época das invasões constantes dos saxões e pictos, e quando a província romana da Inglaterra parecia estar desmoronando. Juntos, os comandantes consertaram e conservaram a Muralha de Adriano, e o próprio Máximo reconstruiu e guarneceu a grande fortaleza de Segontium, em Gales, fazendo dela seu quartel-general. Este é o lugar que os ingleses chamam de Caer Seint; é o "belo castelo" do Sonho, e deve ter sido aí que Máximo encontrou a sua Elen galesa, e a desposou.

Depois, no ano que Ector denominou de Ano da Inundação, foi Máximo (embora seus inimigos lhe negassem o mérito) quem, após anos de luta feroz, rechaçou os saxões e construiu as províncias de

Strathclyde e Manau Guotodin, estados-tampão, para abrigar em paz o povo da Inglaterra, o seu povo. Já "Príncipe Macsen" para a gente de Gales, foi declarado Imperador pelas suas tropas, e assim podia ter permanecido, não fossem os acontecimentos, do conhecimento geral, que o fizeram voltar para vingar o assassinato do seu velho general, e marchar sobre a própria Roma.

Nunca mais voltou; nisto, o Sonho diz a verdade, mas não porque tivesse conquistado Roma e fosse governá-la. Ele foi vencido e executado, e, embora algumas das tropas britânicas que o acompanharam tivessem retornado e jurado lutar sob sua viúva e filhos, a curta paz tinha terminado. Com a morte de Máximo, a Inundação voltou, e, desta vez, não houve uma espada que a detivesse.

Por essa razão, nos anos negros que se seguiram, o período curto da paz vitoriosa de Máximo pareceu aos homens uma época perdida e dourada, como as que os poetas cantam. Por isso, a lenda de "Macsen, o Protetor" cresceu e cresceu até que o seu poder envolveu a terra, e, nas horas negras, os homens falavam nele como um salvador enviado pelos deuses...

Meus pensamentos retornaram ao bebê que dormia na palha. Tomei de novo a harpa e, quando se calaram, cantei outra canção.

*Um menino nasceu,
Um rei do inverno.
Antes do negro mês
Ele nasceu,
E fugiu no mês sombrio
Para se abrigar
Com os pobres.*

*Ele virá,
Com a primavera,
No verde mês
E no mês dourado.
E brilhante
Será a chama
Da sua estrela.*

— Pagaram-lhe o jantar? — perguntou Moravik.

— Muita bebida e três moedas de cobre. — Coloquei-as sobre a mesa, com a sacola de couro com o ouro do Rei ao lado. — Isto é para cuidarem da criança. Mandarei mais quando for necessário.

Você e Brand não se arrependirão. Você já cuidou de reis antes, Moravik, mas nunca de um rei como este será.

— Que me importam os reis? Ele é apenas uma criança, que nunca deveria ter viajado com este tempo. Devia é estar em casa, no seu quartinho, e pode dizer ao seu Rei Uther que fui eu quem disse! Ora, ouro! — Mas a bolsa de couro tinha desaparecido nas suas saias, e as moedas com ela.

— A viagem fez-lhe mal? — indaguei rapidamente.

— Que eu veja, nenhum. Ele é um menino forte, que vai florescer como as minhas outras crianças. Ele já está na cama, e os dois jovens também, pobrezinhos, portanto, abaixe a voz e deixe que durmam.

Branwen e a criança estavam num catre no canto do quarto, longe do fogo. A cama ficava embaixo de um lance de degraus de madeira que conduzia a uma plataforma, como um celeiro que usam para o feno nos estábulos dos reis. E lá havia feno, e os nossos animais, trazidos do quintal dos fundos, estavam amarrados sob o celeiro. Um burrinho, que supus ser de Brand, estava lá com eles.

— Brand trouxe-os cá para dentro — disse Moravik. — Não há muito espaço, mas não quis deixá-los no estábulo. Aquele alazão poderia ser reconhecido como sendo do Rei Hoel, e haveria perguntas difíceis de responder. Pus você lá em cima, com o rapaz. Não é o que está acostumado a ter, mas é macio e limpo.

— Estará ótimo. Mas não me mande ainda para a cama, Moravik. Posso ficar acordado conversando com você?

— Hum! Mandar você para a cama! É, sempre foi mansinho e falou macio, e sempre fez exatamente o que queria... — Sentou-se ao pé do fogo, abrindo as saias, e indicou um banquinho. — Vamos, sente-se e deixe-me olhá-lo. Santa Mãe, que mudança! Quem iria pensar, lá em Maridunum, de pobre que você era, que iria virar filho do Grande Rei, e doutor, e músico... e sei lá mais o quê!

— Mágico, você quer dizer.

— Bom, isso não me surpreendeu, você vivia fugindo para junto do velho em Bryn Myrddin. — Persignou-se e segurou um amuleto preso ao pescoço. Eu já o vira brilhando à luz do fogo; não se podia dizer que fosse um símbolo cristão. Então, Moravik ainda cercava-se de todo talismã que pudesse encontrar. Nisto, era como a

maioria da gente criada na Floresta Perigosa, com as suas lendas de assombrações, e coisas vistas ao crepúsculo e ouvidas no vento. Balançava a cabeça. — É, sempre foi um menino estranho, solitário, dizendo coisas. . . Sempre soube demais. Eu achava que era porque escutava às portas, mas acho que estava enganada. "O Profeta do Rei", é como o chamam agora. E os feitos que ouvi contar, se gente puder acreditar na metade, o que eu duvido... Vamos, conte-me. Conte-me tudo.

O fogo já quase virará cinzas. Na sala ao lado havia silêncio; os fregueses tinham ido para casa, ou dormiam ali mesmo. Brand subira a escada há cerca de uma hora, e roncava baixinho ao lado de Ralf. Branwen e a criança dormiam imóveis, no canto próximo aos animais que cochilavam.

— E agora, isto — falou Moravik, suavemente. — Este bebê, você me diz que é filho do Grande Rei Uther que não o quer. Por que você é que tem de tomar conta dele? Pensei que houvesse outros a quem ele pudesse pedir, que pudessem fazê-lo com mais facilidade.

— Não sei quanto a Uther — respondi — mas, quanto a mim, a criança foi um legado que me deram meu pai e os deuses.

— Os deuses? — indagou vivamente. — Isto lá é jeito de um bom cristão falar?

— Você se esquece que nunca fui batizado.

— Ainda não foi? É, eu me lembro que o velho Rei nunca deixou. Bom, não é da minha conta, só da sua. E essa criança, já foi batizada?

— Não. Ainda não houve tempo. Se você quiser, pode batizá-la.

— "Se você quiser"? Que conversa é essa? E de que "deuses" falava há pouco?

— Também não sei. Eles... ele... se deixará conhecer na hora apropriada. Mas, faça com que o menino seja batizado, Moravik. Quando deixar a Bretanha, ele vai ser criado numa casa cristã.

Ficou satisfeita.

— Logo que for possível. Ele ficará bem com o Senhor e os seus santos, deixe comigo. E já pendurei o talismã no berço e disse as nove rezas. A moça diz que ele chama-se Artur. Que tipo de nome é esse?

— Você diria Artos — respondi. É o nome que significa urso em celta. — Mas, não o chame por este nome. Dê-lhe outro nome qualquer e esqueça este.

— Que tal Emrys? Ah, sabia que você iria sorrir... Eu sempre esperei por uma criança a que eu pudesse dar o seu nome.

— Eu tive o nome de meu pai Ambrósio. — Experimentei os nomes, em latim, depois na língua celta. "Artório Ambrósio, Último dos Romanos.. . Artos Emrys, Primeiro dos Britânicos. . ." Em voz alta dirigi-me sorrindo a Moravik: — Está bem, dê-lhe esse nome.

Uma vez, há muito tempo, previ a vinda do "Urso", um rei chamado Artur, que uniria passado e futuro. Eu tinha esquecido, até agora, onde ouvira este nome antes. Batize-o com ele.

Ficou calada por alguns minutos. Seus olhos examinavam o meu rosto.

— Um legado para você, disse. Um rei como nunca houve igual. Então, ele será Rei? Jura que será Rei? — E, repentinamente: — Que cara é essa, Merlin? Fez a mesma cara há pouco, quando a moça deu de mamar ao menino. O que há?

— Não sei... — Falei devagar, fitando os restos do fogo, quase que só brasas. — Moravik, fiz o que fiz porque Deus (seja ele quem for) ordenou-me. De dentro da escuridão disse-me que o filho de Uther e Ygraine, concebido aquela noite em Tintagel, seria o Rei de toda a Inglaterra, seria grande, expulsaria os saxões das nossas praias e faria do nosso pobre país um grande todo. Nada fiz por livre vontade, mas apenas para que a Inglaterra não se perdesse na escuridão. De dentro do silêncio e do fogo, chegou-me esta certeza. Depois, durante algum tempo, nada vi nem ouvi, e perguntei a mim mesmo se não me tinha enganado, se o meu amor por meu pai e pelo seu país me levava a imaginar visões onde havia apenas esperança e desejo. Mas, agora, é como o deus me disse. — Olhei para ela. — Não sei se posso fazê-la entender, Moravik. Visões e profecias, deuses e estrelas e vozes falando na noite... coisas turvas nas chamas e nas estrelas, mas reais como a dor no sangue, e furando o cérebro como gelo. Mas, agora... — fiz nova pausa — agora não é só a voz de um deus ou uma visão, é uma criancinha humana com pulmões poderosos, um bebê como qualquer outro, que chora, e mama, e molha os seus cueiros. As visões não levam isto em conta.

— Os homens têm as visões — disse Moravik. — As mulheres têm os filhos que vão cumpri-las. Esta é a diferença. E quanto àquele, — indicou o canto — veremos. Se viver (e por que não viverá, se é

bem forte?), se viver tem uma boa chance de ser Rei. A nossa parte é fazer com que chegue a homem. Farei a minha parte como você fez a sua. O resto é com o bom Deus.

Sorri para ela. Seu senso comum tirara um peso dos meus ombros.

— Você está certa. Fui um tolo em duvidar. O que tiver q ser, será.

— E com isso, vamos dormir.

— Sim. Vou para a cama, agora. Você tem um bom marido Moravik. Alegro-me.

— Nós dois juntos vamos proteger o seu Reizinho, rapaz.

— Tenho certeza — falei, e depois de conversarmos mais um pouquinho, subi a escada para a cama.

Sonhei naquela noite. Estava num campo que conhecia perto da cidade de Kerrec, de Hoel. Era um santuário antigo, onde certa vez eu vira um deus a caminhar. No meu sonho sabia que viera na esperança de revê-lo.

Mas a noite estava vazia. Tudo que se movia era o vento. No céu, brilhavam as estrelas indiferentes. Na sua abóbada negra, suave entre as estrelas mais vividas, ficava a longa esteira de luz que chamam de Galáxia. Não havia nuvens. Ao meu redor estendia-se o campo, bem como eu recordava, fustigado pelo vento e semeado com o sal do mar, com espinheiros nus ao longo dos baixios, e, solitária no centro, uma única pedra gigante. Caminhei para ela. À luz difusa das estrelas, eu não deixava sombra, nem havia sombra perto da pedra. Só o vento embarçando a grama, e, por trás da pedra, o caminhar suave das estrelas, que não é movimento, mas a respiração dos céus.

A noite continuava vazia. Meus pensamentos dardejavam para a concha silenciosa e voltavam, cansados. Eu tentava, com todas as parcelas de habilidade e poder por que lutara e sofrera, recordar-me do deus cuja mão estivera sobre a minha cabeça, então, e cuja luz me conduzira. Rezei em voz alta, mas nada ouvi. Recorri à minha mágica, meu dom de olhos e mente que os homens chamam de Visão, mas nada veio. Até a minha visão humana estava falhando, a noite e as estrelas se confundindo num borrão, como se vistas através de água corrente...

O céu se movia. A Terra estava parada, mas o céu se movia. A Galáxia estreitou-se num feixe de luz, depois congelou-se como um riacho no inverno. Uma seta de gelo... não, uma lâmina, estendia-se no céu como uma espada real, com grandes gemas reluzindo no cabo. Vi

esmeralda, e topázio e safiras, que, na língua das espadas, significam poder e alegria e justiça e uma morte limpa.

Por muito tempo lá ficou a espada, como uma arma recém-Polida à espera da mão que a erga e a use. Depois, moveu-se sozinha. Não como se para uma batalha, cerimônia ou um esporte, como uma lâmina desliza para a sua bainha, assim deslizou ela, suavemente, para a pedra gigante, encaixando nela como a espada na bainha.

Então, só ficou o campo vazio, e o vento uivante e a pedra cinzenta.

Acordei na escuridão do quarto da estalagem, com uma única estrela, pequena e brilhante, aparecendo por um buraco no teto. Mais abaixo, os animais respiravam tranquilos, e, à minha volta, os que dormiam roncavam e mexiam-se. O lugar cheirava a cavalos e a fumaça de turfa, a feno e a ensopadinho de carneiro.

Fiquei deitado de costas, imóvel, olhando a estrelinha. Não liguei muito para o sonho. Vagamente, lembrei-me que já houvera menção a uma espada, e, agora, este sonho... Mas deixei para lá. Voltaria. Eu saberia. Deus estava comigo de novo; o tempo não mentira. E, dentro de uma ou duas horas, amanheceria.

SEGUNDA PARTE - A PROCURA

1

Os deuses, todos eles, devem estar acostumados à blasfêmia até questionar as suas intenções, e indagar-se, como eu fizera, quem eram ou se realmente existiam, era a própria blasfêmia. Agora eu sabia que o meu deus estava de novo comigo, que a sua intenção estava se realizando, e, embora ainda não visse tudo claramente, sabia que a sua mão estaria sobre mim na hora certa, e que eu seria guiado, ordenado, conduzido. . . não importa de que forma. Isto ele também me mostraria. Mas não agora. O presente era meu. Os sonhos da noite desapareceram com as estrelas que os criaram. Esta manhã, o vento era apenas vento, e a luz do sol, apenas luz.

Nem olhei para trás. Não temia por Ralf ou pela criança. A Visão pode ser desagradável de possuir, mas a previsão da catástrofe livra o seu possuidor dos pequenos aborrecimentos do dia-a-dia. Um homem que já viu a sua velhice e o seu amargo fim não se preocupa com o que irá acontecer-lhe aos vinte e dois anos. Não tinha dúvidas quanto à minha segurança, nem quanto à do menino cuja espada eu vira, já por duas vezes, desembainhada e brilhando. Portanto, eu apenas me preocupei com a próxima viagem por mar, que me levou, sofrendo mas com vida, até o porto de Massilia, no Mar Interior, onde cheguei num dia claro de fevereiro que, na Inglaterra, consideraríamos de verão.

Lá chegado, não importava quem me visse ou relatasse a minha presença. Se soubessem na terra que o Príncipe Merlin fora visto na Gália do Sul ou na Itália, talvez os inimigos de Uther me vigiassem "uns tempos, buscando uma pista para o príncipezinho desapareço. Eventualmente, desistiriam e buscariam alhures, mas, então, a pista já estaria fria. Em Kerrec, a visita do cantor sem importância já teria sido esquecida, e Ralf, anônimo na taverna da floresta, poderia ir e vir, sem medo, de Coll para o castelo de Kerrec, com as notícias dos progressos do menino, as quais Hoel me transmitiria. Assim, uma vez desembarcado em Massilia, e tendo-me recobrado da viagem, iniciei os preparativos para a minha viagem para o leste. Desta vez, sem necessidade de disfarces, viajei com conforto, embora não em estilo principesco. Nunca dei importância às aparências; o hábito não faz o monge; mas iria visitar amigos, e não queria envergonhá-los. Assim, contratei um criado, comprei cavalos, mulas de carga e um escravo para cuidar deles, e parti para o meu primeiro destino, Roma.

A estrada que sai de Massilia é uma fita de poeira reta e castigada pelo sol que acompanha a costa, passando pelas aldeias construídas por veteranos de César, cercadas de olivais e vinhedos bem cuidados. Partimos ao amanhecer, com as sombras dos nossos cavalos às costas. A estrada ainda estava orvalhada, e o ar cheirava a estrume, e a ciprestes, e a fumaça dos fogos matutinos. Galos cantavam e cães corriam latindo atrás dos nossos cavalos. Às minhas costas os servos conversavam, em voz baixa para não me incomodar. Pareciam homens decentes; o liberto, Gaio, já servira antes e fora bem recomendado. O outro, Stilicho, era filho de um comerciante de cavalos siciliano, que se enchera de dívidas e vendera o filho para pagá-las. Stilicho era um rapazola magro, vivaz, de olhar brejeiro e ótima disposição. Gaio era solene e eficiente, muito mais cômico da

minha dignidade do que eu mesmo. Quando descobriu o meu *status* real, assumiu um ar pomposo que me divertiu, e impressionou tanto a Stilicho que fê-lo ficar em silêncio por uns vinte minutos. Creio que, daí por diante, foi usado com freqüência para obter serviço, como ameaça ou suborno. Não sei que meios os dois empregaram, só sei que a minha viagem foi um milagre de tranqüilidade e conforto.

Enquanto meu cavalo erguia as orelhas para o sol da manhã, senti a minha disposição adaptar-se ao brilho crescente. Era como se as dores e dúvidas do último ano estivessem ficando para trás, como a sombra do cavalo. Enquanto seguia para o leste com a minha pequena comitiva, pela primeira vez na vida eu era livre; livre do mundo à minha frente-, livre das obrigações às minhas costas. Até este momento, sempre vivera para um objetivo; procurara e depois servira meu pai, e, após sua morte, esperara com sofrimento até a chegada de Artur, para que a minha servidão recomeçasse. Agora, a primeira parte da minha tarefa estava terminada; o menino estava em segurança e, com a ajuda dos meus deuses e das estrelas, continuaria assim. Ainda era moço e, olhando para o sol, solitário ou livre, eu via um mundo novo à minha frente e um período de tempo para viajar e conhecer as terras de que ouvira falar em menino.

Eventualmente, cheguei a Roma, e caminhei nos morros verdes por entre os ciprestes e conversei com um homem que conhecera meu pai com a minha idade atual. Fiquei na sua casa e perguntei-me como pudera achar a casa de meu pai em Kerrec um palácio, ou considerar Londres uma grande cidade, ou mesmo uma cidade. Depois, fui de Roma a Corinto, atravessei os vales dos Argolid, onde cabras pastavam nas colinas quentes de verão e um povo mais selvagem que elas vivia nas ruínas de cidades construídas por gigantes. Aqui vi pedras maiores que a Dança dos Gigantes, erguidas e colocadas como a canção me ensinara, e mais para o leste vi terras mais vazias, com pedras gigantes ao sol do deserto, e homens que viviam como alcatéias, mas que faziam música como os passarinhos, maravilhosa como a das estrelas no seu curso. Eles conheciam melhor que quaisquer outros homens os movimentos das estrelas; suponho que o seu mundo é feito dos espaços vazios do deserto e do céu. Passei oito meses com um homem perto de Sardis, na Maeonia, que calculava com absoluta precisão, e com cuja ajuda eu teria erguido a Dança dos Gigantes na metade do tempo, mesmo se ela fosse duas vezes maior. Outros seis meses passei na costa de Mysia, perto de Pérgamo, num grande hospital que atende a ricos e pobres. Aí aprendi muita

novidade na arte de curar; em Pérgamo empregam a música com as drogas para curar a mente do homem com sonhos, e o seu corpo depois. Foi, na verdade, o deus quem me guiou para aprender música, em criança. E, o tempo todo, em todas as viagens, aprendi noções de idiomas estranhos, e ouvi novas canções e novas músicas, e vi deuses estranhos serem adorados, alguns em lugares sagrados, outros em profanos. Nunca se deve fugir do saber, venha de onde vier.

Durante todo este tempo, eu tinha certeza absoluta de que na Bretanha, na Floresta Perigosa, o menino crescia e vicejava em segurança.

Mensagens ocasionais de Ralf aguardavam-me nos lugares combinados com o Rei Hoel. Deste modo, eu soube que Ygraine engraxara de novo, e dera à luz uma menina chamada Morgiana. É lógico que, quando as lia, as cartas já estavam ultrapassadas, mas, no que se referia a Artur, eu tinha outra fonte de informações: via no fogo.

Foi num braseiro, acendido para evitar a friagem de uma noite romana que vi Ralf fazer a viagem pela floresta para a corte de Hoel. Viajou sozinho e sem ser notado, e quando partiu na escuridão nevoenta para a viagem de volta, não foi seguido. Nas profundezas da floresta eu o perdi, mas, mais tarde, a fumaça dissipou-se para que eu visse seu cavalo no estábulo, e Branwen a sorrir no quintal ensolarado, com o bebê no colo. Várias outras vezes eu acompanhei as viagens de Ralf, mas sempre a fumaça ou a escuridão escondiam, como névoa, o rio, e não podia ver a taverna, ou Ralf cruzando a porta. Era como se o local estivesse protegido, mesmo de mim. Ouvira dizer que a Floresta Perigosa da Bretanha era terra encantada; posso confirmar que é verdade. Duvido que qualquer mágica menos poderosa que a minha conseguisse espiar pela muralha de névoa que escondia a estalagem. De tempos em tempos eu via algo, de relance. Certa vez vi o bebê brincando com uma ninhada de cachorrinhos no quintal, com a cadela a lambê-lo o rosto e Branwen a olhar sorrindo, até que Moravik saiu ralhando da cozinha, apanhou o bebê, limpou-lhe o rosto com o avental e carregou-o para dentro. Outra vez, eu o vi montado no cavalo de Ralf que se dessedentava no bebedouro, e, outra vez, na sela, na frente de Ralf, agarrando a crina com as duas mãos, enquanto o animal trotava para a beira do rio. Nunca o vi de perto, nem claramente, mas via o suficiente para saber que estava bem e crescia forte.

Então, quando estava com quatro anos, chegou a hora de Ralf levá-lo da proteção da floresta para a do Conde Ector.

Na noite em que o seu navio partiu do Mar Pequeno de Morbihan, eu estava sob o negro céu da Síria, onde as estrelas parecem ser duas vezes maiores e mais ardentes do que na Inglaterra. O fogo para o qual eu olhava era o de um pastor, aceso contra lobos e 1 leões da montanha, e ele dera-me a sua hospitalidade quando eu e J os criados fomos surpreendidos pela noite nas montanhas acima de Berytus. O fogo era alto e vivo dentro da noite. Para além dele, eu podia ouvir Stilicho falando, a resposta murmurada do pastor, e risadas abafadas pelos tons graves de Gaio, até que o rugido e o crepitar do fogo abafaram tudo. E, então, as imagens chegaram, fragmentadas a princípio, mas claras e vividas como as visões que eu tivera, quando menino, na gruta de cristal. Vi a viagem inteira, cena por cena, na visão de uma noite, como é possível sonhar uma vida inteira entre a noite e a manhã..

Foi a primeira vez que vi Ralf claramente desde que o deixei na Bretanha. Mal o reconheci. Era agora um moço alto, com jeito de lutador, e com um ar de decisão e responsabilidade que lhe caía muito bem. Tinha deixado à escolha dele, ê de Hoel, se haveria' necessidade de uma escolta armada para conduzir sua "mulher" e seu "filho" até o navio; eles resolveram não arriscar, mas o nosso segredo foi bem protegido. Hoel arranhou para que uma carroça com mercadorias fosse despachada pela floresta sob a guarda de uma meia dúzia de soldados; quando foi para Kerrec e para o cais onde estava o navio, nada mais natural que o jovem e a sua família desfrutassem da proteção concedida aos fardos (dos quais nunca soube o conteúdo). Branwen foi na carroça, onde, finalmente, também foi Artur. Ele já dispensava os cuidados femininos; preferia ficar com os soldados, e foi preciso que Ralf exercesse a sua autoridade para fazer com que fosse na carroça com Branwen, ao invés de na sela na frente da tropa. Depois que o pequeno grupo chegou ao navio e embarcou, quatro dos soldados embarcaram com Ralf, aparentemente para levar aqueles fardos preciosos ao seu destino. E, assim, o navio largou. A luz brilhava no mar iluminado pelo fogo, e o naviozinho tinha velas vermelhas enfunadas contra um céu de crepúsculo, que foram diminuindo até sumir no fogo crepitante.

Foi uma alvorada vivida, talvez apenas por força das chamas sírias, que o navio atracou em Glannaventa. Vi as amarras serem lançadas, e o grupo atravessou a passarela indo ao encontro de um

Ector moreno e sorridente, acompanhado de um grupo de homens armados. Não estavam com insígnias. Tinham trazido uma carroça para a carga, que foi abandonada mal saíram da cidade, e de onde retiraram uma liteira para Branwen e Artur, após o que, o grupo partiu a toda pressa para Galava, pela estrada militar que cruza as montanhas situadas entre o castelo de Ector e o mar. A estrada sobe por duas gargantas íngremes, entre as quais fica um vale baixo e pantanoso, sempre inundado até quase o fim da primavera. A estrada é ruim, foi destruída por temporais, torrentes e geadas de inverno, e nos lugares onde houve deslizamentos dos morros circundantes, ela desapareceu, deixando apenas vestígios dos velhos atalhos dos tempos pré-romanos. Terra selvagem, caminho selvagem, mas servia para um grupo de homens bem armados, num dia de maio. Eu os observava a trotar, a liteira a balançar entre as mulas fortes, pela madrugada e pelo dia que as chamas iluminavam, até que, com a chegada da noite, o começo da garganta escureceu com névoa, dentro qual vi o brilho das espadas que anunciavam o perigo. O grupo de Ector vinha descendo do segundo cume, diminuindo o passo num local rodeado de rochedos. Era uma descida curta daí até o vale largo e à estrada boa que conduzia à nascente onde situa-se o castelo. Na distância, ainda iluminados pelo fim de tarde, viam-se grandes árvores, pomares e o verde macio das terras cultivadas. Mas, na garganta, entre os rochedos cinzentos e a névoa crescente, estava escuro, e os cavalos escorregaram e tropeçaram no entulho deixado por uma torrente que cruzava o caminho e que fizera desmoronar a estrada. O barulho da água deve ter abafado os demais sons. Ninguém viu os outros homens, montados e armados, à espera na obscuridade da névoa.

O Conde Ector vinha à frente, e no meio, rodeada pela tropa, seguia a liteira, balançando-se entre as mulas, com Ralf cavalgando bem juntinho. Acercavam-se da emboscada; estavam ao lado dela. Vi Ector virar a cabeça bruscamente, depois frear o cavalo tão de repente que ele tentou empinar, mas terminou caindo, escorregando no entulho, enquanto Ector erguia o braço já de arma na mão. Os soldados, procurando cercar a liteira o melhor possível no declive, prepararam-se para lutar. No momento do ataque atordoante, vi o que, aparentemente, ninguém ainda vira; outras sombras que surgiam detrás dos rochedos.

Creio que gritei. Não fiz barulho, mas a cabeça de Ralf levantou-se como a de um cão que ouve o assobio do dono. Ele berrou, ! girando o seu cavalo. Outros acompanharam-no, enfrentando o novo

ataque com um vigor que arrancava chispas das espadas, como o malho do ferreiro arranca da bigorna.

Forcei a vista para tentar distinguir os atacantes na visão. Não consegui. A luta corpo a corpo, as espadas brilhantes, os gritos, os cavalos virando-se.. . depois os atacantes desapareceram na neblina tão subitamente como haviam surgido, deixando um de seus homens morto sobre o entulho, e levando outro a sangrar por sobre a cela. Não havia vantagem em persegui-los pelas montanhas cobertas de neblina e crepúsculo. Um dos soldados pegou o homem caído, jogando-o em cima de um cavalo. Vi Ector fazer sinal e o soldado revistou o corpo, procurando identificação, mas nada achou. Depois, a guarda formou de novo ao redor da liteira e prosseguiu. Vi Ralf, disfarçadamente, enrolar um pano no braço esquerdo, que uma espada conseguira acertar, apesar da proteção do escudo. Logo depois, ele inclinou-se na sela e disse, rindo, para dentro da liteira:

— Mas, você ainda não tem tamanho! Daqui a uns dois anos prometo-lhe que arranjaré uma espada que lhe sirva. — Depois, fechou bem fechadas as cortinas da liteira. Quando forcei a vista para ver Artur, a fumaça escureceu a cena e o pastor gritou para o cachorro, e eu estava novamente na colina cheirosa, e a lua surgia acima das ruínas do templo da Deusa, onde só as corujas restaram.

E assim passaram-se os anos, e aproveitei minha liberdade para viagens que descrevo alhures; aqui não há lugar para isso. Foram para mim anos leves e proveitosos, e a mão do deus pousava em mim suavemente, e me permitia ver tudo que eu pedia para ver; mas, durante todo este tempo, não houve mensagem, nem estrela andante, nada que me chamasse para voltar.

Certo dia, quando Artur estava com seis anos, e eu ensinava e trabalhava no hospital perto de Pérgamo, a mensagem chegou.

Estávamos no começo da primavera, e o dia inteiro a chuva chicoteou as rochas, escurecendo as pedras calcárias e abrindo rombos no caminho que conduz às celas do hospital à beira-mar. Não houve fogo para me trazer a visão, mas, naquele lugar, os deuses estão à espera em cada pilastra, e o ar é pesado de sonhos. Foi só um sonho, igual aos dos outros homens, e chegou durante um sono de exaustão.

Tinham trazido um homem, naquela noite, com a perna muito cortada, e com a vida a esvair-se pelo ferimento. Eu e o outro médico de serviço trabalhamos nele por mais de três horas, e, depois, fui até à praia para lavar no mar o sangue que esguichara e endurecera em mim. Talvez o paciente vivesse; era moço e dormia, agora, com o

sangue estancado e a ferida costurada. Arranquei a minha sunga ensopada (aquele clima permite uma quase nudez para os trabalhos mais sangrentos), nadei até ficar limpo, depois estirei-me na areia morna para descansar. A chuva tinha parado com o chegar da noite, e esta estava calma, morna e cheia de estrelas.

Não foi uma visão que eu tive, foi um sonho de olhos abertos.

Fiquei deitado, pensando, observando e sendo observado pelas estrelas. Entre elas, havia uma distante, nublada, com sua luz desmaiada e as demais, como uma lamparina vista através de um turbilhão de neve. De repente, veio aproximando-se, aproximando-se, até que a luz nublada apagou as demais, mais brilhantes, e eu vi as montanhas e as praias e os rios e os vales da minha terra natal. Agora, o turbilhão de neve era mais forte, escondendo os vales, e havia o ronco da trovoadas por trás da nevasca, e os gritos dos exércitos, e o mar cresceu por sobre a praia, dissolvendo-a, e o sal encheu os rios e os campos verdes ficaram cinzas, e depois pretos, com as nervuras à mostra, como ossos de defuntos.

Acordei sabendo que precisava voltar. Ainda não chegara a inundação, mas estava vindo. No próximo inverno, ou no outro, ouviríamos a trovoadas, e eu precisava estar lá, entre o Rei e seu filho.

2

Eu planejava voltar por Constantinopla, e cartas já me tinham precedido. Agora, teria preferido ir por um caminho mais curto, mas o único navio que consegui foi um que navegava para o norte, para a Calcedônia, que fica em frente a Constantinopla, do outro lado do estreito. Lá chegando, atrasado pelos ventos e pelo mau tempo, vi que ainda estava sem sorte; tinha acabado de perder um navio para o oeste, e o seguinte só partiria em uma semana, ou mais. Na Calcedônia aportam apenas os pequenos navios costeiros; os navios maiores usam o porto de Constantinopla. Assim, cruzei para lá, desejoso, apesar da pressa que tinha, de ver a cidade de que tanto ouvira falar.

Esperava que a Nova Roma sobrepujasse a velha em esplendor, mas achei Constantinopla uma cidade de contrastes mais vivos, com a miséria bem ao lado do esplendor, e o ar de excitação e risco que se respira numa cidade jovem em busca da prosperidade, ainda construindo, espalhando-se, assimilando, ávida para enriquecer.

Não que as fundações fossem novas; fora a capital de Bizâncio, desde o tempo em que Bizas ali estabelecera a sua gente, há mil anos; mas havia quase um século e meio que o Imperador Constantino transferira o coração do Império mais para o leste, e resolvera construir e fortificar a velha Bizâncio, dando-lhe o seu nome.

Constantinopla fica maravilhosamente situada numa língua de terra que tem um porto natural a que dão o nome de Cornucópia de Ouro, e muito apropriadamente; nunca imaginara um tráfico de navios tão ricamente carregados como os que vi na curta travessia desde a Calcedônia. Há palácios e ricas casas, e edifícios do governo com corredores como labirintos, e os numerosos funcionários públicos andam para lá e para cá, como abelhas numa colméia. Por todo canto há jardins com pavilhões e fontes sempre jorrando; a cidade dispõe de água doce em abundância. Para o interior, a Muralha de Constantino defende a cidade, e do seu Portão Dourado parte da grande via pública de Mese, com magníficas arcadas em quase toda extensão, através de três fóruns decorados com colunas, para terminar no grande arco triunfal de Constantino. A imensa igreja do Imperador, dedicada à Sabedoria Sagrada, fica bem acima das muralhas que beiram o mar. Era uma cidade magnífica, e uma estendida capital, mas não tinha o ar de Roma que meu pai mencionara, ou que imagináramos na Inglaterra; aqui ainda era o Oriente, *i* a cidade voltava os olhos para o Oriente. Até as roupas, embora os homens usassem a túnica romana, tinham jeito da Ásia, e embora por todo canto se falasse latim, ouvia-se grego, e sírio, e armênio nos mercados, e, para além das arcadas de Mese, dava para supor-se que se estava na Antióquia.

Não é lugar fácil de imaginar, para quem nunca passou das costas britânicas. Acima de tudo, era um lugar excitante, com um ar cheio de promessa. Era uma cidade que antecipava, enquanto Roma, Atenas, e até Antióquia pareciam recordar; e Londres, com seus templos desmoronados, torres remendadas e homens sempre em guarda com as mãos nas espadas, parecia remota, selvagem como as geleiras dos nórdicos.

Meu anfitrião em Constantinopla era parente de meu pai, distante, mas não tão distante que o impedisse de receber-me como primo. Ele descendia de um tal Adean, cunhado de Máximo, que fora oficial de Máximo e seguira-o na expedição final a Roma. Adean fora ferido nos arredores de Roma e deixado por morto, mas fora salvo e tratado por uma família cristã. Mais tarde, casara-se com a moça da casa, convertera-se e, embora nunca servisse com o Imperador

Oriental (tendo-se satisfeito com o perdão conseguido por intercessão do sogro), seu filho serviu com Teodósio II, fez fortuna, e foi recompensado com uma esposa de ascendência real e uma esplêndida casa perto da Cornucópia de Ouro.

Seu bisneto tinha o mesmo nome, mas pronunciava-o à moda bizantina: Ahdjan. Dava para notar-se que era descendente de celtas, mas parecia, por exemplo, com um galês que tivesse ficado sem sangue por ter-se estirado demais em direção ao sol. Era alto e magro, com o rosto oval e a tez pálida, e os olhos negros e retos que aparecem em todos os seus retratos. A boca tinha lábios estreitos, também sem sangue na boca do criado da corte, de lábios apertados para guardar segredos. Mas ele tinha humor, e sabia conversar com sabedoria e entretenimento, uma raridade num país onde homens, e mulheres, discutem perpetuamente sobre assuntos do espírito em termos da carne mais que estúpida. Eu não estivera ainda nem um dia em Constantinopla, e já me recordava de algo que lera num dos livros de Galapas: "Se você perguntar a alguém quantos óbolos custa certa coisa, ele responderá dogmatizando os nascidos e não nascidos. Se perguntar o preço do pão, responder-lhe-ão que o Pai é maior que o Filho, e que o Filho é subordinado a Ele. Se você perguntar se o seu banho está pronto, dir-lhe-ão que o Filho foi feito do nada."

Ahdjan recebeu-me muito gentilmente, num esplêndido aposento com mosaicos nas paredes e chão de mármore dourado. Na Inglaterra, onde é frio, colocamos os quadros no chão e pesados reposteiros nas paredes e portas; mas, no Oriente, agem diferente. O aposento brilhava com cores; usam muito ouro nos seus mosaicos, e, por causa da superfície levemente irregular da tessela, isto dá um efeito de movimento, como se os quadros fossem tapeçarias de seda. As figuras são vividas, cheias de cor, algumas muito bonitas. Recordei-me do mosaico rachado lá de casa, em Maridunum, que em criança eu achava o mais belo quadro do mundo; era de Dionísio, com uvas e delfins, mas não havia uma figura inteira, os olhos do deus tinham sido mal remendados e ele parecia vesgo. Até hoje eu imagino Dionísio estrábico. Um dos lados do aposento de Ahdjan dava para um terraço, com uma fonte num largo lago de mármore, e ciprestes e loureiros cresciam em jarros ao longo da balaustrada. Logo abaixo, ficava o jardim, perfumado ao sol, com rosas, íris e jasmins (embora mal fosse abril) competindo com o perfume de centenas de arbustos, e por toda parte os dedos escuros do cipreste, enfeitados com cones pequeninos, apontavam diretamente para o céu brilhante. Abaixo dos

terraços, rebrilhavam as águas da Cornucópia, tão povoada de navios quanto um lago de fazenda de besouros d'água.

Havia uma carta de Ector à minha espera. Depois que Ahdjan e eu nos cumprimentamos, pedi licença, desenrolei-a e comecei a ler. O escrivão de Ector escrevia bem, em longos períodos nos quais dava a sua interpretação do que o cavalheiro realmente dissera, sem rodeios. Mas, as novidades, que se destacavam das poesias e floreios, eram as que eu já sabia ou adivinhava. Em frases reservadas, ele me fazia saber (por causa do escrivão ele dizia "a família, Drusilla e os dois meninos") que Artur estava bem. Mas, por quanto tempo "o lugar" era seguro, Ector dizia não saber, e prosseguia com a versão dos seus informantes.

O perigo de invasão, sempre presente mas esporádico nos últimos anos, tornara-se bem maior. Octa e Eosa, os líderes saxões sobrepujados por Uther no seu primeiro ano de reinado, e prisioneiros desde então em Londres, ainda continuavam presos; mas, ultimamente, o Rei Uther estava sendo pressionado (não apenas pelos federados, mas por alguns chefes britânicos temerosos do crescente descontentamento ao longo da Praia Saxã) para fazer um tratado e libertar os príncipes saxões. Desde que ele recusara, já houvera duas tentativas armadas de libertá-los. Foram punidas com severidade brutal e, agora, outras facções estavam pressionando Uther para matar os chefes saxões que saíram da linha; ele temia fazer isso por causa dos federados. Estes, firmemente abrigados ao longo da praia, e procurando avançar até Londres, de novo tentavam conseguir reforços de gente de fora, para invadir as ricas terras próximas à Muralha de Ambrósio. Havia rumores ainda piores: um mensageiro fora preso e, sob tortura, confessara que levava prendas de amizade dos anglos no Abus ao leste, para os reis pictos, das terras selvagens a oeste de Strathclyde. Mas, acrescentava Ector, apenas prendas; e ele, pessoalmente, não acreditava em problemas vindos já do norte. Entre Strathclyde e o Abus, os reinos de Rheged e Lothian ainda estavam firmes.

Li o resto, enrolei a carta. Falei a Ahdjan:

— Preciso ir direto para casa.

— Tão cedo? Era o que eu temia. — Fez sinal a um criado que ergueu um jarro de prata de uma bacia de neve, e serviu o vinho em taças de vidro. De onde vinha a neve, não sei; eles trazem-na à noite dos cimos dos morros, e guardam-na sob a terra, na palha. — Sinto perdê-lo, mas, quando vi a carta, percebi que eram más notícias.

— Ainda não são más, porém as más virão. — Contei-lhe o que podia da situação, e ouviu com gravidade. Eles entendem estas coisas em Constantinopla. Desde que Alarico, o Godo, tomou Roma, os ouvidos dos homens estão atentos à trovoadas no norte. Prossegui: — Uther é um rei forte e um bom general, mas nem ele consegue estar em toda parte, e esta divisão de poder torna os homens incertos e temerosos. Está na hora de garantir a sucessão. — Bati na carta. — Ector diz que a Rainha está grávida novamente.

— Assim ouvi dizer. Se for menino será declarado herdeiro, não é? Má hora para um bebê herdar um reino, se não tiver um Stilicho para cuidar dos seus interesses. — Referia-se ao general que protegera o império do jovem Imperador Honório. — Existe algum, entre os generais de Uther, que possa ficar como regente em caso de sua morte?

— Ao que eu saiba, são mais capazes de matar do que de proteger.

— Então, é melhor que Uther viva, ou que permita ao filho e já tem ser o herdeiro legítimo. Ele deve estar com... sete, oito anos? Por que Uther não toma a atitude sensata e o declara herdeiro, com você como regente, se o Rei morrer durante a menoridade do menino? — Olhou-me de banda, por sobre a taça. — Ora, Merlim, não se faça de surpresa. O mundo inteiro sabe que você tirou o Menino de Tintagel e o escondeu por aí.

— E o mundo diz onde?

— Ah, diz. O mundo gera soluções como aquela lagoa ali gera sapos. A opinião geral é que a criança está na ilha de Hy-Brasil, alimentada por mingaus feitos por nada menos que nove rainhas. É por isso que floresce! Ou então que está com você, mas invisível. Talvez disfarçado em mula?

Dei uma risada.

— Ah, mas eu não ousaria... Isto faria o que do pai dele?

— Você ousaria qualquer coisa, acho eu. Eu estava esperando que ousasse dizer-me onde está o garoto e tudo o mais a seu respeito... Não?

Neguei com a cabeça, sorrindo.

— Perdoe-me, mas ainda não.

Moveu a mão, graciosamente. Também entendem segredos, Constantinopla.

— Bem, será que ao menos pode dizer-me se ele está bem e em segurança?

— Asseguro-lhe que sim.

— E será o sucessor, com você como regente?

Dei uma risada, balancei a cabeça e esvaziei a minha taça. Fez um sinal ao criado, que ficava por perto, mas não ao alcance da conversa, e ele correu a encher a minha taça. Ahdjan fez-lhe sinal para que se fosse.

— Também recebi uma carta de Hoel. Diz ele que o Rei Uther despachou homens à sua procura, e que não fala bem de você, apesar do muito que, todos sabem, ele lhe deve. Correm boatos de que o próprio rei não sabe onde o menino está escondido, e que pôs espiões à procura. Alguns dizem que o menino morreu. Outros, que Você conserva o menino para satisfazer aos seus fins ambiciosos.

— É, — concordei afavelmente — alguns diriam isto mesmo.

— Está vendo? — Fez um gesto largo com a mão. — Tentei instigá-lo para que falasse, e nem sequer ficou zangado. Outro homem protestaria, teria até medo de voltar; você não diz nada e acho que já decidiu tomar o primeiro navio de volta.

— Eu conheço o futuro, Ahdjan, é esta a diferença.

— Bem, não conheço o futuro, e é óbvio que não vai contá-lo para mim, mas posso arriscar o meu palpite quanto à verdade. O que os homens estão dizendo é a verdade retorcida; você conserva o menino porque sabe que um dia ele será Rei. Agora, isto pode dizer-me: o que fará quando voltar? Tirá-lo do esconderijo?

— Quando eu estiver de volta, a criança da Rainha já terá nascido. O que eu fizer dependerá disto. É claro que verei Uther, falarei com ele. Mas, o principal, no meu ponto de vista, é deixai que o povo da Inglaterra, seja amigo ou inimigo, saiba que o Príncipe Artur está vivo e bem, e que estará pronto para aparecer ao lado do pai quando chegar a hora.

— A hora ainda não é esta?

— Acho que não. Quando chegar lá espero ver tudo com mais clareza. Com a sua licença, Ahdjan, tomarei o primeiro navio.

— Como quiser. Sentirei perder a sua companhia.

— Eu também. Foi um acaso feliz que me trouxe a Constantinopla. Não viria até aqui, se não tivesse sido atrapalhado pelo mau tempo, que me fez perder o navio que devia tomar em Calcedônia.

Ele fez um comentário educado, depois ficou espantado ao perceber as implicações.

— Como? Quer dizer que já estava voltando para casa? Mesmo antes de ler a carta? Você sabia?

— Não os detalhes. Apenas que era hora de voltar.

— Pelos Três! — Por um momento vislumbrei o celta que havia nele, embora tivesse jurado pelo deus cristão; eles só têm outro juramento em Constantinopla: "Pelo Um!", e lutam até a morte pelas suas imprecações. Depois, ele riu. — Pelos três! Como queria que você estivesse ao meu lado semana passada no hipódromo! Perdi uns mil nos Verdes. . . coisa certa, e na hora correram como vacas de três pernas. Bem, parece que o príncipe que tiver você para guiá-lo tem um bocado de sorte! Se eu tivesse tido você, hoje teria um império ao invés de um respeitável posto governamental. . . dando graças de tê-lo conseguido sem ser eunuco.

Enquanto falava, indicara o grande mosaico na parede principal às nossas costas. Eu já reparara nele, e me perguntava, vagamente, o porquê da melancolia bizantina que decora os aposentos com tais cenas, ao invés dos desenhos mais alegres encontrados na Grécia e na Itália. No corredor de entrada, vira um crucifixo em tamanho real, com as figuras carpindo ao lado, e vários emblemas cristãos. Este também representava uma execução, mas nobre, em campo de batalha. O céu era escuro, feito com lascas de ardósia e lazulita dentro das nuvens, como ferro, e com as caras dos deuses olhando por entre elas. O horizonte mostrava uma linha de torres e templos atrás da qual o sol vermelho se punha. Parecia simbolizar Roma. A planície larga na frente das muralhas era a cena do fim da batalha; à esquerda, os vencidos, homens e cavalos mortos ou morrendo no campo coalhado de armas partidas; à direita, os vencedores, amontoados atrás do chefe coroadado, e banhados num raio de luz que descia de um Cristo em atitude de bênção, acima dos demais deuses. Os pés do vencedor ajoelhava-se o outro chefe, com o pescoço exposto à lâmina do carrasco. Erguia os dois braços para o conquistador, não pedindo clemência, mas na entrega formal da sua espada.

Abaixo dele, no canto do quadro, estava escrito Max. À direita, abaixo do vencedor, estavam impressas as palavras Theod. Imp.

— Pelo Um! — exclamei, e vi que Ahdjan sorriu; mas ele não podia saber o motivo da minha admiração. Ergueu-se, graciosamente, e acompanhou-me até a parede, obviamente satisfeito com o meu interesse.

— É a derrota de Máximo frente ao Imperador. Bom, não é?— Alisou a tessela sedosa com a mão. — O homem que o fez não conhecia bem as ironias da guerra. Apesar de tudo, pode-se dizer que houve empate, no final. Aquele sujeito à esquerda, atrás de Máximo,

é o ancestral de Hoel que levou os remanescentes do contingente britânico de volta. Este cavaleiro com ar de santo, derramando sangue aos pés do Imperador, é o meu trisavô, a cuja consciência e bom senso para negócios devo tanto a minha fortuna quanto a salvação da minha alma.

Eu mal escutava. Estava de olhos fixos na espada nas mãos de Máximo. Já a vira antes. Brilhando na parede às costas de Ygraine. Alojando-se na sua bainha na Bretanha. Agora, aqui, pela terceira vez, representada na mão de Máximo nos arredores de Roma.

Ahdjan observava-me com curiosidade.

— O que foi?

— A espada. Então, era a espada dele.

— O quê? Você já a tinha visto?

— Não. Só em sonhos. Por duas vezes, já a tinha visto em i sonhos. Agora, aqui, pela terceira vez, num quadro... — Falava comigo mesmo, pensativo. A luz do sol, refletida no lago do terraço, coriscava na parede, fazendo com que a espada nas mãos de Macsen refulgisse e que as gemas no seu cabo se destacassem verdes, amarelas e azuis. Falei, baixinho:

— Então foi por isso que perdi o navio na Calcedônia.

— O que quer dizer?

— Perdoe-me, nem eu sei bem. Estava pensando num sonho. Diga-me, Ahdjan, este quadro. . . Aquelas são as muralhas de Roma? Máximo não foi assassinado em Roma, foi?

— Assassinado? — Ahdjan perguntou compenetrado, com ar divertidos — No lado de cá da família, usamos a palavra "executado". Não, não foi em Roma. Acho que o artista estava sendo simbólico. Aconteceu em Aquiléia. Talvez você o conheça; é um lugarejo perto da foz do Rio Turrus, na extremidade norte do Adriático.

— Os navios aportam ali?

Arregalou os olhos.

— Pretende ir para lá?

— Gostaria de ver o lugar onde Macsen morreu. Gostaria de saber o que aconteceu à sua espada.

— Isto não saberá em Aquiléia — retrucou ele. — Kynam levou-a.

— Quem?

Ele indicou o quadro.

— . O homem à esquerda. O ancestral de Hoel, que levou os britânicos de volta à Bretanha. Hoel poderia ter-lhe dito isto. — Riu-

se com a minha expressão. — Você veio até aqui apenas por este tocado de informação?

— Parece que sim, — respondi — embora até este momento não o soubesse. Quer dizer que Hoel está com a espada? Que está da Bretanha?

— Não. Há muito que se perdeu. Alguns dos homens que retornaram à Grande Inglaterra levaram as suas coisas com eles; suponho que levaram a sua espada para dá-la ao seu filho.

— E daí?

— É só o que sei. Faz muito tempo, e agora é só uma lenda de família, e a metade provavelmente nem é verdade. Será que tem tanta importância?

— Importância? — indaguei. — Nem eu sei. Mas aprendi a aprofundar-me nas coisas que encontro no meu caminho.

Ele me observava com ar intrigado e pensei que fosse fazer mais perguntas, mas, após uma curta hesitação, simplesmente comentou:

— Suponho que sim. Vamos passar para o jardim. Lá está mais fresco. Você está com cara de quem tem dor de cabeça.

— Oh, não é nada. É apenas que alguém estava tocando uma lira desafinada no terraço.

— Minha filha. Vamos descer e fazê-la parar.

Enquanto descíamos, ele falou-me de um navio que devia zarpar da Cornucópia dentro de dois dias. Conhecia o dono, e poderia arranjar-me uma passagem. Era um navio veloz, que aportaria em Óstia, onde eu facilmente acharia uma embarcação que fosse para o oeste.

— E quanto aos seus criados?

— Gaio é um bom homem. Você estaria bem servido se o empregasse. Libertei Stilicho. É seu se quiser ficar, e é um assombro com cavalos. Seria crueldade minha levá-lo para a Inglaterra; tem sangue ralo como o de uma gazela árabe.

Mas, quando a manhã chegou, Stilicho estava à beira do cais, teimoso como as mulas com que tão bem sabia lidar, com seus pertences numa sacola e enrolado numa capa de pele de carneiro, em pleno sol bizantino. Discuti com e'e, traduzindo-lhe o clima britânico e o meu modo simples de viver, que ele poderia tolerar num país onde o sol sempre brilha, mas que seria bem duro naquela terra úmida e de ventos gélidos. Mas vendo que iria comigo, nem. que tivesse de pagar

a sua passagem com o dinheiro que eu lhe dera como presente de despedida, cedi.

Para dizer a verdade, eu estava emocionado, e feliz pela sua companhia na longa viagem de volta. Embora sem o treino de Gaio para criado particular, era vivo e inteligente, e já demonstrara aptidão para ajudar-me com plantas e remédios. Seria útil; além do que, após todos estes anos ausente de Bryn Myrddin, a vida ali parecia-i me um tanto solitária, e bem sabia que Ralf jamais voltaria para mim.

3

Cheguei à Inglaterra em fins do verão. As novidades me receberam no cais, na pessoa de um dos camareiros do Rei, que me cumprimentou com enorme alívio, e com uma total ausência de surpresa, tanto que comentei:

— Você devia estar no mesmo negócio que eu...

Ele riu. Chamava-se Lucan, e eu o conhecera quando o meti pai era Rei, e dávamo-nos bem.

— Adivinhação? Nem por isso. Este é o quinto navio que venho esperar. Eu o esperava, mas não tão cedo. Ouvimos dizer que tinha ido para o Oriente há muito tempo, e mandamos mensageiros à sua procura. Não o encontraram?

— Não. Mas eu já estava a caminho.

Assentiu, como se eu tivesse confirmado os seus pensamentos. Fora muito chegado ao meu pai, Ambrósio, e não duvidava do poder que me guiava.

— Então sabia que o Rei está doente?

— Não, isto não. Só que os tempos estavam ruins e que eu devia voltar. Uther doente? Notícias graves! Qual é a doença?

— Uma ferida infeccionada. Sabia que ele próprio estava supervisionando a reconstrução das defesas da Praia Saxã e treinando lá as tropas? Bem, deram um alarme sobre navios subindo o Tâmis, à altura de Vagniacae, perto demais de Londres. Uma pequena escaramuça, nada sério, mas ele estava na frente, como sempre, levou um talho e a ferida não sarou. Isto já faz dois meses, e ainda sente dores e perde peso.

— Dois meses? O seu médico não está cuidando dele?

— Claro que sim. Gandar esteve com ele desde o começo. — E nada pôde fazer?

— Bem, — respondeu Lucan — segundo ele, o Rei está ficando bom, e nada há a temer. Assim também opinam os demais médicos consultados. Mas já os notei em conferências pelos cantos, e Gandar parece preocupado. — Deu-me um olhar de esguelha. — Há um certo mal-estar (pode chamar até de apreensão) atingindo a corte inteira, e vai ser difícil evitar que se espalhe. Não é preciso que lhe diga, não é uma boa hora para o país se perguntar se o seu chefe está em condições de liderá-lo. Os boatos já começaram. Você sabe que o Rei não pode ter dor de barriga sem que se fale em veneno; agora falam em encantamentos e feitiços. E com alguma razão. Às vezes, o Rei parece que caminha com fantasmas. Em boa hora você voltou. .

Já estávamos na estrada que sai do porto. Os cavalos estavam selados no cais, e uma escolta à espera; isto, mais pelo cerimonial que pela segurança; a estrada para Londres é movimentada e bem protegida. Ocorreu-me que, talvez, os homens armados que nos acompanhavam faziam-no, não pela minha segurança, mas para assegurar que eu fosse ter com o Rei.

Comentei a respeito com Lucan:

— Parece que o Rei quer ter certeza da minha presença. Teve um ar divertido, mas apenas disse, com a classe do cortesão:

— Talvez ele tivesse receio que você não quisesse atendê-lo. Um médico que não consegue curar um Rei perde bastante da sua, reputação.

— Perde às vezes a vida, você quer dizer. O pobre Gandar ainda vive?

— Até agora. — Fez uma pausa, depois comentou: — Não que eu seja bom juiz disso, mas acho que não é o corpo do Rei que necessita de cura, mas, sim, a sua mente.

— Então é da minha mágica que precisa. — Ele continuou calado. Acrescentei: — Ou do filho? Baixou as pálpebras.

— Também correm rumores a este respeito.

— Suponho que sim. — Minha voz era neutra como a dele. — Uma das novidades que ouvi nas minhas viagens foi que a Rainha estava grávida de povo. Creio que deve ter dado à luz há um mês, o que é a criança?

Foi um menino, natimorto. Dizem que foi isto que perturbou o Rei e arruinou o seu ferimento de novo. E agora há rumores de que o filho mais velho também está morto. Alguns dizem que morreu pequenino, que não há filho algum. — Fez uma pausa. Fitava as orelhas do cavalo, mas havia um leve tom de indagação na sua voz

— Não é verdade, Lucan — respondi. — Ele está vivo, um belo menino, crescendo depressa. Não tema, ele aparecerá quando for preciso.

— Ah! — Foi uma interjeição de alívio. — Então é verdade, ele está com você! Essas notícias, se não curarem o Rei, curarão ao menos o reino. Vai trazer o garoto para Londres agora?

— Primeiro preciso ver o Rei. Depois, quem sabe?

Um cortesão sabe quando se muda de assunto, por isso Lucan não fez mais perguntas, passando a falar de assuntos gerais. Contou-me em detalhes o que eu soubera pelas cartas de Ector; e este não exagerara a situação. Tomei cuidado para não perguntar demais sobre o possível perigo no norte, mas o próprio Lucan falou nele, na guarnição dos lugares estratégicos ao norte de Rheged, ao longo da I velha linha da Muralha de Adriano, e da contribuição de Lot para a defesa do nordeste.

— Ele está enfrentando dificuldades. Não porque os ataques tenham sido fortes (o lugar tem andado quieto, ultimamente), mas porque não têm sido. Os reis pequenos não confiam em Lot; dizem que é um homem duro e sovina com os espólios, e só cuida dos próprios interesses. Quando eles vêem que ainda não há lutas, nada para ganhar, desertam-no completamente e levam os homens de volta para arar os campos. — Emitiu um som de desprezo, o mais parecido com um bufo permissível para um cortesão. — Idiotas, não vêem que, quer gostem ou não do seu comandante, têm de lutar, ou não terão campos para arar, ou famílias para quem ará-los.

— Mas Lot tem grande interesse nas suas alianças, especialmente para o sul. Suponho que a aliança com Rheged está firme? Por que os seus aliados não confiam nele? Suspeitam que faz o pé-de-meia à sua custa? Ou, talvez, de algo pior?

— Não lhe posso responder. — Sua voz era inexpressiva.

— Não há outro a quem Uther possa nomear comandante no norte?

— Só se for ele mesmo. Não pode rebaixar Lot. Sua filha está comprometida com ele. Fiquei surpreso.

— Sua filha? Quer dizer que Lot aceitou Morgause, afinal.

— Não, Morgause não — respondeu Lucan. — Apesar da garota ser uma beleza, creio que o casamento não foi tentador o suficiente para Lot. Lot é ambicioso, não se contentaria com uma bastarda quando pode ter uma princesa legítima. Falo da filha da Rainha: Morgiana.

— Morgiana? Mas, ela mal tem cinco anos!

— Apesar disso, foi prometida e você sabe que isto vale entre os reis.

— Se sei! — disse secamente, e Lucan sabia no que eu estava pensando na minha própria mãe, que me tivera com Ambrósio, sem outro laço que não uma promessa feita em segredo; e no meu pai, a que fizera daquela promessa um laço tão válido quanto um juramento cerimonial.

Avistamos a Muralha de Londres e o tráfico do mercado matutino ficou mais denso à nossa volta. Lucan dera-me muito sobre o que pensar, e fiquei contente quando a escolta se acercou porque ele calou-se e deixou-me com os meus pensamentos.

Esperava encontrar Uther sob cuidados e tratando de alguns assuntos, mas ainda estava no quarto, e sozinho.

Enquanto era conduzido pelas antecâmaras até o seu quarto, notei nobres, oficiais e servos à espera, e nos aposentos cheios havia uma calma apreensiva, que falava por si mesma. Homens conferenciavam em grupos pequenos, em voz baixa e preocupada, os criados pareciam nervosos e inquietos, e nos corredores externos, onde mercadores e suplicantes esperavam, havia o desespero paciente de homens que já desesperaram.

As cabeças viravam à minha passagem, ouvi o sussurro que me precedia, e um bispo cristão, a despeito de si mesmo, exclamou em voz audível:

— Louvado seja Deus! Agora o feitiço vai acabar!

Um ou dois homens que eu conhecia aproximaram-se para me cumprimentar e fazer perguntas, mas eu sorri, abanei a cabeça e prossegui. E, como quando se trata de reis não se pode excluir maldade e assassinato, observei os rostos conhecidos. Algum desses senhores armados e cheios de jóias poderia não estar satisfeito com a minha volta; alguém que esperava a queda de Uther antes do seu filho estar crescido; alguém que fosse inimigo de Artur, e portanto, meu.

Alguns conhecia bem, mas os observava com atenção, ao dirigilhes um rápido cumprimento. Os chefes de Gales, Ynir de Guent, Mador e Gwilin, da minha região de Dified. Não Maelgon de Gwynned, mas um de seus filhos, Cunedda. Ao lado deles, com um punhado de conterrâneos, Brychan e Cynfelin de Dyfnaint, e Nentres de Garlot, a quem eu vira cavalgar ao lado de Uther, saindo de Tintagel. Depois, os homens do norte: Ban de Benoic, um homem

ande, bonito e moreno, parecendo, como Ambrósio e eu, descendente do espanhol Máximo. Ao lado de Ban estava o seu primo da Bretanha, de cujo nome não me recordava. Depois, Cadwy e Bors, dois pequenos reis de Rheged, vizinhos de Ector; e outro vizinho, Arrak, um dos numerosos filhos de Caw de Strathclyde. Estes eu observei com cuidado, relembrando o que sabia deles. Por enquanto, nada de importante, mas eu me lembraria, e estaria atento Rheged e Lot eu não vi; era de supor que os seus negócios no norte fossem mais relevantes que a própria saúde do Rei. Mas Urien cunhado de Lot, lá estava, um homem magro e ruivo, de olhos azuis e colorido vivo; e Tudwall de Dinpelydir, que o acompanhava; e o seu irmão de sangue, Aguisel, de cujas estranhas particularidades, levadas a efeito na sua fria fortaleza de Bremenium, eu já ouvira falar.

Havia outros que não conhecia, e olhei-os de relance ao passar. Mais tarde me informaria sobre eles, com Lucan ou Caio Valério, que estava perto da porta do Rei. Ao lado de Valério estava um jovem que julguei reconhecer; um rapaz de uns vinte anos, forte e queimado, com uma fisionomia levemente familiar. Não conseguia identificá-lo. Ele me fitava do seu lugar próximo à porta de Uther, mas não falou nem fez cumprimento algum. Perguntei baixinho a Lucan:

- O jovem próximo à porta, perto de Valério. Quem é?
- Cador de Cornwall.

Eu a reconhecia agora, a cara que vira pela última vez no átrio de Dimilioc, de guarda ao corpo de Gorlois. E com a mesma expressão; os gélidos olhos azuis, as sobrancelhas franzidas, a cara de guerreiro que se tornara com os anos mais parecida ainda com a do pai, e tão temível quanto a dele.

Talvez eu não precisasse procurar mais além. De todos os presentes, ele tinha mais razão para odiar-me. E estava aqui, embora Lucan me tivesse contado que comandava a Praia Irlandesa. Na ausência de Rheged e de Lot, suponho que fosse de todos ali o mais chegado a Uther, com exceção de mim mesmo.

Tinha de passar a um metro dele para poder entrar no quarto de Uther. Encarei-o deliberadamente, e ele também me encarou, mas não me saudou nem inclinou a cabeça. Os olhos azuis estavam frios e impassíveis. Bem,- pensei, cumprimentando Valério ao seu lado, veremos. Uther poderia dizer-me por que ele estava aqui. E o que ganharia o jovem Duque se o Rei não se refizesse da doença.

Lucan fora avisar ao Rei da minha chegada. Saiu do quarto e mandou-me entrar. Atrás dele vinha Gandar. Quis parar para falar com ele, mas abanou depressa a cabeça.

— Não. Ele quer que você entre imediatamente. Pela Serpente Merlin, que bom ver você! Tenha cuidado.. . Ele já está chamando. Falo com você depois?

— Claro. Ficarei agradecido.

Houve outro chamado imperativo vindo do quarto. Os olhos preocupados de Gandar encontraram brevemente os meus e ele afastou-se para deixar-me passar. O criado fechou a porta às minhas costas, deixando-me com o Rei.

5

Ele estava de pé, vestindo um quimono aberto na frente, sob o qual se via uma túnica presa por um cinto adornado com gemas, no qual estava enfiado um longo punhal. Sua espada, Falar, a espada real, estava pendurada sob o dragão dourado, na parede atrás da cama. Ainda era verão, mas, durante a noite, viera um ventinho frio do norte e eu fiquei contente em ver (suponho que o meu sangue se tornara mais ralo nas minhas viagens) um braseiro aceso na lareira vazia, com cadeiras ao redor.

Ele cruzou depressa o aposento para cumprimentar-me, e vi que mancava. Enquanto respondia ao cumprimento, observei o seu rosto para ver os sinais da doença e perturbação que, disseram-me, estariam ali. Estava mais magro, o rosto com novas rugas que o faziam parecer mais perto dos cinquenta do que dos quarenta que tinha na realidade. Sob os olhos, aquele repuxamento que indica dor contínua e insônia. Mas, apesar de mancar um pouco, movia-se com facilidade e com a energia inquieta de que me recordava. E a voz era a de sempre, forte, cheia de decisão arrogante.

— Aqui há vinho. Vamos servir-nos, quero falar com você a sós. Sente-se.

Obedeci, servindo o vinho e entregando-lhe uma taça. Ele pegou-a, mas largou-a sem beber, sentando-se à minha frente e fechando o quimono sobre as pernas com um gesto abrupto, quase zangado. Notei que não olhava para mim, mas para o braseiro, para o

chão, para a taça, para qualquer lugar, menos os meus olhos. Falou do mesmo modo abrupto, sem indagações corteses sobre a minha viagem.

— Já devem ter-lhe contado que estive doente.

— Contaram-me que ainda estava — respondi. — Folgo em vê-lo de pé e tão ativo. Lucan contou-me da escaramuça em Vagniacae; há dois meses que foi ferido?

— Sim. Não foi grande coisa, uma lança de raspão. Mas inflamou e levou muito tempo para sarar.

— Já está bom, agora?

— Já.

— Ainda sente dor?

— Não. — Quase cuspiu a palavra, sentando-se bem ereto na cadeira, mãos crispadas nos seus braços, e encarando-me, finalmente. Deu-me o olhar duro e azul de que me recordava, cheio de raiva e malquerença. Mas, agora, eu reconhecia que a sua atitude era a de um homem forçado, contra a sua vontade, a pedir ajuda a quem jurara jamais recorrer. Esperei.

— Como está o menino?

Se a pergunta surpreendeu-me, soube disfarçar. Embora tivesse dito a Hoel e Ector que o Rei só deveria saber do paradeiro do menino se o solicitasse, ainda assim achei prudente mandar notícias, de tempos em tempos (de tal forma que apenas o Rei as entendesse), da saúde e dos progressos do garoto. Desde a ida de Artur para Galava, as notícias iam para Hoel e, dele, para Uther; nada ia direto de Galava para o Rei. Hoel escrevera-me que, em todos estes anos, Uther nada perguntara diretamente sobre o filho. Portanto, deduzia-se que não sabia do seu paradeiro.

— O senhor deve ter recebido outro relatório além do último que eu vi. Ainda não chegou?

— Não. Eu mesmo escrevi a Hoel há um mês, perguntando pelo menino. Ele não respondeu.

— Talvez a sua resposta tenha ido para Tintagel ou para Winchester.

— Talvez. Ou, talvez, ele não esteja preparado para responder à minha pergunta.

Ergui as sobrancelhas.

— Por que não? É lógico que para o senhor não havia segredo. Ele alguma vez já recusou-se a responder às suas perguntas?

Respondeu friamente, tentando esconder que ficara desconcertado:

— Nunca fiz perguntas. Nunca houve necessidade.

Isto me contou algo mais do que já sabia. O Rei só precisou localizar Artur depois do último aborto da Rainha. Estava certo ao pensar que, se houvesse outros filhos, ele esqueceria o "bastardo na Bretanha. Também contou-me algo de que não gostei: se estava precisando de Artur agora, devia estar chamando-me para me avisar que a minha tutela estava acabada, quando na realidade ainda nem começara.

Procurando ganhar tempo, ignorei o que dissera.

— Então, pode ter certeza de que a resposta de Hoel está a caminho. De qualquer maneira, não tem importância, já que eu mesmo posso responder-lhe.

Sua fisionomia ainda estava impenetrável.

— Dizem-me que você esteve fora todos estes anos. Levou-o com você?

— Não. Achei melhor ficar afastado dele até chegar a hora de ser-lhe útil. Providenciei para que ficasse em segurança, e, depois que deixei a Bretanha, mantive contato. — Sorri levemente.

— Oh, nada que os seus espiões (ou de outro qualquer) pudessem ter visto... O senhor sabe que tenho os meus métodos. Não me arrisquei. Se não tem idéia do seu paradeiro, pode estar certo de que mais ninguém tem.

Vi pelo leve brilho dos seus olhos, antes que as pálpebras os escondessem, que tinha razão: mensagens e relatórios constantes dos meus movimentos lhe tinham sido entregues. Sempre que possível, mandava vigiar-me. Eu já o esperava. Reis vivem de informações. Os inimigos de Uther também devem ter-me vigiado, e talvez os informantes do Rei soubessem dizer quem eram. Quando lhe perguntei sobre isso, meneou a cabeça. Ficou calado durante algum tempo, imerso em seus pensamentos. Não olhara novamente para mim. Pegou a taça ao seu lado, mas não para beber. Ficou brincando com ela, virando-a e revirando-a.

— Ele deve estar com uns sete anos.

— Faz oito no Natal e está forte e desenvolvido para a idade. Não tema por ele, Uther.

— Não? — Outro rompante, mais de amargura que de raiva. Apesar da minha calma aparente, senti um momento de violenta apreensão; se, apesar das aparências, a doença do Rei fosse, na verdade, mortal, que chance teria o menino de dirigir o reino, agora, com a metade dos pequenos reis (vi de novo o rosto de Cador) visando

o seu pescoço? E como saberia eu, por entre a luz e a fumaça, o que realmente pressagiava o sorriso do deus?

— Acha que não? — falou de novo o Rei. Vi que seus dedos estavam brancos, apertando a taça, e perguntei-me por que a prata frágil não se quebrava. — Quando nos falamos pela última vez, Pedi-lhe algo que, não tenho dúvidas, foi realizado fielmente, Merlin- Creio que o que lhe pedi está quase chegando ao seu fim. Não, escute-me! — E eu nada falara, nem fizera menção. Ele falava como um homem acuado, que ataca antes de estar em perigo.

— Não preciso lembrar-lhe do que foi, nem perguntar se me obedeceu. Onde quer que esteja o menino, seja como for que o criaram, acredito que ignora o seu nascimento e a sua posição, mas que está apto a apresentar-se ante os homens como um príncipe e meu herdeiro.

O sangue escaldou-me as veias e ruborizou-me a pele.

— Está tentando dizer-me que acha que é chegada a hora? Esquecera de controlar a voz. A taça voltou com barulho à mesa. Os olhos azuis zangados voltaram a pousar em mim.

— Um rei não "tenta dizer" aos servos o que devem fazer, Merlin.

Baixei os olhos com esforço e devagar, deliberadamente, soltei a apreensão que me tolhia, como se faz com os maxilares de um cão de briga. Senti o seu olhar raivoso pousado em mim, e escutei a respiração que saía das narinas apertadas. Se Uther ficasse realmente zangado, levaria anos para eu retomar o meu lugar ao lado do menino. No silêncio que se seguiu, notei que mudava de posição na cadeira, como se estivesse desconfortável. Logo me senti capaz de erguer a vista e dizer:

— Então diga-me, Rei, se mandou chamar-me para falar sobre a sua saúde ou sobre o seu filho. Seja sobre o que for, ainda sou seu servo.

Fitou-me em rígido silêncio, depois desanuviou o rosto, e a boca tomou um ar de quase divertimento.

— Você é tudo, menos isto. Merlin. E tem razão; estou tentando dizer-lhe algo, referente tanto à minha saúde quanto ao meu filho. Pelo Escorpião, por que não encontro as palavras? Não o chamei para exigir meu filho, mas para dizer-lhe que, se o seu poder de curar falhar comigo, ele precisará ser Rei.

— O senhor acabou de dizer-me que está curado.

— Eu disse que a ferida está curada. A infecção se foi, e a dor, mas ficou uma doença que Gandar não consegue curar. Ele me disse que procurasse você.

Lembrei-me do que Lucan me contara sobre o Rei caminhar com fantasmas e pensei em algumas das coisas que vira em Pérgamo.

— Não me parece uma pessoa mortalmente doente, Uther.

Fala em doenças da mente?

Ele não respondeu, mas, quando falou, não parecia estar mudando de assunto.

— Desde que você se foi, tive mais dois filhos com a Rainha, sabia?

— Sabia da menina, Morgiana, mas só soube do natimorto hoje. Sinto muito.

— E esta sua famosa Visão não lhe disse que não haverá outros? — de repente jogou a taça com força em cima da mesa. Vi que a prata tinha ficado marcada com a pressão dos seus dedos, pôs-se de pé com a violência de uma lança arremessada. Percebi que o que eu tomara por energia era uma tensão perigosa e recolhida, nervos e músculos retesados. As maçãs do rosto estavam fundas como se algo o estivesse roendo por dentro. — Como se pode ser Rei se não se é homem? — Fez-me esta pergunta, depois caminhou até a janela, onde encostou a cabeça na pedra, e ficou olhando para a manhã.

Finalmente eu compreendia o que ele tentava dizer-me. Certa vez ele já me chamara, para, neste mesmo quarto, contar-me como estava sendo consumido por seu amor por Ygraine, mulher de Gorlois. Então, como agora, ele se ressentia de utilizar as minhas habilidades; então, como agora, demonstrara esta mesma força intensa e retesada, como a corda de um arco pronta a partir-se. E a causa fora a mesma. Certa vez, Ambrósio dissera-me:

— Se pensasse com o cérebro, e não com o corpo, às vezes seria melhor para ele.

Até o caso com Ygraine, os violentos desejos sexuais de Uther tinham servido aos seus fins, não apenas de prazer e relaxamento corporal, mas porque os soldados admiravam a sua pujança, da qual não se gabava, mas também não escondia. Para os seus homens era motivo de inveja, divertimento e admiração. E, para o próprio Uther, era mais que satisfação do corpo; era auto-afirmação, um orgulho que fazia parte da sua imagem de líder.

Não se moveu, nem falou. Perguntei:

— Se acha difícil falar comigo, prefere que conferencie com seus médicos primeiro?

— Eles não sabem. Apenas Gandar.

— Então com Gandar?

Mas, afinal, foi ele mesmo quem me contou, andando de um lado para o outro do quarto, mancando. Eu me erguera também e ele fez um gesto impaciente, então fiquei onde estava, longe dele, na minha cadeira perto do braseiro, sabendo que andava para e para lá para não ter de encarar-me enquanto explicava. Falou no ataque a Vagniacae e na tropa de defesa que comandara, e na escaramuça feroz sobre o cascalho. A lança o atingira na virilha, não um corte profundo, mas irregular, e a lâmina não estava limpa. Fizera um curativo e, como a ferida não o incomodava demais, não lhe dera importância; houvera novo alarme sobre um desembarque saxão em Medway, e ele para lá seguia imediatamente, sem descansar até que o perigo houvesse passado. Cavalgar não era muito confortável, nem muito doloroso, e só houve sinal de que a ferida estava inflamando quando era tarde demais. Finalmente, até Uther teve que admitir que já não agüentava montar a cavalo, e foi carregado em liteira até Londres. Gandar, que não estivera com as tropas, veio tratar dele, conseguindo que, aos poucos, a inflamação cedesse e as cicatrizes secassem. O Rei ainda mancava levemente, mas não sentia dor, e parecia a caminho de uma recuperação total. Durante todo esse tempo, a Rainha estivera em Tintagel, esperando a hora do parto, e tão logo ficou melhor, Uther partiu ao seu encontro. Aparentemente bem, seguiu para Winchester, onde parou com o seu grupo para uma conferência. Naquela noite, houve uma moça...

Uther interrompeu-se abruptamente, deu outra volta no quarto, parou à janela. Será que ele pensava que eu o imaginava fiel à Rainha? Isto nunca me ocorrera; onde Uther estava, sempre havia uma moça.

— E daí? — perguntei.

Afinal, surgiu a verdade. Houve a tal moça que Uther levou para a cama, como levava tantas outras para satisfazer o seu urgente desejo de momento. E achou-se impotente.

— É claro — eu ia começar a falar — que já acontecera antes, mesmo comigo. Acontece com todos nós, às vezes, mas esta não era para ser uma dessas vezes. Eu a desejava, ela era habilidosa, mas nada aconteceu, nada... Pensei que talvez estivesse cansado da viagem, do desconforto da sela (era apenas isto, desconforto), que precisasse descansar. Fiquei em Winchester, para descansar. Deitei-me de novo

com aquela garota, e com outras. Mas não houve jeito, com nenhuma delas. — Deixou a janela e voltou para onde eu estava. — E aí chegou o mensageiro de Tintagel para dizer que a Rainha dera à luz, prematuramente, um príncipe natimorto. — Olhava para mim, quase com ódio. — O bastardo que você guarda para mim. Sempre teve certeza, não é, que ele seria Rei depois de mim? Parece que estava certo, você e a sua maldita Visão. Agora, não terei mais filhos.

Ele não teria comiseração da minha parte. Falei, simplesmente:

— Gandar é tão hábil cirurgião quanto eu. Não tenha dúvida. Eu o examinarei, se quiser, mas gostaria de falar com Gandar primeiro.

— Ele não conhece as drogas como você. Não há homem vivo que entenda tanto de medicina. Quero que você me prepare um remédio que faça voltar à vida o meu membro. Você com certeza pode fazê-lo. Essas velhas que juram saber fazer poções de amor.

— O senhor já as experimentou?

— Como poderia fazê-lo sem que todos os homens do meu exército, e todas as mulheres de Londres, soubessem que o Rei está impotente? Pode imaginar as canções e histórias se soubessem disso?

— Você é um bom rei, Uther. Ninguém debocha disto. E os soldados não debocham dos homens que os conduzem à vitória.

— E por quanto tempo poderei fazê-lo, do jeito que estou? Eu não estou doente apenas no corpo... isto me consome. Não posso viver como meio homem. E quanto aos meus soldados. . . gostaria de usar um cavalo castrado numa batalha?

— Eles o seguiriam nem que o senhor fosse numa liteira, como uma mulher. Se estivesse no seu estado normal, saberia disto. Digame, a Rainha já sabe?

— Segui de Winchester para Tintagel. Pensei que com ela... mas...-

— Entendo. — Falei casualmente. O Rei tinha dito o bastante, e sofria. — Bem, se houver uma droga que o ajude, pode ter certeza de que eu a arranjarei. Aprendi mais dessas coisas no Oriente. Talvez seja apenas uma questão de tempo e de tratamento. Muitas vezes isto acontece sem que seja o fim. Ainda pode ter outro filho para suplantar o "bastardo" que eu guardo para si.

Falou bruscamente:

— Você não crê nisso.

— Não. Creio no que as estrelas me dizem, se as li corretamente. Mas pode confiar que farei o máximo para ajudá-lo; o que

acontecer, será a vontade dos deuses. Às vezes, os seus desígnios parecem cruéis; nós dois sabemos bem disso. Mas há outra coisa que vi nas estrelas, Uther; a sua sucessão não será agora. O senhor lutará e vencerá as suas batalhas ainda por alguns anos.

Pela sua expressão, vi que ele temia muito mais outras coisas que a própria impotência. O rosto iluminou-se, e talvez a cura do seu corpo e da sua mente já estivesse começando. Voltou à cadeira, sentou-se, tomou a taça, esvaziou-a, largou-a.

— Bem, — e sorriu pela primeira vez — agora serei o primeiro a acreditar nos que dizem que o profeta do Rei nunca mente. Acredito com prazer na sua palavra. . . Encha as taças novamente, Merlin, e vamos conversar. Você tem muito que me contar, e eu agora posso escutar.

Conversamos durante algum tempo ainda. Quando comecei a falar-lhe de Artur, escutou calmamente e com muita atenção; percebi, pelo modo como falava, que devia estar depositando as suas esperanças no primogênito há algum tempo, embora inconscientemente, talvez. Conte-lhe onde o menino estava, e, para o meu alívio, e não fez objeções; ao contrário, após algumas perguntas e tempo Para pensar, concordou.

— Ector é um bom homem. Eu mesmo poderia ter pensado nele, mas, como sabe, pretendia uma corte real e não uma como a dele. É, servirá bem. . . Galava é um bom lugar, e seguro... E, pela Luz, vou conservar os tratados que fiz lá pelo norte. O que me diz da posição do menino lá, do seu treinamento.. . também está bom. Se o sangue e o treinamento servirem para alguma coisa, ele será um bom guerreiro e um homem em quem os outros possam confiar e a quem possam seguir. Precisamos providenciar para que Ector tenha o melhor mestre-de-armas do país.

Devo ter feito um pequeno gesto de protesto porque ele sorriu de novo.

— Ora, não tema, eu também sei fazer segredo. Afinal, se ele vai ter o mais ilustre mestre do país, o Rei precisa tentar igualá-lo. Como você pretende ir para Galava, Merlin, sem que meia Inglaterra vá atrás em busca de mágica e remédios?

Dei uma resposta vaga. Minha vinda pública a Londres já tinha servido o seu propósito; já estariam comentado que o Príncipe Artur estava vivo e bem. Não sabia ainda como ou quando eu desapareceria de novo; só conseguia pensar no fato de o Rei ter aceitado todos os meus planos e de permitir que Artur continuasse sob os meus cui-

dados. Suspeitava que, como da outra vez, era uma decisão que ele tomava com alívio; uma vez que fosse para o meu lugar secreto em Galava, o Rei me esqueceria depressa, como talvez não o fizesse a boa gente de Maridunum.

Ele falava. A não ser que houvesse necessidade antes disso, dizia, só mandaria buscar o garoto quando já estivesse crescido, com uns quatorze anos, pronto para dirigir uma tropa, e então o apresentaria em público, confirmando o jovem príncipe como seu herdeiro.

— Contanto que ainda não tenha outro — acrescentou, com um lampejo do velho olhar duro, permitindo que eu me fosse para falar com Gandar.

5

Gandar estava à minha espera no quarto que me fora designado. Enquanto conversara com o Rei, minhas malas tinham sido trazidas do navio e desfeitas por meu servo Stilicho. Mostrei a Gandar as drogas que trouxera comigo, e, depois de discutirmos o caso do Rei, sugeri que ele mandasse um assistente estudar comigo o seu uso e reparo, nos próximos dias, antes que eu deixasse Londres. Se não tivesse ninguém em quem pudesse confiar para tratar do Rei com discrição, eu lhe emprestaria Stilicho.

Ante a sua surpresa, expliquei que Stilicho tinha talento para preparar as plantas secas e raízes que eu trouxera de Pérgamo. Não sabia ler, é claro, mas eu marcava os vidros e as caixas, e deixava que lidasse apenas com as inofensivas. Mas ele se mostrou digno de confiança e caprichoso. Depois, eu soube que os homens da sua raça têm esta facilidade com plantas e drogas, e que os pequenos reis da sua terra não ousam comer nem uma maçã fresca sem um provador. Fiquei feliz em arranjar um criado que me pudesse ser útil desta maneira, e ensinei-lhe muita coisa. Não gostaria de ter que deixá-lo em Londres, por isso fiquei aliviado quando Gandar replicou que tinha um assistente de toda a confiança, que me mandaria tão logo eu estivesse pronto.

Comecei a trabalhar imediatamente. Pedi um quartinho para Stilicho, com um fogareiro, uma mesa, e as várias tigelas e utensílios de que precisava. O quarto era ao lado do meu, sem porta de comunicação, mas eu coloquei cortinas duplas como separação. Stilicho

não se acostumara com o verão britânico e conservava o seu quarto muito quente.

Depois de três dias, achei uma fórmula que talvez ajudasse ao Rei, e mandei chamar Gandar. Ele veio, ofegante, trazendo consigo, não o assistente que eu esperava, mas uma mocinha, que, depois de um momento, reconheci como sendo Morgause, a filha bastarda do Rei. Ela devia ter uns treze ou quatorze anos, era alta para a idade e realmente bonita. A maioria das mocinhas dessa idade promete ter beleza; Morgause já a tinha, e até eu, que não entendo de mulheres, percebi que esta era do tipo de enlouquecer os homens. Tinha o corpo esguio como o de uma criança, mas os seios eram cheios e pontudos, e o pescoço parecia uma haste de lírio. Os olhos grandes de que eu me recordava eram verde-dourados, líquidos e claros como um regato correndo sobre o musgo, e a boquinha, com seus dentes de gatinha, curvou-se num sorriso quando me cumprimentou com profunda reverência.

— Príncipe Merlin. — Era a voz tímida de uma criança, quase um sussurro. Vi que Stilicho largou o seu trabalho para ficar fitando-a. Estendi-lhe a mão.

— Já me tinham dito que você era uma beleza, Morgause. Fará um homem muito afortunado. Ainda não está comprometida? Os homens de Londres são muito vagarosos

O sorriso aumentou, formando covinhas nos cantos da boca. Nada disse. Ao meu olhar, Stilicho voltou ao trabalho, mas sem a concentração devida.

— Puxa! — exclamou Gandar, abanando-se. O suor já porejava no seu rosto largo. — Você precisa trabalhar numa estufa?

— O meu servo é natural de um lugar mais abençoado do que este. Criam salamandras na Sicília.

— Abençoado? Eu estaria morto em uma hora!

— Vou mandar que traga as coisas para o meu quarto — ofereci.

— Não se incomode por minha causa. Não vou ficar. Vim apenas apresentá-lo à minha assistente, que vai cuidar do Rei. Pode não acreditar, mas esta menina é muito habilidosa com drogas. Ela teve uma ama na Bretanha, uma sábia mulher com quem aprendeu a colher, a secar e a preparar, e, desde que aqui chegou, sempre quis aprender mais. Mas uma unidade médica do exército não me pareceu o lugar adequado para ela.

— Você me surpreende — comentei secamente. Morgause acercara-se da mesa onde Stilicho trabalhava e inclinou a cabeça graciosa para ele. Uma madeixa de cabelo dourado roçou-lhe a mão. Ele marcou dois vidros ao acaso, ambos errados, antes de controlar-se e pegar uma faca para fazer a correção.

— Portanto, — continuou Gandar — quando ela ouviu dizer que o Rei precisava de remédios, pediu para ficar encarregada. Tem bastante prática, e o Rei consentiu. É moça, mas sabe ser discreta, e quem melhor que a própria filha para cuidar dele e guardar seus segredos?

Era uma boa idéia, e eu assenti. Gandar, embora fosse oficialmente o médico pessoal do Rei, era o chefe das equipes médicas do exército. Até este último ferimento, o Rei pouco precisara de cuidados especiais, e o lugar de Gandar, havendo lutas ou apenas ameaça delas, era com o exército. Na situação atual de Uther, sua filha, felizmente tão eficiente, substituiria bem a Gandar.

— Ela é bem-vinda para aprender aqui o que puder. — Virei-me para a menina. — Morgause, tenho uma droga que acho que vai ajudar o Rei. Copiei a fórmula para você... dá para entender? Ótimo. Stilicho tem os ingredientes, se acertar marcá-los corretamente... Ele vai mostrar a você como misturar o remédio. Dê-lhe meia hora para tirar o seu instrumental deste banho a vapor...

— Não se incomode por minha causa — disse ela, num eco tímido de Gandar. — Gosto do calor.

— Então, vou deixá-la — falou Gandar, aliviado. — Merlin, quer vir jantar comigo à noite, ou está com o Rei?

Segui-o para o meu quarto arejado e fresco. De trás da cortina vinham o murmúrio tímido e hesitante da voz de criado e as perguntas ocasionais da mocinha.

— Vai dar tudo certo, você vai ver — comentou Gandar. —

Não faça essa cara de dúvida.

— Garanto-lhe que não é por causa do remédio, e quanto à capacidade da mocinha, aceito a sua palavra.

— Apesar disso, será que ficaria aqui por mais alguns dias, para ver como ela está-se saindo?

— É claro. Não quero demorar-me muito em Londres, mas posso ficar mais alguns dias. Você vai estar por aqui?

— Vou. Mas ele melhorou tanto desde a sua chegada, há três dias, que acho que breve não precisará mais da minha assistência.

— Tomara que continue assim — repliquei. — Para falar a verdade, não estou muito preocupado... Não com a sua saúde em geral. E quanto à impotência, se descansar e dormir, sua mente pode parar de atormentar o corpo, e a situação melhorar. Parece até que já está acontecendo. Sabe como são essas coisas.

— É, ele vai melhorar... — deu uma olhada na direção das cortinas, e baixou a voz. — O que for preciso — acrescentou francamente. — Se o garanhão vai ou não voltar a funcionar, já não importa, pois temos um príncipe a salvo, crescendo, em condições de receber a coroa. Vamos arrancá-lo dessa depressão, e, com a graça de Deus e das drogas que você trouxe, ele voltará a lutar... e continuará o rei da matilha...

— Fará isso...

— Bom... — e nada mais disse. Na realidade, o Rei sarou rapidamente. Parou de mancar, dormia bem e engordou, e um dos seus camareiros me contou algum tempo depois que, embora não tivesse voltado a ser o Touro de Mítras que causava admiração aos seus soldados e não tivesse tido mais filhos, obtinha satisfação na cama, e a violência imprevisível do seu gênio declinou. Como soldado, logo voltou a ser o guerreiro dedicado que inspirava as suas tropas e as conduzia à vitória.

Quando Gandar saiu, retornei ao quarto do rapaz para encontrar Morgause lendo o papel que eu lhe dera, enquanto Stilicho mostrava-lhe as amostras para a destilação, os pós para dormir, os óleos para massagear os músculos distendidos. Nenhum dos dois viu-me entrar, e pude observá-los em silêncio por alguns minutos. Vi que Morgause não deixava escapar nada e que, embora o rapaz a olhasse de esguelha e fugisse da sua beleza como um potro do fogo, estava indiferente a ele, como deve ficar uma princesa em relação a um escravo.

O calor do quarto estava dando-me dor de cabeça. Fui depressa até a mesa. Stilicho interrompeu o seu monólogo e a mocinha ergueu os olhos e sorriu.

Perguntei:

— Compreendeu tudo? Ótimo. Vou deixá-la agora com Stilicho. Se houver algo que queira saber que ele não possa explicar mande chamar-me.

Virei-me para o rapaz, para dar instruções, mas, para minha surpresa, Morgause tocou-me a manga. — Príncipe...

— Morgause?

— O senhor precisa mesmo ir? Eu... eu pensei que fosse ensinar-me. Queria tanto aprender com o senhor.

— Stilicho pode ensinar-lhe tudo que precisa saber sobre as drogas que o Rei vai usar. Se quiser, posso ensiná-la a minorar as dores musculares, mas acho que os saís de banho bastarão.

— Ah, eu sei. Não era nisto que eu estava pensando; é fácil aprender tudo sobre o que o Rei precisa. É que... eu esperava mais. Quando pedi a Gandar que me trouxesse, pensei que... esperava. . .

Interrompeu a frase e baixou a cabeça. A cabeleira dourada caiu como uma cortina sobre o seu rosto. Através dela, como através de chuva, vi os seus olhos observando-me, pensativos, mansos, infantis.

— Você esperava. . . ?

Acho que nem Stilicho, a quatro passos, ouviu a resposta sussurrada:

— ... que pudesse ensinar-me um pouco da sua arte, senhor meu Príncipe. — Encarava-me com olhos súplices, meio esperançosos, meio temerosos, como uma cadelinha que estivesse esperando ser espancada.

Sorri para ela, mas senti que estava muito formal. Prefiro mais um inimigo armado que uma mocinha suplicante, com a mão no meu braço, perfumando o ar com o seu cheiro, como frutas num pomar ensolarado. Morangos, talvez abricós...? Falei rapidamente:

— Morgause, você pode aprender as artes nos livros, facilmente. Não sabe ler? Claro que sabe, pois acabou de ler a fórmula. Então aprenda com Hipócrates e Galeno. Deixe que eles sejam o» seus mestres; foram os meus.

— Príncipe Merlin, o senhor não tem mestre nas artes a que me refiro.

O calor do quarto era excessivo. Minha cabeça doía. Devia estar de testa franzida, porque ela acercou-se com um movimento suave, como uma ave aninhando-se, e disse depressa, súplice:

— Não fique zangado comigo. Esperei tanto, e estava certa de que a chance era esta. A minha vida inteira ouvi falarem do senhor. Minha ama na Bretanha contava-me como costumava vê-lo andando pelos bosques e à beira-mar, colhendo as raízes e os agriões e as amorinhas brancas, e como o senhor não fazia ruído algum, como um fantasma, e que não tinha sombra nem num dia de sol.

— Ela contava tais histórias para causar-lhe medo. Sou um homem como os outros.

— Os outros homens também conversam com as estrelas como se fossem amigos numa sala? Ou removem as pedras? Ou seguem os druidas para o Nemet sem serem assassinados?

— Não fui assassinado pelos druidas porque o arquidruída temia o meu pai — respondi bruscamente. — E, quando estive na Bretanha, ainda não era homem e muito menos mágico. Era apenas um garoto, aprendendo, como você agora. Só tinha dezessete anos quando saí de lá.

Ela parecia mal ter escutado. Estava quieta, os olhos escondidos pelo cabelo caído, as mãos brancas e esguias dobradas sob o busto, de encontro ao vestido verde.

— Mas, agora, é um homem, meu senhor, e não pode negar que fez mágicas aqui na Inglaterra. Desde que estou aqui com meu pai, o Rei, tenho ouvido falarem do senhor como o maior feiticeiro do mundo. Vi as Pedras Suspensas, que o senhor ergueu e colocou no lugar, ouvi dizer que previu as vitórias de Pendragon e que trouxe a estrela para Tintagel, que fez o filho do Rei sumir para a ilha de Hy-Brasil. . .

— Escutou tudo isso? — Tentei usar um tom de despreocupado. — É melhor parar, Morgause, está amedrontando o meu criado e ele é útil demais para que eu queira que fuja.

— Não ria de mim, meu senhor. Nega que possui estas artes?

— Não, não nego. Mas não posso ensinar-lhe as coisas que quer saber. Alguns tipos de mágica podem aprender-se com qualquer adepto, mas as artes que possuo não posso passar adiante. Não poderia ensiná-las, nem que já tivesse idade para entendê-las.

— Eu já posso entendê-las. Já tenho mágica. . . a mágica que as mocinhas podem aprender, nada mais. Quero segui-lo e aprender. Meu senhor Merlin, ensine-me a obter poder como o seu.

— Já lhe disse que é impossível. Aceite a minha palavra. Você muito jovem. Sinto muito, menina. Acho que será sempre jovem de mais para um poder como o meu. Duvido que qualquer mulher possa ir onde vou e ver o que vejo. Não é uma arte fácil. O deus a quem sirvo é um patrão exigente.

— Que deus? Eu só conheço homens.

— Então, aprenda com os homens. O meu poder, não posso ensinar-lhe. O dom não me pertence.

Ela olhou-me sem compreender. Era jovem demais para compreender. A luz do fogareiro iluminava o lindo cabelo, a testa larga e inteligente, os seios fartos, as mãos pequenas e infantis.

Lembrei-me que Uther a oferecera a Lot, que a rejeitara em favor da meia irmã mais moça. Imaginei se Morgause saberia disso; o que seria dela, pensei com compaixão. Continuei, suavemente:

— É verdade, Morgause. Ele empresta o seu poder para atingir os seus próprios fins. Quando o consegue, quem sabe? Se a quiser, ele a tomará, mas não entre no fogo, menina. Contenta-se com a mágica que as mocinhas podem usar.

Ela começou a falar, mas fomos interrompidos. Stilicho estivera esquentando qualquer coisa numa tigela, e, decerto, estava tão atento ao que falávamos, que deixou a tigela virar, derramando um pouco do líquido nas chamas do fogareiro. Houve um chiado, e uma nuvem de fumaça com cheiro de erva ergueu-se entre mim e a garota, obscurecendo-a. Através da fumaça vi as suas mãos, as suas mãos tranqüilas, movendo-se rapidamente para afastar o fumo pungente dos olhos. Os meus próprios estavam ardendo. A vista nublou-se, e havia um brilho... A dor na minha cabeça cegava-me. O movimento das mãozinhas brancas por entre o vapor parecia tecer um encantamento. Uma nuvem de morcegos passou por mim. Em algum canto as cordas da minha harpa gemeram. O quarto encolheu ao meu redor, transformou-se num frio globo de cristal, num túmulo...

— Perdoe, senhor. Está doente?

Sacudi-me. Minha vista clareou. O vapor se desfizera, e o restinho dele ia saindo pela janela. As mãos da mocinha estavam tranqüilamente dobradas, como antes; ela tinha afastado o cabelo do rosto e olhava-me com curiosidade. Stilicho tirara a tigela do fogo e olhava para mim por sobre ela, ansioso e amedrontado.

— Senhor, é uma das suas misturas. O senhor disse que não fazia mal...

— E não faz. Mas, preste atenção no que está fazendo, da próxima vez. — Olhei para a garota. — Desculpe, ficou com Não é nada, só uma dor de cabeça que às vezes eu tenho. Vem, e logo vai. Agora, preciso ir. Parto de Londres no fim da semana. Se precisar de mim até lá, atenderei com prazer. — Sorri e estendi a mão para tocá-la o cabelo. — Ora, não fique tão desapontada, menina. É um dom difícil para quem o possui, não serve para mocinhas...

Ela fez uma reverência a minha saída, com o belo rostinho oculto de novo pela cortina de cabelo.

Acho que foi a primeira vez na minha vida que vi Bryn Myrddin não como o lar à espera, mas como uma simples parada numa viagem. E, tão logo cheguei a Maridunum, ao invés de aproveitar a calma do vale, a companhia dos meus livros, o tempo livre para pensar e dedicar-me à minha música e aos meus remédios, fiquei impaciente para partir, todo o meu ser impelindo-se para o norte, para onde vivia o menino que seria toda a minha vida daí por diante.

Tudo que sabia dele, além dos comentários cifrados que recebera de Hoel e Ector, era que era saudável e forte, mas não tão grande para a idade quanto tinha sido Cei, o filho de Ector. Cei estava agora com onze anos e eu o vira nas minhas visões com tanta frequência quanto Artur, agora com oito anos. Vira Artur lutando corpo a corpo com o menino mais velho, andando a cavalo (num animal que, aos meus olhos de covarde, parecia grande demais para ele), aprendendo esgrima, primeiro com bastões, depois com espadas; creio que não eram afiadas, mas eu temia assim mesmo, e observava que, embora Cei tivesse a força e o maior alcance, Artur era ligeiro como a própria espada. Vi os dois pescando, escalando, correndo por perto da Floresta Agreste na tentativa vã de escapar a Ralf que (juntamente com os dois homens de maior confiança e Ector) vigiava Artur dia e noite. Tudo isto eu vi no fogo, na fumaça ou nas estrelas, e certa vez, quando nada disso havia à mão e a mensagem quis manifestar-se, numa preciosa taça de cristal que Ahdjan estava mostrando-me no seu palácio da Cornucópia de Ouro. Ele deve ter reparado na minha súbita falta de atenção, mas deve tê-la atribuído à indigestão, decorrente da lauta refeição que me servira. Isto, para um anfitrião oriental, é um grande elogio. Não tinha certeza se iria reconhecer Artur quando o visse, nem a idéia do tipo de menino que ele era. Audaz, alegre, forte... isto tinha visto, mas da sua verdadeira natureza nada sabia. As visões podem aparecer aos olhos da mente, mas é preciso sangue para prender o coração. Eu ainda nem o ouvira falar. Nem sabia como entrar na sua vida, quando chegasse às terras do norte, mas todas as noites da minha viagem de Londres a Bryn Myrddin, eu caminhava sob as estrelas, procurando respostas, e lá estava o Urso sempre à minha frente, brilhando, lembrando o norte escuro, céus tranquilos, cheiro de pinheiros e água das montanhas.

Stilicho não teve a reação que eu esperava à vista da gruta onde morava. Quando parti para as minhas viagens, como esperava demorar-me, arranjei quem limpasse o lugar para mim. Deixei dinheiro com o moleiro do Tywy, pedindo-lhe que mandasse um criado, de vez em quando; era aparente que isto fora feito, pois o local estava limpo, seco e bem provido. Havia até forragem fresca para os cavalos, e, mal desmontáramos, a garota do moinho veio ofegante pelo atalho, trazendo leite de cabra, pão fresco e cinco ou seis trutas recém-pescadas. Agradei, e para que Stilicho não limpasse os peixes no poço sagrado, pedi a ela que lhe mostrasse o regato abaixo do penhasco. Enquanto vistoriava minhas garrafas e meus vidros lacrados, a fechadura da minha arca e os livros e instrumentos lá dentro, podia ouvir as duas vozes jovens tagarelando, e as risadas ao tentarem fazer-se entender em duas línguas diferentes.

Afinal, a moça foi-se embora e o rapaz trouxe o peixe já limpo e cortado, pronto para assar; ele estava feliz, achando o lugar conveniente e confortável, como se fosse uma das casas em que ficamos nas nossas viagens. A princípio, achei que fosse por causa da compensação que acabara de encontrar, mas, mais tarde, soube que ele nascera e se criara numa gruta, na sua terra, onde a camada mais baixa da população é tão pobre, que os donos de uma caverna seca e bem situada são tão afortunados que têm de lutar como raposas para conservá-la. O pai de Stilicho, que o vendera como a um cachorrinho indesejado, não sentia falta dele numa família de treze pessoas; o lugar que ocupava na caverna era mais valioso que a sua presença. Como escravo, dormia nos estábulos, ou no quintal, e desde que entrara a meu serviço, estivéramos em lugares onde, reconheço, os cavalos ficavam mais bem alojados que os servos. O quarto que ocupara em Londres fora o primeiro que já tivera só para si. Para ele, minha gruta em Bryn Myrddin era espaçosa e até luxuosa, e agora parecia prometer mais prazeres que os que encontra um jovem escravo na competição acirrada dos alojamentos dos servos.

Acomodou-se muito feliz, e logo espalhou-se a notícia de que o feiticeiro estava de volta à sua colina, e o povo veio buscar remédios, pagando, como sempre, com comida e gentilezas. A moça do moinho, que se chamava Mai, aproveitava todas as oportunidades para trazer comida e até as oferendas das pessoas, que ela se prontificava a entregar. Stilicho, por sua vez, visitava o moinho todas as vezes que tinha que ir à cidade para mim. E não passou muito tempo até que Mai demonstrasse, de todas as maneiras que sabia, o quanto Stilicho era

bem-vindo. Certa noite, como não conseguisse dormir, fui para o gramado ao lado do poço sagrado para olhar as estrelas e a lua e escutei, na quietude da noite, os cavalos movendo-se irrequietos seu abrigo sob o penhasco. A noite estava clara com as estrelas e a lua, por isso não precisei de tocha; chamei baixinho Stilicho, para que me seguisse, e desci depressa para o bosque de espinhos para ver o que estava perturbando os animais. Só quando vi, pela porta entreaberta, os dois corpos jovens copulando na palha, é que percebi que Stilicho já estava lá antes de mim. Retirei-me sem ser visto, e voltei à minha cama para pensar.

Alguns dias depois, quando contei ao rapaz que iria para o norte, mas que não queria que se soubesse disto e que o deixaria ali para cobrir a minha retirada, ele ficou entusiasmado, e reiterou com fervor os seus protestos de fidelidade e segredo. Tinha certeza de que podia confiar nele; além da sua habilidade com as drogas, tinha outro dom: era um excelente mentiroso. Parece que este é outro dos dons do seu povo. Meu único medo era que mentisse bem demais, como seu pai mercador de cavalos, e nos pusesse em dificuldades. Mas era um risco que tinha de correr, e eu achava que ele era leal a mim e feliz com a sua vida em Bryn Myrddin, e que não iria botar isto a perder. Quando perguntou (procurando não parecer ansioso demais) quando eu partiria, respondi que estava esperando a hora, e um sinal. Como sempre, aceitou o que eu disse, sem duvidar. Como não duvidaria de uma sacerdotisa falando no seu santuário (seguem a Velha Religião na Sicília) ou de Hephaistos respirando fogo nas montanhas. Descobri que acreditava em tudo que contavam a meu respeito, e não ficaria surpreso se eu desaparecesse na fumaça ou tirasse ouro do ar. Suspeito de que, como Gaio, tirasse o maior proveito da sua posição como meu criado; Mai tinha pavor de mim, e não botava o pé para além do bosque de espinhos, o que condizia bem com os meus planos.

Não estava à espera de nenhum sinal mágico. Se tivesse certeza de que era seguro, teria partido para o norte logo depois que cheguei de Londres. Mas sabia que estava sendo vigiado. Uther continuaria a mandar espionar-me. Nisso não havia perigo... quer dizer, não por parte do Rei; mas, se a lealdade de um espião pode comprada por um homem, também o pode ser por outro, e havia muitos outros que, nem que fosse por curiosidade, estariam vigiando-me. Refreei a minha impaciência, fiquei onde estava e continuei a cuidar da minha vida, esperando que os espões se denunciassem.

Certo dia, mandei Stilicho à ferraria no limiar da cidade. Os dois cavalos tinham sido ferrados para a viagem a Londres, e, embora normalmente as ferraduras fossem removidas antes do inverno queria que a minha égua continuasse ferrada para a minha próxima jornada. As fivelas da sua cilha também estavam precisando de conserto, por isso Stilicho levava os animais e ficaria na cidade tratando de algumas incumbências enquanto o ferreiro cuidasse deles.

Era um dia de geada, seco e quieto, mas com o tipo de céu que parece cortar os raios do sol e deixá-los pendurados, vermelhos, frios e baixos. Eu cruzara a colina até a cabana do pastor Abba. Seu filho retardado, Ban, cortara a mão, há dias, e a ferida tinha inflamado. Eu limpava o ferimento e colocava uma atadura com pomada, mas sabia que Ban era como um cãozinho, que arrancaria as ataduras se o incomodassem.

Não foi o caso; a atadura ainda estava no lugar, e a ferida sarava rapidamente. Ban, como a maioria dos débeis mentais, sarava como uma criança ou como um animal selvagem. Felizmente, porque ele era uma dessas criaturas que não podem passar uma semana sem ferir-se de alguma maneira. Depois de cuidar da mão, ainda fiquei por lá. A cabana ficava num canto abrigado do vale, e os carneiros de Abba estavam no redil. Embora estivéssemos em dezembro, já havia algumas crias para nascer. Ajudei Abba num nascimento difícil, para o qual o débil mental não seria de grande ajuda. O curto dia de inverno já estava findando quando deixei os carneirinhos gêmeos, limpos e adormecidos, nos joelhos de Ban, próximo ao fogo, com a ovelha-mãe de guarda nas proximidades. Despedi-me e cruzei a colina para casa. Fui pelo caminho que subia pelo meu vale, e já estava escuro quando alcancei o bosque de pinheiros acima da gruta. O céu estava limpo, a noite calma e estrelada, e a lua lançava sombras azuis na geada. E vi outras sombras, que se moviam. Fiquei imóvel e pus-me a observar.

Quatro homens, no gramado em frente à minha caverna. Do espinheiro sob o penhasco chegavam os ruídos dos seus cavalos amarrados. Escutava o murmúrio de suas vozes enquanto conferenciavam, bem juntos uns dos outros. Dois deles tinham espadas nas mãos. O luar ficava cada vez mais forte, e novas estrelas surgiam no céu gelado. Lá longe, no sopé do vale, um cachorro latiu. Bem suave, ouvia-se o som de cascos de cavalo, chegando devagar. Os intrusos lá embaixo também escutaram. Um deles deu uma ordem em voz baixa, e o grupo virou-se e correu para o atalho que os levaria até o arvoredo.

Ainda não tinham alcançado o começo do atalho quando falei, bem acima de suas cabeças:

— Cavalheiros.

Era como se eu tivesse caído do céu numa biga de fogo. Suponho que dava para alarmar, serem interpelados no escuro por um homem que julgavam cavalgando vale acima a meia milha de distância. Além disso, qualquer homem que vai espionar um mágico já vai meio apavorado, e pronto para acreditar em qualquer fantasia. Um deles gritou de medo, o chefe abafou uma praga. Seus rostos erguidos, à luz das estrelas, estavam cinzentos como a geada.

Falei:

— Eu sou Merlin. Que querem comigo?

Fez-se o silêncio, quebrado pelo ruído dos cavalos que se aproximavam, já mais velozmente, atraídos pelo cheiro de casa e comida. Lá embaixo, fizeram um movimento, como que para dar meia volta e correr. Mas, afinal, o chefe manifestou-se:

— Viemos da parte do Rei.

— Então deixem de lado essas espadas bobas. Vou descer. Quando cheguei até eles, vi que tinham obedecido, mas que permaneciam todos juntos, e com as mãos próximas às armas.

— Qual de vocês é o chefe?

O maior deu um passo à frente. Era educado, mas com certa truculência. Não gostara de ter demonstrado medo.

— Estávamos à sua espera, príncipe. Trazemos mensagens do Rei.

— Com espadas desembainhadas? Bem, afinal são só quatro contra um.

— Contra feitiços — respondeu o homem, abespinhado.

Sorri.

— Devia saber que eu nunca faria nada contra homens do Rei. Devia ter certeza de que seria bem recebido. — Fiz uma pausa. Eles mexiam os pés, inquietos, na geada. Um deles murmurou algo, meio praga, meio prece, no seu dialeto. Continuei: — Este não é o lugar apropriado para conversarmos. Minha casa está aberta aos visitantes, como vêem. Por que não acenderam o fogo e os lampiões e esperaram por mim com conforto?

Continuaram inquietos. Trocaram olhares. Ninguém respondeu. Havia rastros na geada até a entrada da caverna. Portanto, tinham estado lá dentro.

— Bem, — disse eu — sejam bem-vindos.

Caminhei até o poço sagrado onde estava a imagem de madeira do deus, pouco visível no seu nicho escuro. Peguei no copo, derramei um pouco para ele, e bebi. Fiz um gesto para o líder. Ele hesitou, depois meneou a cabeça.

— Sou cristão. Que Deus é este?

Myrddin — respondi — o deus dos lugares altos. Esta colina era dele, antes de ser minha. Ele me emprestou, mas ainda a vigia.

Vi o movimento pelo qual estava esperando. Com as mãos às costas, os homens faziam o gesto contra o feitiço. Primeiro um depois outro, tomaram o copo, beberam e derramaram um pouco para o deus. Balancei a cabeça, assentindo.

— É bom não esquecer que os deuses antigos ainda vigiam do ar e esperam nas colinas ocas. De que outra maneira eu saberia que vocês estavam aqui?

— O senhor sabia?

— Como não? Entrem. — Dirigi-me à entrada da caverna, afastando os ramos que a cobriam. Ninguém se mexeu, salvo o chefe, que deu apenas um passo, depois hesitou. — O que há? —, perguntei. — A caverna está vazia, não está? Ou não? Quando entraram, encontraram algo errado e estão com medo de dizer-me?

— Nada estava errado — replicou o chefe. — Nós não entramos... quer dizer... — pigarreou, depois continuou. — Só demos um passo para além da soleira, mas... — Parou. Houve mais murmúrios e troca de olhares, e alguém disse:

— Ande, Crinas, conte-lhe. Crinas recomeçou:

— Na verdade, senhor...

Demorou muito a contar a sua história, mas, afinal, depois de muitas hesitações e incentivos, terminou-a. Ainda estávamos à boca da caverna, os soldados à minha volta, como gado desconfiado.

Tinham chegado a Maridunum há uns dois dias, e ficaram à espera de uma chance de subir à caverna sem serem observados. Receberam ordens de não me abordar às claras, para evitar que outros espiões (de cuja presença o Rei suspeitava) pudessem interpretar as mensagens que eu porventura enviasse.

— E daí?

O homem limpou a garganta. Pela manhã, continuou, tinham visto a minha égua do lado de fora da ferraria, ferrada e selada. Quando perguntaram ao ferreiro onde eu estava, ele nada respondeu; então, presumiram que eu estava na cidade, tratando de negócios que me manteriam ocupado até a égua ficar pronta. Imaginaram que, se

alguém estivesse me seguindo, ficaria também na cidade, por isso aproveitaram a chance e vieram para a gruta.

Nova pausa. Eles nada viam na escuridão, mas tentavam perceber a minha reação. Eu nada disse, o homem engoliu em seco e prosseguiu.

A parte seguinte da história tinha um toque de verdade. Em Maridunum tinham procurado informar-se, de maneira discreta, sobre como chegar à caverna. Deram-lhe a informação, acrescida de outras sobre o poder e a fama do seu dono. O povo do vale tinha orgulho de mim e sempre enfeitava as histórias que contava sobre o seu feiticeiro. Portanto, os homens subiram o vale já meio amedrontados.

Como era de se esperar, encontraram a gruta deserta. No gramado coberto de geada não havia marcas nem pegadas. Encontraram somente o silêncio das colinas geladas, quebrado pelo gotejar do riacho. Acenderam uma tocha e espiaram pela porta; a gruta estava arrumada e vazia, as cinzas estavam frias...

— E então? — perguntei, quando Crinas interrompeu-se.

— Sabíamos que não estava aqui, senhor, mas havia algo no lugar. Quando chamamos, não houve resposta, mas escutamos um barulhinho no escuro. Parecia vir da gruta interna, onde está a cama com o lampião ao lado. . .

— Vocês entraram?

— Não, senhor.

— Tocaram em alguma coisa?

— Não, senhor — respondeu depressa. — Não ousamos.

— Ainda bem — repliquei. — E então?

— Olhamos em volta, mas não havia ninguém. E o tempo todo aquele som. Começamos a ficar com medo. As histórias. . . Um dos homens falou que o senhor podia estar ali, nos espiando, invisível. Eu falei para ele não ser idiota, mas a gente sentia...

— Uns olhos às suas costas? É claro que havia. Prossiga. Ele engoliu em seco.

— Chamamos novamente. E aí... eles desceram do teto. Morcegos, como uma nuvem.

Fomos interrompidos. Stilicho tinha chegado ao arvoredor e visto os cavalos dos soldados amarrados ali. Botou os nossos animais no barracão, bateu a porta e veio correndo pelo atalho e pela grama, com o punhal na mão.

Estava gritando, e a longa faca já estava em posição de ataque. Os homens prepararam-se para defender-se. Dei dois passos rápidos à frente, empurrando-os, e agarrei o rapaz pela mão que segurava a faca.

— Não é preciso. São homens do Rei. Pode guardar. — Os outros também guardaram as suas armas. — Você foi seguido, Stilicho?

Fez que não com a cabeça. Tremia. Um escravo não é treinado Para usar armas como o filho de um homem livre. Foi só depois que pegamos a Bryn Myrddin que eu deixei que ele carregasse uma faca. Larguei-o e voltei-me para Crinas.

— Estava falando sobre os morcegos. Parece que as histórias que ouviu perturbaram-no demais, Crinas. Se incomodou os morcegos, eles os alarmaram por uns minutos, mas são somente morcegos.

— Mas não foi só isso, meu senhor. Os morcegos desceram do teto, no escuro, e passaram por nós; foi como uma nuvem de fumaça e o ar cheirou mal. Mas, depois que eles passaram, houve outro som. De música.

Stilicho, ao meu lado, olhava deles para mim, de olhos arregalados no escuro. Vi que faziam novamente o sinal.

— Música por todo lado — continuou o homem. — Suave, como um sussurro ecoando pelas paredes da gruta. Não tenho vergonha de dizer, meu senhor, saímos da gruta e não tivemos coragem de entrar de novo. Esperamos pelo senhor do lado de fora.

— Com as espadas desembainhadas contra o feitiço. Entendo. Bem, não há mais necessidade de ficar aqui fora no frio. Vamos entrar? Não serão molestados, desde que não levanten a mão contra mim ou meu servo. Stilicho, vá acender o fogo. Cavalheiros, não se vão ainda. Lembrem-se que ainda não me transmitiram a mensagem do Rei.

Afinal, depois de ameaças e incentivos, eles entraram, pisando macio e sussurrando. O chefe veio sentar-se comigo, mas os outros preferiram ficar mais longe, entre o fogo e a entrada da caverna. Stilicho foi esquentar vinho com especiarias para oferecer.

Agora, na luz, eu podia ver que não estavam usando o uniforme das tropas regulares do Rei; não usavam insígnias nem brasão; poderiam ser tomados por soldados de qualquer pequeno rei. Tinham porte militar, e embora não demonstrassem deferência especial a Crinas, era óbvio que havia alguma diferença hierárquica entre eles.

Observei-os. O chefe estava impassível, mas os demais estavam inquietos sob o meu olhar, e um deles, um sujeito magro e pequeno, pálido e de cabelos negros, discretamente fazia o sinal.

Finalmente, falei:

— Vocês dizem que trazem mensagens do Rei. Ele entregou-lhes alguma carta?

Foi Crinas quem respondeu. Era um homem grande, claro e avermelhado, de olhos claros. Talvez tivesse sangue saxão, embora haja celtas com esse colorido.

— Não, senhor. Apenas mandou saudações e pede notícias do filho.

— Por quê?

Repetiu a minha pergunta, aparentando surpresa.

— Por que, meu senhor?

— Sim, por quê? Deixei a corte há quatro meses. Durante esse tempo, o Rei recebeu relatórios. Por que mandar vocês agora, a mim? Ele sabe que o menino não está aqui. Parece óbvio... — detive-me na palavra, olhando de um homem armado para o outro —... que aqui não estaria seguro. O Rei também sabia que eu pretendia esperar algum tempo, em Bryn Myrddin, antes de ir juntar-me ao Príncipe Artur. Esperava ser espionado, mas acho difícil crer que ele os enviou com tal mensagem.

Os três para lá do fogo entreolharam-se. Um grandão com a cara vermelha e manchada mexeu nervosamente no cinturão, a mão indo por si mesma para o cabo da espada. Vi que Stilicho estava de olho nele; acercou-se com o garrafão de vinho.

Crinas sustentou o meu olhar por algum tempo, depois assentiu.

— Está certo. O senhor desmascarou-nos. Não esperava safar-me com uma história dessas, não com o senhor. Mas, quando nos surpreendeu, foi só o que pude inventar na hora.

— Pois bem, "são espões. Ainda quero saber o motivo.

Deu de ombros.

— O senhor bem sabe como são os reis. Não nos cabia discutir quando fomos enviados para cá para vistoriar o lugar sem que o senhor soubesse.

Às suas costas, os outros concordavam, ansiosos.

— E não fizemos nada de errado, meu senhor. Nem entramos na gruta. É verdade.

— Não, e você já me disse por quê. Ele ergueu uma das mãos.

— O senhor tem toda a razão de estar aborrecido. Sinto muito. Não fazemos isto, normalmente, mas ordens são ordens.

— E as suas ordens foram de descobrir o quê?

— Nada de especial, fazer perguntas, olhar o lugar e descobrir quando o senhor vai partir. — Deu-me um olhar de esguelha, para ver se eu estava engolindo. — Parece que deixou de contar muita coisa ao Rei, e ele queria descobrir. Sabia que foi seguido desde o minuto que deixou Londres?

Outro grão de verdade.

— Imaginava que sim.

— Bem, então é isso. — Falou como se tudo estivesse explicado. — É o jeito dos reis, não confiam em ninguém e querem saber de tudo. Acredito que... perdoe-me por falar assim, meu senhor.. .

— Prossiga.

— Acho que o Rei não acreditou no que disse sobre o esconderijo do jovem príncipe. Ele pensou que poderia mudá-lo de lugar, e conservá-lo escondido, como antes. Então, nos mandou para ver se em surdina, descobríamos alguma pista.

— Talvez. Querer saber é uma moléstia de reis. E, por falar nisso, houve alguma mudança no estado do Rei para torná-lo tão ansioso por notícias?

Percebi, claramente, que ele gostaria de ter pensado nisso. Hesitou, depois decidiu que, quando fosse possível, dizer a verdade era mais seguro.

— Quanto a isso, meu senhor, não temos informação, e não o tenho visto ultimamente. Mas dizem que a doença passou e que já está de volta à luta.

Isto conferia com o que me tinham dito. Fiquei sem falar por algum tempo, observando-os pensativamente. Crinas bebia, aparentando calma, mas olhava-me com desconfiança. Finalmente, falei:

— Bem, vocês fizeram o que lhes ordenaram e descobriram o que o Rei desejava. Ainda estou aqui, e a criança não está. O Rei precisa confiar em mim para o resto. Quanto à minha ida, eu o avisarei quando chegar a hora.

Crinas pigarreou.

— Não gostaríamos de levar esta resposta, senhor. — Falava alto demais, como um fanfarrão, mas não estava blefando. Os outros partilhavam do seu medo, mas sem a sua coragem; isto não me reconfortava; sabia que homens amedrontados são perigosos. Um dos

soldados (o pequenino, com os olhos negros e irrequietos no rosto pálido de nervoso) puxou a manga do chefe. Escutei o murmúrio.

— Vamos. Não se esqueça de quem ele é... Chega... Não o faça ficar zangado...

Repliquei vivamente:

— Não estou zangado. Vocês estão cumprindo o seu dever, e não é sua culpa se o Rei não confia em ninguém e precisa ter cada história verificada duas vezes. Digam-lhe que... — parei, como se para pensar, e vi que esticavam o pescoço — ... seu filho está onde eu lhe disse, a salvo e passando bem, e que estou apenas à espera de bom tempo para fazer a viagem.

— Viagem? — indagou Crinas vivamente. Ergui as sobrancelhas.

— Ora, ora. Pensei que o mundo inteiro soubesse onde Artur está. O Rei, pelo menos, compreenderá.

Um dos homens falou, com voz rouca:

— Nós sabíamos, mas era só um boato. Então, é verdade sobre a ilha?

— Perfeitamente.

— Hy-Brasil? — indagou Crinas. — Com sua licença, meu senhor, isso é um mito.

— Eu disse algum nome? Não sou responsável pelos boatos. O lugar tem muitos nomes, e as histórias que contam a seu respeito dariam para encher os Nove Livros de Mágica... E cada homem que o vê, vê uma coisa diferente. Quando levei Artur para lá...

Parei para beber, como um cantor que molha a garganta antes de tocar as cordas. Os três à minha frente estavam totalmente atentos. Ignorei Crinas, dando à minha voz o volume e a ressonância de um contador de histórias.

— Todos sabem que o menino foi-me entregue três noites após o nascimento. Levei-o para um lugar seguro, e depois, quando a hora era propícia e o mundo estava calmo, conduzi-o para uma costa a oeste. Aí, abaixo dos penhascos, fica uma baía de areia cercada de rochas pontudas como presas de lobos, e nenhum bote ou nadador sobrevive à maré quebrando nelas. Para a direita e para a esquerda da baía, o mar cavou arcos no penhasco. As rochas são roxas, rosadas e turquesas à luz do sol, e, num entardecer de verão, com a maré baixa e o sol se pondo, vê-se no horizonte a terra que vai e vem com a luz. É a Ilha de Verão, que (dizem) flutua e afunda ao bel-prazer do céu, a Ilha de Vidro através da qual enxergam-se as nuvens e as estrelas, mas que

é cheia de árvores e grama e riachos de água doce para quem mora nela.. .

O sujeitinho pálido inclinava-se para a frente, de boca aberta, e vi que um outro movia os ombros, sob a capa de lã, como se estivesse com frio. Os olhos de Stilicho saltavam das órbitas.

— ... É a Ilha das Donzelas, para onde os reis são levados no final. E há de vir um dia...

— Meu senhor! Eu mesmo já a vi! — Que o homem pálido ousasse interromper um profeta que, aparentemente, ia fazer uma profecia, demonstrava bem em que estado estavam os seus nervos. — Eu mesmo a vi! Quando era menino, eu a vi! Claro, claro como a Cassiterides num dia límpido depois da chuva. Mas parecia terra vazia.

— Não é vazia. E não está lá apenas quando os homens como você podem vê-la. Está lá também no inverno, para aqueles que sabem como encontrá-la. Mas não há muitos que podem viajar até lá, e depois voltar.

Crinas escutara imóvel, o rosto sem expressão. — Então, ele está em terras de Cornwall?

— Você também a conhece?

Não havia sinal de deboche na minha voz, mas ele respondeu bruscamente:

— Não a conheço. — Largou o copo vazio e fez menção de levantar-se. Sua mão dirigiu-se ao cinturão da espada. — É esta a Mensagem que devemos levar ao Rei?

Moveu a cabeça e os outros ergueram-se com ele. Stilicho largou o garrafão de vinho com barulho, mas fiz-lhe um sinal e dei uma gargalhada.

— Não seria bom para vocês se fosse só isto. Nem para mim, pois haveria novos espiões a incomodar-me. Para o bem de nós todos, vou tranqüilizá-lo. Querem levar uma carta minha para Londres?

Ficou quieto por um momento, de olhos fitos nos meus. Depois, relaxou-se, enfiando o polegar, inocentemente, no cinturão. Quando ouvi seu suspiro de alívio, percebi que estivera bem perto de interrogar-me à sua maneira.

— Com prazer, senhor.

— Então queiram esperar mais um pouco. Sentem-se de novo. Encha os copos, Stilicho.

A carta para Uther foi curta. Perguntei pela sua saúde, depois disse que, de acordo com as minhas fontes particulares de informação,

o príncipe estava bem. Quando a primavera chegasse, continuava, eu pretendia viajar para vê-lo. Nesse meio tempo, continuaria a vigiá-lo à minha moda e a mandar notícias ao Rei.

Depois de lacrar a mensagem, levei-a à caverna exterior. Os homens conversavam entre si em voz baixa, enquanto Stilicho rondava com o garrafão de vinho. Interromperam-se à minha chegada e ficaram de pé. Entreguei a carta a Crinas.

— Tudo que tenho a dizer está na carta. Ele ficará satisfeito. — Acrescentei: — Mesmo que a sua missão não tenha sido cumprida exatamente de acordo com as ordens, nada têm a temer do Rei. Podem ir, e que o deus das andanças os proteja.

Partiram, não lá muito agradecidos aos meus votos finais. Andavam depressa sobre a geada, com olhares de esguelha para as sombras, e encolhidos sob as capas, como se a noite estivesse respirando nas suas costas. Quando passaram pelo poço sagrado, todos fizeram um sinal e não creio que o último (Crinas) tenha feito o sinal-da-cruz.

7

O ruído dos cascos dos cavalos foi diminuindo pela trilha do vale. Stilicho voltou correndo do penhasco acima do arvoredo.

— Já foram embora. — Os olhos estavam enormes, dilatados não apenas pela escuridão gelada. — Meu senhor, pensei que fossem matá-lo.

— É possível. Eles eram homens corajosos, e estavam com medo. É uma combinação perigosa, principalmente porque um deles era cristão.

Stilicho parecia um cachorro a jogar-se sobre um rato.

— Quer dizer que ele não acreditou no senhor?

— Exatamente. Ele tinha certeza de que não acreditava em mim, mas não apostava que fosse mentira. Arranje-me alguma comida, sim, Stilicho? Qualquer coisa, mas depressa, e prepare o que puder para uma viagem. Eu mesmo tratarei das roupas. A égua está pronta?

— Está, mas... o senhor vai partir esta noite?

— E o mais cedo que puder. Estava esperando por esta oportunidade. Eles já apareceram, e quando descobrirem que a pista que

dei é falsa, já estarei longe... na ilha para lá do oeste. . . Você sabe o que fazer, já conversamos sobre isto muitas vezes.

Era verdade. Combináramos que, quando eu partisse, Stilicho permaneceria em Bryn Myrddin, apanhando suprimentos, dando a ilusão, pelo maior tempo possível, de que eu ainda estava em casa. Eu tinha feito um estoque de remédios, e já fazia algum tempo que ele mesmo misturava e receitava os mais simples ao pessoal que chegava, portanto a minha ausência não seria sentida e passaria tempo até que alguém fizesse perguntas. Talvez não ganhássemos muito tempo, mas seria o suficiente. Uma vez cruzadas as colinas mais próximas e alcançadas as trilhas do vale na floresta, eu seria bem difícil de seguir.

Stilicho assentiu, e correu para cumprir as ordens. Em pouco tempo a comida estava pronta e, enquanto eu comia, ele aprontava o que eu precisaria para a viagem. Estava cheio de perguntas, por isso deixei que falasse. Como eu falava mal a sua língua, em geral nos comunicávamos em latim, que ele falava fluentemente, mas com sotaque. Desde que deixáramos Constantinopla, dirigia-se sempre a mim, com o seu modo jovial; precisava falar com alguém e teria o crueldade insistir no silêncio respeitoso que Gaio tentara impor. Além disso, eu não sou assim. Por isso, falava avidamente, enquanto cumpria as suas tarefas.

— Meu senhor, se o tal Crinas não acreditou na Ilha de Vidro, se precisava de informações sobre o príncipe, por que foi embora?

— Para ler a minha carta. Acha que lá encontrará a verdade. Arregalou os olhos.

— Mas, ele não ousaria abrir uma carta para o Rei! O senhor escreveu a verdade nela?

Ergui as sobrancelhas.

— A verdade? Também não acredita na Ilha de Vidro?

— Acredito. Todo mundo sabe que ela existe. — Falava a sério.

— Até na Sicília sabíamos da ilha invisível no oeste. Mas, aposto o que quiser que o senhor não vai para lá, agora!

— Por que tanta certeza? Lançou-me um olhar límpido.

— O senhor? Cruzar o Mar Ocidental? No inverno? Acredito em qualquer coisa, menos nisso! Se pudesse usar mágica, em vez de navio, teríamos cruzado o Mar do Meio com mais facilidade. Lembre-se da tempestade perto de Pylos?

Dei uma risada.

— Só com a mandrágora por mágica... Lembro-me bem demais. Não, Stilicho, não revelei nada na carta. Aquela carta nunca chegará ao Rei. Eles não eram homens do Rei.

— Não eram homens do Rei? — Fitou-me, boquiaberto, depois voltou a debruçar-se sobre o alforje que estava arrumando. — Como sabe? O senhor os conhecia?

— Não. Mas Uther não emprega tropas para espionar; logo seriam descobertas. Essas tropas foram mandadas (como disse Crinas) para fazer perguntas nos mercados e tavernas de Maridunum, e para revistar este lugar quando estivéssemos ausentes, procurando o príncipe, ou uma pista dele. Eles nem eram espiões. Que espião teria coragem de voltar ao seu amo contando que fora descoberto, í e que a sua vítima lhe confiara uma carta, com a informação desejada? É possível que eles pensem que conseguiram enganar-me, mas, de qualquer forma, precisavam aproveitar a oportunidade e pôr as mãos na carta. Dou ponto a Crinas, ele pensa depressa. Até que se saiu bem. Não foi sua culpa que o outro homem o desmascarasse.

— O que quer dizer, senhor?

— O homenzinho pálido. Ouvi quando disse algo na sua língua natal. Não sei se Crinas ouviu. Expressou-se em dialeto de Cornwall. Quando falei na Ilha de Vidro, e descrevi a baía, ele a conhecia, e também a Cassiterides. São ilhas ao largo da costa de Cornwall, nas quais até Crinas deve acreditar.

— Cornwall? — experimentou a palavra na língua.

— De Cornwall, no sudoeste.

— Homens da Rainha, então? — Stilicho não passara todo o tempo em Londres no pequeno aposento, com Morgause. Escutava, quase tanto quanto falava, e, desde que deixáramos a corte de Uther, regalava-me continuamente com a opinião "deles" sobre todo e qualquer assunto. — Eles diziam que ela ainda estava no sudoeste, após o parto.

— É verdade. E poderia empregar gente de Cornwall para trabalhos secretos, mas não creio. Nem o Rei nem a Rainha cercam-se muito de tropas de Cornwall, hoje em dia.

— Há tropas de Cornwall em Caerleon. Soube na cidade. Perguntei vivamente:

— Não diga! Sob o comando de quem?

— Não sei. Mas posso descobrir. — Olhava-me ansioso, mas fiz que não com a cabeça.

— Não. Quanto menos você souber, melhor. Deixe para lá. Eles pararão de vigiar-me até que consigam ler a carta, e até que arranjem alguém que saiba ler grego...

— Grego?

— O Rei tem um secretário grego — falei tranqüilamente. — Não havia por que tornar as coisas mais fáceis. E não creio que saibam que suspeito deles. Não terão pressa. Além disso, escrevi algo na carta que fará com que pensem que ficarei por aqui até a primavera.

— Será que voltarão?

— Não creio. Que irão fazer? Voltar e dizer-me que leram a carta do Rei, e que não são homens do Rei? Enquanto julgarem que estou aqui, terão medo de fazer isso, para que eu não relate ao Rei. Não ousam matar-me, nem deixar que descubra quem são. Ficarão afastados. Por falar nisso, da próxima vez que for a Maridunum, procure avisar ao comandante da guarnição que fique de olho nessa gente, e diga-lhe para relatar ao Rei o que aconteceu. Eu mesmo mandarei uma mensagem ao Rei. Podemos usar os seus próprios espiões para proteger-nos dos outros... Pronto, acabei. Já arrumou a comida para eu levar? Encha o frasco, sim? Se alguém aparecer por aqui, que vai dizer?

— Que o senhor tem saído todos os dias pelas colinas e que a última vez que o vi estava indo para a cabana de Abba, e que deve estar por lá, ajudando-o com as ovelhas.

Ergueu os olhos.

— Não vão acreditar em mim.

— Por que não? Você é um mentiroso muito capaz. Cuidado, está derramando o vinho.

— Um príncipe ajudar a cuidar de ovelhas? Não é muito provável.

— Já fiz coisas mais estranhas — repliquei. Acreditarão em você. Afinal de contas, é a verdade. Onde acha que arranjei as manchas de sangue na minha capa velha, hoje?

— Pensei que fosse matando alguém.

Ele estava absolutamente sério. Dei uma risada.

— Isto não acontece sempre, e, quando acontece, é geralmente por engano.

Meneou a cabeça, como se não acreditasse, e arrolhou o vinho,

— Se aqueles homens o tivessem atacado, meu senhor, teria empregado mágica?

— Nem precisaria de mágica, com o seu punhal tão a postos.

Ainda não lhe agradei por sua coragem, Stilicho. Ficou surpreso.

— O senhor é o meu amo.

— Comprei-o por dinheiro e devolvi-lhe a liberdade com que você nasceu. Que tipo de dívida é esta?

Fitou-me sem compreender, depois disse:

— Pronto, senhor, está tudo arrumado. O senhor vai precisar das suas botas grossas e da capa de pele de carneiro. Posso aprontar

Morango enquanto se veste?

— Daqui a pouco. Venha cá. Olhe para mim. Prometi-lhe que estaria a salvo aqui. É verdade; não vi perigo, ao menos para você. Mas, quando eu estiver bem longe, se tiver medo, vá para o moinho e fique lá.

— Sim, senhor.

— Não acredita em mim?

— Acredito.

— Então, do que tem medo?

Hesitou, engolindo em seco. Depois, perguntou:

— Essa música de que falaram, senhor. O que era? Era mesmo dos deuses?

— De certo modo. Às vezes, a minha harpa fala sozinha quando o ar se move. Foi isso que escutaram e, como sentiam-se culpados, ficaram com medo.

Olhou para o canto onde estava a harpa grande. Eu a mandara vir da Bretanha e, desde que chegara, usava-a constantemente, tendo posto a outra no seu lugar.

— Aquela? Como é possível, senhor, toda embrulhada daquele jeito?

— Não, aquela não. Aquela harpa fica muda até que eu a toque. Refiro-me à pequenina com que viajei. Eu mesmo a fiz nesta j caverna, com o mágico Galapas a ajudar-me.

Umedeceu os lábios. Não estava muito tranqüilizado.

— Nunca mais a vi desde que chegamos. Onde o senhor a guarda?

— Ia mesmo mostrar-lhe antes de partir. Vamos, rapaz, não há por que temê-la. Você mesmo a carregou milhares de vezes. Vamos, pegue uma tocha e venha ver.

Levei-o para os fundos do aposento principal. Eu nunca lhe mostrara a gruta de cristal e, como a minha arca com livros e a minha mesa ficavam no acesso à saliência, ele nunca subira até lá, nunca a

descobriria. Agora, juntos, arredamos a mesa e, segurando a tocha bem alto, subimos à saliência nas sombras, onde se escondia gruta de cristal. Ajoelhei-me à entrada e fiz-lhe sinal para que Se acercasse.

A tocha na minha mão lançava a luz, brilhando por entre a fumaça móvel, para as paredes redondas de cristal. Aqui, em menino, tivera a minha primeira visão, na chama ondulante. Aqui eu me vira concebido, o velho Rei morto, a torre de Vortigern construída sobre a água, o dragão de Ambrósio saltando para a vitória. Agora, o globo estava vazio, apenas com a harpa e a sua sombra dentro das paredes reluzentes.

Olhei para o rosto do rapaz. Ele estava aterrorizado pelo globo vazio e pelas sombras vazias.

— Escute. — Falei alto e a minha voz moveu o ar parado e a harpa sussurrou, e a música deu voltas pelas paredes de cristal. — Ia mostrar-lhe a gruta. Se alguma vez quiseser esconder-se, venha para cá. Eu o fazia, quando menino. Os deuses tomarão conta de você, e estará a salvo. Mais a salvo é impossível; na mão de Deus, na sua colina oca. Agora, vá preparar Morango. Eu mesmo descerei a harpa. Já é hora de partir.

Pela manhã, eu já estava a quinze milhas dali, cavalgando para o norte pela floresta de carvalhos que margeia o Vale do Cothi. Por ali não há estradas, somente trilhas, mas eu as conhecia bem e conhecia a cabana de vidreiro, bem dentro da mata. Estaria vazia nesta época do ano.

Durante metade daquele dia de dezembro, eu e minha égua compartilhamos da sua proteção. Dei-lhe de beber no riacho, coloquei a forragem que trouxera num canto da cabana. Não tinha fome. Outra coisa me alimentava: a sensação profunda de leveza e poder, que eu conhecia. A hora estava certa, e algo me esperava. Estava no caminho certo.

Tomei um pouco de vinho, agasalhei-me com as peles de carneiro de Abba e adormeci, profunda e despreocupadamente, como uma criança.

Sonhei de novo com a espada, e, mesmo durante o sonho, percebi que este vinha a mando do deus. Os sonhos comuns não são assim; são uma mistura de desejos e temores, coisas vistas e ouvidas, sentidas mas desconhecidas. Este era claro, como uma recordação.

Vi a espada de perto pela primeira vez, não enorme e ofuscante como a espada de estrelas na Bretanha, nem obscura e ígnea, como

quando tremulava na parede escura do quarto de Ygraine. Era apenas uma espada, uma bela arma, com as jóias do punho engastadas em ouro, e a lâmina reluzente, como que ansiosa por lutar por si mesma. Algumas armas são ansiosas por lutar, outras são lutadoras obstinadas, outras relutantes; mas todas têm vida.

Esta espada tinha vida; estava desembainhada, firme na mão de um homem armado. Ele estava de pé, perto de um fogo, aparentemente aceso no meio de uma planície escura, e era a única pessoa à vista em toda a planície. Bem para trás dele, viam-se os contornos obscuros de muralhas e de uma torre. Lembrei-me do mosaico que vira na casa de Ahdjan, mas, desta vez, não era Roma. O contorno da torre era familiar, mas não conseguia lembrar-me onde a vira antes, ou se a vira apenas em sonhos.

Era um homem alto, cuja capa escura caía numa linha só, dos ombros aos pés. O elmo escondia seu rosto. Debruçava a cabeça sobre a espada que segurava. Ele a virava e revirava, como que a sopesá-la, ou a estudar as runas da lâmina. A luz do fogo refletia-se na lâmina que virava e revirava. Captei uma palavra, REI, e depois de novo, REI, e as jóias rebrilhavam nas voltas da espada. Vi que o homem trazia um círculo de ouro no elmo e que sua capa era roxa. A luz do fogo mostrou o anel no seu dedo. Era um anel de ouro com um dragão entalhado.

— Pai? Senhor? — falei, mas, como costuma acontecer em sonhos, a voz não saiu. Assim mesmo, ele levantou o rosto. Não havia olhos sob a pala do elmo. Nada. As mãos que seguravam a espada eram as de um esqueleto. O anel ficava ao redor do osso. Ele estendeu-me a espada, com as mãos de esqueleto. Uma voz, que não era a de meu pai, disse: "Pegue-a." Não era a voz de um fantasma, nem a voz que me ordenava nas visões; essas eram vozes sem vida, soavam como se o vento estivesse soprando por um chifre vazio. Esta era a voz de um homem, profunda, áspera, acostumada a comandar, um pouco irritada, como quando se está zangado, bêbado, ou, como agora, fatigado.

Tentei mover-me, mas não consegui; tampouco consegui falar. Eu nunca temera um espírito, mas temia este homem. De dentro das sombras vazias do elmo chegou-me a voz novamente, sombria, mas com um leve toque de divertimento, que me arrepiou a pele, como se tivesse encostado no pêlo de um lobo na escuridão. Minha respiração parou e a minha pele tremia. Ele falou, e agora, claramente eu percebia a exaustão na sua voz.

— Não precisa temer-me. Nem precisa temer a espada. Não sou seu pai, mas você descende de mim. Pegue-a, Merlinus Ambrosius. Não terá descanso até que o faça.

Acerquei-me dele. O fogo diminuía e estava quase escuro. Estendi as mãos para que depositasse nelas a espada. Fiquei imóvel, embora horrorizado à idéia de tocar os dedos ossudos. Mas nada havia para tocar. Quando largou a espada, ela caiu, por entre as suas mãos e as minhas, para o chão. Ajoelhei-me, procurando na escuridão, mas minha mão nada encontrou. Podia sentir a sua respiração acima de mim, quente como a de um homem vivo, e sua capa tocou-me a face. Ouvi-o dizer:

— Encontre-a. Ninguém mais pode encontrá-la. — Aí meus olhos abriram-se e era dia claro, e a égua encostava em mim o seu focinho, a crina a tocar-me o rosto.

8

Dezembro não é boa época para viajar, especialmente para quem não pode usar as estradas. As matas estão abertas e sem vegetação rasteira, mas há lugares nos vales mais remotos em que só há passagem ao longo dos rios, caminhos difíceis e tortuosos, onde as margens estão danificadas pelas inundações e pelo mau tempo. Pelo menos, não nevou, mas no segundo dia, depois que deixei Bryn Myrddin, o tempo piorou, com um vento frio com rajadas de granizo, e gelo pelos caminhos.

Ia devagar. No terceiro dia, perto do anoitecer, ouvi o uivo de lobos ao longe. Ficava sempre nos vales, nas florestas densas, mas, aqui e ali, quando havia brechas na floresta, avistava as colinas, cujo cimo estava branco de neve fresca. E mais estava para vir; o ar cheirava a neve, o frio mordía o meu rosto. A neve faria com que os lobos se aproximassem. Aliás, quando a noite chegou, e a floresta adensou-se, pensei ter visto uma sombra que se esgueirava entre os troncos, e havia ruídos na vegetação que podiam ser feitos por animais inofensivos como raposas ou veados; mas observei que Morango estava inquieta; repuxava as orelhas repetidamente, e a pele dos costados contraía-se como se moscas estivessem pousando nela.

Eu ia olhando para os lados, e com a espada à mão.

— Mevysen, — conversava com a minha égua galesa na sua própria língua — quando encontrarmos esta grande espada que

Macsen Wledig está guardando para mim, eu e você seremos realmente invencíveis. E é preciso que a encontremos. Mas, agora, estou com tanto medo dos lobos quanto você, por isso vamos indo até encontrarmos um lugar onde possamos defender-nos com esta arma e cor a minha pouca habilidade, e aí passaremos a noite.

O lugar defensável era a casca de uma construção bem dentro da floresta. Literalmente, uma casca; era tudo que restava de uma construção pequena na forma de uma estufa, ou de uma colméia. A metade tinha desmoronado, deixando o restante como um ovo quebrado pela extremidade, com a meia cúpula virada contra o vento e oferecendo alguma proteção contra o granizo intermitente. A maior parte da alvenaria caída fora removida (provavelmente roubada), mas ainda restou o suficiente para abrigar e esconder a mim e a égua.

Desmontei e levei-a para dentro. Ela foi com cuidado por entre as pedras cobertas de limo, sacudiu-se, e logo estava acomodada com a comida, sob a curvatura seca da cúpula. Coloquei uma pedra pesada em cima da ponta da sua corda, enxuguei-a com umas samambaias arrancadas da parede, e cobri-a. Ela parecia ter perdido o medo e mastigava serenamente. Ajeitei-me como pude, com um alforje por cadeira, e servi-me do que restava de comida e vinho. Gostaria de poder acender um fogo, para aquecer-me e espantar os lobos, mas talvez houvesse outros inimigos, que não os lobos, à minha procura; assim, com a espada à mão, embrulhei-me nas peles de carneiro, comi as rações frias e cochilei, pois o perigo e o desconforto não me deixavam dormir.

E sonhei de novo. Não, desta vez, com reis ou espadas ou estrelas movendo-se, mas um sonho semi-desperto, incerto e aos pedaços, dos deuses pequenos dos lugares pequenos; deuses de colinas e matas e riachos e encruzilhadas; os deuses que ainda assombram os seus santuários destruídos, à espera no escuro, por trás das luzes das cheias igrejas cristãs com seus rituais obstinados dos grandes deuses de Roma. Nas cidades e lugares povoados os homens esqueceram-se deles, mas nas florestas e regiões selvagens, a gente ainda deixa oferendas de comida e bebida, e reza para os guardiães, desde tempos imemoriais, dos locais. Os romanos deram-lhes nomes romanos, e os ignoraram; mas os cristãos recusam-se a crer neles, e seus sacerdotes repreendem a gente pobre por apegar-se aos seus velhos costumes... e, sem dúvida, por desperdiçar oferendas que teriam melhor uso na cela de algum ermitão do que num ermo lugar sagrado da floresta. Mas a

gente pobre ainda deixa as suas oferendas e, quando elas somem pela manhã, por que não acreditar que foi um deus que as levou?

Este, pensava no meu sonho, deve ser um dos tais lugares. Eu estava na mesma floresta e a abside de pedra onde eu me sentava era a mesma, como era o mesmo o muro de pedras limosas à minha frente. Estava escuro, e nos meus ouvidos ressoava o barulho dos ramos altos varridos pelo vento, na floresta. Não escutei nada acercando-se, mas, ao meu lado, a égua agitou-se e ergueu a cabeça, e deparei com olhos que me observavam do outro lado do muro.

Tolhido pelo sono, não podia mover-me. Rapidamente, e no mesmo silêncio, outros chegaram. Eram apenas sombras na fria escuridão; não lobos, mas sombras, como homens; figuras pequenas aparecendo uma a uma, silenciosas, como fantasmas, até que me encurralaram, oito delas, ombro a ombro na entrada do abrigo. Ali ficaram sem falar ou mexer-se, oito pequenas sombras, parte da floresta e da noite como as trevas ao redor das árvores. Eu apenas via (quando, por cima das árvores nuas, uma nuvem descobria momentaneamente as estrelas de inverno) o brilho dos olhos atentos. Nenhum movimento, nenhuma palavra. Mas, subitamente, eu soube que estava acordado. E eles ainda estavam lá.

Não puxei a espada. Com oito contra um não se deve nem tentar e, sim, experimentar outros métodos. Nem tive essa oportunidade. Quando fiz menção de falar, um deles disse algo que se perdeu no vento, e imediatamente fui jogado contra a parede atrás de mim, amordaçado, e tive as mãos atadas às costas, firmemente. Eu fui, semi-carregado, semi-arrastado, tirado do abrigo e jogado do lado de fora, com as costas contra as pedras que formavam o muro. Um deles, a duras penas, conseguiu pôr fogo num trapo enfiado num velho chifre de boi, que fazia as vezes de archote; a luz era fraca mas, com a sua ajuda, remexeram os alforjes e examinaram a égua com cuidado e curiosidade. Depois, trouxeram a luz até onde eu estava, com dois de guarda, e, com o trapo fedorento enfiado quase na minha cara, examinaram-me do mesmo modo que à égua.

Pelo simples fato de que ainda estava vivo, deduzi que não eram ladrões; na verdade, nada retiraram dos alforjes, e embora tivessem desarmado, não me revistaram mais. Comecei a temer, ao ver balançavam as cabeças e davam exclamações de satisfação, que, realmente, estivessem estado à minha procura. Mas, nesse caso, pensei, se quisessem saber o meu destino, se tivessem sido pagos para

isto, teria sido melhor me terem seguido sem serem notados. Desse modo, eu os teria conduzido à porta da casa do Conde Ector.

Os seus comentários não revelavam o que queriam comigo, mas revelaram-me algo muito importante: falavam numa língua que nunca escutara, mas que conhecia; o velho idioma dos Britânicos, que meu mestre Galapas ensinara-me.

Ele ainda tem um pouco da forma da nossa língua, mas as pessoas que o falam vivem há tanto tempo afastadas dos outros homens, que a sua fala sofreu alterações, com o acréscimo de palavras e a mudança do sotaque, de tal modo que é preciso estudo e bom ouvido para poder entendê-la. Eu escutava as inflexões familiares, aqui e ali uma palavra que reconhecia como o galês de Gwynedd, mas o sotaque mudara, carregado e estranho por quinhentos anos de isolamento, com palavras sobrevivendo, já em desuso em outros dialetos, e o acréscimo de sons como ecos das colinas ocas e dos deuses e criaturas selvagens que ali habitavam.

Assim, eu soube quem deveriam ser esses homens. Eram os descendentes das tribos que, havia muito, tinham fugido para as colinas mais remotas, deixando as cidades e as terras cultiváveis para os romanos, e, depois destes, para os federados de Cunedda, de Guotodin, e que, como aves sem lar, passaram a viver nas partes altas da floresta, onde a vida era difícil, e ninguém queria competir com eles. Aqui e ali tinham fortificado uma colina, mas, se valia a pena fortificá-la, era imediatamente cobijada por conquistadores, que, eventualmente, a conseguiam. Assim, colina por colina, os remanescentes dos inconquistados tinham recuado, até que só sobraram para eles os penhascos, as cavernas e a terra nua que o inverno cobria de neve. Ali viviam, sem que ninguém os visse, senão por acaso, ou quando assim o desejavam. Eram eles, imaginava eu, que vinham à noite levar as oferendas colocadas nos santuários. Meu sonho semi-desperto fora bem verdadeiro. Talvez fossem apenas esses, dos moradores das colinas ocas, os que fossem visíveis.

Falavam abertamente (o mais abertamente possível para esse tipo de gente) sem saber que eu podia compreendê-los. Conservei os olhos baixos, e escutei.

— Tem que ser ele. Quem mais viajaria pela floresta numa noite como essa? E numa égua cor de morango?

— É verdade. Sozinho, disseram, numa égua avermelhada.

— Quem sabe ele matou o outro e roubou a égua? Está escondendo-se, isto é certo. Senão não estaria sem um fogo, em pleno inverno e com os lobos tão perto.

— Não é dos lobos que tem medo. Pode apostar, é este o homem que eles querem.

— E pelo qual pagam.

— Dizem que é perigoso. Não me pareceu.

— Estava com a espada à mão.

Mas não a pegou. Fomos ligeiros demais.

— Ele já nos tinha visto. Teve tempo. Você não devia tê-lo pego desse jeito, Cwyll. Não disseram para pegá-lo. Disseram para encontrá-lo e segui-lo.

— Agora é tarde. Já o pegamos. Que faremos? Devemos matá-lo?

— Llyd saberá.

— É. Llyd saberá.

Não conversaram da maneira que descrevi, mas aos arrancos, frases curtas trocadas no idioma escasso e estranho. Finalmente, deixaram-me entre os meus dois guardas e afastaram-se um pouco. Para esperar, supus, por Llyd.

Chegou uns vinte minutos mais tarde, com dois companheiros; três sombras que não mais faziam parte da escuridão da floresta. Os outros o cercaram, falando e apontando, até que, finalmente, pegou a tocha (quase que só um simples trapo cheirando a resina) e veio na minha direção. Os outros vieram atrás.

Formaram quase um círculo a meu redor, como antes. Llyd levantou bem a tocha, e vi os meus captores, não claramente, mas o suficiente para reconhecê-los. Eram homens pequenos e de cabelos escuros, com rostos rudes e vincados, a que o clima e a vida difícil deram a textura de madeira enrugada. Vestiam peles mal curtidas, calças espessas de tecido grosseiro tingido com os marrons, verdes e cores possíveis de extrair-se das plantas das montanhas. Tinham armas de várias espécies, clavas, facas, machados de pedra afiados. O que dera as ordens até a chegada de Llyd estava com a minha espada.

Llyd disse:

— Foram para o norte. Não há ninguém na floresta para ver ou ouvir. Tirem a mordça.

— Que diferença faz? — Era o sujeito que segurava a minha espada falando. — Não entende o Velho Idioma. Olhem para ele. Nem

compreende. Há pouco falamos em matá-lo, e ele nem pareceu ter medo.

— Isto apenas confirma o que já sabíamos, que é corajoso. Um homem, atacado como ele foi e amarrado como está, deve esperar a morte, mas não há medo nos seus olhos. Façam o que digo. Sei bastante para perguntar o seu nome e para onde ia. Tirem a mordança. Vocês, Pwul e Areth, vão procurar material para fazer um fogo. Quero uma boa luz para poder vê-lo direito.

Um dos dois ao meu lado afrouxou o nó e soltou a minha mordança. Cortara o canto da minha boca, e estava cheia de sangue e cuspe, mas ele botou-a na sua sacola. No seu grau de miséria, não desperdiçavam nada. Fiquei imaginando quanto "eles" tinham prometido pagar por mim. Se Crinas e seus amigos me tinham seguido até aqui e, depois, posto esta gente a vigiar-me e descobrir para onde me dirigia, a atitude precipitada de Cwyll estragara o plano. Mas também estragara o meu. Mesmo que decidissem deixar-me livre, agora, para poderem seguir-me em segredo, minha viagem era infrutífera. Mesmo prevenido, jamais conseguiria despistar estes seguidores. Eles vêem tudo que se move na floresta e enviam mensagens tão depressa quanto as abelhas. Eu já sabia que a floresta estaria cheia de observadores, mas, geralmente, eles não aparecem, e cuidam da sua vida. Agora, percebi que só atingiria Galava sem ser denunciado se conseguisse que eles passassem para o meu lado. Esperei para saber o que o chefe tinha a dizer. Perguntou vagarosamente, em mau galês:

— Quem é você?

— Um viajante. Vou para casa de um velho amigo, no norte.

— No inverno?

— Era preciso.

— De onde... — procurava as palavras — ... de onde vem?

— De Maridunum.

Aparentemente, isto conferia com o que "eles" tinham dito. Assentiu.

— É um mensageiro?

— Não. Os seus homens viram o que eu levo.

Um deles disse depressa, no Velho Idioma:

— Ele leva ouro. Nós vimos. Ouro no cinturão, e um pouco costurado à cilha da égua.

O chefe encarou-me. Não decifrei a sua expressão; era transparente como um tronco de carvalho. Falou por cima do ombro, sem desfitar-me:

— Revistaram-no? — Falava na sua própria língua.

— Não, vimos o que havia na sacola quando tiramos as suas armas.

— Revistem-no agora.

Eles obedeceram, sem gentileza. Depois, mostraram o que tinham encontrado, tudo amontoado ao redor da luz débil da tocha.

— O ouro. Olhe quanto. Um broche com o dragão da casa real. Não é uma insígnia, sinta o peso, é ouro. A marca do Corvo de Mítras. E vai de Maridunum para o norte, secretamente. — Cwyll puxou a minha capa sobre a marca exposta e levantou-se. — Deve ser o homem de que os soldados falaram. Ele está mentindo. É o mensageiro. Vamos deixar que se vá e segui-lo.

Mas Llyd disse devagar, olhando para mim:

— Um mensageiro levando uma harpa, o sinal do Dragão e a marca do Corvo? E saindo sozinho de Maridunum? Não; só pode ser um homem: o mágico de Bryn Myrddin.

— Ele? — Era o homem que segurava a minha espada. Quase largou, depois engoliu em seco e segurou-a firme de novo. — Ele, o mágico? É muito moço. Além disso, já ouvi falarem no mágico. Dizem que é um gigante, com olhos que gelam a gente até o âmago. Deixe-o ir, Llyd, e nós o seguiremos, como querem os soldados.

Cwyll ecoou, inquieto:

— É, deixe-o ir. Reis nada representam para nós, mas não é bom fazer mal a um mágico.

Os outros acercaram-se, curiosos e pouco à vontade.

— Um mágico? Não mencionaram isso, ou não teríamos tocado nele.

— Ele não é mágico, veja como está vestido. Além disso, se conhecesse mágica, teria feito com que parássemos.

— Estava dormindo. Até os feiticeiros têm de dormir.

— Ele estava acordado e nos viu. E não fez nada.

— Nós o amordaçamos primeiro.

— Ele agora não está amordaçado, e não está dizendo nada.

— É, Llyd, deixe-o ir, e nós receberemos o dinheiro que os soldados ofereceram. Disseram que nos pagariam bem.

Mais resmungos e acenos de cabeça. Um deles falou, pensativo:

— Ele carrega mais do que o que nos ofereceram.

Llyd estivera quieto, mas agora interrompia a conversa, muito zangado.

— E nós somos ladrões? Ou contratados para arranjar informações a troco de dinheiro? Já lhes disse, não farei o que os soldados pediram, cegamente, apesar do seu dinheiro. Quem são eles para que nós, os Antigos, façamos o seu trabalho? Faremos o nosso. Aqui há algumas coisas que eu gostaria de saber. Os soldados nada nos disseram. Talvez este homem diga. Acho que há coisas muito importantes envolvidas. Olhem para ele; não tem jeito de mensageiro. É um homem de destaque. Vamos desamarrá-lo e conversar. Acenda o fogo, Areth.

Enquanto estivera falando, os dois a quem tinha dado ordens trouxeram ramos e folhas com que armaram uma pira pronta para queimar. Mas não devia haver um único graveto seco na floresta naquela noite. Embora a chuva de granizo já houvesse cessado, tudo estava ensopado, e o chão parecia esponjoso, como se estivesse molhado até o centro da Terra.

Llyd fez sinal para os dois que me vigiavam.

— Podem desamarrá-lo. E um de vocês traga comida e bebida. Um deles logo obedeceu, mas o outro hesitou, brincando com a faca. Outros acercaram-se, discutindo. Aparentemente, a autoridade de Llyd não era a de um rei, mas a de um chefe, cujos companheiros têm o direito de perguntar e aconselhar. Entendi fragmentos do que diziam, depois escutei Llyd dizer claramente:

— Há coisas que precisamos saber. O conhecimento delas é único poder que temos. Se não nos disser por bem, então teremos que fazer com que diga...

Areth tinha conseguido pôr a pira úmida a arder, mas não havia luz nem calor, só uma fumaça intermitente, acre e suja, que invadia todos os recantos, impulsionada pelo vento, fazendo arder os olhos e dificultando a respiração.

Já era hora que eu fizesse alguma coisa. Já soubera o suficiente. Falei, claramente, no Velho Idioma:

— Afaste-se do fogo, Areth.

Fez-se silêncio completo. Não olhei para eles, e sim para as achas fumegantes. Abstraía-me dos meus pulsos amarrados, da dor das minhas pisaduras, do desconforto das minhas roupas ensopadas. E, tão fácil quanto uma inspiração seguida por uma expiração, o poder me percorreu, livre e tranqüilo. Algo caiu na escuridão, uma flecha de fogo, ou estrela cadente. Numa chuva de fagulhas brancas que

pareciam granizo em fogo, a pira acendeu-se, fulgurante. O fogo surgia por entre o granizo, ardente, as chamas enormes, douradas e vermelhas, e gloriosamente quentes. O granizo caía no fogo, chiando, e o fogo se alimentava dele, como se fosse óleo. O rugido do fogo enchia a floresta e ecoava como o galope de cavalos.

Tirei os olhos do fogo e olhei à minha volta. Não havia ninguém. Sumiram como se fossem espíritos das colinas. Eu estava sozinho na floresta, encostado nas rochas caídas, com as minhas roupas secando-se e desprendendo vapor, e com as cordas mordendo dolorosamente os meus pulsos.

Algo tocou-me as costas. A lâmina de uma faca de pedra. Deslizou entre a pele dos meus pulsos e as cordas, cortando-as. Cederam. Movi meus ombros endurecidos, esfreguei os pulsos machucados. Havia um corte pequeno, que sangrava, feito pela faca. Não falei nem olhei para trás, mas fiquei parado, esfregando os pulsos e as mãos.

Às minhas costas, uma voz falou. Era Llyd. Falava no Velho Idioma.

— Você é Myrddin, chamado Emrys ou Ambrósio, filho de Ambrósio, o filho de Constâncio, descendente do sêmen de Macsen Wledig?

— Eu sou Myrddin Emrys.

— Meus homens o pegaram por engano. Não sabiam.

— Agora já sabem. Que vai fazer comigo?

— Deixar que parta quando tiver vontade.

— E, entretimentos, interrogar-me, forçando-me a contar assuntos importantes que me dizem respeito?

— Sabe que não podemos forçá-lo a nada. Nem queremos. O senhor nos contará o que quiser, e partirá quando quiser. Mas podemos protegê-lo enquanto dorme, e temos comida e bebida. Oferecemos com prazer.

— Então, eu aceito. Obrigado. Sabe o meu nome. Eu já ouvi o seu, mas gostaria que se apresentasse.

— Eu sou Llyd. Meu ancestral era Llyd das florestas. Todos os homens aqui descendem de um deus.

— Então, nada têm a temer de um homem que descende de um rei. Terei prazer em partilhar a sua refeição e conversar com você. Venha partilhar do calor do meu fogo.

A comida era um pedaço de lebre assada, fria, e uma bisnaga de pão preto. Tinham carne de veado fresca, conseguida no saque dessa noite; guardaram-na para a tribo, mas jogaram no fogo para assar os

miúdos, junto com uma galinha preta e uns bolinhos chatos que tinham jeito, e cheiro, de ser misturados com sangue. Era fácil adivinhar onde eles e a lebre tinham sido apanhados; encontram-se em todas as encruzilhadas da região. Aquela gente não considerava blasfêmia apanhar os sacrifícios; como Llyd dissera, acham que são descendentes dos deuses, e que têm direito às suas oferendas; eu, por mim, não vejo mal nisso. Aceitei o pão, um pedaço de coração de veado e um pouco da bebida forte e doce que eles fazem com ervas e mel silvestre.

Os dez homens sentaram-se ao redor do fogo, enquanto Llyd e eu, um pouco afastados, conversávamos.

— Os soldados que queriam que eu fosse seguido. Que tipo de homens eram?

— Cinco homens, soldados bem armados, mas sem brasão.

— Cinco? Um deles ruivo, grande, de jaqueta marrom e capa azul? E outro num cavalo malhado? — Este fora o único cavalo que Stilicho pudera ver, com as suas manchas brancas visíveis na escuridão do bosque. Devia haver um quinto homem, que ficara de guarda no sopé do vale. — Que lhe disseram?

Mas Llyd estava fazendo que não com a cabeça.

— Não havia nenhum homem como o que descreveu, nem nenhum cavalo. O chefe era um homem claro, magro como uma vareta, barbudo. Disseram que ficássemos de olho num homem que viajava sozinho numa égua cor de morango, não sabiam para onde Mas que o seu amo pagaria bem para saber para onde ia.

Jogou o osso que estava roendo por cima do ombro, limpou a boca e olhou-me nos olhos.

— Eu disse que não faria perguntas, mas diga-me apenas isso Myrddin Emrys. Por que o filho do Grande Rei Ambrósio e parente de Uther Pendragon está-se escondendo sozinho na floresta, enquanto os homens de Urien o procuram, desejando-lhe mal?

— *Homens de Urien?*

Sua voz denotava profunda satisfação, quando falou:

— Ah! Algumas coisas a sua mágica não lhe diz. Mas, nesses vales, ninguém se mexe sem que a gente saiba. Ninguém vem aqui sem ser marcado e seguido até que a gente saiba de que se trata. Conhecemos Urien de Gore. Aqueles eram seus homens, falavam a língua de sua terra.

— Então, você pode falar-me de Urien — pedi. — Sei quem é. Um rei pequeno de uma região pequena, cunhado de Lot de Lothian.

Não conheço motivo para que ele ande atrás de mim. Estou a serviço do Rei, e Urien não tem rixas comigo ou com o Rei. Ele e seu cunhado de Lothian são aliados de Rheged e do Rei. Será que Urien passou-se para outro lado? Do Duque Cador?

— Não. Continua do lado do Rei Lot.

Fiquei calado. O fogo crepitava e acima de nós a floresta mexia e agitava-se. O vento estava amainando. Eu estava pensando furiosamente. Não tinha dúvidas de que Crinas e a sua turma fossem gente de Cador; agora, parecia que houvera outros espiões do norte, vigiando e esperando, e que deram com a minha trilha. Urien, o chacal de Lot. E Cador. Dois dos mais poderosos aliados de Uther, a sua mão direita e a esquerda; e, no momento em que o Rei começou a falhar, mandaram espiões à procura do príncipe... O padrão desfez-se e formou-se de novo, como se fosse um reflexo na água, quando se joga uma pedra; mas, não o mesmo padrão; a pedra está lá no meio, mudando tudo. O Rei Lot, noivo de Morgiana, a filha do Grande Rei. O Rei Lot!

— Ouvi você dizer que os homens prosseguiram para o norte — falei, finalmente. — Iam diretamente prestar contas a Urien ou ainda estavam tentando achar-me e seguir-me?

— Segui-lo. Iam mais para o norte procurar sinais do senhor. Se não acharem nada, irão para o lugar em que marcamos encontro com eles.

— E vocês irão ao encontro?

Nem respondeu, deu só uma cusparada para o lado.

Sorri.

— Vou-me embora amanhã. Pode indicar-me uma trilha que os soldados não conheçam?

— Com prazer, mas para isso é preciso que eu saiba para onde se dirige.

— Estou seguindo um sonho que tive — contei-lhe. Ele assentiu. Isto faz sentido para esta gente das colinas. Guiam-se pelo instinto, como animais, observam os céus e esperam presságios. Pensei durante um minuto, depois perguntei: — Você falou em Macsen Wledig. Quando ele deixou as ilhas para ir a Roma, algum dos seus foi com ele?

— Meu bisavô chefiou um grupo que foi com Macsen.

— E voltou?

— Voltou.

— Conte-lhe que tive um sonho. Sonhei que um Rei morto falou comigo, dizendo-me que antes de cuidar do vivo, eu tinha uma obrigação a cumprir. Sabe o que foi feito da espada de Macsen?

Ele ergueu a mão num sinal que eu nunca vira. Mas eu sabia o que era: um sinal forte contra mágica forte. Resmungou consigo mesmo palavras que não entendi, depois dirigiu-se a mim, com voz rouca.

— Afinal, chegou. Louvados sejam Arawn, e Bilis, e Myrddin das alturas. Sabia que era coisa importante. Senti na minha pele, como se sente a chuva caindo. Então, é isto que procura, Myrddin Emrys?

— É isto que procuro. Estive no Oriente e lá me disseram que a espada, juntamente com parte do tesouro do Imperador, voltou para o Ocidente. Acho que fui guiado até aqui. Pode ajudar-me mais um pouco?

Fez que não com a cabeça, devagar.

— Não. Nada sei sobre isto. Mas há quem pode ajudá-lo, na floresta. A história vem passando de geração em geração. É só o que posso dizer.

— O seu bisavô não disse nada?

— Não disse isso. Vou contar-lhe o que ele disse. — Começou a usar a fala cantada dos contadores de história. Sabia que usaria as palavras exatas; essa gente passa a história de geração em geração com palavras imutáveis e precisas, como o relevo de uma taça. — A espada foi largada por um imperador morto, e será erguida por um vivo. Foi trazida para casa por água e por terra, com sangue e fogo, e por terra e por água voltará para casa, e ficará escondida na pedra flutuante até que seja erguida novamente pelo fogo. Só será erguida por um homem nascido legitimamente do sêmen da Inglaterra.

A fala cantada cessou. Os outros ao redor do fogo tinham parado a conversa para escutar; vi seus olhos brilharem e as suas mãos fazerem o sinal antigo. Llyd pigarreou, cuspiu de novo e disse, asperamente:

— Isso é tudo. Eu disse que não o ajudaria.

— Se tiver de encontrar a espada, — repliquei — terei ajuda não tenha dúvida. E agora, sei que estou chegando perto. Onde a canção está, a espada não pode estar muito longe. E depois que a encontrar... Acho que sabe para onde vou.

— Para onde mais iria Myrddin Emrys, em segredo e no inverno, senão para o lado do Príncipe?

Assenti.

— Ele está para além do seu território, Llyd, mas ao alcance dos olhos do seu povo. Sabe onde é?

— Não. Mas saberemos.

— Alegro-me que assim seja. Vigiem-me, se quiserem, e quando virem para onde eu vou, vigiem-no para mim. Este será um Rei, Llyd, que dispensará aos Antigos das colinas a mesma justiça que dispensará aos reis e bispos que se reúnem em Winchester.

— Nós o vigiaremos para você.

— Então, sigo para o norte, como pretendia, à espera de orientação. Agora, se me permite, gostaria de dormir.

— Estará em segurança — afirmou Llyd. — Com o romper da aurora, mostraremos o seu caminho.

9

O caminho que mostraram era um atalho, nem pior nem melhor que os outros que já seguira, porém, mais fácil de acompanhar graças aos sinais secretos que me ensinaram, e mais curto que a própria estrada. Havia curvas súbitas e acesso a gargantas estreitas que, sem os sinais, eu nunca suspeitaria que dessem passagem. Ia seguindo por um desfiladeiro estreito e cheio de árvores, que aparentemente dava para uma parede sólida de montanha, com o som de uma torrente a ecoar pelas rochas; mas sempre, quando a alcançava, encontrava a passagem, estreita e quase sempre perigosa, mas limpa' dando para uma fenda (até então) invisível na descida íngreme a frente. Assim viajei por mais dois dias, sem ver ninguém, descansando pouco, alimentando-se, e à égua, do que os Antigos me tinham dado.

Na manhã do terceiro dia, a égua perdeu uma ferradura. Por sorte, estávamos num trecho bom, uma extensão de pasto entre um vale e outro, deserto nesta época, fácil de trilhar. Desmontei e fui conduzindo Morango pela colina, olhando para os vales abaixo de mim para ver se via sinais de uma estrada, ou a fumaça de um povoado. Sabia mais ou menos onde estava; embora a neblina e as tempestades de neve obscurecessem os cumes mais altos, tinha divisado, por entre elas, o cimo branco da grande Colina de Neve que segura o céu de inverno. Já passara por aqui, pela estrada, e reconheci a forma das colinas mais próximas. Tinha certeza de que não precisaria andar muito para achar uma estrada, e um ferreiro.

Pensara em remover as outras ferraduras de Morango, eu mesmo, mas a viagem tinha sido bem dura, e se ela não estivesse fer-rada, já estaria manca há muito. Além disso, estávamos ficando sem comida, e nada havia para achar pelos caminhos, por causa do in-verno. Era preciso correr o risco de ser visto e reconhecido.

Era um dia gélido e claro. Lá pelo meio-dia vi a fumaça da aldeia, e, alguns minutos depois, o brilho da água no vale lá embaixo. Fui descendo com a égua. Passávamos por sob carvalhos, aqui e ali, com seus ramos de folhas secas. Logo avistei, por entre os troncos nus, o brilho cinzento do rio deslizando entre as suas margens.

Bem acima dele, parei a égua no limiar do bosque de carvalhos. Nenhum movimento, nenhum som, só o rio barulhento, que abafava até os latidos dos cachorros na aldeia.

Tinha certeza de não estar muito longe da estrada principal. Esperava encontrar um ferreiro na junção do rio com a estrada. Geralmente, acha-se um onde o rio dá vau ou onde há uma ponte. Ficando por dentro do bosque de carvalhos, conduzi Morango, sua-vemente, para o norte.

Assim viajamos por mais uma hora, mais ou menos, até que o vale fez uma curva para o noroeste, e bem à minha frente, ligando-o a um vale vizinho, vi a faixa verde que indicava uma estrada. E pude ouvir, nitidamente, no silêncio do inverno, o ruído metálico de um malho.

Não vi sinal do povoado, mas o bosque era denso na junção da estrada com o rio, e eu sabia que qualquer aldeia por aqui seria levantada numa elevação para permitir que os homens se defendes-sem. O ferreiro, no seu estabelecimento solitário à beira da água, não precisava ter medo. Esses homens são sempre úteis, e não têm nada de valor, além de se cercarem de uma aura do temor que despertam os lugares onde estradas e águas se encontram.

O ferreiro podia passar por um dos Antigos. Era um homem pequeno e curvado pelo ofício, mas com ombros imensos, braços cheios de músculos, e cobertos com um pêlo grosso como o de um urso. As mãos, largas e riscadas, eram quase tão pretas quanto o cabelo.

Levantou os olhos do trabalho quando a minha sombra encheu o portal. Cumprimentei-o, preendi a égua numa argola perto da porta e sentei-me para esperar, gozando do calor do fogo, que um rapazinho de avental de couro abanava. O ferreiro respondeu ao meu cumprimento com um olhar vivo, depois, sem pausa no ritmo de tra-

balho, voltou a malhar. Estava fazendo uma lâmina de arado. Com o chiar do vapor e a diminuição dos golpes, a lâmina foi-se acinzentando e esfriando, até ficar bem afiada. O ferreiro murmurou algo para o rapaz do fole, que deixou escapar o ar, e apanhando o balde de água, saiu da ferraria. O ferreiro largou o malho, ergueu-se e esticou-se. Pegou um odre de vinho pendurado na parede, bebeu e limpou a boca. Os olhos de perito percorreram a égua.

— Trouxe a ferradura? — Quase que esperava ouvi-lo falar no Velho Idioma, mas falou mesmo em galés. — Senão vai levar muito mais tempo do que gostaria de perder, garanto. Ou quer que remova as outras três?

Sorri um sorriso largo.

— E me pagará por elas?

— Eu o faria por nada — respondeu, com um sorriso de dentes pretos.

Entreguei-lhe a ferradura.

— Coloque-a novamente e ganhará um *penny*.

Pegou-a e examinou-a, revirando-a nas mãos calosas. Depois, assentiu, e pegou a pata da égua.

— Vai para longe?

Parte do pagamento de um ferreiro eram as novidades que o freguês trazia. Eu já esperava por isso, e tinha uma história pronta. Ele limava e escutava, enquanto a égua ficava entre nós, quieta, cabeça baixa e orelhas relaxadas. Daí a pouco chegou o rapazinho com um balde cheio que derramou na bacia. Demorara muito e resfolegava, como se tivesse corrido. Se prestei alguma atenção, foi para imaginar que, como todo garoto, demorara demais a cumprir a ordem e tivera que se apressar na volta. O ferreiro não fez comentários, rosnou para ele voltar ao fole, e logo o fogo crepitava, e a ferradura ficou vermelha em brasa.

Suponho que devia estar mais alerta, embora só de estar aqui já estivesse me arriscando muito. E havia uma chance de que os soldados à procura do cavaleiro na égua cor de morango não tivessem passado por aqui. Mas parece que tinham.

Com o barulho do forno e do malho, não escutei que se aproximavam, de repente vi as sombras entre mim e a porta, e os quatro homens que lá estavam, todos armados e com as armas à mão, como se estivessem perfeitamente preparados para usá-las. Dois tinham lanças, de fabricação caseira mas absolutamente mortíferas, um segurava uma faca de lenhador, com a lâmina afiada, capaz de penetrar

num tronco de carvalho, e o quarto segurava, com perícia, uma curta espada romana.

O último deles era o porta-voz. Saudou-me com educação, enquanto o ferreiro parava de malhar e o garoto ficava olhando.

— Quem é você, e para onde vai?

Respondi no seu dialeto, sem sair de onde estava sentado.

— Meu nome é Emrys, e estou indo para o norte. Tive que me desviar do meu caminho porque, como vêem, a minha égua perdeu uma ferradura.

— De onde é você?

— Do sul, onde não mandamos homens armados contra os estranhos que passam por nossas aldeias. Do que têm medo, vindo assim, quatro contra um?

Ele resmungou qualquer coisa, e os dois homens com as lanças abaixaram-nas, arrastando os pés. Mas o espadachim continuou firme.

— Você fala a nossa língua bem demais para ser um estranho. Acho que é o homem que procuramos. Quem é?

— Não sou estranho para você, Brychan — respondi calmamente. — Você arranhou esta espada em Kaerconan, ou nós a tomamos quando desbaratamos as tropas de Vortigern na encruzilhada perto de Bremia?

— Kaerconan? — Baixou a espada. — Você lutou lá, com Ambrósio?

— Estive lá, sim.

— E em Bremia? Com o Duque Gorlois? — A espada agora apontava para o chão. — Espere, disse que se chamava Emrys? Não é Myrddin Emrys, o profeta que ganhou a luta para nós, depois cuidou dos nossos ferimentos? O filho de Ambrósio?

— O próprio.

Os homens da minha raça não dobram o joelho com facilidade, mais o ato de embainhar a espada e o sorriso de prazer, com os dentes pretos à mostra, representaram a mesma coisa.

Por todos os santos, é mesmo! Não o reconheci, senhor, guardem as armas, idiotas, não estão vendo que é um príncipe, a quem não podemos magoar?

— Não se pode culpá-los por não perceberem isso! — disse eu, rindo. — Agora não sou nem príncipe nem profeta, Brychan *braud*. Estou viajando em segredo, preciso de ajuda... e de silêncio.

— O senhor terá qualquer coisa que possamos dar, meu senhor. — Observou o meu olhar involuntário para o ferreiro e para o garoto

atento, e acrescentou depressa: — Homem algum aqui dirá uma palavra, garanto-lhe. Nem o garoto, tampouco.

O garoto anuiu, engolindo em seco. O ferreiro falou, no seu jeito áspero:

— Se tivesse sabido quem o senhor era...

— Não teria mandado o garoto correr para a aldeia com as novidades? — perguntei. — Não tem importância. Se é leal ao Rei, como Brychan, posso confiar em você.

— Todos aqui somos leais ao Rei, — falou Brychan com aspezeza — mas, se o senhor fosse o pior inimigo de Uther, em vez de filho do seu irmão e vencedor das suas batalhas, eu o ajudaria, como fariam os meus parentes e todos os homens dessas regiões. Quem foi que salvou esse meu braço, depois de Kaerconan? Foi graças ao senhor que pude erguer esta espada contra si, hoje. — Bateu no seu cabo. Eu me lembrava do braço; um machado saxão penetrara fundo, tirando uma fatia de músculo e expondo o osso. Eu costurara e tratara do braço; por artes da medicina, ou pela fé que Brychan tinha em qualquer coisa feita pelo "profeta do Rei", o braço sarara. Grande parte da sua força estava perdida, mas ainda servia-lhe. — Quanto aos demais, — terminou ele — todos somos leais. O senhor e seus segredos estão seguros aqui. Todos sabemos que o futuro do país está em suas mãos, Myrddin Emrys. Se soubéssemos que era o "viajante" que os soldados estavam procurando, nós os teríamos detido aqui até a sua chegada... e os mataríamos a um simples aceno seu. — Lançou um olhar feroz ao seu redor, e todos concordaram. Até o ferreiro resmungou em concordância, e baixou com força o malho, como se fosse um machado sobre o pescoço de um inimigo.

Expressei-lhes o meu agradecimento. Estivera por muito tempo longe do interior; por muito tempo estivera conversando com estadistas, senhores e "príncipes. Já estava pensando como eles. Não eram apenas os nobres e os reis guerreiros que poriam Artur no trono e ali o manteriam; o povo da Inglaterra também, enraizado na terra, tirando dela o seu sustento, como as árvores, o colocaria ali, e lutaria por ele. Seria a fé de todo o povo, das terras altas e das baixas, que o faria Grande Rei de todos os reinos e ilhas, da maneira completa com que meu pai sonhara, mas que não conseguira alcançar no pouco tempo que lhe fora dado. Este também fora o sonho de Máximo, o quase imperador, que vira a Inglaterra como líder das nações que lutavam do mesmo modo contra o vento frio do norte. Olhei para Brychan, com o seu braço incapacitado, para os seus companheiros, homens pobres de

uma aldeia pobre que defenderiam até morrer, para o ferreiro e seu garoto esfarrapado, e lembrei-me dos Antigos, fiéis ao passado e ao futuro nas suas cavernas frias, e pensei: desta vez será diferente. Macsen e Ambrósio tentaram pela força das armas, e lançaram as fundações. Agora, com a ajuda de Deus e do povo, Artur construirá o palácio. De repente, achei que era a hora de abandonar cortes e castelos e voltar às colinas. A ajuda viria das colinas.

Brychan estava falando de novo:

— Não quer vir conosco para a aldeia, senhor? Deixe o ferreiro terminar com a égua, e venha até a minha casa, para descansar, comer e contar as novidades. Estamos todos ansiosos para saber por que os soldados estavam à sua procura, oferecendo dinheiro, nervosos como se um reino estivesse em jogo.

— E está. Mas não para o Grande Rei.

— Ah! Eles nos queriam fazer crer que eram tropas do Rei, mas logo vi que não eram. De quem eram, então?

— Servem a Urien de Gore.

Os homens se entreolharam. O olhar de Brychan brilhava de inteligência.

— Urien, é? E por que Urien pagaria por notícias do senhor? Ou talvez estivesse pagando por notícias do Príncipe Artur?

— São a mesma coisa — concordei. — Ou logo serão. Ele quer saber para onde me dirijo.

— Para poder segui-lo até o esconderijo do menino? Está bem. Mas que lucraria Urien de Gore? É um homem de pouca importância, que não vai aumentar. Ou... espere, já sei. Seu cunhado, Lot de Lothian, lucraria, não?

— Acho que sim. Já me disseram que Urien obedece a Lot. Pode estar certo de que está trabalhando para ele.

Brychan anuiu, falando devagar:

— E o Rei Lot está noivo de uma dama que provavelmente será a Rainha, se Artur morrer... E ele está pagando para descobrir onde está o menino. Meu senhor, isto tudo cheira mal.

— Também acho. Podemos estar errados, Brychan, mas sinto nos ossos que estamos certos. E talvez haja outros, além de Lot

Urien. Esses homens foram os únicos? Não passaram por aqui de Cornwall?

— Não, meu senhor. Fique descansado, se aparecerem outros não serão ajudados. — Deu uma risada curta. — Acredito mais nos seus ossos que na palavra de honra de muita gente. Tomaremos conta

para que nenhum perigo o persiga até chegar ao príncipezinho... Se seguir algum perseguidor em Gwynedd, perderá o rastro, como acontece com o faro de um animal quando encontra água. Confie em nós, meu senhor. Somos leais ao senhor, como fomos ao seu pai. Nada sabemos desse príncipe que guarda para nós, mas se é seu, e nos diz para segui-lo e servi-lo, então, Myrddin Emrys, seremos leais a ele enquanto conseguirmos segurar espadas. É uma promessa, que por sua causa fazemos.

— Então, eu a aceitarei em nome dele, e agradeço-lhe. — Fiquei de pé. — Brychan, seria melhor que não fosse à aldeia com você, mas há algo que pode fazer por mim, se quiser. Preciso de comida para os próximos dias, vinho para a minha garrafa, forragem para a égua. Tenho dinheiro. Pode providenciar isto para mim?

— Com facilidade, e pode guardar o dinheiro. O senhor aceitou o meu dinheiro quando curou o meu braço? Dê-nos uma hora, e traremos o que pediu, em segredo. O garoto virá conosco... o pessoal já está acostumado a vê-lo trazer provisões para a ferraria. Ele trará o que for preciso.

Agradei de novo e conversamos ainda algum tempo, e contei as novidades do sul; depois, despediram-se. Nunca, em época alguma, nenhum deles (nem o garoto) contou a ninguém sobre a minha visita.

O garoto ainda não regressara quando o ferreiro terminou com a égua. Paguei-lhe e elogiei o seu trabalho. Ele aceitou como se lhe fosse devido, e, embora deva ter escutado tudo que Brychan e eu conversamos, não se mostrou impressionado por mim. Aliás, nunca achei que um homem hábil na sua ocupação, e cercado pelos instrumentos do seu ofício, devesse ficar impressionado por príncipes. As suas ocupações diferem, só isso.

— Para onde o senhor vai? — perguntou-me. Como eu hesitasse: — Não precisa ter medo de mim. Se Brychan e seus irmãos podem ficar calados, eu também posso. Trabalho para todos os homens que usam a estrada, e não sou mais leal ao Rei do que qualquer outro ferreiro que trabalhe perto de uma estrada, mas falei com Ambrósio uma vez. E o avô do meu avô ferrou os cavalos do próprio Imperador Máximo. — Enganou-se no motivo que causou a expressão do meu rosto. — É, pode ficar espantado. Faz muito tempo. Mas meu avô me contou que esta bigorna passou de pai para filho desde tempos imemoriais. Dizem por aí que o primeiro ferreiro que se instalou aqui aprendeu o seu ofício com o próprio ferreiro Weland. Então, quem mais o Imperador procuraria? Olhe.

Apontou para a porta, que estava escancarada, contra a parede. Era de carvalho, parecia prata polida, o tempo e o clima deram-lhe a cor de osso, com malhas e ondulações como água cinzenta. De um gancho próximo pendia uma sacola de pregos de ferro, e um suporte com ferros de marcar. Por toda a superfície sedosa da porta estavam as cicatrizes das marcas, que as gerações de ferreiros tinham testado.

Um A chamou-me a atenção, mas a marca era nova, ainda chamuscada e preta. Abaixo e por baixo dela, havia um sinal que parecia uma ave voando; depois uma flecha, um olho, um ou dois desenhos toscos feitos com metal em brasa pelos que matavam o tempo à espera de um serviço por terminar. Mas, num canto, distante dos demais, bem desbotadas, estavam as letras M. I. Abaixo delas uma marca profunda na madeira da porta, uma meia-lua com marcas de pregos. Era para isso que o ferreiro apontava.

— Dizem que é coice do garanhão do Imperador, mas não creio. Quando eu e os meus lidamos com um cavalo, mesmo que seja o mais selvagem, vindo das colinas, ele não escoiceia. Mas aquela, lá em cima, é verdadeira. A marca foi feita aqui, para os cavalos que Macsen Wledig levou quando foi matar o Rei de Roma.

— Ferreiro, — disse eu — esta é a única parte da sua lenda que é falsa. O Rei de Roma matou Máximo, e tomou-lhe a espada. Mas os homens de Gales a trouxeram de volta para a Inglaterra, A espada também foi feita aqui?

Demorou muito a responder e meu coração disparou enquanto esperava. Afinal respondeu, relutantemente:

— Se foi, eu nunca soube. — Obviamente, custou-lhe não aumentar os méritos da ferraria, mas disse a verdade.

— Disseram-me — continuei — que na floresta existe um homem que sabe onde está escondida a espada do Imperador. Você já ouviu falar nisso, sabe onde posso encontrá-lo?

— Não. Como saberia? Dizem que muito para o norte existe um homem santo que sabe de tudo. Mas ele mora ao norte de Deva, em outro território.

— É para onde eu ia — expliquei. — Vou procurá-lo.

— Pois se não quiser encontrar aqueles soldados, não vá pela estrada. Seis milhas para o norte há uma encruzilhada, onde a estrada para Segontium se dirige para o oeste. Ao sair, siga o rio, que o levará direto até onde há a encruzilhada com a estrada para o este...

Mas não quero ir para Segontium. Se me afastar muito para o este...

— Deixe o rio quando ele se encontrar com a estrada de novo. Saindo do vau há uma trilha que entra pela floresta, por entre azevinhos, e que depois fica fácil de seguir. O senhor irá para o norte sem avistar estrada alguma até chegar a Deva. Se perguntar ao barqueiro dali pelo homem santo da Floresta Agreste, ele indicará o caminho. Siga o rio. É uma boa trilha, impossível de não achar.

Já cheguei à conclusão de que as pessoas só dizem isto quando há grande possibilidade de não se achar. Contudo, fiquei quieto, e o garoto, que chegava naquele momento com as provisões, ajudou-me a arrumá-las. Enquanto o fazíamos, sussurrou:

— Escutei o que ele disse, senhor. Não ligue para ele. A trilha é ruim e o rio está cheio. Vá pela estrada.

Agradei e dei-lhe uma moeda pelo seu trabalho. Voltou ao seu fole, e virei-me para me despedir do ferreiro, que desaparecera num recesso escuro nos fundos da ferraria. Escutei o barulho do metal e o seu assobio, por entre dentes quebrados. Gritei:

— Já vou indo. Muito obrigado. — Prendi a respiração. Na confusão escura atrás da chaminé, as chamas tinham iluminado um novo rosto.

Um rosto de pedra; um rosto familiar, que já se encontrara em todas as encruzilhadas. Um dos primeiros Antigos, o deus das andanças, o outro Myrddin, que se chamava Mercúrio, ou Hermes, senhor das estradas altas e condutor da serpente sagrada. Como eu nascera em setembro, ele era meu. Estava ali, agora, o velho Herm que antigamente ficava lá fora olhando os transeuntes, com a cabeça encostada na parede, o musgo e o limo que o cobriam já secos, cinzentos. Reconheci o rosto entalhado, a cara chata debruada de barba, os olhos ovais e saltados, como uvas, as mãos dadas por sobre a barriga, os órgãos genitais, outrora salientes, esmagados e mutilados.

— Se soubesse que estava aí, Antigo, — falei — teria derramado vinho para você.

O ferreiro reaparecera, junto ao meu cotovelo.

— Ele recebe as suas rações, não se preocupe. Ninguém que trabalha para as estradas o negligenciaria.

— Por que o trouxe para dentro?

— O lugar dele não era aqui. Ficava no vau do rio de que lhe falei, onde a trilha que chamam de Caminho de Elen cruzava o rio Seint. Quando os romanos construíram a estrada nova para Segontium, puseram a estação de sentinelas bem na frente dele. Então, veio para cá, nunca soube como.

Falei, vagorosamente:

— No vau de que me falou? Então, é preciso mesmo que eu vá por ali. — Acenei para o ferreiro, saudei o deus. — Acompanhe-me — pedi — e ajude-me a achar o caminho... que é impossível não achar.

Ele acompanhou-me durante a primeira parte do caminho; enquanto a trilha seguia o rio, não havia problemas. Mas lá para o fim da tarde, quando o sol nublado de inverno ia-se pondo, uma névoa baixa começou a cobrir o rio, transformando-se, com o escurecer, numa neblina úmida e compacta. Era possível seguir o som do rio, embora a gente se enganasse, pois às vezes ele parecia alto e próximo, às vezes abafado e distante, por entre a neblina; mas, às vezes, o rio fazia uma curva que a trilha não acompanhava de perto e, desse modo, por duas vezes eu me perdi, embrenhando-me na floresta, sem sinal ou barulho de rio. Finalmente, perdido pela terceira vez, larguei as rédeas e deixei que Morango buscasse o caminho, refletindo na ironia da situação. Se tivesse preferido a estrada, estaria perfeitamente seguro, pois escutaria se os soldados se aproximassem, e me ocultaria deles facilmente na floresta densa de neblina.

Devia haver uma lua acima da neblina baixa. Esta parecia nuvens iluminadas, não sólidas, mas com rios de vapor com trevas pelo meio, tufos de uma coisa pálida que grudava nas árvores como neve. Por entre ela, escondidas e descobertas, as árvores nuas entrelaçavam no alto os seus ramos. O chão da floresta parecia um espesso e silencioso tapete de veludo.

Morango continuava, sem hesitar, seguindo uma trilha invisível aos meus olhos, ou o seu próprio instinto. Aqui e ali erguia as orelhas, por algum motivo que eu não via nem ouvia, e certa vez parou e jogou a cabeça para o lado como se fosse recuar, mas antes que eu pegasse as rédeas de novo, relaxou-se e apressou o passo pelo caminho da sua escolha. Deixei-a em paz. O que quer que passasse por nós no silêncio da neblina não nos faria mal. Se era este o caminho (e estava certo de que era) estávamos protegidos.

Uma hora depois do anoitecer, a égua saiu do meio das árvores, caminhou cerca de cem passos em terra plana, e parou em frente a um quadrado escuro que só podia ser uma construção. Havia um bebedouro do lado de fora. Ela abaixou a cabeça, resfolegou, e começou a beber.

Desmontei e abri a porta da casa. Era a estação de sentinelas e que me falara o ferreiro, vazia e meio abandonada, mas, aparentemente, ainda utilizada por viajantes como eu. Num canto, uma pilha 'e achas chamuscadas indicava onde fora feito um fogo recentemente e, noutro, havia uma cama feita de tábuas limpas postas sobre pedras, para evitar a friagem. Não era grande conforto, mas melhor do que muitos que eu tivera. Adormeci logo, ao som da mastigação de Morango, e dormi um sono profundo e sem sonhos até de manhã.

Quando acordei, de madrugada, o sol ainda não estava de fora. A égua dormitava no seu canto, relaxada. Fui ao bebedouro buscar água para lavar-me.

A névoa se fora, junto com o ar agradável. O chão estava coberto de geada. Olhei ao meu redor.

A estação de sentinelas ficava um pouco afastada da estrada, que cortava a floresta em linha reta do leste para o oeste. Os romanos limparam a floresta quando fizeram a estrada, as árvores foram abatidas e a vegetação rasteira ceifada por cerca de cem passos, dos dois lados do caminho pavimentado. Mas, agora, rebentos já brotavam e a vegetação rasteira era abundante; contudo, de onde eu estava, achei que vislumbrava o traçado da velha trilha que aí existia antes da chegada dos romanos. O rio, macio e tranqüilo, deslizava por cima das ruínas do caminho que cortava a estrada, através dele. Mais para longe, no limiar da terra desbastada, pude ver, escuros contra os troncos cinzentos dos carvalhos, os azevinhos que marcavam a minha trilha para o norte.

Satisfeito, quebrei a crosta de gelo que se formara sobre a água do bebedouro e lavei-me. Enquanto isso, às minhas costas, o sol apareceu por entre as árvores, no vermelho de uma madrugada fria. Sombras cresciam e se aprofundavam, listrando a grama dura. A geada brilhava. A luz aumentou, como a fogueira do ferreiro quando o fole soprava. Quando me virei, o sol, baixo e ofuscante, cegou os meus olhos. As árvores nuas destacavam-se pretas contra um céu que parecia um fogo florestal. O rio corria, derretido.

Havia algo entre mim e o rio, uma forma alta, maciça, contudo irreal contra o vermelho, enfiada nos arbustos na beira da estrada. Algo familiar, mas familiar noutro cenário, de escuridão, lugares estranhos e deuses estrangeiros. Uma pedra ereta.

Por um breve momento pensei ainda estar dormindo, e sonhando de novo. Ergui um braço para me proteger da luz e apertei os olhos, espiando.

O sol passou a copa das árvores. A sombra da floresta afastou-se. A pedra destacava-se contra a geada reluzente.

Afinal, não era uma pedra ereta. Nada de estranho, ou fora de lugar. Era um simples marco, talvez um pouco maior que o comum com a inscrição de costume para um imperador, e, por baixo, esta mensagem: A. SEGONTIO. M. P. XXII.

Quando me aproximei, vi a razão da sua altura: em vez de estar enfiada na relva, fora colocada em cima de um plinto quadrado de pedra. Uma pedra diferente. O plinto onde ficara o Herm? Afastei a grama coberta de geada. A luz do sol atingiu a pedra, mostrando uma marca que podia ser uma flecha. Então, vi o que era: os restos de uma inscrição antiga, letras borradas e gastas, parecendo uma flecha, cuja ponta indicava o oeste.

Afinal, pensei, por que não? Os sinais eram simples, mas as mensagens nem sempre vêm dos deuses para lá das estrelas. Meu deus já me falara de maneiras singelas como esta, e, ontem mesmo, eu dissera a mim mesmo que procurasse as coisas do poder no alto e no baixo. E aqui estavam: uma ferradura perdida, uma palavra de um ferreiro qualquer, uns riscos numa pedra. . . Tudo conspirava para me afastar da direção norte, e fazer com que eu seguisse para o oeste, para Segontium. Afinal, pensei de novo, por que não? Talvez a espada tivesse sido mesmo forjada naquela ferraria, temperada no Rio Seint, e depois da sua morte eles a levaram para a terra da sua mulher, onde ela ainda vivia com o seu filho pequeno. Em algum lugar de Segontium, a Caer Seint de Macsen Wledig, a Espada Real da Inglaterra, podia estar, esperando ser erguida em fogo.

10

Fiquei numa estalagem confortável em Segontium, no limiar da cidade, sem dar para a estrada principal. Havia alguns hóspedes, mas, de um modo geral, servia comida e bebida aos habitantes da localidade que iam ao mercado, ou que levavam mercadorias para o porto.

O lugar conhecera melhores dias, tendo sido construído para atender aos soldados do enorme quartel acima da cidade. Devia ter uns duzentos anos de existência; fora bem construído, em pedra, com excelente aposento, quase um átrio, em que havia uma enorme lareira e cujo teto era cruzado por vigas de carvalho, sólidas como ferro. Ainda havia restos de bancos e mesas, manchados e queimados, e ali cortados pelos punhais de legionários bêbedos, que entalharam os seus nomes e outras coisas menos respeitáveis. Era um milagre que ainda restasse alguma coisa: um bocado da pedra fora roubada, e pelo menos uma vez a estalagem fora incendiada por invasores da Irlanda; só havia agora a parede de pedra do átrio, e as vigas escurecidas sustentavam um teto de palha, em vez de telhas. A cozinha era um simples alpendre de vime mal pintado atrás da grande lareira.

Mas um fogo grande crepitava, havia um cheiro de boa cerveja e de pão assando no forno lá fora; e um barraco com acomodação e forragem para a égua. Providenciei para que ela estivesse aquecida, limpa e alimentada, antes de entrar na estalagem para pedir uma cama e uma refeição para mim.

Nessa época do ano o porto estava praticamente fechado, havia poucos viajantes nas estradas e os homens não ficavam bebendo até tarde na rua, mas iam para casa dormir logo que escurecia. Ninguém me olhou com curiosidade, ou fez perguntas. A estalagem ficou calma cedo, e eu fui para a cama e dormi profundamente.

A manhã estava bonita, um dos dias claros que dezembro às vezes joga, como ouro, entre as moedas de chumbo do inverno. Tomei cedo o desjejum, fui ver a égua, deixei-a descansando e saí a pé.

Virei para o leste, afastando-me da cidade e do porto, e seguindo pela margem do rio onde encontrei, numa elevação a meia milha da cidade, o que restava da fortaleza romana de Segontium. A Torre de Macsen fica do lado de fora, descendo a colina. Aqui ficaram os homens do Grande Rei Vortigern quando o meu avô, o Rei de Gales do Sul, chegou de Maridunum com a sua comitiva para falar com ele. Eu, um garoto de doze anos, acompanhara-os, e foi nessa viagem que descobri pela primeira vez que os sonhos da gruta de cristal eram reais. Aqui, neste recanto quieto e selvagem do mundo, senti o poder pela primeira vez, e descobri que era vidente.

Aquela também fora uma viagem de inverno. Enquanto subia o caminho coberto de ervas daninhas que levava ao portão, no meio das torres desmoronadas, tentei rememorar as cores de capas e flâmulas e

armas brilhantes, onde só havia agora, nas sombras azuis da manhã, a geada sem marcas.

As edificações estavam desertas. Aqui e ali, na alvenaria nua e caída, as marcas negras do fogo contavam a história. Via-se onde os homens arrancaram as pedras grandes, até da pavimentação das ruas para levá-las para as suas próprias construções. Cardos secos enchiam os vãos das janelas e árvores pequenas cresciam nas paredes. Havia um poço, entupido de cascalho. As cisternas transbordavam com água das chuvas, que desciam pelos sulcos das beiradas onde os homens afiavam as espadas. Não, nada havia para ver. Nem fantasmas havia. O sol de inverno brilhava sobre uma imensidão inútil e desmoronada. O silêncio era completo.

Lembro-me que, enquanto caminhava pelas cascas dos edifícios, estava pensando não no passado, nem da minha tarefa atual, mas, de um modo prático, como engenheiro de Ambrósio, do futuro. Estava avaliando o lugar como fazíamos Tremorinus, o engenheiro-chefe, e eu; mudando aqui, consertando ali, refazendo as torres, abandonando os blocos do nordeste para aproveitar os do oeste e sul... Sim, se alguma vez Artur precisar de Segontium...

Chegara ao cimo da elevação, o centro do forte, onde ficava a casa do comandante (a casa de Máximo). Estava tão abandonada quanto o resto. A porta grande pendia de dobradiças podres, o caixilho estava quebrado e dependurado, e o lugar era perigoso. Entrei com cuidado. A luz entrava pelos buracos do teto no aposento principal, e pilhas de seixos quase escondiam as paredes, com a sua pintura descascada e escurecida pela umidade. Na obscuridade distingui uma mesa (pesada demais para retirar, difícil de cortar para lenha), e, por trás dela, tiras de couro penduradas na parede. Um general já se sentou aqui, planejando conquistar Roma, como Roma conquistara a Inglaterra. Falhou, e morreu, mas o seu fracasso deixara sementes que outro rei apanhara.

— Será um só país, um reino por si mesmo, — dissera o meu pai — não apenas uma província de Roma. Roma está indo, mas nós, ao menos por algum tempo, podemos ficar.

E veio a lembrança de outra voz, a voz do profeta que às vezes falava através de mim:

— E os reinos serão um Reino, e os deuses um só Deus. Seria a hora de escutar de novo essas vozes fantasmagóricas, quando de novo um general se sentasse ali. Voltei à claridade tranqüila. Onde estaria, nesta terra abandonada, o fim da minha procura?

Daqui dava para ver-se o mar, as casas pequenas do porto, e, do outro lado, a ilha de druidas que tem o nome de Mona, ou Von, e que o povo chama de Caer-y-n'ar Von. Do outro lado, às minhas costas, ficava a Colina de Neve, Y Wyddfa, onde um homem veria os deuses caminhando, se conseguisse subir e viver nas neves. De encontro a essa neve distante, destacavam-se as ruínas da Torre de Macsen. E, subitamente, vi as coisas de novo ângulo. A torre do meu sonho; a torre no quadro da parede de Ahdjan... Deixei rapidamente a casa do comandante e cruzei o portão da fortaleza na sua direção.

Ficava no meio de um monte de pedras caídas, mas eu sabia que ali perto, enfiada num cantinho do vale próximo ao portão, e dando quase que diretamente sob a torre, ficava o templo de Mitrás; e meus pés se dirigiram, sem que os pudesse controlar, para a trilha que levava à porta do Mithraeum.

Havia degraus, rachados e escorregadios. No meio da descida, Um degrau se erguia verticalmente, quase impedindo a passagem, e, no fim, havia um monte de lama e cacos, cobertos da sujeira ri ratos e cães vadios. O lugar fedia a umidade e sujeira, e, talvez a sangue derramado. Na parede estragada acima dos degraus, a pedra fora clareada pelas aves que se empoleiraram nela; o estéreo já se cobria de limo. Um poleiro de gralha? Um corvo de Mitrás? Uma ave de rapina? Segui com cuidado pelas lajes limosas e parei no portal do templo.

Estava escuro, mas um pouco da luz do sol me seguira, e havia um buraco aberto no teto, por onde entrava alguma luz, e pude enxergar um pouco. O templo estava tão imundo e abandonado quanto as escadas que levavam a ele. Só a força do teto abobadado impedira o lugar de desmoronar sob o peso da colina acima dele. O mobiliário já desaparecera, os braseiros, os bancos, as estátuas; tal qual as ruínas lá em cima, esta era uma casca sem ocupantes. Os quatro altares menores estavam quebrados e destruídos, mas o altar central estava lá, fixo e maciço, com a sua dedicatória entalhada, MITHRAE INVICTO, mas, acima do altar, na abside, machado, martelo e fogo tinham apagado a história do touro e dos deus conquistador. Tudo que restava da figura da morte do touro era um pedaço de trigo, lá num cantinho, o entalhe vivido e novo, miraculosamente preservado. O ar me doía nos pulmões, acre com o cheiro de algum fungo.

Pareceu-me apropriado fazer uma oração para o deus que se fora. Falei alto, e o eco da minha voz voltou, não como eco, mas como resposta. Estava enganado. O lugar ainda não estava vazio. Fora um lugar santo, e a santidade fora arrancada; mas algo ainda se prendia

àquele altar frio. O cheiro acre não era de um fungo. Era de incenso apagado, de cinzas frias, de orações reprimidas.

Eu já fora seu servo. Aqui só havia eu. Caminhei devagar para o centro do templo, e estendi as minhas mãos abertas.

Luz, cor e fogo. Túnicas brancas e cantos. Chamas que subiam como sopros de luz. O berro de um touro moribundo e o cheiro de sangue. Lá fora, o sol quente e uma cidade alegre a receber o seu novo rei, e o som de risos e de pés a marchar. À minha volta o incenso pesado e doce, e uma voz que falava, através disso tudo, calma e suave:

— Derrube o meu altar. Já é hora de derrubá-lo.

Eu estava tossindo, e o ar à minha volta estava grosso de poeira, e o barulho do estrondo ainda ecoando pelas paredes do quarto abobadado. O ar tremia e tinia. Aos meus pés estava o altar, jogado de costas sob a curva da abside.

Eu fitava, ainda tonto e com a visão turva, o buraco que ele abrira no chão. O eco cantava na minha cabeça; as minhas mãos, estendidas duras para a frente, estavam imundas, com um corte sangrento numa delas. O altar era pesado, de pedra maciça, e nunca, no meu juízo perfeito, teria posto as mãos nele; mas aqui estava ele, aos meus pés, com o eco da sua queda morrendo no teto, seguido do murmúrio da alvenaria que se acomodava, quando a pavimentação desmoronada começou a deslizar para o buraco onde antes ficava o altar.

Havia algo nas profundezas do buraco; uma beirada dura e reta, um canto nítido demais para ser de pedra. Uma caixa. Ajoelhei-me para pegá-la.

Era de metal, muito pesada, mas a tampa ergueu-se com facilidade. Quem a enterrara preferiu confiar na proteção do deus, e não numa fechadura. Dentro dela, as minhas mãos encontraram uma lona podre, que se rasgou; por baixo dela, um invólucro de couro. Algo longo, esguio e flexível; aqui estava, finalmente. Removi o invólucro, suavemente, e segurei a espada nas mãos.

Há cem anos tinham-na colocado ali aqueles homens que retornaram de Roma. Ela brilhava nas minhas mãos, reluzente, perigosa e bonita como no dia em que fora feita. Era por isso, pensei, que nesses cem anos tinha-se tornado uma coisa lendária. Era fácil acreditar que o velho ferreiro Weland, que já era velho antes de os romanos chegarem, tivesse feito esta última peça antes de desaparecer, junto com os outros deuses pequenos dos bosques, regatos e rios, nas

colinas enevoadas, deixando os vales populosos para os deuses brilhantes do Mar do Meio. Podia sentir o poder da espada percorrendo as minhas palmas, como se as estivesse colocando dentro da água atingida por um raio. "Aquele que tirar esta espada de sob esta pedra é o Rei legítimo de toda a Inglaterra..." As palavras soavam claras como se fossem faladas, nítidas como se estivessem gravadas no metal. Eu, Merlin, único filho de Ambrósio Rei, tirara espada da pedra. Eu, que nunca dera ordens numa batalha, nem comandara uma tropa; que não cavalgava um garanhão, mas sim um animal castrado ou uma égua. Eu, que nunca possuía uma mulher. Eu, que não era um homem, e sim olhos e voz. Um espírito, dissera eu certa vez, uma palavra. Nada mais.

A espada não era para mim. Ela teria que esperar. Enrolei de novo a bela espada nos seus envoltórios sujos e ajoelhei-me para recolocá-la no lugar. Notei que a caixa estava mais ferrada do que eu supunha, e que havia outros objetos dentro dela.

A lona apodrecida deixava ver a forma de uma taça de boca larga como as que vira nas minhas andanças para leste de Roma, brilhando na obscuridade. Parecia de ouro avermelhado, incrustada de esmeralda. Ao seu lado, semi-embrulhada, reluzia uma cabeça de lança. A beira de um prato aparecia, coberta de safiras e ametistas.

Inclinei-me para colocar a espada no lugar. Antes que pudesse fazê-lo, subitamente, a tampa da caixa caiu, com estrondo. O barulho despertou novamente os ecos, e produziu uma cascata de pedras vindas da abside e das paredes destruídas. Aconteceu tão depressa que, em um minuto, a caixa e o buraco tinham desaparecido sob o cascalho.

Fiquei ali, ajoelhado, sufocado pela nuvem de poeira, com a espada embrulhada presa nas mãos sujas e ensangüentadas. O resto do entalhe tinha desaparecido da abside. Era só uma parede curva e nua, como a parede de uma gruta.

11

O barqueiro do Deva conhecia o homem santo de quem o ferreiro falara. Parece que morava nas colinas acima da fortaleza de Ector, no limiar da grande extensão de terra montanhosa que chamam de Floresta Agreste. Embora eu achasse que já não necessitava da orientação do ermitão, não faria mal conversar com ele, e a sua ceia

(uma capela, disse o barqueiro) ficava no meu caminho, e ele talvez me hospedasse até eu achar a melhor maneira de apresentar-me no castelo de Ector.

Quer fosse porque a posse da espada trazia poder, quer não, o fato é que viajei rápida e facilmente, sem mais sustos. Uma semana depois de ter deixado Segontium, a égua e eu íamos tranquilos pela margem verde de um lago calmo e largo, dirigindo-nos para uma luz pálida que se destacava no crepúsculo, alta como uma estrela entre as árvores da outra margem.

Demos uma longa volta ao redor do lago, e já era noite escura quando a égua, cansada, chegou a uma clareira e avistei, contra a escuridão macia e viva da floresta, a cunha do teto da capela.

Era um edifício pequeno e oblongo encostado às árvores, do outro lado de uma grande clareira. Os pinheiros formavam uma parede alta e escura, o céu era um teto de estrelas, e, para além dos pinheiros, por todos os lados, via-se o brilho dos cumes cobertos de neve, que cercavam este nicho nas colinas. Num dos lados da clareira, numa bacia de rocha musgosa, havia um laguinho parado escuro; uma daquelas fontes que afloram silenciosamente, renovando-se sempre sem fazer ruído. O ar estava tremendamente frio e com cheiro de pinheiros.

Degraus quebrados e cobertos de musgo levavam à porta da capela. Ela estava aberta, e lá dentro havia luz. Desmontei e segui com a égua. Ela bateu com o casco numa pedra, fazendo barulho. Quem quer que morasse neste lugar solitário devia ter vindo investigar, *mas* não houve nenhum som, nenhum movimento. A floresta estava parada. Lá em cima, as estrelas pareciam mover-se e respirar, como fazem no ar invernal. Retirei a cabeçada da égua e deixei-a bebendo no poço. Embrulhei-me na minha capa, subi os degraus musgosos e entrei na capela.

Era pequena, oblonga e com um teto alto; uma construção estranha para encontrar-se no coração da floresta, onde o mais provável era achar uma cabana mal feita, ou uma gruta, ou uma habitação feita entre as pedras. Mas, esta fora construída como santuário, um lugar santo para servir de moradia para um deus. O chão era de lajes de pedra, limpas e inteiras. No centro, em oposição à porta, ficava o altar, atrás do qual havia uma cortina grossa de material trabalhado. O altar estava coberto por um pano grosseiro e limpo, em cima do qual estava o lampião aceso, de fabricação caseira, mas que proporcionava uma luz forte e firme. Fora enchido com óleo recentemente, e o pavio

estava aparado e não fumegava. Perto do altar, no degrau, havia uma tigela de pedra, das que são usadas para sacrifícios; fora muito bem areada, e continha água doce. Do outro lado, havia um pote tampado de metal escuro, furado, do tipo que os cristãos usam para queimar incenso. O ar da capela ainda guardava, muito de leve, o cheiro adocicado. Três candeias de bronze, de três braços, jaziam apagadas de encontro à parede.

O resto da capela estava vazio. Quem a conservava, quem acendera o lampião e queimara o incenso, dormia noutro lugar.

Gritei:

— Há alguém aqui? — e esperei que os ecos subissem até o teto e morressem. Nenhuma resposta.

Meu punhal estava na mão; fora parar ali sem que eu tivesse consciência disso. Já me encontrara nessa espécie de situação, e ela significava uma única coisa; mas isso fora na época de Vortigern, na época do Lobo. Um homem como esse ermitão, morando sozinho num lugar solitário, confiava na proteção desse lugar, do deus e da sua santidade. Devia bastar, e bastava no tempo do meu pai. Mas as coisas tinham mudado nos poucos anos desde a sua morte. Uther não era nenhum Vortigern, mas, às vezes, parecia que estávamos voltando aos tempos do Lobo. Os tempos eram selvagens e violentos repletos de alarmas de guerra; porém, mais que isso, religiões e lealdades mudavam com tanta rapidez que mal se podia acompanhar. Havia homens que não hesitariam em matar em cima de um altar. Mas eu não imaginava que eles existissem em Rheged, quando o escolhi para refúgio de Artur.

Tive uma idéia; dei a volta no altar e afastei a cortina. Estava certo; havia um lugar atrás da cortina, um cantinho semicircular que era usado como depósito; a luz do lampião mostrava um amontoado de banquinhos, vidros de óleo e vasilhas sagradas. Nos fundos uma portinha estreita fora aberta na parede.

Entrei. Aqui, obviamente, morava o encarregado do lugar. Um quarto pequeno e quadrado fora construído no final da capela, com uma janela baixa e reentrante, e outra porta que dava, presumivelmente, para a floresta. Fui tateando na escuridão e empurrei a porta. Lá fora, a luz das estrelas mostrava o muro de pinheiros próximos, e, num canto, um alpendre onde estava estocado combustível. Nada mais.

Deixando a porta escancarada, observei o quarto. Uma cama de madeira onde se empilhavam peles e cobertores, um banquinho, uma

mesa pequena com um copo e um prato contendo os restos de uma refeição comida pela metade. Peguei o copo; estava cheio pelo meio de vinho fraco. Em cima da mesa uma vela queimara até o fim. O cheiro da vela ainda estava no ar, misturado ao do vinho e ao das cinzas na lareira. Toquei o sebo da vela; ainda estava mole.

Voltei à capela. Fiquei perto do altar e chamei de novo. Havia duas janelas altas na parede, uma de cada lado; davam para a floresta, e não tinham vidros. Se ele não estivesse muito longe, na certa me ouviria. Mas, novamente, não houve resposta.

E então, grande e silenciosa como um fantasma, uma grande coruja branca entrou pela janela e passou em frente à luz. Vi o bico cruel, as asas macias, os olhos grandes, cegos e sábios, e ela sumiu, silenciosa como um espírito. Era apenas a *dillyan wen*, a coruja branca que assombra todas as torres e ruínas da região, mas a minha pele ficou arrepiada. Do lado de fora veio o pio da coruja, longo, triste, terrível, e, em seguida, como um eco, o som de um homem gemendo.

Sem os gemidos eu só o teria encontrado de dia. Sua roupa e seu capuz eram pretos, e estava de cara para baixo sob as árvores do limiar da clareira, para além da fonte. A jarra que caíra da sua mão mostrava o que ele tinha ido fazer. Abaixei-me e virei-o com cuidado.

Era um velho, magro e frágil, com ossos quebradiços como os de um passarinho. Verifiquei que não havia nenhum quebrado e carreguei-o nos braços para dentro. Tinha os olhos semi-abertos mas estava inconsciente; um dos lados do seu rosto estava repuxado' como se o artesão tivesse passado a mão no barro, de repente borrando o contorno. Coloquei-o na cama, bem agasalhado. Havia gravetos perto da lareira, e uma pedra entre as cinzas. Trouxe mais combustível, acendi o fogo, e quando a pedra estava quente tirei-a enrolei-a num pano e coloquei-a aos pés do velho. Nada mais podia fazer por ele, no momento, então fui espiar se a égua estava bem preparei uma refeição para mim, e acomodei-me perto do fogo Dará ficar de vigília.

Cuidei dele durante quatro dias, e ninguém apareceu, salvo as criaturas da floresta e os veados selvagens, e, à noite, a coruja branca que parecia estar esperando para levar o seu espírito para casa.

Não pensei que fosse ficar bom; o rosto estava encovado e acinzentado, com a coloração azul ao redor da boca que têm os moribundos. Às vezes ficava quase consciente, parecia saber que eu estava ao seu lado. Então ficava inquieto, preocupado, achava eu, com o

santuário. Procurava falar com ele e acalmá-lo, mas parecia não entender, então eu afastava as cortinas que separavam o quarto do santuário, para que visse a lamparina acesa sobre o altar.

Foi uma época estranha para mim, de dia cuidando da capela e do seu guardião, de noite tirando cochilos e vigiando o doente, esperando que os seus resmungos fizessem sentido. Havia um pequeno estoque de comida e vinho no local e, com a carne-seca e as passas que trouxera, eu estava bem de provisões. O velho se alimentava de vinho morno misturado com água e de um tônico que eu preparara para ele com os remédios que trazia.

Não ousava abandonar o local para pedir ajuda ou para procurar mais comida. Havia o bastante para mim, e o velho mal podia engolir. Todas as manhãs ficava admirado de ver que ele ainda sobrevivia. Assim fiquei, cuidando do lugar durante o dia, e, à noite, de vigília ao seu lado, ou na capela, onde o cheiro de incenso ia desaparecendo, e o perfume dos pinheiros entrava e fazia tremular a chama da lamparina.

Recordo-me daqueles dias como uma ilha em águas correntes. Ou como uma noite de sonho que traz descanso e ímpeto, durante dias difíceis. Eu devia estar impaciente para seguir viagem, para encontrar Artur, para falar novamente com Ralf, para combinar com o Conde Ector qual a melhor maneira de aparecer na vida de Artur, sem nos denunciar. Mas não me incomodava com nada. A floresta o santuário sereno, a espada escondida na palha do alpendre, tudo me prendia ali, calmo e à espera. Nunca se sabe quando os deuses vão chamar ou vir, mas, às vezes, seus servos sentem a sua proximidade, como agora.

Na quinta noite, quando fui levar a lenha para o fogo, o ermitão falou lá da cama. Olhava para mim, deitado nos travesseiros e não tinha força para levantar a cabeça, mas seus olhos estavam firmes e desanuviados.

— Quem é você?

Larguei a lenha e fui até a cama.

— Chamo-me Emrys. Estava de passagem pela floresta e dei com o santuário. Encontrei-o perto do poço e trouxe-o para a cama.

— Eu... me lembro. Fui apanhar água... — Recordava-se com esforço, mas seu olhar era inteligente, e a fala, um pouco laboriosa, mas inteligível.

— O senhor adoeceu — expliquei. — Não se preocupe. Vou dar-lhe de beber, depois deve descansar. Tenho aqui uma bebida que vai fazer-lhe bem. Fique descansando, sou médico.

Ele bebeu, e logo ficou com melhores cores, respirando melhor. Perguntei se sentia dor, os lábios disseram um "não" mudo, e ficou ali deitado, quieto, olhando para a lamparina do outro lado da porta. Aumentei o fogo, ajeitei melhor os travesseiros para facilitar-lhe a respiração, e sentei-me para esperar com ele. A noite estava silenciosa; só se ouvia o piar da coruja branca, bem perto. Pensei: "Não terá que esperar muito, minha amiga."

Lá para a meia-noite o velho virou a cabeça nos travesseiros e perguntou de repente:

— Você é cristão?

— Sirvo a Deus.

— Tomará conta do santuário para mim quando eu me for?

— O santuário será cuidado. Confie em mim.

Assentiu, satisfeito e ficou quieto. Mas eu sentia que algo ainda o preocupava; ele pensava. Aqueci mais vinho, acrescentei o tônico e dei-lhe de beber. Agradeceu-me cortesmente, mas seu pensamento estava longe, e os olhos voltaram para a porta do santuário.

— Se quiser — falei — posso ir buscar um sacerdote cristão. Mas é preciso ensinar-me o caminho.

Fez que não com a cabeça, e fechou de novo os olhos. Depois perguntou, fracamente:

— Está escutando?

— Só estou escutando a coruja.

— Não, ela não. Os outros.

— Que outros?

— Ficam pelas portas. Às vezes no verão eles gritam como passarinhos, ou como revoadas nas colinas distantes. — Mexeu a cabeça no travesseiro. — Será que agi mal em impedir que entrassem?

Compreendi o que queria dizer. Lembrei-me da tigela de sacrifício, do poço lá fora, das candeias apagadas dos nove sagrados, de urna religião mais antiga. E parte do meu pensamento estava com a sombra branca que flutuava lá fora nos ramos da floresta. O lugar, eu pressentia, fora sagrado desde tempos imemoriais. Perguntei, suavemente:

— De quem era o santuário, Padre?

— Era chamado de lugar das árvores. Depois, de lugar da pedra. Depois, teve outro nome... mas, agora, na aldeia, chamam-no de capela do mato.

— Qual era o outro nome? Ele hesitou, depois respondeu:

— Lugar da espada.

A minha nuca ficou arrepiada, como se a espada tivesse me tocado.

— Por que, Padre? O senhor sabe?

Ficou calado por um momento, avaliando-me. Depois, fez um sinal mínimo de assentimento, como se tivesse chegado a uma conclusão satisfatória.

— Vá até o santuário e retire o pano do altar.

Obedeci, colocando a lamparina no degrau fronteiro ao altar, e retirando o pano que o cobria até o chão. Mesmo sob a cobertura de pano, dava para ver-se que o altar não era do tipo que os cristãos usam, mas, da altura da cintura de um homem, e com formato romano. Agora eu via que era isso mesmo. Ele era gêmeo do de Segontium, um altar de Mitras, com a frente quadrada e as beiradas trabalhadas. E o entale já estava quase todo desmanchado. Distingui as palavras INVICTO e MITHRAE na parte de cima, mas, no painel de baixo já não havia palavras, pois uma espada fora entalhada por cima delas, com o cabo, como se fosse uma cruz, marcando o centro do altar. O resto das letras fora removido, e a lâmina da espada entalhada em alto-relevo entre elas. Não era trabalho Perfeito, mas nítido, e tão familiar aos meus olhos quanto o cabo já era familiar às minhas mãos. Percebi, então, que a espada na pedra era a única cruz existente na capela. E, sobre ela, a dedicatória a Mitras Inconquistado. O resto do altar estava despido.

Voltei para junto do velho. Seus olhos esperavam e perguntavam. Indaguei:

— O que faz aqui a espada de Macsen, entalhada como uma cruz no altar?

Ele fechou e abriu os olhos, de leve. Respirou fundo.

— Então, é você! Você foi enviado! Já era hora. Sente-se, que eu vou contar. — Obedeci, e ele começou, com firmeza, mas com esforço. — Tenho pouco tempo para contar-lhe. Sim, é a espada de Macsen, a quem os romanos chamavam Máximo, que foi Imperador da Inglaterra antes da chegada das saxões, e que casou com uma princesa britânica. A espada foi forjada ao sul daqui, dizem que com ferro encontrado na Colina da Neve, num lugar com vista para o mar, e temperado com água que corre da colina para o mar. É uma espada para o Grande Rei da Inglaterra, feita para defender a Inglaterra contra seus inimigos.

— Por isso, não foi de valia quando a levou para Roma?

— Foi um milagre que ela não se tivesse partido nas suas mãos. Depois que ele foi assassinado, trouxeram a espada para a Inglaterra, e está à espera do Rei que possa encontrá-la e erguê-la.

— Sabe onde está escondida?

— Isso eu nunca soube, mas quando era menino e vim para cá servir aos deuses, o sacerdote do santuário me contou que ela fora levada para a terra onde fora feita, para Segontium. Ele me contou a história que aconteceu neste lugar, anos antes do seu tempo... Foi... foi depois que o Imperador Macsen morreu em Anquiléia, perto do Mar Interior, e os britânicos sobreviventes voltaram para casa. Vieram pela Bretanha, desembarcaram aqui no oeste, tomaram a estrada que passa pelas colinas e passaram por aqui. Alguns eram devotos de Mitras, e quando viram que este lugar era sagrado, esperaram pela meia-noite de verão e rezaram. Mas a maioria era cristã, e quando viram que os outros tinham terminado, pediram a um padre que os acompanhava que rezasse uma missa. Mas não havia cruz nem cálice, só o altar. Confabularam, foram buscar nos cavalos o tesouro incomensurável que tinham trazido. No meio do tesouro estava a espada, e uma xícara grande, um gral do tipo grego, larga e funda. A espada ficou contra o altar como uma cruz, beberam no gral e todos os homens ficaram com o espírito satisfeito. Deixaram ouro para o santuário, mas não quiseram deixar a espada e o gral. Um deles pegou cinzel e martelo e fez o altar como está. Depois, partiram com o tesouro e nunca mais voltaram.

— É uma história estranha. Nunca a escutei antes.

— Nenhum homem a escutou. O guardião do santuário jurou pelos deuses antigos e pelos novos que só contaria o fato ao seu sucessor. Só soube da história quando chegou a minha vez. — Fez uma pausa. — Dizem que um dia a espada voltará para servir de cruz. Por esta razão tenho tentado deixar o santuário vazio, como vê. Tirei as luzes e as tigelas de ofertório, joguei a faca torta no lago. A grama cobriu a pedra. Expulsei a coruja que tinha o seu ninho no telhado, tirei as moedas de prata e cobre do poço e dei-as aos pobres. — Nova pausa, tão grande que pensei que ele tinha morrido. Mas abriu os olhos de novo. — Fiz bem?

— Como posso saber? O senhor fez o que achava certo. Ninguém pode fazer mais.

— Que vai fazer? — perguntou.

— O mesmo.

— E não contará a ninguém o que lhe contei, a não ser àquele que deve saber?

— Prometo.

Ficou quieto, ainda com ar preocupado, os olhos fixos em algo passado e longínquo. Depois, imperceptível, mas definitivamente, como um homem entrando num riacho gelado que tem de atravessar, tomou uma decisão.

— O altar ainda está descoberto?

— Está.

— Então acenda as nove candeias e encha a tigela com vinho e óleo, e abra as portas que dão para a floresta e leve-me para onde eu possa ver a espada de novo.

Sabia que, se o erguesse, ele morreria nos meus braços. A respiração estava trabalhosa no peito magro e fazia o corpo frágil tremer. Virou a cabeça nos travesseiros, sem forças.

— Depressa. — Quando hesitei, ele teve medo. — Preciso vê-la. Faça o que digo.

Pensei no santuário, com todas as santidades antigas removidas; e na espada, escondida junto com o ouro do Rei no teto de palha do estábulo lá fora. Mas era tarde demais até para isto. — Não posso erguê-lo — disse-lhe — mas fique calmo. Trarei o altar aqui para o senhor.

— Mas, como... ? — começou ele, mas interrompeu-se, com ar de admiração, e sussurrou: — Traga depressa, então, e deixe que eu me vá.

Ajoelhei-me ao lado da cama, sem olhar para ele, fitando o coração rubro do fogo. As achas caídas formavam uma caverna incandescente, cristais reluziam num globo de fogo. Ao meu lado, a respiração laboriosa ia e vinha, como o pulsar doloroso do meu próprio sangue. Pulsava nas minhas têmporas, magoando-me. No fundo da minha barriga a dor crescia e queimava. O suor escaldante escorria pelo meu rosto, os meus ossos chacoalhavam no seu invólucro de carne, enquanto eu construía aquele altar para ele, grão por grão, polegada por polegada, na parede escura e nua. Ele ergueu-se devagar, sólido, eclipsando o fogo. A superfície da pedra luzia no escuro, a luz tocava nela e tremulava, como se ela flutuasse sobre água iluminada pelo sol. Depois, uma a uma, acendi as nove chamas que flutuavam junto com a pedra como luzes de âncora. O vinho transbordava na vasilha, o incenso fumegava. INVICTO, escrevi, e procurei, suando, a outra palavra. Mas só apareceu está única palavra,

INVICTO, e então a espada destacou-se da pedra como de dentro de uma bainha rasgada, e a lâmina era de ferro branco cheio de runas na luz bruxuleante, por baixo do cabo refulgente e da inscrição na pedra: AO INCONQUISTADO...

Era de manhã, e os primeiros pássaros estavam aparecendo. Lá dentro, tudo estava quieto. Ele estava morto, partira suavemente, como a visão que eu tinha criado para ele das sombras. Caminhei, endurecido e dolorido, até o altar, como um fantasma, para cobri-lo e acender a lamparina.

TERCEIRA PARTE - A ESPADA

Quando prometi ao moribundo que alguém cuidaria da capela não tinha pensado em mim mesmo. Havia um monastério num doo vales próximos ao castelo do Conde Ector, e não seria difícil achar nele alguém que se dispusesse a morar na capela e cuidar dela. Isto não significava que eu fosse passar adiante o segredo da espada; ele era meu e o fim da história estava nas minhas mãos.

Mas, com o passar dos dias, reconsiderarei a minha decisão de procurar os irmãos. Tive de ficar inativo, e pude pensar.

Enterrei o corpo do velho bem na hora, pois a neve chegou no dia seguinte, grossa, macia e silenciosa, envolvendo a floresta, isolando a capela e bloqueando os caminhos. Para falar a verdade, eu estava satisfeito em ficar; havia bastante comida e lenha, e a água e eu precisávamos de descanso.

Por mais de duas semanas houve neve; perdi a conta dos dias, mas o Natal e o começo do ano chegaram e se foram. Artur estava com nove anos.

Fui forçado a cuidar do santuário. Suponho que o próximo guardião lutaria, como tinha feito o velho, para que o lugar pertencesse ao seu Deus, mas eu o entregaria a qualquer deus que o reclamasse. E o deixaria aberto para quem quisesse usá-lo. Guardei o pano do altar, limpei as três candeias de bronze, coloquei-as sobre o altar e acendi as velas. Nada podia fazer quanto à pedra e à fonte até que a neve derretesse. Também não achei a faca curva, e fiquei satisfeito; não abriria a porta com prazer a essa Deusa. Conservei a água benta na vasilha de sacrifício, e queimava incenso pela manhã a noite. A coruja branca ia e vinha ao seu bel-prazer. De noite eu achava a porta da

capela por causa do frio e do vento, mas nunca a trancava, e de dia ela ficava sempre aberta, com as luzes refletindo-se na neve.

Logo depois do começo do ano, a neve derreteu e as trilhas da floresta cobriram-se de lama. Permaneci na capela. Tivera tempo para pensar, e achei que a mesma mão que me guiara até Segontium, conduzira-me à capela. Que melhor lugar para ficar perto de Artur sem chamar atenção? A capela era o esconderijo perfeito. O lugar e seu guardião seriam respeitados. O "santo homem da floresta" seria aceito sem restrições. Comentar-se-ia que havia um novo santo homem, mais jovem, mas o povo se lembraria que cada ermitão que morria era sucedido por seu ajudante, e, dentro em pouco eu seria apenas "o ermitão da Floresta Agreste", de fato e de direito. E com a capela por lar e por curato, poderia ir à aldeia buscar provisões, conversar com as pessoas, saber das novidades e fazer com que o Conde Ector soubesse que me instalara na Floresta Agreste.

Uma semana depois do começo do degelo, antes que me ariscasse a andar com Morango pelas trilhas cobertas de lama, tive visitas. Dois moradores da floresta: um homem pequeno, atarracado e moreno, vestido com peles de veado mal curtidas e fedorentas, e uma menina, sua filha, vestida com lã grosseira. Tinham a cor escura e os olhos negros, como o povo das colinas de Gwynedd, mas o rosto da menina estava contraído e acinzentado sob o queimado da pele. Ela sofria, mas em silêncio, como um animal; não se mexeu nem fez ruído quando o pai tirou os trapos que envolviam o seu pulso e o antebraço inchados e enegrecidos pela peçonha.

— Prometi que o senhor a curaria — disse ele com simplicidade.

Não fiz comentários, mas peguei a mão dela, falando gentilmente no Velho Idioma. Ela se retraiu, amedrontada, até que eu expliquei ao homem, que se chamava Mab, que precisava aquecer água e desinfetar a minha faca no fogo; aí ela deixou que ele a levasse para dentro. Cortei o abscesso, limpei e ateí o braço. Levou muito tempo, e a menina não deu um ai, mas ficou mais e mais pálida, sob a sujeira, por isso, quando terminei de pôr ataduras limpas no braço, amornei vinho para os dois, e ofereci-lhes as minhas últimas passas secas e bolinhos de cereal. Eu mesmo os fizera, procurando imitar o que vira meu criado fazer tantas vezes. A princípio eram quase intragáveis, mesmo molhados no vinho, mas, ultimamente, eu tinha aprendido o jeitinho, e fiquei contente em ver que Mab e a garota comeram com prazer e pediram mais. Da mágica e das vozes dos

deuses para os bolinhos de cereal; talvez esta fosse a menor das minhas habilidades, mas eu me sentia tão orgulhoso dela quanto das outras.

— Como é que soube que eu estava aqui? — perguntei a Mab.

— A notícia correu pela floresta. Não, não fique assim, Myrddin Emrys. Não contamos a ninguém. Mas seguimos todos os que pela floresta, e sabemos de tudo que se passa.

— Sei. O seu poder. Já me tinham contado. Talvez precise dele enquanto estiver cuidando da capela.

— E!a é sua. O senhor acendeu as candeias de novo.

— Conte-me as novidades, então. Ele bebeu e limpou a boca.

— O inverno tem sido tranqüilo. As costas estão confinadas pelas tempestades. Houve lutas no sul, mas já acabaram e as fronteiras estão intactas. Cissa velejou para a Alemanha. Aelle ficou com os filhos. No norte não há nada. Gwarthergydd brigou com o pai Caw, mas aquela turma nunca está em paz. Ele fugiu para a Irlanda, mas isso não quer dizer nada. Dizem também que Riagath está com Niall na Irlanda. Niall e Gilloman banquetearam-se juntos, e há paz entre eles.

Era um simples relato de fatos, narrado sem expressão ou compreensão, como se tivesse sido decorado. Mas eu entendi. Os saxões, a Irlanda, os pictos do norte; ameaças por todos os lados, mas somente ameaças, por enquanto.

— E o Rei? — perguntei.

— Não é mais o mesmo homem. Antes era corajoso, agora é zangado. Os seus seguidores o temem.

— E o filho do Rei? — Esperei pela resposta. Quanto, realmente, saberia esta gente?

Os olhos negros eram insondáveis.

— Dizem que ele está na Ilha de Vidro, mas, então, o que faz aqui na Floresta Agreste, Myrddin Emrys?

— Cuido do santuário. Vocês são bem-vindos aqui. Todos são bem-vindos.

Ficou quieto por algum tempo. A menina estava acocorada perto o fogo, olhando-me, aparentemente sem medo. Já terminara de comer, mas vi que surrupiara alguns bolinhos, escondendo-os nas dobras do vestido. Sorri para mim mesmo.

Falei para Mab:

— Se eu precisar mandar uma mensagem, será que o seu povo leva para mim?

— Com prazer.

— Mesmo para o Rei?

— Daríamos um jeito para que chegasse até ele.

— Quanto ao filho do Rei, — continuei — você diz que o seu povo vê tudo que se passa na floresta. Se a minha mágica alcançar o filho do Rei no seu esconderijo e fizer com que ele venha até mim, pela floresta, ele estará em segurança?

Fez o estranho sinal que eu vira os homens de Llyd fazerem e assentiu.

— Ele estará em segurança. Trataremos disso. O senhor não prometeu a Llyd que seria tão nosso rei quanto rei dos das cidades do sul?

— Ele é o Rei de todos — respondi.

O braço da garota deve ter sarado direitinho, pois ele não a trouxe de novo. Dois dias mais tarde, um faisão fresco apareceu na minha porta, junto com um odre de hidromel. Eu, por minha vez, limpei a neve que havia em cima da pedra, e pus um copo no lugar adequado acima da fonte. Nunca vi ninguém chegar perto, mas reconheci os sinais, e, quando deixava nova leva de bolinhos na porta dos fundos, ela desaparecia durante a noite, e uma oferenda a substituí. . . um pedaço de carne de veado, talvez, ou uma coxa de lebre.

Logo que os caminhos ficaram desimpedidos, selei Morango e segui para Galava. O caminho descia as margens de um regato, e seguia ao longo da margem norte de um lago. Este era um lago menor do que a vasta extensão de água em cuja cabeceira achava-se Galava; tinha pouco mais de uma milha de comprimento por um terço de milha de largura, e era margeado pela floresta em todos os lados. No meio dele, mais para o lado da margem sul, havia uma ilha, que não era grande, mas que era coberta de árvores, como que um pedaço da floresta que tivesse sido arrancado e jogado dentro das águas tranqüilas. Era uma ilha rochosa, e as árvores subiam em direção aos rochedos que se erguiam no centro dela. Os rochedos eram cinzentos, contornados pela neve que ainda restava, e tinham a aparência de torres de um castelo. Naquele dia parado eles pareciam ter polimento. A ilha nadava no seu próprio reflexo, com as torres refletidas parecendo afundar, profundamente, no centro tranqüilo do lago.

Da outra margem desse lago o regato renascia, já como um pequeno rio, aumentado pelas águas da neve, correndo rápido entre

juncos claros e pântanos escuros, entremeados de salgueiros e amieiros, na direção de Galava. Cerca de uma milha depois, o vale alargava-se, e os pântanos eram substituídos por terras cultivadas e fazendolas, com as casas dos colonos buscando a proteção das muralhas do castelo. Para além das torres de Ector, que se destacavam entre as árvores nuas, ficava o grande lago, que se estendia até onde a vista podia alcançar, misturando-se com o céu escuro.

Ceguei em primeiro lugar a uma fazenda um pouco afastada da margem do rio. Não era do tipo de fazenda que encontramos no sul ou sudoeste, à moda romana, mas do tipo que era comum aqui no norte. Era um amontoado de construções circulares, a casa principal e os barracos para os animais, tudo dentro de um grande círculo irregular cercado por uma paliçada de pedra e madeira. Quando entrei pelo portão, um cachorro acorrentado jogou-se na minha direção, latindo. Um homem, com aparência de dono, apareceu na porta de um celeiro e ficou olhando. Segurava uma podadeira. Parei e gritei um cumprimento. Ele acercou-se com ar de curiosidade, mas também com a desconfiança que todos sentem no interior com a chegada de um estranho.

— Para onde vai, estranho? Para o castelo do Conde, em Galava?

— Não. Vou ao lugar mais próximo em que possa comprar comida... carne e cereal e um pouco de vinho. Venho da capela lá na floresta. Você a conhece?

— Quem não a conhece? Como vai passando o velho Prosper? Não o vemos desde antes da nevada.

— Ele morreu pelo Natal. Ele persignou-se.

— Estava com ele?

— Estava. E agora tomo conta da capela. — Não entrei em detalhes. Seria ótimo que ele presumisse que eu já estava lá há algum tempo, ajudando o guardião da capela. — Chamo-me Myrddin — falei. Decidira usar o meu nome, em vez de "Ermys". Myrddin era um nome bem comum no oeste, e não seria ligado ao desaparecido Merlin; por outro lado, se Artur ainda se chamasse "Emrys", causaria estranheza o aparecimento de um estranho com o mesmo nome, que passasse a usufruir da companhia do menino.

— Myrddin? De onde é?

— Tomei conta de um santuário na colina em Pyfed, durante algum tempo.

— Sei. — Seus olhos me avaliaram, consideraram-me inofensivo, e assentiu. — Bem, cada um com a sua ocupação. Vai ver que as suas orações nos ajudam, ao seu modo, tanto quanto a espada do Conde na hora do aperto. Ele já sabe da mudança lá em cima?

— Não vi ninguém desde que cheguei. A neve caiu logo ar a morte de Prosper. Que espécie de homem é esse Conde E

— Um bom senhor e um homem bom. E a sua senhora é tão boi quanto ele. Nada lhe faltará enquanto eles se ocuparem da florestal

— Ele tem filhos?

— Dois garotos simpáticos. O senhor os verá quando o tempo melhorar. Cavalgam pela floresta quase todos os dias. Com certeza o Conde vai mandar chamá-lo quando voltar; ele está fora, com filho mais velho. Esperam que volte no começo da primavera. Virou a cabeça e chamou, e uma mulher apareceu na porta da casa — Catra, este é o novo homem lá da capela. O velho Prosper morreu no meio do inverno; você adivinhou que ele não durava até começo do ano novo. Tem pão sobrando, e um odre de vinho? Bom homem, aceita comer conosco enquanto não sai a nova fornada?

Aceitei, e eles foram gentis e arranjaram tudo de que eu precisava: pão, cereal, e um odre de vinho, sebo de carneiro para fazer velas, óleo para os lampiões e ração para a água. Paguei tudo e Fedor (era esse seu nome) ajudou-me a arrumar os alforjes. Não fiz mais perguntas, mas escutei todas as notícias locais que ele contou, e, satisfeito voltei ao santuário. A notícia chegaria a Ector, e o nome também} ele seria a única pessoa a ligar imediatamente o novo ermitão da Floresta Agreste com o Myrddin que sumira no inverno da sua colina gelada em Gales.

Desci de novo no começo de fevereiro, desta vez até a aldeia! onde vi que todos sabiam da minha vinda e já me aceitavam como parte do lugar, como eu previra. Se tivesse procurado ficar na aldeia ou no castelo, ainda seria o "estrangeiro" ou o "estranho", alvo de comentários incessantes, mas os homens santos eram uma classe à parte, geralmente nômades, e o povo os aceitava naturalmente, um alívio ver que nunca vinham à capela; ainda a temiam. A maioria era cristã, e procurava a comunidade de frades próxima, mas velhas crenças costumam a morrer, e acho que me respeitavam m' que ao próprio abade.

A mesma aura de santidade antiga prendia-se à ilha do lago. Perguntara a um dos homens das colinas sobre ela. Disse que chamava Caer Bannog, que significa Castelo nas Montanhas, e diziam

que era assombrada por Bilis, o rei-anão do outro mundo. Tinha a fama de aparecer e desaparecer à vontade, flutuando invisível, vezes, como se fosse feita de vidro. Ninguém chegava perto de e embora as pessoas pescassem no lago durante o verão, e os animais mais pastassem na margem ocidental, onde o rio corria para o vale, ninguém ousava aproximar-se da ilha. Certa vez, um pescador, ficara preso numa tempestade, foi forçado a levar o seu barco lá e a passar uma noite na ilha. Quando voltou para casa no dia seguinte, estava louco, e dizia que passara um ano num grande castelo feito de ouro e vidro, onde criaturas estranhas e terríveis viciavam um tesouro incomensurável. Ninguém ousou ir procurar o tesouro, porque o pescador morreu, delirando, em menos de uma semana. Ninguém mais pôs o pé na ilha, e embora (assim diziam) desse para se ver claramente o castelo num entardecer bonito, ele desaparecia quando algum bote se aproximava, e era sabido por todos que a ilha afundaria sob os pés de quem pisasse na praia.

Essas histórias nem sempre devem ser desacreditadas. Eu pensava sempre nela, nesta outra "ilha de vidro" que achara quase à minha porta, e imaginava se a sua reputação faria dela um bom esconderijo para a espada de Macsen. Ainda se passariam alguns anos até que o jovem Artur pudesse erguer a espada da Inglaterra, e entretimentos, não era seguro nem apropriado que ela permanecesse escondida no teto de um barracão na floresta. Às vezes eu me admirava que ela ainda não tivesse tocado fogo na palha. Se era mesmo a espada Real da Inglaterra, e Artur o Rei que deveria erguê-la, precisava ficar num lugar santo e assombrado, como o santuário onde eu a encontrara. E, quando o dia chegasse, o próprio menino teria de achá-la, como eu o fizera. Eu era o instrumento do deus, não a sua mão.

Assim, pensava na ilha. E um dia, tive a certeza.

Descera à aldeia novamente em março, para as minhas provisões mensais. Quando voltava, ao longo da margem do lago, o sol estava se pondo, e uma névoa leve cobria a superfície da água. Fazia a ilha parecer distante e flutuante, fantasmagórica e pronta a submergir sob um pé descuidado. O sol poente iluminava os rochedos, que pareciam erguer-se em chamas entre as árvores escuras. Nesta luz, as estranhas formações rochosas pareciam torres altas, o cimo de um castelo iluminado pelo sol, que surgia acima das árvores. Fiquei olhando, lembrando-me das lendas; de repente, freei Morango bruscamente e olhei fixamente. Lá estava de novo a torre dos meus

sonhos, a Torre de Macsen, acima da névoa flutuante, intacta e feita de crepúsculo. A torre da espada.

Levei a espada para lá no dia seguinte. Agora a neblina estava espessa e me escondia de alguém que pudesse estar observando.

A ilha ficava a menos de duzentos passos da margem sul do lago. Dava pé para a égua, na altura do peito. O lago estava calmo ' silencioso como um espelho. Não fizemos mais barulho que os veados selvagens, e vimos apenas um par de patos e uma garça que voava devagar na neblina.

Deixei a égua pastando e carreguei a espada por entre as árvores até alcançar o sopé dos rochedos. Acho que sabia o que ia encontrar. O entulho ao pé dos rochedos estava cheio de moitas e arvorezinhas, e entre os seus ramos ralos pude ver uma abertura que dava para uma passagem estreita que descia para dentro dos rochedos. Tinha trazido uma tocha. Acendi-a e desci depressa pela passagem íngreme, e encontrei-me numa profunda gruta interna aonde não chegava a luz.

À minha frente, um lençol d'água, negro e parado, inundava metade da gruta. Para além da água, de encontro ao fundo da gruta, ficava um bloco de pedra baixo; não sabia se era natural, ou se a mão do homem tinha estado ali, mas ela tinha o formato de um altar, e num dos lados havia uma cavidade redonda. A cavidade estava cheia de água, que parecia vermelha como sangue à luz fumacenta da tocha. Aqui e ali, a água pingava do teto. Quando atingia a superfície do laguinho, a água se quebrava fazendo o barulho de uma corda de harpa sendo tocada, e o seu eco ia sumir nos recantos afastados que a luz da tocha iluminava. Mas, quando pingava em cima da pedra, não tinha formado depressões, como seria de esperar-se, mas formara pilastras, que se encontravam com os pingentes de pedra que desciam da rocha sólida. O lugar era um templo, com pilastras de mármore claro e chão de vidro. Até eu, que estava aqui por direito e protegido pelo poder, fiquei todo arrepiado.

"Por terra e por água ela voltará para casa, e ficará escondida na pedra flutuante até ser erguida novamente pelo fogo." Assim falaram os antigos, que teriam reconhecido, como eu, este lugar; como o reconheceram os pescadores mortos que voltaram louvando os átrios do Rei da escuridão. Aqui, na antecâmara de Bilis, a espada ficaria em segurança até a chegada do jovem que tem o direito de erguê-la.

Atravessei o laguinho. Agora podia ver como a passagem escura continuava, por trás da mesa de pedra, até que o teto encontrasse a superfície da água, e o caminho desaparecesse abaixo do

nível do lago. Continuei a caminhar pelo laguinho. O chão inclinou-se e a água ficou mais funda. As ondinhas batiam contra a rocha, e os ecos percorriam as paredes e terminavam entre as pilastras. A água estava gelada. Coloquei a espada, ainda embrulhada como eu a encontrara, na mesa de pedra. Voltei pelo mesmo caminho. O lugar ressoava com ecos. Fiquei imóvel, eles diminuíram até um murmúrio, depois cessaram. Até a minha respiração parecia alta demais, uma intromissão. Deixei a espada na sua espera silenciosa, e voltei depressa para a luz do dia. As sombras abriram-se para dar-me passagem.

2

Abril chegou, quando se esperava Ector de volta. Na primeira semana do mês choveu e ventou, parecia inverno, e a floresta rugia como o mar, e as correntes de ar faziam as nove velas do santuário tremular e fumegar. A coruja branca observava do seu ninho no telhado, onde chocava os ovos.

Certa vez, acordei com o silêncio da noite. O vento amainara, os pinheiros sossegaram. Levantei-me, vesti a capa e fui para fora. A lua estava alta, e, ao norte, a Ursa Menor parecia tão perto e brilhante que dava vontade de tocar, mas a gente tinha medo de se queimar. O meu sangue corria leve e livre; meu corpo sentia-se recém-lavado, como a floresta. Dormi pouco o resto da noite, como um apaixonado, e ao alvorecer levantei-me, comi qualquer coisa e fui selar Morango.

O sol brilhava no céu claro, e a sua luz derramava-se na clareira. A chuva da véspera ensopava a grama e os brotos novos de samambaia; ela pingava dos pinheiros, e se evaporava, enchendo o ar do perfume de pinho. Para além dos pinheirais, as montanhas circundantes erguiam-se brancas para o céu.

Tirei a égua do alpendre, e já ia selá-la quando ela parou de pastar e ergueu as orelhas. Segundos depois, ouvi o que ela ouvira, o som de cascos a galope, o que era perigoso numa trilha sinuosa coberta de raízes e de ramos pendentes. Larguei a sela e esperei.

Um cavalo negro, a galope e com rédea curta, saiu de dentro da floresta, parou a três passos de mim, e o garoto que estava grudado às suas costas como uma sanguessuga deslizou para o chão, tudo num movimento só. O cavalo suave e espumava. As narinas deixavam ver o vermelho. O galope firme e a parada precisa tinham sido obra de um

perfeito controle. Nove anos de idade? Na sua idade eu cavalgava um pônei gordo que tinha que ser instigado a trotar.

Segurou as rédeas, competentemente, em uma das mãos e dominou o cavalo, que queria passar por ele para chegar à água. Fez isso distraído; sua atenção estava concentrada em mim. — O senhor é o novo homem santo?

— Sou.

— Prosper era meu amigo.

— Sinto muito.

O senhor não tem muito jeito de ermitão. Está mesmo cuidando da capela, agora?

— Estou.

Mordeu os lábios pensativo, fitando-me. Estava avaliando-me. Senti os meus músculos se retesarem sob o seu olhar, como nunca acontecera antes, para controlarem os nervos e as pulsações. Esperei; sabia que, como sempre, o meu rosto nada revelava. Ele devia estar vendo apenas um homem de aparência inofensiva, desarmado selando um cavalo insignificante para uma viagem de rotina em busca de suprimentos.

Chegou a uma decisão.

— Não contará a ninguém que me viu?

— Por que, quem o está procurando?

Abriu a boca, surpreso. Tive a impressão de que deveria ter dito "pois não, senhor". Virou a cabeça, vivamente. Eu também ouvi. Era um cavalo que chegava, sobre a terra musgosa. Depressa, mas não tão depressa quanto o cavalo negro esporeado.

— O senhor não me viu, lembra-se? — Vi a sua mão dirigir-se para a sacola, e parar a meio caminho. Sorriu, e fiquei surpreso; até agora, tinha-se parecido muito com Uther, mas aquele rosto iluminado lembrava o de Ambrósio, e os olhos negros também eram de Ambrósio. Ou meus.

— Desculpe. — Falou educadamente, mas bem depressa. — Garanto-lhe que não estou fazendo nada errado. Não muito errado. Logo deixarei que me alcance. Mas ele não me permite cavalgar do jeito que gosto. — Dispõe-se a montar.

— Se anda desse jeito por essas trilhas, não posso culpar o seu seguidor. Precisa mesmo ir? Vá esconder-se lá dentro. Eu arranjo um lugar para o seu cavalo descansar.

— Eu sabia que o senhor não era um homem santo — disse ele em tom de elogio, e, jogando-me as rédeas, desapareceu pela porta dos fundos.

Levei o cavalo negro para o barracão e fechei a porta. Fiquei ali por uns momentos, respirando fundo, como se tivesse emergido de águas turbulentas, acalmando-me. Dez anos, esperando por isto. Derrubara as defesas de Tintagel para Uther, e matara o seu capitão Brithael, com a pulsação menos agitada que agora. Bem, aqui estava ele, e veríamos no que ia dar. Fui para a beirada da clareira para encontrar Ralf.

Estava sozinho, e furioso. Seu alazão subia a trilha a meio galope, com Ralf abraçado ao seu pescoço. Tinha uma arranhão fino numa das faces, feito por algum galho.

O sol iluminava a clareira e deve tê-lo ofuscado. Pensei que por um momento fosse atingir-me, mas, ele me viu e parou bruscamente o animal.

— Ei, senhor! Viu um menino passar por aqui há alguns minutos?

— Vi. — Falei suavemente, e segurei a rédea. — Espere um momento...

— Saia do caminho, idiota! — O alazão, sentindo as esporas, empinou violentamente, arrancando a rédea da minha mão. Na mesma hora Ralf falou, assombrado: — Meu senhor! — e puxou o cavalo para o lado. Os cascos deixaram de me atingir por centímetros. Ralf deslizou da sela com a mesma leveza que o jovem Artur e procurou beijar minha mão. Retirei-a depressa.

— Não. E levante-se, homem. Ele está aqui, tome cuidado com o que faz.

— Santo Cristo, meu senhor, eu quase o atingi! O sol estava nos meus olhos. . . não podia ver quem era!

— Foi o que imaginei. Mas uma acolhida um tanto grosseira para o novo ermitão, não, Ralf? Esses são os modos costumeiros do norte?

— Meu senhor. . . meu senhor, desculpe-me. Eu estava zangado... — e francamente: — Só porque ele me tapeou. E mesmo quando enxerguei o diabinho não conseguí alcançá-lo. Então eu. . . — Afinal, o que eu tinha dito chegou até ele. Interrompeu-se e afastou-se, olhando-me da cabeça aos pés como se não pudesse acreditar nos seus olhos. — O novo ermitão? O senhor? O senhor é que é o "Myrddin" do santuário?. . . Mas, claro! Que idiota que eu sou, nunca liguei o

nome ao senhor... E nem a mais ninguém.. . Não ouvi uma única suposição de que ele pudesse ser Merlin. . .

— E tomara que nunca ouça. Sou apenas o guardião do santuário, e é só o que serei enquanto for necessário.

— O Conde Ector já sabe?

— Ainda não. Quando é que ele deve voltar para casa?

— Na próxima semana.

— Conte-lhe, então.

Ele assentiu, depois riu, a surpresa dando lugar à excitação e ao contentamento.

— Pelo Crucifixo, mas como é bom revê-lo, senhor! Está bem? -orno tem passado? Como chegou até aqui? E agora. . . o que vai acontecer agora?

As perguntas vinham aos borbotões. Levantei a mão, sorrindo.

— Olhe, falaremos depois. Daremos um jeito. Agora, desapareça por cerca de uma hora e deixe-me travar conhecimento com o garoto.

— Certo. Duas horas está bem? Ele vai dar-lhe um bocado de crédito por isso... eu geralmente não sou despistado com facilidade — Olhou ao redor da clareira, só com os olhos, sem mexer a cabeça. O lugar estava calmo ao sol matutino, e um tordo cantava. — Onde está ele? Na capela? Então, o senhor deve dar-me umas indicações erradas, para o caso dele estar espiando.

— Com prazer. — Virei-me e aponte para uma das trilhas que saíam da clareira. — Aquela serve? Não sei onde vai dar, mas deve bastar para fazer você sumir.

— Se não me matar — respondeu resignadamente. — Tinha que ser aquela, não é? Normalmente, diria que foi um palpite ruim mas conhecendo o senhor...

— Asseguro-lhe de que foi uma escolha ao acaso. Sinto. É assim tão perigosa?

— Bem, se for procurar Artur por ali, vou demorar um bocado. — Pegou as rédeas, fazendo gestos de agradecimento para que o nosso observador invisível pudesse ver. — Não, meu senhor, falando sério...

— Myrddin. Não seu senhor, agora, nem de mais ninguém.

— Myrddin, então. Não, é uma trilha ruim, mas dá passagem ... com dificuldade. Além do mais, é o tipo do caminho que aquele filhote de diabo teria escolhido... Já lhe disse, nada que o senhor faz é por acaso! — Deu uma risada. — Que bom tê-lo de volta! Sinto que

me tiraram um peso das costas. Esses últimos anos têm sido bem cheios, pode crer!

— Eu acredito.

Ele montou, fez uma saudação, e dei um passo atrás. Cruzou a clareira a meio galope, depois o ruído dos cascos foi diminuindo trilha acima, até que desapareceu.

O menino estava sentado na beira da mesa, comendo pão e mel. O mel escorria pelo seu queixo. Ficou em pé quando me viu, limpou o mel com as costas da mão, lambeu a mão e engoliu.

— O senhor achou ruim? Tinha muito e eu estava morto de fome.

— Sirva-se. Há alguns figos secos naquela vasilha da prateleira.

— Agora não, obrigado. Estou satisfeito. Vou dar água à Estrela. Ouvi Ralf indo embora.

Enquanto conduzíamos o cavalo até a fonte, ele me disse:

— Dei-lhe o nome de Estrela por causa da estrela branca na sua testa. Por que sorriu?

— Porque quando eu era mais moço que você tive um pônei chamado Aster, que quer dizer Estrela em grego. E, igual a você, fugi de casa certo dia, fui para as colinas e dei com um ermitão que morava sozinho (numa gruta, não numa capela, mas também era lugar solitário) e ele deu-me bolinhos de mel e frutas.

— Quer dizer que fugiu?

— Não de verdade. Só por um dia. Queria ficar sozinho. Às vezes a gente precisa.

— O senhor entendeu? Foi por isso que mandou Ralf embora

e não lhe disse que eu estava aqui? Quase todos teriam contado logo para ele. Achar que preciso ser pajeado — falou Artur ressentido. O cavalo ergueu o focinho, bufou para tirar os pingos das narinas e se afastou da água. Cruzamos de novo a clareira. — Ainda não lhe agradei. Muito obrigado. Ralf não vai ficar mal, acredite. Eu nunca conto quando consigo enganá-los. Meu guardião ficaria zangado, e eles não têm culpa. Ralf voltará para cá e eu irei com ele. E não se preocupe; não deixarei que ele lhe faça mal. Além disso, Ralf sempre acha que a culpa é minha. — O sorriso maroto, de novo. — E é mesmo. Cei é mais velho que eu, mas quem tem as idéias sou sempre eu.

Chegáramos ao barracão. Ele pensou em me dar as rédeas, depois, como antes, parou no meio do gesto, conduziu o cavalo para dentro e amarrou-o. Eu olhava da porta.

— Como é o seu nome? — perguntei.

— Emrys. E o seu?

— Myrddin; e, por estranho que pareça, Emrys. Mas é um nome comum lá na minha terra. Quem é o seu guardião?

— O Conde Ector. É o Senhor de Galava. — Largou o que fazia, com o rosto vermelho. Sabia que ele estava esperando pela pergunta seguinte, a pergunta inevitável, mas não a fiz. Passara doze anos tendo de contar a cada homem que falava comigo que era o filho ilegítimo de um pai desconhecido; não pretendia forçar o menino a esta mesma confissão. Mas havia diferenças. Ele já tinha melhores defesas do que eu tinha com o dobro da sua idade. E como o bem protegido filho adotivo do Conde de Galava, ele não tinha que viver, como eu vivera, com a pecha de bastardo. Mas as diferenças entre mim e esta criança eram mais profundas: eu me contentara com muito pouco, ignorando o meu poder; esse menino só se contentaria com o máximo.

— Quantos anos tem você? — perguntei. — Dez? Ele ficou satisfeito.

— Acabei de fazer nove.

— E já sabe andar a cavalo melhor do que eu.

Ora, o senhor é só... — Interrompeu-se e enrubesceu. Só comecei a trabalhar como ermitão no Natal — repliquei com suavidade.

— Já andei muito por aí.

— Fazendo o quê?

— Viajando. Até lutando, quando era preciso.

— Lutando? Onde?

Enquanto conversávamos, demos a volta pela porta da frente da capela, e subimos os degraus. Eram íngremes e cobertos de musgo e fiquei surpreso com a leveza com que ele os galgou. Era um menino alto e forte, com ossos que prometiam muito vigor. Havia um outro tipo de promessa; ele puxara a Uther e seria um belo homem. Mas a primeira impressão que Artur dava era a de rapidez de movimentos controlada, como a de um dançarino ou de um hábil espadachim. Aí havia algo da inquietação de Uther, mas não era bem a mesma coisa; ela provinha de uma profunda harmonia interna. Um atletaalaria em coordenação, um arqueiro de visão firme, um escultor de mão segura. Nesse menino, tudo se fundia em uma impressão de vitalidade flamejante, mas controlada.

— Em que batalhas esteve? Era moço no tempo das Grandes Guerras? Meu tutor diz que terei de esperar até fazer quatorze anos

para poder guerrear. Isso não é justo, porque Ceii é três anos mais velho e eu ganho dele na proporção de três para um. Bem, dois para um, talvez... Oh!

Quando entramos na capela, o sol às nossas costas projetou para a frente as nossas sombras, escondendo o altar. Ao nos movermos, a luz o alcançou, a luz forte da manhã, incidindo diretamente sobre a espada entalhada, fazendo com que a lâmina se destacasse nítida e brilhante das sombras na pedra.

Antes que eu pudesse falar, ele já correria para a frente para agarrar o cabo. Sua mão encontrou a pedra, com um choque que lhe percorreu o braço. Ficou assim por alguns segundos, como que era transe, depois arriou a mão e deu um passo para trás, fitando o altar.

Falou sem olhar para mim.

— Que coisa estranha! Parecia de verdade. Eu pensei: "Lá está a espada mais bela e mortífera do mundo, e é para mim". E, o tempo todo, não era real.

— Ah, mas é real — repliquei. Por entre os raios de sol ofuscantes, vi o menino, aureolado, virar-se para mim. Atrás dele, o altar reluzia com o fogo gelado. — É muito real. Algum dia ela vai estar neste mesmo altar, à vista dos homens. E aquele que ousar tocá-la e erguê-la. . .

— O quê? O que ele fará, Myrddin?

Pisquei, afastei o sol dos olhos e controlei-me. Uma coisa e ver o que está acontecendo em outro lugar qualquer da Terra; outra bem diferente é ver o que ainda não surgiu do céu. Esta última, que os homens chamam de profecia, e que eu pareço possuir, e como ser atingido nas entranhas pelo chicote de Deus, que chamamos de relâmpago. Mas, embora a minha carne sofresse com ele, eu o bendizia, como as mulheres bendizem as últimas dores do parto. Nessa visão, eu vira o que iria acontecer aqui nesse mesmo lugar; a espada, o fogo, o jovem Rei. A minha pesquisa pelo Mar do Meio, a jornada dolorosa para Segontium, o recebimento das tarefas de Prosper, a dissimulação da espada em Caer Bannog.. . agora eu tinha certeza de que entendera a vontade do deus. De agora em diante, era só esperar.

— O que eu farei? — a voz continuava a perguntar.

Acho que o menino não teve consciência da modificação da pergunta. Ele estava sério, atento, ansioso. A ponta do chicote também o tinha atingido. Mas ainda não era a hora. Vagarosamente, procurando afastar as palavras perigosas, expliquei o que ele podia compreender.

— O homem entrega a espada ao seu filho. Você terá que achar a sua. Mas, quando chegar a hora, poderá pegá-la, à vista de todos os homens.

A visão se afastou, e pude voltar à manhã clara de abril. Limpei o suor do rosto e inspirei fundo. Parecia que era pela primeira vez. Puxei o cabelo úmido para trás e sacudi a cabeça.

— Eles ficam amontoados à minha volta — falei, com irritação.

— Quem fica?

— Aqueles que velam por este lugar. — Os seus olhos me fi-tavam, à espera de maravilhas. Desceu devagar os degraus do altar. A mesa de pedra atrás dele era só uma mesa, em que havia uma espada toscamente entalhada. Sorri para ele. — Tenho um dom, Emrys, que pode ser útil e muito poderoso, mas que às vezes é inconveniente, e é sempre um bocado desagradável.

— Quer dizer que vê coisas que não existem?

— Às vezes.

— Então é um mágico? Ou um profeta?

— Digamos que um pouco de cada. Mas esse é o meu segredo, Emrys. Eu guardei o seu.

— Não contarei a ninguém. — Só isso, nem promessas nem juramentos, mas eu sabia que ele o faria. — Quer dizer que você estava prevendo o futuro? Que significava?

— Não se pode ter certeza. Eu mesmo não tenho sempre certeza. Mas uma coisa é certa: um dia, quando você estiver pronto, vai achar a sua própria espada, e será a mais bela e mortífera do mundo. Mas agora, neste momento, quer me arranjar um pouco de água? Há um copo ao lado da fonte.

Ele veio correndo. Agradei e bebi, depois devolvi o copo.

— E quanto aos figos secos? Ainda está com fome?

— Estou sempre com fome.

— De outra vez que vier, traga a sua merenda. Pode chegar aqui num mau dia.

— Trarei comida para o senhor, se quiser. É muito pobre? Não tem cara. — Avaliou-me de novo, com a cabeça inclinada. — Pelo menos, não fala como se fosse. Se quiser alguma coisa, posso tentar arranjar para o senhor.

— Não se incomode. Tenho tudo de que preciso, agora, respondi.

Ralf retornou, com os olhos cheios de indagações, mas formulando apenas as apropriadas à situação.

Voltou cedo demais para o meu gosto. Havia nove anos para repassar, e conclusões a tirar. Voltou também cedo demais para o gosto do menino, que recebeu Ralf com cortesia e escutou em silêncio as reprimendas. Deduzi pela expressão de Artur que somente a minha presença o salvara de algo mais que palavras iradas. Ele vivia sob disciplina rígida; devia saber que os reis são criados mais severamente que as demais pessoas, mas não sabia que a regra se aplicava a ele. Como seria criado Cei, e que pensaria Artur da discriminação? Quando Ralf acabou de ralar, ofereci-lhe vinho para acalmá-lo, e fui servi-lo humildemente.

Quando foi pegar os cavalos, falei rapidamente para Ralf:

— Diga ao Conde Ector que prefiro não ir ao castelo. Ele compreenderá. Os riscos são muito grandes. Ele poderá sugerir um lugar para nos encontrarmos em segurança. Costumava vir aqui?

— Nunca veio quando Prosper estava aqui.

— Então, eu descerei quando receber o seu recado. Ralf, não temos muito tempo, mas diga-me só isto: desconfia de que alguém tenha suspeitado quem é o menino? Não houve ninguém rondando o castelo, nada de suspeito?

— Nada. Continuei, devagar:

— Eu vi uma coisa quando você o trouxe da Bretanha. Vocês foram atacados perto do desfiladeiro. Por quem? Viu?

Ele ficou olhando para mim.

— Quer dizer lá perto das rochas, entre Mediobogdum e aqui? Lembro-me bem. Mas como é que o senhor soube disso?

— Vi no fogo. Eu os observava sempre. Que foi, Ralf? Por que essa cara?

— Foi uma coisa esquisita — respondeu devagar. — Nunca me esqueci. Naquela noite, quando nos atacaram, pensei tê-lo ouvido gritar o meu nome. Um aviso, claro como uma trombeta, ou o latido de um cão. E, agora, o senhor diz que estava olhando. — Mexeu os ombros como se tivesse sentido um arrepio, depois deu uma risada. — Já me esquecera do que é capaz, meu senhor. Acho que vou ter que me acostumar de novo. Ainda nos observa? Às vezes, isto pode ser meio de mau jeito.

Dei uma risada.

— Não os observo mais. Acho que pressentiria o perigo, se houvesse algum. No mais, deixo tudo em suas mãos. Mas, diga-me, descobriu quem os atacou naquela noite?

— Não. Não usavam brasão. Matamos dois deles e nada encontramos que os identificasse. O Conde Ector achou que eram malfeitores ou ladrões. Eu também acho. E nunca houve mais nada desde então, nada mesmo.

— Era o que eu pensava. E, agora, nada deve ligar Myrddin, o ermitão, a Merlin, o feiticeiro. O que estão comentando sobre o novo homem santo da capela da mata?

— Somente que Prosper morreu e que Deus mandou um substituto na hora certa, como sempre. Que o substituto é moço e com jeito de quieto, mas que não é tão quieto como parece.

— Que querem dizer com isto?

— Não tem duplo sentido. É que nem sempre o senhor se conduz como um humilde ermitão.

— Não? Não sei por que; é o que sou normalmente. Preciso tomar mais cuidado.

— Acho que o senhor acredita mesmo nisso. — Ele sorria, divertido. — Não se preocupe, eles só acham que o senhor é mais santo que a maioria. Este lugar sempre foi assombrado, e agora parece que é mais. Falam num espírito que tem a forma de um enorme pássaro branco e que voa em cima dos rostos dos homens que se aventuram pela trilha... as coisas de sempre sobre assombrações, tolices da roça, em que não se pode acreditar. Mas há duas semanas sabia que uma tropa vinha vindo para cá, proveniente de Alauna, e que uma árvore bloqueou a trilha, caindo sem aviso, e não havia vento soprando?

Não sabia. Alguém se machucou?

— Não. E eles seguiram por outro caminho.

— Sei.

Ele me fitava com curiosidade.

— Os seus deuses, meu senhor?

— Pode chamá-los assim. Não imaginava que ia ser tão bem protegido.

— Então o senhor sabia que uma coisa dessas ia acontecer?"

— Não, até que você me contasse. Mas, sei quem o fez, e por quê.

Ele franziu a testa, pensativo.

— Mas se foi feito de propósito... Se eu trazer Emrys para cá de novo...

— Emrys estará a salvo. E será o seu salvo-conduto também Ralf. Não tenha medo deles.

Notei que tremeu ao ouvir a palavra "medo", depois assentiu. Parecia ansioso, até tenso. Perguntou:

— Quanto tempo acha que ficará aqui?

— É difícil dizer. Tudo depende da saúde do Grande Rei. Se Uther tiver uma recuperação total, talvez o menino fique aqui até completar quatorze anos, quando estará pronto para encontrar-se com o pai. Por que, Ralf? Não pode resignar-se à obscuridade por mais alguns anos? Ou é muito exaustivo tomar conta do jovem cavaleiro?

— Não. . . quer dizer, sim. Mas não é por isso que... — Gaguejava ruborizado.

Perguntei divertido:

— E quem é ela?

Não compreendi a sua cara fechada até que perguntou, depois de uma pausa:

— O que mais o senhor viu quando olhava Artur no fogo?

— Meu caro Ralf! — Não era o momento apropriado para dizer-lhe que as estrelas tendem a espelhar apenas o destino dos reis e a vontade dos deuses. Respondi, mansamente: — A Visão não costuma levar-me para além das portas dos quartos de dormir. Adivinhei. O seu rosto é transparente como uma cortina de gaze. E precisa lembrar-se de chamá-lo de Emrys até quando está zangado.

— Desculpe. Não quis dizer. . . Não que houvesse algo que o senhor não pudesse ter visto. . . quero dizer, eu nunca entrei no quarto de dormir dela... quero dizer, ela é.. . Ora, mas que inferno, eu devia saber que o senhor já estaria a par. Não quis ser insolente. Esqueci que o senhor não encara as coisas como os outros homens. Nunca sei onde estou pisando, com o senhor. O senhor esteve fora tanto tempo... Os cavalos estão chegando. Ele também selou o seu. Não disse que não ia descer hoje?

— Não pretendia. Deve ser idéia de Emrys.

E era. Logo que nos avistou à porta, Artur gritou:

— Trouxe também o seu cavalo, senhor. Não quer nos acompanhar um pouco?

— Se formos na minha velocidade, não na sua.

— Podemos ir andando, se quiser.

— Oh, não quero sujeitá-los a isso. Mas vamos deixar Ralf ir na frente, está bem?

A primeira parte da descida era íngreme. Ralf ia à frente e Artur atrás dele, e o cavalo preto pisava muito firme, mesmo, pois Artur ficou o tempo todo com a cabeça virada para trás, conversando comigo. Parecia que era o garoto que tinha nove anos para recuperar; eu nem precisava fazer perguntas; todos os detalhes, pequenos e grandes, da sua vida saíram aos borbotões, e no final eu sabia tudo sobre a casa do Conde Ector, e sobre o lugar que ele ocupava nela... sabia até mais que o menino.

Afinal, saímos de dentro dos pinheiros, e chegamos a um bosque de carvalhos e castanheiros onde já se cavalgava com mais facilidade, e, meia milha adiante, alcançávamos a trilha fácil que contornava o lago. Caer Bannog, iluminada pelo sol, flutuava acima do seu segredo. O vale alargava-se à nossa frente, e logo deparamos com a linha de salgueiros que indicava o rio.

Parei o meu cavalo no ponto onde o rio deixava o lago. Quando me despedia deles, o menino perguntou depressa:

— Posso voltar breve?

— Venha quando quiser. . . quando puder. Mas prometa-me uma coisa.

Fez um ar desconfiado, que significava que pretendia cumprir o que quer que promettesse.

— O quê?

— Que não virá sem Ralf ou outro acompanhante. Não fuja da próxima vez. Esta floresta não se chama Floresta Agreste sem razão.

— Ah, sei que dizem que é mal-assombrada, mas não tenho medo do que mora nas colinas, não depois que vi. . . — Interrompeu-se, e mudou de direção sem titubear — não com o senhor aqui. E se forem lobos, tenho o meu punhal, e os lobos não atacam de dia. Além disso, lobo nenhum alcança Estrela.

— Eu estava pensando em outro tipo de animal selvagem.

— Ursos? Javalis? — Não, homens.

— Ah! — A sílaba correspondia a um dar de ombros. Era coragem, é claro; aqui também havia bandidos, como em todo lugar, mas era também inocência. Assim o Conde Ector o criara. A cabeça mais vulnerável e procurada do reino, e o perigo era só uma palavra para ele.

— Está bem — continuou — prometo. Fiquei satisfeito. Os guardiães das colinas ocas podiam vigiá-lo para mim, mas protegê-lo já era outra história. Para isso era preciso o poder de Ector, e o meu.

— Minhas saudações ao Conde Ector — disse a Ralf, e vi que ele entendeu os meus pensamentos. Separamo-nos. Fiquei olhando enquanto cavalgavam pela relva ao longo do rio, o cavalo negro ansioso para correr, o alazão de Ralf inquieto ao seu lado, e o garoto falando e gesticulando. Finalmente, conseguiu o que queria, pois, de repente, Ralf esporeou o alazão que partiu a galope. O cavalo preto, esporeado uma fração de segundo depois, seguiu atrás dele como uma flecha. Quando as duas figuras velozes iam desaparecer por trás de uns vidoeiros, a menor virou-se na sela, e acenou. Tinha começado.

Ele voltou no dia seguinte, trotando comportadamente clareira adentro, com Ralf logo atrás. Artur trazia de presente ovos, bolinhos de mel, e a informação de que o Conde continuava ausente, mas que a Condessa achava que a influência de um homem santo seria muito benéfica, e que ele poderia vir ver-me sempre. O Conde me encontraria quando voltasse.

Foi Artur quem deu o recado, não Ralf, e não viu nada demais nele, só as precauções habituais de um guardião que ele achava severo demais.

Quatro ovos estavam quebrados.

— Só mesmo Emrys — falou Ralf — podia imaginar que conseguiria trazer ovos montado nesse potro selvagem.

— Ele saiu-se muito bem, pois só quebrou quatro.

— É, só mesmo Emrys faria isto. Nunca fiz uma viagem mais tranqüila desde a última vez que escoltei o senhor.

Depois, deu uma desculpa qualquer e foi embora. Artur lavou a crina do cavalo que estava suja dos ovos, depois veio ajudar-me a comer os bolinhos de mel, e bombardear-me com perguntas sobre o mundo que havia fora dos limites da Floresta Agreste.

Alguns dias mais tarde, Ector retornou a Galava, e tomou as providências para encontrar-me.

Já devia estar-se comentando que o garoto Emrys fora duas ou três vezes à capela na mata, e era lícito esperar-se que o Conde Ector ou a sua senhora quisessem conhecer o novo encarregado picou combinado que Ector e eu nos encontraríamos, por acaso, na fazenda de Fedor. Fedor e sua mulher eram de absoluta confiança. As outras pessoas apenas viam o novo ermitão vindo buscar as provisões de

costume, e o Conde, que ia passando e aproveitou a oportunidade para travar conhecimento com ele.

Fomos para uma salinha pequena e enfumaçada, o nosso anfitrião deu-nos um pouco de vinho, e deixou-nos a sós.

Ector pouco mudara, só estava com a barba e os cabelos mais grisalhos. Quando, após os cumprimentos iniciais, eu fiz este comentário, ele riu.

— Não é de surpreender. Você bota um ovo de cuco dourado no nosso ninho tranqüilo, e quer que eu continue despreocupado? Não, não, homem, estou só brincando. Drusilla e eu queremos muito bem ao menino. Não importa o que o futuro nos reserve, estes anos foram bons, e se fizemos um bom trabalho, foi porque trabalhamos com material de primeira.

Começou a contar a sua administração. Cinco anos é muito tempo, e muito havia que contar. Quase não falei, só escutei. Algumas coisas eu já sabia, ou porque vira no fogo, ou porque o menino me contara. Mas o que realmente se destacava da narrativa de Ector era a afeição profunda que ele e a mulher dedicavam ao pupilo. Não apenas eles dois, mas o resto do pessoal da casa, que não tinha a menor idéia de quem era realmente, era profundamente afeiçoado a Artur. Minha impressão dele fora correta: tinha coragem, inteligência viva e pronta, e um enorme desejo de se destacar. Não tinha a cabeça fria e nem era cauteloso (os mesmos defeitos do pai. . .)

— Mas, que diabo, quem quer que um guri seja cauteloso? Isto ele vai aprender da primeira vez em que for magoado, ou quando conhecer um homem em quem não possa confiar — falou Ector com aspereza, dividido entre o orgulho que sentia pelo menino e o que sentia pela sua atuação como guardião.

Quando toquei neste assunto, e comecei a agradecer pelo que havia feito, interrompeu-me abruptamente.

— Bem, ao que me consta, está muito bem instalado por aqui. Que bela chance teve de aparecer na Capela Verde bem na hora de substituir o velho Prosper!

— Chance? — perguntei.

— Ai, ai, já estava esquecendo com quem estava falando! Faz muito tempo que não temos um feiticeiro por aqui. Bem, para um simples mortal como eu parecia só chance. Seja lá o que for, foi a melhor coisa; você não poderia ter ficado no castelo, pois temos lá um sujeito que o conhece bem: Marcelo, casado com a irmã de Valério. É o meu mestre-de-armas. Talvez eu não devesse tê-lo contratado,

sabendo que você deveria voltar, mas ele é um dos melhores oficiais do país, e Deus sabe que vamos precisar do máximo, aqui no norte. Também é o melhor espadachim do país. Pelo bem do menino, não quis perder esta oportunidade. — Olhou-me vivamente — Do que está rindo? Isto também não aconteceu por chance?

— Não, — respondi — foi Uther. — Conte-lhe da conversa que tivera com o Rei sobre o treinamento de Artur. — É bem típico de Uther ter mandado um homem que me conhecia. Bem, mas ele não pode pensar em duas coisas ao mesmo tempo. . . Está certo vou ficar afastado. Você pode arranjar um bom motivo para deixar o menino ir visitar-me?

— Já espalhei por aí que ouvi falar de você, e que você é um homem culto e viajado, e que pode ensinar aos meninos coisas que o Abade Martin e os padres não podem. Todos saberão que eu os autorizei a procurarem-no sempre que tiverem vontade.

— "Os"? Pensei que Cei já não necessitasse de tutor.

— Ah, ele não iria para aprender! — A voz do pai denotava um orgulho meio pesaroso. — Ele é como eu, o meu Cei só pensa nas artes de batalha. Nunca será o espadachim que Artur promete ser, mas é tenaz e esforçado. Ele não voltará a segunda vez se tiver que aprender coisas em livros, mas, sabe como são os meninos, o que um quer, o outro também quer, e mesmo que eu quisesse, não conseguiria afastá-lo daqui, depois de tudo que Artur lhe contou. Artur não fala noutra coisa desde que cheguei, até disse a Drusilla que era seu dever sagrado vir todo dia ver se você tinha bastante comida. É, pode rir. Você botou feitiço nele?

— Que eu saiba, não. Gostaria de ver Cei novamente Era um bom menino.

— Não é fácil para ele — explicou Ector — saber que o garoto, apesar de três anos mais novo, é quase tão bom quanto ele, e que provavelmente o sobrepujará quando forem homens. E quando eram menores era sempre: "Deixe Emrys ter tanto quanto você. . . ele é o filho adotivo, é um convidado." Talvez tivesse sido mais fácil se houvesse outros. Foi muito difícil para Drusilla, sem poder favorecer nem um nem outro, mas tendo que demonstrar a Cei que ele era o filho verdadeiro, sem que Artur se sentisse alijado. Cei trata bem o outro menino, embora sinta um pouco de ciúme, mas não haverá o que temer no futuro, garanto-lhe. Mostre-lhe a quem deve ser leal, e nada o modificará. Ele é como o pai: um cachorro lerdo, mas quando morde não larga. — Continuou a conversar, e eu escutava, recordando a

minha infância tão diferente, um bastardo e um intruso naquela corte. Eu era quieto e não demonstrava nenhum talento que pudesse despertar inveja, enquanto Artur sobressaía entre outros meninos, como um jovem dragão numa ninhada de salamandras.

Afinal, Ector suspirou, bebeu e largou o copo. — Mas isto são águas passadas. Cei fica ao meu lado, agora, entre os homens, e Bedwyr faz companhia a Artur. Quando falei no plural, não estava me referindo a Cei. Temos outro menino conosco. Trouxe-o de York. Chama-se Bedwyr e é filho de Ban de Benoic. Conhece-o?

— Conheço.

— Ele pediu-me que ficasse com Bedwyr por um ou dois anos. Soube que Marcelo estava aqui, e queria que Bedwyr aprendesse com ele. Tem mais ou menos a mesma idade de Artur, por isso não me incomodei com a sugestão de Ban. Você gostará de Bedwyr. Um menino tranqüilo; não demasiado inteligente, segundo o Abade Martin, mas um bom garoto, e parece gostar de Emrys. Cei pensa duas vezes antes de se meter com esta dupla. Bem, então fica assim. Vamos torcer para que o Abade Martin não queira travar a roda! — Será que o faria? — Bem, o menino é cristão. Prosper aparentemente serviu a Deus, nestes últimos anos, mas todos sabem que a Capela Verde acolheu outros deuses que não o verdadeiro Cristo, em outras épocas. O que faz você lá em cima, na floresta?

— Eu acredito em honrar o deus que se me apresenta — respondi. — Isto é ser sensato e cortês. Às vezes, acho que nem os deuses ainda decidiram. A capela fica aberta, e entra quem quer.

— E Artur?

— Numa casa cristã, Artur honrará o Deus de Cristo. O que ele fará num campo de batalha já é outra coisa. Ainda não sei qual o deus que dará a espada ao menino, e não creio que Cristo tenha sido grande coisa como espadachim. Mas veremos. Posso servir-lhe mais vinho?

— Como? Ah, sim. — Ector piscou, umedeceu os lábios e mudou de assunto. — Ralf me contou que você fez perguntas sobre a emboscada de Mediobogdum, há cinco anos. Eram apenas ladrões. Por que pergunta? Acha que há alguém interessado, agora?

— Tive problemas na viagem para o norte. Ralf disse que por aqui não houve nada.

— Nada. Já fui duas vezes a Winchester e uma vez a Londres, e ninguém fez uma única pergunta, o que certamente teria acontecido se houvesse suspeitas de que o menino estava aqui pelo norte.

— Lot nunca se aproximou ou demonstrou interesse?

Um olhar ligeiro.

— Ah? ele! Bem, da parte dele nada me surpreenderia. Alguns dos problemas que temos tido por aqui teriam sido evitados, se determinado cavaleiro desse mais atenção aos assuntos do seu reino em vez de estar procurando cortejar um trono.

— Então, é isto que comentam. Ele está atrás do lugar do Rei e não de um lugar ao lado do Rei?

— Seja lá o que for, ele e Morgiana estão comprometidos; vão se casar quando a menina fizer doze anos. Não há jeito de desmanchar essa união agora, nem que Uther quisesse.

— E você não está satisfeito?

— Ninguém está, aqui, nesta região. Dizem que Lot tem aumentado continuamente as suas fronteiras, e nem sempre pela força. Tem havido reuniões. Se ele estiver com muito poder na época do declínio de Uther, talvez voltemos aos tempos do Lobo. Os saxões chegando a cada primavera, queimando e violando até o Caminho Penino, e os irlandeses vindo juntar-se a eles, e mais do nosso povo fugindo para as montanhas e para o pouco conforto que encontram por lá.

— Quando foi a última vez que viu o Rei?

— Há três semanas. Quando estive em York, mandou chamar-me e fez perguntas sobre o garoto.

— Que tal está ele?

— Está bem, mas não tão afiado quanto antes. Dá para entender?

— Perfeitamente. Cador de Cornwall estava com ele?

— Não. Ainda estava em Caerleon. Dizem que...

— Em Caerleon? — indaguei vivamente. — O próprio Cador esteve lá?

— Esteve — respondeu Ector, surpreso. — Pouco antes de você sair de casa. Não sabia?

— Devia ter sabido — comentei. — Mandou um grupo de homens armados revistar a minha casa em Bryn Myrddin, e vigiar os meus movimentos. Despistei-os, acho, mas não imaginava estar sendo vigiado por dois grupos ao mesmo tempo. Urien de Gore também tinha gente em Maridunum, e me seguiram até Gwynedd. — Conte-lhe sobre Crinas e a gente de Urien, e ele escutou, de testa franzida. Perguntei: — Não ouviu falar em nada disso por aqui. Eles não fariam perguntas abertamente, mas esperariam, vigiariam e escutariam.

— Não. Eu teria sido avisado se aparecessem estranhos. Vo« deve tê-los despistado. Fique tranqüilo, os homens de Cador não virão para estes lados. Ele está agora em Segontium, sabia?

— Quando estive lá, ele estava sendo esperado. Sabe se pretende fazer de Segontium o seu quartel-general, agora que Uther nomeou-o chefe das Defesas da Praia Irlandesa? Falou-se em sitiá-lo?

— Falou-se, sim, mas acho que não vai dar em nada. Seria uma tarefa que consumiria mais tempo e dinheiro do que Uther pode gastar, agora. Acho que Cador vai guarnecer Segontium e as fortalezas da fronteira, e vai instalar o seu quartel-general no interior, de onde pode dirigir as suas forças para os pontos de ataque. Talvez em Deva. Rheged está em Luguwallium. Fazemos o possível.

— E Urien? Está firme lá no leste, onde é o seu lugar?

— Bem instalado na sua rocha — falou Ector, com satisfação sombria. — E uma coisa é certa. Até que Lot se case com Morgiana, na presença de todos os bispos do reino, e que haja prova positiva da consumação, ele não moverá um dedo para derrubar Uther, nem deixará que Urien o faça. E nem ele vai encontrar Artur. Se não sentiram o cheiro do menino nesses nove anos, não há de ser agora que vão pegar a pista. Fique descansado. Quando Morgiana estiver com doze anos, pronta para ser levada para a cama, Artur estará com quatorze, a idade em que o Rei prometeu mostrá-lo ao reino. Essa será a hora de lidar com Lot e Urien, mas, se a hora for antecipada, será pela vontade de Deus.

Com isso, nos separamos, e eu voltei sozinho para o santuário.

4

Depois disto, Artur vinha ver-me duas ou três vezes por semana, às vezes com os dois meninos, mas, geralmente, só com Bedwyr. Cei era um menino louro e grande, parecido com o pai, que tratava Artur com um misto de proteção e afeição fanfarrã que devia ser irritante, às vezes, para o garoto mais novo. Mas Artur parecia gostar do seu irmão de criação e queria partilhar com ele das alegrias que encontrava nas visitas que me fazia. Cei apreciava as histórias de lugares distantes que eu contava, e as histórias de lutas., conquistas e batalhas, mas logo se cansava de discutir o modo como os Povos viviam e governavam seus países, e as lendas e crenças que Artur adorava ouvir. Com o passar do tempo, Cei foi deixando de vir,

acompanhando o pai, segundo me contavam os outros dois, nos Aportes ou nos negócios; às vezes caçava, patrulhava, visitava os vizinhos com o Conde Ector. Depois do primeiro ano, eu raramente via Cei.

Bedwyr era completamente diferente, um menino sossegado idade de Artur, meigo e sonhador como um poeta, e um seguidor inato. Ele e Artur eram como os dois lados de uma mesma moeda. Bedwyr acompanhava o outro com devoção canina; não procurava esconder o seu afeto por Artur, mas nada havia de efeminado nele apesar das maneiras meigas e dos olhos de poeta. Era um menino sem atrativos, com o nariz achatado em alguma briga, e mal consertado, e a cicatriz de uma queimadura na face. Mas tinha o caráter firme e bom, e Artur lhe queria bem. Como filho de Ban, um rei pequeno, Bedwyr era superior em *status* a Cei, e, segundo os meninos imaginavam, pertencia a uma esfera completamente diferente da de Artur. Mas isto nunca preocupou nem a Bedwyr nem a Artur, um oferecia devoção, o outro a aceitava.

Certo dia, perguntei-lhes:

— Conhecem a história de Bisclavaret, o homem que virou lobo? — Bedwyr, sem responder, foi buscar a harpa e colocou-a ao meu lado. Artur, deitado na cama, com o queixo apoiado na mão e os olhos brilhantes à luz do fogo (era uma tarde fria, no fim da primavera), falou impaciente:

— Deixe pra lá, não precisa a música. Conte a história. — Bedwyr acomodou-se ao lado dele, sobre as cobertas, e eu dedilhei as cordas e comecei.

Era uma história impressionante, que Artur escutou satisfeito, mas Bedwyr foi ficando cada vez mais quieto, e os seus olhos foram ficando maiores. Já estava escurecendo quando voltaram para casa, acompanhados por um criado parrudo. Artur, quando ficou sozinho comigo no dia seguinte, contou que Bedwyr tivera pesadelos durante a noite.

— Mas, sabe, Myrddin, quando estávamos voltando para casa ontem, e a história ainda estava fresca nos seus ouvidos, vimos algo deslizar por entre as árvores, e pensamos que fosse um lobo, e Bedwyr botou-me entre ele e Leo. Eu sabia que ele estava com medo, mas disse que era o seu dever proteger-me, e suponho que seja, porque ele é filho de um rei e eu...

Interrompeu-se. Nunca pisara neste terreno delicado. Fiquei calado e esperei.

— ... sou seu amigo.

Conversei com ele, então, sobre a coragem e o momento passou. Lembro-me do que disse depois sobre Bedwyr. Lembrei-me muitas vezes, nos anos que se seguiram, quando a amizade nunca arrefeceu, nas situações mais delicadas.

Ele disse, com toda a seriedade, como se, aos nove anos, tivesse certeza:

Ele é o companheiro mais corajoso, e o melhor amigo do mundo.

* * *

Ector e Drusilla fizeram com que Artur soubesse o que podia sobre o seu pai e a Rainha. Ele sabia, como todo mundo no país, que havia um jovem herdeiro à espera (na Bretanha, na Ilha de Vidro, na torre de Merlin) da sucessão. Ele mesmo me contou a história que corria sobre "o estupro de Tintagel". A lenda estava, cada vez mais, enriquecida. Agora, contava-se que Merlin transportara o grupo do Rei, com cavalos e tudo, para dentro da fortaleza, e para fora no dia seguinte, tudo invisível.

— E contam — terminou Artur — que um dragão ficou enrascado a noite toda nas torres, e que no dia seguinte Merlin montou nele e saiu voando, deixando um rastro de fogo.

— Não diga! É a primeira vez que ouço isto.

— Conhece a história? — perguntou Bedwyr.

— Conheço uma canção que está bem próxima da verdade. Quem me contou foi um homem que esteve em Cornwall.

Ralf estava presente, escutando, divertido. Fiz-lhe uma pergunta muda e ele fez que não com a cabeça. Ele não tinha dito a Artur que morara em Tintagel, e ninguém podia adivinhar. Falava com sotaque do norte.

Assim, contei aos meninos a verdade (e quem a conhecia melhor?) sem os enfeites de fantasia que o tempo e a ignorância tinham acrescentado. A história já era bem fantástica por si mesma; a vontade de Deus e o amor humano juntos na noite escura sob a luz da grande estrela, e a semente plantada que faria nascer um grande Rei.

— Assim, fez-se a vontade de Deus, e a do Rei, e os homens, como sempre, cometeram erros e morreram por causa deles. E, pela manhã, o feiticeiro foi embora sozinho cuidar da sua mão quebrada.

— Nenhum dragão? — indagou Bedwyr.

— Nenhum dragão — respondi.

— Prefiro o dragão — disse Bedwyr com firmeza. — Vou continuar a acreditar no dragão. Ele ter ido embora sozinho é muito decepcionante. Um feiticeiro de verdade não teria feito isto, não é,

— Claro que não — respondeu Ralf, ficando de pé. — Vamos indo, já está escurecendo.

Não lhe deram atenção.

— O que não entendo mesmo — falou Bedwyr — é que um rei possa se arriscar tanto por uma mulher. Ser fiel aos seus pares é muito mais importante que a posse de qualquer mulher. Eu nunca me arriscaria a perder nada de realmente importante por este motivo.

— Nem eu — disse Artur, lentamente. Ele estivera meditando sobre o assunto. — Mas acho que compreendo, apesar disso. A gente tem que levar o amor em consideração.

— Mas não se pode arriscar a amizade por causa dele — apressou-se a dizer Bedwyr.

— Claro que não — replicou Artur. Ele falava em termos gerais, enquanto Bedwyr referia-se a uma amizade, um amor.

Ralf começou a falar, mas neste momento uma sombra passou silenciosa em frente à luz do lampião. Os meninos nem ligaram, era só a coruja branca que entrara pela janela e ia para o seu poleiro no teto. Mas a sua sombra passou por cima da minha pele como uma mão gelada, e eu tremi.

— Que foi, Myrddin? — perguntou logo Artur. — É só a coruja. Você parece que viu um fantasma!

— Não foi nada. Não sei.

Eu não sabia, mas agora sei. Estávamos falando em latim, como de hábito, mas a palavra que ele empregou para a sombra sobre a luz foi celta: *guenhwyvar*.

Eu também contava a eles a história do seu país, fatos recentes, Ambrósio e a sua guerra contra Vortigern, e como ele unificara os reinos, e se tornara o Grande Rei, e trouxera a justiça para todos, pelo uso da espada, e que, por alguns anos, os homens puderam cuidar da sua vida em paz, sem serem molestados; se o fossem, poderiam recorrer à justiça do Rei, que era igual para o rico e para o pobre. Para muitos, isto era História; mas eu estivera presente, e por dentro, ao lado do Grande Rei, e, em certos casos, fora o arquiteto dos acontecimentos. Isto, é claro, eles não poderiam saber. Eu só dissera que estivera com Ambrósio na Bretanha, e na batalha de Kaerconan, e nos anos da reconstrução. Eles nunca perguntaram como ou por que

estive lá, e acho que era por delicadeza, para que não tivesse de confessar que fora um humilde assistente dos engenheiros, ou, talvez, um escrivão. Mas ainda recordo as perguntas de Artur sobre o Conde da Inglaterra (que era como Ambrósio se chamava, então), como ele reunira, treinara e equipara o seu exercício, como ele o enviara pelo Mar Estreito para a terra dos Dumnonii onde estabelecera a sua posição de Grande Rei, antes de partir para o norte para derrotar Vortigern em Doward, e destroçar o imenso exército saxão em Kaerconan. Eu tinha que descrever para ele cada detalhe da organização, planejamento e estratégia de que me recordava, e cada escaramuça a que eu me referia era revivida pelos dois meninos, debruçados sobre mapas desenhados na poeira. — Dizem que logo vai haver guerra — falou Artur — e sou muito moço para poder ir. — Lamentava abertamente, como um cão que tem que ficar em casa num dia de caçada. Faltavam três meses para o seu décimo aniversário.

* * *

As visitas não eram só para discutir guerras e altos destinos, é claro. Havia dias em que os meninos brincavam como cachorrinhos, correndo e lutando, apostando corrida pelas margens do rio, nadando no lago e assustando os peixes, ou subindo as colinas com Ralf para caçar lebres ou pombos. Às vezes eu os acompanhava, mas não gostava de caçar. Era diferente quando eu pegava a vara de pescar do velho ermitão e ia para as margens do lago. Passávamos horas felizes, Artur pescando, com mais vontade do que sucesso, e eu observando e conversando. Bedwyr não gostava de pescar, e acompanhava Ralf nessas ocasiões, mas Artur preferia ficar comigo, mesmo nos dias em que o vento ou o mau tempo impediam a pesca, em vez de ir com Ralf e Bedwyr divertir-se na floresta.

Agora eu me recordo que não parava para pesquisar o motivo disto. O menino era toda a minha vida, o meu amor por ele parte do cotidiano, e eu ficava feliz em aceitar tudo que vinha dele, tomando como presente dos deuses o fato de que o menino parecia gostar de ficar ao meu lado, acima de tudo. Dizia a mim mesmo que ele precisava escapar da casa adotiva, das atitudes de um irmão mais velho que estava sendo preparado para uma posição que ele nunca poderia almejar, e que apreciava a chance de estar com Bedwyr num mundo de imaginação e feitos audazes, a que ele gostaria de pertencer. Não me permitia atribuir o seu comportamento ao amor, e se tivesse adivinhado a natureza daquele amor, nada poderia ter feito na época.

Bedwyr ficou em Galava por mais de um ano, voltando para casa no outono anterior ao décimo primeiro aniversário de Artur. Ele deveria voltar no verão seguinte. Depois que ele partiu, Artur lamentou-se por uma semana, ficou quieto por mais uma, e depois recobrou de estalo o seu bom humor, e voltou a vir visitar-me, apesar "o mau tempo, com mais frequência do que antes.

Não tenho idéia dos motivos que Ector alegava para deixar que ele viesse tão freqüentemente. Provavelmente, não precisava de motivos: o menino tinha por hábito cavalgar diariamente, a não ser quando o tempo estava proibitivo, e se não quisesse dizer aonde ia nada lhe era perguntado. Como era de se esperar, logo se soube que ele vinha muito à Capela Verde, onde vivia o sábio, mas se alguém pensou duas vezes no assunto, foi para elogiar o bom senso do menino que queria privar com um homem culto.

Nunca tentei ensinar Artur do modo que o meu mestre Galapas me ensinara. Ele não se interessava pela leitura ou por cálculos, e não tentei forçá-lo; quando fosse Rei ele se utilizaria de outros homens para estas artes. A sua educação formal era ministrada pelo Abade Martin e outros da comunidade. Percebi nele um pouco da minha queda para línguas, e descobri que, além do celta da região onde morava, guardava noções do bretão que aprendera com a ama, e Ector, preocupado com o futuro, procurara modificar o seu sotaque nortista, para que os britânicos de toda parte pudessem entendê-lo. Decidi ensinar-lhe o Velho Idioma, e fiquei surpreso ao ver que ele já sabia o suficiente para entender uma frase dita devagar. Quando perguntei onde o aprendera, pareceu surpreso e respondeu:

— Aprendi com o povo das colinas, é claro. São os únicos que ainda o falam.

— E já falou com eles?

— Ah, já. Quando era pequeno, certa vez saí com um dos soldados, que caiu do cavalo e machucou-se, e dois deles vieram ajudar. Pareciam saber quem eu era.

— Pareciam?

— É. Depois, eu os via sempre, aqui e ali, e aprendi a falar um pouquinho como eles. Mas queria aprender mais.

Nada lhe ensinei das minhas outras habilidades, música e medicina, todo o conhecimento que eu adquirira sobre as feras e os pássaros e os animais selvagens. Não precisaria delas. Ele só se interessava pelas feras para caçá-las e sabia tanto quanto eu sobre os hábitos dos veados selvagens, dos lobos e dos javalis. Também não fiz

com que partilhasse muito do meu conhecimento de máquinas; outros homens as fariam e montariam para ele; ele só precisaria saber usá-las e isto lhe fora ensinado, junto com as demais artes da guerra, pelos soldados de Ector. Mas, como Galapas fizera comigo, eu lhe ensinei a fazer e a ler mapas, e mostrei-lhe o mapa do céu.

Certo dia, ele perguntou:

— Por que você olha para mim, às vezes, como se eu lhe lembrasse alguém?

— Eu faço isso?

— Você sabe que sim. Quem é? .— Eu mesmo, um pouco.

— Que quer dizer? — Ergueu a cabeça do mapa que estava estudando.

.— Já lhe disse que quando tinha a sua idade ia sempre para as colinas visitar o meu amigo Galapas. Estava me lembrando da primeira vez que me ensinou a ler um mapa. Ele me obrigava a trabalhar muito mais que eu a você.

— Sei. — Não disse mais nada, mas ficou abatido. Por que será que imaginava que pudesse contar-lhe algo sobre a sua origem? Ocorreu-me então que esperava que eu pudesse "ver" as coisas que quisesse. Mas nunca pediu que eu o fizesse.

5

Não houve guerra naquele ano nem no ano seguinte. Depois do décimo segundo aniversário de Artur, na primavera, Octa e Eosa conseguiram, finalmente, escapar da prisão, e fugiram para o sul, refugiando-se atrás das fronteiras dos saxões federados. Comentou-se que foram auxiliados por senhores que se diziam leais a Uther. Não se podia culpar Lot diretamente, nem Cador; ninguém sabia quem eram os traidores, mas os comentários fervilhavam, e só faziam aumentar a inquietação que se espalhava pelo país. Parecia que a união forçada dos reinos, promovida por Ambrósio, iria se desmantelar. Cada um dos reis menores, seguindo o exemplo de Lot, aumentava as suas fronteiras. E Uther, que já não era mais aquele guerreiro brilhante que fora temido e admirado, dependia demais da força dos seus aliados, e se fazia de cego ao poder que eles estavam acumulando.

O resto do ano foi relativamente calmo, apenas com as escaramuças habituais nos dois lados da Muralha de Adriano, e os desembarques de verão na costa leste que, dizia-se, os seus defensores não

fizeram muita força para repelir. As tempestades no Mar Irlandês mantiveram a paz no oeste, e Cador iniciara as fortificações em Segontium. O Rei Uther, sem dar atenção aos que diziam que qualquer problema que houvesse começaria no norte, permanecia entre Londres e Winchester, concentrando as suas energias no patrulhamento da Praia Saxã e na proteção à Muralha de Ambrósio, com a sua força principal a postos para atacar onde quer que os invasores violassem as fronteiras. Na verdade, não havia muito que o atraísse para o norte; os rumores de uma grande aliança entre os invasores não passavam de rumores mesmo, e os ataques pequenos ao longo da costa sul continuaram o ano todo, fazendo com que o Rei ali permanecesse para enfrentá-los. A Rainha deixou Cornwall e mudou-se com toda a sua comitiva para Winchester. Sempre que podia, o Rei ia vê-la. Observou-se que ele não procurava mais outras mulheres como antes, mas não se falou em impotência; as mulheres que sabiam do seu problema devem ter achado que era apenas uma fase passageira da sua doença e nada disseram. Quando se descobriu que ele agora passava todo o seu tempo livre com a Rainha, falou-se que tinha feito voto de fidelidade. Assim, embora as moças sentissem a falta do amante, os cidadãos que tinham que trancar as filhas quando o Rei aparecia ficaram muito satisfeitos, e teceram-lhe elogios por acrescentar esta virtude aos seus poderes de guerreiro.

Ele parecia ter recobrado perfeitamente estes últimos, embora se falasse do seu humor instável e de súbitas crueldades no tratamento dispensado aos inimigos derrotados. Mas isto tudo parecia sinal de força, numa hora em que se necessitava de força.

Quanto a mim, tinha desaparecido sem maiores problemas. Se, às vezes, as pessoas se perguntavam por onde eu andaria, uns diziam que eu cruzara novamente o Mar Estreito para continuar as minhas viagens, outros que eu me escondia, solitário, para dedicar-me aos estudos. Os boatos sobre a minha pessoa vinham de todas as partes do país, segundo me contavam Ralf, Ector, e até Artur, inocentemente. Diziam que, logo que o Rei ficou doente, Merlin tinha vindo imediatamente num navio dourado com velas escarlates, fora ao palácio para curá-lo e depois desaparecera no ar. Depois, fora visto em Bryn Myrddin, mas ninguém o vira pelo caminho. (E eu trocara de cavalo nos lugares de costume e ficara todas as noites numa taverna pública.) E desde então, comentava-se, o feiticeiro Merlin tem aparecido e desaparecido, aqui e ali, por todo o país. Tinha curado uma mulher doente perto de Aquae Sulis, e, uma semana mais tarde,

fora visto na Floresta Caledônia, a quatrocentas milhas de distância. O exército de lendas crescia, inventadas por pessoas ociosas que almejavam a importância que essas "notícias" lhes conferiam. Às vezes, como já acontecera antes, curandeiros ambulantes e pseudo profetas diziam-se "um outro Merlin", ou, até mesmo, fingiam ser eu; assim, despertavam a confiança dos pacientes, que não me desmereciam se ficavam bons. Se o doente morresse, as pessoas diziam:

— Não era Merlin, afinal de contas; a mágica dele teria dado certo. - E como a esta altura o falso Merlin já teria sumido, a minha reputação sobrevivia à impostura. Desse modo, conservei o meu segredo sem nada perder. E o encarregado tranqüilo da Capela Verde não despertou a mínima suspeita.

De tempos em tempos mandava recados para tranqüilizar o Rei. Eu tinha medo que ficasse impaciente e mandasse chamar o menino antes do tempo, ou que, inadvertidamente, deixasse os que o vigiavam perceber sobre o Conde Ector ou sobre mim mesmo. Mas ele não o fez. Ector, conversando comigo a esse respeito, imaginava que o Rei não quisesse o menino ao seu lado em Londres por temer alguma traição, ou por ainda ter alguma esperança de ter outro filho.

Acho que não era nem uma coisa nem outra. Ele estava era assoberbado pelos problemas, pelas traições e pela falta da saúde a que estava acostumado; além disso, a Rainha adoeceu naquele inverno. Ele não tinha tempo para pensar no jovem estranho que estava esperando para conseguir aquilo que a ele, Uther, estava custando tanto conservar.

Quanto à Rainha, durante todos esses anos, muitas vezes eu me perguntei o motivo do seu silêncio. Ralf nunca deixara de manter contato com a avó, que servia a Ygraine, e por intermédio dela fazia chegar à Rainha as notícias do filho. Mas Ygraine, apesar de amar a filha Morgiana, e que teria amado o filho, conseguia encarar com aparente indiferença o uso dos seus filhos como simples instrumentos da política real. Morgiana e Artur eram para ela simples afirmações do seu amor pelo Rei, e, depois que nasceram, ela pôde voltar-se novamente para o marido. Mal vira Artur, e satisfazia-se em saber que um dia reapareceria na hora em que o Rei precisasse. Morgiana, a quem dedicara todo o amor materno de que era capaz, ia ser mandada (sem sequer olhar para trás, escrevera Márcia a Ralf) para o leito nupcial que traria o senhor dos reinos do norte para o lado de Uther, nas lutas que se aproximavam. Quando eu tentara fazer Artur entender

o amor sexual abrasador que obcecara Uther e Ygraine, dissera apenas metade da verdade. Primeiro, ela era de Uther; depois, era Rainha; e, embora desse à luz príncipes, importava-se tanto quanto o gavião quando os filhotes voam. Para ela, era melhor que fosse assim; e para Artur também. Ele tinha tudo o de que precisava com Ector e a sua meiga esposa.

Não mantive contato com Bryn Myrddin, mas Ector deu um jeito e me arranjou notícias de lá. Stilicho casara com Mai, a garota do moleiro, e a criança fora um menino. Enviei um presente em dinheiro, junto com as minhas felicitações e uma ameaça dos piores feitiços se ele ou alguém da' sua nova família tocasse nos livros e instrumentos que ficaram na gruta. Depois, esqueci-me deles.

Ralf também se casou durante o meu segundo verão na Floresta Agreste. O seu motivo não foi o mesmo de Stilicho; ele cortejou a moça por longo tempo, e só foi para a cama com ela depois de um casamento cristão. Mesmo se eu não soubesse que a moça era virtuosa e que Ralf estava atrás dela como um potro contido há mais de um ano, eu o teria adivinhado pela aparência tranqüila e a força resplandecente que passou a demonstrar, com o passar das semanas. Ela era uma linda moça, alegre e boa, e entregou-lhe toda a sua devoção, juntamente com a sua virgindade. Quanto a Ralf, era um moço normal, e tivera os seus casinhos, mas, depois do casamento, nunca mais os teve, embora fosse um belo rapaz; nos anos que se seguiram teve muito prestígio com o Rei, e não faltou quem o quisesse usar como trampolim para o poder, além de para o prazer. Mas Ralf não era do tipo de se deixar usar.

Acredito que em Galava houvesse quem achasse estranho que um cavaleiro tão capaz ficasse tomando conta do filho de criação de Ector, quando até o jovem Cei se reunia ao pai e às suas tropas quando havia algum alarma, mas Ralf era genioso e autoconfiante, e, além disso, alegava estar obedecendo às ordens do Conde. Talvez, se a sua esposa o atormentasse, tivesse sido difícil para ele, mas ela logo engravidou e achava ótimo tê-lo em casa ao seu lado. Ralf se aborrecia um pouco, é verdade, mas confessou-me, quando estávamos a sós, que se pudesse ver Artur no lugar que lhe cabia por direito, ao lado do Grande Rei, estaria satisfeito com a sua atuação na vida.

— O senhor me disse que os deuses estavam nos dirigindo, aquela noite em Tintagel — disse ele. — Não entendo de deuses como o senhor, mas não conheço nenhum outro jovem mais digno de tomar da espada do Grande Rei quando ele tiver de largá-la.

Tudo parecia confirmar isto. Quando ia à aldeia buscar suprimentos, ou à taverna buscar mexericos, escutava um bocado sobre "Emrys", o filho de criação de Ector. Desde aquela época a sua personalidade era do tipo que acumula lendas, como certas pedras acumulam limo.

Certa vez, ouvi um homem dizer, na taverna lotada:

— Olhe, se me dissessem que ele tinha sangue do Dragão, que era bastardo do Grande Rei falecido, eu acreditaria.

Houve acenos de concordância, e outro falou:

— E por que não? Ele podia ser filho ilegítimo de Uther, não podia? Sempre me surpreendeu que não houvesse mais outros por aí. Ele era bem chegado às mulheres, antes que esta doença o fizesse ficar com medo do inferno.

Outro retrucou:

.— Se houvesse mais, ele os teria reconhecido.

— Ah, isto é verdade — falou o primeiro sujeito. — Ele nunca teve mais vergonha que o touro da fazenda, e por que teria? Dizem que a garota que teve na Bretanha, a tal de Morgause, tem muito prestígio na corte, e o acompanha para todo lado. Só sabemos desses, das duas garotas e do príncipe que está sendo criado em alguma corte estrangeira.

Então, como acontecia com frequência atualmente, a conversa passou a ser sobre a sucessão, sobre o jovem Príncipe Artur que estava crescendo na corte estrangeira para a qual Merlin o tinha transportado, secretamente.

Eu não podia adivinhar por quanto tempo mais ele conseguiria permanecer escondido. Vendo-o cavalgar pelas trilhas da floresta, mergulhar lutando com Bedwyr nas águas do lago, no verão, beber o que eu lhe ensinava do mesmo modo que a terra absorve a chuva, admirava-me que ninguém enxergasse o que eu enxergava, a realeza que se desprendia dele, brilhando como brilhava na visão momentânea da espada no altar de pedra.

6

Depois, veio o ano que até hoje tem o nome de Ano Negro. Foi o ano seguinte ao décimo terceiro aniversário de Artur. O chefe saxão Octa morreu em Rutupiae, de uma infecção que contraiu no seu longo cativeiro; mas o seu primo Eosa foi para a Alemanha encontrar-se

com Colgrim, filho de Octa, e não deve ser difícil imaginar o que deliberaram. O Rei da Irlanda cruzou os mares, mas não para a Praia Saxã, onde Cador esperava por ele em Deva, e Maelgon de Gwynedd por trás das fortificações feitas às pressas de Segontium; das praias de Rheged as suas velas foram vistas quando ele desembarcou em Strathclyde, e foi bem recebido pelos reis pictos. Estes tinham um acordo com a Inglaterra desde os tempos de Macsen, e que fora renovado com Ambrósio; mas ninguém podia adivinhar a resposta que dariam às atuais propostas irlandesas.

Mas havia outros problemas, mais próximos e imediatos. Foi um ano de fome. A primavera foi longa, fria e úmida, as inundações cobriram os campos na época do plantio do milho. O gado adoecia em todo o sul, e em Galapa até os resistentes carneiros de lã azul das colinas morreram, com os pés apodrecidos que os impediam de procurar alimento. A geada inutilizou as sementes das frutas, e o milho que cresceu apodrecia nos campos estagnados. No norte ouviam-se estranhas narrativas. Um druida enlouquecera e atacara Uther por ter afastado o país da Antiga Religião; e um bispo cristão o denunciara como pagão de um púlpito na igreja. Falava-se num atentado contra a vida do Rei, e na maneira pavorosa com que o Rei punira os responsáveis.

Assim passaram-se a primavera e o verão, e, com a chegada do outono, o país parecia destruído. Gente morria de fome. Falava-se que o país fora amaldiçoado; mas ninguém tinha certeza se era Deus que estava zangado porque ainda se faziam sacrifícios nos velhos santuários, ou se eram os deuses antigos das colinas e dos bosques que se estavam vingando por terem sido abandonados. O certo é que havia uma influência maligna sobre o país e que o Rei estava doente. Nobres reuniram-se em Londres exigindo que Uther nomeasse o seu herdeiro. Mas, segundo contou-me Ector, Uther ainda não tinha certeza de quem era amigo ou inimigo; apenas afirmava que seu filho estava vivo e bem, e que seria apresentado aos nobres na próxima Páscoa. Entrementes, sua filha Morgiana fizera doze anos, e partiria para o norte para casar-se no Natal.

Com a chegada do outono, o tempo mudou, e teve início uma temporada seca e agradável. Já era muito tarde para servir de ajuda às colheitas ou ao gado moribundo, mas o sol abençoado ainda chegou em tempo de amadurecer as poucas frutas que as tempestades da primavera e a deterioração do verão tinham deixado nas árvores. Na Floresta Agreste, a neblina infiltrava-se pelos pinheiros de

manhãzinha, e o orvalho de setembro fazia com que ela rebrilhasse. Ector saiu de Galava para encontrar-se com Rheged e seus aliados em Luguwallum. O Rei da Irlanda voltara para casa, e ainda havia paz em Strathclyde, mas a linha de defesa ao longo do Estuário de Ituna, de Aluana até Luguwallum, ia ser guarnecida e falava-se em Ector para comandante. Cei acompanhou o pai. Artur, a três meses do seu décimo quarto aniversário, mas parecendo ter dezesseis anos e, segundo Ralf, um notável espadachim, ficou visivelmente aborrecido, e tornava-se mais calado a cada dia. Passava todos os dias na floresta, às vezes comigo (embora não tanto quanto antes), mas, segundo Ralf, a maior parte das vezes caçando ou correndo como louco a cavalo pelos piores caminhos.

— Se o Rei não tomar logo uma iniciativa — disse-me Ralf este menino vai matar-se. Parece pressentir que há algo para ele no futuro, que ele não sabe o que é, mas que não lhe dá paz. Tenho medo que quebre o pescoço antes que isto aconteça. Aquele seu novo cavalo, Canrith, eu mesmo não gostaria de montá-lo, é a pura verdade. Não sei o que deu no Ector para dar o cavalo para ele; acho que foi para amenizar o seu sentimento de culpa.

Acho que tinha razão. O garanhão branco foi presente de Ector para Artur quando ele levou Cei para Luguwallum. Bedwyr também fora, embora sendo da mesma idade que Artur. Ector deve ter tido a maior dificuldade para explicar para Artur por que ele não podia ir. Mas até que Uther se manifestasse, nada podíamos fazer.

Chegou a lua cheia de setembro que chamam de lua da colheita. Ela brilhava sobre os campos apodrecidos, servindo apenas para iluminar os ladrões que saqueavam as fazendas mais distantes, e as tropas que iam constantemente de uma para outra região de perigo.

Eu não conseguia dormir. Minha cabeça doía, os fantasmas se acercavam como que a trazer visões; mas nada veio à luz ou tomou forma; nada falou. Era como sentir a ameaça dos trovões, tão perto quanto as minhas cobertas, mas sem o relâmpago para rompê-la, e sem a chuva que limpa o céu. Quando afinal amanheceu, um dia cinza e nevoento, eu me levantei, peguei um pouco de pão e um punhado de azeitonas, e desci até o lago da floresta para ver se me lavava das canseiras da noite.

Era uma manhã calma, tão parada que mal se podia dizer onde a névoa terminava e a superfície do lago começava. A água encontrava-se com o cascalho da praia sem som e sem movimento. Às minhas costas a névoa envolvia a floresta, cujos perfumes ainda estavam

adormecidos. Parecia pecado quebrar a calma e mergulhar nas águas virgens, mas o seu frescor gelado apagou os resquícios da noite mal dormida, e depois de sair da água, enxugar-me e vestir-me, comi a minha refeição com prazer, e acomodei-me com a vara de pescar para esperar os peixes matutinos, torcendo por uma brisa que agitasse o espelho das águas.

Afinal, o sol apareceu, desbotado por entre a neblina, mas não trouxe nenhuma brisa consigo. Os cimos das árvores emergiam da escuridão, e do outro lado do lago a floresta escura erguia-se, nublada, em direção às colinas esfumaçadas. A água floria com a névoa, como uma pérola.

Nada quebrava o espelho das águas; nem sinal de brisa chegando. Já tinha decidido ir-me embora quando escutei algo que se aproximava depressa pela floresta às minhas costas. Não era um cavaleiro; tinha um passo muito leve, e vinha rápido demais pelo matagal.

Fiquei como estava, meio virado e à espera. Um arrepio subiu-me pelas costas e lembrei-me da noite insone. Doíam-me os dedos; lotei que estava apertando a vara de pescar com tanta força que quase me feria. A noite inteira eu pressentira isto. A noite inteira isto parecia que ia acontecer. A noite inteira? Se não me enganava estivera esperando por isto durante quatorze anos.

A cinqüenta passos de onde eu estava, apareceu um veado. Ele me viu imediatamente, e parou de chofre, de cabeça alta, pronto para correr em outra direção. Era branco. Por contraste, a sua galhada parecia bronze polido, e os olhos vermelhos como granadas. Mas, ele era real; havia manchas de suor na sua pele branca e o pêlo grosso da barriga e do pescoço estava grudado de umidade. Um bocado de lisimáquia amarela tinha ficado presa ao seu pescoço, como um colar. Ele olhou por cima do ombro, depois deu um salto com as pernas duras para dentro d'água, e com mais dois pulos já estava bem mais no fundo, e começando a nadar lago adentro.

O espelho d'água partiu-se, as águas encrespavam-se. O barulho feito teve eco num outro que veio de dentro da floresta. Era outro animal que se aproximava, apressado.

Eu me enganara ao pensar que nada cruzaria a floresta com tanta rapidez quanto um veado em fuga. O cão branco de Artur, Cabal, surgiu por entre as árvores no mesmo lugar em que surgira o veado, e jogou-se n'água. O próprio Artur, montado em Canrith, apareceu em seguida.

Ele deteve o seu animal na praia, fazendo com que empinasse. Segurava o arco já em posição. Virou o garanhão de lado, e procurou mirar, sem desmontar. Mas o veado nadava bem abaixado, só a sua cabeça aparecia acima d'água, como uma cunha que se afastava com rapidez, com os cornos como ramos a segui-lo sobre a superfície. O cão, nadando ferozmente, o acompanhava. Não adiantaria atirar no animal agora, ele estava muito no fundo. Artur abaixou o arco, e virou o garanhão para voltar à margem. Um minuto antes de esporeá-lo, me viu. Gritou qualquer coisa, e veio ao meu encontro pelo cascalho.

Estava excitado, tinha o rosto afogueado.

— Você o viu? Branco como a neve, com uma cabeça de imperador! Nunca tinha visto um assim! Vou dar a volta. Cabal estava se aproximando, vai segurá-lo até que eu chegue lá. Desculpe se estraguei a sua pescaria.

— Emrys... Parou, impaciente:

— Que é?

— Olhe. Ele está indo para a ilha.

Ele virou-se para olhar para onde eu apontava. O veado tinha desaparecido na neblina, e o cão com ele. Não havia sinal deles, só as ondinhas que chegavam até a praia.

— Para a ilha? Tem certeza?

— Absoluta.

— Com todos os diabos do inferno! — praguejou com raiva.

— Que azar desgraçado! Eu pensei que já era meu quando Cabal o seguiu tão de perto. — Puxava as rédeas, hesitante, fitando o lago nublado, enquanto o garanhão se mexia, impaciente. Suponho que temia a ilha tanto quanto qualquer outra pessoa criada no vale. Tomou uma expressão decidida e falou, restando Canrith bruscamente: — Vou até a ilha. O veado eu já perdi, acho (era bom demais para ser verdade), mas, pois sim que vou perder Cabal! Foi Bedwyr quem me deu, e não pretendo perdê-lo nem para Bilis nem para ninguém, neste mundo ou no outro. — Enfiou dois dedos na boca e assobiou estridentemente. — Cabal! Aqui, Cabal, aqui!

— Não adianta, não vai conseguir com que ele volte.

— Não. — Inspirou fundo. — Bom, que é que se vai fazer, tem que ser mesmo a ilha. Se a sua mágica for tão longe, Myrddin, faça com que me acompanhe, agora.

— Ela sempre o acompanha, você sabe disso. Vai nadar até lá?

— Ele vai — falou Artur, um pouco ofegante, forçando o garanhão relutante a entrar nágua. — É muito longe para dar a volta. Se o animal for para os penhascos e Cabal for atrás...

— Por que não leva o barco? É mais rápido e você pode trazer Cabal nele.

— É, mas o desgraçado sempre precisa ser preparado.

— Já o preparei hoje. Ele está pronto.

— Está? Mas que sorte! Você ia sair, então? Quer vir comigo?

— Não. Eu fico. Vá, Emrys, vá procurar o seu cachorro. Por um momento, cavalo e cavaleiro ficaram imóveis. Artur

ficou me olhando, com um misto de temor e reflexão espelhados no rosto, que logo desapareceram, engolidos pela sua enorme impaciência. Saltou do cavalo e entregou-me as rédeas. Tirou a flecha do arco e pô-la ao ombro, e correu para o barco. O barco era primitivo, de fundo chato, e, normalmente, ficava na praia de uma baiazinha cheia de juncos situada um pouco mais abaixo. Com um único empurrão colocou o barco nágua, e entrou nele. Eu fiquei no cascalho, segurando o cavalo, olhando-o. Ele tirou o barco do raso impelindo-o com uma vara, depois pegou nos remos e começou a remar.

Tirei o pano enrolado que estava atrás da sela do cavalo, joguei-o por cima das suas costas escaldantes, fui amarrá-lo em um lugar onde ele pudesse pastar, e voltei para o meu lugar na margem do lago.

O sol já estava alto, e esquentando bem. Um pássaro passou voando. Moscas de asas de gaze dançavam sobre a água. Um perfume

de hortelã selvagem estava no ar, e um mergulhão saiu de dentro de um punhado de miosótis aquáticos. Uma libélula pequenina, de corpo escarlate, grudava-se a um junco. A névoa movia-se suavemente sob o sol, como fumaça a desprender-se do espelho d'água inquieta e mutável como os fantasmas da noite, como a fumaça do fogo encantado.. .

A praia, a libélula escarlate, o cavalo branco que pastava, a floresta nublada às minhas costas sumiram, também se transformaram em fantasmas. Eu fiquei de olhos fixos e arregalados na nuvem de pérola silenciosa e intransponível.

Ele remava com força, o queixo sobre o ombro, ao acercar-se da ilha. Ela apareceu primeiro como uma forma bruxuleante de sombra, transformando-se depois numa praia cheia de árvores de ramos pendentes. Por trás das árvores, nubladas e irreais, destacavam-se as

formas das rochas, como um grande castelo situado num penhasco. Uma linha de prata brilhante marcava o encontro da praia com a água, delimitando a ilha da sua imagem. As árvores nubladas e as torres altas do penhasco flutuavam imponderáveis sobre a água, como fantasmas na névoa fantasmagórica.

O barco seguia em frente. Artur olhava por sobre o ombro, chamando o cachorro.

— Cabal! Cabal!

O grito ecoava por cima da água, subia até os penhascos e morria. Não havia sinal nem do cão nem do veado. Ele debruçou-se de novo sobre os remos, fazendo o barquinho correr pela água.

O fundo dele encontrou o cascalho. Artur pulou fora. Puxou o barco e subiu pela orla estreita de grama. A luz estava mais forte, agora que o sol estava mais alto, e se refletia na névoa branca e na água branca. Os ramos de vidoeiro e de sorveira-brava pendiam sobre a praia, pesados de umidade. As sorvas eram vermelhas como chamas, e brilhantes. A grama era pintalgada de margaridas e verônicas e pequenos morriões amarelos. As margens estavam cobertas de dedaleiras, que sobressaíam entre as filas de amoras-bravas. O cheiro forte e adocicado das ulmárias, embotadas pelo outono, enchia o ar.

O menino afastou os ramos pendentes, enfiou-se pelas sarças, e ficou de pé sobre a grama florida, estreitando os olhos para espiar os rochedos lá em cima. Gritou de novo, e novamente o som ecoou e morreu. A névoa subia cada vez mais alto, já deixando ver a parte inferior das rochas, banhadas numa luz clara mas incerta. De repente ele se enrijeceu, de olhos fitos lá em cima. A meio caminho do topo dos rochedos, o veado corria com facilidade por uma trilha que parecia apenas um sulco na rocha, parecendo leve como um pouco de névoa que se tivesse desprendido do todo.

Artur subiu correndo pela rampa. Os seus pés não faziam ruído na relva espessa. Enfiou-se pelo meio das samambaias altas, desfolhando-as, e saiu no sopé do rochedo.

Parou, olhando ao redor. Ele estava meio assombrado, como antes. Não tinha medo, mas parecia saber que qualquer movimento seu iria desencadear coisas cujo fim não podia prever. Inclinou o pescoço, perscrutando os altos rochedos. Nem sinal do veado, mas as rochas pareciam, .mais do que nunca, um castelo coroado pela luz do sol.

Inspirou fundo, sacudindo a cabeça como se tivesse saído de dentro d'água, e chamou de novo, mas suavemente.

— Cabal? Cabal?

Muito próximo dele, quebrando o silêncio encantado, veio o latido do cachorro. Era um latido meio excitado, meio amedrontado. Vinha do rochedo. O garoto olhou vivamente à sua volta. E então, por trás da cortina verde das árvores, viu a gruta. Deu um passo para a frente e escutou de novo o latido de Cabal, que não era de medo nem de dor, mas de um animal farejando.

Sem mais hesitação, Artur lançou-se na escuridão da gruta.

Mais tarde, ele não soube explicar exatamente como achou o caminho. Acho que deve ter acendido a tocha que eu tinha deixado lá, mas não se lembra disso. Talvez, o que se lembra é que seja a verdade: diz que por todo canto havia uma luz difusa e incerta, que parecia refletida na superfície polida do laguinho da gruta de pilas trás.

Do outro lado do laguinho brilhante, estava a espada em cima da mesa. Um fio de água escorrera e pingara da rocha que ficava em cima, sobre o couro que envolvia a espada, que, embora ainda protegendo o metal, tinha endurecido com a cal do pingar constante, através dos anos. A crosta endurecida deixava ver apenas as formas da espada, esguia e comprida, e o cabo que parecia uma cruz.

Ainda parecia uma espada, só que de pedra, formada ao acaso pela pedra calcária gotejante. Talvez ele se recordasse da outra espada, na Capela Verde, ou talvez, por um momento, o futuro se

descortinasse aos seus olhos. Com um movimento rápido e instintivo demais para ser controlado, pegou no cabo.

Falou comigo, como se eu estivesse ao seu lado. Aliás, creio que estava tão perto dele, na realidade, quanto o cachorro branco que ganhava à beira do laguinho.

— Eu a puxei, e ela saiu da pedra direitinho. É a espada mais linda do mundo. Vou chamá-la de Caliburn.

A névoa já abandonara a floresta, sugada pelo sol. Mas ainda permanecia sobre a ilha, que flutuava invisível no seu mar de pérola.

Não sei quanto tempo se tinha passado. O sol estava quente, iluminando o lago entre as colinas. Os meus olhos doíam com o brilho das águas. Pisquei os olhos, me mexi e estiquei os membros endurecidos.

Houve um movimento às minhas costas; um tropel repentino, como se o garanhão se tivesse soltado. Virei-me rapidamente.

A trinta passos, macio como uma nuvem, Cador de Cornwall vinha saindo do bosque, montado num cavalo cinzento, com uma tropa às suas costas.

O meu primeiro pensamento foi de raiva por não ter sido avisado. Não estava pensando apenas no povo da colina que vigiava Artur; mas até para mim, Merlin, não houve o menor sinal que indicasse perigo, e a visão que me impedira de ver e ouvir a chegada da tropa só parecia trazer luz e a realização final de todas as promessas. O fato de Artur não ter sido encontrado comigo diminuía um pouco a minha raiva; e também me proporcionava uma tênue esperança de que Cador não me reconhecesse no ermitão, e que prosseguisse a sua viagem antes que o menino voltasse da ilha.

Tudo isto me passou pela cabeça no tempo que levou para Cador erguer a mão para fazer parar os homens atrás dele, e para eu apanhar a vara de pescar e ficar de pé. Já com uma mentira qualquer engatilhada, virei-me humildemente para enfrentar Cador, que veio vindo até parar o seu animal a dez passos de mim. E aí, toda a esperança de não ser reconhecido desapareceu, pois vi Ralf amordaçado no meio da tropa, com um soldado de cada lado.

Fiquei ereto. Cador inclinou a cabeça, numa saudação tão profunda quanto a que teria feito ao Rei.

— Prazer em encontrá-lo, Príncipe Merlin.

— Não diga! — Eu estava furioso. — Por que prenderam o meu servo? Ele não lhe pertence. Solte-o.

Ele fez um gesto, e os soldados soltaram Ralf, que arrancou a mordaça da boca.

— Você está ferido? — perguntei.

— Não. — Ele também estava zangado, e amargo. — Sinto muito, senhor. Atacaram-me quando eu vinha pela floresta. Quando me reconheceram, pensaram que o senhor pudesse estar por perto. Amordaçaram-me para que não pudesse dar nenhum aviso. Queriam pegá-lo desprevenido.

— Não se sinta culpado. Não foi sua culpa. — Eu já me controlara, buscando o tempo todo os restos da visão que se desvanecera. Onde estaria Artur agora? Ainda na ilha, com Cabal e a sua espada maravilhosa? Ou já no caminho de volta, pela neblina? Mas eu apenas enxergava o que estava ali, em plena luz do sol, e sabia que o encanto tinha-se partido e que ele estava fora do meu alcance.

Virei-me para Cador.

— Que maneira estranha de fazer as coisas, Duque! Por que prendeu Ralf? Poderia ter-me encontrado sempre que quisesse vir para esses lados. A floresta é livre para todos, e a Capela Verde fica aberta dia e noite. Eu não teria fugido do senhor.

— Então, o senhor é o ermitão da capela da mata?

— Sou.

— E Ralf lhe serve?

— Ele me serve.

Ele fez sinal aos seus homens para permanecerem onde estavam, e aproximou-se mais de onde eu estava. O garanhão branco relinchou e saltou quando o cavalo cinzento passou por ele. Cador parou ao meu lado, de sobranceiras levantadas:

— E aquele cavalo? É seu? Que escolha estranha para um ermitão!

Respondi ferinamente:

— O senhor sabe que não é meu. Se prendeu Ralf na floresta, deve ter visto também um dos filhos do Conde Ector. Andavam a

cavalo juntos. O garoto veio aqui para pescar. Não sei quanto tempo vai demorar; às vezes demora mais de meio dia. — Afastei-me da água, de modo decidido. — Ralf, espere por ele aqui. E quanto ao senhor, Duque, se tinha tanta urgência em ver-me que até tratou mal o meu servo, quer acompanhar-me até a capela para conversarmos em particular? Talvez possa dizer-me o que o traz tão para o norte com os homens de Cornwall, além da sua caçadazinha particular.

— É a guerra que me traz; a guerra e as ordens do Rei. Acho que o senhor não está tão isolado aqui ao ponto de ignorar as ameaças de Colgrim. Mas foi uma feliz oportunidade para mim vir para estes lados. — Sorriu, e acrescentou de maneira agradável: — e esta não foi uma caçadazinha particular. O senhor não sabia, Príncipe Merlin, que têm andado à sua procura pelos quatro cantos do país?

— Sabia, mas não tinha vontade de ser encontrado. Quer acompanhar-me, Duque? Ralf ficará esperando pelo menino...

— O filho do Conde Ector, não é? — Não fez nenhum movimento para afastar-se da margem da água. Estava à vontade sobre o cavalo, ainda sorridente. Parecia calmo e confiante. — O senhor não espera que eu o acompanhe e deixe Ralf esperando por este... filho do Conde Ector? Sem dúvida alguma para fazê-lo desaparecer por mais alguns anos? Creia-me, príncipe...

De dentro do lago veio o latido de Cabal, o aviso de um cão de caça alerta ao perigo. E a voz de Artur, que mandava que se calasse. O ruído dos remos que faziam o barco correr com força pela água.

Cador virou o animal de frente para o ruído, e, sem me conter, eu me movi com ele. Devia estar com uma expressão muito sombria, pois dois oficiais esporearam seus animais para a frente.

— Faça com que parem — falei vivamente, e ele lançou-me um olhar e depois ergueu a mão. Os homens pararam de chofre, já com as lanças prontas. Falei baixinho, apenas para os ouvidos de Cador.

— Se não quiser que Ector pule ao seu pescoço, com Rheged inteira a apoiá-lo (e Colgrim aparecendo para terminar com as sobras), deixe Ralf e o menino partirem. O que o senhor tiver que dizer, poderá dizer a mim. Quanto à minha vida, Duque Cador, o Rei tomará satisfações por ela.

Ele hesitou, olhando do lago nublado para o lugar onde estavam os soldados. Eles estavam alertas. Acho que não me tinham reconhecido, nem sabiam qual era a presa que seu Duque procurava caçar hoje; mas notaram o seu interesse pelos ruídos dentro da neblina, e, embora permanecessem no limiar do bosque, as lanças mexiam-se como juncos ao vento.

— Quanto a isso... — começou Cador, mas foi interrompido.

O barco saiu de dentro da neblina e veio vindo para o raso. Segundos antes que encalhasse, já Cabal, rosnando, tinha saltado para fora em direção à praia. Um dos oficiais virou o cavalo e puxou a espada. Cador ouviu o barulho, e gritou qualquer coisa. O homem hesitou, e o cão, agora em silêncio, veio para a margem e avançou em Cador. O cavalo cinzento empinou. O cachorro safou-se e mordeu a ponta do teliz, arrancando um pedaço.

Às minhas costas, Artur gritou para o cachorro e procurou encalhar depressa o barco. Ralf veio à frente, com a intenção de segurar o cachorro, mas os soldados ao seu redor cruzaram as lanças à sua frente, tolhendo-o. Cabal largou o teliz rasgado e virou-se, rosnando, para atacar os homens que seguravam Ralf. Um deles colocou a lança em riste, outros desembainharam as espadas. Cador deu uma ordem. As espadas foram erguidas. O Duque ergueu, não a sua espada, mas o seu chicote, e fez voltar o cavalo, quando o cachorro preparava-se para pular.

Eu dei um passo à frente debaixo do chicote, agarrei a coleira do cão e joguei todo o meu peso de encontro a ele. Mal conseguia segurá-lo. Artur gritou ferozmente:

— Para trás, Cabal!

O cachorro relaxou-se, e o rapaz saltou do barco e em duas passadas estava entre mim e Cador, com a espada nova brilhando na mão.

— O senhor... — ofegava — seja lá quem for... — A ponta da espada apontava para o peito do Duque. — Afaste-se! Se tocá-lo, juro que o mato, nem que você tenha cem homens consigo!

Cador abaixou o chicote. Soltei Cabal, que ficou rosnando aos pés de Artur. Este estava bem à minha frente, furioso e, sem dúvida alguma, perigoso. Mas o Duque nem parecia notar a espada e a ameaça que ela representava. Estava de olhos fitos no rosto do rapaz. Olhou de relance para mim, e de novo para ele.

Tudo isto não levava mais que segundos. Os homens do Duque ainda se aproximavam, os oficiais vindo para o seu lado. Alguém gritou uma ordem, e eu agarrei Artur e fiz com que me encarasse, dando as costas aos soldados.

— Emrys! Que loucura é essa? O único perigo aqui é o seu cachorro; devia controlá-lo melhor! Pegue-o e volte imediatamente para Galava com Ralf!

Eu nunca falara com ele deste jeito em todos os anos do nosso conhecimento. Ficou imóvel, a boca relaxando-se de surpresa, como se tivesse apanhado sem ter feito nada. Enquanto me fitava, abobalhado, acrescentei, secamente:

— Eu e este cavalheiro nos conhecemos. Por que pensou que ele fosse fazer-me mal?

— Eu... eu pensei... — gaguejou. — Pensei... bem, estavam com Ralf... tinham espadas desembainhadas...

— Pensou errado. Fico-lhe grato mas, como vê, não preciso de ajuda. Guarde a sua espada e vá embora.

Olhou do meu rosto para a espada que segurava. Os raios do sol a tocavam e o cabo enfeitado resplandecia. A sua mão parecia tão jovem e tensa no cabo. Lembrei-me da sensação que ele transmitia, da vida que percorria a lâmina, penetrando nos músculos e no sangue. Ele a trouxera da escuridão para a luz a que ela pertencia, para encontrar o seu primeiro perigo e mostrar-se (com a espada maravilhosa) à altura. E eu falara com ele desse modo.

Sacudi-lhe de leve o braço e larguei-o.

— Vá. Ninguém irá impedir.

Ele esfregou o lugar que eu apertara, sem se mexer. A cor começava a voltar ao seu rosto, trazendo uma ponta de raiva. Estava tão parecido com Uther que, de tão apreensivo que estava, falei com brutalidade:

— Vá embora e deixe-nos em paz, está ouvindo? Amanhã conversarei com você.

— Emrys? — disse Cador, com suavidade. Antes que eu pudesse impedir, o rapaz já se virará, e era tarde demais para fingimentos. Cador olhava do rosto de Artur para o meu, com os olhos cheios de excitação.

— Este é o meu nome — respondeu Artur. Estava mal-humorado, estreitando os olhos para ver o Duque à luz do sol. Então, notou a insígnia que o outro usava junto ao ombro. — Cornwall? Que está fazendo tão ao norte da sua zona de comando, e com que autoridade utiliza as nossas terras para passar com a sua tropa?

— As suas terras? Do Conde Ector?

— Sou seu filho de criação. Mas, quem sabe — perguntou com gélida cortesia — o senhor já passou por Galava e pediu permissão à senhora?

Sabia que Cador não o tinha feito; ele próprio mal tinha saído de Galava. Mas Cador dava-lhe a oportunidade de recobrar o orgulho que eu tinha ferido. Estava ereto, de costas para mim, olhos fitos no Duque.

Cador perguntou:

— Quer dizer que é tutelado do Conde Ector? E quem é o seu pai, Emrys?

Artur nem pestanejou à pergunta. Respondeu tranqüilamente:

— Não estou autorizado a lhe dizer, senhor. Mas não tenho por que envergonhar-me da minha origem.

Com isto, Cador fez uma pausa. Sua fisionomia tinha uma expressão curiosa. Ele sabia, é claro. Desde o momento em que o rapaz voou em minha defesa. Já desde antes desse momento, não havia como escapar. Mas ainda havia uma chance que os outros não descobrissem; o cavalo de Cador estava entre Artur e os soldados, e, como se estivesse lendo os meus pensamentos, ele virou-se e fez um gesto, mandando que os oficiais e os soldados recuassem, ficando novamente fora do alcance da conversa.

Eu estava calmo, consciente do que precisava fazer. Primeiramente, era preciso recuperar o orgulho de Artur e o amor que pudesse

ter destruído por ter destruído este momento para ele. Toquei-lhe o ombro, meigamente:

— Emrys, quer deixar-nos agora? O Duque de Cornwall não me fará mal, e eu e ele precisamos conversar. Quer ir para a capela com Ralf, e esperar-me lá?

Esperei que Cador fosse interferir, mas ficou imóvel. Agora não olhava para o rosto de Artur, mas sim para a espada descoberta e reluzente na sua mão. Pareceu voltar a si, de repente. Fez novo gesto para os seus homens, e Ralf, libertado, trouxe Canrith para Artur, e montou também no seu cavalo. Ele estava preocupado e em dúvida se devia seguir a minha ordem aparente, ou procurar fugir com Artur pela floresta.

Fiz sinal para ele.

— Vá para o santuário, Ralf. Por favor, esperem lá. Não temam por mim; eu irei mais tarde.

Artur ainda hesitava, segurando a rédea de Canrith. Cador falou:

— É verdade, Emrys, não quero fazer-lhe mal. Não tenha medo de deixá-lo. Não sou bobo de meter-me com feiticeiros. Ele irá encontrar-se com vocês, não se preocupe.

O rapaz olhou-me de modo estranho. Ainda duvidava, estava confuso. Eu disse, muito meigamente, sem importar-me que ouvissem:

— Emrys...

— O quê?

— Quero agradecer-lhe. Eu realmente pensei que havia perigo. E estava com medo.

O ar sombrio o abandonou. Ele não sorriu, mas a raiva deixou o seu rosto, e a vida voltou a ele, com a vivacidade da espada brilhante a abandonar a bainha sufocante. Percebi então que nada do que eu fizera afetara o seu amor por mim. Ele se dirigiu a mim, e na sua voz só se notava apreensão:

— Quando vai entender que daria a própria vida para que nada de mal lhe acontecesse?

Olhou de novo para a espada na mão, como que se perguntando como fora parar ali. Depois, encarou Cador.

— Se o senhor lhe fizer algum mal, eu o perseguirei por todo o reino. Juro.

— Senhor, — replicou Cador, com cortesia solene, falando de guerreiro para guerreiro — acredito piamente. Juro-lhe que não farei mal a ele, nem a ninguém, apenas aos inimigos do Rei.

O rapaz sustentou o seu olhar por mais um momento, depois assentiu. Engoliu em seco, e a tensão o abandonou. Montou no cavalo, saudou Cador formalmente, e, sem mais palavras, partiu pelo caminho que margeava o lago. Cabal corria ao seu lado, e Ralf o acompanhava. Vi que o rapaz olhou para trás quando alcançou a curva do caminho que o tiraria das minhas vistas. Depois, sumiram, e eu fiquei sozinho com Cador e os homens de Cornwall.

8

— E então, Duque? — perguntei.

Não respondeu imediatamente, mas ficou mordendo o lábio e olhando para a maçaneta da sela. Depois, sem virar-se, fez sinal a um dos seus oficiais, que veio pegar as rédeas do cavalo quando ele desmontou.

— Leve os homens pela praia até a uns cem passos daqui. Dê água aos cavalos e fique esperando por mim.

O homem obedeceu, e a tropa sumiu de vista atrás de um trecho do bosque. Cador botou a capa por cima do braço e olhou ao seu redor.

— Vamos conversar aqui?

Sentamo-nos numa rocha achatada que dava para a água. Pegou o punhal, e ficou rabiscando com ele no tomilho. Quando fez um círculo com um triângulo dentro, falou para o chão:

— É um bom rapaz.

— É, sim.

— Parecido com o pai. Fiquei calado.

Ele enfiou o punhal no chão. Levantou a cabeça.

— Merlin, por que pensa que sou inimigo dele?

— E não é?

— Por todos os deuses, não! Não direi a ninguém onde ele está, a não ser que você dê autorização. Está vendo só? Ficou pasmo. Pensava que eu fosse inimigo dele, e seu. Por quê?

— Se algum homem tem razão para inimizade, Cadorn, este homem é você. Foi através das ações de Uther e minhas que o seu pai foi morto.

— Isto não é bem verdade. Você planejou atrair o leito do meu pai, não ele próprio. Foi ele que causou a sua morte, com a sua temeridade, ou bravura, se preferir. Você não tinha previsto isto. Além disso, se devesse odiá-lo por causa daquela noite, deveria odiar Uther Pendragon muito mais.

— E não o odeia?

— Santo Cristo, homem, não sabe que ando ao lado dele e sou o seu capitão-chefe?

— É, eu sabia, e gostaria de saber a razão. Não ignora que eu tinha as minhas dúvidas a seu respeito.

Deu uma risada áspera, muito semelhante à do pai.

— Você nunca as escondeu, não que o culpe. Não, não odeio Uther Pendragon, embora confesse que também não morro de amores por ele. Mas, em menino, vi muitos reinos divididos: Cornwall é minha, mas não pode manter-se sozinha. Só há um futuro para Cornwall, e é o mesmo futuro que há para a Inglaterra. Estou ligado a Uther. quer goste, quer não. Não trarei mais divisões, não farei o povo sofrer mais. Portanto, sou fiel a Uther... ou, melhor dizendo, ao Grande Rei.

Um pássaro mergulhou nas águas à nossa frente. Voltou com um peixe no bico, sacudiu as penas e voou. Perguntei:

— Foi você que mandou espionar-me em Maridunum. há muitos anos, antes que eu viesse para o norte?

Ele estreitou os lábios.

— Aqueles. . . Sim, eram meus... e meteram os pés pelas mãos. Adivinhou imediatamente, não foi?

— Era a conclusão óbvia. Eram de Cornwall e as suas tropas estavam em Caerleon. Depois, eu soube que também tinha estado lá. Tenho culpa de ter pensado que estava procurando Artur?

— Não, pois era exatamente o que eu estava tentando fazer. Mas não para fazer-lhe mal. — Voltou a olhar para o punhal. — Recorde aqueles anos, Príncipe Merlin, e pense na minha situação. O Rei doente, e, aparentemente, dando mais e mais poder a Lot e seus amigos. Ofereceu Morgause em matrimônio para ele, antes mesmo do nascimento de Morgiana, sabia? E até hoje acho que o Rei não enxerga a extensão da ambição de Lot. . . Tentei mostrar-lhe, mas parecia que era o eco da mesma ambição da minha parte. Tive medo

do que aconteceria aos reinos se Uther morresse... ou se o filho de Uther morresse. E embora não duvidasse do seu poder de proteger o menino à sua moda, achei que poderia ajudar, à minha moda. — Enfiou de novo o punhal na relva. — Por isso, queria achá-lo, e vigiá-lo. Como tenho vigiado Lot, por outras razões.

— Entendo. E por que nunca me procurou para dizer-me isto? Olhou-me de esguelha, com um sorriso começando nos cantos dos lábios.

— Se o tivesse feito, teria acreditado em mim?

— É provável. Não me deixo enganar facilmente.

— E teria me contado onde estava o menino?

— Não, isso não — respondi sorrindo. Deu de ombros.

— Aí está a resposta. Mande os meus espiões idiotas e não descobri nada. Até perdi você de vista. Mas nunca quis fazer-lhe mal, juro-lhe. E embora eu talvez tivesse sido seu inimigo no passado, nunca fui inimigo de Artur. Acredita agora?

Olhei ao meu redor para o dia tranquilo, para as árvores ensolaradas, para a névoa tênue que se desfazia sobre o lago.

— Eu já devia saber. O dia inteiro eu me perguntei por que não pressenti o perigo.

— Se fosse inimigo de Artur — continuou ele, sorrindo — não tentaria arrancá-lo da proteção dos braços e olhos de Merlin. Quer dizer que teria sentido o perigo no ar, hoje, se tivesse havido perigo?

Respirei fundo. Sentia-me leve como o ar à minha volta.

— Tenho certeza. Fiquei preocupado porque o deixei se aproximar tanto hoje sem sentir o frio sobre a pele. E nem o sinto agora. Duque Cador, peço-lhe perdão, se o senhor se dignar a dá-lo.

— Com prazer. — Limpava a ponta do punhal na grama. — Mas se não sou inimigo dele, Merlin, outros o são. Não é preciso que lhe diga o perigo que representa este casamento natalino; não só para Artur, como pretendente ao trono, como para o próprio reino.

Concordei:

— Divisão, guerra, um fim trágico para um ano trágico. Sei. Há mais alguma coisa que possa contar-me sobre o Rei Lot que não seja do conhecimento geral?

— Nada de definido, nada mais que antes. Não compareço às reuniões particulares de Lot. Mas uma coisa é certa: se Uther demorar muito a proclamar o filho, os nobres podem decidir escolher um deles como sucessor. E a escolha óbvia é Lot, um guerreiro experimentado e

conhecido, que já lutou ao lado do Rei, e que e, ou logo será, genro do Rei.

— Sucessor? — perguntei. — Ou usurpador?

— Não às claras. Morgiana não permitiria que Lot pisasse por cima do corpo do pai para reinar. Mas uma vez casado com ela, e herdeiro aparente até o aparecimento de Artur, é preciso que Artur, quando aparecer, apresente uma reivindicação mais forte, e um apoio mais forte.

— Ele tem ambos.

— A reivindicação, sim. Mas, e o apoio? Lot conta com mais homens que eu. — Fiquei calado, e depois de algum tempo ele meneou a cabeça. — Entendo.-Se ele for apoiado por você, pessoalmente ... Pode reforçar a sua reivindicação?

— Creio que sim. Terei ajuda. A sua também, espero.

— Você a terá.

— Deixa-me envergonhado, Cador.

— Nem por isso — respondeu ele. — Estava certo. É verdade que eu o odiava. Era moço, mas aprendi a ver as coisas de outro modo, com mais clareza, talvez. Para o meu próprio bem, não posso deixar que Uther prenda-se tanto a Lot, e que Lot realize as suas ambições. Artur é o pretendente que não pode ser ignorado, e só a sua mão será capaz de manter a união dos reinos... se esta união ainda for possível. É claro que ele terá o meu apoio.

Com quinze anos, Cador já era realista, eu me recordava; agora, a sua estimativa crua da situação parecia uma rajada de vento fresco entrando numa sala embolorada.

— Lot sabe disso? — perguntei.

— Acho que fui bem claro. Lot sabe que farei oposição a ele, assim como os senhores de Rheged e os reis de Gales. Porém, há outros pelos quais não posso responder, e muitos que poderão pender para um ou outro lado, se as suas terras forem ameaçadas. É uma época perigosa, Merlin. Sabia que Eosa foi para a Alemanha reunir-se com Colgrim e Badulf? Bem, há pouco chegaram notícias que navios em massa estão cruzando o Mar Alemão, vindo de Segedunum, e que os pictos abriram os portos para recebê-los.

— Não sabia disso. Quer dizer que haverá luta antes do Natal?

— Antes do fim do mês — concordou ele. — É por esta razão que estou aqui. Maelgon permanece na Praia Irlandesa, mas o perigo não está no oeste; pelo menos, ainda não. O ataque virá do leste e norte.

— Ah! — Sorri. — Então, dentro em breve as coisas irão aclarar-se.

Ele estivera me observando fixamente. Relaxou a boca, meneou de novo a cabeça.

— É o que vê? Claro que é. Talvez uma coisa de bom saia disto: Lot vai ter que definir-se. Se for verdade que andou se passando para o lado dos saxões, terá que se definir por Colgrim. Se quiser Morgiana e o Grande Reino, terá de lutar ao lado de Uther.

— Ele riu, divertido. — E foi a morte de Octa que fez Colgrim cruzar furioso o Mar Alemão, e forçou a mão de Lot. Se tivesse esperado pela primavera, Lot já teria Morgiana, e poderia receber Colgrim, usando os saxões para fazer-se Grande Rei, como já fizera Vortigern. Agora, vamos ver no que dá.

— Onde está o Rei? — indaguei.

— Vindo para o norte. Deve estar em Luguwallium ainda esta semana.

— Ele próprio comandará a batalha?

— É o que pretende, mas está muito doente. Parece que Colgrim também forçou a mão de Uther. Acho que ele vai mandar chamar Artur. Terá que fazê-lo.

— Mesmo que não o chame, — disse eu — Artur estará lá.

— A fisionomia de Cador mostrou a sua excitação, e eu perguntei: Fornecerá escolta, Cador?

— Por Deus, mas com prazer! Irá com ele?

— Depois disto, onde ele estiver, eu estarei.

— E você será necessário — falou ele, de modo significativo.

— Queira Deus Uther não tenha esperado demais. Mesmo com provas da origem de Artur, e com a espada do Rei nas suas mãos, não será fácil persuadir os nobres a aceitarem um rapazola inexperiente ... E a gente de Lot lutará com garra para que não aceitem. O melhor mesmo é tomá-los de surpresa. O rapaz precisará de tudo o que puder jogar na balança para ele.

Sorri.

— Ele mesmo pode jogar um bocado. Não se engane, Cador, ele tem valor. Não é nenhum boneco nas mãos de um "fazedor de reis".

— Não preciso que me diga — sorriu. — Sabe que ele se parecia mais com você que com o próprio Rei?

Falei de olhos fitos na superfície brilhante do lago:

— Acho que é a minha espada, e não a de Uther, que irá torná-lo rei.

Ele sentou-se, ereto.

— Ah, a espada! De onde ele desencavou aquela espada?

— De Caer Bannog. Ele arregalou os olhos.

— Ele esteve *lá*? Santo Deus, ele merece a espada e tudo q"e lhe trouxe! Eu nunca teria coragem! Por que foi lá?

— Foi salvar o cachorro, que lhe foi dado por um amigo. Foi até lá por acaso.

— Sei. O mesmo acaso que fez com que eu viesse para estes lados hoje, e que me encontrasse com um pobre ermitão e com um menino chamado Ambrósio, segurando uma espada digna de um rei.

— Ou de um imperador — repliquei. — É a espada de Macsen Wledig.

— O quê? — Inspirou fundo. Vi nos seus olhos o mesmo olhar que vira no dos soldados, quando falei na ilha encantada. — Era desta reivindicação que estava falando? Achou aquela espada para ele? Lança a sua rede bem longe, Merlin.

— Não lanço nenhuma rede. Acompanho o tempo.

— Entendo. — Inspirou fundo de novo, e olhou em redor como se estivesse notando o dia pela primeira vez, com o sol e as brisas e a ilha flutuando na água. — E agora, para você, para ele e para todos nós, é tempo... ?

— Acho que sim. Ele encontrou a espada onde eu a tinha deixado, e imediatamente depois você apareceu. O ano inteiro pediu-se ao Rei para fazer a proclamação, e ele não fez. Pois nós a faremos. Passará a noite em Galava?

— Sim. — Sentou-se ereto, enfiando o punhal na bainha com ruído. — Quer encontrar-se conosco lá? Partiremos ao alvorecer.

— Lá estarei hoje à noite, — respondi — e Artur comigo. O dia de hoje ele passará comigo na floresta. Temos de conversar.

Cador me olhou com curiosidade.

— Ele ainda não sabe de nada?

— Não — retruquei. — Prometi ao Rei.

— Então, até que o Rei fale publicamente, ele nada saberá. Alguns dos meus homens podem suspeitar, mas são leais, não tema.

Fiquei de pé e ele fez o mesmo. Fez um sinal para o oficial que vigiava de longe. Ouvi as ordens, e o barulho da tropa montando. Vieram ao nosso encontro pela margem do lago.

— Tem cavalo? — perguntou Cador. — Ou quer que lhe deixe um?

— Não, obrigado, eu tenho um. Voltarei a pé para a capela quando estiver pronto. Preciso fazer uma coisa primeiro.

Ele olhou de novo para a floresta ensolarada, para o lago plácido, para as colinas sonhadoras, como que esperando que fosse surgir poder ou mágica.

— Fazer uma coisa? Aqui?

— Exatamente. — Peguei a vara de pescar. — Ainda preciso pescar o meu jantar, e para dois, agora. E, veja, este dia entre os dias ainda arranjou uma brisa para mim. Se Artur pôde erguer do lago a espada de Máximo, eu pelo menos posso pescar uns dois peixes, não acha?

9

Ralf encontrou-se comigo na orla da clareira, mas não pudemos conversar direito, porque Artur estava perto, sentado ao sol nos degraus da capela, com Cabal aos pés.

Disse rapidamente a Ralf o que ele precisava fazer. Ele iria imediatamente para o castelo contar a Drusilla o que acontecera, que Artur estava comigo e que acompanháramos o Duque Cador na viagem do dia seguinte para o norte. Ela devia mandar uma mensagem para o Conde Ector e uma para o Rei. Ralf pediria à Condessa para arranjar alguém para tomar conta do santuário na minha ausência por intermédio do Abade Martin.

— Não vai contar-lhe agora? — indagou Ralf.

— Não. Uther é quem tem de contar.

— Não acha que ele já está desconfiado depois do que aconteceu lá embaixo? Está calado, mas com a cara de quem ganhou mais do que uma espada. Que espada é aquela, Merlin?

— Dizem que foi o Ferreiro Weland que a fez, há muito tempo. O que é certo é que foi usada pelo Imperador Máximo, e que os seus homens a trouxeram para o Rei da Inglaterra.

— É essa? E ele me contou que a encontrou em Caer Bannog... Estou começando a entender... E agora, o senhor vai levá-lo até o Rei. Está tentando forçar a mão de Uther? Acha que o Rei vai aceitá-lo?

— Tenho certeza. Uther precisa proclamá-lo agora. É capaz até de já ter mandado chamá-lo. Vá, Ralf. Teremos tempo de conversar mais tarde. Você nos acompanhará, é claro.

— E acha que eu permitiria que me deixassem para trás? — Ralf falou alegremente, mas podia ver que estava dividido entre alívio e tristeza; por um lado, a longa vigília terminara, por outro, Artur passaria dos seus cuidados para os meus e do Rei. Mas ele também estava contente, pois logo estaria de volta às atividades numa posição privilegiada de confiança, e poderia manejar a espada

contra os inimigos do reino. Saudou-me, sorrindo, depois partiu na direção de Galava.

O ruído dos cascos desapareceu na floresta. A luz do sol deramava-se na clareira. Os últimos pingos d'água tinham desaparecido dos pinheiros, e o cheiro de resina enchia o ar. Um tordo cantava. A grama estava cheia de campainhas, e borboletas azuis vojavam sobre as flores brancas das amoreiras silvestres. Havia uma colméia de abelhas selvagens embaixo do teto da capela; o seu zumbido enchia os ares, o som do fim do verão.

Na vida de todo homem há marcos, coisas de que ele recorda até na hora de morrer. Deus sabe que tive a minha cota de lembranças; as vidas e mortes de reis, as idas e vindas de deuses, as fundações e destruições de reinos. Porém, não são sempre os grandes acontecimentos que ficam na lembrança: agora, na escuridão final, é dos pequenos momentos que me recordo com mais nitidez, os momentos calmos e humanos que gostaria de reviver, e não os momentos flamejantes de poder. Ainda posso ver, claramente, o sol dourado daquela tarde. O murmúrio da fonte, a canção do tordo, o zumbido das abelhas, o cachorro branco que se cocava por causa das pulgas, o chiado do peixe que Artur cozinhava ajoelhado ao lado do fogo, com a truta espetada num galho de avelêira; tinha a fisionomia majestosa, exaltada, calma, iluminada por dentro com a luz que ilumina aquele tipo de homem. Era o seu começo, e ele sabia.

Não me fez muitas perguntas, embora mais de mil devessem estar comichando nos seus lábios. Acho que ele sabia que estávamos no limiar de acontecimentos importantes demais para comentar. Há certas coisas que hesitamos em transformar em palavras. As palavras podem mudar uma idéia, com definições muito precisas, com significados muito ligados às referências do cotidiano.

Comemos em silêncio. Estava pensando em como dizer-lhe que pretendia levá-lo até o Rei, sem quebrar a promessa feita a Uther.

Acho que Ralf estava errado; o rapaz não desconfiava da verdade; mas devia estar preocupado com os acontecimentos do dia, com a espada, com a relação entre Cador e eu, com a maneira pela qual Ralf fora tratado. Porém, nada perguntou, nem o motivo pelo qual Ralf se fora, deixando-o comigo. Parecia estar saboreando o momento. Era como se a cena da beira do lago não tivesse existido.

Comemos ao ar livre e, quando acabamos, Artur tirou os pratos, sem dizer palavra, e trouxe uma bacia com água para que eu me lavasse. Depois, acomodou-se ao meu lado nos degraus da capela, entrelaçando as mãos sobre o joelho. O tordo ainda cantava. As colinas rodeavam o vale, azuis e cheias de sombras, nubladas como espectros. Já me sentia sufocar pelas forças que ali estavam, à espera.

— A espada — ele falou. — Sabia que estava *lá*?

— Sabia, sim.

— Ele disse... Ele o chamou de feiticeiro? — Havia uma ponta de dúvida na sua voz. Não estava olhando para mim. Estava no degrau logo abaixo de mim, de cabeça inclinada, olhando para os dedos entrelaçados sobre o joelho.

— Você já sabia disso. Já tinha me visto usar magia.

— É verdade. Na primeira vez que vim aqui, quando o senhor me mostrou a espada no altar de pedra, e pensei que fosse real... — Interrompeu-se de chofre, erguendo a cabeça. A voz vibrava com a descoberta. — Era real! É essa, não é? A que serviu de modelo para a espada de pedra? Não é? Não é?

— É.

— Que espada é esta, Myrddin?

— Lembra-se da história de Macsen Wledig que contei para você e Bedwyr?

— Lembro-me muito bem. O senhor disse que aquela era a espada que estava entalhada aqui no altar. — Novamente a vibração da descoberta. — Esta é a mesma? A espada dele?

— É.

— Como foi parar na ilha?

— Fui eu que a coloquei lá, há muitos anos. Trouxe-a do lugar onde estava escondida.

Virou-se de frente para encarar-me. Por longo tempo.

— Quer dizer que o senhor a encontrou? É sua espada?

— Não disse isto.

— Foi por meio de magia que a encontrou? Onde?

— Não posso dizer-lhe, Emrys. Talvez, algum dia, você mesmo tenha que procurar o lugar.

— Por que eu?

— Não sei. Mas o homem precisa de uma espada em primeiro lugar, para usar contra a vida, e vencê-la. Uma vez vencida, ele já está mais velho, e precisa de outro alimento para o espírito...

Depois de algum tempo, ouvi que perguntava, suavemente:

— O que está vendo, Myrddin?

— Estava vendo uma terra povoada e feliz, com o milho crescendo nos vales, e os fazendeiros lavrando os campos em paz, como no tempo dos romanos. Eu estava vendo uma espada ficando ociosa e insatisfeita, e os dias de paz transformando-se em rugas e divisão, e a necessidade de uma ocupação para as espadas ociosas e os espíritos famintos. Talvez essa tenha sido a causa do deus ter tirado o gral e a lança do meu alcance, escondendo-os de novo no chão, para que um dia vocês partissem em busca do resto do tesouro de Macsen. Não, não você, e sim Bedwyr... O espírito dele terá fome e sede, não o seu, e ele se saciará nas fontes erradas.

Ouvi a minha própria voz ir morrendo, muito longe, e fez-se de novo silêncio. O tordo se fora, as abelhas se aquietaram. O rapaz agora estava de pé, de olhos fitos em mim.

Ele perguntou, com toda a força da simplicidade:

— Quem é o senhor?

— Meu nome é Myrddin Emrys, mas sou conhecido como Merlin, o feiticeiro.

— Merlin? Mas, então... quer dizer que o senhor é... o senhor foi... — Parou, e engoliu em seco.

— Merlinus Ambrosius, filho de Ambrósio, o Grande Rei? Sou.

Ficou muito tempo calado. Vi que estava recordando, rememorando, avaliando. Não pensava em si mesmo; já se habituara a ser o filho de criação do Conde Ector. E, como todos no reino, presumia que o príncipe estava sendo criado em alguma corte alhures.

Afinal, falou calmamente, mas com tanta força e alegria interiores que era de admirar que pudesse contê-las. O que disse, me deixou surpreso.

— Então a espada era sua. Foi o senhor que a encontrou, não eu. Eu apenas devia trazê-la para o senhor. Ela é sua. Vou buscá-la.

— Não, espere, Emrys...

Porém, ele já se fora. Trouxe a espada, correndo e me entregou.

— Tome. É sua. — Estava ofegante. — Devia ter adivinhado quem o senhor era... Não lá na Bretanha, com o príncipe, mas aqui, na sua terra, esperando a hora de ajudar o Grande Rei. É filho de Ambrósio. Só o senhor poderia tê-la encontrado, e eu a encontrei apenas porque me mandou ir lá. Ela é sua. Pegue-a.

— Não. Para mim, não. Não para um filho bastardo.

— E isso faz diferença?

— Faz — respondi gentilmente.

Ficou calado. A espada ficou ao seu lado, à sua sombra. Entendi mal o seu silêncio; lembro-me que na hora fiquei aliviado que ele não tivesse dito mais nada.

Pus-me de pé.

— Traga-a para dentro da capela. Vamos deixá-la no seu lugar, no altar do deus. O deus que for o soberano deste lugar tomará conta dela. Precisa ficar aqui até a hora de ser reclamada, à vista dos homens, pelo herdeiro legítimo do reino.

— Ah, foi por isso que mandou que eu fosse buscá-la? Para trazê-la para ele?

— Foi. Ela será dele na hora apropriada.

Fiquei um pouco surpreso quando ele sorriu, aparentemente satisfeito. Concordou calmamente. Levamos juntos a espada para a capela. Ele a colocou no altar, em cima da sua réplica entalhada. Eram iguais. Largou o cabo, devagarinho, e voltou ao meu lado.

— E agora — falei — preciso dizer-lhe uma coisa. O Duque de Cornwall trouxe notícias...

Não passei daí. O som de cascos que se aproximavam ligeiros pela floresta assanhou Cabal, que começou a rosnar. Artur virou-se depressa. Sua voz era cortante.

— Ouça! Serão os homens de Cornwall de novo? Deve haver alguma coisa errada... Tem certeza que eles têm boas intenções?

Pus a mão no seu braço, e ele parou, perguntando, ao ver a minha expressão:

— Que é? Estava esperando por isto?

— Não. Sim. Nem sei direito. Espere, Emrys. É, isto tinha de acontecer. Achei que tinha. O dia ainda não terminou.

— Que quer dizer? Balancei a cabeça.

— Venha comigo ao encontro deles.

Não eram as tropas de Cornwall que estavam entrando na clareira. O Dragão rebrilhava, vermelho sobre ouro. Homens do Rei. O oficial fez parar a tropa e veio à frente. Passou os olhos pela clareira,

pelo santuário, pelas minhas roupas modestas; olhou de relance para o rapaz ao meu lado, e voltou a olhar para mim, saudando-me com uma mesura profunda.

Fez uma saudação formal em nome do Rei. Deu-me as notícias que eu já soubera por intermédio de Cador; que o Rei ia para o norte com o seu exército, e que ficaria em Luguwallium para enfrentar a ameaça das forças de Colgrim. O homem continuou, com ar preocupado, a sua narrativa: a saúde do Rei tinha piorado novamente e havia dias em que não conseguia montar, mas que se propunha a ir para o campo de batalha numa liteira, se fosse necessário.

— E foi esta a mensagem que fui encarregado de entregar, meu senhor. O Grande Rei, recordando a força e a ajuda que o senhor emprestou ao exército do seu irmão Aurélio Ambrosio, pede-lhe que abandone o seu retiro e vá ao seu encontro no local em que ele espera pelos seus inimigos. — A mensagem parecia decorada. Terminou: — Meu senhor, devo dizer lhe que este é o chamado pelo qual esperava.

Inclinei a cabeça.

— Já o esperava. Já mandara avisar ao Rei que viria, levando Emrys de Galava comigo. Vão escoltar-nos? Então, tenham a bondade de esperar enquanto nos aprontamos. Emrys... — virei-me para Artur, que parecia em transe, de tão excitado — venha comigo.

Seguiu-me para dentro da capela. Tão logo ficamos fora das vistas dos soldados, agarrou o meu braço.

— Vai me levar? Vai me levar mesmo? E se houver luta...

— Você lutará.

— Mas, meu pai, o Conde Ector... Ele pode não deixar.

— Não vai lutar ao lado do Conde Ector. Estes são soldados do Rei, e você vai comigo. Você lutará com o Rei.

Exclamou, cheio de alegria:

— Quanta coisa fantástica num só dia! Pensei, primeiro, que o veado branco tinha me levado até a espada, que ela era para mim. Mas agora vejo que era só um sinal de que hoje iria partir para a minha primeira batalha... Que está fazendo?

— Preste atenção — respondi. — Eu lhe disse que ia deixar a espada sob a proteção do deus. Ela já ficou muito tempo na escuridão. Vamos deixá-la, agora, na luz.

Estendi as mãos. O fogo pálido surgiu do ar, percorrendo a lâmina, fazendo com que as runas, trêmulas e ilegíveis, rebrilhassem. Depois, o fogo espalhou-se, envolvendo-a, até que as chamas mor-

reram, como num ferro de marcar que se apagasse, deixando apenas o altar, de pedra clara, com a sua espada de pedra.

Artur nunca tinha me visto usar essa espécie de poder antes, e ficou olhando de boca aberta as chamas surgirem do ar e inflamarem a pedra. Afastou-se um pouco, assombrado e meio amedrontado, com o rosto quase sem cor, salvo a que as chamas lhe emprestavam.

Quando tudo terminou ficou muito quieto, umedecendo os lábios secos. Sorri para ele.

— Ora, que é isso! Você já me viu empregar mágica antes.

— Já. Mas isto... este tipo de coisa... Durante todo esse tempo, quando Bedwyr e eu estivemos com o senhor, nunca nos deixou perceber a espécie de homem que era... Este poder; eu não tinha a menor idéia. O senhor nunca nos falou sobre ele.

— Não havia nada para contar. Não precisava fazer uso dele, e não podia ensiná-lo a vocês. Você e Bedwyr terão habilidades diferentes. Não vai precisar desta. Além disso, se precisar, estarei ao seu lado para oferecê-la.

— Estará? Sempre? Gostaria de acreditar nisto.

— É verdade.

— Como é que vou saber?

— Eu sei — respondi.

Fitou-me por mais um momento, com o rosto cheio de incerteza, confusão e desejo. Tinha o ar de um menino, imaturo e perdido que logo substituiu pela sua armadura normal de coragem alegre! Sorriu para mim, com a habitual vivacidade:

— O senhor pode se arrepender, ouviu? Bedwyr é a única pessoa que pode me aturar por muito tempo.

Dei uma risada.

— Vou fazer o possível. Por favor, diga-lhes para trazerem os nossos cavalos.

Quando fiquei pronto, juntei-me aos homens que esperavam. Artur não estava montado e impaciente para partir, conforme eu esperava; segurava o cavalo para mim, como um cavaleiro. Arregalou um pouco os olhos, quando me viu; eu tinha vestido as minhas melhores roupas, e o meu manto negro era forrado de escarlata, e preso ao ombro pelo broche de dragão da casa real. Ele percebeu que eu adivinhara o seu pensamento e que estava achando divertido, e sorri um pouco para ele quando montou o seu garanhão branco. Tomei cuidado para que não percebesse os meus pensamentos: que o jovem de manto simples e ar inteligente e orgulhoso não necessitava de

nenhum broche para proclamar-se Pendragon, e real. Porém, ele fez o seu garanhão branco seguir atrás da minha égua mansa, e era a mim que os homens estavam observando.

Assim, deixamos a capela da Floresta Agreste aos cuidados do deus a que ela pertencia, fosse ele qual fosse, e seguimos para Galava.

QUARTA PARTE - O REI

1

O perigo por parte dos saxões era ainda mais imediato do que Cador imaginara. Colgrim andara depressa. Quando Artur, eu e a nossa escolta chegamos a Luguwallium, já encontramos as forças do Rei e de Cador tomando posição a sudeste da cidade, juntamente com os homens de Rheged, para enfrentar um numeroso inimigo pronto para o ataque.

Os líderes britânicos estavam reunidos com o Rei na sua tenda, que fora armada no cume de uma colinazinha situada para além do campo de batalha. Ali existira uma espécie de fortaleza, no passado, e ainda sobravam dela uns restos de muralhas e uma torre destruída, e, declive abaixo, encontravam-se as pedras desmoronadas e os pátios cobertos de mato de uma aldeia abandonada. O lugar estava cheio de amoras e de urtigas, e velhas macieiras carregadas mantinham-se firmes entre as pedras caídas. No sopé da colina a caravana das bagagens estava tomando lugar; as árvores e as paredes semi-destruídas serviriam de abrigo para o posto de curativos de emergência. Logo o caos aparente tomaria jeito; os exércitos do Rei ainda lutavam com o tipo de disciplina romana que Ambrósio aprovava. Olhando para o imenso exército dos inimigos, o campo cheio de lanças e machados, a crina dos cavalos balançando ao vento como a espuma do mar, concluí que iríamos precisar de cada partícula de força e coragem que pudéssemos conseguir. E pus-me a pensar no Rei.

A tenda de Uther fora armada no gramado em frente à torre destruída. Quando a nossa tropa foi na sua direção, no meio do

barulho e da agitação dos batalhões que tomavam os seus lugares para a luta, percebi que muitos homens pararam para olhar, e que a notícia correu entre eles, apesar dos gritos, das ordens e do ruído das armas.

— É Merlin! Merlin! Merlin, o profeta. Merlin está conosco. — Os homens se viravam, olhavam, gritavam, e o júbilo se espalhou como um zumbido pelo campo. Um sujeito com a divisa de Dyfed gritou quando passei, na minha própria língua:

— Então você está conosco, Myrddin Emrys, *braud*, e viu a estrela cortando os céus para nós, hoje?

Respondi, claramente, para que todos pudessem ouvir:

— A estrela de hoje sobe para o céu. Esperem por ela, e pela vitória.

Quando desmontei com Ralf e Artur ao pé da colina, as minhas palavras já estavam espalhando-se pelo campo de batalha como o vento correndo entre espigas de milho.

Era um dia ensolarado de setembro. Do lado de fora da tenda do Rei, o Dragão tremulava, escarlate sobre o amarelo. Entrei imediatamente, com Artur atrás. O rapaz tinha-se vestido em Galava, e parecia um perfeito guerreiro. Pensei que fosse aparecer com o brasão de Ector, mas veio sem nenhuma divisa, usando capa e túnica de lã branca.

— É a minha cor — explicou, quando viu que eu estava olhando. — O cavalo branco, o cão branco, e usarei um escudo branco. Como não tenho nome, eu mesmo farei o meu nome. E a minha divisa será conquistada por mim.

Eu nada dissera, mas agora, enquanto o rapaz caminhava ao meu lado e se ajoelhava em frente ao Rei, pensava que se ele tivesse querido chamar atenção, deliberadamente, não teria feito melhor. O branco puro, seu ar de juventude ansiosa e brilhante, destacavam-se entre as cores esfuziantes daquela manhã, como se as trombetas já o tivessem proclamado príncipe. Quando Uther nos cumprimentou, notei este mesmo pensamento no olhar ansioso e faminto com que fitou o rosto do rapaz.

Quanto a mim, fiquei chocado com a aparência de Uther. Confirmou o que tinha ouvido a seu respeito, que era um homem no fim, como se um cancro o estivesse roendo por dentro, sem lhe causar dor, mas consumindo-o. Estava magro e com uma cor ruim, e de vez em quando levava a mão ao peito, como se tivesse dificuldade em respirar. Estava magnificamente vestido, com a armadura coberta de ouro e jóias; o tecido da sua capa também era de ouro, com dragões

escarlates entrelaçados. Estava ereto, majestoso na grande cadeira. O cabelo e a barba avermelhados já tinham fios grisalhos, mas os olhos continuavam vivos e brilhantes como sempre, queimando nas órbitas. A magreza do seu rosto dava-lhe um ar de gavião, mais majestoso do que nunca. O ouro, as jóias, a capa grande disfarçavam a magreza do corpo. Só nos pulsos e nas mãos ossudas é que se notava como a longa doença o tinha consumido.

Artur esperou com Ralf às minhas costas, quando me adiantei. O Conde Ector estava lá, perto do Rei, junto com Coei de Rheged, e Cador, e uma dúzia de outros chefes conhecidos. Vi Ector olhar para Artur como que maravilhado. Não vi Lot em canto algum.

Uther cumprimentou-me com uma cortesia que mal disfarçava a sua ansiedade. É possível que ele pretendesse apresentar o filho aos seus comandantes naquele momento, mas não houve tempo. As trombetas já soavam lá fora. Uther hesitou, indeciso, depois fez sinal a Ector, que se adiantou e apresentou Artur formalmente ao Rei, como seu filho de criação, Emrys de Galava. Artur, com a sua nova maturidade tranqüila e reservada, ajoelhou-se para beijar a mão do Rei. Vi que a mão de Uther apertou a dele, e pensei que fosse falar, mas as trombetas soaram novamente, bem próximas, e a porta da tenda foi aberta com força. Artur afastou-se. Uther, com esforço visível, tirou os olhos do rosto do rapaz e deu a ordem. Os comandantes fizeram saudações apressadas e dispersaram-se para montar e galopar para os seus postos. A terra tremia com o pisar dos cavalos, o ar com os gritos e o estrondo dos metais. Quatro homens vieram correndo com varas, e vi que a cadeira de Uther era uma espécie de liteira, uma cadeira grande que podia ser carregada até o campo de batalha. Alguém veio correndo entregar-lhe a espada, sussurrando qualquer coisa, e os quatro homens ficaram a postos perto das varas, à espera da ordem do Rei.

Afastei-me. Se me veio à lembrança a imagem do comandante jovem e vigoroso que lutara ao lado do irmão nos primeiros anos da guerra, ela não me despertou piedade nem pesar, pois o Rei virou a cabeça e sorriu, o mesmo sorriso feroz e ansioso que eu conhecia. Parecia anos mais moço. Se não fosse pela liteira, teria jurado que ele era um homem sadio. As faces estavam com boa cor, toda a sua pessoa refulgia.

— Meu criado está dizendo que você já previu a nossa vitória.
— Riu, uma risada de moço, cheia e ressoante. — Então, você nos trouxe hoje tudo que poderíamos desejar, rapaz!

Artur, que conversava com Ector à porta da tenda, interrompeu-se e olhou para trás. O Rei chamou:

— Venha. Fique aqui ao meu lado.

Artur olhou para o pai adotivo, depois para mim. Fiz-lhe um sinal com o cabeça. Ele obedeceu ao Rei, enquanto Ector fazia um gesto para Ralf, que foi imediatamente ficar junto com Artur à esquerda da liteira do Rei. Ector ainda ficou por mais um momento à espera na porta da tenda, mas Uther estava dizendo qualquer coisa para o filho, e Artur estava inclinado, escutando. O Conde jogou a capa por cima do ombro, saudou-me abruptamente e saiu. As trombetas soaram de novo, e a luz do sol e os gritos nos rodearam quando a cadeira do Rei foi carregada ao encontro das tropas que esperavam.

Não a acompanhei colina abaixo, mas fiquei onde estava, ali no alto, ao lado da tenda, olhando os exércitos formarem no enorme campo lá embaixo. Vi quando colocaram a cadeira do Rei no chão, e quando ele levantou-se para falar aos homens. De onde estava não podia ouvir o que dizia, mas quando ele se virou e apontou para mim, no alto, à vista de todos, ouvi o grito de "Merlin" novamente e as aclamações. Houve um grito do inimigo em resposta, um berro de deboche e desafio, e aí o clamor das trombetas e o trovão dos cavalos abafaram tudo mais, e sacudiram o dia.

Ao lado da parede da torre havia uma velha macieira, com o tronco enrugado e coberto de líquen, mas com os ramos cheios de frutas amarelas. Na sua frente havia uma pedra caída, com um plinto onde talvez tivesse existido um altar ou uma estátua. Subi nele, dando as costas à árvore carregada, e observei a luta.

Nem sinal do estandarte de Lot. Chamei um homem que ia passando, um assistente de médico que se dirigia ao posto de curativos lá embaixo, e perguntei:

— Lot de Lothian? As suas tropas não vieram?

— Nem sinal delas, ainda, senhor. Não sei o motivo. Quem sabe vão ficar de reserva ali à direita?

Olhei para onde apontava. À direita do campo corria um regato sinuoso, ladeado dos dois lados por uns cinquenta pés de terra ruim. Depois, o campo passava por salgueiros, amieiros e carvalhos raquíticos, e encontrava um bosque mais denso. Por entre as árvores a terra era inclinada e ruim, mas não íngreme demais, e meio exército podia esconder-se nos bosques. Pareceu-me ver o brilho de lanças entre as árvores. Lot, vindo do nordeste, teria sabido cedo do avanço

dos saxões, e não chegaria atrasado para a luta. Ele devia estar lá, esperando e observando. Mas não como reserva colocado lá por ordem do Rei, disto eu tinha certeza. O dilema de que Cador e eu faláramos poderia ter hoje a sua solução: se a vitória parecesse sorrir para Uther, Lot entraria com o seu exército em tempo de partilhar do triunfo, e das recompensas e poder posteriores; mas, se o dia fosse favorável a Colgrim, Lot teria chance de bandear-se para o lado dos conquistadores saxões, ainda em tempo de negar o seu casamento com Morgiana, e de aceitar o poder que o novo jugo saxão lhe quisesse oferecer. Talvez, pensei sombriamente, eu esteja cometendo uma injustiça com este raciocínio. Mas sentia nos ossos que não estava. Gostaria que tivesse havido tempo, antes da batalha, para conhecer as disposições de Uther. Se Lot estivesse por perto ele não perderia esta batalha, com todas as chances que lhe oferecia. Fiquei imaginando quando ele me veria, ou teria notícias da minha vinda. E tão logo soubesse, não teria dúvidas quanto à identidade do rapaz de branco no cavalo branco, que lutava à mão esquerda do Rei.

A presença do Grande Rei, mesmo numa liteira, entusiasmara e reforçara os britânicos. Ele não podia comandar a carga, mas estava ali, bem no meio do campo, com o Dragão acima dele, e, embora houvesse muita gente à sua volta para impedir que algum inimigo o atingisse, a luta era mais feroz nas vizinhanças do Dragão, e, às vezes, eu via o flutuar da capa dourada e o brilho da espada do Rei. À direita ficava o Rei de Rheged, flanqueado por Caw com pelo menos três dos seus filhos. Ector também estava à direita, lutando com ferocidade obstinada, enquanto Cador, à esquerda, dava o seu máximo de celta num dia de sorte. Eu sabia que a natureza dera a Artur as qualidades de ambos, mas, hoje, ele estava mais que contente com a sua posição ao lado esquerdo do Rei. Ralf, por sua vez, protegia. Artur. O seu alazão nunca se afastava mais que um passo do flanco do garanhão branco.

A batalha pendia para um lado e para o outro. Ali caía um estandarte, sob a ferocidade do ataque; de repente, uma recuperação, e os britânicos impeliavam-se para a frente debaixo da fúria dos machados, para repelir a onda de saxões enfurecidos. De tempos em tempos, um cavaleiro solitário partia para o leste através das terras do regato, desaparecendo entre as árvores...presumivelmente um mensageiro. Não havia dúvidas de que as forças de Lot estavam lá, escondidas e esperando dentro do bosque. E tive a certeza de que não estava esperando por ordem do Rei. Ele ignorava os pedidos de

auxílio que os mensageiros levavam, para aparecer somente quando a situação já estivesse definida. Assim, por duas longas horas, quase até as três da tarde, as forças britânicas lutaram, privadas do auxílio a que tinham direito. O Rei de Rheged foi ferido, e deixou o campo; a sua gente ainda ficou no seu posto, mas notava-se que vacilavam. E nada dos homens de Lot. Se não aparecessem logo, poderia ser tarde demais.

E quase que era. Houve um grito no centro, um grito de raiva e desespero. Na confusão que cercava a cadeira do Rei, vi o estandarte do Dragão oscilar, sacudir violentamente, e cair. De repente, apesar da distância, era como se eu estivesse ao lado da cadeira do Rei, vendo tudo com clareza. Um grupo de saxões, gigantes claros e enormes, alguns cobertos de sangue de ferimentos que nem percebiam, atacara o grupo que cercava o Rei, forçando a passagem com vigor e ferocidade. Alguns foram abatidos, alguns repelidos com desespero, mas dois conseguiram passar. Seguiram em frente, destruindo, brandindo os machados, para a esquerda do Rei. Um machado acertou o mastro do estandarte, que se partiu, oscilou e começou a cair. O homem que o carregava caiu, com o sangue a jorrar do seu pulso seccionado, e foi esmagado pelos cascos dos cavalos. Quase sem intervalo, o machado descreveu um arco na direção do Rei. Uther pôs-se de pé, com a espada pronta para defender-se, mas Ralf manejou a sua espada, e o saxão caiu por cima da cadeira do Rei, seu sangue jorrando em cima da capa dourada. O Rei ficou preso embaixo do seu corpo. O outro saxão correu para a frente, aos berros. Ralf, praguejando, tentou colocar o seu cavalo entre o Rei indefeso e seu novo atacante, mas o saxão continuou a investir, afastando as armas britânicas como um touro furioso afasta a grama alta. Parecia que nada o impediria de alcançar o Rei. Vi que Artur impulsionou o seu animal para a frente no momento em que o estandarte oscilante caiu, atingindo o maranhão branco no peito. O cavalo empinou, relinchando. Artur, segurando o cavalo com os joelhos, agarrou o estandarte que caía, e jogou-o, gritando, por cima da cadeira do Rei, para as mãos firmes de um soldado, depois virou o cavalo que escoiceava exatamente para a frente do gigantesco saxão. O machado descreveu a sua curva brilhante e desceu com força. O garanhão desviou-se com um pulo, e o golpe não pegou, mas atingiu de raspão a espada do rapaz, que rolou para o chão. O garanhão empinou de novo, escoiceando com as letais patas dianteiras, e o rosto do atacante desapareceu, transformado numa pasta informe e sangrenta. O cavalo branco saltou de novo para o lado

do Rei. e Artur procurou o seu punhal. E então, tranqüilamente. mas tão nitidamente como se tivesse gritado, o Rei falou: "Tome!", e jogou a própria espada no ar, com o cabo para frente. A mão de Artur agarrou-a firme, pelo cabo. Ela refletiu a luz. O cavalo branco empinou de novo. O estandarte estava novamente flutuando ao vento, escarlate sobre dourado. Um grande grito surgiu, vindo do centro do campo, onde o garanhão branco, esmagando sangue, correu para a frente sob o estandarte do Dragão. Gritando, os homens o acompanharam. Vi que o porta-estandarte hesitou por um segundo, olhando para o Rei, que fez-lhe sinal para que continuasse em frente, e depois reclinou-se sorrindo em sua cadeira.

E então, já muito tarde para a intervenção espetacular que Lot planejava, as tropas de Lothian irromperam dos bosques e engrossaram as fileiras dos britânicos. Mas o dia já estava ganho. Não havia quem não tivesse visto o que acontecera. Parecia que o espírito de luta do Rei abandonara o seu corpo enfermo para surgir, todo branco, num cavalo branco, e dirigir-se como a ponta de uma lança de guerra, direto para o coração das forças saxãs.

Logo os saxões, abandonando os seus postos, foram empurrados gradativamente para os pântanos que margeavam o campo, e os britânicos seguiam atrás deles com ferocidade e triunfo crescentes. E os homens começaram a ir buscar os feridos e os moribundos. A cadeira de Uther devia ser trazida de volta, também, mas ele continuava a seguir na esteira de Artur. Mas o grosso da batalha já não se travava à sua volta, mas lá na frente, onde todos podiam ver o garanhão branco, a capa branca e a espada reluzente do Rei, sob o Dragão.

A minha posição como presença visível no topo da colina já não era mais necessária, nem observada. Desci para o posto de curativos de emergência, armado perto das ruínas do pomar de macieiras. As tendas já estavam ficando cheias, e os ajudantes trabalhavam duro. Mandeí um menino ir buscar a minha caixa de instrumentos, e tirei a capa, jogando-a por cima dos ramos baixos de uma macieira para me proteger dos raios solares; quando a maça seguinte passou por mim, mandei que a trouxessem para a sombra improvisada.

Um dos carregadores era um veterano magro e grisalho que reconheci. Trabalhara como meu assistente em Kaerconan. Falei:

— Espere, Paulo, não se vá. Tem muita gente para servir de carregador; prefiro que me ajude aqui.

Ele ficou satisfeito que o tivesse reconhecido.

— Achei que poderia querer a minha ajuda, senhor. Tenho aqui a minha maleta. — Ajoelhou-se do outro lado do homem inconsciente e, juntos, começamos a cortar a túnica de couro no lugar em que havia um rasgão sangrento.

— Como está o Rei? — perguntei.

— É difícil dizer, senhor. Pensei que ele tinha acabado, e um bocado de coisa com ele, mas está agora com Gandar, tranqüilo como um bebê, e sorridente. E com razão...

— É verdade... Acho que chega. Deixe ver... — Era um ferimento de machado, e o couro e o metal da túnica do homem tinham sido enfiados para dentro da carne cortada e do osso despedaçado. Continuei: — Acho que não vamos poder fazer muito aqui, mas tentaremos. Deus está do nosso lado, hoje, e talvez esteja também do lado deste infeliz. Segure aqui, por favor... Como você dizia, com razão. A sorte não mudará, agora.

— Sorte, nem? Sorte num cavalo branco, isso sim. Foi uma beleza ver aquele jovem, ver como ele agiu no momento exato. Era do que precisávamos, pois o Rei tinha caído como se estivesse morto, e o Dragão vinha vindo abaixo. Estávamos esperando o Rei Lot, mas nem sinal dele. Pode acreditar, senhor, mais meio minuto

e as coisas teriam virado. A guerra é assim; quanta coisa depende de uns poucos segundos e de um pouco de sorte... A coisa feita no momento certo, a pessoa certa a fazê-la... é só o que basta para se ganhar ou perder um reino.

Trabalhamos em silêncio, e depressa, porque o homem começava a mexer-se sob as minhas mãos, e eu queria terminar antes que voltasse à consciência dolorosa. Quando já havia feito tudo o que podia, e estávamos terminando de colocar as ataduras, Paulo comentou:

— Uma coisa engraçada.

— Que coisa?

— Lembra-se de Kaerconan, senhor?

— Como poderia esquecer?

— Bem, aquele moço se parecia com ele... com Ambrósio, quero dizer, que naquele tempo era Conde da Inglaterra. Com cavalo branco e tudo, e o Dragão tremulando por cima. Os homens repararam... E o nome é o mesmo, não é, senhor? Emrys? Parente seu, talvez?

— Talvez.

— Ah, bom — falou Paulo, e não fez mais perguntas. Não precisava dizer mais nada; eu já sabia que os rumores deviam estar fervendo desde o momento em que Artur e eu chegamos com a escolta. Pois que fervessem. Uther tinha mostrado o jogo. E, depois da bravura do rapaz, da sorte na batalha e do seu próprio erro de cálculo, Lot ia ter um bocado de dificuldade para fazer o Rei mudar de idéia, ou para persuadir os outros nobres de que o filho de Uther não era um chefe condigno.

O homem que estava entre nós voltou a si e começou a gritar, e não houve mais tempo para conversa.

2

Quando a noite caiu, todos os feridos já tinham sido removidos do campo. O Rei se retirara ao ter certeza de que a maré da vitória não mudaria, e que os saxões não tentariam nada de última hora. Quando a batalha terminou, as forças principais dos britânicos se retiraram para uma cidade a duas milhas ao noroeste, deixando Cad, com Caw de Strathclyde, guardando o campo. Lot não ficara para averiguar a sua posição frente aos outros chefes, mas retirara-se para a cidade tão logo a luta terminou, e fora com Ajax para os seus aposentos, e ninguém mais o viu desde então. Já se teciam comentários sobre a fúria com que presenciara a ação do Rei, favorecendo o jovem estranho no campo de batalha, e o seu silêncio sombrio quando soube que Emrys iria comigo ao banquete da vitória, onde, sem dúvida, seria devidamente homenageado. Também comentava-se os motivos que teriam levado Lot a entrar tão tarde na batalha. Ninguém ousou falar em traição, mas dizia-se abertamente que, se ele tivesse demorado mais um pouco, e se Artur não tivesse realizado o seu pequeno milagre, a inércia de Lot poderia ter custado a vitória de Uther. Os homens também se perguntavam, em voz alta, se Lot sairia do seu isolamento sombrio para comparecer ao banquete programado para a noite seguinte. Mas eu sabia que não ficaria ausente. Não ousaria. Embora nada tivesse dito, ele sabia quem era "Emrys", e se quisesse desmoralizá-lo e assumir o poder que almejava, teria de ser agora.

Atendidos os casos de emergência no posto do pomar, as unidades médicas também foram para a cidade, onde havia um hospital. Fui com elas, e atendi a um fluxo constante de casos durante toda a tarde e a noite. As nossas perdas não tinham sido excessivas, mas,

mesmo assim, os destacamentos de sepultamento tiveram muito trabalho, sob a vigilância dos lobos e dos corvos. Uma luz distante e bruxuleante vinha dos pântanos, onde os saxões queimavam os seus mortos.

Terminei o meu trabalho no hospital lá pela meia-noite, e estava numa sala externa, vendo Paulo guardar os meus instrumentos, quando escutei alguém que se aproximava rapidamente pelo pátio, e percebi um movimento na porta às minhas costas.

Podem chamar-me de velho tolo, se quiserem, lembrando coisas que nem sequer aconteceram, e talvez tenham um pouco de razão; mas não foi apenas o amor que fez com que eu soubesse que era *ele*, mesmo antes de virar a cabeça. Um ar fresco e doce entrou com ele, penetrando através dos vapores das drogas, e do fedor da doença e do medo. Até as lamparinas queimaram com mais força.

— Merlin? — Falou baixinho, como a gente fala num quarto de doente, mas na sua voz ainda havia a excitação do dia que passara. Olhei para ele sorrindo, depois assustado.

— Está ferido? Seu garoto tolo, por que não veio procurar-me logo? Deixe ver.

Afastou o braço com a manga endurecida de sangue.

— Não sabe reconhecer o sangue negro dos saxões? Não tive nem um arranhão. Ah, Merlin, que dia! E que Rei! Ir para o campo incapaz, numa cadeira... isto é que é ter coragem, muito mais do que *í* preciso para ir para a luta num bom cavalo e com uma boa espada. Juro que nem precisei pensar... foi tudo tão fácil... Merlin, foi esplêndido! Foi para isso que nasci, tenho certeza! E viu o que aconteceu? O que o Rei fez? A sua espada? Juro que foi ela que me puxou para a frente, por vontade própria... E todos aqueles gritos, e o modo como os soldados arremeteram-se para a frente como o mar. Nem precisei esporear Canrith... Foi tudo tão rápido e ao mesmo tempo tão devagar e tão nítido, cada momento parecia durar para sempre. Eu não sabia que a gente podia sentir-se pegando fogo e gelado ao mesmo tempo, sabia?

Ele não esperava as respostas, mas falava sem parar, depressa e com vivacidade, os olhos iluminados pela emoção da batalha e pela experiência avassaladora do dia. Eu mal escutava, só o observava, e observava os rostos dos ajudantes e dos criados, e dos homens que ainda estavam acordados e perto o suficiente para escutar. Vi que começava; era deste modo que a presença de Ambrósio, após as batalhas, dava força aos feridos e conforto aos moribundos. Aquilo que

possuía, Artur também tinha; eu o veria com frequência no futuro; ele parecia irradiar luminosidade e força por onde passava, e elas se renovavam nele mesmo. À medida que ficasse mais velho, eu sabia que se renovariam com mais dificuldade, mas, agora, era tão moço, com a flor da virilidade ainda por vir. Depois disto, pensei, quem ousaria afirmar que a sua juventude era incompatível com a posição de rei? Nem Lot, dominado pela sua ambição, fazendo planos sombrios para o trono de um rei morto. Fora a própria juventude de Artur que chamara cada homem para dar o melhor de si, como o caçador chama a sua matilha, como o feiticeiro chama pelo vento.

Ele reconheceu numa das camas um soldado que lutara ao seu lado, e foi ao seu encontro falar com ele, depois com outros. Eu o ouvi chamar pelo menos dois deles pelo nome.

"Dê-lhe a espada — dissera o meu sonho — e a sua natureza fará o resto. Reis não são feitos de sonhos e profecias; já antes de começar a trabalhar para ele, ele era o que é. Você apenas o protegeu enquanto crescia. Você, Merlin, é um ferreiro como Weland da forja negra; você fez a espada e deu-lhe o fio, mas ela abre o seu próprio caminho."

— Eu o vi lá em cima ao lado da macieira — disse Artur alegremente. Ele me acompanhara quando saí do quarto do hospital, e estávamos na ante-sala, pois eu queria dar algumas ordens ao enfermeiro da noite. — Os homens estavam dizendo que era um presságio. Que se estava lá em cima, na colina, é porque íamos ganhar a luta. E a verdade é que, mesmo sem pensar, eu sentia o senhor me observando. E bem pertinho de mim. Como se fosse um escudo às minhas costas. Até acho que escutei....

Parou no meio da frase. Vi que seus olhos se arregalaram, fitos nalguma coisa. Virei-me para ver por que tinha emudecido.

Morgause devia estar com vinte e dois anos, agora, e estava ainda mais linda que da última vez que a vira. Usava um vestido simples e cinzento, que deveria fazê-la parecer uma freira, mas não fazia. Não usava jóias, nem precisava. A pele parecia mármore, e os olhos alongados de que me recordava eram verde-dourados sob os cílios fulvos. O cabelo, como convinha a uma moça solteira, caía solto sobre os ombros, afastado do rosto por uma larga tira branca.

— Morgause! — exclamei, assustado. — Você não devia vir aqui! — Depois, lembrei-me de suas habilidades e vi duas mulheres e um pajem carregando caixas e panos atrás dela. Devia estar atendendo aos feridos, como eu; ou talvez ainda cuidasse do Rei, e tivesse estado

com ele. Acrescentei, depressa: — Não, compreendo; desculpe por não tê-la saudado. A sua perícia é bem-vinda por aqui Diga-me, como está o Rei?

— Ele recuperou-se, meu senhor, e está descansando. Parece estar bem, de bom humor. Dizem que foi uma batalha notável. — Olhou então para Artur, um olhar interessado e avaliador. Era óbvio que ela sabia que ele era o jovem que se destacara durante a luta, mas parece que o Rei ainda não lhe contara quem ele era. Não havia o menor sinal de tal conhecimento no seu rosto ou na sua voz, quando fez uma mesura: — Senhor.

O rosto de Artur ficara vermelho como uma bandeira. Balbuciou um cumprimento, parecendo um garoto desajeitado; ele que nem na infância fora desajeitado.

Ela aceitou o cumprimento calmamente, depois tornou a olhar para mim, ignorando-o como uma mulher de vinte anos ignora uma criança. Pensei: "Não, ela ainda não sabe."

E continuou, com a sua vozinha meiga:

— Meu senhor Merlin, trago-lhe um recado do Rei. Mais tarde, quando o senhor tiver descansado, ele gostaria de falar-lhe. Respondi, indeciso:

— É muito tarde. Não seria melhor para ele ir dormir?

— Creio que dormiria melhor se falasse primeiro com o senhor. Ele estava impaciente para vê-lo, logo que chegou do campo de luta, mas precisava descansar, então dei-lhe uma poção para dormir Mas, agora, já acordou. Pode ir dentro de uma hora? — Pois não.

Ela fez uma reverência, de olhos baixos, e desapareceu tão silenciosa quanto tinha vindo.

3

Ceei sozinho com Artur. Tinham-me dado um quarto com vista para um jardim na margem do rio; o jardim ficava num terraço de muros altos e com portões. O quarto de Artur era contíguo ao meu, e os dois davam para uma ante-sala onde havia guardas armados. Uther não queria arriscar-se.

Meu quarto era grande e confortável, e havia um criado para servir-nos o vinho e a comida. Pouco falamos enquanto comíamos. Eu estava cansado e faminto, e Artur mostrava o apetite de sempre, mas, depois de toda aquela efusão anterior, estava agora estranhamente

quieto, provavelmente, pensei, por deferência a mim. Quanto a mim, só conseguia pensar na minha próxima entrevista com Uther, e no que o amanhã poderia trazer; ao mesmo tempo, sentia um cansaço espiritual, que provavelmente era apenas a reação normal depois de um dia tão longo e difícil. Mas parecia ser mais que isso, eu me sentia como um homem que sai de uma planície ensolarada e entra num pântano nublado.

Ulfín, o criado pessoal de Uther, veio buscar-me para levar-me à presença do Rei. Do jeito que olhou para Artur, percebi que sabia a verdade, mas não tocou no assunto enquanto me conduzia pelos corredores até o quarto do Rei. Parecia apenas ansioso quanto ao estado de saúde dele. Quando entrei no quarto do Rei, pude ver por quê. A mudança fora assombrosa, desde a manhã. Ele estava de cama, sustentado por travesseiros, e usava uma camisola de pele. Sem as armaduras, as fazendas escarlates e douradas, notava-se perfeitamente o estado terrível do seu corpo. Pude ver a morte estampada claramente no seu rosto. Não seria hoje, talvez não fosse amanhã, mas seria em breve; este devia ser o motivo da angústia que me oprimia, pensei. Embora fraco e cansado, o Rei parecia contente em ver-me, e ansioso para conversar, por isso afastei os meus pressentimentos. Mesmo com hoje e amanhã, Uther, eu e o que quer que estivesse do nosso lado teríamos bastante tempo para ver a nossa estrela chegar ao seu apogeu.

Ele falou em primeiro lugar da batalha e dos acontecimentos do dia. Era evidente que todas as suas dúvidas tinham sido afastadas, e que (embora não o admitisse) lamentava os anos perdidos da adolescência de Artur. Crivou-me de perguntas e, embora com receio de cansá-lo demais, tive de respondê-las, para que pudesse descansar melhor depois. Contei-lhe rapidamente a história dos anos passados, todos os detalhes da vida do menino na Floresta Agreste que não cabiam nos relatórios que sempre mandara. Contei-lhe também das suspeitas e certezas que eu tinha acerca dos inimigos de Artur; quando mencionei Lot, ele nada disse, escutando-me sem interromper. Não falei sobre a espada de Máximo. O Rei tinha posto a sua espada na mão do filho, hoje, publicamente; não poderia ter declarado mais claramente quem era o seu herdeiro escolhido. A espada de Macsen seria dada pelo deus, quando necessário. Entre essas duas dádivas havia uma brecha escura que eu não conseguia transpor; não havia necessidade de preocupar o Rei com ela.

Quando terminei, ficou recostado nos travesseiros em silêncio, por algum tempo, com o olhar distante, perdido em seus pensamentos. Finalmente, falou:

— Você estava certo, Merlin. Mesmo quando eu o condenava porque não entendia, estava certo. O deus nos tinha a todos na mão. E, sem dúvida, foi ele quem me deu a idéia de negar o meu filho e entregá-lo aos seus cuidados, para crescer em segredo e segurança até tornar-se o que é hoje. Pelo menos, foi-me permitido ver a espécie de homem que gerei naquela noite louca em Tintagel, e a espécie de Rei que me sucederá. Devia ter confiado mais em você, bastardo, como meu irmão fazia. Não preciso dizer-lhe que estou morrendo, preciso? Gandar foge do assunto, mas você admitirá a verdade, não é, profeta do Rei?

A pergunta exigia uma resposta. Quando respondi que sim, ele deu um breve sorriso, com um ar de quase satisfação. Eu não gostara de Uther tanto quanto agora, quando o via enfrentar a morte com coragem fria. Fora isto que Artur vira nele hoje, a qualidade real que alcançara, um pouco tarde talvez, mas não tarde demais. Talvez agora, quase que no momento culminante dos anos passados, eu e ele nos uníssemos na pessoa do rapaz.

Ele assentiu. Começava a demonstrar sinais da tensão a que estivera submetido durante o dia e a noite, mas ainda parecia amigável e vivaz.

— Bom, isto liquida com o passado. O futuro pertence a ele, e a você. Mas ainda não estou morto, e ainda sou o Grande Rei. O presente me pertence. Mandei chamá-lo para avisar que vou proclamar Artur meu herdeiro no banquete da vitória de amanhã. Não haverá melhor momento. Depois do que houve hoje, ninguém porá em dúvida a sua competência; ele já a demonstrou em público, aos olhos do exército. Mesmo se eu quisesse, acho que não poderia mais guardar segredo, os rumores correram pelo campo como o fogo pela palha. Ele ainda não sabe de nada?

— Parece que não. Pensei que começasse a desconfiar, mas parece que não. O senhor mesmo lhe dirá, amanhã?

— Sim. Mandarei chamá-lo de manhã. Até lá, Merlin, fique com ele e proteja-o.

Falou então dos seus planos para o dia seguinte. Conversaria com Artur e, à noitinha, quando todos já se tivessem recuperado da luta, já tivessem apagado as cicatrizes da batalha, Artur seria proclamado gloriosamente na frente dos nobres presentes à festa da vi-

tória. Quanto a Lot (abordou o assunto sem se desculpar), não se sabia o que poderia fazer, mas já ficara muito desacreditado com a sua atitude na batalha, e, mesmo comprometido com a filha do Rei, não ousaria (segundo Uther) discordar em público da escolha do Grande Rei. Não comentou a possibilidade de a demora de Lot ter sido para dar-lhe a alternativa de passar-se para o lado dos saxões; ele achava que tinha sido apenas para que a sua intervenção pudesse ser decisiva na vitória dos britânicos. Escutei, e fiquei calado. Qualquer problema que decorresse disto não seria mais da alçada do Rei, mas de outros homens.

Falou, então, em sua filha Morgiana. O casamento teria que ser realizado; o noivado não poderia ser desmanchado agora, sem causar insulto mortal e perigoso a Lot e aos reis nortistas que o apoiavam. Mas, afinal, era mesmo a melhor solução: Lot também não ousaria desmanchar o noivado, e com isso, se prenderia publicamente a Artur que, meses antes do casamento, já estaria proclamado, aceito e estabelecido. Uther quase dissera "e coroado", mas se contivera. Parecia muito cansado, e fiz menção de ir embora, mas ele ergueu a mão magra, e esperei. Ficou calado por alguns momentos, re-costado, de olhos fechados. Uma corrente de ar penetrou no aposento, e as velas pingaram. As sombras tremularam, escurecendo-lhe o rosto. A luz firmou-se de novo, e pude ver os seus olhos fundos, mas ainda brilhantes, que me observavam.

Ele me pedia algo, com esforço. Pedia, não. Uther, o Grande Rei, me implorava que ficasse ao lado de Artur, que terminasse o trabalho que começara, que tomasse conta dele, que o aconselhasse, que o protegesse...

Sua voz sumiu, mas os olhos continuavam fixos em mim, e eu sabia o que eles estavam dizendo: *"Diga-me o futuro, Merlin, projeta dos reis. Faça-me uma profecia."*

— Eu estarei com ele — falei — e o resto já lhe contei. Ele usará uma espada real, e com esta espada fará tudo que os homens desejam, e mais. Sob o seu governo, os reinos serão um só, e haverá paz, e luz, ao invés de trevas. E quando houver paz, retornarei ao meu isolamento, mas estarei sempre a postos se ele precisar de mim, e atenderei ao seu chamado com presteza.

Não era a visão falando; ela nunca aparecia quando solicitada além disso, as visões não costumavam aparecer onde Uther estava. Mas, para reconfortá-lo, citei profecias antigas, e usei o meu

conhecimento dos homens e dos tempos, o que vem a ser quase a mesma coisa. Ele ficou satisfeito, e pronto.

— Era só o que eu queria saber — disse. — Que você ficará ao seu lado, e o servirá sempre. . . Quem sabe, se eu tivesse dado ouvidos ao meu irmão, e tivesse conservado você ao meu lado. . . você prometeu, Merlin. Nenhum outro homem tem mais poder, nem Grande Rei.

Falou sem rancor, fazendo uma simples constatação. Sua voz estava cansada, de repente virou voz de um homem doente. Fique? de pé.

— Vou deixá-lo agora, Uther. Deve dormir. Qual é a poção que Morgause lhe prepara?

— Não sei. Um negócio com cheiro de papoula, que ela mistura com vinho morno.

— Ela dorme aqui, perto de você?

— Não. No primeiro dos quartos das mulheres, descendo o corredor. Mas não a incomode agora. Tem um pouco da droga naquele vidro ali.

Atravessei o quarto, peguei o vidro e cheirei. A poção já estava misturada ao vinho: o cheiro era forte e adocicado: continha extrato de papoulas e outras coisa"; mie eu reconhecia, mas não sabia ao certo o que era. Enfiei o dedo na mistura e provei.

— Alguém mexeu aqui depois que ela preparou?

— Como? — Ele estava meio desligado, não dormindo, mas desligado como ficam as pessoas doentes. — Mexeu aí? Não vi ninguém, mas ninguém iria tentar envenenar-me. Todos sabem que a minha comida é provada antes. Chame o garoto, se quiser.

— Não precisa — repliquei. — Deixe-o dormir.

Despejei um pouco numa taça e já ia começar a beber quando ele gritou com energia:

— Pare! Não seja tolo!

— Pensei que tivesse dito que não estava envenenado.

— Não importa, não vamos nos arriscar.

— Não confia em Morgause?

— Morgause? — Franziu o cenho, com pouco caso. — Claro por que não? Ela cuidou de mim todos esses anos, recusou-se à casar, mesmo quando... Mas não importa. Ela diz que o seu destino está "na fumaça" e que vai esperá-lo. Fala por enigmas, às vezes, como você, e você sabe que não tenho paciência com enigmas. Não, como poderia duvidar da minha filha? Porém, esta noite especialmente, devemos

estar atentos e, com exceção do meu filho' você é o único homem que não posso dispensar. — Ele sorriu, voltando por um momento a ser o Uther de sempre, duro e alegre levemente malicioso. — Pelo menos, até que ele seja proclamado, e então, sem dúvida, nós dois poderemos dispensar um ao outro.

Sorri.

— Enquanto isso, deixe que eu prove o seu vinho. Sossegue, não sinto cheiro de nada que faça mal, e a minha morte ainda está longe, por enquanto.

Não acrescentei:

— Portanto, deixe-me garantir que amanhã estará vivo para proclamar o seu filho. — A sombra estranha que ainda pressentia ao ombro não podia ser a minha própria morte, nem a de Artur, mas talvez fosse, contra todas as probabilidades, a do Rei. Tomei um gole do vinho, que deixei um pouco sobre a língua antes de engolir. O Rei recostou-se nos travesseiros e ficou a olhar-me, tranqüilo novamente. Bebi de novo, depois fui sentar-me ao lado da cama grande e recomeçamos a conversar, sem pressa: falamos do passado cheio de lembranças, do futuro, com as sombras ainda encobrindo a glória. Finalmente, chegamos a nos compreender razoavelmente bem, Uther e eu. Quando ficou evidente que o vinho era inofensivo, servi-lhe uma dose, vi que ele a tomasse, depois chamei o seu servo Ulfin, e deixei que ele fosse dormir.

4

Por enquanto, ia tudo bem. Mesmo que Uther morresse hoje (e nem a sua aparência nem a minha intuição prognosticavam isto) tudo estava praticamente arranjado. Eu, com o apoio de Cador e Ector, podia proclamar Artur para os nobres tão bem quanto o Rei, e o prestígio e o poder combinados levariam a coisa a bom termo. O gesto do Rei, jogando a espada para Artur durante a batalha, serviria como prova do seu direito à sucessão para muitos soldados, e os guerreiros que o tinham seguido hoje continuariam a segui-lo com prazer. Somente os dissidentes do nordeste não se alegrariam com o término dos dias de incerteza, e com a ida da sucessão diretamente para as mãos de Artur.

Então, pensei, enquanto caminhava pelos corredores em direção ao meu quarto, por que o meu coração me pesava tanto dentro do peito? Por que este pressentimento negro como a morte? Por que eu não conseguia ver o que era, se era coisa de tanta importância? Qual a sombra que estendia as suas garras sobre o sucesso brilhante do dia?

Um momento mais tarde, passei pelo guarda do lado de fora da ante-sala, e entrei no meu quarto. A sombra mostrou um pouco das garras: no quarto adjacente ao meu a cama de Artur estava vazia.

Corri para a ante-sala para sacudir o servo adormecido, quando senti o mesmo cheiro que sentira no vinho do Rei. Larguei o ombro do homem, deixei-o roncando e em três passadas estava de volta ao corredor. Antes que eu dissesse uma só palavra, o guarda se encolhera de encontro à parede, amedrontado com o que via no meu rosto.

Contudo, foi com suavidade que perguntei:

— Onde está ele?

— Meu senhor, ele está bem. Não há motivo para ficar alarmado. . . Nós tínhamos as nossas ordens, nada de mal podia acontecer. O outro guarda acompanhou-o até a porta, e ficou lá...

— Onde está ele?

— Nos aposentos das mulheres, senhor. Quando a garota veio...

— Garota? — perguntei vivamente.

— É, meu senhor. Ela veio até aqui. Nós não deixamos que entrasse, é claro, mas, então, ela veio até a porta... — O homem se tranqüilizara com o meu silêncio. — Descanse, meu senhor, tudo está bem. Era uma das mulheres da Senhora Morgause, a moreninha, gordinha como um pintarroxo, e a mais bonita, como o jovem senhor merecia esta noite...

Eu reparara nela; pequena e redondinha, morena e com os olhos negros vivos como os de um passarinho. Uma linda criatura, muito novinha e saudável como um dia de verão. Mordi o lábio.

— Há quanto tempo?

— Quase duas horas. — Deu um sorriso. — Tempo suficiente. Meu senhor, que mal há nisso? Mesmo que nós tentássemos, não teríamos conseguido impedir. Não deixamos que ela entrasse; cumpríamos ordens, e ele sabia; mas, quando ele disse que ia com ela, que podíamos fazer? Afinal de contas, é um final adequado para o primeiro dia de batalha de um homem.

Disse qualquer coisa, e voltei para o meu quarto. O sujeito estava certo, os guardas tinham cumprido as ordens recebidas, e esta era uma situação em que guarda algum teria interferido. E, na rea-

lidade, que mal havia? O rapaz conquistara metade da sua virilidade hoje, ao sol; era inevitável que conquistasse o restante à noite. Assim como a sua espada saciara a sua luxúria no sangue, o rapaz precisava saciar a excitação que o consumia num corpo de mulher. Qualquer um o teria previsto, menos um profeta carola; e qualquer guardião normal deixaria as coisas tomarem o seu rumo normal, pensei com amargura. Mas eu era Merlin, e o quarto estava cheio de sombras, e eu tinha medo.

Fiquei ali, sozinho, com as sombras ao meu redor, procurando controlar-me e enfrentar o medo. Quem sabe as sombras vinham da minha mente? Talvez fossem apenas inveja, por Artur estar conseguindo com tanta facilidade, aos quatorze anos, o prazer que eu buscara com tanta ânsia aos vinte, e para o qual falhara tão desajeitadamente. Talvez fosse um medo maior que a inveja, o medo de perder, ou de ter que dividir um amor tão caro e que encontrara tão tarde na vida; ou será que o meu medo era tão somente por ele, por saber o que uma mulher podia fazer para tirar o poder de um homem? Quando tive este pensamento, percebi que estava absolvido; as sombras não eram por este motivo. Naquele dia, quando fugi da risada debochada e furiosa da moça, aos vinte anos, tive de escolher entre a virilidade e o poder, e escolhi, friamente, o poder. Mas o poder de Artur era diferente, era o poder de um rei, pleno de virilidade e vigor. Ele me demonstrara várias vezes que, embora me amasse e aprendesse comigo, era filho carnal de Uther; queria tudo que a virilidade pudesse oferecer. Estava certo que tosse para a cama com a sua primeira mulher, hoje, e eu devia sorrir, como o sentinela, e ir dormir, deixando que aproveitasse bem o seu prazer.

Mas o gelo nas minhas entranhas e o suor no meu rosto persistiam. Fiquei imóvel, pensando, enquanto a luz da lamparina crescia, diminuía, e crescia de novo.

Morgause, pensava, uma das servas de Morgause. E narcotizou o meu servo, que poderia vir avisar-me que Artur fora há duas horas para o seu quarto... E Morgause é meia-irmã de Morgiana, e pode estar a soldo de Lot, com a promessa de um futuro de riquezas, se Lot vier a ser Rei. É verdade que não tentara fazer nada contra o Rei, mas ela sabia que ele utilizava sempre um provador, e não faria sentido livrar-se dele antes que Lot estivesse casado com Morgiana e pudesse declarar-se herdeiro legítimo do trono. Mas, agora, Uther estava morrendo, e Artur aparecera, um pretendente que eclipsaria Lot. Se Morgause fosse realmente uma inimiga, e quisesse desfazer-se de

Artur antes da festa do dia seguinte, o rapaz provavelmente estaria narcotizado, prisioneiro de Lot, ou morrendo. . .

Isto era loucura. O deus não lhe dera a espada, eu não o vira como Grande Rei, para que morresse. Não havia motivo para que Morgause lhe quisesse mal. Ela teria mais a ganhar como meia-irmã do Rei do que como meia-irmã da mulher de Lot. A morte de Artur, pensei friamente, não lhe traria nenhum benefício. Mas a morte estava presente, numa forma e com um cheiro que eu desconhecia. Um cheiro de traição, um cheiro do qual eu me recordava vagamente da minha infância, quando meu tio pretendeu trair o reino do meu pai, e assassinar-me. Podia não haver motivo, mas havia certeza. Aqui havia perigo, e eu precisava achá-lo.

Não podia sair por aí, perguntando por Artur. Se estivesse na cama com alguma moça, satisfeito, ele nunca me perdoaria. Teria de encontrá-lo por outros meios, e sendo Merlin, tinha outros meios. Ali, na obscuridade do quarto, fiquei de pé, rígido, de punhos cerrados, fitando o lampião...

Sei que não saí do lugar, nem deixei o quarto, mas foi como se tivesse saído pela ante-sala, silencioso e invisível como um fantasma, passando pelo guarda e descendo o corredor escuro em direção à porta de Morgause. O outro guarda estava lá, desperto e vigilante, mas não me viu.

Não vinha nenhum barulho lá de dentro. Entrei.

No aposento externo o ar estava quente e pesado, cheirando aos perfumes e loções que as mulheres usam. Aí havia duas camas, com duas pessoas dormindo. Na soleira do quarto interno estava o pajem de Morgause, adormecido.

Duas camas, cada qual com um ocupante. Um deles era uma velha grisalha, que dormia de boca aberta, ressonando. O outro dormia sem fazer ruído, com o cabelo negro em tranças sobre o travesseiro. A mocinha morena dormia sozinha.

Agora, eu sabia qual era o horror que me oprimia; a única coisa na qual não tinha pensado, preocupado com mortes, traições e perdas. Os homens com a visão divina são freqüentemente carentes da visão humana; quando troquei a minha virilidade por poder, fiz-me cego às manhas das mulheres. Se fosse um simples homem, em vez de um mago, teria visto a troca de olhares no hospital, teria entendido o silêncio posterior de Artur, teria reconhecido o olhar avaliador da mulher.

Ela devia possuir alguma mágica para cegar-me daquele jeito. Agora, sabendo que eu nada mais podia fazer, relaxou o controle¹ ou a mágica foi perdendo a força à medida que ela ia adormecendo. Ou, talvez, o meu poder sobrepujasse o dela, e ela não tivesse defesas contra mim. Deus sabe que eu não queria olhar, mas estava preso ali pelo meu próprio poder, e porque não há poder sem conhecimento, e não há conhecimento sem sofrimento, as paredes e a porta do quarto de Morgause dissolveram-se à minha frente, e pude ver.

* * *

Tempo suficiente, dissera o guarda. E eles realmente tinham tido tempo suficiente. A mulher estava deitada sobre os lençóis, nua e de pernas abertas. O rapaz, o corpo moreno contrastando com a brancura dela, estava largado sobre ela, na lassidão do gozo. A sua cabeça estava entre os seios da mulher e não pude ver bem o seu rosto. Ele não estava dormindo, mas tinha a fisionomia serena e calma, com a boca tocando o corpo dela, parecendo um cachorrinho buscando a teta da mãe. Pude ver claramente o rosto dela. Aninhava a cabeça dele, e o seu corpo mostrava a mesma lassidão, mas no seu rosto não havia a ternura que o gesto parecia exprimir. Nem o prazer. No seu rosto aparecia um júbilo feroz, como no de um guerreiro numa batalha; os olhos verde-dourados estavam bem abertos e fixos num ponto invisível na escuridão; e a boca pequena sorria, num misto de triunfo e desprezo.

5

Ele retornou ao quarto um pouco antes do alvorecer. O primeiro pássaro já cantara, e logo o ruído do coro matutino se fazia ouvir, quase abafando o tinir das armas à porta externa e o cumprimento que deu ao guarda. Entrou, com os olhos pesados de sono, e parou do chofre perto da porta, quando me viu sentado na cadeira alta no lado da janela.

— Merlin! Já está acordado? Não conseguiu dormir mais?

— Ainda nem me deitei.

Ele despertou imediatamente, ficou alerta.

— O que houve? O que aconteceu? Foi o Rei?

Bem, pensei, pelo menos ele não está concluindo que fiquei acordado para interpelá-lo pelas suas andanças noturnas. E nunca deverá saber que o segui para além daquela porta.

Respondi:

— Não, não foi nada com o Rei. Mas eu e você precisamos conversar antes de amanhecer.

— Ah, Santo Deus, agora não, por favor! — replicou, com ar de riso, e bocejou. — Merlin, preciso dormir. Não adivinha onde eu estive, ou quem sabe o guarda lhe contou?

Quando se aproximou, pude sentir o cheiro dela no seu corpo. Fiquei enojado, e abalado. Respondi secamente:

— Vamos, acorde e vá lavar-se. Preciso falar com você.

Eu tinha apagado todas as luzes, menos uma, bem fraquinha, que mal competia com a luz da madrugada. Vi sua fisionomia endurecer. !

— Com que direito. . . ? — Interrompeu-se, e percebi que conseguira controlar a raiva. — Pois bem, dou-lhe o direito de me interrogar, mas não gosto da hora que escolheu.

Era uma atitude bem diferente da que tivera tão pouco tempo atrás, à beira do lago, quando demonstrara apenas uma raiva magoada e infantil. Quão longe já o tinham levado as duas juntas, a espada e a mulher!

— Não tenho nem o direito nem a intenção de interrogá-lo. Acalme-se e escute. É verdade que quero falar-lhe, entre outras coisas, sobre o que aconteceu esta noite, mas não pelo motivo que parece querer atribuir-me. Quem você pensa que eu sou, o Abade Martin? Não lhe nego o direito de satisfazer-se como e onde quiser. — Ele ainda permanecia hostil, dividido entre raiva e orgulho. Para acalmá-lo e ajudar a passar o momento difícil, acrescentei, mansamente: — Realmente, foi meio perigoso andar pela casa à noite, com homens que o odeiam pelo que fez ontem. Mas como posso culpá-lo por ter ido? Mostrou-se um homem na luta, por que não também na cama? — Sorri. — Embora eu nunca tenha possuído uma mulher, sei o que é sentir desejo. Fico contente por ter tido o seu prazer.

Parei. O rosto dele estivera pálido de raiva; mesmo na pouca luz existente, vi a raiva desaparecer, junto com os últimos vestígios de cor. Parecia que o sangue e a respiração tinham cessado ao mesmo tempo. Os olhos estavam sombrios. Ele me fitava com os olhos apertados, como se não me estivesse vendo direito, ou como se me

estivesse vendo pela primeira vez, e eu estivesse fora de foco. Era um olhar que incomodava, e eu não me incomodo facilmente.

— Nunca possuiu uma mulher?

No meio das coisas importantes que ferviam na minha cabeça, a pergunta pareceu-me irrelevante. Respondi, surpreso:

— Foi o que eu disse. Acho que é do conhecimento geral. Alguns homens parecem desprezar-me por isto. Mas não...

— Então, é eunuco?

A pergunta era cruel, feita de um modo áspero e abrupto. Tive que esperar um momento antes de poder responder.

— Não. Eu ia acrescentar que não dou valor à opinião dos que desprezam a castidade. Você é um deles?

— O quê? — Ele não escutara uma única palavra do que eu dissera. Procurou livrar-se da forte emoção que o acometia, e foi para o seu quarto como um homem que está sufocando e precisa de ar. Foi dizendo, com voz abafada:

— Vou me lavar.

Fechou a porta atrás de si. Levantei-me depressa, segurei o peitoril da janela, e debrucei-me para a madrugada fria de setembro. Um galo estava cantando; outros lhe responderam. Eu estava tremendo; eu, Merlin, que vira reis, sacerdotes e príncipes tramarem a minha própria morte; que conversara com os mortos; que sabia criar tempestades e fogo, e que chamava pelo vento. Bem, eu chamara por este vento, agora tinha de enfrentá-lo. Mas esperara que o seu amor por mim nos ajudasse, aos dois, a enfrentar o que ia contar-lhe. Eu não tinha contado com perder o seu respeito, e por tal motivo, neste momento.

Disse a mim mesmo que ele era moço; que era filho de Uther, que estava cheio de orgulho sexual por ter tido a sua primeira mulher. Disse a mim mesmo que era um tolo por ter imaginado retribuição do amor que lhe dedicava, quando ele apenas sentia por mim o mesmo que eu sentira pelo meu tutor Galapas, afeição misturada com respeito. Tudo isto disse a mim mesmo, e outras coisas, e assim, quando ele retornou, eu estava sentado de novo, calmamente à espera, com dois copos de vinho servidos na mesa ao lado. Ele pegou um deles, sem dizer palavra, depois foi sentar-se do outro lado do quarto, na beirada da minha cama. Tinha lavado até o cabelo; ainda estava úmido, caindo sobre a testa. Tinha trocado a camisola, e, na sua túnica curta, sem manto nem armas, parecia de novo um menino, o Artur do verão e da Floresta Agreste.

Eu estava procurando com cuidado o que dizer, mas foi Artur quem quebrou o silêncio, sem olhar para mim, virando e revirando o copo nas mãos, com profunda concentração.

Disse, simplesmente, como se isto explicasse tudo, como na realidade explicava:

— Pensei que fosse meu pai.

Era como estar enfrentando a espada de um oponente, e de repente, perceber que tanto a espada quanto o inimigo são meras ilusões, e, no mesmo momento, sentir que a terra onde se pisa virou um pântano escorregadio. Lutei para reorganizar os meus pensamentos.

Respeito e amor, ele sempre me demonstrara, mas pelo homem que eu era; o filho também os demonstra pelo pai, pelas suas qualidades. Mas outras coisas ficaram claras, de repente; a deferência, que ele só demonstrava por mim e por Ector, a obediência, a presunção da minha pronta acolhida, e, acima de tudo (eu agora percebia, como percebia a nesga de céu azul que ia se abrindo na escuridão da madrugada), a maravilhosa esperança com que me acompanhara até Luguvallium. Recordei-me da minha procura incessante por meu pai, na infância, de como eu o via e adivinhava em todo homem que olhava para a minha mãe. Artur sabia pelos pais adotivos da história de "bastardia nobre", e tinham-lhe prometido vagamente que seria reconhecido quando "tivesse idade para pegar em armas." Ele pouco falara no assunto, como fazem as crianças (como eu fizera), mas pensara nele, e esperara, incessantemente. E aí eu aparecera, no meio desta procura e expectativa eternas, coberto de mistério e com o ar que Ralf mencionara, de um homem acostumado à deferência e com um propósito firme na vida. O menino deve ter reparado na sua semelhança comigo; talvez até outros, como Bedwyr, tenham feito comentários. E ele esperara, tirando as suas próprias conclusões, preparado para oferecer amor, aceitar autoridade e confiar em mim quanto ao futuro. Depois, veio a espada, aparentemente um presente meu, de pai para filho. E a descoberta que se seguira, de que eu era o filho de Ambrósio, o Merlin das mil lendas contadas ao pé do fogo. Bastardo ou não, ele se encontrara, e era da realeza.

Assim, acompanhara-me até Luguvallium, considerando-se neto de Ambrósio e sobrinho-neto de Uther Pendragon. Disto nascera a sua grande confiança durante a batalha. Ele deve ter pensado que foi por este motivo que Uther jogou-lhe a espada, porque, na ausência do príncipe herdeiro, ele era o parente mais próximo, embora bastardo.

Comandara o ataque, e depois aceitara as honrarias devidas a um príncipe.

Isto também explicava o motivo pelo qual nunca pareceu suspeitar que era o príncipe "desaparecido". Os olhares e cochichos e a deferência que recebeu achou que eram porque todos sabiam que era meu filho. Ele aceitou, como a maioria dos homens, o fato de que o herdeiro do Grande Rei vivia nalguma corte do estrangeiro, e não pensou duas vezes no assunto. E por que pensaria, se já tinha descoberto o seu lugar? Ele era meu, era da realeza, e, através da minha pessoa, o seu lugar era no centro do reino. E, agora, subitamente, de maneira cruel, ele se via privado da ambição e do lugar com que sonhara, e, o que era pior, da sua posição de filho reconhecido. Eu, que passara a minha juventude como bastardo e filho-de-ninguém, sabia como aquele cancro consumia. Ector tentara poupar Artur deste sofrimento dizendo-lhe que seria reconhecido, um dia, por gente nobre; eu não imaginava que ele estivesse depositando todo o seu amor e confiança na certeza de que este reconhecimento seria feito por mim.

— Até o meu nome. — O tom humilde, de desculpas, era pior que a crueldade anterior que o choque lhe fizera demonstrar.

Ao menos, eu podia recompor-lhe o orgulho. Não sabia a que preço, mas teria que dizer-lhe, agora. Muitas vezes, eu imaginara como falaria, se tocasse a mim contar. Agora, falei com toda a simplicidade, a pura verdade.

— Temos o mesmo nome porque, na verdade, somos parentes. Você não é meu filho, mas somos primos. Você é, como eu, neto de Constâncio e descendente do Imperador Máximo. Seu verdadeiro nome é Artur, e você é o filho legítimo do Grande Rei e de Ygraine, sua Rainha.

Pensei que desta vez o silêncio não fosse ser quebrado. Às minhas primeiras palavras ele desviara os olhos do vinho para fixá-los em mim. Estava de cenho franzido, como um surdo que estivesse fazendo força para ouvir. O vermelho tingiu-lhe o rosto, como sangue manchando um pano branco, e ele entreabriu os lábios. Largou o copo com cuidado, e veio até a janela perto de mim, e, exatamente como eu fizera antes, segurou o peitoril e debruçou-se para o lado de fora.

Um pássaro pousou no galho próximo e começou a cantar. O céu assumiu a coloração de ovos de garça, depois mudou para um jacinto onde flutuavam flocos de nuvens. E ele ainda permanecia lá, e eu esperava, sem mover-me ou falar.

Finalmente, sem virar-se, ele falou para o galho com o seu pássaro cantor.

— Por que desse jeito? Quatorze anos. Por que não fiquei onde era o meu lugar?

Então, contei-lhe afinal toda a história. Comecei com a visão que Ambrósio partilhara comigo, dos reinos unidos sob um só rei, de Dumnonia a Lothian, de Dyfed a Rutupiae; romano-britânicos e celtas e *foederatus* leais lutando juntos para preservar a Inglaterra da inundação que afogava o resto do Império; uma versão mais humilde e prática do sonho imperial de Máximo, adaptada e passada do meu avô para o meu pai, e instilada em mim pelos ensinamentos do meu mestre, e pelo deus que me tomara a seu serviço. Contei-lhe da morte de Ambrósio sem mais filhos, e da pista que o deus me dera, ordenando-me que a seguisse. Da súbita paixão do novo Grande Rei por Ygraine, esposa do Duque de Cornwall, e da minha ajuda à sua união, que o deus me tinha revelado que traria o próximo rei da Inglaterra. Da morte de Gorlois, do remorso de Uther, misturado ao alívio que lhe causara esta morte, que ele desejara, mas sem poder admiti-lo de público; do nosso banimento posterior, meu e de Ralf, e da ameaça de Uther de renegar a criança que fora gerada. Finalmente, como o orgulho e o bom senso prevaleceram, e como a criança me fora entregue para que cuidasse dela durante os perigosos primeiros anos do reinado de Uther; e como a doença do Rei e o poder crescente dos seus inimigos o forçaram a continuar mantendo o filho escondido. Algumas coisas não contei: não falei a Artur do que eu via no seu futuro, a grandeza, a dor e a glória; nem da impotência do Rei. Nem do seu desejo desesperado de ter outro filho para substituir o "bastardo" de Tintagel; esses segredos eram de Uther, e ele tinha pouco tempo para guardá-los.

Artur ouviu em silêncio, sem interromper. A princípio parecia que todo o seu interesse estava dirigido para o céu que clareava lá fora, e para o canto do melro em cima do galho. Depois, virou-se e, embora sem olhar para ele, senti os seus olhos pousarem em mim. Quando cheguei à parte da festa da coroação, da exigência do Rei para que eu o levasse ao leito de Ygraine, ele voltou devagarinho para a beirada da cama. Contei a história da noite louca em que ele foi gerado muito simplesmente, exatamente como aconteceu. Mas escutou como se fosse a história fantástica que lhe contara na Floresta Agreste, com Bedwyr ao lado, e ele enroscado na minha cama, mão

no queixo, e agora os seus olhos negros estavam calmos, brilhantes, pousados em mim.

Fui chegando ao fim, e ele viu que o relato se encaixava em tudo que lhe ensinara no passado, e que eu agora estava entregando-lhe os últimos elos da sua linhagem dourada, como que dizendo:

— Tudo que lhe contei ou ensinei resume-se em você mesmo.

Finalmente, acabei e tomei um gole de vinho. Ele desenroscou-se, saiu depressa da cama e veio servir-me mais vinho. Quando agradeci, inclinou-se e beijou-me.

— Você, — disse suavemente — desde o começo. Afinal, eu não estava muito longe da verdade, não é? Sou tanto seu quanto do Rei... mais até; e de Ector, também... E Ralf, gostei de saber sobre Ralf... Quantas coisas começo a entender, agora. — Andava pelo quarto, falando aos arrancos, inquieto como Uther. — Tanta coisa, ainda não consegui me acostumar, preciso de tempo... Que bom que foi você quem me contou. Era o Rei que pretendia contar-me?

— Era. Ele teria falado mais cedo, se tivesse havido tempo. Tomara que ainda haja.

— Que quer dizer?

— Ele está morrendo, Artur. Você está pronto para ser Rei? Ele ficou de pé, com a garrafa de vinho ainda na mão, de olhos

fundos por causa da falta de sono, a cabeça num tumulto de pensamentos:

— Hoje?

— Acho que sim. Não sei. Breve.

— Estará comigo?

— É claro que sim. Já lhe disse.

Foi neste momento, quando ele descansou a garrafa, sorridente, e virou-se para apagar a lamparina, que o outro pensamento o atingiu. Percebi o momento em que prendeu a respiração, depois soltou-a com cuidado, como se tivesse levado uma pancada mortal.

Estava de costas para mim, com a mão estendida para apagar a luz. A mão estava bem firme. Mas a outra mão, que procurava esconder de mim, estava fazendo o sinal contra o mal. Depois, como era do seu feitio, não permaneceu de costas, virou-se para encarar-me.

— Agora, sou eu quem precisa contar-lhe uma coisa.

— É?

As palavras pareciam estar sendo arrancadas de dentro dele:

— A mulher com quem estive hoje era Morgause. — Como eu permanecesse calado, indagou bruscamente: — Sabia?

— Só soube quando já era muito tarde para impedir. Mas devia ter desconfiado. Mesmo antes de ir ver o Rei, eu já sabia que havia alguma coisa errada. Não sabia exatamente o que, mas as sombras me oprimiam.

— Se eu tivesse ficado no meu quarto, como mandou...

— Artur. O que aconteceu, aconteceu. Não adianta dizer "se isso", "se aquilo"; não está vendo que é inocente? Você obedeceu aos impulsos da natureza, como fazem os jovens. Mas eu, sim, sou culpado. Pode me amaldiçoar, se quiser, por todo esse segredo. Se eu lhe tivesse contado antes sobre o seu nascimento...

— Disse-me para ficar aqui. Mesmo que não soubesse exatamente qual o perigo que rondava, sabia que se eu obedecesse estaria a salvo. Se tivesse obedecido, não só estaria a salvo, como ainda estaria ... — resmungou qualquer coisa que não entendi, depois terminou — limpo dessa sujeira. Culpá-lo? A culpa é minha, e Deus sabe e vai me julgar.

— Deus vai nos julgar a todos.

Ele deu três passadas pelo quarto, depois voltou.

— Com tantas mulheres, a minha irmã, a filha do meu pai... — Parecia engasgado com as palavras. Podia ver o horror grudando-se a ele, como a lesma gruda-se à planta. A sua mão esquerda ainda fazia o sinal contra o mal: é um sinal pagão; desde o começo dos tempos este sempre foi um pecado muito grande aos olhos dos deuses. Parou de repente, bem à minha frente, até neste momento pensando não apenas em si mesmo. — E Morgause? Quando souber o que acabou de contar-me, quando souber do pecado que nós dois cometemos? Que fará? Se ficar desesperada...

— Ela não ficará desesperada.

— Como é que sabe? Disse que não conhecia as mulheres. Acho que essas coisas ainda são piores para as mulheres. — Horrorizou-se de novo, ao pensar no motivo. — Merlin, e se houver uma criança?

Acho que nunca na minha vida tive que ter tanto autodomínio. Ele estava olhando para mim, desesperado; se tivesse deixado os meus pensamentos transparecerem no meu rosto, não sei o que teria feito. Quando pronunciou a última frase, as sombras informes que me perseguiram a noite toda subitamente tomaram corpo. Lá estavam elas, à minha volta, como abutres, pesados e cheirando a carniça. Eu, que planejava o concebimento de Artur, ficara cego e ocioso durante a concepção da sua morte.

— Preciso contar-lhe. — Sua voz estava cortante, desesperada. Imediatamente. Antes mesmo do Grande Rei proclamar-me. Alguns podem adivinhar, ela pode ouvir...

Ele falava meio incoerente, mas eu estava ocupado demais com as meus próprios pensamentos para escutar. Pensei: "Se lhe disser que ela já sabia, que ela é corrupta, e que o poder que possui é corrupto; se eu contar que o utilizou deliberadamente para conseguir mais poder; se contar agora, quando ainda está abalado por tudo que aconteceu durante o dia e a noite, ele pegará a espada e a matará. E quando ela morrer, morrerá com ela a semente que será tão corrupta quanto ela, e que atingirá a sua glória do mesmo modo que esta lesma de horror está atingindo a sua juventude. Mas se ele os matar agora, ele nunca mais usará a espada ao serviço de Deus, e a corrupção deles o terá atingido antes do início da sua obra."

Falei, calmamente:

— Artur. Acalme-se e escute. Já lhe disse que o que aconteceu, aconteceu, e os homens precisam aprender a enfrentar o que fazem' Ouça. Em breve, você será o Grande Rei, e, como sabe, eu sou o profeta do Rei. Ouça a primeira profecia que faço para você. O que fez, fez em completa inocência. Só você, dos descendentes de Uther, é limpo. Nunca lhe disseram que os deuses são ciumentos? Eles se previnem contra o excesso de glória. Todo homem carrega a semente da sua própria morte, e você não será mais que um homem. Você terá tudo; não poderá ter mais; e toda vida tem um fim. Na noite de hoje, determinou este fim. Que mais poderia um homem desejar, poder determinar a sua própria morte? Toda vida tem uma morte, e toda luz tem uma sombra. Deixe-se ficar na luz, e deixe que a sombra caia onde cair.

Acalmou-se à medida que escutava, perguntando afinal, já tranqüilo:

— Merlin, que devo fazer?

— Deixe comigo. Quanto a você, não pense, esqueça a noite, espere o amanhã. Escute, são as trombetas. Vá dormir um pouco antes do dia começar.

Assim, imperceptivelmente, forjou-se o primeiro elo na nova cadeia que nos ligava. Ele dormiu, para estar pronto para as grandes atividades do dia seguinte, e eu fiquei vigiando, pensativo, enquanto a claridade aumentava e o dia ia chegando.

Ulfin, o camareiro do Rei, veio afinal chamar Artur à presença do Rei. Acordei o rapaz, e ele foi, tranqüilo e reservado, aparentando uma calma impossível, como uma camada de gelo sobre um redemoinho. Acho que a sua juventude já estava fazendo com que esquecesse a sombra da noite passada; eu é que suportava a carga, agora. Este padrão tomou-se comum nos anos seguintes.

Logo que ele saiu, conduzido com cerimônia por um Ulfin que recordava a noite tão distante do concebimento do rapaz, e aceitando a deferência especial como se estivesse habituado a ela, chamei meu servo e ordenei-lhe que trouxesse a Senhora Morgause.

O homem pareceu surpreso, depois indeciso; era de supor-se que a dama é que estava acostumada a dar este tipo de ordens. Eu não tinha nem tempo nem paciência hoje para essas coisas. Falei secamente:

— Faça o que estou mandando. — O homem correu a obedecer.

Ela me fez esperar, é claro, mas veio. Estava de vermelho, esta manhã, a cor das cerejas, e o seu cabelo caído nos ombros era de um louro rosado, era como brotos de primavera do lariço, tinha a cor dos abricós. O seu perfume era forte e adocicado, abricós e madres-silvas misturados, e senti que o meu estômago se contraía à lembrança. Mas não havia nenhuma outra semelhança com a moça que eu amara (tentara amar) tanto tempo atrás; nos olhos verdes e alongados de Morgause não havia a menor inocência, nem mesmo fingida. Ela entrou sorrindo com os lábios apertados, com uma co-vinha brincando no canto da boca, fez uma reverência e atravessou o quarto para sentar-se graciosamente na cadeira de espaldar alto. Ajeitou a saia do vestido com elegância, dispensou as criadas com um aceno de cabeça, ergueu o queixo bem alto e olhou para mim com ar indagador. As suas mãos estavam cruzadas sobre a suave protuberância da barriga, e o seu gesto não era recatado, mas sim possessivo.

Uma lembrança longínqua veio-me à mente. A minha mãe, naquela mesma posição, enfrentando um homem que gostaria de matar-me. "Eu tenho que proteger um bastardo". Acho que Morgause leu os meus pensamentos. A covinha aprofundou-se, e as pálpebras de cílios dourados cerraram-se.

Não me sentei, fiquei em pé frente à janela. Falei, com mais aspereza do que pretendia:

— Já deve saber por que mandei chamá-la.

— E o senhor deve saber, Príncipe Merlin, que não estou acostumada a que me mandem chamar.

— Não vamos perder tempo. Você veio, e fez bem. Quero conversar com você enquanto Artur ainda está com o Rei.

Ela arregalou os olhos.

— Artur?

— Não se faça de inocente comigo, mocinha. Você sabia o nome dele quando o levou para a cama, ontem.

— Será que o pobre rapaz não pode esconder de você nem os seus segredos de alcova? — A vizinha bonita denotava desprezo, queria ferir. — Ele veio correndo quando você assobiou para contar-lhe tudo, como sempre faz? Admira-me que o tenha soltado da corrente o tempo necessário para que pudesse satisfazer-se, ontem. Faça bom proveito dele, Merlin, o fazedor de reis. Que espécie de rei vai ser este cachorrinho?

— Vai ser da espécie que não é governado da cama — respondi. — Você teve a sua noite, e já foi demais. Agora é a hora do ajuste de contas.

Ela moveu as mãos no colo, devagar.

— Você não pode fazer-me mal.

— Não, eu não vou fazer-lhe mal. — O brilho dos seus olhos mostrou que ela tinha entendido a modificação da frase. — Mas, estou aqui para impedir que faça mal a Artur. Você deixará Luguvallium hoje, e não voltará mais a esta corte.

— Deixar a corte? Que tolice é esta? Sabe que eu tomo conta do Rei; dou-lhe os seus remédios, sou a sua enfermeira. Eu e o seu camareiro cuidamos de tudo para ele. Você não imagina que o Rei vá concordar em deixar-me partir.

— Depois de hoje — repliquei — o Rei nunca mais vai querer vê-la.

Ela ficou olhando para mim, afogueada. Isto lhe importava, e muito.

— Como pode dizer isto? Nem você, Merlin, pode impedir-me de ver o meu pai, e lhe asseguro que ele não vai deixar que eu me vá. Não está pretendendo contar-lhe o que aconteceu, não é? Ele é um homem doente, um choque pode matá-lo.

— Eu não contarei a ele.

— Então, o que vai dizer-lhe? Por que iria concordar em mandar-me embora?

— Não foi isso que eu disse, Morgause.

— Você disse que, depois de hoje, o Rei nunca mais ia querer ver-me.

— Não estava falando do seu pai.

— Não estou enten... — Interrompeu-se, arregalando os olhos verde-dourados. — Mas você disse... o Rei? — A sua respiração ficou difícil. — Estava referindo-se àquele rapaz?

— Ao seu irmão? Estava. Onde está a sua eficiência? Uther está à morte.

Ela estava torcendo as mãos no colo.

— Eu sei. Mas... vai ser hoje? Fiz eco à minha própria pergunta.

— Onde está a sua mágica? Vai ser hoje. Assim, é melhor que se vá, não é? Com Uther morto, quem irá protegê-la aqui?

Ela ficou pensativa por um momento. Os belos olhos verde-dourados estavam apertados e astutos, nem um pouco belos, agora.

— Contra quê? Contra Artur? Tem tanta certeza de fazer com que o aceitem como Rei? Mesmo que o consiga, por que eu precisaria de proteção contra ele?

— Sabe tão bem quanto eu que ele será Rei. É hábil bastante para saber disto, e, apesar do que falou ditado pela raiva, hábil bastante para saber que espécie de Rei ele será. Talvez não precise de proteção contra ele, Morgause, mas na certa precisará contra mim. — Os nossos olhos encontraram-se, e fiz um aceno de cabeça. — É verdade. Onde ele estiver, eu estarei. Você está avisada, parta enquanto pode. Posso protegê-lo do tipo de mágica que usou ontem à noite.

Ela estava calma de novo, tinha-se recomposto. A boca pequena sorriu o seu sorriso secreto. Ê, ela possuía algum tipo de poder.

— Tem tanta certeza do seu poder contra a mágica das mulheres? Ela vai conseguir laçá-lo um dia, Príncipe Merlin.

— Eu sei — respondi calmamente. — Não pense que já não vi o meu fim. E o fim de nós todos. Morgause. Veio poder para você e para a coisa que você carrega, mas nenhuma alegria. Nenhuma alegria. nem agora. nem nunca.

Do lado de fora da janela, perto da parede, havia um pé de abricó. O sol aquecia as frutas, que pareciam globos dourados, maduras e perfumadas. A parede de pedra irradiava calor, e as vespas zuniam entre as folhas brilhantes, tontas com o perfume. Já uma vez, num pomar cheiroso, eu encontrara o ódio e o assassinato, cara a cara.

Ela estava imóvel, com as mãos cruzadas sobre a barriga. Os seus olhos prendiam-se aos meus parecendo querer beber neles. O

cheiro de madressilva acentuou-se visivelmente, flutuando numa névoa verde-dourado pela janela aberta, misturando-se à luz do sol e ao odor dos abricós. . .

— Pare com isso! — falei com desprezo. — Pensa que a sua mágica de moça pode atingir-me? Não pode agora, como não pôde antes. O que é que você está tentando fazer? Isto não tem nada a ver com mágica. Artur sabe agora quem é, e sabe o que fez a noite passada com você. Acha que a suportará perto dele? Acha que verá, dia a dia, mês a mês, esta criança crescer na sua barriga? Ele não é um homem frio, nem um homem paciente. E possui uma consciência. Ele acredita que você pecou inocentemente, como ele. Se pensasse de outro modo, poderia agir.

— Matar-me, quer dizer?

— Não merece morrer?

— Ele pecou, se acha que foi pecado, tanto quanto eu.

— Ele não sabia que estava pecando, mas você sabia. Não, não perca tempo comigo. Por que fingir? Mesmo sem a sua mágica. você sabia que metade da corte estava cochichando a respeito desde que eu e ele chegamos aqui juntos ontem. Sabia que ele era filho de Uther.

Pela primeira vez uma sombra de medo passou pelo seu rosto Mas ela continuou, obstinadamente:

— Eu não sabia. Não pode provar que eu sabia. Por que faria tal coisa?

Cruzei os braços e encostei o ombro na parede.

— Já lhe digo por quê. Primeiro, porque você é filha de Uther e como ele, vive atrás dos prazeres casuais. Porque você tem o sangue Pendragon que faz com que deseje poder, e o consegue da maneira mais fácil para uma mulher, na cama de um homem. Sabia que seu pai, o Rei, estava morrendo, e temia que não houvesse um lugar de poder para você como meia-irmã de um Rei cuja Rainha logo viria desalojá-la. Acho que não teria hesitado em matar Artur, se não achasse que teria pior situação na corte de Lot, com a sua irmã como Rainha. Quem quer que fosse feito Rei não precisaria de você, como Uther precisa. Casariam você com um rei pequeno qualquer, e passaria o resto da vida num canto do país, tendo filhos e tecendo os mantos de guerra do marido, tendo nas mãos apenas o poder ínfimo de uma família, e a pouca mágica que aprendeu e que poderia utilizar no seu reinozinho. Foi por isso que fez o que fez, Morgause. Porque queria possuir um elo forte com o jovem Rei, de qualquer maneira,

mesmo que fosse um elo de horror e ódio. Fez o que fez ontem friamente, visando poder.

— Quem é você para falar assim comigo? Você se agarrou ao poder onde quer que o encontrasse.

— Não onde o encontrasse; onde me foi dado. O que você tem, você o arranjou contra todas as leis de Deus e dos homens. Se tivesse agido inocentemente, por simples luxúria, nada haveria a dizer. Eu já lhe disse, ele ainda acha que você não tem culpa. Hoje de manhã, quando soube o que tinha feito, o seu primeiro pensamento foi para a sua aflição. — Vi o lampejo de triunfo nos seus olhos, e acrescentei, suavemente: — Mas você não está lidando com ele, está lidando comigo. E eu digo que você vai embora.

Ela pôs-se de pé, ligeira.

— Por que não lhe contou, então, e deixou que ele me matasse? Não teria adorado?

— Para cometer outro pecado, e pior? Não diga besteiras.

— Irei até o Rei!

— Para quê? Ele nem pensará em você, hoje.

— Estou sempre ao seu lado. Ele vai precisar das suas drogas.

— Eu estou aqui, agora, e há Gandar. Ele não precisará de você.

— Ele me receberá se eu disser que vim despedir-me! Estou lhe dizendo, irei até ele!

— Então vá — retruquei. — Não a impedirei. Se estava pensando em contar-lhe a verdade, pense um pouco. Se ele morrer com o choque, Artur será o Grande Rei mais cedo.

— Ele não seria aceito! Eles não o aceitariam. Acha que Lot vai ficar parado sem fazer nada? E se eu contar a eles o que Artur fez ontem à noite?

— Então, Lot seria o Grande Rei — respondi afavelmente. — E por quanto tempo acha que ele a deixaria viver, carregando o filho de Artur? É bom pensar no assunto, não é? De um jeito ou de outro, nada há a fazer, a não ser partir enquanto pode. Logo que a sua irmã se casar, no Natal, peça a Lot para arranjar-lhe um marido. Talvez, assim, fique a salvo.

De repente, ela enfureceu-se, a fúria de um gato encurralado.

— Você me condena, logo você! Você também foi bastardo... A minha vida inteira eu vi Morgiana ganhar tudo. Morgiana! Aquela criança vai ser Rainha, enquanto eu... Ela até aprende mágica, mas sabe utilizá-la em proveito próprio tanto quanto um gatinho! Ela ficaria melhor num convento que num trono de Rainha, e eu. . . eu...

— Deu um suspiro, e mordeu o lábio inferior. Acho que modificou o que pretendia dizer: — Eu, que tenho um pouco do poder que o tornou grande, Merlin, meu primo, acha que me contentarei com não ser nada? — A sua voz tornou-se monótona, a voz de uma bruxa lançando uma praga que vai pegar. — É o que você será, você que não é amigo de nenhum homem, nem amante de nenhuma mulher. Você não é nada, Merlin, não é nada, e no final será apenas uma sombra e um nome.

Sorri para ela.

— Acha que pode fazer-me medo? Vejo muito mais adiante que você. É verdade que não sou nada; eu sou o ar e a escuridão, uma palavra, uma promessa. Eu leio no cristal, e espero nas colinas vazias. Mas lá fora, na claridade, tenho um jovem rei e uma espada brilhante para fazerem o meu trabalho por mim. e para construírem o que permanecerá quando o meu nome significar apenas canções esquecidas e sabedoria superada, e quando o seu nome, Morgause, for apenas um sibilar na escuridão. — Virei a cabeça, e chamei o criado. — Agora chega, nada mais temos a dizer-nos. Vá aprontar-se, e desapareça da corte.

O criado tinha entrado e estava do lado de dentro da porta, olhando apreensivamente de um para o outro. Ele aparentava ser um celta negro das montanhas do oeste; é uma raça que ainda adora os deuses antigos, e é possível que sentisse, em parte, algumas das presenças que rondavam o quarto.

Mas, para mim, a moça era apenas uma moça, erguendo para mim um rosto bonito e preocupado, e com o cabelo rosa-dourado

descendo pelo vestido cor de cereja. Para o servo à espera, pareceria apenas uma despedida normal, se não fosse pelas sombras aflitivas. Ela nem olhou para o lado dele, nem imaginou o que ele pudesse estar vendo.

Quando falou, sua voz era serena, calma e baixa:

— Vou ter com a minha irmã. Ela está em York, onde ficará até o casamento.

— Providenciarei uma escolta. De acordo com os planos, o casamento ainda terá lugar pelo Natal. O Rei Lot em breve irá reunir-se a vocês, e lhe dará um lugar na corte de sua irmã.

Ela procurou disfarçar o brilho dos olhos a este comentário. Acho que imaginava o que ela ainda pretendia fazer. . . tentar tomar o lugar da irmã ao lado de Lot, mas já estava cansado dela, e disse:

— Despeço-me agora, e desejo-lhe uma boa viagem. Ela fez uma mesura, dizendo bem baixinho:

— Ainda nos encontraremos novamente, primo. Respondi, formalmente:

— Espero que sim. — Então ela se foi, esguia, ereta, mãos cruzadas novamente, e o criado fechou a porta às suas costas.

Fiquei ao lado da janela, pondo em ordem os pensamentos. Estava cansado, com os olhos cocando por falta de sono, mas a minha mente estava clara e leve, livre da presença da moça. O ar fresco da manhã veio dispersar a maldade que permanecia no aposento, que afinal desapareceu com o último vestígio do perfume de madressilva. Quando o criado voltou, lavei o rosto e as mãos em água fria, depois, mandando que ele me seguisse, voltei ao dormitório do hospital. O ar de lá era mais limpo, os olhos dos moribundos mais fáceis de suportar que a presença da mulher que estava grávida de Mordred, o sobrinho de Artur e seu filho bastardo.

7

O Rei Lot, estudando a situação, não ficara inativo. Certos amigos seus foram mandados para cá e para lá, dizendo para quem quisesse ouvir que seria mais apropriado que Uther proclamasse o seu herdeiro num dos seus grandes palácios de Londres ou Winchester. Esta pressa, diziam, não ficava bem; a coisa devia ser feita de acordo com o costume, previamente anunciada, com cerimônia, e com a bênção da Igreja. Mas foi tudo em vão. O povo de Luguwallium e o grande número de soldados presentes pensavam diferente. Era óbvio que Uther estava próximo do fim, e era, não apenas necessário, mas adequado, que declarasse o seu sucessor imediatamente, perto do campo onde Artur, de certo modo, tinha-se declarado a si mesmo. Se não houvesse nenhum bispo presente, e daí? Esta era uma comemoração de vitória realizada praticamente no campo da luta.

A casa onde se instalara a corte do Rei, em Luguwallium, estava lotada. Do lado de fora, na cidade e nos arredores, as tropas realizavam a sua comemoração, e o ar estava azul de fumaça das fogueiras, e espesso com o cheiro de carne sendo assada. Os oficiais que iam a caminho da festa do Rei tinham que fazer vista grossa para as bebedeiras no acampamento e nas ruas, e ouvidos moucos para os

gritinhos e risadas femininas que vinham de locais onde era proibida a presença de mulheres.

Ma1 vi Artur o dia inteiro. Pa«sou o dia fechado com o Rei. até a tarde, só o deixando para. permitir que descansasse antes da festa. Passei a maior parte do dia no hospital. Lá estava tudo tranqüilo. em comparação com o movimento nas proximidades dos apartamentos reais. O dia todo os corredores do lado de fora do quarto de Artur e do meu estiveram cheios; era gente que queria favores do novo príncipe, ou apenas a sua atenção; era gente que queria falar comigo, ou que queria agradecer-me com presentes; ou era simplesmente gente curiosa. Mande1 avisar que Artur estava com o Rei, e que não falaria com ninguém antes da hora da festa. Dei ordens aos guardas para que me chamassem se Lot fosse procurar-me. Mas não fez nenhuma tentativa de aproximação, nem sequer foi visto na cidade, segundo os criados a quem interroguei.

Procurei não correr riscos, e de manhã cedinho pedi a Caio Valério, oficial do Rei e antigo conhecido meu, que reforçasse a guarda no lado de fora dos quartos na antecâmara e até nas janelas. E antes de sair para o hospital, dei uma passada no quarto do Rei para falar com Ulfín.

Pode parecer estranho que um profeta que previra a coroação de Artur tão claramente, tão cercada de luz, tomasse tantas providências para protegê-lo dos seus inimigos. Mas aqueles que lidaram com os deuses sabem que quando fazem promessas, eles as escondem na luz, e que um sorriso nos lábios de um deus não significa que se pode contar como certos os seus favores. Os homens têm o dever de confirmar. Os deuses apreciam o gosto de sal; o suor do esforço humano é o sabor dos seus sacrifícios.

Os guardas de serviço à porta do Rei ergueram as lanças e me deixaram passar diretamente para o quarto externo. Aqui, os pajens e os servos esperavam, enquanto que no segundo quarto ficavam as mulheres que ajudavam a cuidar do Rei. Ulfín permanecia, como sempre, ao lado da porta do quarto do Rei. Pôs-se de pé quando me viu, e conversamos um pouco sobre a saúde do Rei, sobre Artur sobre os acontecimentos da véspera e as expectativas para a noite' falávamos baixo, afastados das mulheres, e eu lhe perguntei:

— Sabia que Morgause abandonou a corte?

— É, eu soube. Ninguém sabe o motivo.

— Sua irmã Morgiana está em York à espera do casamento— repliquei — e estava ansiosa pela sua companhia.

— É, foi o que ouvimos dizer. — A sua fisionomia impassível dava a entender que ninguém tinha acreditado.

— Ela veio ver o Rei? — perguntei.

— Três vezes. — Ulfin sorriu. Aparentemente, não morria de amores por Morgause. — E todas as três mandaram-na embora porque o príncipe ainda estava com ele.

Uma filha privilegiada durante vinte anos, trocada em vinte horas por um filho legítimo. "*Você também foi um bastardo*", ela me dissera. Lembrei-me que, há muitos anos, eu imaginara o que seria dela. Tinha alguma posição e autoridade, aqui com Uther, e talvez até gostasse dele. Até mesmo, segundo insinuara o Rei ontem, recusara casar-se para permanecer ao seu lado. Talvez eu tivesse sido severo demais com ela, insuflado pelo horror que previa, e pelo meu amor sincero pelo rapaz. Hesitei, depois indaguei de Ulfin:

— Ela parecia muito aflita?

— Aflita? — replicou Ulfin vivamente. — Não, parecia zangada. Não gosta de ser contrariada, aquela senhora. Sempre foi assim desde menina. Uma das suas criadas também estava chorando; acho que foi açoitada. — Indicou um dos pajens, muito louro e jovem, que estava à janela. — Foi ele que a mandou embora da última vez, e ela arranhou-lhe o rosto.

— Ele que tome cuidado para que não infeccione — falei, com tal tom de voz que Ulfin olhou-me indagadoramente. Assenti. — É, fui eu quem a mandou embora. E ela não foi de boa vontade. Um dia, você saberá por quê. Está dando uma espiada no Rei, de vez em quando? A entrevista não o está cansando?

— Pelo contrário, está tão bem como há muito não o via. Parece que o rapaz é um poço no qual ele está bebendo; o Rei não tira os olhos dele e parece que fica mais forte a cada hora que passa. Vão almoçar juntos.

— Provarão antes a comida? Foi isso que vim perguntar.

— É claro. Fique descansado, meu senhor. O príncipe estará em segurança.

— O Rei precisa descansar um pouco antes da festa. Ele assentiu.

— Já o convenci a dormir à tarde, depois do almoço.

— Tente convencer (o que será mais difícil) o príncipe a fazer o mesmo. Ou, ao menos, a ir para o seu quarto e ficar lá até a hora do banquete.

Ulfin ficou indeciso.

— Será que vai concordar?

— Se lhe disser que a ordem, melhor dizendo, o pedido foi meu.

— Farei isso, meu senhor.

— Estarei no hospital. Mandará chamar-me, é lógico, se o Rei precisar de mim. Mas, de qualquer modo, mande que me avisem no minuto em que o príncipe saia.

O pajem louro trouxe o recado mais ou menos no meio da tarde. O Rei estava descansando, disse, e o príncipe tinha ido para o seu quarto. Quando Ulfin dera o meu recado ao príncipe, ele tinha amarrado a cara e dito de mau humor (esta parte foi dita *verbatim*) que não ia ficar o resto do dia dentro de casa droga nenhuma. Mas quando Ulfin dissera que o pedido fora feito pelo Príncipe Merlin, o príncipe dera de ombros e fora para o seu quarto sem mais palavra.

— Então, eu também vou — falei. — Mas, primeiro, deixe-me cuidar deste rosto arranhado. — Depois que passei um pouco de pomada nele, mandei-o de volta a Ulfin, e fui para os meus aposentos através dos corredores cheios.

Artur estava perto da janela. Virou-se ao ouvir-me entrar.

— Bedwyr está aqui, sabia? Eu o vi, mas não pude aproximar-me. Mande um recado para ele, para nos encontrarmos à tarde para andar a cavalo. Agora, diz que não posso.

— Sinto muito. Terá tempo para conversar com Bedwyr em melhores circunstâncias.

— Santo Deus, as atuais são horríveis! Este 1uear me sufoca. O que quer de mim aquela matilha aí fora no corredor?

— O que a maioria quer do seu príncipe e futuro Rei. É bom se acostumar.

— É o que parece. Há até um guarda do lado de fora da janela.

— Eu sei. Fui eu quem mandou botá-lo aí. — E em resposta ao seu olhar: — Você tem inimigos, Artur. Estou sendo bem claro?

— Vou ficar sempre assim, controlado, sitiado? Pareço um prisioneiro.

— Depois que for reconhecido como Rei, poderá tomar as suas próprias providências. Até lá, precisa ser protegido. Isto aqui é só um acampamento de emergência; uma vez na capital, ou numa das fortalezas, você se cercará das pessoas que escolher. Poderá ver Bedwyr quantas vezes quiser, e Ceí, ou outro qualquer. Você terá liberdade, a liberdade que puder permitir-se. Nem eu nem você poderemos voltar de novo à Floresta Agreste, Emrys. Isto já acabou.

— Lá era melhor — disse, depois lançou-me um olhar meigo e sorriu. — Merlin.

— O que é?

Começou a dizer algo, mudou de idéia, balançou a cabeça e falou abruptamente:

— Na festa de hoje. Você vai estar perto de mim?

— Com toda a certeza.

— O Rei me contou como vai apresentar-me aos nobres. Sabe o que vai acontecer? Os inimigos de quem fala. . .

— Tentarão impedir que a assembléia o aceite como herdeiro de Uther.

Ele meditou um breve minuto.

— Podem usar armas no átrio?

— Não. Tentarão de outro jeito.

— Sabe qual?

— Não podem negar a sua origem na cara do Rei — respondi — e não podem duvidar da sua identidade na minha presença e na do Conde Ector. Podem apenas tentar desacreditá-lo: fazer vacilar a fé dos indecisos, e tentar modificar o voto do exército. O azar dos seus inimigos é que estamos numa assembléia em que o exército supera o conselho de nobres numa proporção de três para um... e, depois de ontem, vai ser preciso um bocado para convencer o exército de que você não é digno de liderá-los. Minha opinião é de que há algo preparado, algo que pegue os homens de surpresa e abale a sua confiança em você, e até em Uther.

— E em você, Merlin?

— É a mesma coisa — sorri em resposta. — Desculpe, não consigo ver mais que isto. Vejo morte e escuridão, mas não para você.

Não disse mais nada. Ele ficou em silêncio, olhando para mim, depois assentiu, como se eu lhe tivesse respondido à pergunta, e indagou:

— Quem são esses inimigos?

— São liderados por Lot de Lothian.

— Ah — falou, e vi que os seus sentidos não tinham sido enganados nas horas curtas do dia tão cheio. Ele vira e ouvira, escutara e observara. — E Urien, que o acompanha, e Tudwal de Dinpelydr, e ... de quem é a insígnia verde com o carcaju?

— De Aguisel. O Rei comentou com você sobre esses homens? Fez que não com a cabeça.

— Falamos foi sobre o passado. É claro que você e Ector já lhe tinham contado tudo a meu respeito, nesses anos todos, e — ele riu — acho que nenhum filho sabe mais que eu sobre o pai e o pai do seu pai, com tudo que você me contou; mas contar não é a mesma coisa. Tínhamos muito que conhecer um do outro.

Continuou a contar a sua entrevista com Uther, falando sem mágoa dos anos perdidos, falando com o senso prático que fazia parte do seu caráter. Isto não herdara de Uther; herdara de Ambrósio e de mim, e os homens achavam que era frieza. Artur procurara não se envolver com os fatos da sua infância; ele avaliara tudo o que acontecera, e, deixando os sentimentos de lado, chegara até a verdade com a clarividência que faria dele um rei. Quando falou na mãe, era evidente que via as coisas do mesmo modo que Ygraine, com a mesma objetividade dura.

— Se tivesse sabido que a minha mãe ainda vivia, e que concordara de boa vontade em separar-se de mim, teria ficado muito chocado em criança. Mas você e Ector pouparam-me este sofrimento dizendo-me que ela tinha morrido, e agora vejo a situação do mesmo modo que ela viu; que, para ser um príncipe, deve-se ser governado sempre pela necessidade. Ela não abdicou de mim à toa. — Ele sorriu, mas sua voz estava séria. — O que lhe disse é verdade. Foi melhor para mim ficar na Floresta Agreste, achando que não tinha mãe e que era seu bastardo, do que ficar no castelo do meu pai, esperando todos os anos que a Rainha tivesse outro filho que iria tomar o meu lugar.

Eu nunca vira as coisas por este prisma, em todos esses anos. Estivera ofuscado pelos meus motivos importantes, pensando na sua segurança, no futuro do reino, na vontade do deus. Até que o menino Emrys surgisse na minha vida, naquela manhã, na Floresta Agreste, ele não era uma pessoa para mim, somente um símbolo, como se fosse outra vida para meu pai, um instrumento para mim. Depois de conhecê-lo e amá-lo, percebi apenas as coisas de que o tínhamos privado, com o seu gênio forte e a sua ambição de ser sempre o primeiro e o melhor, e a sua pronta generosidade e afetividade. Não adiantava dizer a mim mesmo que, sem mim, ele nunca teria tido a sua herança; eu vivia com sentimento de culpa por tudo de que ele fora privado.

Ele sentira a privação, o ferrão do despojamento. Mas, agora, no momento em que se encontrava a si mesmo, ainda conseguia enxergar claramente o que teria significado uma infância principesca. Sabia que ele estava certo. Mesmo sem contar os perigos diários teria encontrado

dificuldades ao lado de Uther, e as suas grandes qualidades talvez se tivessem deteriorado, estragadas pelo tempo e pela esperança adiada. E agora me absolvera. A minha culpa me abandonava, como a névoa abandona o pântano tangida pelo vento.

Ainda estava falando do pai.

— Eu gosto dele. Foi tão bom rei quanto a sua natureza permitiu. Tenho sido criado longe dele, tenho podido ouvir os comentários, e julgar. Mas, como pai... como nos teríamos entendido, isto já é outra história. Ainda há tempo de conhecer a minha mãe. Ela necessitará de consolo muito breve, acho.

Referiu-se a Morgause apenas uma vez.

— Dizem que ela deixou a cidade.

— Partiu hoje de manhã, quando você estava com o Rei.

— Falou com ela? Como reagiu?

— Sem demonstrar aflição — respondi, dizendo a verdade absoluta.

— Você a mandou embora?

— Aconselhei-a para que se fosse. Como o conselho a esquecer o assunto. Pelo menos no momento, não há nada a fazer. A não ser, sugiro eu, dormir. O dia foi duro, e vai ser ainda mais duro para nós dois antes de terminar. Sendo assim, se conseguir esquecer o povo aí fora e os guardas à janela, sugiro que nós dois durmamos até o crepúsculo.

Ele deu um bocejo grande, de repente, como um gato novo, depois riu.

— Já me pôs um feitiço para ter certeza? Parece que eu podia dormir uma semana... Está bem, farei como quer, mas posso mandar um recado para Bedwyr primeiro?

Não falou de novo em Morgause, e acho que esqueceu-se dela nos preparativos finais para a festa da noite. O olhar angustiado que tinha pela manhã já o abandonara, e não parecia ser incomodado por sombra alguma; a dúvida e a apreensão ter-se-iam evaporado de sua juventude fresca e brilhante como gotas de água do metal incandescente. Mesmo que soubesse, como eu sabia, o que o futuro prometia (que era bem maior do que ele imaginava, e com um final bem mais terrível) nada teria afetado a sua alegria. Quando se tem quatorze anos, a morte aos quarenta parece tremendamente distante.

Uma hora após o pôr-do-sol, vieram buscar-nos para conduzirmos ao local da festa.

O salão estava lotado. Se o lugar já parecia estar cheio antes, que dirá na hora que os clarins anunciaram a festa: mal havia lugar para respirar nos corredores; parecia que até aquelas paredes bem construídas pelos romanos iriam desmoronar ante a pressão do povo excitado. O boato se espalhara, como fogo pela floresta, que esta não seria apenas uma comemoração da vitória, e, vindo de vinte ou trinta milhas de distância, o povo se comprimia em Luguvallium para estar presente à grande ocasião.

Seria impossível examinar e selecionar os seguidores dos nobres privilegiados que ficariam no salão principal onde o Rei tomaria lugar. Neste tipo de festa, esperava-se que os homens deixassem as suas armas do lado de fora, e isto foi exigido, fazendo com que a antecâmara parecesse um bosque da Floresta Agreste, com moitas de lanças e espadas. Os guardas nada mais podiam fazer, além de darem uma olhada em cada homem que entrava, para ver se ele levava apenas a faca ou o punhal que precisava para comer.

Quando todos estavam reunidos, o céu já escurecera, e as tochas foram acesas. Dentro em breve, com a luz enfumaçada das tochas e a noite agradável, a comida e o vinho e a conversa e as risadas, o local tornou-se demasiado quente, e pus-me a observar o Rei, com ansiedade. Ele parecia bem alegre, mas estava meio afogueado, e a sua pele tinha uma aparência vidrada e transparente, que eu já observara antes em homens que tinham alcançado o limite máximo das suas forças. Ele, porém, controlava-se perfeitamente, conversando com Artur à sua direita de modo alegre e cortês, assim como os demais à sua volta, embora, às vezes, se calasse e desse a impressão de estar muito longe, voltando a si de repente, com um sobressalto. Num dado momento, perguntou-me (eu estava sentado à sua esquerda) se sabia por que Morgause não tinha ido vê-lo naquele dia. Não estava preocupado, nem muito interessado; era óbvio que não tinha percebido que ela deixara a corte. Disse-lhe que ela quisera ir ter com a irmã, em York, e, desde que o Rei não pudera atendê-la, eu mesmo dera-lhe permissão e providenciara uma escolta para ela. Acrescentei, depressa, que o Rei não precisava temer por sua saúde, porque eu cuidaria dele pessoalmente. Ele anuiu e agradeceu, mas como se a minha ajuda não fosse mais ser necessária. — Hoje, tive os melhores médicos do mundo: a vitória, e este rapaz ao meu lado. — Pôs a mão no braço de

Artur, e riu. — Ouviu do que os cães saxões estavam me chamando? O Rei semimorto. Eu ouvi os gritos deles quando era carregado na cadeira. . . E acho que realmente o era, mas agora tenho tanto a vitória quanto a vida.

Falara com clareza, e os homens inclinaram-se para escutar, e depois deram murmúrios de aprovação, enquanto o Rei voltou a brincar com a comida. Tanto Ulfin quanto eu tínhamos avisado ao Rei que ele devia comer e beber com moderação, mas o conselho foi desnecessário; ele tinha pouco apetite, e Ulfin providenciou para que o seu vinho estivesse bem agado. Assim como o de Artur. Ele sentava-se ao lado do pai, as costas retas, e a tensão e a excitação deixavam seu rosto um pouco sem cor. Pela primeira vez, parecia não prestar atenção na comida. Falava pouco, somente quando lhe dirigiam a palavra, respondendo apenas por cortesia. Ficou calado a maior parte do tempo, de olho na multidão ao redor do trono. Eu, que o conhecia, sabia o que ele estava fazendo; estava verificando cara por cara, brasão por brasão, os homens presentes, e reparando onde eles estavam sentados. Reparando, também, nas suas fisionomias. Esta cara era hostil, aquela amistosa, esta indecisa e pronta para subordinar-se às promessas de poder e lucro, aquela era tola, ou apenas curiosa. Eu também lia claramente nas fisionomias, como se fossem pedras vermelhas e brancas num tabuleiro, mas, para um moço que ainda não chegara aos quinze anos, e numa ocasião de tanta tensão, eram impressionantes este autocontrole e esta observação. Anos mais tarde, ele ainda era capaz de dizer exatamente quem estava a seu favor, ou contra ele, na primeira noite do seu poder. O olhar frio só se suavizou e demorou duas vezes: ao pousar em Ector, não muito distante de nós, o bom Ector, digno de confiança, que sorria de olhos úmidos para o filho adotivo, todo enfeitado e resplandecente, de branco e prateado, sentado ao lado do Rei. Cei, ao seu lado, não parecia muito entusiasmado, mas Cei tinha um rosto estreito e sobranceiras baixas que davam até ao seu entusiasmo uma aparência de má vontade. Mais embaixo, ao lado do pai, Rei Ban de Benoic, sentava-se Bedwyr, com o rosto pouco atraente afogueado, e com a alma nos olhos. Os olhos dos dois rapazes encontravam-se e tornavam a encontrar-se durante o banquete. Aqui, já estava sendo tecido o padrão do novo reinado.

O banquete continuou. Eu olhava para Uther com atenção, temendo que ele não durasse até a proclamação ser feita e tudo terminar, temendo que lhe faltassem as forças para tal. Neste caso, eu teria de

escolher o momento apropriado para intervir, ou teria que haver luta. Mas ele teve forças. Finalmente, olhou em volta e ergueu a mão e os clarins pediram silêncio. O barulho cessou, e todos os olhos voltaram-se para a mesa alta. Ela tinha sido alteada de propósito, pois o Rei não tinha forças para ficar de pé. Assim mesmo, ereto na sua cadeira, com as luzes e as bandeiras às suas costas, ele estava alerta e esplêndido, impondo silêncio.

Segurou os braços trabalhados do trono, e começou a falar. Estava sorrindo.

— Senhores, todos sabem por que estamos aqui reunidos hoje. Colgrim foi posto em fuga, assim como seu irmão Badulf, e já temos notícias de que o inimigo fugiu desordenadamente para a costa, voltando às terras selvagens para lá do norte. — Falou da vitória da véspera, que ele considerava tão decisiva quanto o fora a vitória do seu irmão em Kaerconan, e um presságio igualmente promissor para o futuro. — O poder dos nossos inimigos, que estivera se avolumando por tantos anos, e sempre nos ameaçando, foi destruído e rechaçado, por algum tempo. Vamos ter uma pausa para respirar. Mais importante que isto, senhores, vimos como esta pausa foi conquistada; vimos o que a unidade pode fazer, o que podemos fazer com ela. Sozinhos, que podíamos fazer, os reis do norte, os reis do sul e do oeste? Juntos, porém, unidos, lutando sob um chefe e com um plano, podemos enfiar a espada de Macsen de novo no coração do inimigo.

Ele falara figurativamente, é claro, mas notei o pequeno sobresalto de Artur, a sua olhadela rápida na minha direção, antes de voltar a perscrutar o salão.

O Rei fizera uma pausa. Ulfín, atrás dele, aproximou-se com uma taça de vinho, que o Rei recusou, continuando a falar. Sua voz estava mais forte, parecia quase ter o vigor antigo.

— Esta é a lição que os últimos anos nos ensinaram. É preciso que haja um só chefe, um Grande Rei a quem todos os reinos prestem homenagens. Sem isto, voltamos aos tempos anteriores à chegada dos romanos. Estamos divididos e perdidos, como a Gália e a Alemanha foram divididas e perderam-se; desdobramo-nos em povos pequenos, brigando como lobos por alimento e espaço, nunca enfrentando o inimigo comum; passamos a ser uma província submersa de Roma, acompanhando-a na sua queda, em vez de emergir como um novo reino, uma unidade com o seu povo, os seus deuses. Com o Rei certo, seguido fielmente, isto acontecerá. Quem sabe o Dragão da Inglaterra

possa ser erguido, talvez tão alto quanto as Águias de Roma, com um orgulho e uma visão que serão admirados de muito longe?

O silêncio era absoluto. Podia ter sido Ambrósio falando, ou o próprio Máximo. Assim falam os deuses quando se espera por eles.

Desta vez a pausa foi maior. O Rei planejava que ela fosse uma pausa de orador, para atrair olhares, mas percebi como as suas mãos estavam brancas nos braços do trono, como ele utilizou a pausa para recuperar as forças. Pensei ter sido o único a reparar; ninguém olhava para Uther, todos observavam o rapaz à sua direita. Quer dizer, todos menos o Rei de Lothian; ele observava com atenção o Grande Rei, com a ansiedade estampada na face. Ulfin, à nova pausa do Rei, voltou a oferecer-lhe vinho; percebeu o meu olhar, levou a taça aos seus próprios lábios, provou, depois deu-a ao Rei, que bebeu. Não havia como disfarçar o tremor da sua mão ao levar a taça à boca, mas, antes que pudesse revelar mais ainda a sua fraqueza, Ulfin tirou-a dele, gentilmente. Tudo isto, percebi, Lot acompanhara com a mesma ansiedade concentrada. Ele percebia o quanto Uther estava mal, e a cada minuto ele esperava que o Grande Rei perdesse as forças. Ou Morgause lhe contara, ou ele adivinhara aquilo que eu sabia que certamente iria acontecer: Uther não viveria o suficiente para colocar Artur no trono, fisicamente, e na balbúrdia subsequente os inimigos do jovem buscariam a sua oportunidade.

Quando Uther recomeçou a falar, sua voz tinha perdido muito do vigor, mas o silêncio era tão completo que ele nem teve necessidade de levantá-la. Até os que tinham bebido demais demonstravam uma atenção solene ao ouvir o Rei falar novamente sobre a batalha, sobre os que se destacaram, sobre os que morreram nela; finalmente, sobre o papel que Artur desempenhara no triunfo, sobre Artur em si.

— Vocês todos sempre souberam que durante todos esses anos o meu filho e de minha Rainha Ygraine crescia e era treinado para governar em outras terras, orientado por mãos mais fortes que as minhas, que enfraqueceram com a minha enfermidade. Sempre souberam que, quando chegasse a hora, e ele estivesse crescido, ele seria proclamado, Artur, meu herdeiro e seu novo Rei. Agora, que todos saibam onde o seu príncipe legítimo passou os anos da sua infância; primeiramente, sob a proteção de meu primo Hoel da Bretanha, depois na casa de meu fiel servidor e companheiro de armas, Conde Ector de Galava. E durante todo esse tempo, ele foi protegido e orientado por meu parente Merlin, chamado Ambrósio, em cujas mãos ele foi

entregue ao nascer, e de cuja integridade como tutor ninguém pode duvidar. Como ninguém duvidará dos motivos que me levaram a afastar o príncipe até a hora apropriada de mostrá-lo publicamente aos senhores. É um hábito comum entre os grandes o de criar seus filhos em outras cortes, onde possam crescer sem tornar-se arrogantes, sem serem corrompidos pela lisonja, e a salvo das maquinações de traidores e ambiciosos. — Parou um pouco para recuperar o fôlego. Ele falava olhando para a mesa, sem encarar ninguém, mas, aqui e ali, um homem mexeu-se nervosamente na cadeira, e trocou olhares com outro; Artur não deixou de perceber.

O Rei prosseguiu:

— E aqueles de vocês que queriam saber qual o esquema que se usa no treinamento de um príncipe, além de mandá-lo para a luta, ainda menino, e para a assembléia ao lado do pai, viram no dia; de ontem como ele recebeu a espada do Rei das mãos do Rei, com facilidade, e como conduziu as tropas para a vitória como se fosse o próprio Grande Rei, e um guerreiro experimentado.

Uther respirava com dificuldade, sua cor estava bem feia. Percebi os olhos atentos de Lot, o ar preocupado de Ulfin. Cador estava de cenho franzido. Lembrei-me, satisfeito, da conversa que tivera com ele à margem do lago. Cador e Lot: se Cador não fosse tão filho do pai, como teria sido fácil para os dois ter dilacerado o país de norte a sul, ter dividido a terra entre eles como um par de cães de briga, enquanto o cãozinho sem terra gania esfomeado.

— E, assim, — disse o Grande Rei, e, no silêncio, a sua respiração ofegante tornava-se horivelmente nítida — apresento-lhes o meu filho único e legítimo, Artur, chamado Pendragon, que será o Grande Rei após a minha morte, e que usará a minha espada em batalha de agora em diante.

Estendeu a mão para Artur, e o rapaz ficou de pé, ereto e sem sorrir, enquanto «os gritos e as aclamações subiam até o teto enfumado. O barulho deve ter sido ouvido pela cidade inteira. Quando os homens pararam para respirar, os ecos da aclamação ressoaram pelas ruas, percorrendo-as como o fogo percorre o restolho num dia seco. Os gritos eram de aprovação, de alívio porque as coisas estavam finalmente esclarecidas, e de alegria. Eu percebi que Artur, perfeitamente impassível, avaliava quem demonstrava o quê. Mas, de onde eu estava, podia também ver a veia que pulsava sob o maxilar rígido. Ele parecia um espadachim que descansava após uma vitória, mas que estava alerta para um próximo desafio.

E ele chegou. Acima da gritaria, e do bater dos copos nas mesas, destacou-se a voz de Lot, áspera e arrebatada.

— Eu contesto a escolha, Rei Uther!

Foi como jogar um pedregulho no meio de um curso d'água. O barulho cessou; os homens se entreolhavam, resmungavam, mexiam-se inquietos e olhavam ao seu redor. De repente, foi como se o curso d'água se tivesse dividido. Ainda havia quem aclamasse Artur e a escolha do Rei, mas já se ouviam gritos de "Lothian! Lothian!", e a voz de Lot continuava firme:

— Um rapazola inexperiente? Um rapaz que só enfrentou uma batalha? Eu lhes digo, Colgrim não demorará a voltar, e vai encontrar-nos com um rapaz como chefe? Se precisa entregar a sua espada, Rei Uther, entregue-a a um chefe experiente e amadurecido, que fará bom uso dela até a hora de entregá-la a este mocinho, quando ele for adulto! — Terminou a contestação batendo com o punho cerrado na mesa, e à volta, o clamor recomeçou: "Lothian! Lothian!", e mais abaixo, outros gritos eram ouvidos, aumentando a confusão: "Pendragon!" e "Cornwall" e até "Artur!". Enquanto o clamor aumentava, via-se que só o fato de os homens estarem desarmados impedia que outras coisas além de insultos fossem trocadas no salão. Os criados estavam encostados às paredes, e os camareiros iam e vinham, pálidos, procurando acalmar os ânimos. O Rei, o rosto cor de cinza, ergueu a mão, mas o gesto passou quase despercebido. Artur nem se mexera nem falara, mas empalidecera.

— Meus senhores! Meus senhores! — Uther estava tremendo de raiva, e a raiva era tão perigosa para ele quanto um golpe de lança. Percebi que Lot também sabia disso. Botei a mão no braço de Uther.

— Tudo vai sair bem — disse eu, com suavidade. — Fique calmo e deixe que eles gritem à vontade. Veja, Ector vai falar.

— Senhor meu Rei! — A voz de Ector era amistosa, esperta, casual, e acalmou um pouco o ambiente. Falou como se estivesse se dirigindo unicamente ao Rei. O efeito foi notável; fez-se silêncio, enquanto os homens esforçavam-se por ouvi-lo. — Senhor meu Rei, o Rei de Lothian contestou a sua escolha. Ele tem o direito de falar, como todos os seus súditos têm o direito de falar perante o senhor, mas não o direito de contestar, nem sequer de debater, o que foi dito hoje. — Aumentando um pouco a voz, virou-se para a audiência. — Meus senhores, isto não é uma questão de escolha ou de eleição; o rei gera o seu herdeiro, não o escolhe, e quando tivemos a felicidade de saber que o nosso rei gerou um herdeiro como esse, o que há para

debater? Olhem para ele, para este príncipe que lhes foi apresentado. Ele esteve na minha casa durante dez anos, e eu, senhores, que o conheço bem, digo-lhes que é um príncipe para ser seguido, não mais tarde, "quando for adulto", mas agora. Mesmo se eu não estivesse aqui para autenticar a sua origem, bastaria que olhassem para ele e que se recordassem do dia de ontem para saber que aqui, com muita sorte e com a bênção de Deus, temos o nosso Rei de fato e de direito! Este ponto não está aberto a contestação, nem a debate. Olhem para eles, senhores, e lembrem-se de ontem! Quem mais digno de unificar os reis de todos os cantos da Inglaterra? Quem mais digno de manejar a espada do pai?

Houve gritos de "É verdade! É verdade!" e "Não há dúvida alguma, ele é Pendragon, e, portanto, nosso Rei!" e uma babel de vozes ainda mais alta e confusa que antes. Por um instante, recordei as assembléias de meu pai, seu poder e sua ordem; depois, percebi de novo como Uther tremia, cor de cinza no seu trono. Os tempos eram outros; ele tinha que ter feito a coisa deste modo; não poderia impor o rapaz .a não ser por aclamação pública.

Antes que ele pudesse falar, Lot pôs-se de pé novamente. Já não gritava, falava pausadamente, com ar razoável e com uma me-sura cortês para Ector.

— Eu não contestava a origem do príncipe, e sim a capacidade de um jovem inexperiente para chefiar-nos. Sabemos que a batalha de ontem foi apenas a preliminar, o primeiro passo de uma luta maior e pior do que a que o próprio Ambrósio enfrentou, um conflito como nunca se viu desde os dias de Máximo. Precisamos de uma liderança melhor do que a demonstrada numa escaramuça, em dia de sorte. Necessitamos, não de um auxiliar de um rei doente, mas de um homem investido com autoridade e a bênção divina de um governante ungido. Se este jovem príncipe for realmente digno de usar a espada do pai, por que o seu pai não abre mão dela em seu favor, aqui na nossa presença?

Silêncio de novo, durante três segundos. Todos ali sabiam o que significaria a entrega formal da espada real: seria a abdicação. De todos os homens presentes, somente eu, e talvez Ulfin, sabia que não tinha importância que Uther abdicasse ou não; Artur seria Rei antes do fim da noite. Uther, porém, não sabia, e, mesmo consciente da sua fraqueza, teria ele a grandeza de renunciar publicamente ao poder que fora toda a sua vida? Nem eu sabia. Ele estava sentado bem ereto, aparentemente impassível, e só quem estivesse tão perto dele quanto

eu estava, notaria o tremor que sacudia o seu corpo de vez em quando, fazendo a luz tremular no círculo dourado que circundava a sua testa, e tremer nas jóias que usava nos dedos. Levantei-me da cadeira devagar e fui ficar bem perto dele, ao seu lado esquerdo. Artur, de cenho franzido, olhou-me inquisidoramente. Balancei a cabeça.

O Rei umedeceu os lábios, hesitante. A mudança de atitude de Lot o intrigara, como intrigara os demais presentes. Mas também trouxera alívio aos indecisos, aos que temiam a idéia de rebelião, e que encontraram alívio para seu medo do futuro no seu ar razoável e na sua deferência para o Grande Rei. Houve murmúrios de aprovação e concordância. Lot abriu bem as mãos, como a incluir todos os presentes, e falou, com ar de quem falava por todos.

— Meus senhores, se presenciássemos a entrega da espada real feita pelo Rei, com as suas próprias mãos, ao seu herdeiro escolhido, que poderíamos fazer senão reconhecê-lo? Mais tarde, haverá tempo de sobra para discutir como vamos enfrentar as guerras que virão.

Artur virou de leve a cabeça, como um cão que fareja algo estranho. Ector também olhou para o outro, surpreso e desconfiado com a aparente capitulação. Cador, calado no outro lado da sala, olhou para Lot como se quisesse arrancar-lhe a alma pelos olhos. Uther inclinou a cabeça de leve, um gesto de abnegação que lhe assentou maravilhosamente.

— Estou de acordo.

Um camareiro saiu correndo. Uther reclinou-se na cadeira, sem aceitar o vinho que, novamente, Ulfin lhe oferecia. Tomei-lhe o pulso, disfarçadamente; parecia um pulso de gafanhoto, numa munheca frágil e fibrosa, que antes fora só nervos e músculos. Seus lábios estavam secos, e a língua veio umedecê-los. Falou baixinho:

— Há algum truque nisto, mas não sei qual é. Você sabe?

— Ainda não.

— Ele não tem muitos seguidores. Nem no exército, depois de ontem. Mas agora. . . você talvez tenha que interferir. Eles não querem fatos, nem promessas. Você sabe que o que eles querem é um sinal. Não pode dar-lhes um?

— Não sei. Ainda não. Os deuses chegam quando chegam.

Artur percebera os sussurros. Estava tenso como um arco retesado. Olhou para o outro lado do salão, e percebi que a sua boca relaxou-se levemente. Acompanhei o seu olhar. Era Bedwyr, roxo de ódio, que o pai prendia à força na cadeira. Se não fosse por isso, acho que ele teria avançado em Lot.

O camareiro veio correndo, trazendo nas mãos a espada embainhada do Rei. Os rubis do cabo brilhavam malignamente. A bainha era folheada em prata, trabalhada em ouro e pedras preciosas. Todos os presentes já a tinham visto centenas de vezes com Uther. O homem colocou-a na mesa, na frente do Rei. A mão magra de Uther dirigiu-se para o cabo, os dedos acomodando-se a ele de moto próprio, quase que com carícia, segurando-a com a firmeza do bom guerreiro. Artur observava, intrigado. Ele estava pensando na espada da pedra, lá na Floresta Agreste, tentando encaixá-la nesta cena de abdicação formal.

Mas eu, sentindo o fogo dos grandes rubis queimarem de encontro aos meus olhos, soube afinal o que os deuses estavam fazendo. Estava claro desde o começo, fogo e a estrela-dragão e a espada na pedra. E a mensagem não vinha da fumaça do deus de dois sorrisos, estava clara como a chama do rubi. A espada de Uther falharia, como ele próprio falharia. Mas a outra não falharia. Ela viera por água e por terra e estivera à espera disto, de dar a Artur o seu reino, de ajudá-lo a conservar e proteger o seu reino, para depois desaparecer da vista dos homens para todo o sempre...

O Rei segurou com firmeza o cabo e desembainhou a espada.

— Eu, Uther Pendragon, com este penhor, dou a Artur, meu filho...

Todos prenderam a respiração, depois a balbúrdia começou. Homens gritavam, cheios de medo:

— Um sinal! Um sinal! — Alguém berrou: — Morte! Significa morte! — e os murmúrios recomeçaram: — Que podemos esperar de um país destruído, de um rei aleijado e de um rapazinho sem espada?

Quando a espada saiu da bainha, Uther conseguiu pôr-se de pé. Ele a erguera, e olhava para ela de boca aberta, muito pálido, com jeito de quem perdera o juízo. A espada estava quebrada. A um palmo da ponta, o metal se partira de forma irregular, e via-se a ruptura claramente à luz das tochas.

O Rei não disse nada; era como se quisesse falar, mas estivesse engasgado com as palavras. A espada caiu ao chão com barulho. Suas pernas cederam e Uther e eu o recolocamos com cuidado na cadeira. Artur, com a rapidez de um gato montanhês, veio inclinar-se sobre ele:

— Senhor? Senhor?

Ele ergueu-se devagar, de olhos fitos em mim. Não havia necessidade que eu lhe dissesse o que todos no salão estavam vendo, Uther estava morto.

9

Uther morto foi mais eficaz que Uther moribundo para controlar o pânico que se espalhou pelo salão. Cada homem ficou de pé, calado e parado, olhando o Grande Rei ser colocado delicadamente contra o encosto da cadeira. No silêncio, as chamas das tochas farfalhavam como seda, e a taça que Ulfín deixara cair rolava num meio círculo pelo chão. Inclinei-me sobre o Rei morto, e fechei-lhe os olhos.

Então, ouviu-se a voz de Lot, vigorosa e controlada: — É realmente um sinal! Um rei morto e uma espada quebrada! Ainda afirma, Ector, que Deus indicou este menino para chefiar-nos contra o invasor saxão? É realmente uma terra mutilada, esta, se só temos entre nós e o terror um menino com uma espada quebrada!

Nova confusão. Homens gritando, entreolhando-se, olhando ao redor com medo e assombro. Parte da minha mente observou, friamente, que Lot não ficara surpreso. Artur, com os olhos brilhando num rosto ainda mais pálido de choque, ergueu-se do lado do corpo do pai e virou-se para enfrentar a gritaria, mas eu disse depressa:

— Não. Espere — e ele obedeceu. Mas já segurava o punhal com força, com as juntas da mão embranquecendo. Acho que ele nem sentia o que estava fazendo, e, mesmo que sentisse, não poderia refrear-se. O tumulto de assombro e medo chocava-se contra as paredes, vibrando como ondas ao vento.

A voz de Ector destacou-se da comoção de novo, áspera e abalada, mas firmemente casual como antes, afastando as teias do medo supersticioso como uma vassoura afastando as teias de aranha.

— Meus senhores! Que é isto! Nosso Grande Rei está morto, bem em frente dos nossos olhos. Como vamos opor-nos à sua vontade expressa, quando seus olhos ainda mal se fecharam? Todos vimos o que causou a sua morte, a vista da espada real, que ontem estava perfeita, quebrada dentro da bainha. Vamos deixar que este... "acidente" — falou a palavra significativamente — nos amedronte como crianças, impedindo-nos de fazer o que devemos? Se querem um sinal, aí está. — Apontou para Artur, reto como um pinheiro ao lado da cadeira do Rei morto. — Um rei cai, outro está pronto para

ocupar seu lugar. Deus enviou-o, hoje, para isso. É preciso que o aceitemos.

Uma pausa, cheia de murmúrios, enquanto os homens se entreolhavam. Muitos acenos e gritos de concordância, mas, aqui e ali, fisionomias indecisas, e a pergunta:

— Mas, e a espada? E a espada partida? Ector continuou, com firmeza:

— O Rei Lot disse que a espada partida era um sinal. Sinal de quê? Eu digo que de traição! A espada não se quebrou nas mãos do Grande Rei, nem na do seu filho.

— É verdade — falou outra voz, energicamente. O pai de Bedwyr, o Rei de Benoic, pôs-se de pé. — Todos nós a vimos perfeita, na batalha. E como foi bem usada, Santo Deus!

— Mas, e depois? — As perguntas choviam de todo canto. — E então? Será que o Rei teria mandado buscá-la se soubesse que estava quebrada? — De um interlocutor invisível na confusão: — Será que o Rei teria consentido em entregá-la ao menino, se ela não estivesse perfeita? — E outra voz, que julguei ser de Urien: — Ele sabia que estava morrendo. Ele entregou a terra mutilada juntamente com a espada partida. Cabe agora ao mais forte assumir a governança.

Ector, ruborizado, interrompeu de novo:

— Falei a verdade quando falei em traição! Em boa hora o Grande Rei nos apresentou o seu herdeiro, ou a Inglaterra seria mesmo mutilada, dilacerada por cães desleais como você, Urien de Gore!

Urien gritou de raiva, e levou a mão ao punhal. Lot disse qualquer coisa, vivamente, acobertado pelo tumulto, e ele acalmou-se. Lot sorria, com os olhos apertados e vigilantes. Falou suavemente:

— Todos sabemos que o Conde Ector tem interesse em proclamar seu pupilo Grande Rei.

Nova pausa, pesada. Vi que Ector olhava em volta, como que a pedir que uma espada surgisse do ar. A mão de Artur apertou mais forte o cabo do punhal. De repente, houve uma movimentação no lado direito do aposento, onde encontravam-se Cador e seus homens. O Javali Branco de Cornwall distendia-se e encolhia-se na sua manga, quando ele se movia. Pediu silêncio, e conseguiu. Lot virou a cabeça, depressa; era evidente que ele não sabia o que esperar. Ector controlou-se e procurou acalmar-se. Por toda parte eu vi que os amedrontados, os vacilantes, os oportunistas olhavam para Cador, esperando uma indicação da atitude que deveriam tomar.

A voz de Cador era clara e completamente despida de emoção.

— O que Ector diz é verdade. Eu mesmo vi a espada do Grande Rei após a batalha, quando seu filho a devolveu. Estava inteira e perfeita, suja com o sangue dos inimigos.

— Então, como é que apareceu quebrada? Foi traição? Quem a quebrou?

— Quem seria? — indagou Cador. — Não os deuses, com certeza, não importa o que pense o Rei Lot. Os deuses não quebram as espadas dos reis que favorecem com a vitória. Eles dão espadas, e espadas perfeitas.

— Então, se Artur é nosso Rei, — gritou alguém — que espada lhe deram?

Cador olhou para o meu lado; era evidente que esperava que eu falasse. Fiquei calado. Eu me colocara atrás de Artur, à sombra do trono do Rei. Aquele era o meu lugar, e já era hora que eles soubessem. Houve uma pausa maior, as cabeças viraram-se para onde eu estava, como uma sombra negra atrás do branco e prateado do rapaz. Homens mexiam-se inquietos, e murmuravam. Aqui havia alguns que conheciam o meu poder, e não havia nenhum que duvidasse dele. Nem mesmo Lot; o branco dos seus olhos apareceu quando olhou de esguelha. Mas quando eu continuei calado, sorrisos apareceram. Percebia a tensão nos ombros de Artur, e falei com ele em silêncio, com a força da minha vontade. "Ainda não, Artur, ainda não. Espere."

Ele estava calado. Apanhara no chão a espada partida e estava recolocando-a na bainha. Quando ela entrou, deixou ver um último lampejo, que então se apagou.

— Viram? — disse Cador para os presentes. — A espada de Uther já se foi, e ele também. Mas Artur tem uma espada, e é maior que esta espada real que os homens quebraram. Os deuses deram-na para ele. Eu mesmo a vi na sua mão.

— Onde? — perguntavam. — Quando? Que deuses? Que espada é essa?

Cador esperava, sorrindo, que as perguntas cessassem. Ele estava tranqüilo, um homem grande com um ar de força displicente, mas em alerta. Lot mordia o lábio e franzia a testa, que estava coberta de suor. Seus olhos percorriam o salão, fazendo a conta dos que ainda o apoiavam. Parece que ele ainda esperava que Cador fosse ficar ao seu lado, e contra Artur.

Cador nem tinha olhado para ele.

— Eu o vi uma vez com Merlin, — contou à assembléia — lá na Floresta Agreste, e estava com a espada mais esplêndida que já vi, cheia de jóias como a de um Imperador, e com uma lâmina tão brilhante que doía nos olhos.

Lot pigarreou.

— Uma ilusão. Artes mágicas. Você disse que Merlin estava lá. Todos sabemos o que isto significa. Se Merlin é o mestre de Artur...

Houve uma interrupção por parte de um homem pequeno, moreno e de cabelos negros. Era Gwyl, da costa ocidental, em cujas colinas os druidas ainda se reúnem.

— E se foi mágica, e daí? Vejam bem, um rei que tem mágica nas mãos é um rei a quem se deve seguir.

Isto provocou um berro de aprovação. Punhos socavam as meias. Muitos dos homens presentes eram celtas montanheses, e estavam de acordo com isso.

— É verdade, é verdade! Ter força é bom, mas, de que serve ela sem a sorte? E o nosso novo Rei, embora moço, tem as duas coisas. É verdade o que Uther disse, bom treinamento e boa orientação. Quem melhor para orientá-lo, do que Merlin ao seu lado?

— Foi tão bem treinado — gritou uma voz juvenil — que não se omite da luta até que seja quase tarde demais! — Era Bedwyr, impulsivamente. Seu pai deu-lhe um cascudo, bem de leve, e a mesma mão que castigou acariciou-lhe os cabelos. Houve sorrisos. A coisa estava esfriando. A fermentação criada pelo medo supersticioso estava cedendo, e os homens se acalmando, prontos para escutar e pensar. Um ou dois que antes pareciam apoiar Lot já se afastavam dele. Alguém perguntou:

— Por que Merlin não fala? Merlin sabe o que devemos fazer. Deixem que ele nos diga! — E a gritaria começou: "Merlin! Merlin! Que Merlin fale!"

Deixei que gritassem durante alguns minutos. Quando já estavam prestes a desmontar o salão pedra por pedra, para ouvir-me, falei. Não me movi nem ergui a voz, fiquei ali entre o Rei morto e o vivo, e eles se aquietaram para ouvir-me.

— Tenho duas coisas a dizer — comecei. — Primeiro, que o Rei de Lothian estava errado. Não sou mestre de Artur, sou seu servo. E segundo, o que o Duque de Cornwall já lhes disse, que entre nós e o Terror Saxão existe um rei, novo e perfeito, com uma espada que lhe foi dada por Deus.

Lot percebia que estava perdendo terreno. Olhou à sua volta, gritando:

— Que bela espada, que aparece na sua mão como uma ilusão e desaparece dela durante a batalha!

— Não seja tolo — falou Ector asperamente. — Aquela que lhe tiraram da mão durante a luta fui eu quem lhe emprestou. Era a minha espada número dois, não estou me queixando!

Alguém riu. Houve sorrisos, e quando Lot falou de novo, a derrota estava presente na raiva da sua voz:

— Então, onde ele arranjou esta espada maravilhosa, e onde está ela agora?

— Ele foi sozinho até Caer Bannog e tirou-a do seu lugar sob o lago — respondi.

Silêncio. Não havia um só que não soubesse o que isto significava. Vi mãos que faziam o sinal contra o encantamento. Cador manifestou-se.

— É verdade. Eu vi Artur voltar de Caer Bannog com ela na mão, enrolada numa bainha velha, como se tivesse estado escondida por cem anos.

— E estava — disse eu no silêncio que se estabelecera. — Ouçam, senhores, e lhes direi que espada é esta. É a espada que Macsen Wledig levou para Roma, e que os seus seguidores trouxeram de volta para a Inglaterra, onde ficou escondida até que os deuses achassem por bem guiar um filho de Rei até ela. Preciso recordar-lhes a profecia? A profecia não é minha, foi feita antes do meu nascimento-a espada viria por água e por terra, seria entesourada na escuridão, e trancada na pedra, até que surgisse o rei legítimo de toda a Inglaterra para tirá-la do seu esconderijo. E lá ela ficou, meus senhores, a salvo em Caer Bannog, no castelo de Bilis, até que Artur a descobriu, guiado por sinais mágicos enviados pelos deuses, e tomou-a nas mãos com facilidade.

— Mostre-nos! — gritaram. — Mostre-nos!

— Eu lhes mostrarei. A espada está agora sobre o altar da capela da Floresta Agreste, onde eu a coloquei. Ali permanecerá até que Artur a erga à vista de todos vocês.

Lot começava a ficar com medo; estavam contra ele⁷ agora, e revelara-se inimigo de Artur. Até o momento eu falara calmamente, sem o poder, e ele achava que ainda tinha chance. A obstinação que o impulsionara e a estupidez da sua esperança de poder é que o sustinham.

— Eu já vi esta espada no altar da Capela Verde. Muitos de vocês já a viram! É a espada de Macsen sim, mas é feita de pedra?

Manifestei-me, então. Levantei os braços bem alto. Uma brisa entrou pelas janelas abertas, vinda não se sabe de onde, e movimentou as flâmulas coloridas, fazendo com que o Dragão escarlate atrás de Artur parecesse subir pela bandeira dourada, e fez com que a minha sombra se agigantasse como a sombra do Dragão, com os braços erguidos como asas. O poder estava aqui. Eu o ouvia na minha voz.

— E ele a tirou da pedra, e da pedra a tirará de novo, diante de todos vocês. E de hoje em diante a capela se chamará Capela Perigosa, porque se outro homem que não o legítimo Rei ousar tocar na espada, ela queimará como fogo na sua mão.

Alguém falou com energia, na multidão:

— Se realmente tem a espada de Macsen, ele a conseguiu por dom de Deus, e, se teve Merlin ao seu lado, seja lá que deus e'e adore, eu o seguirei!

— E eu — disse Cador.

— E eu! E eu! — os gritos continuaram. — Vamos todos ver esta espada mágica e este altar perigoso!

Estavam todos de pé. A gritaria aumentou, ecoando até o teto.

— Artur! Artur!

Abaixei os braços. "Agora, Artur, é agora."

Ele não olhara para mim nem uma vez, mas escutou o meu pensamento, e senti o poder passando de mim para ele. Eu podia ver o poder acumulando-se ao seu redor, e todos os presentes também podiam. Ergueu a mão, e eles esperaram por ele. Sua voz era clara e firme: não era a voz de um rapaz, mas a de um homem que lutara as suas primeiras batalhas decisivas, lá no campo e aqui no salão.

— Meus senhores. Todos viram como o destino enviou-me para meu pai sem uma espada. A traição quebrou aquela que ele quis dar-me, e a traição quis roubar-me o que é meu por direito de nascimento, direito que foi provado à frente de todos, confirmado por meu pai, o Grande Rei, de público. Mas, como Merlin lhes disse, Deus já colocou uma outra arma, bem maior, na minha mão, e eu a erguerei à vista de todos, logo que possa levar esta assembléia até a Capela Perigosa.

Fez uma pausa. Não é fácil falar depois que os deuses falaram. Ele terminou simplesmente, água fresca após as chamas. As tochas estavam quase na brasa, a minha sombra na parede diminuía. A bandeira do Dragão estava imóvel.

— Meus senhores, iremos para lá de manhã. Agora, parece-me que devemos dedicar-nos ao Grande Rei, providenciar para que seu corpo seja velado de maneira real, com guardas ao seu redor, até que possa ser conduzido ao seu lugar de descanso. Depois, os que queiram poderão pegar suas espadas e lanças, e acompanhar-me.

Ele terminara. Cador veio vindo pelo salão, e com ele Ector, e Gwyl, e o pai de Bedwyr, Rei Ban e muitos outros. Afastei-me discretamente, deixando Artur sozinho, com a guarda real atrás dele. Fiz um sinal e os criados vieram buscar e levar a cadeira, onde, durante todo este tempo, o corpo do Rei morto estivera enrijecendo, sem que ninguém olhasse para ele, a não ser Ulfín, que chorava.

10

Logo que deixei o salão, mandei um criado avisar para prepararem um cavalo veloz para mim. Um outro apanhou a minha espada e a minha capa, e logo pude escapulir para o pátio, sem chamar muita atenção.

Lá estava o cavalo, pronto. Parecia um animal conhecido, depois verifiquei pela manta que era o alazão de Ralf. O próprio Ralf esperava-me ao seu lado, com a fisionomia tensa e ansiosa. Para lá dos muros altos do pátio, a cidade zumbia como uma colméia derrubada, e todas as luzes estavam acesas.

— O que é isso? — perguntei. — Será que não entenderam o meu recado? Eu vou sozinho.

— Foi o que disseram. O cavalo é para o senhor. É mais veloz que o seu, pisa firme e conhece as trilhas da floresta. E se o senhor achar encrenca. . . — Não terminou a frase, mas eu entendi. O cavalo era treinado para a guerra, e lutaria por mim como um braço de reserva.

— Obrigado. — Tirei as rédeas dele, e montei. — Estão esperando por mim. no portão?

— Estão. Merlin. . . — Ainda não largara de todo as rédeas. — . . .deixe-me ir com o senhor. Não deve ir sozinho. O senhor tem um inimigo feroz, que não se detém por nada.

— Eu sei disso. Você me ajudará mais se ficar aqui e evitar que me sigam. Os portões estão fechados?

— Estão, já cuidei disso. O senhor é o único cavaleiro que poderá sair daqui até que Artur e os outros partam. Informaram-me, porém, que dois homens partiram antes da assembléia deixar o salão.

—i Homens de Lot? — perguntei, de testa franzida.

— Ninguém está certo. Eles disseram que eram mensageiros, levando a notícia da morte do Rei para o sul.

— Não se mandou nenhum mensageiro — falei secamente. Eu mesmo dera a ordem. A notícia da morte do Grande Rei, com o medo e a certeza que geraria, não deveria passar dessas paredes, a não ser juntamente com a notícia de um novo Rei e de uma nova coroação.

Ralf assentiu.

— Eu sei. Os dois passaram pouco antes do recebimento da ordem. Talvez fosse apenas alguém esperando alguma recompensa, um camareiro, quem sabe, avisando a gente do sul tão logo ele morreu. Mas também podia ser gente de Lot, o senhor sabe disso. O que será que ele está planejando? Quebrar a espada de Macsen, como quebrou a de Uther?

— Acha que conseguiria?

— N-não. Mas, se ele nada pode fazer, por que o senhor está indo para lá, agora? Por que não espera e vai com o príncipe?

— Porque é verdade que nada deterá Lot, agora, na sua tentativa de derrubar a reivindicação de Artur. É pior que ambição, agora, é medo. Ele fará qualquer coisa para desacreditar-me, e para abalar a fé dos homens na espada como dom de Deus. Por isso eu preciso ir. Deus não se defende. Para que estamos aqui, senão para lutar por ele?

— Quer dizer.. . ? Entendo. Eles podem profanar o santuário, destruir o altar... Se pudessem impedi-lo de estar lá para receber o Rei...? É isso?

— Acho que sim.

Puxou o freio do alazão com tanta violência que ele corcoveou, bufando.

— Acha que Lot não hesitaria em assassiná-lo?

— Acho. Mas creio que ele não vai conseguir. Deixe-me ir agora, Ralf. Estarei bem.

— Ah! — falou com alívio. — As estrelas não indicam mais mortes para hoje?

— Indicam morte para alguém. Não para mim, mas não levarei ninguém comigo, para pô-lo em perigo. É só por isso que você não vem, Ralf.

— Oh, Deus, se é só isso.. .

Coloquei as rédeas sobre o pescoço do alazão e ele ficou à espera.

— Já tivemos uma discussão dessas antes, Ralf, e eu cedi. Mas hoje, não. Não posso forçá-lo a obedecer; você não é mais meu. Mas é de Artur, e é o seu dever ficar com ele, e levá-lo em segurança para a capela. Deixe-me ir, agora. Qual portão?

A pausa foi longa, depois ele afastou-se.

— O sul. Deus o acompanhe, meu querido senhor.

Virou a cabeça e deu uma ordem ao guarda. O portão do pátio abriu-se, depois fechou-se com estrondo às costas do meu cavalo a galope.

Havia uma meia-lua, beirada de sombras, prata fina. Ela iluminava o caminho familiar pelo vale. Os salgueiros ao longo do rio curvavam-se sobre sombras azuis. O rio corria rápido, engrossado pela chuva. O céu estava cheio de estrelas, e a mais brilhante delas era a Ursa. A lua, as estrelas e o rio saíram das minhas vistas quando o alazão, esporeado, aumentou o passo e levou-me a galope para a escuridão da Floresta Agreste.

Na primeira parte do caminho, a trilha era boa, e aqui e ali a lua infiltrava-se entre as folhagens para iluminar um pouco o chão da floresta. Os cascos do cavalo encontravam raízes pelo caminho. Eu me conservava abaixado para evitar os galhos baixos, na passagem. De repente, a trilha começou a subir, suavemente, no começo, depois tornando-se íngreme e sinuosa quando a floresta entrou pelos contrafortes. Aqui e ali, havia curvas bruscas para evitar penhascos que apareciam entre as árvores. Bem lá embaixo, à esquerda, ouvia-se o ruído de um regato na montanha, engrossado, como o rio, pelas chuvas de outono. A não ser pelo som do galope do cavalo, não havia mais nenhum ruído. As árvores estavam imóveis. Nenhuma brisa conseguia penetrar nesta densa escuridão. Nada mais se mexia. Se havia veados, ou lobos, ou raposas por ali, não os vi.

A trilha ficou mais íngreme. O alazão, pisando firme, enfrentava o caminho difícil arfando, e com o passo diminuindo para meio galope. Não faltava muito, agora. Uma abertura nos ramos lá em cima deixava passar a luz das estrelas, e pude ver, à minha frente, que o caminho fazia uma curva que o levava, como um túnel, para dentro da escuridão cada vez maior. Uma coruja piou, à esquerda. Outra respondeu, à direita. Os sons atingiram o meu cérebro como um grito de guerra, quando o alazão dobrou a curva, e eu freei violentamente,

jogando todo o meu peso nas rédeas. Um cavaleiro melhor talvez o tivesse feito parar a tempo. Mas não eu, que deixara para muito tarde.

O animal parou pesadamente, corcoveando, mas vindo como vinha, seus cascos deslizaram na trilha lamacenta e ele foi meio jogado, de lado, na direção da árvore caída bem no meio do caminho. Um pinheiro seco e morto, com os galhos rígidos e pontudos parecendo espigões de uma armadilha de cavalaria. Alta e copada demais para pular-se por cima, mesmo que estivesse bem iluminada pelo luar, e não na curva mais escura do caminho. O lugar fora bem escolhido. De um lado do caminho, uma queda íngreme e rochosa de quarenta pés até o regato; do outro, uma moita de espinhos e azevinhos, compacta demais para um cavaleiro atravessar. Não havia nem lugar para desviar. Se tivéssemos feito a curva a galope, o cavalo teria sido atravessado pelos galhos, e eu jogado de cabeça de encontro aos seus espigões.

Se o inimigo estivesse escondido, esperando que eu galopasse direto ao encontro dos espigões, talvez ainda nos sobrassem uns segundos para escapar da emboscada e fugir para dentro da floresta. Virei o alazão bruscamente, chicoteando-o com as rédeas. Ele deu a volta depressa, empinando, arranhando os flancos na parede de espinhos, e enfiando um galho qualquer bem fundo na minha coxa. De repente, como se fosse esporeado, ele bufou e jogou-se para a frente. O caminho sob os nossos pés abriu-se num cair de ramos. Uma cova preta escancarou-se. O cavalo deu uma guinada, um mergulho, e afinal caiu, agitando os cascos. Eu fui arremessado por cima dele para o espaço existente entre a cova e a árvore caída. Fiquei meio atordoado por um momento, enquanto o cavalo conseguiu safar-se do buraco raso e ficou ali, tremendo, quando dois homens saíram correndo de dentro da floresta, de punhal na mão.

Fui arremessado na sombra mais profunda, e acho que estava tão completamente imóvel que parecia invisível. O barulho do regato abafava quase todos os outros sons, e eles devem ter pensado que eu fora atirado direto na ravina. Um deles correu até a beirada dela, para espiar para baixo, enquanto o outro passou pelo cavalo e veio com cuidado até a beira da cova.

Eles não tinham tido tempo de cavá-la bem funda, só o suficiente para aleijar o cavalo e para derrubar-me. Agora, na escuridão, ela servia de proteção para mim, impedindo que os dois me atacassem ao mesmo tempo. O que estava perto de mim chamou o companheiro, mas o barulho da correnteza abafou as palavras. Ele deu com cuidado

um passo à frente, passando a cova em direção a mim. Percebi o brilho da arma que segurava.

Eu rolei, peguei o seu tornozelo e puxei. Ele berrou, caindo para a frente, um pouco para dentro do buraco, depois conseguiu safar-se, agitando o punhal, e ficando de pé depressa. O outro atirou uma faca, que bateu na árvore atrás de mim e caiu no chão. Uma arma a menos. Agora, porém, sabiam onde eu estava. Afastaram-se para além da cova, um de cada lado da trilha. Nas mãos de um deles eu vi o brilho de uma espada, mas não via bem o outro. O único som era o barulho da água.

Pelo menos, o fato de a trilha ser estreita, embora tivesse auxiliado a emboscada, tinha impedido que trouxessem os seus cavalos. O meu estava completamente manco. Os deles deviam estar amarrados nas árvores ali por perto. Era impossível tentar fugir pelo pinheiro caído atrás de mim; eles me alcançariam em segundos. Tampouco podia passar pela parede de espinho. Só me restava a ravina; se pudesse descer sem ser visto, passar por eles e voltar à floresta, quem sabe chegar até os seus cavalos...

Fui andando com cuidado de lado, na direção da beira da ravina. A minha mão livre ia tateando pelo caminho. Encontrava moitas, arbustos, rebentos enraizados nas rochas. Cascas de árvores, macias, que apertava e testava. Cheguei à beira, andando como caranguejo. Os meus olhos ainda estavam fitos naquele brilho de metal, na espada para além da cova. O homem ainda estava lá. O meu pé tateante desceu um degrau súbito e lamacento, à borda da ravina. Um arbusto espinhoso roçou nele.

E uma mão de homem também. Ele copiara o meu truque. Deslizara em silêncio pela margem, e ficara ali, deitado, à espera. Jogou todo o seu peso no meu pé, e, desequilibrado, eu caí. A sua faca não me pegou por pouco, afundando-se na margem a centímetros do meu rosto, quando passei por ele, em direção ao fundo da ravina.

A sua intenção era jogar-me pelas margens rochosas, para acabar atordado e ferido nas rochas lá do fundo, para onde desceriam para terminar o serviço. Se tivesse se contentado com isto, teria dado certo. Mas a sua arremetida com a faca fê-lo perder o equilíbrio, e, além disso, quando me agarrou, não opus resistência, amoleci o corpo, e pisei com força na mão que me segurava. Algo macio cedeu sob a minha bota; ele gemeu de dor, depois gritou qualquer coisa quando o meu peso forçou-o a largar-me, e, completamente desequilibrado, precipitou-se ravina abaixo junto comigo.

Eu estava caindo mais depressa, e aterrissei primeiro, a meio caminho do fundo, de encontro ao tronco de um pinheiro novo. O meu atacante veio rolando atrás de mim, quebrando moitas e provocando uma chuva de pedras. Ele jogou-se contra mim, e preparei-me para enfrentá-lo. Joguei-me por cima dele, com todo o peso do meu corpo, agarrando os seus braços com os meus e prendendo-o ao chão. Ouvi o seu grito de dor. Uma perna estava dobrada sob o corpo. Ele chutou com a outra, e senti uma espora arranhar a minha perna através do couro macio da bota. Ele lutava furiosamente, torcendo-se e agitando-se como um peixe fora d'água, debaixo de mim. A qualquer momento me deslocaria da posição junto ao pinheiro, e cairíamos juntos pela ravina. Lutei para segurá-lo e para livrar a mão com o punhal.

O outro assassino tinha ouvido a nossa queda. Gritou qualquer coisa lá de cima, e depois veio descendo na nossa direção. Vinha com cuidado, mas depressa. Depressa demais. Mudei de posição em cima do homem, jogando todo o meu peso para manter os seus braços presos. Escutei algo quebrando; parecia um galho seco, mas o sujeito gritou. Consegui tirar a minha mão direita de baixo dele. Minha mão estava tão agarrada ao punhal que o cabo tinha entrado pela carne. Ergui o punhal. Um raio de luar tocou os seus olhos, a centímetros dos meus; eu sentia o cheiro do medo, da dor e do ódio. Ele deu um safanão que quase me desalojou, virando a cabeça de lado para evitar o golpe. Virei o punhal ao contrário e procurei dar um golpe com toda a força, no pescoço, logo atrás da orelha.

O golpe não pegou nele. Alguma coisa... uma pedra, um pedaço de madeira pesada, que caía lá de cima, pegou-me de jeito na ponta do ombro. Meu braço ficou inútil, paralisado. O punhal rolou pela escuridão. O outro assassino vinha descendo os poucos metros

que nos separavam. A sua espada desembainhada raspou na pedra. A lua refletiu-se nela, erguida para o golpe. Procurei safar-me do meu oponente, mas ele se grudava em mim, com unhas e dentes, prendendo-me ali para que a espada pudesse dar cabo de mim.

Deu cabo dele. Seu companheiro pulou, descendo a espada com violência no lugar onde, um segundo antes, estiveram as minhas costas, expostas ao luar. Mas eu já estava meio livre, caindo, com as roupas rasgadas pelo meu oponente, com a mão ensangüentada pela sua mordida. A espada encontrou as costas dele. Entrou fundo. Escutei o metal raspar o osso, depois o seu berro encobriu o ruído, e eu estava livre dele e deslizando na direção do barulho da correnteza.

Uma moita me fez parar, me arranhou, me deixou passar. Um ramo bateu na minha garganta. Um arbusto de espinhos deixou em tiras o que restava da minha roupa. Depois, meu corpo em movimento bateu num pedregulho, parou, e ficou encostado nele, ofegante e atordoado, até ouvir o segundo assassino que se aproximava. Depois, com um leve movimento da terra, a pedra cedeu, e eu caí o que faltava, direto para a laje rochosa por onde deslizava a água gelada, correndo para formar um laguinho profundo.

Se tivesse caído no laguinho, é possível que não me tivesse machucado. Se tivesse batido num dos grandes pedregulhos onde a água se arremetia, é provável que tivesse morrido. Caí no raso, porém, numa extensão de rocha achatada por cima da qual a água deslizava, com um palmo de profundidade, antes de seguir para lançar-se num dos laguinhos da floresta. Caí de lado, sem fôlego e meio atordoado. A água gelada entrou pela minha boca, meu nariz, meus olhos, fazendo pesar as minhas roupas, arrastando com ela os meus membros feridos. Eu também ia deslizando por sobre a rocha limosa. Minhas mãos procuraram um apoio, não acharam, escorregaram, minhas unhas eram garras curvas que raspavam...

O segundo assassino caiu ao meu lado, sacudindo a rocha com a violência do seu salto, escorregou, firmou-se de novo na água corrente, e ergueu alto a espada, pela segunda vez. O luar refletiu-se nela. Havia estrelas por trás dela. Uma espada nítida numa noite estrelada. Larguei a rocha e o regato virou-me de frente para a espada. A água me cegava. O barulho da cascata sacudia os meus ossos. Houve um clarão como uma estrela cadente, e a espada desceu.

Era como um sonho que se repetia. Já uma vez eu me sentara perto de uma fogueira na floresta, com os homens das colinas, pequenos e morenos, formando um meio círculo à minha frente, seus olhos brilhando à luz do fogo como os olhos das criaturas da floresta.

Mas eles é que tinham acendido esta fogueira. Na sua frente as minhas roupas secavam, desprendendo vapor. Quanto a mim, estava enrolado em suas capas; peles de carneiro, com o cheiro dos primeiros donos, mas secas e quentes. Minhas feridas doíam, aqui e ali eu sentia onde um golpe tinha acertado o alvo. Não tinha ossos quebrados, contudo.

Não ficara inconsciente por muito tempo. Para lá do círculo formado pela luz da fogueira, estavam os dois homens mortos, e, perto deles, um pau de ponta fina e uma maça pesada, sujos de sangue. Um dos homens ainda estava limpando o seu facão no chão.

Mab trouxe uma tigela de vinho quente para mim, com algo sobrepujando o gosto das uvas. Bebi, espirrei, e procurei erguer-me.

— Encontraram os cavalos deles? Fez que sim com a cabeça.

— Logo ali. O seu está manco.

— Eu sei. Cuide dele para mim, sim? Quando chegar ao santuário, mandarei o criado para cá. Ele levará o cavalo manco para casa. Traga-me um dos outros, agora, e dê-me as minhas roupas.

— Ainda estão molhadas. Não faz nem dez minutos que o retiramos da água.

— Não faz mal, — retruquei — preciso ir. Mab, lá em cima, na trilha, há uma árvore caída com um buraco ao lado. Quer pedir ao seu povo para desimpedir o caminho até amanhã de manhã?

— Já estão lá. Escute.

Escutei, acima do barulho da água e do crepitar do fogo. Machado e picareta em ação, lá em cima na floresta. Os olhos de Mab encontraram os meus.

— Quer dizer que o novo Rei vai passar por aqui?

— Talvez. — Sorri. — Quando soube?

— Um dos nossos veio da cidade para nos contar. — Sorriu com os dentes quebrados. — Não passou pelos portões que o senhor trancou.. . Mas já sabíamos antes. O senhor não viu a estrela cadente? Cruzou os céus de ponta a ponta, cristada como um dragão, e deixando um rastro de fumaça. Portanto, sabíamos que o senhor viria. Mas estávamos em Gramarye quando ela passou, e quase chegamos tarde demais. Desculpe.

— Você chegou a tempo — repliquei. — Devo-lhe a minha vida. Não me esquecerei.

— Eu também lhe devia — disse ele. — Por que veio sozinho? Não sabia que havia perigo?

— Eu previa a morte, e não queria ter mais mortes nas mãos. A dor é outra coisa, e logo passa. — Pus-me de pé, com dificuldade. — Se vou voltar a me mexer de novo, Mab, preciso começar agora. Minhas roupas?

As roupas ainda estavam molhadas, cheias de lama e rasgões. Porém, a não ser pelas peles de carneiro, nada mais havia; o povo da colina é um povo pequeno, e a sua roupa nunca me serviria. Enfiei-me no que ainda sobrava das minhas roupas palacianas, e peguei a rédea de um cavalo castanho das mãos de um dos homens. A ferida da minha coxa estava sangrando de novo, e parecia ter estilhaços dentro

dela. Pedi que pusessem uma pele de carneiro sobre a sela, e montei com cuidado.

— Quer que o acompanhem? — perguntaram. Balancei a cabeça.

— Não. Fiquem para desimpedir a estrada. Pela manhã, se quiserem, venham ao santuário. Lá haverá lugar para todos vocês.

* * *

A clareira enlaurada no centro da floresta parecia uma pintura, e irreal como um sonho. O luar cobria o teto da capela, e prateava os picos dos pinheiros circundantes. Pela porta aparecia um oblongo dourado, feito pela luz das nove candeias que brilhavam ao redor do altar.

Dei a volta devagar, a porta dos fundos abriu-se, e o criado espiou para fora, temeroso. Estava tudo bem, disse; ninguém estivera ali. Mas arregalou os olhos quando viu o estado em que me encontrava, e ficou muito feliz quando lhe entreguei as rédeas e disse que me deixasse. Entrei na capela, agradecido, para cuidar dos meus ferimentos e trocar de roupa.

O silêncio voltou devagar. Um vento suave foi levando embora o resto do barulho dos cascos que se afastavam; ele entrou na capela, diminuindo as chamas das candeias e fazendo subir nuvens finas de fumaça, que tinham cheiro de resina queimada. Lá fora, na clareira, a lua e as estrelas derramavam a sua luz preciosa. O deus estava aqui. Ajoelhei-me ante o altar, esvaziando-me de pensamento

e vontade, até sentir toda a força da vontade de Deus percorrer-me, levando-me com ela.

A noite estava calma e prateada, à espera das tochas e dos clarins.

11

Finalmente, eles chegaram. Luzes e clamor e o pisar dos cavalos vieram vindo pela floresta, cada vez mais perto, até que a clareira ficou cheia de tochas flamejantes e vozes excitadas. Escutei tudo, por entre o sono desperto da visão, longínquo, ecoante, remoto, como sinos tocando no fundo do mar.

Os chefes tinham-se aproximado. Estavam parados à porta. As Vozes se calaram, os pés se mexiam inquietos. Eles apenas viam uma capela nua e vazia, com um só homem a fitá-los ao lado de um altar de pedra. Em volta do altar as nove candeias ainda emitiam a sua luz constante, deixando ver a espada entalhada na pedra e a legenda MITHRAE INVICTO, e, em cima do altar, a verdadeira espada, desembainhada, nua sobre a pedra nua.

— Apaguem as tochas — falei. — Elas não serão necessárias.

Obedeceram, e, a um sinal meu, entraram na capela.

O lugar era pequeno, o número de homens grande. Mas o respeito pela ocasião prevaleceu; ordens foram dadas, mas em voz baixa; instruções calmas, parecendo dadas mais por padres que por guerreiros. Não havia ritos a seguir, mas os homens conservaram os seus lugares; Reis e nobres, e guardas dos Reis dentro da capela, os homens menos importantes na clareira silenciosa, espalhando-se até a escuridão da floresta. Perto dela ainda conservavam as luzes; a clareira estava cercada de luzes e de sons, com os cavalos esperando e os homens com as tochas a postos; mas, sob o céu aberto, os homens vinham sem luzes e sem armas como convinha que viessem à presença de Deus e do seu Rei. Contudo, nesta noite das noites, não havia nenhum sacerdote presente; eu era o único intermediário, eu que o deus usara durante trinta anos, até trazer-me para este lugar.

Afinal, arrumaram-se todos, de acordo com a ordem e a precedência. Foi como se tivessem se dividido por combinação, ou, mais provavelmente, por instinto. Lá fora, perto dos degraus, estavam os homenzinhos das colinas; eles não permanecem debaixo de um teto de boa vontade. Dentro da capela, à minha direita, estavam Lot, Rei de Lothian, e seus amigos e seguidores; à esquerda, Cador e os que o acompanhavam. Havia uma centena de outras pessoas, talvez mais, espremidas naquele espaço exíguo, mas aqueles dois, o Javali Branco de Cornwall e o Leopardo Vermelho de Lothian, pareciam encarar-se malignamente de cada lado do altar, com Ector vigilante à porta que os separava. Então, Ector, com Cei às suas costas, fez entrar Artur, e não vi mais ninguém, só ele.

A capela resplandecia com cores e o brilho de jóias e de ouro. O ar tinha um cheiro bom de pinho, e água e fumaça perfumada. O rumor e o murmúrio da multidão enchiam o ar, parecendo o crepitar das chamas lambendo a lenha, tomando conta dela...

Chamas das nove candeias, aumentando e depois morrendo; chamas lambendo a pedra do altar; chamas percorrendo a lâmina da

espada, até que ela ficasse incandescente. Estendi as minhas mãos sobre ela, palmas para baixo. O fogo lambeu a minha túnica, escapando da manga e dos dedos, mas, onde tocava, nem sequer chamuscava. Era o fogo gelado, conjurado da escuridão, com o calor cauterizante bem no centro, onde estava a espada. A espada aparecia entre as chamas como uma jóia enfiada em algodão. "Aquele que tirar esta espada..." As runas dançavam no metal; as esmeraldas queimavam. A capela era um globo escuro com um centro de fogo. As chamas do altar lançavam a minha sombra para o alto, gigantesca no teto abobadado. Ouvi a minha própria voz, ressoando ocamente na abóbada como uma voz no sonho.

— Pegue na espada, aquele que ousar.

Homens mexendo-se e falando, com a voz cheia de pavor. E Cador:

— Aquela é a espada. Eu a reconheceria em qualquer lugar. Eu a vi na sua mão, cheia de luz. Ela é dele, Deus é testemunha. Eu não tocaria nela nem que Merlin ordenasse.

Vários gritos de "Nem eu! Nem eu!", e depois "Deixe que o Rei pegue nela, deixe que o Grande Rei nos mostre a espada de Macsen!"

Depois, finalmente, só a voz de Lot, dizendo com aspereza:

— É. Deixe que ele pegue nela. Estou vendo, Santo Deus, estou vendo. Se for realmente dele, então Deus está com ele, e nada posso fazer.

Artur aproximou-se vagarosamente. Por trás dele, o local estava sombrio, a multidão tinha-se encolhido na escuridão, os sons da sua presença equivalendo a uma brisa entre as árvores da floresta lá fora. Aqui, entre nós, a luz branca resplandecia e a lâmina tremia. A escuridão refulgia e brilhava, uma gruta de cristal de visão, onde as imagens vividas apareciam, amontoadas num turbilhão: um veado branco, de coleira de puro. Uma estrela cadente, em forma de dragão, com um rastro de fogo. Um rei, inquieto e cheio de desejo, com um dragão de ouro avermelhado tremulando na parede às suas costas. Uma mulher vestida de branco, de porte real, e, atrás dela, nas sombras, uma espada num altar, como uma cruz. Um círculo de grandes pedras interligadas, numa planície ventosa, com a sepultura de um rei no meio. Uma criança, entregue nos meus braços numa noite de inverno. Um gral, enrolado em panos podres, escondido numa catacumba escura. Um jovem rei, coroadado.

Olhava para mim por entre o pulsar e o clarão da visão. Para ele, eram só chamas, chamas que podiam queimar, ou não; isto era

comigo. Esperava, nem duvidando, nem confiando cegamente; esperando, apenas.

— Venha — falei suavemente. — É sua.

Enfiou a mão nas chamas e o cabo frio acomodou-se à sua mão, para a qual tinha sido feito mais de cem anos antes.

Lot foi o primeiro a ajoelhar-se. Acho que era o que tinha mais necessidade. Artur ergueu-o, falando sem rancor nem cordialidade; as palavras de um senhor soberano que consegue esquecer os erros passados visando um bem futuro.

— Não consigo brigar com nenhum homem hoje, Lot de Lothian, muito menos com o noivo da minha irmã. Verá que as dúvidas que tinha a meu respeito são infundadas, e que o senhor, e seus filhos, vão ajudar-me a proteger e conservar a Inglaterra como deve ser conservada.

Para Cador, disse simplesmente:

— Até que eu arranje outro, Cador de Cornwall, o senhor fica sendo meu herdeiro.

Conversou com Ector longo tempo, em voz baixa, para que ninguém mais escutasse, e, quando o ergueu, beijou-o.

Depois, ficou ao lado do altar por longo tempo, enquanto os homens se ajoelhavam ante ele e juravam lealdade sobre o cabo da espada. Falou a cada um, francamente como um garoto, e grandiosamente como um rei. Entre as suas mãos, segura como uma cruz, Caliburn brilhava com a sua própria luz, mas o altar com as nove candeias apagadas estava escuro.

Depois de cada homem ter feito o seu juramento e se comprometido com ele, afastou-se e a capela foi-se esvaziando aos poucos.

Ela foi ficando sossegada, e a floresta circundante foi-se enchendo de vida, expectativa e barulho, com a multidão excitada e clamorosa esperando pelo seu Rei de direito. Estavam trazendo os cavalos, e a clareira enchia-se da luz dos archotes, de pisadas e do tinir dos equipamentos.

Finalmente, Mab e o povo das colinas retiraram-se, e, excluindo a guarda de encontro à parede, o Rei e eu ficamos sozinhos.

Andando com dificuldade, pois meus ossos anda doíam, dei a volta no altar até ficar na sua frente. Ele era quase tão alto quanto eu. Os olhos que me fitavam eram iguais aos meus.

Ajoelhei-me ante ele e estendi a mão para beijar a sua. Ele teve uma exclamação, ergueu-me e beijou-me.

— O senhor não se ajoelha ante mim.

— O senhor é, o Grande Rei, e eu sou seu servo.

— E daí? A espada era sua, e nós dois sabemos disso. Não importa que nome se dê, meu servo, primo, pai. . . o que quiser. O senhor é Merlin, e eu nada sou sem o senhor. — Ele riu, então, com naturalidade, a grandiosidade da ocasião acomodando-se a ele tão facilmente quanto o cabo se acomodara à sua mão. — Que fim levou a túnica palaciana? Só mesmo o senhor para usar esta velharia numa ocasião como esta. Eu lhe darei uma túnica de ouro, bordada de estrelas, para condizer com a sua posição. O senhor a usará, por mim?

— Nem mesmo pelo senhor. Ele sorriu.

— Então, venha como está. Vai acompanhar-me agora, não vai?

— Mais tarde. Quando tiver tempo de procurar por mim, estarei ao seu lado, verá. Escute, estão todos prontos para conduzi-lo ao seu lugar. Está na hora de ir.

Acompanhei-o até a porta. As tochas ainda fulguravam, embora há muito tempo já não houvesse mais lua nem estrelas. Dourada e tranqüila, a luz da manhã aumentava.

Tinham trazido o garanhão branco até a escada. Quando Artur fez menção de montar, não o permitiram. Cador, Lot e meia dúzia de reis pequenos o colocaram na sela, e afinal as esperanças e a alegria dos homens alçou-se até os pinheiros num grande grito. Assim foi feito Rei Artur, o jovem.

Tirei as nove candeias da capela. Quando fosse dia, eu as levaria para o seu verdadeiro lugar, para as grutas das colinas vazias, para onde tinham ido os seus deuses. Todas as nove tinham sido viradas, e o óleo escorrera pelo chão. Com elas estava a tigela de pedra, despedaçada, e um monte de pó e de fragmentos desmoronados onde o fogo frio tinha alcançado. Quando acabei de limpar tudo isso, juntamente com o óleo que os ensopara, percebi que já não havia entalhe na frente do altar. Era isso o que eu estava segurando, os fragmentos cobertos de óleo. Somente restara no altar o cabo da espada entalhada, e uma palavra.

Varri e limpei o local, deixando tudo direito de novo. Andava devagar, como um velho. Lembro-me que meu corpo doía, e que, depois, quando me ajoelhei de novo, a minha vista ficou turva e escura, como se cegada por uma visão, ou por lágrimas.

As lágrimas mostraram-me o altar, agora sem as candeias de nove luzes que tinham agradado aos deuses antigos e pequenos; sem a espada do soldado e sem o nome do deus do soldado. Nele só havia

agora o cabo da espada entalhada, parecendo uma cruz na pedra, e as letras bem nítidas acima dela: AO INCONQUISTADO.

A LENDA

Quando Aurélio Ambrósio era Grande Rei da Inglaterra, Merlin, também chamado Ambrósio, trouxe da Irlanda a Dança dos Gigantes, e colocou-a perto de Amesbury, em Stonehenge. Pouco depois, uma estrela parecida com um dragão apareceu, e Merlin, sabendo que ela predizia a morte de Ambrósio, chorou amargamente e profetizou que Uther seria Rei sob o signo do dragão, e que ele teria um filho "de domínio extenso e poderoso, cujo poder se estenderia a todos os reinos que o raio (da estrela) alcançasse".

Na Páscoa seguinte, na festa da coroação, o Rei Uther apaixonou-se por Ygraine, esposa de Gorlois, Duque de Cornwall. Ele acumulou de atenções, para escândalo da corte; ela não retribuiu, mas seu marido, furioso, retirou-se da corte sem permissão, levando sua mulher e seus soldados para Cornwall. Uther, zangado, ordenou-lhe que voltasse, mas Gorlois recusou-se a obedecer. O Rei, coberto de fúria, reuniu um exército e invadiu Cornwall, queimando cidades e castelos. Gorlois não tinha tropas suficientes para enfrentá-lo, então colocou a esposa no castelo de Tintagel, que era o refúgio mais seguro, e preparou-se para defender o castelo de Dimilioc. Uther imediatamente sitiou Dimilioc, prendendo ali Gorlois e suas tropas, enquanto procurava um meio de penetrar no castelo de Tintagel para possuir Ygraine. Depois de alguns dias, pediu auxílio a um dos seus domésticos, chamado Ulfin, que sugeriu que ele mandasse buscar Merlin. Merlin, emocionado pelo sofrimento tão aparente de Uther, prometeu ajudar. Por meio de artes mágicas, transformou Uther num sócio de Gorlois, Ulfin no de Jordan, amigo de Gorlois, e a si mesmo no de Brithael, um dos capitães de Gorlois. Os três foram para

Tintagel, e o porteiro lhes permitiu a entrada. Ygraine, tomando Uther pelo Duque seu marido, recebeu-o bem e foi com ele para a cama. Assim, Uther deitou-se com Ygraine naquela noite "e ela não ousou negar-lhe nada que ele desejasse".

Mas, enquanto isso, tinha havido luta em Dimilioc, e o Duque, marido de Ygraine, foi morto. Os mensageiros vieram avisar Ygraine da morte do marido. Quando encontraram "Gorlois", aparentemente vivo, e em companhia de Ygraine, ficaram estupefatos, mas o Rei confessou o embuste e, dias mais tarde, casou-se com Ygraine. Alguns dizem que a irmã de Ygraine, Morgause, casou-se no mesmo dia com Lot de Lothian, e que a outra irmã, Morgan le Fay, foi posta num convento, onde aprendeu necromancia, e, mais tarde, casou-se com o Rei Urien de Gore. Mas outros afirmam que Morgan era irmã de Artur, nascida, depois dele, do casamento de Uther com a Rainha Ygraine, e que Morgause também era sua irmã, porém não da mesma mãe.

Uther Pendragon reinaria por mais quinze anos, e durante todo este tempo não viu o seu filho Artur. Antes do nascimento da criança, Merlin procurou o Rei e falou com ele.

— Senhor, é preciso prover para a criação de vosso filho.

— Como quiseres, — respondeu o Rei — assim o será. Então, na noite do seu nascimento, o menino Artur foi levado

pela porta traseira de Tintagel e entregue a Merlin que o levou para o castelo de Sir Ector, um cavaleiro fiel. Ali, Merlin fez com que batizassem a criança, dando-lhe o nome de Artur, e a esposa de Sir Ector aceitou o menino como filho de criação.

Durante todo o reinado de Uther, o país teve sérios problemas com os saxões e com os escoceses da Irlanda. Os dois chefes saxões que o Rei aprisionara conseguiram escapar de Londres e fugir para a Alemanha, onde reuniram um grande exército que espalhou o terror pelo reino. Uther também ficou sofrendo de uma doença grave, e indicou Lot de Lothian, que era noivo de sua filha Morgause, como seu capitão-chefe. Mas quantas vezes Lot punha o inimigo em fuga, tantas vezes ele voltava com maior força, e o país ficou destruído. Finalmente, embora gravemente enfermo, Uther reuniu os seus barões e disse-lhes que ele próprio iria liderar os exércitos, então armaram uma liteira para ele, e nela carregaram-no à frente do seu exército, contra o inimigo. Quando os chefes saxões souberam que o Rei inglês viera ao campo de batalha numa liteira, zombaram dele, dizendo que

já estava semimorto, e que não ficava bem lutarem contra ele. Uther, com um lampejo do antigo vigor, riu e retrucou:

— Chamam-me de Rei semimorto, e eu o era, na verdade. Mas prefiro conquistá-los desta forma que ser conquistado e viver com vergonha.

E, assim, o exército de britânicos derrotou os saxões. Mas a enfermidade do Rei aumentou, e com ela os pesares do reino. Finalmente, quando o Rei estava à morte, Merlin apareceu e acercou-se dele à vista de todos os senhores e ordenou-lhe que reconhecesse seu filho Artur como novo Rei. Assim fez, e depois morreu, sendo enterrado ao lado de seu irmão Aurélio Ambrósio dentro da Dança dos Gigantes.

Após a sua morte, os senhores da Inglaterra reuniram-se para encontrar seu novo Rei. Ninguém sabia onde Artur estava escondido, nem onde Merlin se encontrava, mas achavam que o Rei seria reconhecido por um sinal. Então, Merlin mandou que uma grande espada fosse feita, e prendeu-a por meio das suas artes mágicas numa grande pedra em forma de altar, com uma bigorna de aço dentro, e fez a pedra flutuar sobre a água até uma grande igreja em Londres, colocando-a do lado de fora da igreja. Na espada achava-se escrito em letras douradas: "Aquele que conseguir arrancar esta espada desta pedra e desta bigorna é por direito o rei legítimo de toda a Inglaterra." Então, organizou-se uma grande festa, a que todos os nobres compareceram para tentar tirar a espada de dentro da pedra. Entre eles, encontrava-se Sir Ector, com seu filho Kay e Artur, que não tinha espada nem brasão, acompanhando-os como escudeiro. Quando chegaram ao local do torneio, Sir Kay, que tinha esquecido a espada, mandou que Artur voltasse para pegá-la. Mas quando ele retornou à casa onde estavam hospedados, todos tinham saído e as portas estavam trancadas; impaciente, ele foi até a igreja, tirou a espada da pedra, e levou-a para Sir Kay. Então, é claro, a espada foi reconhecida, mas, mesmo quando Artur mostrou que ele era o único que podia retirá-la da pedra, houve os que se negaram a aceitá-lo, dizendo que era uma grande vergonha para eles e para o reino ter como rei um menino sem sangue real, e que nova escolha devia ser feita na Candelária. Assim, na Candelária, os maiores do país reuniram-se, e novamente em Pentecostes, mas nenhum conseguiu tirar a espada da pedra, a não ser Artur. Assim mesmo, alguns nobres ainda estavam zangados e recusavam-se a aceitá-lo, até que a gente do povo manifestou-se:

— *Vamos fazer de Artur nosso rei, não vamos demorar mais, pois estamos vendo que é a vontade de Deus que ele seja nosso rei, e mataremos os que se opuserem.*

Assim, Artur foi aceito por todas as classes, e todos os homens ricos e pobres ajoelharam-se e pediram o seu perdão pela demora em aceitá-lo, e ele os perdoou. Então, Merlin contou-lhes quem Artur era na verdade, que ele não era bastardo, mas filho legítimo do Rei Uther com Ygraine, concebido três horas depois da morte do Duque seu marido. Assim eles fizeram rei a Artur, o jovem.

COMENTÁRIO DA AUTORA

Como o seu predecessor, *A Gruta de Cristal*, este romance é produto da imaginação, mas firmemente baseado tanto na História quanto na lenda. Talvez não igualmente: tão pouco se sabe sobre a Inglaterra no quinto século (o início da Idade Média) que se depende quase tanto da tradição e da conjectura quanto dos fatos. Gosto de acreditar que se a tradição é tão persistente — e imortal, e autoperpetuante como as histórias das Lendas Arturinas — é porque há algum grão de verdade por trás até das histórias mais estranhas que se acumularam ao redor dos poucos fatos centrais da existência de Artur. É excitante transformar estas lendas, às vezes sobrenaturais e incoerentes, numa história apresentando alguma coerência como experiência humana e verdade imaginativa.

Tentei escrever com *As Colinas Vazias* um romance independente, sem referência alguma ao seu antecessor, *A Gruta de Cristal*, ou mesmo às notas explanatórias aqui apresentadas. Na realidade, só acrescento estas notas para aqueles leitores cujo interesse ultrapassa a novela em si, mas que não são suficientemente familiarizados com as Lendas Arturinas para perceber o que está subentendido em algumas

partes da minha história. Talvez lhes dê prazer descobrir por si mesmos as sementes de certas idéias e as origens de certas referências.

Em *A Gruta de Cristal*, baseei a minha história principalmente na "história" narrada por Geoffrey de Monmouth,* que é a base dos contos posteriores, e mais medievais, de *Artur e Sua Corte*, mas restringi a ação ao ambiente romano-britânico do quinto século, que é o cenário real onde se passa tudo o que conhecemos dos Fatos Arturinos.** Não temos datas precisas, mas endossei certas autoridades que datam o nascimento de Artur em 470 A.D., aproximadamente. A narrativa de *As Colinas Vazias* trata dos anos obscuros entre esta data e a aclamação do jovem Artur como chefe-de-guerra (*dux bellorum*) ou, como reza a lenda há mais de mil anos, Rei da Inglaterra. O que quero aqui mostrar são os fios que usei para tecer este período da vida de Artur do qual a tradição mal fala, e do qual a História nada diz.

(*) *História dos Reis da Inglaterra* — Traduzido por Sebastian Evans e revisto por Charles W. Dunn (Everyman's Library, 1912).

(**) Ver *A Inglaterra Romana e as Colônias Inglesas* — R. G. Collingwood e J. N. L. Myres (Oxford, 1937).

Inglaterra Celta — Nora K. Chadwick, Vol. 34 da série *Povos e Lugares Antigos*, ed. Glyn Daniel (Thames e Hudson, 1963).

Parece certa a existência de Artur. Quanto a Merlin, não temos tanta certeza. "O Mago Merlin", como ficou conhecido, é uma figura feita quase que só de canções e de lenda; mas acreditamos que, para uma lenda atravessar séculos, é preciso que tenha existido um homem poderoso, cujos dons parecessem milagrosos na sua época. Ele aparece primeiro, nas lendas, como um jovem imbuído de estranhos poderes. Do relato feito por Geoffrey de Monmouth, criei uma figura imaginária, que me parece saída da Idade Média, simbolizando aquela época de confusão e procura. Geoffrey Ashe, no seu excelente livro *De César a Artur*,* ** descreve esta "multiplicidade de visão":

"Quando o cristianismo prevaleceu e o paganismo celta desmoronou-se na Mitologia, muitas dessas coisas foram incorporadas. A água e as ilhas conservaram a sua mágica. Os espíritos dos lagos iam e vinham, os heróis viajavam em estranhas embarcações. As colinas mal-assombradas transformaram-se em colinas de fadas, habitadas por povos fantásticos, sem paralelo entre as demais nações. Onde havia colinas, elas se ajustavam a esse papel. Reinos invisíveis cruzavam os visíveis, e havia meios secretos de comunicação e de acesso. As fadas

e os heróis, os ex-deuses e os semideuses acotovelavam-se com os espíritos dos mortos nessa confusão caleidoscópica... Tudo ficou ambíguo. Assim, muito depois do triunfo do cristianismo, continuaram a existir as colinas de fadas; mas até as que não eram colinas podiam ser consideradas abrigos para as almas desencarnadas... Relatavam-se milagres dos santos; mas, não há muito tempo, milagres semelhantes eram considerados obras de deuses perfeitamente identificáveis. Havia castelos de vidro onde o herói poderia estar sob encantamento; havia países de fadas maravilhosas, onde se chegava por água, ou por passagens subterrâneas. . . Viagens e encantamento, combates e aprisionamentos. . . tema por tema, a imaginação celta se revelava nas histórias. Contudo, qualquer episódio poderia ser considerado como fato, imaginação ou alegoria religiosa, ou como os três ao mesmo tempo.

(***) Publicado por Collins, 1960. "Ver também *A Procura da Inglaterra de Artur*, ed. Geoffrey Ashe (Pall Mall, 1968).

Merlin, o narrador de *As Colinas Vazias*, o feiticeiro e o curandeiro dotado da Visão, vai e vem nos mundos diferentes, segundo a sua vontade. E, como a lenda de Merlin está ligada às grutas de vidro, às torres invisíveis, às colinas vazias onde ele dorme pela eternidade, eu o vejo como a ligação entre os mundos; o instrumento pelo qual, como ele diz, "todos os reis transformam-se num Rei, e todos os deuses num Deus". Para isso, abdica da sua vontade própria e do seu desejo de uma masculinidade normal. As "colinas vazias" são o ponto de entrada física para o outro mundo, e Merlin é o seu correspondente humano, o ponto de encontro entre os mundos dos deuses, homens, animais e espíritos das sombras.

Pode-se ver o encontro dos mundos real e da fantasia na figura de Máximo. Magno Máximo, o soldado que sonhava com um império, foi real; ele comandou em Segontium até partir para a Gália na sua tentativa vã de poder. "Macsen Wledig" é lenda, uma das histórias celtas que depois floresceram na Procura do Santo Graal. Neste romance, liguei os fatos do grande precursor de Artur e do seu sonho imperial aos episódios de espada das Lendas Arturinas, tudo em forma de uma história de Procura.

A narrativa da "Espada de Máximo" é invenção minha. Segue o mesmo padrão de "procurar e achar" da qual a Procura do Santo Graal, mais tarde incorporada às Lendas Arturinas, é um exemplo. As histórias do Santo Graal, identificando-o como a Taça da Última Ceia,

são produtos do décimo segundo século, tendo como modelo os elementos principais das primitivas histórias celtas de "procura"; possuem até elementos mais antigos. As histórias do Graal têm certos pontos em comum, variam nos detalhes, mas permanecem constantes na forma e na idéia. Há sempre um jovem desconhecido, o *bel inconnu*, que cresce nas florestas, ignorando seu nome de origem. Sai de casa em busca de sua identidade. Chega a um País Destruido, governado por um rei aleijado (impotente); há sempre um castelo, geralmente numa ilha, que o jovem encontra por acaso. Ele o alcança num barco que pertence a um pescador real, o Rei Pescador das lendas do Graal. O Rei Pescador é, às vezes, identificado com o rei impotente do País Destruido. O dono do castelo da ilha é um rei de outro mundo, e lá o jovem acha o objeto que procurava, às vezes

uma taça ou uma lança, às vezes uma espada, quebrada ou inteira. No final da procura, ele acorda ao lado da água, com o seu cavalo amarrado nas proximidades, e a ilha volta a ser invisível. Quando retorna, a paz e a fertilidade são devolvidas ao País Destruido. Alguns contos incluem um veado de coleira de ouro, que conduz o moço ao seu destino.

Para maiores referências, ver *Literatura Arturina na Idade Média*, uma História Colaborativa editada por R. S. Loomis (Oxford University Press, 1959); e *A Evolução da Lenda do Graal*, de D. D. R. Owen (University of St. Andrews Publications, 1968).

OUTROS COMENTÁRIOS CURTOS

SEGONTIUM — Geoffrey de Monmouth em *Vita Merlini* conta-nos das taças feitas pelo Ferreiro Weland em Caer Seint (Segontium), que foram dadas a Merlin. Segundo outra narrativa de espada, feita por Weland, ela foi dada a Merlin por um rei galês. Há uma breve referência à *Crônica Anglo-Saxã* do ano 418 A.D. "Neste ano, os romanos reuniram todos os tesouros da Inglaterra, e esconderam alguns no chão, para que ninguém os pudesse achar, e levaram alguns para a Gália."

GALAVA — A parte principal da lenda coloca o Rei Artur nos países celtas do oeste, Cornuália (Cornwall), Gales, Bretanha. Nisto, acompanhei as lendas. Há, porém, evidências que apóiam outra forte tradição que coloca Artur ao norte da Inglaterra e na Escócia. Assim, esta história segue para o norte. Situei o tradicional "Sir Ector da Forest Sauvage" (que criou o jovem Artur) em Galava, a moderna

Ambleside no Distrito do Lago. Sempre quis saber se "a fonte de Galabes que ele (Merlin) costumava assombrar" poderia ser a Galava ou Galaba Romana. (Em *A Gruta de Cristal*, dei uma interpretação diferente. Os romancistas medievais diziam que Galapas era um gigante, uma versão do velho guardião da fonte ou de qualquer curso d'água.) Artur sendo adotado por Ector e Bedwyr hospedando-se em Galava são fatos plausíveis; Procopius conta que então, como mais tarde, os meninos de boa família saíam de casa para serem educados. Quanto à "capela da mata", quando inventei um santuário na Floresta Agreste, não resisti à tentação de chamá-lo de Capela Verde, em homenagem ao poema medieval *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*, que se passa em algum lugar do Distrito do Lago.

MURALHA DE AMBRÓSIO — É a Wansdyke, ou Dique de Woden, como chamavam os saxões, que o consideravam obra dos deuses. Estendia-se de Newbury até o Severa, e ainda se consegue localizar algumas partes dela. Foi construída provavelmente entre 450 e 475 A.D., daí tê-la atribuído a Ambrósio.

CAER BANNOG — O nome, celta antigo significando "castelo dos picos", é a minha própria interpretação dos diversos nomes (Carbonek, Corbenic, Caer Benoic, etc...) dados ao castelo onde o jovem encontra o Graal.

Há uma lenda celta na qual Artur rouba um caldeirão (um recipiente mágico ou graal) e uma espada maravilhosa de Nuadda, ou Llyd, Rei do "outro mundo".

CEI E BEDWYR — Companheiros de Artur na lenda, Cei era filho de Ector e tornou-se senescal de Artur. O nome de Bedwyr foi, mais tarde, medievalizado para Bedivere, mas, no seu relacionamento com Artur, parece ser a origem de Sir Lancelote. Daí a referência à *guenhwyvar* (sombra branca: Guinevere).

CADOR DE CORNWALL — Quando Artur morreu sem filhos, dizem que deixou seu reino para o filho de Cador.

MORGAUSE — A respeito do incesto involuntário de Artur com a irmã há uma enorme confusão de lendas. A história mais comum é que ele teve relações com sua meia-irmã Morgause, esposa (ou amante) de Lot, e concebeu Mordred, que seria a causa da sua queda, eventualmente. A sua irmã Morgan, ou Morgiana, virou "Mor-

gan le Fay", a feiticeira. Dizem que Morgause teve quatro filhos com Lot, e que eles tornaram-se seguidores fiéis de Artur. Isto parece ser improvável, se Artur dormiu com ela quando era mulher de Lot, portanto criei a minha própria história da confusão reinante, sugerindo que, após deixar a corte, Morgause não perderá tempo em substituir a irmã como rainha de Lot. Parece que havia um convento perto de Caer Eiddyn (Edinburgh), em Lothian, ao qual Morgiana pode ter-se recolhido. Esta poderia ser a "casa das bruxas" ou "feiticeiras" da lenda, e é tentador supor-se que daí vieram Morgiana e as suas freiras para levar Artur e cuidar dele após a sua última batalha contra Mordred em Camlann.

Coei, Rei de Rheged, é o original do Velho Rei Cole das canções de ninar. Dizem que Hueil, um dos dezenove filhos de Caw de Strathclyde, era detestado por Artur. Outro dos filhos, Gildas, o monge, retribuía o sentimento. Foi ele que, em 540 A.D., escreveu *A Perda e a Conquista da Inglaterra*, sem referir-se nem uma só vez ao nome de Artur, embora mencionasse a Batalha de Badon Hill, a última das doze grandes batalhas de Artur, nas quais destruiu o poder saxão. Deduz-se do livro de Gildas que, se Artur era cristão, o seu cristianismo era só da boca para fora. De qualquer modo, não era amigo dos monges.

Caliburn é o nome mais pronunciável para a espada de Artur, mais tarde romanceada como Excalibur. A cor de Artur era o branco; seu cão branco, Cabal, tem o seu lugar nas lendas. Canrith quer dizer "fantasma branco".

Dessas breves notas pode-se deduzir que qualquer dos episódios da minha história pode ser (citando Geoffrey Ashe de novo) "considerado como fato, imaginação ou alegoria religiosa, ou como os três ao mesmo tempo". Pelo menos nisso, se em nada mais, está rigorosamente de acordo com a época.

M.S.

Novembro, 1970 — Novembro, 1972.